



Yulia Myroniuk/Shutterstock.com

Várias definições poderiam ser dadas para a Filosofia. Uma delas, entende a Filosofia como uma procura para compreender os problemas fundamentais da vida humana. Na foto, a escultura de bronze *O pensador*, de Auguste Rodin. Paris, França.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

1

## Introdução à Filosofia

Os primeiros passos nunca são fáceis, mas isso não quer dizer que não sejam interessantes. Deixe seus preconceitos de lado e inicie, agora, a sua jornada filosófica. Esperamos que você a conclua diferentemente de como a começou.

- O que é a filosofia?
- Áreas da reflexão filosófica.
- A filosofia ao longo da História.

## O que é a Filosofia?

É comum iniciar a explicação sobre o que é a filosofia a partir do próprio nome da disciplina. Filosofia vem do grego *philosophia*, a união de *philia*, que significa amor ou amizade, e *sophia*, que significa sabedoria. Filosofia é, portanto, amor à sabedoria, e o filósofo é aquele que ama o saber.

No diálogo de nome *Banquete*, Platão apresenta uma interpretação interessante sobre a filosofia, com vários discursos a respeito do amor nas vozes de diversos personagens, entre eles Sócrates, que, por sua vez, formula uma explicação sobre o amor muito diferente das dos pensadores de sua época. Sócrates defende que o amor não é belo, nem rico, nem delicado, como disseram antes, porque quem ama, ama aquilo que lhe falta. O amor é apresentado como um intermediário: ao buscar aquilo que é bom e belo, o amor mostra que não tem essas qualidades, mas ao mesmo tempo as reconhece e as valoriza. A mesma coisa se diz do amor pela sabedoria: o amor é aquele que “está no meio da sabedoria e da ignorância”.

Platão nos traz aqui uma poderosa imagem para entender o papel do filósofo. Quem filosofa não sabe tudo, mas também não é completamente ignorante – porque reconhece a própria ignorância e quer superá-la, dirigindo-se a tudo que ainda tem por conhecer. Podemos, assim, entender de forma mais completa o que significa dizer que o filósofo é aquele que ama a sabedoria:

Nenhum deus filosofa ou deseja ser sábio – pois já é –, assim como se alguém mais é sábio, não filosofa. Nem também os ignorantes filosofam ou desejam ser sábios; pois é nisso mesmo que está o difícil da ignorância, no pensar, quem não é um homem distinto e gentil, nem inteligente, que lhe basta assim. Não deseja, portanto, quem não imagina ser deficiente naquilo que não lhe pensa ser preciso.

PLATÃO. *Banquete*, 204a.

Posteriormente, Aristóteles dirá que o melhor tipo de conhecimento é aquele que não está subordinado ao que é útil, e o melhor tipo de vida é a de quem busca o conhecimento simplesmente por conhecer. Esse tipo de conhecimento é chamado pelos filósofos de **contemplativo**. O conhecimento mais nobre é aquele que não é procurado por causa do que esperamos obter com ele, nem apenas porque nos traz prazer, mas porque reconhecemos algo de valor no próprio conhecer:

[...] com o multiplicar-se das artes, umas em vista das necessidades, outras da satisfação, sempre continuamos a considerar os inventores destas últimas como mais sábios que os das outras, porque as suas ciências não se subordinam ao útil. De modo que, constituídas todas as ciências deste gênero, outras se descobriram que não visam ao prazer nem à necessidade, e primeiramente naquelas regiões onde [os homens] viviam no ócio.

ARISTÓTELES, *Metafísica*, 981b.

Este último ponto da citação de Aristóteles é importante. Para o pensador, apenas se dedicarão a filosofar aqueles que já tiverem as necessidades resolvidas e que puderem, portanto, experimentar o ócio – um estado em que não

precisam se preocupar com o trabalho ou com as atividades indispensáveis do dia a dia. De fato, a grande maioria dos filósofos, da antiguidade até o século XX, vieram de famílias abastadas e não precisavam trabalhar para se sustentar. Apenas recentemente esse quadro começou a mudar, e ainda assim com muitas limitações.



dorshock/Shutterstock.com

O ócio criativo, necessário à reflexão filosófica, é diferente do mero descanso a que estamos acostumados. O ócio filosófico é estar livre de outras preocupações e atividades que libertam o ser humano para refletir sobre questões essenciais da existência.

### Saiba mais

Com base na constatação de Aristóteles de que a filosofia se faz no ócio, podemos começar a perceber motivações históricas para o início da filosofia na Grécia. Atenas, em particular, onde viveram Sócrates, Platão e Aristóteles, era uma cidade próspera e favorável para o desenvolvimento intelectual. Os cidadãos de Atenas viviam bem e tinham tempo para o ócio criativo que Aristóteles identificou, sendo também um centro de estudos e de cultura.

Por que Aristóteles valoriza tanto o trabalho contemplativo? Para ele, a nossa **capacidade racional** é aquilo que nos diferencia dos animais; é nossa característica definidora. E é também aquilo que nos aproxima dos deuses: Aristóteles se pergunta o que os deuses fazem e chega à conclusão de que suas atividades não podem ser produtivas, pois estas seriam ações “triviais e indignas”. O que resta a eles é a atividade contemplativa, e, ao exercê-la, o ser humano se aproxima da sua divindade:

Se [...] a razão é divina em comparação com o homem, a vida conforme à razão é divina em comparação com a vida humana. Mas não devemos seguir os que nos aconselham a ocupar-nos com coisas humanas, visto que somos homens, e com coisas mortais, visto que somos mortais; mas, na medida em que isto for possível, procuremos tornar-nos imortais e envidar todos os esforços para viver de acordo com o que há de melhor em nós; porque, ainda que seja pequeno quanto ao lugar que ocupa, supera a tudo o mais pelo poder e pelo valor.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1177b-1178a.

Já que o filósofo não se motiva pela necessidade de resolver uma dificuldade prática, nem de prover uma necessidade cotidiana, o que faz com que ele comece a filosofar? Aristóteles nos dá uma resposta na *Metafísica*, inspirada por Platão:

Foi pela admiração que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, sendo primeiramente abalados pelas dificuldades mais óbvias, e progredindo em seguida pouco a pouco até resolverem problemas maiores [...].

ARISTÓTELES, *Metafísica*, 982b.

O início da filosofia está na **admiração**: o filósofo vê algo, talvez até mesmo algo que já tenha visto antes, mas dessa vez seu olhar é diferente – ele se espanta com o que vê. Ao perceber algo que não consegue compreender, surge nele a inquietação, a curiosidade, o questionamento. Aristóteles nos leva, assim, ao próximo e mais importante passo de nossa trajetória para entender a filosofia: a ideia de que ela trabalha para resolver problemas.

Quando refletimos sobre ciências bem estabelecidas e valorizadas em nossa sociedade, podemos concluir que as valorizamos porque elas fazem algo importante para nós: resolvem problemas. A filosofia faz exatamente a mesma coisa – ela resolve problemas. E problemas inescapáveis, os quais todo ser humano enfrenta ao longo da vida.

A diferença entre a filosofia e essas outras áreas do conhecimento está no tipo de problema de que ela trata. É claro que cada área tem seus problemas próprios e não seria justo esperar da filosofia que ela resolvesse problemas médicos, assim como não seria justo julgar um advogado pela sua capacidade de projetar uma ponte. No entanto, os problemas da filosofia são mais diferentes ainda – não se tratam apenas de áreas de interesses diferentes, mas realmente de tipos de problemas diferentes.

Peshkova/iStockphoto.com



A filosofia é a arte de encarar os problemas fundamentais e buscar solucioná-los ou ao menos compreendê-los em profundidade.

Podemos dizer que o tipo de problema que a filosofia enfrenta é bastante diferente porque são problemas mais abstratos, mais gerais e mais fundamentais do que os das outras áreas do conhecimento. **Abstratos** porque eles não visam a necessidades imediatas e concretas da vida cotidiana, o que não significa que não possam ter efeitos bastante concretos, como explicaremos a seguir. **Gerais** porque eles não estão interessados em uma situação ou dificuldade específica, mas

porque se relacionam com conceitos e reflexões amplas, que afetam uma infinidade de casos particulares. E **fundamentais** porque são problemas importantes para os fundamentos de todas as áreas do conhecimento.

### Estabelecendo relações

Pode soar estranho para você quando dizemos que a **filosofia** é uma atividade que trata de problemas abstratos e que, no entanto, pode ter um grande impacto em casos concretos. Contudo, você está há muitos anos em contato com uma disciplina que faz exatamente a mesma coisa: a **Matemática!** A Matemática é, por excelência, uma disciplina abstrata. O estudo e a pesquisa nessa área lidam com conceitos gerais, e a disciplina pode alcançar níveis de abstração bastante complexos. No entanto, ninguém negaria que a matemática tem implicações práticas significativas. É só ver a importância que ela tem para uma área como a engenharia, que é totalmente aplicada. Novas concepções e descobertas matemáticas tiveram um profundo impacto na história humana por possibilitar inovações físicas e tecnológicas. A filosofia funciona da mesma forma: é um conhecimento geral e abstrato, mas se mudamos nosso entendimento de um conceito ou problema filosófico, a maneira como vivemos nossa vida também será alterada. Normalmente, essas mudanças acontecem ao longo de séculos, e não são facilmente perceptíveis – mas isso não significa que elas não existam.

A relação entre a filosofia e as ciências sempre foi muito próxima. Em épocas passadas, o que hoje conhecemos como física, biologia, psicologia, astronomia, entre outras ciências, fazia parte da filosofia. Conforme esses conhecimentos foram sendo especializados, tornaram-se campos separados de estudo. Mas continuou sendo papel da filosofia fazer questionamentos que afetem diretamente as bases dessas ciências, seja com relação a seus conceitos fundamentais, seja sobre seus métodos, pressupostos, resultados e limites. Não à toa, a filosofia da ciência tem sido um dos campos mais interessantes da filosofia contemporânea.

A importância da filosofia para levantar perguntas que passam despercebidas por muitas pessoas não vale apenas para a ciência, mas também para situações **cotidianas**. Como citamos anteriormente, Aristóteles sugeria que o início da filosofia é a admiração. Longe de ser motivada por algo com que nunca se teve contato antes, a admiração surge justamente do espanto com aquilo que é cotidiano, percebendo que há algo ali que merece ser questionado.

A diferença entre o olhar “desatento” e o olhar filosófico está na atitude que temos com relação a esses fenômenos. Podemos nos manter em uma atitude passiva de aceitação, que caracteriza o **senso comum**, o estado em que as opiniões e concepções são recebidas por nós sem que nos perguntemos sobre seu sentido e sua adequação. Ou podemos adotar uma **atitude crítica**, filosófica, de olhar para os fenômenos de forma questionadora, perguntando-nos quais pressupostos e possíveis preconceitos estão na base das opiniões do senso comum sobre aquilo, quais perguntas não estão sendo feitas e quais respostas devemos encontrar para sermos capazes de alcançar um entendimento próprio de que seremos capazes de defender.

A filosofia é a arte de questionar fazendo as perguntas certas.



PeopleImages/Stockphoto.com

A **história da filosofia** é formada pelas contribuições de homens e mulheres que deram boas respostas a esses problemas. A história da filosofia não é um apanhado de opiniões, mas a história de um longo **diálogo**. Ao fazer perguntas que buscam aprofundar nosso entendimento de conceitos e concepções importantes para nossa vida, a filosofia estabeleceu **critérios** bastante exigentes a respeito de como essas perguntas devem ser respondidas. Assim, a história da filosofia é uma história das respostas que alcançaram esse padrão de rigor e clareza e que foram suficientemente inovadoras e consistentes para sobreviver ao longo dos séculos e chegar até nós.

O filósofo Immanuel Kant, no século XVIII, propôs três perguntas que para ele resumiam todos os problemas enfrentados na história da filosofia:

- O que posso conhecer?
- Como devo agir?
- O que posso esperar?



Romolo Tavani/Shutterstock.com

A história da filosofia trata das contribuições dos pensadores ao longo dos séculos.

A primeira pergunta diz respeito às possibilidades e aos limites do conhecimento humano e está relacionada com a área da filosofia conhecida por **epistemologia**. A segunda trata de como o ser humano deve regular seu comportamento e nos indica a área da filosofia que chamamos de **ética**. A terceira tem a ver com o que podemos esperar após a morte e é a pergunta que, para Kant, resume

a área chamada **metafísica**. De acordo com ele, essas três perguntas poderiam ser resumidas em somente uma: o que é o ser humano?



Michael\_Petrov-96/Stockphoto.com

"Quem é você?": uma das questões essenciais da vida é saber quem somos.

## Áreas da reflexão filosófica

A filosofia divide-se em grandes áreas. Saber quais são essas grandes áreas é importante para começar a ter uma ideia dos problemas dos quais a filosofia tradicionalmente se ocupou – ainda que uma classificação como essa seja insuficiente devido ao constante surgimento de questionamentos e assuntos a serem pensados.

A ética é a área da filosofia em que se pergunta como devemos regular nossas ações. A ética está preocupada em estabelecer qual é a forma certa de agir, não porque alguém pode nos punir se não cumprirmos o que é esperado, mas porque é o correto a se fazer. Uma subárea da ética que tem recebido bastante atenção recentemente é a **bioética** (às vezes chamada de ética aplicada). Ela trata de possíveis problemas éticos presentes na relação do ser humano com o meio ambiente, com os animais e com as novas possibilidades no campo da medicina. A bioética questiona, por exemplo, se as possibilidades consequentes da atual capacidade tecnológica devem ser colocadas em ação pelos seres humanos.



Berezko/Stockphoto.com

Representação da justiça: cega e imparcial, uma das faces da ética.

**! Atenção**

Alguns autores fazem distinção entre os conceitos de ética e de moral. Em geral, não é necessário ter essa distinção em mente e podemos entender os dois termos como sinônimos. Mas é importante conhecer uma das formas de fazer essa distinção, a que aparece com mais frequência. Há quem diga que a moral é o conjunto dos valores aceitos por determinada sociedade em determinada época. Já a ética seria uma construção racional que pretende identificar e justificar o que é objetivamente certo e errado e os valores que deveriam ser adotados na sociedade.

A filosofia política é uma área próxima da ética, que estuda as relações de poder, as formas de organização social, a legitimidade do poder exercido por um governante e os valores que queremos que sejam promovidos na sociedade.

James-Alexander/fStockphoto.com



Em uma sociedade democrática, pode-se exercer a liberdade de lutar pelos próprios direitos.

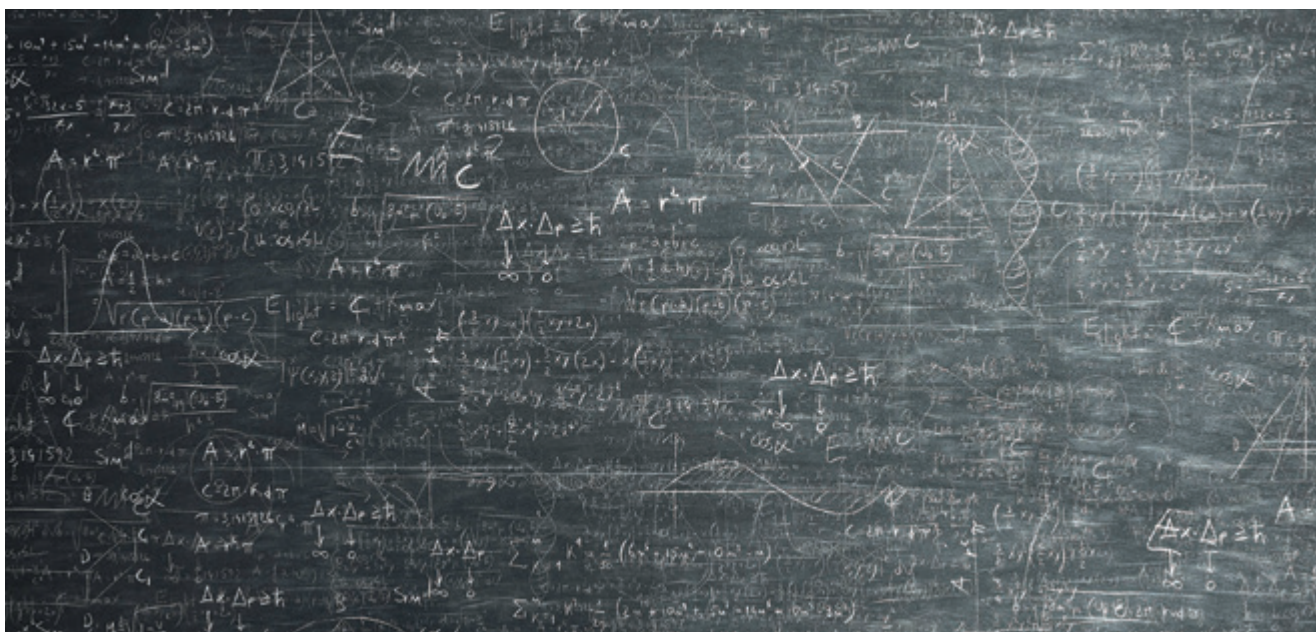
A epistemologia é a área da filosofia que se interessa pelas possibilidades, limites, origens e garantias do conhecimento humano. Por isso, ela pode também ser chamada de **teoria do conhecimento**. Às vezes, podemos entender epistemologia e teoria do conhecimento como coisas diferentes, principalmente quando os nomes são traduzidos para outros idiomas – mas é comum no Brasil usarmos os termos como sinônimos, e assim faremos neste livro.

A estética é uma área da filosofia que se dedica a estudar questões sobre a beleza, a arte e o gosto. Ela se interessa por nossa capacidade de apreciar e julgar nossas percepções sensíveis (aquilo que pode ser apreendido pelo olhar, pela audição, pelo paladar etc.).



YAKOBCHUK VIACHESLAV/Shutterstock.com

A arte e o belo são temas da área da estética.



frankie\_9/Shutterstock.com

Como chegamos ao conhecimento daquilo que conhecemos é um dos temas da teoria do conhecimento.

A metafísica é uma área estabelecida desde o início da filosofia e que sofreu diversas reviravoltas. Tradicionalmente, porém, podemos dizer que a metafísica tenta compreender as bases da realidade física a partir de elementos que vão além do que podemos observar. Assim, a metafísica seria responsável por estudar a natureza das propriedades e das relações, da identidade, da causalidade e do tempo, entre outros temas abstratos. Outro nome pelo qual a metafísica é conhecida remete a esta segunda concepção: **ontologia**, o estudo do ser.

A lógica, para alguns, não deve ser concebida como uma área da filosofia, mas sim como um campo de conhecimento à parte. Seja como for, a lógica é um poderoso instrumento para quem quer pensar com rigor e clareza, pois criou ferramentas para separarmos raciocínios corretos e incorretos – ela também oferece questões filosóficas importantes como parte de seu desenvolvimento.



O correto raciocinar é dirigido pela lógica.

## A Filosofia ao longo da história

Ao final do curso, você terá uma compreensão significativa das reflexões que se desenvolveram em cada período histórico e dos principais filósofos que se dedicaram a elas. É interessante, porém, que você tenha desde o começo uma compreensão geral de como a filosofia se construiu ao longo da história, uma visão de conjunto que será detalhada durante o curso. Vamos então a um breve resumo da história da filosofia.

A filosofia antiga, mas também a filosofia tal como nós a conhecemos, surgiu na Grécia por volta do século VI a.C. Inicialmente, os filósofos preocupavam-se com os fenômenos do **mundo natural**. Os autores dessa primeira fase são chamados de pré-socráticos, e suas preocupações eram principalmente metafísicas, apesar de haver alguns autores que desenvolveram reflexões epistemológicas e éticas.

O nome “pré-socráticos” faz referência à importância do pensador que iniciou uma nova era na história da filosofia: Sócrates, que viveu em Atenas no século V a.C., no chamado período clássico da filosofia. A grande transformação trazida por Sócrates é uma virada da filosofia para **assuntos humanos** – a ética e a política. Sócrates não se dedicou a filosofar sobre o mundo natural. Foi Platão, seguido por Aristóteles, que criou uma filosofia que engloba ao mesmo tempo os problemas aos quais se dedicavam os pré-socráticos e as reflexões éticas e políticas trazidas por Sócrates.



Colunas gregas, memória do período clássico da filosofia.

O período posterior a Aristóteles é conhecido como helenístico e compreende um momento histórico em que a cultura grega como um todo se expandiu para outros territórios e assimilou elementos de outras culturas. A filosofia de Aristóteles teve muita influência nesse período. Nessa época, várias outras escolas de filosofia se formaram, como as dos epicuristas, dos estoicos, dos cínicos e dos cétricos.

As origens da filosofia medieval podem ser encontradas nos primeiros séculos da Era Cristã. A grande novidade desse período foram o surgimento e a consolidação do cristianismo na Europa. O primeiro período da filosofia medieval, chamado patrística, é composto por pensadores cristãos que conhecem a filosofia grega e buscam, em suas obras, mostrar a **compatibilidade** desta com as novas verdades reveladas pelo cristianismo. O filósofo mais importante desse período foi Agostinho de Hipona (354-430).



Iluminuras medievais: a arte a serviço da fé.

Um segundo momento da filosofia medieval é chamado de escolástica. Trata-se do período de desenvolvimento de escolas, que primeiro surgiram em volta de igrejas e abadias, e depois das universidades. Os filósofos desse período dedicaram-se a enfrentar **questões teológicas** muito complexas. O filósofo que melhor representa esse período é Tomás de Aquino, no século XIII.

Como você pode perceber, a filosofia desse período é fortemente associada à religião. Isso não quer dizer, no entanto, que tenha deixado de ser filosofia. Os pressupostos são religiosos, mas os filósofos medievais tratam da mesma forma de metafísica, epistemologia, ética e política. Também é importante notar que não há apenas filosofia medieval cristã – há filósofos judeus e árabes de grande relevância para o período, como Fílon e Avicena.

A filosofia moderna tem início na Renascença, no século XIV, e é inicialmente marcada pelas grandes **transformações históricas** dessa época. A filosofia renascentista apresenta autores muito críticos e inovadores em relação à compreensão do poder político, como Maquiavel, e ao modo de fazer ciência, como Galileu.

A partir do século XVII, a filosofia moderna propriamente dita traz grandes novidades em três áreas. A **epistemologia** é colocada em debate por duas correntes: o racionalismo, que tem em Descartes seu principal expoente, e o empirismo, com Locke, Berkeley e Hume. Com Kant, há uma grande revolução na história da filosofia: a chamada virada transcendental. O século XIX traz o pensamento de Hegel como uma nova transformação.

A **ética** também encontra importantes desenvolvimentos nesse período. No século XVIII, dois novos sistemas éticos entram em debate: o utilitarismo de Jeremy Bentham e de Stuart Mill e a ética do dever de Kant. Na **política**, pensadores se perguntam sobre a legitimidade do poder dos governantes e criam a tese do contrato social para



Arts Suwanmalee/Shutterstock.com

Instrumentos da ciência moderna: uma nova ciência nasce também no período moderno.

explicar o ordenamento político da sociedade. Dentre eles, os mais conhecidos são Hobbes, Locke e Rousseau.

No século XX, com a filosofia contemporânea, vemos algo inédito na história: a filosofia divide-se em duas tradições, praticamente autônomas entre si. É claro que sempre houve escolas e autores com teorias conflitantes, mas agora podemos dizer que surgiram duas correntes que se isolaram e tiveram um desenvolvimento paralelo. A primeira dessas tradições é a chamada **filosofia analítica**. Trata-se de uma corrente que reconhece o papel essencial da **linguagem** para o pensamento. A segunda corrente é a que ficou conhecida como **filosofia continental**. Os continentais têm em sua origem a valorização da **experiência** imediata e uma relação mais próxima com as artes, a literatura e a história.



frenchiestravel/Shutterstock.com

Ponte dos Suspiros, sobre o Rio Cam. St. John's College, Universidade de Cambridge, Reino Unido, Inglaterra. A Universidade de Cambridge é um símbolo de produção de conhecimento desde a Idade Média.

FRENTE ÚNICA

## Revisando

1. **UEPG-PR 2019** Sobre a questão “O que é filosofia?”, assinale o que for correto.

- 01 A filosofia é considerada uma ciência pelo fato de possuir uma definição conceitual própria.
- 02 A filosofia é um estudo baseado nas pesquisas de opinião à maneira dos meios de comunicação de massa.
- 04 A filosofia não é uma ciência, mas pode questionar e refletir sobre os fundamentos da ciência.
- 08 A filosofia é um campo do conhecimento que traz como atributo o ato de questionar explicações “usuais” (cotidianas), como um meio de buscar respostas embasadas em justificativas racionais.

Soma:

2. **Unioeste-PR 2018** Referindo-se à Filosofia, Montaigne escreve:

É singular que em nosso século as coisas sejam de tal forma que a filosofia, até para as pessoas inteligentes, seja um nome vão e fantástico, que se considera de nenhum uso e de nenhum valor, tanto por opinião como de fato. Creio que a causa disso são esses ergotismos [que significa abuso de silogismos na argumentação] que invadiram seus caminhos de acesso. É um grande erro pintá-la inacessível às crianças e com um semblante carrancudo, sobranceiro e terrível. Quem a mascarou com esse falso semblante, lívido e medonho? Não há nada mais alegre, mais jovial, mais vivaz e quase digo brincalhão. Ela só prega festa e bons momentos. Uma fisionomia triste e inteiriçada mostra que não é ali sua morada.

(MONTAIGNE I, 26, p. 240.)

Depois de ler o texto acima, atentamente, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Montaigne entende que a filosofia destina-se somente a algumas pessoas muito inteligentes, pois é inacessível para a maioria delas.
- b) Montaigne considera que a filosofia é carrancuda e triste porque é crítica e precisa assustar as pessoas.
- c) Montaigne concorda que a filosofia é um nome vão e fantástico: não tem nenhum uso e nenhum valor para as pessoas inteligentes.
- d) Montaigne argumenta que a filosofia é brincalhona e jovial, aberta a muitos, inclusive para as crianças.
- e) Montaigne julga que a filosofia deve ser sempre terrível e se contrapor à festa e à alegria.

3. **UPE 2017** Sobre Filosofia e Reflexão, considere o texto a seguir:

### Sobre a Filosofia e Reflexão

Exprimir-se-á bem a ideia de que a filosofia é procura e não posse, definindo o trabalho filosófico como um trabalho de reflexão. O modelo de reflexão filosófica – e ao mesmo tempo seu exemplo mais acessível – é a “ironia” socrática.

HUISMAN, Denis; VERGEZ, André.  
*Compêndio Moderno de Filosofia*, 1987, p. 25.

O autor enfatiza o exemplo sobre Filosofia e Reflexão:

- a) no ato de interrogar os interlocutores, Sócrates expressava sua atitude reflexiva.
- b) a reflexão filosófica se inicia na consciência e na posse do saber.
- c) a reflexão filosófica nos faz refletir ao ensinar sua opinião com certeza irrefutável.
- d) na reflexão filosófica, Sócrates expressava sua opinião como verdadeira.
- e) ao perguntar, Sócrates delimitava o modelo e a posse da sabedoria.

4. **UEPG-PR 2019** Sobre os princípios éticos, assinale o que for correto.

- 01 Os princípios éticos são constituídos pelos valores culturais e pelas obrigações que formam o conteúdo das condutas morais (virtudes).
- 02 O sujeito ético é o indivíduo que possui consciência de si e dos outros.
- 04 A ética está ligada às condições históricas, políticas, econômicas e culturais.
- 08 Um ato imoral provoca efeitos apenas no indivíduo que praticou a ação.

Soma:

5. **Enem 2019** Em sentido geral e fundamental, Direito é a técnica da coexistência humana, isto é, a técnica voltada a tornar possível a coexistência dos homens. Como técnica, o Direito se concretiza em um conjunto de regras (que, nesse caso, são leis ou normas); e tais regras têm por objeto o comportamento intersubjetivo, isto é, o comportamento recíproco dos homens entre si.

O sentido geral e fundamental do Direito, conforme foi destacado, refere-se à

- a) aplicação de códigos legais.
- b) regulação do convívio social.
- c) legitimação de decisões políticas.
- d) mediação de conflitos econômicos.
- e) representação da autoridade constituída.

6. **UEM-PR 2013** Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências.

(DESCARTES, R. *Meditações sobre a filosofia primeira*. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009, p. 153.)

A partir do texto citado, assinale o que for **correto**.

- 01 A verdadeira ciência ou conhecimento verdadeiro deve refutar toda e qualquer crença ou religião.



- 02** O início do processo filosófico de descoberta da verdade começa com a instauração da dúvida.
- 04** O espírito de investigação filosófica busca alicerces firmes, que não foram dados pelo modo como se adquiria o conhecimento até então.
- 08** A dúvida sobre o conhecimento que se tem decorre das opiniões e dos saberes mal apreendidos na escola.
- 16** Os alicerces firmes do conhecimento devem estar além das opiniões das autoridades acadêmicas.

Soma:

- 7. Enem 2016** Todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo – terra, água, ar e fogo e as outras coisas que são agora neste mundo –, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se umas às outras, nem fazer bem ou mal umas às outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir à existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de uma mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retomando sempre a mesma coisa.

DIÓGENES. In: BORNHEIM, G. A. **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1967.

O texto descreve argumentos dos primeiros pensadores, denominados pré-socráticos. Para eles, a principal preocupação filosófica era de ordem

- cosmológica, propondo uma explicação racional do mundo fundamentada nos elementos da natureza.
  - política, discutindo as formas de organização da pólis ao estabelecer as regras da democracia.
  - ética, desenvolvendo uma filosofia dos valores virtuosos que tem a felicidade como o bem maior.
  - estética, procurando investigar a aparência dos entes sensíveis.
  - hermenêutica, construindo uma explicação unívoca da realidade.
- 8. UEM-PR 2017** Embora o cristianismo não seja uma filosofia, ele afeta de forma profunda o pensamento filosófico da época [Idade Média], uma vez que o filósofo cristão se depara com o problema da sua realidade finita e imperfeita diante da divindade infinita e perfeita.

(ARANHA, M. L. de A. *Temas de filosofia*. 3. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005, p.110).

Sobre a patrística e a escolástica, assinale o que for correto.

- 01** A filosofia medieval assume a herança dos filósofos gregos, sobretudo Platão (na patrística) e Aristóteles (na escolástica), de forma submissa e dogmática.
- 02** Santo Agostinho (354-430) é o maior representante da filosofia patrística. A patrística preocupava-se em encontrar justificativas racionais para as verdades reveladas.

- 04** Segundo a filosofia patrística, a revelação divina ensina quem tem fé a utilizar corretamente o conhecimento sensível.
- 08** Tomás de Aquino (1225-1274) considera a filosofia como conhecimento racional e tem como um dos seus principais temas filosóficos a adequação entre as coisas e o entendimento.
- 16** O problema de maior relevância para a filosofia do século XIII é a querela dos universais, doutrina filosófica segundo a qual os realistas preponderam sobre os nominalistas.

Soma:

- 9. UEG-GO 2019** John Locke afirmou que a mente é como uma folha em branco na qual a cultura escreve seu texto e Descartes demonstrava desconfiança em relação aos sentidos como fonte de conhecimento. A respeito desses dois filósofos, verifica-se o seguinte:
- Locke é um representante do racionalismo e Descartes é um representante do empirismo.
  - Locke é um representante do empirismo e Descartes é um representante do racionalismo.
  - Descartes e Locke possuíam a mesma concepção, pois ambos eram críticos do iluminismo.
  - Descartes é um representante do teologismo e Locke é um representante do culturalismo.
  - Descartes é um representante do materialismo e Locke é um representante do idealismo.

- 10. UEM-PR** A Filosofia existe há mais de 26 séculos. Nessa história tão longa e de períodos diferentes, surgiram temas, disciplinas e campos de investigação específicos. Sobre os diversos campos de atuação da Filosofia, assinale o que for correto.

- 01** Chama-se metafísica o conhecimento das causas e primeiros princípios de toda a realidade, de todos os seres.
- 02** A epistemologia (do grego episteme, “ciência”) estuda as relações de poder existentes entre as esferas pública e privada. Por essa razão, o debate epistemológico vale-se da psicologia social do imaginário, que lhe confere um estatuto intermediário entre a ciência e a filosofia.
- 04** A filosofia da história tem por objeto a exegese dos mitos, sua participação no divino, o discurso dos trágicos e a história das narrativas que deram origem ao mundo.
- 08** Chama-se filosofia analítica a corrente filosófica que se interessa pelas regras e modos de funcionamento da linguagem. Seu início é atribuído a Ludwig Wittgenstein.
- 16** Chama-se estética o debate filosófico em torno da moralidade das obras de arte e da eticidade do artista. Para o campo da estética, recorre-se à filosofia moral e à ética, sem as quais ela perde a especificidade e o rigor metodológico.

Soma:

## Exercícios propostos

1. **Unicamp-SP 2014** A dúvida é uma atitude que contribui para o surgimento do pensamento filosófico moderno. Neste comportamento, a verdade é atingida através da supressão provisória de todo conhecimento, que passa a ser considerado como mera opinião. A dúvida metódica aguça o espírito crítico próprio da Filosofia.

(Adaptado de Gerd A. Bornheim, *Introdução ao filosofar*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 11.)

A partir do texto, é correto afirmar que:

- a) A Filosofia estabelece que opinião, conhecimento e verdade são conceitos equivalentes.
- b) A dúvida é necessária para o pensamento filosófico, por ser espontânea e dispensar o rigor metodológico.
- c) O espírito crítico é uma característica da Filosofia e surge quando opiniões e verdades são coincidentes.
- d) A dúvida, o questionamento rigoroso e o espírito crítico são fundamentos do pensamento filosófico moderno.

2. **UPE/SSA 2018** Sobre o conhecimento filosófico, considere o texto a seguir:

O saber é infinito e difuso; dele se valendo, procura a filosofia aquele centro a que fazíamos referência. O simples saber é uma acumulação; a filosofia é uma unidade. O saber é racional e igualmente acessível a qualquer inteligência. A filosofia é o modo de pensamento, que termina por constituir a essência mesma de um ser humano.

(JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 13)

O autor enfatiza a singularidade do conhecimento filosófico. No alinhamento dessa reflexão, tem-se como CORRETO que

- a) o conhecimento filosófico se adquire sem ser procurado, surge espontânea e naturalmente, no âmbito da razão.
- b) a filosofia é um saber de acumulação, bastando tão somente adquiri-lo.
- c) o conhecimento filosófico é a posse do saber racional no âmbito existencial.
- d) o saber filosófico é infinito e difuso, valendo-se da sensação para se constituir em essência do ser humano.
- e) o conhecimento filosófico caracteriza-se pela sua dimensão crítica e sonda a essência mesma das coisas.

3. **UEPG-PR 2021** Sobre as características da atitude filosófica, assinale o que for correto.

- 01 A primeira característica da atitude filosófica é negativa, no sentido de dizer “não” àquilo que todo mundo diz acreditar como verdade.
- 02 A atitude de questionar é uma ação fundamental para o exercício da atitude filosófica.
- 04 A característica positiva da atitude filosófica se refere à atitude de interrogar (“O que é?”, “Como é?”...) as coisas.
- 08 Atitude filosófica pode também ser compreendida como atitude de pensar criticamente a realidade.

Soma:

## Texto complementar

### Filosofia como meio de esclarecer os problemas

A filosofia é um esforço para pensar com clareza, para lançar luz na penumbra. O que diferencia o filósofo da maioria dos mortais não é que ele pensa mais coisas ou outras coisas, ou que ele pensa de um modo especial, mas sim que ele pensa, de um modo mais claro. Essa clareza não é um dom dos deuses, senão que resulta de árduo trabalho intelectual. O filósofo pensa de um modo mais claro porque aprendeu a pensar de forma disciplinada e precisa. Se a clareza é o objetivo, a diferenciação e a delimitação são seus instrumentos. “Pensar racionalmente” é, em boa medida, separar, distinguir, diferenciar.

Porque a filosofia é um discurso “esclarecedor”, a clareza não é uma propriedade meramente desejável dele, mas parte essencial de seu próprio sentido. Uma filosofia vaga ou nebulosa é, simplesmente, filosofia de má qualidade.

Um discurso confuso não é profundo, é apenas confuso. Confusão e vaguidade só podem ser admitidas como primeiro estágio no caminho rumo a uma transparência ainda a ser alcançada. “Profundidade” é transparência. O niilismo conceitual, o vazio elegante, o impressionismo imagético, o apelo sinestésico, o malabarismo estetizante ou simplesmente oco: tudo isso não é filosofia. Onde há verdadeira filosofia – e não somente moda cultural de *feuilleton* – o conteúdo está presente e, com ele, a necessidade de sua clarificação.

A tarefa esclarecedora não é privativa nem da epistemologia, nem da lógica (e ainda menos da análise de linguagem), mas inerente à filosofia enquanto tal; ela é própria também da estética e da teoria política. Nem o discurso da arte é artístico, nem o discurso filosófico sobre a política é político, ambos são filosóficos: arte e política são seus objetos, não seus meios.

GONZÁLEZ-PORTA, Mario Ariel. *A filosofia a partir de seus problemas*. Didática e metodologia do estudo filosófico. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 44-45.

## Resumindo

1. A filosofia é uma atividade cujo nome significa “amor à sabedoria”. Isso quer dizer que o filósofo é aquele que não se considera sábio, mas também não é completamente ignorante. Ele busca o conhecimento, não como forma de resolver suas necessidades, mas porque vê que o conhecimento tem valor por si só.
2. Essa busca pelo conhecimento tem origem no espanto e/ou na admiração que o homem tem em relação a algo que antes lhe parecia cotidiano, e que o faz adotar uma atitude crítica e sair da passividade do senso comum.
3. A filosofia é, assim, uma forma de resolver problemas – não imediatos, mas abstratos e gerais. Isso não significa que a filosofia não tenha efeitos concretos, até porque os problemas de que ela trata estão na base de todas as áreas do saber e também de como entendemos nossa vida cotidiana.
4. A filosofia divide-se em grandes áreas (Ética, Política, Estética, Epistemologia, Metafísica e Lógica) e em grandes períodos na história (antiga, medieval, moderna e contemporânea). Essas áreas e períodos serão detalhados ao longo do curso.

### Quer saber mais?



#### Livros

**WARBURTON, Nigel.** *Uma breve história da filosofia.* Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: L&PM, 2012.

Uma obra-prima da introdução à Filosofia. Livro curto, muito acessível e bem escrito, com capítulos que apresentam uma ideia central sobre os principais autores da história da Filosofia.

**GAARDER, Jostein.** *O mundo de Sofia.* Tradução de Leonardo Pinto da Silva. São Paulo: Seguinte, 2012.

Perto de seu aniversário, Sofia Amundsen começa a receber em seu endereço diversos cartões-postais intrigantes, destinados a uma outra garota desconhecida. A partir das misteriosas correspondências, um mundo de descobertas e discussões filosóficas se abre para Sofia, que passa a ver o mundo de forma diferente. Trata-se de um *best-seller*, um verdadeiro romance da história da Filosofia.



#### Filmes

**Merlí.** Direção: Eduard Cortés, 2015-2017. Classificação indicativa: 12 anos.

Série catalã sobre um professor de Filosofia estimulante e cativante. Cada episódio é centrado em um pensador ou em uma escola de pensamento e explora as ideias filosóficas relacionadas às vidas do professor e de seus alunos.

**O sétimo selo.** Direção: Ingmar Bergman, 1957. Classificação indicativa: 12 anos.

Clássico do cinema ambientado na Idade Média, trata de questões universais como a morte, o sofrimento e o fim do mundo.

**A origem.** Direção: Christopher Nolan, 2010. Classificação indicativa: 14 anos.

Ficção científica sobre uma realidade em que é possível acessar as mentes de outras pessoas. O filme propõe questionamentos sobre consciência, aparência e realidade, sonho e vigília.

**Ela.** Direção: Spike Jonze, 2013. Classificação indicativa: 14 anos.

A obra retrata uma experiência de inteligência artificial, que pode existir em um futuro não muito distante. Traz questões sobre a consciência, a identidade pessoal e os relacionamentos humanos.

## Exercícios complementares

1. **Unesp 2015** Seja como termo, seja como conceito, a filosofia é considerada pela quase totalidade dos estudiosos como criação própria do gênio dos gregos. Sendo assim, a superioridade dos gregos em relação aos outros povos nesse ponto específico é de caráter não puramente quantitativo, mas qualitativo, porque o que eles criaram, instituindo a filosofia, constitui novidade que, em certo sentido, é absoluta. Com efeito, não é em qualquer cultura que a ciência é possível. Há ideias que tornam estruturalmente impossível o nascimento e o desenvolvimento de determinadas concepções – e, até mesmo, ideias que interdita toda a ciência em seu conjunto, pelo menos a ciência como hoje a conhecemos. Pois bem, em função de suas categorias racionais, foi a filosofia que possibilitou o nascimento da ciência, e, em certo sentido, a gerou. E reconhecer isso significa também reconhecer aos gregos o mérito de terem dado uma contribuição verdadeiramente excepcional à história da civilização.

(Giovanni Reale e Dario Antiseri. *História da filosofia*, vol. 1, 1990. Adaptado.)

Baseando-se no texto, explique por que a definição apresentada de “filosofia” pode ser considerada eurocêntrica. Explique também que tipo de ideias apresentaria a característica de impedir o desenvolvimento do conhecimento científico.

- 2. Unesp 2022** As certezas do homem comum, as verdades comuns da experiência cotidiana, os filósofos vivem-nas, por certo, e não as negam, enquanto homens. Mas, enquanto filósofos, não as assumem. Nesse sentido em que as desqualificam, pode-se dizer que as recusam. Desqualificação teórica, recusa filosófica, empreendidas em nome da racionalidade que postulam para a filosofia. Assim é que boa parte das filosofias opta por esquecer “metodologicamente” a visão comum do Mundo, recusando-se a integrá-la ao seu saber racional e teórico. Não podendo furtar-se, enquanto homens, à experiência do Mundo, não o reconhecem como filósofos. O Mundo não é, para eles, o universo reconhecido de seus discursos. Desconsiderando filosoficamente as verdades cotidianas, o bom senso, o senso comum, instauram de fato o dualismo do prático e do teórico, da vida e da razão filosófica. Instauram, consciente e propositadamente, o divórcio entre o homem comum que são e o filósofo que querem ser.

(Oswaldo Porchat Pereira. *Rumo ao ceticismo*, 2007. Adaptado.)

O “divórcio” entre o homem comum e o filósofo, segundo o autor, ocorre em função da

- a) negação do homem comum em entender a realidade.
  - b) restrição do saber comum no fazer filosófico.
  - c) diferença de mundos que buscam compreender.
  - d) falta de correspondência factual do saber comum.
  - e) proposição de respostas necessariamente divergentes.
- 3. UEM-PR 2022** Experiência da razão e da linguagem, a filosofia é a peculiar atividade reflexiva em que, na procura do sentido do mundo e dos humanos, o pensamento busca pensar-se a si mesmo, a linguagem busca falar de si mesma e os valores (o bem, o verdadeiro, o belo, o justo) buscam a origem e a finalidade da própria ação valorativa. Essa experiência, concretizada no e pelo trabalho de cada filósofo, constitui o discurso filosófico.

(CHAUI, M. Prefácio. In: *Antologia de textos filosóficos*, Curitiba: SEED-PR, 2009.)

A partir da afirmação acima, é correto afirmar que o discurso filosófico

- 01 é uma atividade que cria livremente objetos imaginários, dotados de valor estético.
- 02 é uma atividade cujo traço distintivo está em opinar sobre problemas abstratos.
- 04 é uma reflexão genealógica e teleológica sobre os valores humanos.
- 08 é uma atividade que produz conhecimento empírico, aplicado à utilidade dos objetos.
- 16 é uma atividade racional que reflete sobre seus próprios conceitos.

Soma:

## BNCC em foco

### EM13CHS501

1. A Filosofia pode ter algo de relevante a acrescentar sobre a pandemia de covid-19. Grande parte dos problemas, sobretudo os de natureza ético-política, alguns dos quais já são objeto de intervenção pública, aquece a reflexão filosófica. Elenque alguns desses problemas e discorra a partir do “espanto” diante deles, respondendo: de que modo você acredita que o pensamento filosófico pode contribuir para resolvê-los?

### EM13CHS103, EM13CHS502 e EM13CHS605

2. O movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) voltou a ter enorme visibilidade após o brutal assassinato de George Floyd, por um policial branco, nos EUA, no final de 2020. Também fez insurgir manifestações antirracistas nos EUA e no Brasil, disseminadas em diversas mídias sociais (Instagram, Facebook, Twitter) por meio da *hashtag* #VidasNegrasImportam. No Brasil, chamou atenção a enorme conscientização das pessoas que, além de postarem a referida *hashtag*, compartilharam vídeos e textos de autoras e autores negros, bem como alertaram para a escalada da violência policial contra a população negra, embora outrora adotassem um discurso negacionista em relação à existência do racismo no Brasil. Entretanto, aquele rompante de conscientização foi atravessado por uma “reação” profundamente incomodada, materializando-se na viralização de um contraponto para marcar posição: a disseminação nas mídias sociais da *hashtag* #TodasAsVidasImportam. A boa-fé diante dos fatos poderia imaginar a nova *hashtag* como inofensiva. Mas como, filosoficamente, poderíamos exercer a criticidade para enxergar o dito e o não dito?

FRETE ÚNICA

CAPÍTULO

2

## O nascimento da Filosofia

A filosofia tem um lugar e uma data de nascimento. Neste capítulo, veremos, em primeiro lugar, como os seres humanos encontraram explicações para os fenômenos do cotidiano antes do surgimento da filosofia e, depois, qual foi a novidade que a filosofia trouxe à humanidade. Identificaremos algumas condições históricas que nos ajudam a entender o ambiente propício que a Grécia antiga representou para que uma nova forma de pensar surgisse. Veremos também quem foram os primeiros filósofos.

- Do mito à filosofia.
- Os filósofos pré-socráticos.

A antiga ágora de Atenas. **Ágora** era a praça pública onde aconteciam as discussões políticas de importância para a cidade.

## Do mito à Filosofia

As perguntas tratadas pela filosofia eram, em um período anterior a ela, objeto de outro tipo de explicação do mundo: o **mito**. O mito é uma narrativa transmitida pela tradição oral que tem importância fundamental para a sociedade que o reconhece, pois ele traz explicações sobre a existência do mundo, sobre os fenômenos naturais e sobre as origens daquela sociedade, além de oferecer valores e ideais a serem seguidos. Dele também derivam-se noções de sacralidade e o sentido dos rituais.

A **mitologia grega** é bastante ampla e conhecida. Apesar de a tradição oral do mito ser provavelmente muito anterior a isso, as principais fontes a que recorremos para conhecer a mitologia grega datam do século XII a.C. Trata-se dos poemas épicos de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*. Além de Homero, outra fonte fundamental é Hesíodo, que, entre os séculos VIII e VII a.C., escreveu duas obras de grande importância para nosso conhecimento sobre mitos gregos: *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*. No século V a.C., o historiador Heródoto organizou uma obra conhecida como *As histórias de Heródoto*.

Segundo o especialista em Estudos Clássicos Francis Cornford, num período pré-filosófico, os seres humanos aplicam sua razão exclusivamente de acordo com seus interesses práticos. Em razão disso, o ser humano começa a enxergar traços de personalidade nos objetos e na natureza, de acordo com sua função proveitosa ou danosa para nós. A função da magia seria encontrar algum controle sobre seu comportamento – e a mitologia oferece uma grande ajuda nessa tarefa.

Tal seria, segundo Cornford, a origem dos deuses gregos como os conhecemos: entidades de aspecto humano, com vontades e emoções humanas, que explicam de forma personalizada as relações entre os homens e os objetos do mundo natural e que só podemos conhecer por meio de revelações sagradas.



Templo de Partenon, na Acrópole, dedicado à deusa Atena.

### Estabelecendo relações

Quando estudamos filosofia, e especialmente a filosofia antiga, entramos em contato com alguns termos que não podemos entender no seu sentido comum, ou que, às vezes, nem são palavras de uso corrente para nós. É preciso entendê-los em seu sentido técnico e histórico. Um dos termos importantes da filosofia grega é o conceito de *lógos*, que pode ser traduzido por “discurso”, “explicação”, “argumento” ou até mesmo “razão”, ele é a origem de palavras como “lógica”, e a terminação “-logia” é usada para designar o estudo de alguma coisa. É frequente ver em livros de introdução à filosofia a menção à passagem do mito ao *lógos*, o que deixa implícito que só a filosofia tem *lógos*, que só ela é racional. Por um lado, essa concepção tem sua razão de ser: uma das novidades da filosofia é justamente a exigência do rigor formal, da argumentação e da justificação lógica de seus posicionamentos. Por outro lado, é errado dizer que não há *lógos* ou razão no mito; ele tem seu próprio ordenamento e sua própria forma de produzir sentido.

A filosofia se diferencia da visão mitológica do mundo em quatro aspectos principais: oferece uma explicação imanente à natureza, despoja sua explicação dos elementos de personalidade vistos na mitologia, tira sua força dos argumentos que a embasam e se oferece à apreciação pública. No entanto, por pretender substituir a mitologia na explicação do mundo, a filosofia herda desta os seus primeiros temas e preocupações.

A genealogia dos deuses, característica das narrativas míticas, é substituída por uma preocupação em encontrar uma origem comum a toda a diversidade da natureza, um princípio a partir do qual tudo se ordenou. Esse princípio ficou conhecido para os gregos como *arché*, conceito fundamental da filosofia pré-socrática, como veremos a seguir.

### Atenção

A terminação “-gonia” vem do grego e significa “geração”. Os mitos explicavam o Universo por uma **teogonia** (“*theos*” significa “deus”), ou seja, um relato sobre a geração dos deuses – que, por serem associados às forças da natureza, explicam o funcionamento do mundo físico. Os filósofos rompem com essa tradição e instauram uma **cosmogonia** (“*cosmos*” significa “ordem” ou “Universo”), ou seja, uma explicação sobre como o mundo surgiu, e vários deles fazem também uma **cosmologia**, oferecendo uma explicação racional sobre a estrutura e o funcionamento atual do Universo. Mas cuidado: nem todos os autores e intérpretes fazem essa distinção entre cosmogonia e cosmologia; às vezes o termo “cosmologia” é usado para se referir a toda explicação científico-filosófica sobre a natureza, incluindo tanto sua origem como seu funcionamento.

O surgimento da filosofia envolve dois elementos. Por um lado, a filosofia é uma grande novidade em relação ao mito e rompe com a forma de pensar em que a humanidade sempre havia se apoiado – situação que foi chamada por alguns como **milagre grego**. Por outro lado, ela não surge do nada, e os primeiros filósofos faziam parte da cultura grega. Portanto, as condições históricas que prepararam o advento da filosofia dizem respeito à vida social e econômica grega no século VII a.C.: a introdução da **moeda**, do **calendário** e da **escrita alfabética**.

Tanto a adoção da moeda quanto a invenção de formas abstratas de conceber o tempo e a linguagem encontram ainda maior ressonância no ambiente que é por excelência o lugar da filosofia desde seu nascimento: a **cidade**, surgida entre os séculos VIII e VII a.C.

Três características da vida na cidade favorecem o surgimento da filosofia. Em primeiro lugar, a importância que a **palavra** assume nessa nova forma de organização social em que o debate é a fonte das decisões públicas. Em segundo lugar, o caráter **público** que a vida na cidade dá a diversos domínios que antes eram restritos a um seletivo grupo. Em terceiro lugar, a ideia de **isonomia**, **igualdade** de todos os cidadãos perante a lei.



Vista da Acrópole de Atenas, uma das principais pólis gregas na Antiguidade.

## Os filósofos pré-socráticos

O primeiro filósofo da história é **Tales**, que viveu entre 624 e 546 a.C. na cidade grega de Mileto, na região da Jônia (atualmente território da Turquia). Tales é conhecido como o primeiro pensador a romper com as explicações mitológicas tradicionais sobre os fenômenos da natureza e a propor uma cosmogonia e uma cosmologia fundadas em explicações naturalísticas, imanentes, despersonalizadas. Tales recusou a explicação genealógica do universo e procurou um princípio (*arché*) universal do qual todas as coisas fossem derivadas – e, para ele, este princípio era a **água**.

Sucessor de Tales e possivelmente seu aluno, **Anaximandro** (610-545 a.C.) também propôs uma explicação naturalística do mundo a partir de um princípio originário. Ao contrário de Tales, Anaximandro sustentou que o elemento comum era o *ápeiron*, ou **indeterminado**. A formação do mundo natural a partir do *ápeiron* teria se iniciado, segundo ele, pela formação de dois opostos – quente e frio – e seguido pela constante combinação e separação de elementos. Os muitos opostos que formam a natureza estão em constante competição: às vezes um dos opostos se sobrepõe, mas com o tempo o outro o substitui, para depois voltar a ser dominado pelo primeiro.

**Anaxímenes** (585-525 a.C.) foi o terceiro filósofo de Mileto, herdou da tradição iniciada por Tales e também

propôs um elemento como princípio originário – o ar. O ar foi escolhido por sua capacidade de assumir diversas características. Tudo seria formado a partir de sua condensação e rarefação, que poderia gerar vento, nuvem, água, lama, pedra e fogo. Anaxímenes indica um experimento para demonstrar a capacidade de transformação do ar e a relação entre densidade e temperatura: é só comparar como o ar sai gelado quando assopramos com os lábios apertados, mas sai quente se assopramos com a boca aberta.

### Saiba mais

Desde os milésios, o conceito de *arché* mostra-se central para a filosofia grega. “*Arché*” significa “princípio”, “origem”, “elemento primeiro”. Procurar a *arché* significa procurar por uma substância primeira da qual todo o mundo físico teria se originado, e cada pensador oferecerá uma resposta diferente sobre qual é essa origem. Mas, se pensarmos com cuidado, perceberemos que há dois entendimentos possíveis da *arché* e de seu papel: podemos entender que ela é o elemento que se transforma para formar tudo que há na natureza ou podemos entender que este elemento ainda permanece em todas as coisas, de modo que elas adquirem características diferentes, mas continuam tendo o mesmo substrato, a mesma “base”. Pense na *arché* proposta por Anaxímenes: o ar. Esse elemento tem a capacidade de se transformar em tudo – mas se considerarmos, por exemplo, a água, Anaxímenes entende que o ar se modificou e virou água, ou que ele continua presente nela? Alguns pré-socráticos que veremos a seguir, como Anaxágoras e Demócrito, defendem explicitamente que suas *archés* continuam presentes em tudo que se forma a partir delas. Para Aristóteles, essa visão também pode ser creditada aos milésios, mas há autores que defendem que essa interpretação está carregada da própria filosofia de Aristóteles e não corresponde ao pensamento de todos os pré-socráticos.

**Pitágoras** de Samos (570-490 a.C.) foi, para nós, uma figura tão influente quanto misteriosa. Durante sua vida, ele criou uma comunidade de seguidores. Duas doutrinas ficaram associadas ao pitagorismo. A primeira diz respeito à valorização da matemática. Para os pitagóricos, o princípio ordenador do universo, uma *arché*, é o **número**. A segunda doutrina filosófica pela qual o pitagorismo é conhecido é a doutrina da **transmigração das almas**. Pitágoras acreditava que após a morte do corpo a alma alcançava a imortalidade migrando para outro corpo, de outro ser humano ou, possivelmente, de um animal.

**Heráclito** de Éfeso (540-480 a.C.) é um dos primeiros a chamar a atenção para o fato de que o que percebemos pelos nossos **sentidos** é incerto e insuficiente para nos levar à verdade. Conseguir compreender a natureza oculta das coisas é reconhecer que ela está sujeita a uma ordem, um princípio objetivo que governa o universo e que ele chamou de **lógos**. De acordo com essa ordem, o universo é a constante luta de opostos. Heráclito parece, aqui, estar seguindo o pensamento de Anaximandro, mas sua novidade está na ênfase que dá ao elemento conflituoso, dizendo que o mundo natural é uma verdadeira **guerra** e que se encontra em constante mudança.



stanley45/Stockphoto.com

Mudança. Heráclito chama nossa atenção para a constante transformação que há na natureza.

Desde a Antiguidade, Heráclito é visto como opositor direto a outro pensador do período: **Parmênides** de Eleia (515-450 a.C.). Parmênides é considerado o fundador da Ontologia, a disciplina que estuda o **ser**. Parmênides acredita que a mudança é ilusão e que a realidade está naquilo que é permanente, pois a ideia de mudança carregava em si uma contradição: alguma coisa se transformar no que não é. Parmênides não admitia que algo se transformasse em outra coisa, porque aí “o que não é” passaria a ser, e “o que é” deixaria de ser. O ser é, portanto, sempre o mesmo, sem mudar, sem se dividir ou sem se mover – uma substância única que Parmênides representou como uma **esfera**.

A maioria dos pré-socráticos que pretendiam encontrar uma *arché*, um princípio para tudo que existe, elegia um único elemento. Por isso, eles são às vezes chamados de “monistas”. Mas alguns pré-socráticos posteriores a Parmênides ficaram conhecidos como “pluralistas” ao propor um conjunto de elementos como *arché*. Os pluralistas combinam as ideias de Parmênides sobre a imutabilidade do ser com a ideia de que as mudanças percebidas pelos sentidos não podem ser completamente ilusórias.

Para **Empédocles** de Acragas (495-435 a.C.), **quatro elementos** formavam a *arché*: água, terra, fogo e ar. A causa das misturas e separações eram duas forças, amor e ódio, a primeira unindo os elementos e a segunda separando-os. Empédocles também foi um defensor de uma teoria da evolução baseada na sobrevivência do mais apto e o primeiro a reconhecer a possibilidade de que órgãos de organismos diferentes podiam exercer funções homólogas.



ThomasVogel/Stockphoto.com

Os quatro elementos: terra, água, ar, fogo.

Um contemporâneo de Empédocles, **Anaxágoras** de Clazômenas (500-428 a.C.) explica a origem do universo como sendo uma espécie de rocha primitiva na qual tudo estava contido e misturado e em que todas as coisas eram infinitamente pequenas. Em certo momento, essa rocha começa a girar e, pela força centrífuga, as coisas que estavam contidas nela vão sendo expelidas e separadas em opostos. Assim, vai se formando tudo o que nós conhecemos hoje. O movimento da rocha é iniciado por uma força chamada *noûs*, traduzido como “mente” ou “inteligência”. A **mente** é a causa do movimento que inicia o desenvolvimento do universo e o que controla a matéria.



**Leucipo e Demócrito** (460-370 a.C.) de Abdera radicalizaram a explicação dos pluralistas anteriores e conceberam a existência de corpos muito pequenos e indivisíveis, que seriam realidades estáveis responsáveis por compor a matéria como nós a conhecemos. O nome “átomo” significa “indivisível” e foi adotado pela Química, apesar de hoje sabermos que o que chamamos de átomo é, na verdade, composto de partes ainda menores que ele. Além de defender a indivisibilidade última da matéria, Demócrito também inovou ao reconhecer a existência do **vácuo** – é por isso que os átomos podem ficar em constante movimento. Por alguma força externa, sua combinação pode ser quebrada e eles voltam a se mover no vácuo.

## Revisando

**1. UPE 2022** A Filosofia aparece na Grécia por volta do século VII, antes de nossa era. Os primeiros filósofos foram designados pré-socráticos; Tales, Heráclito e Parmênides são alguns desses primeiros filósofos. Embora cada um deles tivesse um pensamento bastante peculiar, havia um problema comum que norteava a filosofia em seus primeiros anos de vida. Assinale a alternativa que corresponde ao debate fundamental dos pré-socráticos.

- a) Procuravam definir o princípio de todas as coisas, isto é, aquilo pelo qual existem e subsistem todas as coisas.
- b) Procuravam definir a essência de Deus, ou seja, como é possível criar o mundo a partir de seu exterior.
- c) Procuravam estabelecer quais as melhores leis para a *Pólis*, isto é, qual a melhor forma de governo.
- d) Procuravam distinguir a essência humana da essência dos outros seres, quer dizer, as características basilares do gênero humano.
- e) Procuravam estabelecer um método científico, ou seja, comprovar empiricamente a importância da filosofia.

**2. UEPG/PSS-PR 2019** Sobre mito e filosofia, assinale o que for correto.

- 01 A filosofia é uma cosmogonia atrelada a uma teogonia, pois traz uma explicação racional sobre a origem do mundo, a partir das narrativas míticas.
- 02 A filosofia é uma cosmologia e os mitos são cosmogonias e teogonias.
- 04 A filosofia exige uma explicação coerente, lógica e racional.
- 08 A filosofia é uma cosmologia, pois explica a origem do mundo baseando-se na razão, não admitindo contradições.

Soma:

**3. Uece 2019** “Como se sabe, a palavra *mythos* raramente foi empregada por Heródoto (apenas duas vezes). Caracterizar um *logos* (narrativa) como *mythos* era para ele um meio claro de rejeitá-lo como duvidoso e inconvincente. [...] Situado em algum lugar além do que é visível, um *mythos* não pode ser provado.”

HARTOG, F. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília, Editora da UnB, 2003, p. 37.

Sobre a diferença entre *mythos* e *logos* acima sugerida, é INCORRETO afirmar que

- a) o problema do *mythos* era limitar-se ao que é visível e, por isso, não podia ser pensado.
- b) filosofia e história nasceram, na Grécia clássica, com base numa mesma reivindicação do *logos* contra o *mythos*.
- c) o *mythos* não poderia ser submetido à clarificação argumentativa e à prova – demonstração – discursiva.
- d) em contraposição ao *mythos*, o *logos* era um uso argumentativo da linguagem, capaz de criar as condições do convencimento.

**4. UPE/SSA 2017** Observe o texto a seguir sobre a gênese do pensamento filosófico.

Com a filosofia, novo critério de verdade se impunha: o critério da logicidade. **Verdade** é aquilo que concorda com as leis do *lógos* (pensamento, razão). É a razão, que nos dá garantia da verdade, porque o real é racional.

LARA, Tiago Adão. *A Filosofia nas suas origens gregas*, 1989, p. 54.

Sobre a gênese do pensamento filosófico, está CORRETO afirmar que

- a) a evidência da verdade com o crivo da racionalidade tem resposta no mito.
- b) o critério da logicidade está presente na adesão à crença e ao mito.
- c) a gênese do pensar filosófico e a inspiração criadora de sentidos consistem na fantasia.
- d) a origem do pensamento filosófico surge entre os gregos, no século VI a.C., na busca por explicação do sobrenatural com a força do divino.
- e) o despertar da filosofia grega surge na verdade argumentada da razão com o critério da interpretação.

**5. UEPG/PSS-PR 2019** Sobre as investigações filosóficas iniciadas no período cosmológico, assinale o que for correto.

- 01 Pitágoras de Samos foi o primeiro filósofo a desenvolver uma investigação filosófica acerca da “*arché*”.
- 02 Tales de Mileto foi o primeiro filósofo a buscar respostas naturalistas e racionais para questões sobre o mundo.
- 04 Tales de Mileto buscou em suas investigações respostas acerca da origem do mundo e concluiu que o ar é o único elemento que se mantém no universo.
- 08 Os primeiros filósofos ficaram conhecidos como físicos ou filósofos naturalistas pelo fato de estudarem a *physis*.

Soma:

**6. UEL-PR 2019** Leia o texto a seguir.

Os corcéis que me transportam, tanto quanto o ânimo me impele, conduzem-me, depois de me terem dirigido pelo caminho famoso da divindade [...] E a deusa acolheu-me de bom grado, mão na mão direita tomando, e com estas palavras se me dirigiu: [...] Vamos, vou dizer-te – e tu escuta e fixa o relato que ouviste – quais os únicos caminhos de investigação que há para pensar, um que é, que não é para não ser, é caminho de confiança (pois acompanha a realidade): o outro que não é, que tem de não ser, esse te indico ser caminho em tudo ignoto, pois não poderás conhecer o não ser, não é possível, nem indicá-lo [...] pois o mesmo é pensar e ser.

PARMÊNIDES. *Da Natureza*, frags. 1-3. Trad. José Trindade Santos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009. p. 13-15.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a filosofia de Parmênides, assinale a alternativa correta.

- a) Pensar e ser se equivalem, por isso o pensamento só pode tratar e expressar o que é, e não o que não é – o *não ser*.
- b) A percepção sensorial nos possibilita conhecer as coisas como elas verdadeiramente são.
- c) O ser é mutável, eterno, divisível, móvel e, por isso, a razão consegue conhecê-lo e expressá-lo.
- d) A linguagem pode expressar tanto o *que é* como o *que não é*, pois ela obedece aos princípios de contradição e de identidade.
- e) O *ser é* e o *não ser* não é indicam que a realidade sensível é passível de ser conhecida pela razão.

**7. UFU-MG 2018** Considere o seguinte texto do filósofo Heráclito (século VI a.C.).

Para as almas, morrer é transformar-se em água; para a água, morrer é transformar-se em terra. Da terra, contudo, forma-se a água e da água, a alma.

Heráclito. Fragmentos, extraído de: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. Tradução do autor.

Em relação ao excerto acima, podemos afirmar que ele ilustra

- a) a concepção heraclitiana que valoriza a importância do movimento na descrição da realidade.
- b) a concepção dialética do pensamento heraclitiano, segundo a qual o movimento é uma ilusão dos sentidos.
- c) a concepção heraclitiana da realidade, segundo a qual a multiplicidade dos fenômenos subjaz uma realidade única.
- d) o pensamento religioso de Heráclito, segundo o qual a morte é a libertação da alma.

**8. UFSJ-MG** Na busca do conhecimento, os filósofos da segunda metade do século VI a.C. identificaram um “princípio unificador da natureza”. Marque a alternativa que CORRETAMENTE explicita tal afirmação.

- a) Para Aristóteles “o primeiro motor”; para Heráclito “o logos”; para Anaxágoras “o nous”.
- b) Para Parmênides “o ser”; para Heráclito “o logos”; para Anaxágoras “o nous”.
- c) Para Parmênides “o ser”; para Anaxágoras “o logos”; para Platão “o mundo das ideias”, para Aristóteles “o primeiro motor”.
- d) Para Parmênides “o ser”; para Anaxágoras “o logos”; para Platão “o demiurgo”, para Aristóteles “a physis”.

**9. Enem PPL 2018** Demócrito julga que a natureza das coisas eternas são pequenas substâncias infinitas, em grande número. E julga que as substâncias são tão pequenas que fogem às nossas percepções. E lhes são inerentes formas de toda espécie, figuras de toda espécie e diferenças em grandeza. Destas, então, engendram-se e combinam-se todos os volumes visíveis e perceptíveis.

SIMPLÍCIO. Do Céu (DK 68 a 37). In: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (adaptado).

A Demócrito atribui-se a origem do conceito de

- a) porção mínima da matéria, o átomo.
- b) princípio móvel do universo, a arché.
- c) qualidade única dos seres, a essência.
- d) quantidade variante da massa, o corpus.
- e) substrato constitutivo dos elementos, a physis.

**10. UEM-PR** A filosofia ocidental origina-se na Jônia e na Magna Grécia. Entre os primeiros filósofos jônicos, destacam-se os nomes de Anaxágoras, Anaximandro, Anaxímenes e Tales de Mileto. Sobre o pensamento dos filósofos jônicos, assinale o que for correto.

- 01 Os filósofos jônicos polemizaram contra Sócrates e refutaram a filosofia socrática por considerá-la incapaz de fundamentar qualquer verdade e, por conseguinte, conduzir os homens ao ceticismo.
- 02 Sócrates criticava o caráter metafísico e subjetivista da filosofia jônica, pois acreditava que a filosofia deveria indagar a realidade objetiva.
- 04 Empédocles, filósofo da Magna Grécia, concordava com os jônicos no que se referia à procura da origem, isto é, a arché do cosmos na physis; todavia, Empédocles discordava dos jônicos, quando eles procuravam a origem em um único elemento da matéria.
- 08 A filosofia jônica distingue-se da representação mítica do mundo, pois rompe com uma explicação monogenética e sobrenatural da origem do cosmos, além de apresentar uma concepção natural e pluralista do universo.
- 16 A filosofia pré-socrática, que inclui a escola jônica, desenvolveu-se durante um período de grandes mudanças históricas ocorridas no nível jurídico-político da organização social da Grécia antiga.

Soma:

## Exercícios propostos

### 1. UPE 2022

Leia o texto de Marilena Chaui a seguir:

[...] Os chineses desenvolveram um pensamento muito profundo sobre a existência de coisas, seres e ações contrários ou opostos, que formam a realidade. Deram às oposições o nome de dois princípios: Yin e Yang. Yin é o princípio feminino passivo na Natureza, representado pela escuridão, o frio e a umidade; Yang é o princípio masculino ativo na Natureza, representado pela luz, pelo calor e pelo seco. Os dois princípios se combinam e formam todas as coisas, que, por isso, são feitas de contrários ou de oposições. O mundo, portanto, é feito da atividade masculina e da passividade feminina. Tomemos agora um filósofo grego, por exemplo, o próprio Pitágoras. Que diz ele? Que a Natureza é feita de um sistema de relações ou de proporções matemáticas produzidas a partir da unidade (o número 1 e o ponto), da oposição entre os números pares e ímpares, e da combinação entre as superfícies e os volumes (as figuras geométricas), de tal modo que essas proporções e combinações aparecem para nossos órgãos dos sentidos sob a forma de qualidades contrárias: quente-frio, seco-úmido, áspero-liso, claro-escuro, grande-pequeno, doce-amargo, duro-mole etc. Para Pitágoras, o pensamento alcança a realidade em sua estrutura matemática, enquanto nossos sentidos, ou nossa percepção, alcançam o modo como a estrutura matemática da Natureza aparece para nós, isto é, sob a forma de qualidades opostas. Qual a diferença entre o pensamento chinês e o do filósofo grego? O pensamento chinês toma duas características (masculino e feminino) existentes em alguns seres (os animais e os humanos) e considera que o Universo inteiro é feito da oposição entre qualidades atribuídas a dois sexos diferentes, de sorte que o mundo é organizado pelo princípio da sexualidade animal ou humana. O pensamento de Pitágoras apanha a Natureza numa generalidade muito mais ampla que a sexualidade própria a alguns seres da Natureza e faz distinção entre as qualidades sensoriais que nos aparecem e a estrutura invisível da Natureza, que, para ele, é de tipo matemático e alcançada apenas pelo intelecto, ou inteligência.

Convite à Filosofia – Marilena Chaui (Adaptado).

Assinale a alternativa que corresponde ao debate estabelecido por Chaui no texto acima.

- Embora existam diversas formas de pensar, a filosofia é um fenômeno grego e, portanto, ocidental.
- O fato de a filosofia ocorrer no mundo ocidental é prova da superioridade intelectual da cultura grega.
- A filosofia existia em toda parte do mundo, contudo, foram os gregos que melhor a definiram.
- A filosofia chinesa é bem mais elaborada que a filosofia grega, pois existia há muito mais tempo.
- O pensamento de Pitágoras é considerado filosofia, pois, assim como o pensamento chinês, estabelece uma relação entre a natureza e a matemática.

### 2. UPE/SSA 2018

Observe o texto a seguir sobre a gênese do pensamento filosófico:

Entre o fim do VII século e o começo do VI a.C., o problema cosmológico é o primeiro a destacar-se claramente como objeto de pesquisa sistemática diferente do impreciso complexo de problemas que já ocupavam a mente dos gregos ainda antes do surgir de uma reflexão filosófica verdadeira e própria.

(MONDOLFO, Rodolfo.

*O Pensamento Antigo*, São Paulo: Mestre Jou, 1966. p. 31.)

O texto retrata, com clareza, o problema cosmológico, objeto de estudo da filosofia

- Socrática.
- Platônica.
- Pré-socrática.
- Mítica.
- Pós-socrática.

### 3. UEPG-PR 2022

Com relação à compreensão filosófica do mito, assinale o que for correto.

- O mito é um tipo de pensamento por imagens.
- Nunca houve nenhuma tentativa filosófica de se compreender o mito.
- O mito é uma forma de discurso que representa e encarna um sentido vivido (vivenciado).
- Pode-se dizer que a consciência mítica é uma forma espontânea de ser (sujeito) no mundo.

Soma:

### 4. UEPG-PR 2018

Em relação à teoria parmenidiana e o fragmento abaixo, assinale o que for correto.

#### Via da Verdade

[...] Pois bem, dir-te ei – e tu escuta a minha palavra – quais as únicas vias de pesquisa que se podem pensar: uma que (o ser) é e não é possível que não seja – é o caminho da persuasão, porque vai direto a verdade – a outra que (o ser) não é necessário que não seja; [...].

Adaptado de: “Parmênides”. In: Giovanni Reale.

*História da Filosofia Antiga*. Trad. De Marcelo Perine.

São Paulo: Loyola, 1993. Vol.1. pp. 107-108 (Série História da Filosofia).

- Não é possível afirmar a existência do não ser porque o não ser não é.
- O texto descreve a forma com que Parmênides percebia o universo.
- O ser nunca muda, o ser simplesmente é e o não ser não é.
- Parmênides afirma que existe apenas um caminho para se chegar à verdade, definido como via da opinião, já que cada indivíduo, através dos sentidos, percebe de forma diferente as mudanças que ocorrem na physis.

Soma:

5. **UFU-MG 2017** Leia o fragmento de autoria de Heráclito.

Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome. Mas toma formas variadas assim como o fogo, quando misturado com essências, toma o nome segundo o perfume de cada uma delas.

BORNHEIM, G. (Org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 40.

Conforme o exposto, “Deus”, no pensamento de Heráclito, significa:

- a) A unidade dos contrários.
- b) O fundamento da religião monoteísta do período arcaico.
- c) Uma abstração para refutar o logos.
- d) A impossibilidade da harmonia no mundo.

6. **UFPR 2020** De acordo com Tales de Mileto, a água é origem e matriz de todas as coisas. Essa maneira de reduzir a multiplicidade das coisas a um único elemento foi considerada uma das primeiras expressões da Filosofia, porque:

- a) é um questionamento sobre o fundamento das coisas.
- b) enuncia a verdade sobre a origem das coisas.
- c) é uma proposição que se pode comprovar.
- d) é uma proposição científica.
- e) é um mito de origem.

## Texto complementar

### Conteúdo, método e escopo da filosofia

Pois bem, a partir de seu nascimento, a ciência filosófica apresentou de modo nítido as seguintes características, que dizem respeito, respectivamente, a) ao seu conteúdo, b) ao seu método, c) ao seu escopo.

a) Quanto ao conteúdo, a filosofia quer explicar a totalidade das coisas, ou seja, toda a realidade, sem exclusão de partes ou momentos dela, distinguindo-se assim estruturalmente das ciências particulares, que, ao invés, limitam-se a explicar determinados setores da realidade, grupos particulares de coisas e de fenômenos. [...]

b) Quanto ao método, a filosofia quer ser explicação puramente racional da totalidade que é seu objeto. O que vale em filosofia é o argumento da razão, a motivação lógica: é, numa palavra, o *lógos*. Não basta à filosofia constatar, verificar dados de fato, coletar experiências: a filosofia deve ir além do fato e das experiências para encontrar as suas razões, a causa, o princípio. [...]

c) Enfim, devemos esclarecer qual é o escopo da filosofia. E sobre este ponto Aristóteles explicou melhor do que todos que a filosofia tem um caráter puramente teórico, ou seja, contemplativo: ela visa simplesmente à busca da verdade por si mesma, prescindindo das suas utilizações práticas. Não se busca a filosofia por qualquer vantagem que lhe seja estranha, mas por ela mesma; ela é, pois, “livre” enquanto não se submete a qualquer utilização pragmática e, portanto, realiza-se e se resume em pura contemplação do verdadeiro.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1993. (Série História da Filosofia). p. 28-29.

## Resumindo

1. A filosofia surge na Grécia, no século VI a.C., rompendo com a tradição mitológica. Antes da filosofia, as pessoas encontravam respostas para questões de fenômenos que observavam nos mitos: narrativas orais sobre deuses e heróis, que se relacionavam em um tempo imemorial e apresentavam características e emoções humanas. A explicação para o mundo natural vinha, portanto, de um mundo sobrenatural, e a credibilidade dessa explicação estava apoiada na autoridade de quem falava – alguém responsável por transmitir as mensagens dos deuses aos seres humanos.
2. A filosofia nascente rejeita esse tipo de explicação e desenvolve um discurso que enxerga a natureza como um objeto de estudo capaz de oferecer razões para seu próprio funcionamento. Sua explicação não é mais personalizada e revelada pelos deuses, mas, ao contrário, constrói-se por argumentação e se oferece à crítica pública. Os fatores para que isso tenha acontecido nesse lugar e momento histórico são vários e relacionados à crescente abstração presente no cotidiano dos gregos e à vida nas cidades.
3. Há uma diversidade de filósofos nesse período, que se dedicam a oferecer uma explicação alternativa para a origem e a estrutura do universo. Essas explicações fundam-se na busca por uma substância primordial que formou tudo que existe – a *arché*. Surgem também questões sobre aparência e realidade, movimento e permanência e a capacidade dos sentidos de produzir conhecimento.

## Quer saber mais?



### Livros

**HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2013.**

**HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.**

Os dois poemas épicos de Homero constituem a principal referência disponível sobre a mitologia grega e contam histórias emocionantes de guerras, amor, vingança, ciúmes e coragem.



### Filme

***Troia*. Direção: Wolfgang Petersen, 2004. Classificação indicativa: 14 anos.**

O filme é inspirado no poema homérico *Ilíada* e conta a história da guerra entre gregos e troianos, iniciada quando Páris, príncipe de Troia, apaixona-se por Helena, rainha de Esparta, e a sequestra, causando a ira de Menelau, marido de Helena e rei de Esparta.

## Exercícios complementares

1. **Unesp 2022** A filosofia, além do privilégio histórico de ter sido a primeira tentativa de compreensão do mito, tem consciência, desde a sua origem, do seu parentesco com ele. A filosofia, se não é filha, é, pelo menos, irmã mais nova do mito e estabeleceu desde o seu berço uma fascinante relação de amizade e confronto com esse irmão mais velho. O alvorecer da filosofia na tradição ocidental mistura as suas luzes e sombras com as do mito que a precedeu na odisseia da humanidade.

Marcelo Perine. "Mito e filosofia". In: *Philosophos*, 2002. Adaptado.

A relação apresentada no texto expressa uma passagem transformadora na filosofia referente à

- organização da pólis.
  - reflexão sobre a ética.
  - expansão do território grego.
  - valorização das figuras divinas.
  - racionalização da natureza.
2. **UEL-PR 2018** Leia o texto a seguir.
- Que terá levado o homem, a partir de determinado momento de sua história, a fazer ciência teórica e filosofia? Por que surge no Ocidente, mais precisamente na Grécia do século VI a.C, uma nova mentalidade, que passa a substituir as antigas construções mitológicas pela aventura intelectual, expressa através de investigações científicas e especulações filosóficas?
- (PESSANHA, J. A. M. Do Mito à Filosofia. In: *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. p. 5. Coleção "Os Pensadores".)
- Com base no texto e nos conhecimentos a respeito da passagem do Mito ao Logos, indique as principais condições que marcaram o surgimento da Filosofia.
3. **UFU-MG 2018** "Pois pensar e ser é o mesmo"

Parmênides, Poema, fragmento 3, extraído de: *Os filósofos pré-socráticos*. Tradução de Gerd Bornheim. São Paulo: Cultrix, 1993.

A proposição acima é parte do poema de Parmênides, o fragmento 3. Considerando-se o que se sabe sobre esse filósofo, que viveu por volta do século VI a.C., assinale a afirmativa correta.

- Para compreender a realidade, é preciso confiar inteiramente no que os nossos sentidos percebem.
  - O movimento é uma característica aparente das coisas, a verdadeira realidade está além dele.
  - O verdadeiro sentido da realidade só pode ser revelado pelos deuses para aqueles que eles escolhem.
  - Tudo o que pensamos deve existir em algum lugar do universo.
4. **UEPG-PR 2022** Em relação às condições históricas para o surgimento da filosofia na Grécia antiga, assinale o que for correto.
01. A invenção da política foi um acontecimento de suma importância para o nascimento da filosofia.
  02. As viagens marítimas provocaram a busca por explicações mais consistentes acerca da origem do mundo.
  04. A invenção da política estimulou a necessidade de um espaço público para a palavra compartilhada (o discurso ou a palavra filosófica).
  08. A invenção da política fomentou a valorização do pensamento racional.

Soma:

5. **UEM-PR 2017** Em uma série de fragmentos, Heráclito de Éfeso (c. 540-c. 480 a.C.) legou à tradição filosófica ocidental uma explicação teórico-racional acerca da natureza do real e do vir-a-ser.

Considere os seguintes fragmentos do filósofo:

B49a: “Descemos e não descemos para dentro dos mesmos rios; somos e não somos”.

B10: “Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e todas as coisas, um, e de um, todas as coisas”.

B60: “O caminho para o alto e para baixo é um e o mesmo”.

MARCONDES, D. *Textos básicos de Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. 2ª ed., rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 15 e 16.

A partir dos fragmentos selecionados e considerando suas repercussões, assinale o que for correto.

- 01 O fragmento B60 é o fundamento para considerar Heráclito de Éfeso defensor do imobilismo, teoria segundo a qual o ser é imóvel, ou seja, não sujeito ao movimento ou ao vir-a-ser.
- 02 Heráclito de Éfeso defende que o real resulta do embate e da conjunção de aspectos contrários ou contraditórios, os quais o constituem incessantemente.
- 04 A teoria platônica das formas (ideias) reafirma a doutrina de Heráclito de que tudo flui, já que as formas estão sempre sujeitas ao movimento e ao vir-a-ser perpétuo.
- 08 Na teoria da substância, as noções de matéria e de forma e os conceitos de potência e de ato exprimem a tese de Aristóteles, em contraposição à tese de Heráclito, segundo a qual em todo processo de vir-a-ser algo permanece (a forma) e algo se transforma (a matéria).
- 16 A doutrina de Heráclito de Éfeso provocou grande debate na filosofia grega, influenciando, por exemplo, Aristóteles a elaborar uma defesa do princípio da não contradição, assim como a formulá-lo claramente.

Soma:

## 6. Enem 2016

### Texto I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. *Fragmentos (Sobre a natureza)*. São Paulo: Abril Cultural, 1996 (adaptado).

### Texto II

Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES. *Da natureza*. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das

- a) investigações do pensamento sistemático.
- b) preocupações do período mitológico.
- c) discussões de base ontológica.
- d) habilidades da retórica sofisticada.
- e) verdades do mundo sensível.

## BNCC em foco

EM13CHS103 e EM13CHS303

1. Quando nos perguntamos de onde vieram as primeiras ideias filosóficas, as sementes do pensamento moderno ocidental, não temos a menor dúvida da resposta: da Grécia Antiga, em particular do período entre os séculos 4 a.C. e 6 a.C. O início dessa aventura intelectual é marcado pelo aparecimento dos filósofos pré-socráticos, que, segundo sabemos, foram os primeiros a tentar responder questões sobre a natureza usando a razão e não a mitologia ou a religião [...] Segundo Aristóteles, o primeiro deles foi Tales, que postulou, em uma visão profundamente orgânica da natureza, que a substância fundamental do cosmo é a água. Com esse esforço, nasce a ideia de se buscar por uma estrutura material unificada no mundo [...] Para Tales

e seus discípulos, a natureza é uma entidade dinâmica, em constante transformação, se renovando indefinidamente em novas formas e criações. Essa visão foi criticada por uma outra escola pré-socrática, a escola fundada por Parmênides, que acreditava exatamente no oposto: o que é essencial não pode se transformar.

GLEISER, Marcelo. A imaginação pré-socrática e a origem da ciência. *Folha de S.Paulo*, 18 out. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe18109805.htm>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Com base na leitura do texto, identifique como o pensamento pré-socrático, apesar de suas diferentes concepções, pode ser atualizado para pensar questões da ciência contemporânea, como a Biologia Molecular?

Escultura de Sócrates, considerado o pai da Filosofia, em Atenas, Grécia.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

3

## Sócrates

Neste capítulo, entenderemos como Atenas passou a ser o centro da filosofia grega a partir do século V a.C. Veremos também como Sócrates despontou nesse contexto, completando a virada ao humanismo iniciada pelos sofistas, mas se opôs radicalmente a eles em suas concepções filosóficas. Por fim, estudaremos como Sócrates sofreu e enfrentou os preconceitos da sociedade ateniense.

- A Atenas de Sócrates.
- A filosofia socrática.

## A Atenas de Sócrates

A Atenas do século V a.C. havia se tornado um ótimo lugar para alguém com pretensões filosóficas. Um evento que elevou a importância ateniense ocorreu no início desse século, com uma grande guerra entre os gregos e os persas – as chamadas Guerras Médicas. A vitória dos gregos garantiu a Atenas uma posição de liderança na Grécia, ao mesmo tempo que a democracia era fortalecida. A democracia ateniense guardava poucas semelhanças com as democracias atuais: nem todos os habitantes eram cidadãos, a participação política era direta e frequentemente era utilizado sorteio para preencher as vagas dos cargos públicos. Um dos principais responsáveis pela consolidação da democracia em Atenas foi Péricles, um estadista notável.



KLENZE, Leo von. *Acrópole de Atenas*, 1846, óleo sobre tela. Neue Pinakothek, Munique, Alemanha.

A filosofia pré-socrática era amplamente conhecida em Atenas, mas os filósofos atenienses não deram continuidade a ela. Ao contrário, abandonaram os problemas da natureza em prol dos problemas da vida humana, deixando de teorizar sobre a origem e a estrutura do cosmos para questionar sobre os valores que devemos respeitar, sobre o sentido e a natureza das leis e sobre a melhor vida possível. O que explica essa transformação?

Uma das causas foi, certamente, a forma de governo adotada em Atenas: a democracia, já que a filosofia era uma exigência em uma sociedade democrática. Outro fator foi o predomínio de Atenas sobre as outras cidades e sua consequente situação econômica favorável, que permitiu o incentivo da cultura e das artes. O domínio ateniense, no entanto, foi progressivamente rejeitado por outras cidades, culminando na Guerra do Peloponeso. A vivência democrática e a realidade da guerra exigiram reflexões difíceis por parte dos atenienses, abrindo espaço para um maior questionamento das questões humanas, ou seja, uma virada da filosofia para o humanismo.

Sócrates foi o personagem central dessa virada ao humanismo, mas não foi o único. O século V a.C. em Atenas foi marcado pela presença dos **sofistas**. Os sofistas eram estudiosos e pensadores com um amplo repertório que, entre outras coisas, se interessavam pelos assuntos da vida prática, associados à moral e à política. Eles encontraram

em Atenas uma grande demanda dos cidadãos por uma formação sobre as questões que passaram a ser essenciais à vida da cidade. Sócrates via os sofistas como seus opositores e acreditava que eles representavam um grande perigo para Atenas. Vejamos os motivos.

Em primeiro lugar, os sofistas cobravam por seus ensinamentos. Isso pode não parecer grave aos nossos olhos, mas estava muito distante da compreensão que Sócrates tinha do trabalho do filósofo e da missão que ele mesmo desempenhava. Em segundo lugar, o ensinamento dos sofistas tinha um objetivo completamente prático: ensinar a *areté*, ou seja, uma excelência em determinada atividade; Sócrates, por sua vez, não valorizava um conhecimento do tipo imediatista. O terceiro ponto, e o mais importante, tem a ver com o posicionamento filosófico dos sofistas, que em geral desconfiavam da possibilidade de alcançar o conhecimento absoluto.

Um dos sofistas mais conhecidos até hoje é Protágoras, autor da célebre frase:

O homem é a medida de todas as coisas.

PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2001. p. 49-152a.

A posição que Protágoras adota é o que hoje chamamos de relativismo: a verdade seria, assim, uma verdade relativa àquele que a enuncia. Mas quando buscamos a verdade ou o conhecimento, estamos interessados em uma verdade sobre como a realidade é. Essa verdade, para Protágoras, não existe. Nesse sentido, ele é um cético.

A atitude crítica dos sofistas com respeito aos valores e às noções de certo e errado abalava as concepções sobre o mundo social. Para o sofista Antífon, haveria uma lei natural, que é a que exige dos indivíduos a autopreservação, e a lei do Estado, que frequentemente evita que o ser humano cumpra a exigência da lei natural. Esse debate ficou conhecido como “a controvérsia *nomos-physis*”, uma vez que o termo *physis* significa “natureza”, como você já sabe, e *nomos* significa “convenção” ou “lei”, no sentido de lei estabelecida em uma sociedade.



FOLTZ, Philipp von. *A era de Péricles*, 1853, pintura (coloração posterior). Destruída durante a Segunda Guerra Mundial. Originalmente no Maximilianeum, Munique, Alemanha.



### ! Atenção

O **relativismo** é amplamente difundido na contemporaneidade e, muitas vezes, adotamos concepções relativistas sem nem mesmo saber disso. Você poderia responder que, no caso da natureza ou dos números, o relativismo não faz sentido, mas que, no mundo moral e político, não há uma realidade objetiva para confrontar nossas crenças, tal como acontece nas ciências experimentais. Sendo assim, se tudo depende de pontos de vista, isso significa que um assassino não tem que responder pelos seus atos se, dentro de seu sistema de crenças, sua ação foi justificada? Como se vê, o relativismo não é uma perspectiva facilmente aceitável.

Como já dissemos, há uma grande diversidade de posições entre os sofistas e nem todos têm tamanha desconsideração pelas leis da cidade quanto Antífon. Mas um fato comum a todos é que as concepções que eles desenvolveram não se fundamentavam em noções de certo e errado, mas em considerações pragmáticas. Para Sócrates, essa atitude era não apenas errada, mas também perigosa, e ele dedicou sua vida a combatê-la.

### 📖 Estabelecendo relações

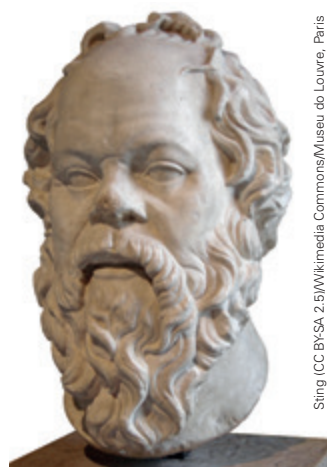
A controvérsia *nomos-physis*, em que os sofistas discutiam as relações entre a lei da cidade e uma suposta lei natural e de que forma os indivíduos deveriam regular seu comportamento, abriu espaço para uma ideia que terá grande importância na filosofia política dos séculos XVII e XVIII: a teoria do contrato social. Para os contratualistas, a sociedade seria fruto de um contrato entre os seres humanos, uma criação deliberada, e este contrato justificaria a necessidade de os cidadãos se submeterem às leis do Estado. Entre os sofistas, a teoria de Protágoras sobre a sujeição ao *nomos* se aproxima de uma concepção contratualista. Protágoras defende que, uma vez reunidos os seres humanos em comunidades e não mais vivendo de forma selvagem, foi preciso estabelecer leis que, ainda que não exprimam verdades morais absolutas, são úteis para o convívio social.

## A Filosofia Socrática

Sócrates nasceu em Atenas, por volta de 469 a.C., e cresceu naqueles anos dourados em que a cidade era uma democracia governada por Péricles e exercia hegemonia sobre o mundo grego. Sempre se mostrou um homem corajoso e firme. Participou de grandes combates e ganhou uma boa reputação como soldado. Como veremos, o comportamento de Sócrates despertou a desconfiança de muita gente e criou problemas para ele.

Há dois fatos da vida de Sócrates que foram fundamentais para voltar sua atenção para assuntos éticos e políticos: o desapontamento com a filosofia da natureza e a revelação do Oráculo de Delfos. O desapontamento foi motivado por uma avaliação de Sócrates, que considerava a filosofia da natureza dogmática. A revelação do Oráculo de Delfos ocorreu a seu amigo Querofonte, que havia perguntado se havia alguém mais sábio que Sócrates, e a resposta foi negativa. Sócrates não sabia nada, mas tinha consciência da própria ignorância. Daí provém a mais famosa afirmação atribuída a ele: “Só sei que nada sei”.

A missão divina destinada a Sócrates, portanto, era expor a ignorância de seus concidadãos. Essa tarefa, entretanto, incomodou aqueles que se consideravam sábios. Os que eram alvo dos questionamentos de Sócrates não gostavam de ter as próprias afirmações analisadas e criticadas e achavam muito desconfortável serem expostos em público por esse homem de incansáveis e incômodas perguntas.



Atribuída a LÍSIPO. Retrato de Sócrates, c. século I d.C., mármore. Museu do Louvre, Paris, França.

O diálogo socrático consistia em, por meio da **ironia**, fazer perguntas ao seu interlocutor, mostrando a inconsistência das opiniões inicialmente defendidas, e levá-lo a constatar por si mesmo seu estado de ignorância. O objetivo a ser alcançado nos primeiros diálogos era constatar a ignorância do interlocutor ao conduzi-lo a uma **aporia**. Nos diálogos posteriores de Platão, Sócrates começa com uma aporia e conduz o interlocutor a conclusões diferentes das crenças iniciais acerca do assunto discutido.

O método socrático deve ser dividido em três etapas. A primeira etapa do diálogo é chamada de **método do elenchos** (em grego, “refutação”), quando o erro deve ser mostrado. A segunda é chamada de **método dialético** (referente a diálogo), em que se propõe um novo conhecimento. O elemento comum às duas etapas é chamado de **maiêutica**; essa palavra vem do grego e significa “parteira” – e é exatamente esse o sentido pretendido por Sócrates. Ele reconhece que tem um dom: ajudar a “parir” das almas de outras pessoas as ideias que elas estão gestando. Esse trabalho é importante tanto para o método da refutação quanto para o método dialético.

A questão do método socrático é permeada de **controvérsias**. A principal delas diz respeito ao fato de Sócrates não ter deixado nada escrito. Os relatos foram feitos por alguns de seus discípulos e seguidores; entre eles, o mais importante foi Platão. A maior parte de sua obra é composta de diálogos em que Sócrates quase sempre aparece como personagem. Mas até que ponto os diálogos de Platão são retratos fiéis do que Sócrates pensava e dizia e em que medida as ideias são as do próprio Platão, expressas a partir do personagem Sócrates?

Alguns intérpretes defendem que todos os diálogos de Platão são uma reprodução fiel do método socrático. Contudo, os diálogos que expõem teses e sistemas filosóficos vão no sentido contrário da máxima socrática “só sei que nada sei”. Por esse motivo, de acordo com os estudiosos, os primeiros diálogos retratam mais fielmente o pensamento socrático, enquanto nos diálogos posteriores, Platão vai se afastando progressivamente de seu mestre para desenvolver um sistema filosófico próprio.

Haveria dois procedimentos comuns em todos os diálogos platônicos: a busca de definições universais e o uso



PERUGINO, Pietro. *Sócrates*, c. 1497, caneta e tinta sobre papel. Galleria degli Uffizi, Florença, Itália.

da indução. Sócrates defendia que era necessário estabelecer claramente o significado de cada termo filosófico. Por outro lado, muitas vezes era utilizada a indução para encontrar definições satisfatórias e, com base em uma série de exemplos particulares, pode-se chegar a definições ou conclusões gerais.

Sócrates não criou um sistema filosófico, mas defendeu algumas teses ou concepções filosóficas. A primeira concepção é a defesa de uma **filosofia centrada no ser humano**. Como já mencionamos, Sócrates marca a passagem de uma filosofia voltada para a natureza para uma filosofia centrada em problemas éticos e políticos. Outra forma de compreender essa virada ao humanismo seria vê-la como uma mudança de foco das origens para os fins. A ideia de uma explicação pelos fins terá força em toda a filosofia grega, especialmente com Aristóteles. Sócrates é o primeiro a chamar atenção para essa maneira de compreender o mundo.

Assim, chegamos à segunda concepção filosófica de Sócrates: “virtude é conhecimento”. A tese implica que qualquer pessoa que saiba o que é o bem vai praticá-lo e, da mesma forma, se alguém comete uma ação má, é porque não tinha conhecimento sobre a maldade da ação. Ou seja, agir mal é falta de esclarecimento, ignorância. Portanto, para alcançar a *areté*, a excelência como seres humanos, precisamos conhecer qual é o bem que devemos procurar. Se tivermos conhecimento da finalidade da vida humana, daquilo que vale a pena buscar porque tem valor por si só, jamais escolheremos fazer o contrário disso.

### Saiba mais

A ênfase de Sócrates no cuidado da alma pode não parecer estranha para você, mas, para os gregos, a valorização da alma foi uma grande novidade. Antes de Sócrates, os gregos não davam grande importância para a alma. O ser do indivíduo estava no corpo, assim como sua consciência, que, portanto, acabava com a morte física. Por isso, podemos afirmar que Sócrates “descobriu” a alma, uma vez que chamou atenção para ela e a caracterizou de maneira inovadora em seu tempo, declarando ser a alma o governante do corpo, capaz inclusive de resistir às paixões e aos impulsos deste. Se hoje essa compreensão da relação entre alma e corpo não nos é estranha, é porque somos herdeiros do pensamento socrático.

A finalidade da vida humana, segundo Sócrates, é a felicidade. E a felicidade está na **perfeição da alma**, que deve relacionar o conhecimento de si e a busca pelo bem. Para Sócrates, não poderíamos conhecer o bem por intermédio de outros. É preciso que cada um reconheça o bem, como uma espécie de revelação direta, portanto é impossível delegar a outros a tarefa de avaliar o bem e o mal; apenas fazê-lo por si mesmo.

Em 399 a.C., Sócrates foi levado a julgamento pela cidade de Atenas, acusado de impiedade e de corromper os jovens. A defesa que Sócrates apresentou no tribunal foi registrada na obra *Apologia*, de Platão. De acordo com a *Apologia*, Sócrates se defendeu da acusação de impiedade dizendo que foi em cumprimento a uma missão divina, recebida por meio do Oráculo de Delfos, que ele se pôs a praticar a filosofia. Sobre a acusação de corromper a juventude, Sócrates diz que não seria do interesse de ninguém tornar piores as pessoas de seu convívio, então ele jamais teria corrompido seus seguidores deliberadamente.

O julgamento de Sócrates foi feito por um júri composto de 500 cidadãos de Atenas, que o considerou culpado das acusações, por uma pequena margem de votos. Em seguida, tanto os acusadores quanto Sócrates deveriam propor, cada um, uma pena e os jurados escolheriam entre elas. Sócrates, de modo muito provocador, sugeriu uma recompensa: que fosse sustentado pela cidade como benfeitor público. Pela insistência e ajuda de seus discípulos, propõe depois o pagamento de uma multa, mas se nega a abandonar suas atividades filosóficas. Frente a isso, os jurados escolheram a pena proposta pela acusação: a **morte**.

Sócrates ficou preso esperando sua execução por algum tempo, devido a uma particularidade do calendário da cidade. Chegou a recusar uma possibilidade de fuga e, com muita serenidade, tomou o veneno que lhe foi entregue e morreu aos 70 anos. O legado de Sócrates para a humanidade não pode ser ignorado, pois representou a grande virada da filosofia em direção ao ser humano. Além disso, para fazer essa investigação profunda sobre o ser humano, Sócrates se mostrou um questionador incansável e resistente a qualquer forma de pressão social, aceitando até mesmo a morte como consequência de sua busca pela verdade.

DAVID, Jacques-Louis. *A morte de Sócrates*, 1787, óleo sobre tela. Museu Metropolitano de Arte, Nova York, Estados Unidos.



© Web Gallery of Art/Museu Metropolitano de Arte, Nova York

## Revisando

1. **IFCE 2019** O modo de pensar dos gregos antigos, sua organização política, sua cultura e arte deixaram marcas profundas na civilização ocidental. Sobre a história desse povo é **correto** afirmar-se que
- foi no período clássico ateniense que as mulheres conquistaram o direito de participação política e o livre exercício do voto.
  - o período clássico grego, em Atenas, é identificado como o apogeu da democracia, quando os cidadãos gozavam de ampla liberdade e o voto era universal e direto.
  - Esparta era uma cidade-estado que, apesar de militarista e voltada para a guerra, era regida por um sistema oligárquico que apresentava o pleno ideal de democracia.
  - a educação ateniense era voltada para a formação do cidadão e da cidadã, conhecedor(a) das suas tradições culturais e militares.
  - as guerras médicas correspondem aos confrontos entre atenienses e espartanos pelo controle da Confederação de Delos.



Texto para a questão 2.

O Ocidente havia conhecido somente três modos de acesso ao poder: o nascimento, o mais importante, a riqueza, muito secundário até o século XIII salvo na Roma Antiga, o sorteio, de alcance limitado entre os cidadãos das cidades gregas da Antiguidade.

(Jacques Le Goff. *Os intelectuais na Idade Média*, 1985. Adaptado.)

2. **Famerp-SP 2018** Na democracia ateniense da Antiguidade, havia um modo de exercício do poder político, que consistia no sorteio
- de cidadãos para o exercício de funções administrativas por um curto período de tempo.
  - de indivíduos da população da cidade para participarem da assembleia dos cidadãos na ágora.
  - de habitantes mais hábeis militarmente e mais cultos para comporem o conselho político da polis.
  - de homens e mulheres descendentes de gregos para governarem a cidade nos tempos de paz.
  - de estrangeiros aliados da cidade para auxiliarem os cidadãos nas decisões concernentes às relações entre as polis.
3. **Enem Libras 2017** Alguns pensam que Protágoras de Abdera pertence também ao grupo daqueles que aboliram o critério, uma vez que ele afirma que todas as impressões dos sentidos e todas as opiniões são verdadeiras, e que a verdade é uma coisa relativa, uma vez que tudo o que aparece a alguém ou é opinado por alguém é imediatamente real para essa pessoa.
- KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).
- O grupo ao qual se associa o pensador mencionado no texto se caracteriza pelo objetivo de
- alcançar o conhecimento da natureza por meio da experiência.

- justificar a veracidade das afirmações com fundamentos universais.
- priorizar a diversidade de entendimentos acerca das coisas.
- preservar as regras de convivência entre os cidadãos.
- analisar o princípio do mundo conforme a teogonia.

4. **UEM-PR 2017** Platão registra, em seu diálogo *Crátilo*, a análise de Sócrates acerca do valor das lições dos sofistas:

Sócrates – O ensino sobre os termos não é assunto de pouca importância. Se eu tivesse ouvido a lição de Pródico [de Ceós] de cinquenta dracmas, a qual garantia ao ouvinte ficar inteiramente formado acerca deste assunto, como ele assevera, nada te impediria de saber imediatamente toda a verdade acerca do uso correto das palavras. Mas só ouvi a lição no valor de um dracma.

(PLATÃO, *Crátilo*, 483B apud FIGUEIREDO, V. de (org.). *Filósofos na sala de aula*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007, vol. 2, p. 28).

Com fundamento no texto acima, assinale o que for **correto**.

- Não havia na sofística qualquer alusão à lógica e ao estudo da argumentação, restando apenas lugar à retórica, voltada à noção de argumento correto no contexto dos intensos debates públicos das assembleias democráticas.
- A preocupação com o uso da palavra ocorre no contexto da *pólis* grega, em que isegoria e participação política contrapõem o discurso mitológico ao discurso político. Neste prevaleciam a sagacidade, a discussão e a argumentação.
- O “ensino sobre os termos” era voltado ao desenvolvimento da argumentação, da habilidade retórica e da análise de doutrinas divergentes ou antilogias. Insuficiências nesse aprendizado eram prejudiciais aos negócios públicos e privados.
- Ao cobrarem pelo ensino de conceitos e de estratégias para estabelecer as teses pretendidas, os sofistas contribuíram para valorizar o saber, inaugurando uma forma de magistério que despertou a admiração de filósofos como Platão e Aristóteles.
- O apreço dos sofistas pelos discursos duplos (*dissoi logoi*) demonstra certa tendência antidogmática, o que teria levado esses autores, filósofos e pensadores, à formulação de concepções flexíveis sobre o gênero humano, a sociedade e a realidade.

Soma:

5. **Enem PPL 2019** Tomemos o exemplo de Sócrates: é precisamente ele quem interpela as pessoas na rua, os jovens no ginásio, perguntando: “Tu te ocupas de ti?” O deus o encarregou disso, é sua missão, e ele não a abandonará, mesmo no momento em que for ameaçado de morte. Ele é certamente o homem que cuida do cuidado dos outros: esta é a posição particular do filósofo.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

O fragmento evoca o seguinte princípio moral da filosofia socrática, presente em sua ação dialógica:

- a) Examinar a própria vida.
- b) Ironizar o seu oponente.
- c) Sofismar com a verdade.
- d) Debater visando a aporia.
- e) Desprezar a virtude alheia.

6. **UEL-PR 2018** Sócrates, Giordano Bruno e Galileu foram pensadores que defenderam a liberdade de pensamento frente às restrições impostas pela tradição. Na Apologia de Sócrates, a acusação contra o filósofo é assim enunciada:

Sócrates [...] é culpado de corromper os moços e não acreditar nos deuses que a cidade admite, além de aceitar divindades novas (24b-c).

Ao final do escrito de Platão, Sócrates diz aos juízes:

Mas, está na hora de nos irmos: eu, para morrer; vós, para viver. A quem tocou a melhor parte, é o que nenhum de nós pode saber, exceto a divindade. (42a).

(PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001. p. 122-23; 147.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a disputa entre filosofia e tradição presente na condenação de Sócrates, assinale a alternativa correta.

- a) O desprezo socrático pela vida, implícito na resignação à sua pena, é reforçado pelo reconhecimento da soberania do poder dos juízes.
- b) A aceitação do veredito dos juízes que o condenaram à morte evidencia que Sócrates consentiu com os argumentos dos acusadores.
- c) A acusação a Sócrates pauta-se na identificação da insuficiência dos seus argumentos, e a corrupção que provoca resulta das contradições do seu pensamento.
- d) A crítica de Sócrates à tradição sustenta-se no repúdio às instituições que devem ser abandonadas em benefício da liberdade de pensamento.
- e) A sentença de morte foi aceita por Sócrates porque morrer não é um mal em si e o livre pensar permite apreender essa verdade.

7. **UPE/SSA 2017** Sobre Filosofia e Reflexão, considere o texto a seguir:

### Sobre a Filosofia e Reflexão

Exprimir-se-á bem a ideia de que a filosofia é procura e não posse, definindo o trabalho filosófico como um trabalho de reflexão. O modelo de reflexão filosófica – e ao mesmo tempo seu exemplo mais acessível – é a “ironia” socrática.

(HUISMAN, Denis; VERGEZ, André. *Compêndio Moderno de Filosofia*, 1987, p. 25.)

O autor acima enfatiza o exemplo sobre Filosofia e Reflexão:

- a) no ato de interrogar os interlocutores, Sócrates expressava sua atitude reflexiva.
- b) a reflexão filosófica se inicia na consciência e na posse do saber.

- c) a reflexão filosófica nos faz refletir ao ensinar sua opinião com certeza irrefutável.
- d) na reflexão filosófica, Sócrates expressava sua opinião como verdadeira.
- e) ao perguntar, Sócrates delimitava o modelo e a posse da sabedoria.

8. **UFU-MG 2017** A respeito do método de Sócrates, assinale a alternativa que apresenta a definição correta de maiêutica.

- a) Um método sintético, que ignora a argumentação dos interlocutores e prontamente define o que é o objeto em discussão.
- b) Uma estratégia sofisticada, que é empregada para educar a juventude na prática da retórica, visando apenas ao ornamento do discurso.
- c) Um método analítico, que interroga a respeito daquilo que é tido como a verdadeira justiça, o verdadeiro belo, o verdadeiro bem.
- d) Uma iluminação divina, que deposita na mente do filósofo o conhecimento profundo das coisas da natureza.

9. **Unicentro-PR** Sobre o pensamento socrático, analise as afirmativas e marque com **V**, as verdadeiras e com **F**, as falsas.

- Sócrates é autor da obra *Ética a Nicômaco*.
- O pensamento socrático está escrito em hebraico.
- A ironia e a maiêutica são as bases de sua filosofia.
- Sócrates não criticou o saber dogmático, sendo, por isso, conselheiro dos governantes de Atenas.
- Os diálogos platônicos são importantes textos filosóficos que relatam, na maioria, o pensamento de Sócrates.

A partir da análise dessas afirmativas, a alternativa que indica a sequência correta, de cima para baixo, é a

- a) F V F V V      c) F F V F V      e) F V V V F
- b) V F V V F      d) V F F F V

10. **Uncisal** Na Grécia Antiga, o filósofo Sócrates ficou famoso por interpelar os transeuntes e fazer perguntas aos que se achavam conhecedores de determinado assunto. Mas durante o diálogo, Sócrates colocava o interlocutor em situação delicada, levando-o a reconhecer sua própria ignorância. Em virtude de sua atuação, Sócrates acabou sendo condenado à morte sob a acusação de corromper a juventude, desobedecer às leis da cidade e desrespeitar certos valores religiosos. Considerando essas informações sobre a vida de Sócrates, assim como a forma pela qual seu pensamento foi transmitido, pode-se afirmar que sua filosofia

- a) transmitia conhecimentos de natureza científica.
- b) baseava-se em uma contemplação passiva da realidade.
- c) transmitia conhecimentos exclusivamente sob a forma escrita entre a população ateniense.
- d) ficou consagrada sob a forma de diálogos, posteriormente redigidos pelo filósofo Platão.
- e) procurava transmitir às pessoas conhecimentos de natureza mitológica.

## Exercícios propostos

### 1. Unesp 2021

A crítica de Sócrates aos sofistas consiste em mostrar que o ensinamento sofístico limita-se a uma mera técnica ou habilidade argumentativa que visa a convencer o oponente daquilo que se diz, mas não leva ao verdadeiro conhecimento.

A consequência disso era que, devido à influência dos sofistas, as decisões políticas na Assembleia estavam sendo tomadas não com base em um saber, ou na posição dos mais sábios, mas na dos mais hábeis em retórica, que poderiam não ser os mais sábios ou virtuosos.

Danilo Marcondes. Iniciação à história da filosofia, 2010.

De acordo com o texto, a crítica socrática aos sofistas dizia respeito

- a) ao entendimento de que o verdadeiro conhecimento baseava-se no exercício da retórica.
- b) à desvalorização da pluralidade de opiniões e de posicionamentos político-ideológicos.
- c) ao prevalecimento das técnicas discursivas nas decisões da Assembleia acerca dos rumos das cidades-Estado.
- d) ao predomínio de líderes pouco sábios e com poucas virtudes na composição da Assembleia.
- e) à defesa de formas tirânicas de exercício do poder desenvolvida pela retórica convincente.

### 2. UEM-PR São designados sofistas os interlocutores de Sócrates e Platão, pertencentes ao século V a.C., que deram enfoque antropológico a questões morais, políticas e metafísicas que debatiam. Sobre a filosofia dos sofistas, assinale o que for **correto**.

- 01 A palavra sofista vem de *sophos*, “sábio”, pois designava os professores da sabedoria. Adquiriu, posteriormente, sentido pejorativo, em virtude da utilização de raciocínios capciosos, chamados “sofismas”.
- 02 O pensamento dos sofistas foi valorizado por Georg Wilhelm Hegel, no século XIX, que chamava o período em que viveram de “Aufklärung grega”, comparado ao Iluminismo do século XVIII.
- 04 Os sofistas não representam a nobreza aristocrática enraizada de Atenas, razão pela qual não praticavam a filosofia por amor à sabedoria, como Sócrates, Platão e Aristóteles, uma vez que, para garantir a subsistência, cobravam por suas aulas.
- 08 Platão, na obra *Teeteto*, opõe-se radicalmente a Protágoras, autor da afirmação “o homem é a medida de todas as coisas”.
- 16 Pelo teor fortemente relativista em suas teses sobre a origem das espécies, Aristóteles também pode ser considerado um sofista.

Soma:

### 3. UPE/SSA 2017 Sobre a temática da Filosofia na História, analise o texto a seguir:

Há, pois, uma inseparável conexão entre filosofia e história da filosofia. A filosofia é histórica, e sua história lhe pertence essencialmente. E, por outra parte, a história da filosofia não é uma mera informação erudita acerca das opiniões dos filósofos. Senão que é a exposição verdadeira do conteúdo real da filosofia. É, pois, com todo rigor, filosofia. A filosofia não se esgota em nenhum de seus sistemas, senão que consiste na história efetiva de todos eles.

MARIAS, Julián. *Historia de la Filosofía*. Madrid, 1956, p. 5.

Assim, é **CORRETO** afirmar que, na tradição histórica da filosofia,

- a) o racionalismo e o empirismo têm estritas relações com a solução integral do problema da vida na religião.
- b) os naturalistas pré-socráticos se preocuparam exclusivamente com a subjetividade e a matéria religiosa.
- c) o famoso lema “conhece-te a ti mesmo – torna-te consciente de tua ignorância” caracterizou o pensamento filosófico de Sócrates.
- d) o período da filosofia moderna é conhecido por se preocupar com as verdades reveladas.
- e) o período medieval teve como preocupação central a singularidade em relação ao sujeito do conhecimento.

### 4. UEA-AM O *sofista* é um diálogo de Platão do qual participam Sócrates, um estrangeiro e outros personagens. Logo no início do diálogo, Sócrates pergunta ao estrangeiro a que método ele gostaria de recorrer para definir o que é um sofista.

Sócrates: – Mas dize-nos [se] preferes desenvolver toda a tese que queres demonstrar, numa longa exposição ou empregar o método interrogativo?

Estrangeiro: – Com um parceiro assim agradável e dócil, Sócrates, o método mais fácil é esse mesmo; com um interlocutor. Do contrário, valeria mais a pena argumentar apenas para si mesmo.

(Platão. *O sofista*, 1970. Adaptado.)

É correto afirmar que o interlocutor de Sócrates escolheu, do ponto de vista metodológico, adotar

- a) a maiêutica, que pressupõe a contraposição dos argumentos.
- b) a dialética, que une numa síntese final as teses dos contendores.
- c) o empirismo, que acredita ser possível chegar ao saber por meio dos sentidos.
- d) o apriorismo, que funda a eficácia da razão humana na prova de existência de Deus.
- e) o dualismo, que resulta no ceticismo sobre a possibilidade do saber humano.

5. **UEPG-PR 2022** Sobre o exercício do filosofar sob o olhar socrático, assinale o que for correto.

- 01 Podemos entender o filosofar como um processo metódico que visa à elaboração de novos saberes.
- 02 O método socrático é essencial para a efetivação do processo de busca pela verdadeira sabedoria.
- 04 A prática do exercício do filosofar é expressa na ação de fazer questionamentos sobre o sentido do homem e do mundo.
- 08 Na prática do exercício do filosofar, a ironia socrática necessita ser acompanhada da maiêutica.

Soma:

6. **UEM-PR** Sócrates representa um marco importante da história da filosofia; enquanto a filosofia pré-socrática se preocupava com o conhecimento da natureza (*physis*), Sócrates procura o conhecimento indagando o homem. Assinale o que for correto.

- 01 Sócrates, para não ser condenado à morte, negou, diante dos seus juízes, os princípios éticos da sua filosofia.
- 02 Discípulo de Sócrates, Platão utilizou, como protagonista da maior parte de seus diálogos, o seu mestre.
- 04 O método socrático compõe-se de duas partes: a maiêutica e a ironia.
- 08 Tal como os sofistas, Sócrates costumava cobrar dinheiro pelos seus ensinamentos.
- 16 Sócrates, ao afirmar que só sabia que nada sabia, queria, com isso, sinalizar a necessidade de adotar uma nova atitude diante do conhecimento e apontar um novo caminho para a sabedoria.

Soma:

## Texto complementar

### A importância de Sócrates

Parece que Sócrates admitiu implicitamente existir em todos os homens um desejo inato do bem. É também nesse sentido que se apresentava como um simples parteiro, cujo papel limitava-se a fazer que seus interlocutores descobrissem suas possibilidades interiores. Compreende-se melhor, então, a significação do paradoxo socrático: ninguém erra voluntariamente, ou ainda, a virtude é saber; ele quer dizer que, se o homem comete o mal moral, é porque a sua alma e todo seu ser onde está o verdadeiro bem. O papel do filósofo consistirá em permitir a seu interlocutor “realizar”, no sentido mais forte da palavra, o verdadeiro bem, o verdadeiro valor. No fundo do saber socrático, há amor do bem.

O conteúdo do saber socrático é, no essencial, “o valor absoluto da intenção moral” e a certeza de que procura a escolha desse valor. Evidentemente, a expressão é moderna. Sócrates não a teria empregado. Mas ela talvez seja útil para ressaltar todo o alcance da mensagem socrática. Pode-se dizer que um valor é absoluto para um homem quando ele está prestes a morrer por esse valor. É precisamente a atitude de Sócrates, quando se trata do “que é o melhor”, isto é, da justiça, do dever, da pureza moral.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1995. p. 62-63.

## Resumindo

- 1. Após seu surgimento direcionado para a compreensão do mundo natural, a filosofia grega viveu uma grande virada a partir do século V a.C., centralizada em Atenas: ela passou a se ocupar de assuntos autenticamente humanos, ou seja, do que chamamos de ética e política.
- 2. Essa transformação, impulsionada por circunstâncias históricas, se deu com a colaboração dos sofistas, pensadores que se dedicavam a refletir sobre as habilidades necessárias para a vida em sociedade e a ensiná-las a seus discípulos.
- 3. O filósofo mais importante desse período, no entanto, foi Sócrates, que se colocou em oposição direta aos sofistas por rejeitar seu ceticismo e seu relativismo frente a assuntos morais.
- 4. Desenvolvendo um método baseado no questionamento e no diálogo, assim como na força do reconhecimento da própria ignorância, Sócrates buscou definições de termos morais e defendeu a importância do conhecimento de si e da autonomia da reflexão.
- 5. Por rejeitar as tradições e a submissão moral, além de ser impopular frente a pessoas que se sentiam ameaçadas por ele, Sócrates foi levado a julgamento e, negando-se a abandonar aquilo que considerava sua missão divina – a prática da filosofia –, foi condenado à morte por seus concidadãos.

## Quer saber mais?



### Livros

**PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM, 2008.**

Uma das principais fontes sobre a vida e a morte de Sócrates, a obra escrita por seu discípulo apresenta o discurso que Sócrates teria feito perante o tribunal ateniense para se defender das acusações apresentadas contra ele.

**TAYLOR, C. C. W. *Sócrates*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.**

Neste livro, o autor discorre sobre o “personagem” Sócrates dos diálogos registrados por Platão, comparando-o aos dados históricos sobre a existência do filósofo.



### Filmes

***Sócrates*. Direção: Roberto Rossellini, 1971. Classificação indicativa: livre.**

Conta o final da vida de Sócrates, após a chegada dos Trinta Tiranos ao poder, incluindo a morte e o julgamento do pensador.

***A felicidade não se compra*. Direção: Frank Capra, 1946. Classificação indicativa: livre.**

O clássico filme de Natal americano, considerado uma das melhores produções de todos os tempos. Traz questionamentos importantes sobre a relação entre moralidade e felicidade e sobre a importância do conhecimento de si e do exame da própria vida.

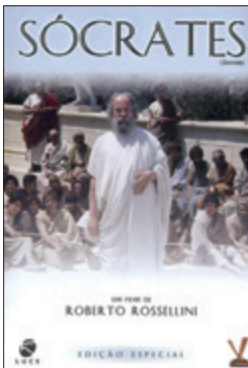
Reprodução



Reprodução



Reprodução



Reprodução



## Exercícios complementares

1. **Enem PPL 2019** Quando se trata de competência nas construções e nas artes, os atenienses acreditam que poucos sejam capazes de dar conselhos. Quando, ao contrário, se trata de uma deliberação política, toleram que qualquer um fale, de outro modo não existiria a cidade.

BOBBIO, N. *Teoria geral da política*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000 (adaptado).

De acordo com o texto, a atuação política dos cidadãos atenienses na Antiguidade Clássica tinha como característica fundamental o(a)

- a) dedicação altruísta em ações coletivas.
  - b) participação direta em fóruns decisórios.
  - c) ativismo humanista em debates públicos.
  - d) discurso formalista em espaços acadêmicos.
  - e) representação igualitária em instâncias parlamentares.
2. **UFU-MG 2017** A respeito do método de Sócrates, assinale a alternativa que apresenta a definição correta de maiêutica.
- a) Um método sintético, que ignora a argumentação dos interlocutores e prontamente define o que é o objeto em discussão.
  - b) Uma estratégia sofisticada, que é empregada para educar a juventude na prática da retórica, visando apenas ao ornamento do discurso.
  - c) Um método analítico, que interroga a respeito

daquilo que é tido como a verdadeira justiça, o verdadeiro belo, o verdadeiro bem.

- d) Uma iluminação divina, que deposita na mente do filósofo o conhecimento profundo das coisas da natureza.

3. **UFPR 2019** Outra coisa não faço senão andar por aí persuadindo-vos, moços e velhos, a não cuidar aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não vem a virtude para os homens, mas das virtudes vêm os haveres e todos os outros bens particulares e públicos. Se com esses discursos corrompo a mocidade, seriam nocivos esses preceitos; se alguém afirmar que digo outras coisas e não essas, mente. Por tudo isso, atenienses, diria eu, quer atendaís a Ânito, quer não, quer me dispenseis, quer não, não hei de fazer outra coisa, ainda que tenha de morrer muitas vezes.

(PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Trad. Jaime Bruna. Coleção Os Pensadores. Vol. II. São Paulo: Victor Civita, 1972, p. 21.)

Com base no texto acima, responda: em que consiste a tarefa de Sócrates? Ele está disposto a abandonar essa tarefa? Se está disposto ou não, como isso se evidencia no texto? Sob que condição os preceitos que Sócrates prega seriam nocivos?

4. **UFPR 2018** Mas aqueles, varões, são mais hábeis – os que, se encarregando da educação da maioria de vocês desde meninos, tentavam convencê-los e me acusar de algo ainda mais não verdadeiro: de que há um certo Sócrates, homem sábio, pensador das coisas suspensas no ar, e que tem investigado tudo o que há sob a terra, e que torna superior o discurso inferior.

[...] Depois, esses acusadores são muitos e têm me acusado já faz muito tempo, falando junto a vocês, além do mais, naquela idade em que mais seriam convencidos (alguns de vocês eram meninos ou adolescentes), simplesmente acusando de forma isolada – sem que houvesse defesa. [...] E todos que, servindo-se da inveja e da calúnia, tentavam convencê-los, mais os que, uma vez convencidos eles mesmos, iam convencendo outros – todos esses são os mais inacessíveis, pois não é possível fazer subir aqui nem refutar a nenhum deles; simplesmente é imperioso bater-se como que com sombras ao se defender e refutar sem que haja resposta.

Aceitem então vocês também, segundo estou lhes dizendo, que se repartem em dois meus acusadores – de um lado os que me acusaram há pouco, e de outro os que há tempos (dos quais eu estava falando).

(PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. André Malta. Porto Alegre: LP&M, 2016, p. 67-68.)

A partir da citação acima e de outros trechos da obra, responda: em quais categorias Sócrates divide seus acusadores? Que categoria de acusadores Sócrates considera a mais temível e que razões ele apresenta para embasar seu diagnóstico?

5. **Unesp 2021**

#### Texto 1

O significado do termo *kosmos* para os gregos pré-socráticos liga-se diretamente às ideias de ordem, harmonia e mesmo beleza. [...] O cosmo é assim o mundo natural, bem como o espaço celeste, enquanto realidade ordenada de acordo com certos princípios racionais. A ideia básica de cosmo é, portanto, a de uma ordenação racional, uma ordem hierárquica, em que certos elementos são mais básicos, e que se constitui de forma determinada, tendo a causalidade como lei principal.

Danilo Marcondes. *Iniciação à história da filosofia*, 2010.

#### Texto 2

Quando a filosofia, pela mão de Sócrates, “desceu do céu à terra”, na sugestiva expressão de Cícero, o homem passou a ser o centro das indagações dos pensadores gregos. Platão atribui ao mestre a busca obsessiva do ser e do saber humanos.

João Pedro Mendes. “Considerações sobre humanismo”. *Hvmanitas*, vol. XLVII, 1995.

Os textos caracterizam uma mudança importante na história do pensamento filosófico, trazida pela filosofia de Sócrates e que se expressou

- na defesa dos princípios participativos da democracia ateniense.
  - na busca pela compreensão do princípio fundamental da natureza.
  - no questionamento da vida social e política dos seres humanos.
  - na crítica aos prazeres humanos como finalidade da vida.
  - no desenvolvimento de uma teoria da causalidade.
6. **UFPR 2022** No diálogo *Hípias Maior*, de Platão, Sócrates declara: “Recentemente, alguém me pôs em grande apuro, numa discussão em que eu rejeitava determinadas coisas como feias e elogiava outras por serem belas, havendo me perguntado em tom sarcástico, o interlocutor: qual é o critério, Sócrates, para reconheceres o que é belo e o que é feio? Vejamos, poderás dizer-me o que seja o belo?”
- Considerando a passagem acima e a obra de que foi extraída, é correto afirmar que, de acordo com Sócrates:
- só é possível dizer o que é o belo depois de se ter identificado determinadas coisas como belas.
  - a dificuldade se coloca para os juízos sobre a beleza, mas não para os juízos de verdade, tais como “isto é uma mesa”.
  - para identificar algo como belo, é preciso antes conhecer o que é o belo.
  - o critério para distinguir entre o belo e o feio varia segundo as pessoas.
  - não há distinção entre o belo e as coisas belas.

## BNCC em foco

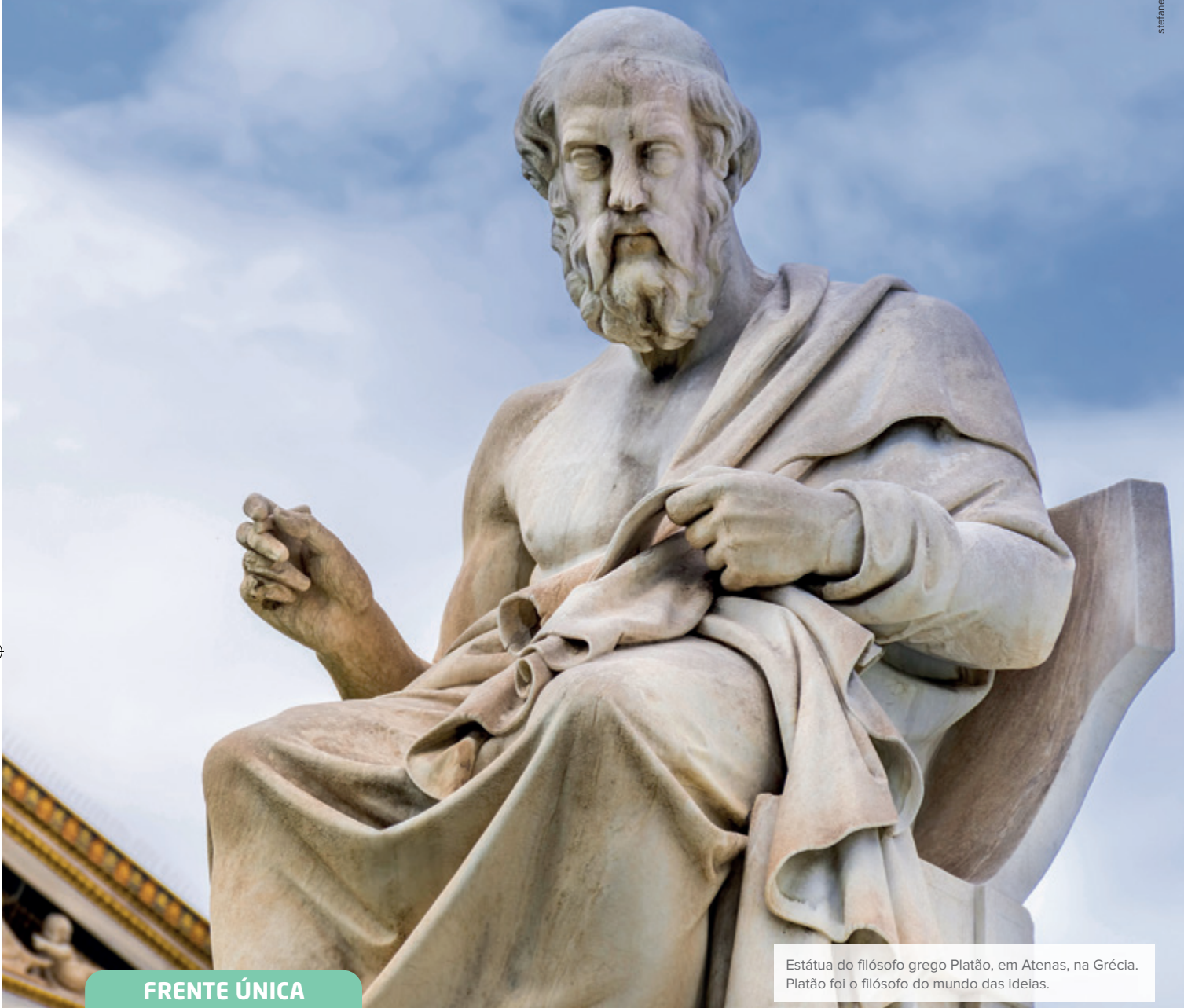
EM13CHS103 e EM13CHS503

- Para Sócrates, o saber não é um conjunto de proposições e fórmulas feitas que se pode escrever ou vender. Para ele, o saber não é um objeto fabricado, um conteúdo acabado, transmissível diretamente pela escritura ou por qualquer outro discurso. Qual é a crítica que Sócrates está fazendo aos sofistas?

EM13CHS103 e EM13CHS503

- Na concepção de Sócrates, o que é ter a filosofia como postura de vida?





Estátua do filósofo grego Platão, em Atenas, na Grécia. Platão foi o filósofo do mundo das ideias.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

4

## Platão

Neste capítulo, vamos introduzir a filosofia de Platão. Em primeiro lugar, veremos como várias tradições e influências diferentes foram recebidas por ele. A seguir, você será apresentado à célebre teoria das ideias. Platão também desenvolveu uma teoria da alma que explica como nos relacionamos com as ideias. Por fim, serão abordados brevemente outros temas tratados pelo filósofo, como sua concepção sobre o surgimento do Universo, o ciclo de reencarnação das almas e a sua visão sobre a arte.

- Os antecedentes do pensamento platônico.
- A teoria das ideias.
- *A República* e *o Timeu*.

## Os antecedentes do pensamento platônico

A base do pensamento platônico reside em três elementos: tentativa de restaurar a pólis em crise, solucionar os pontos controversos do pensamento socrático e lidar com os dilemas da herança dos pré-socráticos. O modo de vida da pólis era característico da Grécia clássica, mas estava ameaçado na época de Platão e seria destruído completamente em um futuro próximo pelas conquistas dos macedônicos, que anexaram a Grécia a um império e acabaram com seu modo de organização próprio.

A conquista pelo Império Macedônico, contudo, foi apenas o final de um processo de decadência da pólis que, à época de Platão, já era significativo. Os fatores que levaram a essa crise são, por um lado, as guerras que as cidades gregas travaram entre si, sendo a Guerra do Peloponeso especialmente danosa para a cidade de Atenas, que foi derrotada, e, por outro, o crescente enfraquecimento dos valores e das tradições em que se baseava a pólis.

O questionamento das tradições, que começou a ocorrer em torno do século V a.C., vinha de três fontes diferentes: os filósofos pré-socráticos, os sofistas e os místicos. Os primeiros questionavam as explicações tradicionais para a origem e o ordenamento do mundo físico e a própria existência de deuses tais como concebidos pela religião grega. Os segundos trouxeram a discussão sobre a origem convencional dos valores morais e sobre a possibilidade de uma lei natural oposta à lei da cidade, que nada tinha de divina. Os terceiros, influenciados pelos ensinamentos do orfismo (conjunto de crenças e práticas religiosas cujas origens são atribuídas ao poeta mítico Orfeu), traziam uma nova compreensão do divino e do sobrenatural, defendendo a religião como uma preocupação do indivíduo, e não do Estado.

As bases tradicionais da cidade-Estado estavam minadas, mas Platão, como pensador político, decidiu defender a sua permanência. Ao fazê-lo, reinventou completamente a cidade-Estado levando seus ideais às últimas consequências e, também, precisou incluir em seu sistema uma compreensão da realidade que fosse capaz de fundar as novas estruturas sociais, como antes a religião grega sustentava a pólis tradicional.

Por outro lado, dois pontos da filosofia de Sócrates apresentavam dificuldades. O primeiro era justamente o resultado da insistência socrática em acreditar que termos morais têm significado objetivo e único e, ao mesmo tempo, em buscar definições gerais para eles, superando os casos particulares. O segundo ponto controverso do pensamento socrático é a importância que ele dá à alma. É uma surpresa para os atenienses que Sócrates defendesse o cuidado da alma e confiasse na capacidade desta para reconhecer o bem e o mal.

Enquanto é um herdeiro claro de Sócrates e tem os temas morais e políticos como prioridade, Platão recebe os questionamentos dos pré-socráticos e oferece uma resposta para eles. Além de Heráclito e Parmênides, outro pré-socrático teve influência determinante no pensamento de Platão – Pitágoras. Platão entrou em contato com seu pensamento por meio das comunidades pitagóricas que encontrou em

viagens às cidades gregas do sul da Itália e da Sicília. A filosofia pitagórica combinava de forma curiosa elementos matemáticos com elementos místicos e religiosos.

Organização política, moralidade objetiva, entendimento sobre a alma, possibilidade de conhecimento verdadeiro: são muitos os temas que motivam Platão em seu desenvolvimento filosófico, e uma de suas características mais notáveis é justamente a habilidade de reunir de forma articulada soluções a problemas, aparentemente, tão diversos. A teoria platônica que perpassa todos esses temas é também a mais famosa – a teoria das ideias.

## A teoria das ideias

Platão postula a existência de um outro tipo de realidade, diferente da que percebemos pelos sentidos e pelas experiências cotidianas, que, por estar fora do espaço e do tempo, não está sujeita à mudança. Esses novos objetos são as chamadas **ideias platônicas**.



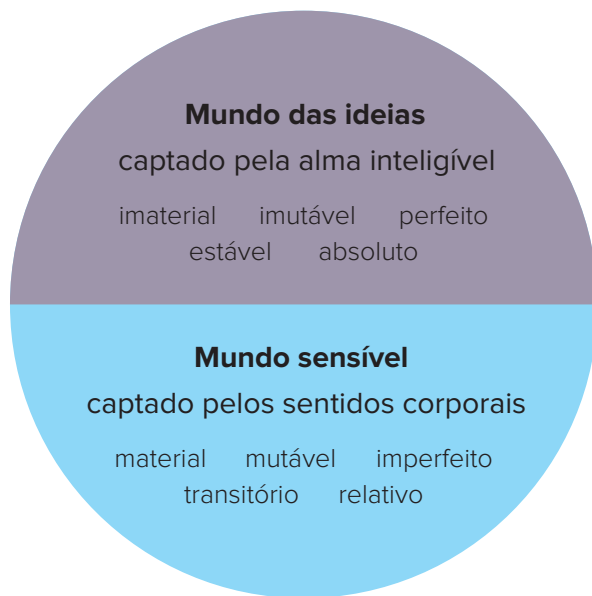
Teoria platônica das ideias: os entes particulares participam em certo grau de uma Ideia perfeita no mundo das ideias.

Considere, por exemplo, o conceito de justiça. Este único termo pode ser aplicado a diversos casos – podemos dizer que uma pessoa é justa, ou que uma situação é justa, ou que uma decisão é justa. Nenhum desses casos, no entanto, representa a justiça completa, mas são apenas formas particulares e, portanto, limitadas da justiça. Platão diria que esses casos são instanciações da ideia de Justiça, ou que participam da ideia de Justiça, que é ela mesma perfeita e imutável. Como as instanciações são imperfeitas, é possível que em uma situação vejamos alguns elementos justos e outros injustos, o que pode gerar discordâncias. Também é possível que algo seja justo em um momento, mas, depois, deixe de sê-lo. A justiça não é apenas um conceito ou uma palavra; ela existe em uma realidade diferente do nosso mundo cotidiano – o chamado **mundo das ideias**.

### ! Atenção

Tome muito cuidado com o termo: o fato de serem chamadas ideias não significa que a existência delas se resume às nossas mentes. Ao contrário, as ideias platônicas são as únicas coisas que existem de maneira totalmente independente. A facilidade de confundirmos as ideias platônicas com conteúdos de nossa própria mente e criados por ela vem do fato de usarmos a palavra “ideia”, que posteriormente adquiriu esse sentido.

Para Platão, o conhecimento verdadeiro é possível porque seus objetos não pertencem ao **mundo sensível**, sujeito à mudança e à destruição, mas ao **mundo das ideias**, também chamado por ele de mundo inteligível, que é o mundo da estabilidade e da perfeição. O conhecimento do mundo sensível, então, se limita ao que conhecemos sobre as ideias, na medida em que os objetos sensíveis participam delas. São as ideias o objeto do conhecimento por excelência. Ao mesmo tempo, as ideias oferecem um correspondente objetivo para os termos gerais e são tomadas como modelo para as avaliações morais na vida cotidiana. Com essa proposta, Platão oferece uma solução ao problema do conhecimento herdado dos pré-socráticos e também completa a filosofia de seu mestre.



A proposta de Platão para separar o que pertence ao mundo das ideias e o que está no mundo sensível.

O conhecimento de realidades que estão além do mundo físico seria impossível para nós se nossa alma não pertencesse ao mundo inteligível e eterno e se a vida terrena não representasse um encarceramento da alma no corpo. Assim, se podemos intuir as ideias de Beleza ou Justiça, ou quaisquer outras, isso não se explica pelo fato de vermos coisas belas ou experimentarmos ações justas – porque essas coisas e ações são belas e justas de forma imperfeita, limitada e passageira. Se podemos entender o significado da Beleza e da Justiça em si mesmas, é porque conhecemos essas ideias separadas dos casos particulares que as instanciam.

A experiência sensorial tem, no entanto, um importante papel no processo de conhecimento: é a partir do que experimentamos em nossa vida cotidiana que somos lembrados do conhecimento das ideias perfeitas que possuíamos antes de encarnarmos em nossa forma atual. Conhecer não é descobrir, mas **lembrar** aquilo que nossa alma já conheceu e que esquecemos ao nos tornarmos seres corpóreos. Precisamos, assim, usar a sensação para ir além dela e reconhecer com nossa capacidade inteligível a existência de uma realidade que vai além do mundo físico.



pathdoc/Shutterstock.com

Para Platão, conhecer é, antes de tudo, recordar-se.

### Estabelecendo relações

Você pode achar que as ideias platônicas estão muito distantes da maneira que nós comumente pensamos a realidade. Além do fato de usarmos termos gerais e sugerirmos a existência de uma referência comum para esses termos, outro exemplo, trazido por Anthony Kenny, mostra um paralelo entre as ideias e um conceito usado em nosso cotidiano: os pontos cardeais. Considere, por exemplo, o conceito de “leste”. Podemos usar esse conceito para falar de vários lugares que estão a leste de nós – uma cidade que esteja a leste pode assim ser considerada parte do leste (participação) e encontra-se na mesma direção que o leste (imitação). Mas o leste não pode ser identificado com qualquer ponto no espaço, não importa quão a leste ele possa estar. [...] Nada senão o Leste pode ser irrestritamente qualificado como leste: o Sol é algumas vezes leste, algumas oeste; a Índia está a leste do Irã, mas a oeste do Vietnã, mas a todo momento e lugar o leste é leste.

KENNY, Anthony. *Uma nova história da filosofia ocidental*. São Paulo: Edições Loyola, 2011. v. 1. p. 83.

## A República e o Timeu

*A República* é considerada um diálogo do grupo intermediário da carreira de Platão em que a influência de Sócrates, ainda que sempre presente, já não é tão determinante e em que as ideias originais de Platão são desenvolvidas. O tema do diálogo é a justiça. Platão tomará para si a tarefa de sanar uma dificuldade que Sócrates tinha em sua refutação das teorias sofísticas.

Uma das teorias bastante difundidas na época e que Sócrates rejeitou era o hedonismo. Como os sofistas criam a distinção entre a lei dos homens e a lei da natureza e, em diversos casos, propõem a segunda como verdadeiro critério para a ação humana, considera-se que a força é o que determina o poder de ação do homem. De acordo com a natureza, o mais forte pode agir segundo seu próprio interesse e não sofrer consequências por isso.

Essa é exatamente a tese defendida pelo sofista Trasímaco no livro 1 de *A República*. E a maneira encontrada por Sócrates para combatê-la durante sua vida foi mostrar que o que desejamos ou o que nos dará prazer imediato nem sempre é o que será bom para nós em longo prazo. Ele enfatiza, então, a importância da racionalidade para determinar adequadamente o que é benéfico para além de nossos impulsos. A ênfase na necessidade do conhecimento para bem conduzir nossa vida é um marco do pensamento socrático.

De alguma forma, no entanto, o problema permanece: ainda que adotemos a posição de Sócrates e defendamos a necessidade de questionar o que é verdadeiramente benéfico, em vez de meramente prazeroso, ainda estaremos presos a uma concepção de justiça baseada no interesse egoísta de cada um e em concepções individualistas e relativistas sobre o que é esse benefício que queremos alcançar. Platão vê, então, a necessidade de ir além da solução socrática e fornecer uma nova concepção de justiça que afastasse definitivamente a resposta sofista. Também é importante para ele defender que a justiça é um bem por si mesmo.

A justiça, virtude própria do ser humano, significa a adequada realização de sua função, e, para Platão, essa função só será realizada quando o homem se estruturar de maneira correta; ordenar suas partes em função do todo. Essa tese, bastante difícil de assimilar, será exposta ao longo de toda a obra por meio da seguinte ideia: para entender o que é a justiça no indivíduo (a justiça como virtude que todos almejamos), pode ser útil compreender como seria a justiça em uma escala maior – na cidade. Platão se põe, assim, a conceber uma cidade-Estado justa.

Para Platão, a alma de cada indivíduo tem **três faculdades diferentes**, que a conduzem a diferentes objetos. A primeira dessas pulsões seria a **apetitiva**, que é aquilo em nós que busca o que precisamos para sobreviver e para termos prazer de forma imediata. É ela que responde pelo impulso sexual, pela busca de alimento e de conforto, por nossos instintos. A segunda é nossa faculdade **irascível**, que responde pelos sentimentos, busca a glória e é capaz de ira ou de coragem. O terceiro impulso que temos é o **racional**, que se dirige a buscar o conhecimento e que é capaz de controlar os outros impulsos quando estes são bem-educados.

Cada pessoa naturalmente tem uma dessas pulsões mais desenvolvidas que as outras, e todos deveriam fazer uso de seus talentos da melhor forma para que vivessem bem em sociedade. Ele identifica, assim, **três classes que formariam sua cidade**, às quais pertenceriam aqueles que se destacassem em sua aptidão para as funções. A primeira delas é a classe dos **camponeses e artesãos**, que trabalham para suprir as necessidades materiais de todos. A segunda é a classe dos **guerreiros**, responsáveis por defender a cidade, que deve cultivar a honra e a lealdade. A terceira é a classe dos **governantes**, destinada a planejar, organizar e tomar decisões para melhor ordenar o trabalho de todos.

Assim, cada uma das classes teria como função exercer uma das virtudes cardeais – os governantes, a sabedoria; os guerreiros, a coragem; os artesãos, a moderação – e a última delas, a justiça, estaria justamente na divisão equilibrada da cidade de acordo com as características de cada um. Da mesma forma, essas virtudes no indivíduo se mostram quando cada faculdade é bem cultivada e bem ordenada em relação às outras. Não existe justiça, portanto, sem que as outras virtudes estejam presentes.

Platão desenvolve a seguir todo um plano educacional para sua cidade, voltado a desenvolver virtudes e a identificar as pulsões preponderantes de cada um. Neste ponto, as preocupações éticas, políticas e educacionais abrem espaço para uma discussão metafísica e epistemológica, já que, para poder explicar os estágios mais altos

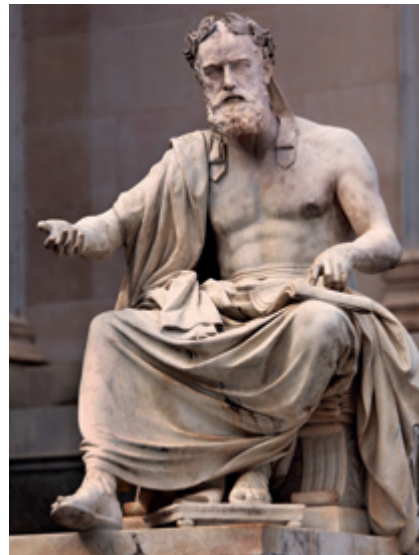
da educação dos governantes, Platão precisa expor sua teoria das ideias. Essa exposição ocupa a parte central do livro e é feita por meio de três alegorias – representações figuradas daquilo que o filósofo quer transmitir ao leitor, a saber, sua teoria das ideias. Assim, Platão sempre opta por expor figurativamente aquilo que não pode ser totalmente compreendido pela linguagem argumentativa.



Bridgeman Images/Easypix Brasil



Voropaev Vasily/Shutterstock.com



Vladimir Korostyshevsky/Shutterstock.com

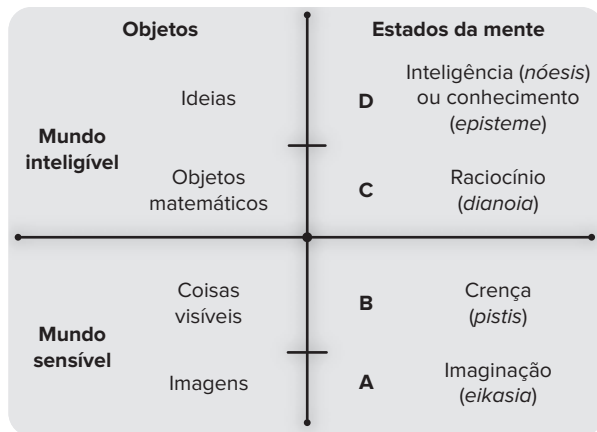
As três classes de *A República*, de Platão: os camponeses, os guerreiros e o governante sábio.

A primeira, a **Alegoria do Sol**, é menos conhecida e acaba por se integrar à terceira, que a completa. Vejamos, então, a segunda: a **Alegoria da Linha**. Platão sugere, de forma descritiva, uma representação visual que resume sua concepção da realidade e das possibilidades do conhecimento. A descrição ocorre da seguinte forma: imagine uma linha dividida em duas grandes partes, cada uma dividida também em duas partes menores, obtendo, assim, uma divisão em quatro partes. Platão sugere que as partes não

são divididas igualmente, mas mantendo uma mesma proporção em cada divisão. Nem mesmo entre os especialistas há consenso sobre o sentido dessa desigualdade; para nós, é suficiente imaginar as quatro partes iguais.

Para cada uma dessas partes, Platão credita um certo tipo de objeto e um tipo de conhecimento apropriado a esse objeto. O primeiro tipo de objeto são as sombras e reflexos de objetos físicos, sendo o modo de conhecimento correspondente a eles a imaginação. Esses são os objetos com menor grau de realidade, e o conhecimento correspondente é o que possui menor grau de clareza. Conforme seguimos a linha, há uma gradação crescente em ambos os aspectos: os objetos de conhecimento se tornam mais reais que os anteriores, servindo como modelos dos quais os anteriores são cópias, e o tipo de conhecimento envolvido se torna também mais claro. Das sombras e reflexos, passamos aos objetos físicos em si, cujo conhecimento correspondente é a crença. Essas duas primeiras partes ainda se encontram na primeira grande divisão, que corresponde ao mundo sensível, sujeito à mudança e à destruição.

Os próximos objetos na escala de realidade e consequente clareza de conhecimento são os objetos matemáticos: números, formas, proporções. Ainda que eu possa desenhar um triângulo ou construir um objeto em forma triangular, minha representação do triângulo não é o triângulo. O nome que ele dá a esse tipo de conhecimento pode ser traduzido como “raciocínio”. O último grau na escala de realidade e de clareza é ocupado pelas ideias. Elas são o modelo copiado por todas as outras formas de existência, e apenas com respeito a elas é possível haver a forma mais clara de conhecimento. O objetivo último do projeto educacional que Platão propõe para os governantes é a possibilidade de alcançar esse tipo de conhecimento, que ninguém pode ensinar diretamente, de forma que a cidade fosse governada por aqueles capazes de apreender diretamente as ideias de Justiça, Bondade, Harmonia, entre outras. Em resumo, Platão está propondo o governo do rei-filósofo.



Esquema que ilustra a Alegoria da Linha, de Platão.

A terceira alegoria trazida por Platão é, sem dúvida, a mais célebre de todas e talvez a parte mais conhecida de sua filosofia. Trata-se da **Alegoria da Caverna**, às vezes mais conhecida – de forma menos precisa – como

o mito da caverna. Ela se inicia assim: imagine um grupo de prisioneiros vivendo no fundo de uma caverna. Eles sempre viveram aprisionados, de modo que não sabem o que existe lá fora, e estão acorrentados de tal forma que são forçados a olhar sempre para o fundo da caverna. A caverna vai ficando mais baixa conforme nos aproximamos do fundo. Próximo à entrada, existe uma fogueira, cuja luz se projeta no fundo da caverna formando uma espécie de tela de cinema. Às vezes, pessoas carregando objetos passam entre a fogueira e o fundo da caverna, sendo suas sombras projetadas no fundo e vistas pelos prisioneiros. Como eles nunca saíram da caverna nem sequer puderam olhar para trás, isto é, diretamente para a fogueira, acreditam que apenas existam sombras e, portanto, que elas produzem os sons que eles escutam.

Platão narra, então, o que acontece quando um dos prisioneiros se liberta de suas correntes e sai da caverna, ainda que seja difícil e ele sinta seus olhos doerem ao se voltar para a luz. Ele passa por quatro etapas: primeiro, olha para as pessoas com os objetos passando em frente à fogueira e compreende que elas são as causas das sombras que os prisioneiros veem; depois, olha para a fogueira e compreende que ela é a fonte da luz que permite que as sombras sejam produzidas e que ele agora enxergue essas coisas diretamente; a seguir, ele sai da caverna e vê os mesmos objetos que viu dentro da caverna, agora iluminados pela luz do Sol, e percebe que eles se apresentam de forma muito mais nítida; o último estágio é conseguir olhar diretamente para o Sol e compreender que a existência de todo o resto depende dele, assim como nossa capacidade de enxergar tudo.



Ilustração da Alegoria da Caverna. As sombras parecem ser a realidade.

Platão coloca, então, a pergunta: o que aconteceria se o prisioneiro regressasse à caverna e contasse aos seus colegas tudo o que viu? Será que eles acreditariam nele? Ou relutariam em aceitar que tudo o que conheceram até agora era uma parte muito pequena da realidade? A resposta de Sócrates (o personagem que relata as alegorias) é que eles o tratariam como louco e o matariam.

A interpretação mais comum sobre a Alegoria da Caverna é considerá-la uma imagem de nossa relação com o conhecimento. Devido à dificuldade de abandonar nossas certezas e empreender esse doloroso processo de aquisição do conhecimento, muitas pessoas rejeitarão qualquer incentivo para que elas também busquem mais conhecimento e preferirão desacreditar aqueles que o fazem. A Alegoria da Caverna seria, assim, uma representação da busca pelo conhecimento e de suas dificuldades e, em algum sentido, da própria filosofia.

A Alegoria da Caverna nada mais é do que uma explicação mais figurativa do que a Alegoria da Linha. O interior da caverna representa o mundo sensível, em que tudo é material e, portanto, sujeito à mudança, oferecendo-se apenas a uma forma limitada de conhecimento – iluminado apenas pela fogueira. O exterior representa o mundo inteligível, em que os objetos podem ser vistos muito mais claramente, sendo o Sol o ápice de tudo que podemos conhecer e responsável pela luz que torna todo o resto acessível aos nossos olhos. A primeira alegoria, que não mencionamos, faz justamente um paralelo entre o Sol e a ideia do Bem, considerada por Platão superior em relação a todas as outras ideias e causa de tudo que existe.

Ao final de *A República*, Platão inclui outra narrativa que também se tornou bastante conhecida: o **Mito de Er**. Este é um mito tradicional da cultura grega, mas é alterado e usado por Platão para explicar sua teoria da reminiscência. Conta Platão que, após a morte, quando as almas estão fazendo a travessia entre uma encarnação e outra, atravessam um rio chamado Léthes, que, em grego, significa esquecimento. Nesse ponto da travessia, as almas estão com sede e bebem a água do rio – mas beber dessa água faz com que elas esqueçam o que aprenderam em sua vida anterior. Quanto mais água bebem, mais elas esquecem. Desse modo, aqueles que na vida anterior tenham se dedicado à filosofia, cultivado sua racionalidade e aprendido a resistir aos impulsos do corpo, beberão menos e terão mais facilidade para recuperar o conhecimento das ideias em sua nova vida.

Os sofistas ameaçavam as tradições gregas não somente por suas concepções éticas e políticas, mas também pela compreensão que traziam sobre a natureza e a origem do Universo. Para Platão, não só as implicações éticas derivadas dessa visão de mundo são inaceitáveis, mas a

própria concepção sobre a natureza. Segundo sua teoria, a natureza não está sujeita ao acaso cego, mas é produto de uma causa inteligente e moral. Em um diálogo de maturidade, o *Timeu*, Platão narra esse processo e dá nome ao criador deste mundo: o Demiurgo, que não cria o mundo do nada, mas o ordena a partir de um caos primordial e o faz contemplando as ideias.



Museu Britânico, Londres.

O Demiurgo, criador e ordenador do mundo material.

### Saiba mais

O último livro de *A República* traz um tema considerado bastante controverso na obra de Platão. Trata-se da expulsão dos poetas da cidade. O raciocínio de Platão é o seguinte: a arte é sempre imitação da realidade, ou melhor, da realidade aparente, que por sua vez é imitação das ideias. Assim, a arte nos deixaria ainda mais distantes da perfeição das ideias e do conhecimento delas. Além disso, a arte enfraqueceria nossa capacidade racional e nos tornaria mais sujeitos aos nossos impulsos, já que o controle da razão sobre eles diminuiria.

## Revisando

1. **UTFPR** Luta de gregos contra gregos, motivada pelo conflito de interesses econômicos e políticos entre Atenas e Esparta. O confronto entre esses dois blocos de cidades gregas se arrastou por 27 anos. Provocou a morte de milhares de civis e terminou com a derrota de Atenas e suas aliadas. Empobrecidas e desunidas por tantas guerras prolongadas, as cidades gregas foram presa fácil para o poderoso exército de Filipe II, rei da Macedônia, que acabou por conquistar a Grécia, em 338 a.C.

Estamos falando da Guerra:

- a) Greco-Pérsica.
- b) do Peloponeso.
- c) Púnica.
- d) Sassânida.
- e) Alexandrina.

2. **UFU-MG** No pórtico da Academia de Platão, havia a seguinte frase: “não entre quem não souber geometria”. Essa frase reflete sua concepção de conhecimento: quanto menos dependemos da realidade empírica, mais puro e verdadeiro é o conhecimento tal como vemos descrito em sua Alegoria da Caverna.

A ideia de círculo, por exemplo, preexiste a toda a realização imperfeita do círculo na areia ou na tábua recoberta de cera. Se traço um círculo na areia, a ideia que guia a minha mão é a do círculo perfeito. Isso não impede que essa ideia também esteja presente no círculo imperfeito que eu tracei. É assim que aparece a ideia ou a forma.

JEANNIÈRE, Abel. *Platão*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 170 p.

Com base nas informações apresentadas, assinale a alternativa que interpreta corretamente o pensamento de Platão.

- a) A Alegoria da Caverna demonstra, claramente, que o verdadeiro conhecimento não deriva do “mundo inteligível”, mas do “mundo sensível”.
  - b) Todo conhecimento verdadeiro começa pela percepção, pois somente pelos sentidos podemos conhecer as coisas tais quais são.
  - c) Quando traçamos um círculo imperfeito, isto demonstra que as ideias do “mundo inteligível” não são perfeitas, tal qual o “mundo sensível”.
  - d) As ideias são as verdadeiras causas e princípio de identificação dos seres; o “mundo inteligível” é onde se obtêm os conhecimentos verdadeiros.
- 3. UFSJ-MG** Na obra “O que é Filosofia”, de Caio Prado Júnior, “O Mundo das ideias”, para Platão, pode ser assim descrito:
- a) os dados da experiência são reflexos ou cópias irretocáveis e perfeitas das ideias.
  - b) todas as ideias que podemos registrar em nossa mente, em estado de vigília.
  - c) um processo de construção do mundo sensível.
  - d) o pensamento, a função pensante e a atividade racional do Homem.
- 4. Enem** Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- a) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
  - b) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
  - c) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
  - d) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
  - e) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.
- 5. Uncisal** Um dos textos mais consagrados da história da filosofia é a alegoria da caverna, escrito por Platão.

Sobre esse texto, pode-se afirmar que

- a) se trata de uma obra religiosa que narra o encontro do filósofo com Deus.
- b) se trata de um texto que apresenta dimensões pedagógicas, filosóficas e políticas.
- c) seu percurso narra o aprisionamento do filósofo, que perde a liberdade de que desfrutava e passa a viver solitário em uma caverna.
- d) o texto exalta a importância dos sofistas para o conhecimento filosófico.
- e) o texto pressupõe a identificação do conhecimento filosófico com o senso comum.

**6. UFSC 2019** Em relação ao mito da caverna de Platão, é correto afirmar que:

- 01** as sombras projetadas na parede da caverna representam meras opiniões, consideradas erroneamente pelos prisioneiros como conhecimento.
- 02** apesar de estarem acorrentados, os prisioneiros conseguem ter plena clareza quanto à realidade existente fora da caverna.
- 04** simboliza o sofrimento e o anseio da libertação dos escravos na Atenas do século IV a.C.
- 08** o interior da caverna representa o mundo da ignorância e o exterior da caverna representa o mundo do conhecimento.
- 16** o prisioneiro que consegue se libertar volta à caverna para compartilhar o conhecimento adquirido fora dela, embora seja ridicularizado pelos demais prisioneiros.
- 32** os prisioneiros que permanecem na caverna possuem mais conhecimento do que o prisioneiro libertado.
- 64** quando retorna à caverna, aquele que conseguiu se libertar dos grilhões é bem recebido por seus antigos companheiros, que o veem como um sábio que irá libertá-los.

Soma:

**7. UEG-GO 2019** Considerando a história contada por Platão no livro VII da *República*, mais conhecida como Mito da Caverna, podemos deduzir que:

- a) o homem, apesar de nascer bom, puro e de posse da verdade, pode desviar-se e passar a acreditar em outro mundo mais perfeito de puras ideias.
- b) não podemos confiar apenas na razão, pois somente guiados pelos sentimentos e testemunhos dos sentidos poderemos alcançar a verdade.
- c) a caverna, na alegoria platônica, representa tudo aquilo que impede o surgimento da consciência filosófica, que possibilitaria uma ascensão para o mundo inteligível.
- d) a razão deve submeter-se aos testemunhos dos sentidos, pois a verdade que está no mundo inteligível só será atingida mediante a sensibilidade.
- e) os homens devem se libertar da crença na existência em outro mundo e buscar resolver seus conflitos aprofundando-se em sua interioridade.

8. **Uepa 2015** Leia o texto para responder à questão.

**Platão:**

A massa popular é assimilável por natureza a um animal escravo de suas paixões e de seus interesses passageiros, sensível à lisonja, inconstante em seus amores e seus ódios; confiar-lhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão e do menor rigor. Quanto às pretensas discussões na Assembleia, são apenas disputas contrapondo opiniões subjetivas, inconsistentes, cujas contradições e lacunas traduzem bastante bem o seu caráter insuficiente.

(Citado por: CHATELET, F. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 17.)

Os argumentos de Platão, filósofo grego da antiguidade, evidenciam uma forte crítica à:

- a) oligarquia
- b) república
- c) democracia
- d) monarquia
- e) plutocracia

9. **UFSM-RS** Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) nas afirmações a seguir sobre o modelo de cidade ideal apresentado por Platão na obra *A República*.

- Os agricultores, os artesãos e os comerciantes ocupam-se das funções mais nobres na sociedade.
- Platão critica a democracia.
- Na cidade ideal de Platão, não há mobilidade social.

A sequência correta é

- a) F – F – V.
- b) F – V – V.
- c) V – F – F.
- d) F – V – F.
- e) V – V – V.

10. **UEL-PR** Leia o texto a seguir.

Para esclarecer o que seja a imitação, na relação entre poesia e o Ser, no Livro X de *A República*, Platão parte da hipótese das ideias, as quais designam a unidade na pluralidade, operada pelo pensamento. Ele toma como exemplo o carpinteiro que, por sua arte, cria uma mesa, tendo presente a ideia de mesa, como modelo. Entretanto, o que ele produz é a mesa e não a sua ideia. O poeta pertence à mesma categoria: cria um mundo de mera aparência.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a teoria das ideias de Platão, é correto afirmar:

- a) Deus é o criador último da ideia, e o artífice, enquanto coparticipante da criação divina, alcança a verdadeira causa das coisas a partir do reflexo da ideia ou do simulacro que produz.
- b) A participação das coisas às ideias permite admitir as realidades sensíveis como as causas verdadeiras acessíveis à razão.
- c) Os poetas são imitadores de simulacros e por intermédio da imitação não alcançam o conhecimento das ideias como verdadeiras causas de todas as coisas.
- d) As coisas belas se explicam por seus elementos físicos, como a cor e a figura, e na materialidade deles encontram sua verdade: a beleza em si e por si.
- e) A alma humana possui a mesma natureza das coisas sensíveis, razão pela qual se torna capaz de conhecê-las como tais na percepção de sua aparência.

## Exercícios propostos

1. **PUC-SP 2017** Segundo as minhas pesquisas, foram assim os tempos passados, embora seja difícil dar crédito a todos os testemunhos nesta matéria. [...] A explicação mais verídica, apesar de menos frequentemente alegada, é, em minha opinião, que os atenienses estavam tornando-se muito poderosos, e isto inquietava os espartanos, compelindo-os a recorrerem à guerra. [...].

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001 XLVII, 584 pp. 13-15.

A partir do texto, pode-se afirmar que Tucídides

- a) estudou as estratégias utilizadas na Guerra de Troia em sua formação como general e registrou a sua própria experiência como combatente no conflito com os persas.
- b) concluiu que a Guerra do Peloponeso ocorreu devido a um crescente poder que ameaçou os demais, de acordo com a lógica do poder.
- c) reconstituiu a Guerra do Peloponeso comparando os relatos dos líderes políticos das várias cidades envolvidas, chegando à verdade dos fatos.
- d) pesquisou as Guerras Médicas, conflito entre gregos e persas, e concluiu que a vitória grega deveu-se à superioridade política das cidades-Estado sobre o poder imperial.

2. **UFPR** Platão inicia o capítulo 5 do Livro X de *A República* afirmando que a imitação está “a três graus de afastamento da verdade”. Que razões ele alega para sustentar essa afirmação?

(PLATÃO. *A República*. Trad. Bento Prado Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2006).



- 3. UEM-PR 2017** No livro VII da *República*, Platão introduz a “alegoria da caverna”, na qual sumariza os fundamentos de sua filosofia. Considere o extrato a seguir e conhecimentos relacionados e assinale o que for correto.

Sócrates – Agora imagine a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagine, pois, homens que vivem em uma espécie de morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. [...] Assim sendo, os homens que estão nessas condições não poderiam considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados.

PLATÃO, *República*, 514a e 514e apud MARCONDES, D. *Textos básicos de Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 40.

- 01** Na alegoria da caverna, Platão correlaciona as sombras ao que é verdadeiro no mundo inteligível, já que as ideias podem representar verdadeiramente qualquer objeto.
- 02** Em sua doutrina das formas (ideias), Platão procura conciliar a tese de que o ser é imóvel (de acordo com Parmênides) e mutável (conforme Heráclito) e distingue, em sua teoria, respectivamente, os planos sensível e inteligível.
- 04** Aqueles que não recebem o grau de educação adequado não conseguem transpor o estado de ignorância; sendo assim, são incapazes de distinguir a verdadeira realidade das coisas.
- 08** Em Platão não há qualquer oposição entre ser e parecer. Essa tese foi imposta, posteriormente, à filosofia platônica pelos autores cristãos da patrística e da escolástica.
- 16** Platão defende que apenas aqueles que saíram da caverna podem, pouco a pouco, contemplar a verdadeira realidade das coisas, ou seja, suas formas, habituando-se a distinguir a verdadeira natureza dos objetos.

Soma:

- 4. UFSC 2022** No que se refere às formas de poder e governo, é correto afirmar que:

- 01** no livro VIII da obra *A República*, Platão afirma que a oligarquia é uma forma de governo na qual os ricos são soberanos e os pobres não participam do poder.
- 02** Platão, na obra *A República*, define o tirano como um monarca justo, porque, apesar de governar com extrema rigidez, ele se preocupa com a saúde e a educação da população.
- 04** na obra *A República*, Platão defende que os filósofos sejam reis nas cidades ou, então, que os reis e soberanos se tornem filósofos genuínos.
- 08** para Platão, a cidade só será feliz quando viver um regime democrático baseado em três poderes igualitários: executivo, legislativo e judiciário.

- 16** para Platão, a vida do tirano é a mais desagradável, e a do rei, a mais suave.
- 32** com a emergência das sociedades modernas, no período posterior às grandes revoluções do século XVIII, os regimes políticos passam a se fundar na autoridade dos reis, filósofos e déspotas.
- 64** os regimes políticos liberais modernos expressam um caráter de classe associado à burguesia no qual, por um lado, combate-se a estratificação absolutista, mas, por outro, reforça-se a ideia de desigualdade natural entre os humanos.

Soma:

- 5. UFSC 2022** No que se refere aos livros I e II da obra *A República*, de Platão, é correto afirmar que:

- 01** o sofista Trasímaco defende que justiça é o interesse do mais forte, pois, em todas as cidades, o justo é a mesma coisa: o que é vantajoso para o poder constituído.
- 02** Sócrates, embora contrariado, concorda com a definição de Trasímaco, pois reconhece que a natureza humana é inevitavelmente corruptível.
- 04** para Sócrates, nenhuma ciência procura ou prescreve o que é vantajoso ao mais forte, mas, sim, ao mais fraco.
- 08** Gláucon, ao contar a história do anel de Gíges, defende que ninguém é justo voluntariamente.
- 16** para Sócrates, a história do anel de Gíges confirma a teoria de que o ser humano sempre se corrompe quando tem oportunidade.
- 32** Sócrates concebe o início de uma pólis (cidade) ideal, que se origina porque nenhum de nós é autossuficiente.

Soma:

- 6. Unesp 2022** — É nesse ponto que eu estabeleço a distinção: para um lado os que ainda agora referiste – amadores de espetáculos, amigos das artes e homens de ação – e para outro aqueles de quem estamos a tratar, os únicos que com razão podem chamar-se filósofos.

— Que queres dizer?

— Os amadores de audições e de espetáculos encantam-se com as belas vozes, cores e formas e todas as obras feitas com tais elementos, embora o seu espírito seja incapaz de discernir e de amar a natureza do belo em si.

Platão. *A República*, 2017. Adaptado.

No excerto, Platão direciona aos artistas uma crítica que é fundamentada

- a)** na associação das artes com o conhecimento mitológico.
- b)** na impossibilidade de representação justa das ideias.
- c)** na necessidade de as artes terem um conteúdo verossímil.
- d)** no grande alcance popular atingido pelas peças artísticas.
- e)** no fato de os espetáculos serem parâmetros pedagógicos.

## Texto complementar

### Platão explica o amor

[...] Os manuais escolares consideram apressadamente o mito como algo do passado. Não se dão conta de que os deuses, os heróis e as figuras mitológicas estão enxertados na compreensão que temos do comportamento humano e dos conceitos de corpo, alma, desejo, imortalidade, bem, verdade, beleza e justiça e de outros. Nem toda teoria está livre de resíduos mitológicos. A prova disso é o conceito de Eros ou de amor que Platão examina em *O banquete* (e nos diálogos *Fedro* e *As leis*) [...]. Uma das observações que se encontram, no início de *O banquete*, é o fato de Eros não ter tido a devida atenção dos poetas e dos filósofos. Por isso, Platão instaura a união entre Eros e Logos. O amor e o desejo passam a ser investigados em uma linguagem conceitual. Aos poucos, o Eros dos mitos e do conhecimento comum não é mais o Eros de Sócrates [...]. Quem não ouviu falar dos amores conjugais, filiais, fraternais, incestuosos, trágicos, cômicos etc. que se encontram nos textos de Homero e de Hesíodo, dos trágicos Ésquilo, Sófocles e Eurípides, e de Aristófanes? O amor de Alceste por Admeto; de Antígona; de Fedra por Hipólito; de Narciso por si mesmo e muitos outros? Além desses amores, Platão recomenda que Eros se torne amor à sabedoria. Escreve sobre as questões do uno e do múltiplo, das formas e do mundo sensível, do ser e do aparecer, do bem e da justiça, do belo e da verdade, da opinião e da ciência e, ao lado desses problemas metafísicos, também sobre a amizade, no *Lisís* e, o amor, especialmente em *O banquete*, diálogo filosófico quase romance [...].



Em *O banquete*, Platão aborda diferentes formas de amor, não apenas o amor romântico.

PAVIANI, Jaime. O amor, do mito à dialética platônica. *Revista Cult*, s.d. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-amor-do-mito-a-dialetica-platonica/>. Acesso em: 30 maio 2022.

## Resumindo

1. Platão foi discípulo de Sócrates e tomou para si a tarefa de resolver dificuldades filosóficas deixadas pelo mestre. Seu pensamento recebeu também influências de Pitágoras, especialmente nas concepções sobre a alma, Heráclito e Parmênides, na medida em que buscou resolver o problema do conhecimento que eles formularam. Além disso, ele viveu em uma época em que as tradições eram amplamente questionadas, o que abalou as bases da pólis.
2. Platão reúne esses fatores em seu sistema filosófico, centrado na teoria das Ideias. Ele propõe que o que apreendemos do mundo físico pelos sentidos não dá conta de toda a realidade – na verdade, a existência dos objetos físicos é sempre limitada e sujeita à mudança. Os objetos reais por excelência são as ideias, que servem de modelo aos objetos físicos que as copiam de forma imperfeita.
3. Nós não alcançamos o conhecimento dessas ideias por um aprendizado propriamente dito, uma vez que a experiência do que é imperfeito e limitado (a realidade física) não poderia nos levar a conhecer o perfeito e ilimitado (o mundo das ideias).
4. Entretanto, nós somos capazes de nos lembrar delas – a teoria da alma de Platão diz que ela é imortal e pertence ao mundo das ideias; uma vez encarnada, ela esquece o que sabe, mas pode se lembrar do conhecimento que já possui. Sua obra mais famosa, *A República*, lida com esses temas por meio de alegorias e mitos, envolvendo-os em uma discussão ética e política a respeito da justiça e da constituição de uma cidade ideal.

## Quer saber mais?



### Livros

**Paviani, Jayme. *Platão & A República*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.**

Introdução e resumo da obra-prima de Platão, escrito com linguagem acessível por um especialista.

**PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: L&PM Pocket, 2009.**

Uma das obras mais acessíveis de Platão, *O Banquete* apresenta Sócrates jantando com amigos e discutindo sobre o amor; ao final, porém, temos uma sofisticada exposição sobre como o conhecimento das ideias é alcançado.



### Vídeo

***Plato's allegory of the cave (A alegoria da caverna de Platão)*. Canal TED-Ed.**

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1RWOpQXTItA&t=44s&ab\\_channel=TED-Ed](https://www.youtube.com/watch?v=1RWOpQXTItA&t=44s&ab_channel=TED-Ed).

Conta a alegoria da caverna em forma de animação, acompanhada de explicações do narrador (legendas em português). Acesso em: 30 maio 2022.

## Exercícios complementares

### 1. Uece 2017

Atente ao seguinte excerto:

Vivi a guerra inteira, tendo uma idade que me permitia formar meu próprio juízo, e segui-a atentamente, de modo a obter informações precisas. Atingiu-me também uma condenação ao exílio que me manteve longe de minha terra por vinte anos após o meu período de comando em Anfípolis e, diante de minha familiaridade com as atividades de ambos os lados, especialmente aquelas do Peloponeso, em consequência do meu banimento, graças ao meu ócio, pude acompanhar melhor o curso dos acontecimentos. Relatarei, então, as divergências surgidas após os dez anos, e o rompimento da trégua e as hostilidades supervenientes.

(TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, V, 26).

Sobre a Guerra do Peloponeso, registrada por Tucídides, é correto afirmar que

- se trata de conflito armado entre gregos e troianos.
  - foi uma guerra entre Atenas e Esparta.
  - não ocorreu propriamente: trata-se de uma ficção do mundo antigo.
  - foi o conflito que ficou conhecido como Guerras Médicas.
- 2. Unesp 2016** A cidade tira de seu império uma parte da honra, da qual todos vós vos gloriáveis, e que deveis legitimamente apoiar; não vos esquivéis às provas, se não renunciais também a buscar as honras; e não penseis que se trata apenas, nesta questão, de ser escravos em vez de livres: trata-se da perda de um império, e do risco ligado ao ódio que aí contraístes.

(Péricles *apud* Pierre Cabanes. *Introdução à história da Antiguidade*, 2009.)

O discurso de Péricles, no século V a.C., convoca os atenienses para lutar na Guerra do Peloponeso e enfatiza

- a rejeição à escravidão em Atenas e a defesa do trabalho livre como base de toda sociedade democrática.
  - a defesa da democracia, por Atenas, diante das ameaças aristocráticas de Roma.
  - a rejeição à tirania como forma de governo e a celebração da república ateniense.
  - a defesa do território ateniense, frente à investida militar das tropas cartaginesas.
  - a defesa do poder de Atenas e a sua disposição de manter-se à frente de uma confederação de cidades.
- 3. Unisc-RS 2021** Platão, um dos grandes pensadores da Antiguidade, nos legou mais de 30 obras escritas. A maioria delas em forma de diálogos. Em uma dessas obras, denominada *República*, Livro VII, ele descreveu a “alegoria da caverna” (também conhecida como “mito da caverna”). Assinale a alternativa que indica de forma correta os dois temas principais da alegoria da caverna descrita por Platão na *República*.
- A justiça na cidade ideal e o poder econômico dos reis e magistrados.
  - O conhecimento verdadeiro e o poder político.
  - O amor como condição para a felicidade e a justiça da cidade ideal.
  - A guerra contra Troia e o poder político.
  - A felicidade humana e a justiça na cidade ideal.

4. **UFU-MG** O trecho a seguir, do diálogo platônico *Fédon*, concerne ao modo de aquisição do conhecimento.

É preciso, portanto, que tenhamos conhecido a igualdade antes do tempo em que, vendo pela primeira vez objetos iguais, observamos que todos eles se esforçavam por alcançá-la, porém lhe eram inferiores.

PLATÃO. *Fédon*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002, p. 275, 75a.

A partir do fragmento apresentado, marque a alternativa que expressa corretamente o pensamento de Platão sobre o conhecimento.

- a) Platão não distingue a realidade inteligível de outra sensível. O conhecimento é o produto das sensações. O conhecimento nada mais é do que a reminiscência dessas sensações.
- b) Platão distingue uma realidade inteligível de outra sensível. O conhecimento de todas as coisas só é possível porque as percepções advindas dos sentidos desencadeiam a reminiscência das Formas inteligíveis, apreendidas pela razão antes do nascimento.
- c) Platão distingue duas ordens de realidade: o mundo sensível e a alma. O conhecimento de todas as coisas só é possível porque as sensações informam a alma sobre o mundo sensível e, a partir disso, formam a reminiscência.
- d) Platão distingue duas ordens de realidade: o mundo sensível e o mundo dos deuses. O conhecimento só é possível porque a alma recebe uma informação divina antes que tenha percebido os objetos sensíveis, pois todo conhecimento vem dos deuses.

5. **UEPG-PR 2022** Sobre Platão e o mundo das essências, assinale o que for correto.

- 01 A matéria é, por essência, algo perfeito.
- 02 O mundo material é mutável e contraditório.
- 04 O Não Ser é uma sombra do Ser verdadeiro.
- 08 O mundo sensível é o mundo do Ser.

Soma:

6. **UEPG-PR 2022** Sobre a política no sentido grego platônico, assinale o que for correto.

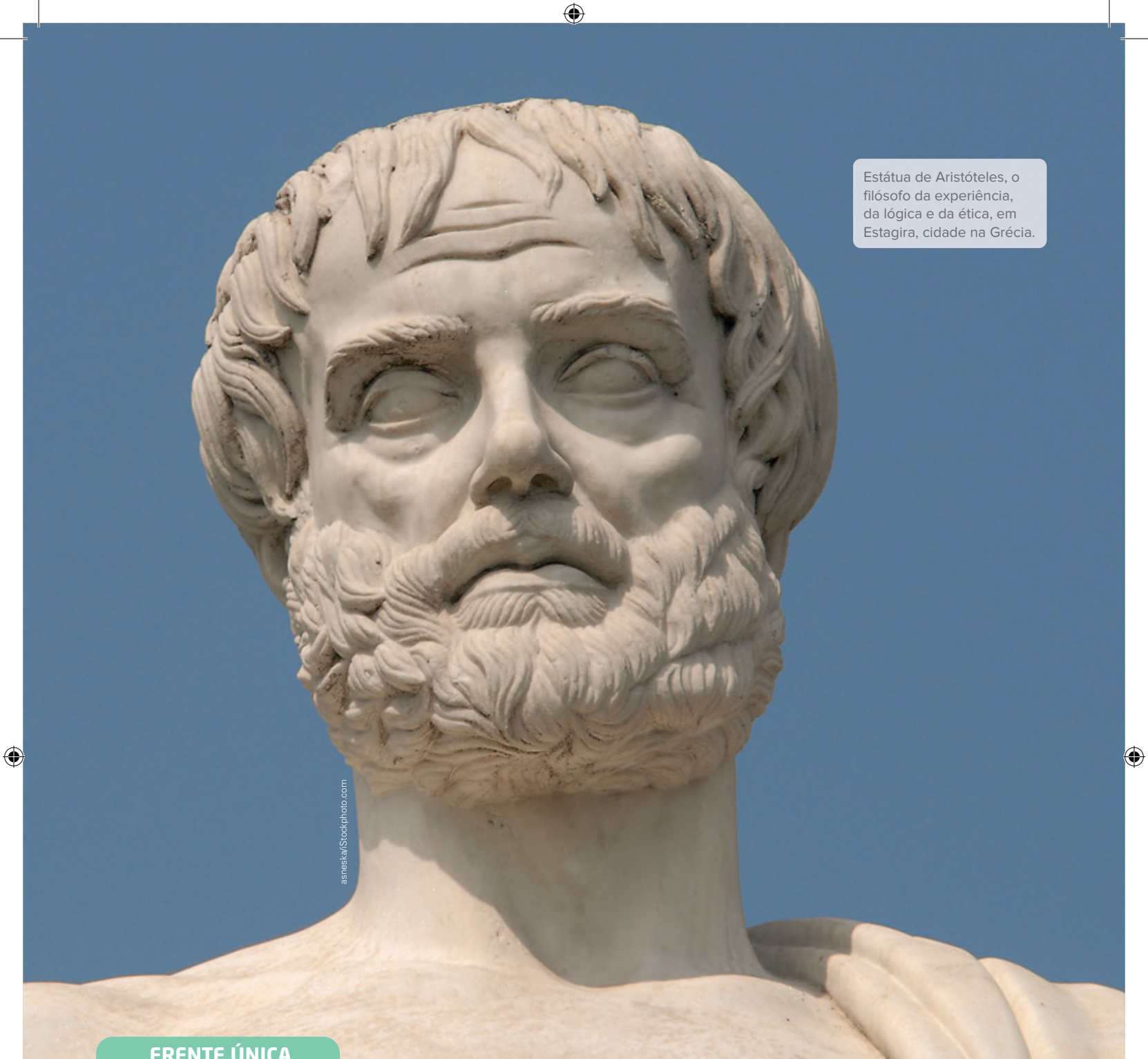
- 01 Podemos afirmar que o texto Alegoria da Caverna traz também uma interpretação política.
- 02 Calípolis é o nome da cidade idealizada por Platão.
- 04 A política platônica não representa uma democracia.
- 08 O modelo de poder político proposto por Platão é a aristocracia (sofocracia).

Soma:

## BNCC em foco

EM13CHS603

1. A *República* é, talvez, a obra mais complexa e completa de Platão e na qual ele relaciona o conhecimento ao poder político, discorrendo sobre as várias formas de governo para chegar ao modelo político ideal, isto é, a uma pólis justa. Há, inclusive, uma crítica ao regime democrático, considerado por Platão uma forma política problemática e irracional por permitir que a multidão se aproprie indevidamente do poder, uma vez que não possui aptidão intelectual. Além disso, para Platão, a democracia representava uma forma corrompida da oligarquia que enaltecia a liberdade como seu valor máximo e expunha a cidade a uma perigosa e visceral fragmentação política. Mais especificamente no Livro VII, Platão relata a famosa Alegoria da Caverna, em que demonstra a cegueira dos seres humanos diante de um mundo de aparências e a necessidade de libertar-se para chegar à verdade – apenas conseguida pelo prisioneiro que se liberta, metáfora atribuída ao filósofo. Este deve então voltar à caverna para libertar seus companheiros, ou seja, a multidão; o filósofo é, segundo a concepção platônica, o único conhecedor do Bem e da Verdade e, portanto, o mais apto a governar. Como podemos transpor a filosofia de Platão para interpretar a realidade contemporânea, considerando nossa cegueira para as questões políticas? Você concordaria com Platão que o regime democrático sob o qual vivemos no Brasil fragmenta a política, impedindo um bom governo?



Estátua de Aristóteles, o filósofo da experiência, da lógica e da ética, em Estagira, cidade na Grécia.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

5

## Aristóteles

Neste capítulo, vamos conhecer o terceiro dos grandes pensadores de Atenas: Aristóteles. Tendo sido discípulo de Platão em sua juventude, o pensamento de Aristóteles é marcado pelo conflito com o mestre. Veremos como Aristóteles explica o mundo, critica as ideias platônicas e as substitui pelo conceito de forma imanente e, por fim, como descreve filosoficamente a mudança por meio do conceito de potência. Apresentaremos sua teoria ética, que veio a ser uma das mais influentes da história.

- Aristóteles: filósofo e cientista.
- Uma ética das virtudes.

## Aristóteles: filósofo e cientista

Nas décadas finais de sua vida, Platão fundou uma escola: a Academia. Tratava-se de um centro de estudos e pesquisas que podemos considerar um precursor das universidades modernas. O mais célebre estudante da Academia foi **Aristóteles**, que aos 17 anos havia se mudado de Estagira, sua cidade natal, para Atenas a fim de estudar na Academia, onde permaneceu por 20 anos, até a morte de Platão. Depois disso, desgostoso com os novos rumos que a Academia estava tomando e tendo sua direção sido entregue a outro discípulo, Aristóteles se afastou e deixou de viver na cidade por algum tempo.



Estátua em mármore de Aristóteles, Museu de História Natural, em Londres, na Inglaterra.

A Atenas do período passava por um momento complicado, pois o Império Macedônico havia conquistado diversas cidades-Estado, acabando efetivamente com o ideal de autonomia da pólis que Platão tinha a intenção de preservar. Aristóteles tinha se associado aos macedônicos, primeiro por intermédio de seu pai, que era médico da corte macedônica, depois, ao ser convidado pelo rei Filipe para ser tutor de seu filho – que viria a ser conhecido como Alexandre, o Grande. Essa associação fez com que ele se sentisse ameaçado em Atenas, uma vez que a antipatia aos macedônicos crescia. Posteriormente, em um momento de tranquilidade, enquanto Alexandre já era imperador, Aristóteles regressou a Atenas e colocou em prática um projeto de longa data: abrir sua própria escola, que foi chamada de **Liceu**. Novamente, formou-se um produtivo centro de pesquisas, mas, enquanto na Academia os principais assuntos estudados eram a filosofia e a matemática, o Liceu era um verdadeiro centro de ciência de caráter mais experimental, em que se lia, coletava, catalogava e analisava tudo o que poderia ser de interesse para o conhecimento do mundo natural e humano.



“Gregos antigos observando as estrelas”. In: SULEK, Bogoslav; KISPATIC, Mijo; ROSSI, Ljudevit. *Novoveki Izumi u znanosti, obrtu i umjetnosti*. Zagreb: Matice Hrvatske, 1883.

Aristóteles acreditava que o primeiro passo para entender uma coisa era conhecer o que outros estudiosos, ou mesmo o senso comum, falavam sobre ela. O interesse pelos estudos de seus predecessores fez com que montasse uma significativa biblioteca no Liceu, e também com que suas obras (muitas das quais eram, provavelmente, anotações de aulas registradas por seus discípulos) frequentemente se iniciassem por uma coleta de opiniões. Como você já deve ter percebido, esse ponto do pensamento de Aristóteles representa uma grande **ruptura** com os princípios do pensamento platônico – já que Platão desconfiava profundamente das aparências da vida cotidiana. Aristóteles, ao contrário, valorizava tanto o senso comum quanto aquilo que captamos pelos sentidos.

A marca da filosofia aristotélica está justamente no **conflito** com o mestre: se, por um lado, ele se filiou completamente ao platonismo em seus anos de formação e levou essa influência por toda a vida, por outro lado, se constituiu como um pensador independente, que contestou frontalmente algumas das principais teses platônicas, como a teoria das ideias e suas concepções sobre a alma. É comum representar as diferenças entre esses pensadores dizendo que Platão dirigia o pensamento para aquilo que estava além do mundo natural, enquanto Aristóteles era um pensador que tinha os pés no chão.



SANZIO, Rafael. *Escola de Atenas* (detalhe), 1509, afresco, 500 cm × 700 cm. Palácio Apostólico, Vaticano. O detalhe enfoca, ao centro, Platão e Aristóteles. Platão é o da esquerda, que aponta para o alto, e Aristóteles é o da direita, cuja palma da mão está para baixo.

Aristóteles é uma figura importante para a história do pensamento como um todo, não apenas no que diz respeito ao que hoje consideramos filosofia. O pensador era também um biólogo: entre seus estudos mais impressionantes está o da classificação dos animais em gêneros e espécies, com descrições detalhadas dos hábitos e peculiaridades de cada um. Além disso, ele estudou botânica, astronomia, física, psicologia, teoria política, ética, retórica, poesia, medicina, agricultura e história. Como

se não bastasse ser inovador em tantas áreas diferentes do saber, ele é também considerado o fundador de uma importante disciplina: a lógica formal, que estuda o raciocínio e determina em que condições um argumento é válido, ou seja, quando podemos extrair corretamente certas conclusões de determinadas premissas.

### Estabelecendo relações

Em uma de suas obras sobre as ciências produtivas, a *Poética*, Aristóteles busca rebater as críticas que Platão dirigiu às artes e restabelecer sua importância. Segundo Aristóteles, a imitação é uma capacidade preciosa do ser humano porque permite a ele viver pela imaginação aquilo que não experimentará na sua vida. Assim, a arte pode trazer aos espectadores experiências e conhecimentos sobre vivências universais. Aristóteles também considera que o fato de a arte suscitar emoções nos espectadores é benéfico. Experimentar emoções por meio da arte evitaria que o indivíduo a procurassem em sua própria vida, ação que poderia ter consequências negativas. Aristóteles chama esse processo de “purificação”, em grego *catarse*, das emoções.

A vida vibrante do Liceu, com alunos e pesquisadores, permitia que Aristóteles cultivasse sua grande paixão pelo conhecimento. Mas a morte de Alexandre, em 323 a.C., acabou com sua tranquilidade: surgiu em Atenas um forte movimento para ajudar as cidades-Estado sob domínio macedônico a se libertarem. Alguém tão próximo aos macedônios quanto Aristóteles não era bem-visto nesse meio, e novamente a cidade se levantou contra um de seus maiores pensadores. Aristóteles, assim como Sócrates, foi acusado de impiedade (de desprezar os deuses oficiais), mas, ao contrário daquele, não ficou em Atenas para ver qual seria o resultado da acusação: querendo evitar que os atenienses cometessem um novo crime contra a filosofia, mudou-se para Cálcis, onde morreu um ano depois.

Para Aristóteles, fazer ciência é explicar o mundo, e explicá-lo significa identificar as causas dos fenômenos. Uma de suas teorias mais difundidas é a identificação de

quatro tipos diferentes de causas que nos auxiliam no entendimento do mundo. São elas: causa material, causa formal, causa eficiente e causa final.

Considere um objeto qualquer: um vaso de barro. Se desejamos conhecê-lo verdadeiramente, temos que conhecer as suas quatro causas. Assim, ao analisarmos suas características, podemos chegar a quatro tipos de explicação. Em primeiro lugar, algumas de suas características são explicadas pelo material de que ele é feito. Nos termos de Aristóteles, dizemos que o barro é a **causa material** do vaso. Em segundo lugar, algumas de suas características são explicadas pelo formato em que o barro foi configurado. Podemos dizer, então, que o formato específico que o barro assumiu nesse caso é a **causa formal** do vaso. Em terceiro lugar, algumas de suas características podem ser explicadas também pelo agente ou responsável envolvido em sua transformação. O agente dessa transformação é o que Aristóteles chamou de **causa eficiente** do vaso. Em quarto lugar, algumas de suas características são explicadas pela finalidade com que o vaso foi criado. A finalidade dessa transformação é o que Aristóteles chamou de **causa final**.

Assim, a explicação completa do vaso passa pelo entendimento de quatro fatores: o que é (causa formal), do que é feito (causa material), o que o provocou (causa eficiente) e para que serve (causa final). A consideração da causa final é fundamental para a compreensão de todo o pensamento aristotélico. A finalidade de algo é chamada em grego de *télos*, e daí extraímos o nome técnico que recebe esse aspecto do pensamento aristotélico: o mundo de Aristóteles é um **mundo teleológico**, ou seja, um mundo em que tudo tem um *télos* próprio; uma finalidade. Essa ideia, contudo, não é nova para nós. Lembre-se de que Sócrates criticava os pré-socráticos dizendo que eles não se preocupavam com o porquê de o universo se constituir como se constitui. Esse é um dos aspectos em que Aristóteles se mostra como discípulo indireto de Sócrates e fiel de Platão.

Outro ponto de destaque na teoria das quatro causas diz respeito aos conceitos de matéria e de forma, que constituem as duas primeiras causas tratadas por Aristóteles. São conceitos importantes, que compõem a teoria que ficou conhecida como “hilemorfismo”: a ideia de que toda substância é um composto de matéria (*hylé*) e forma (*morphé*). Vamos entender o que esses termos significam e sua importância para o pensamento aristotélico.

Em uma de suas obras mais famosas, as *Categorias*, Aristóteles faz duas distinções que se impõem durante toda a história da filosofia: entre substância e atributos, e entre essência e acidente. Para ele, a ciência deve se dedicar ao estudo das **substâncias**. Uma substância é um indivíduo que podemos perceber pelos sentidos e que existe por si só: esta pessoa, esta xícara, este violão. Essa substância tem **atributos**, ou seja, características, e algumas dessas características são mais importantes que outras – daí a distinção entre essência e acidente. Os **acidentes** ou **contingências** são características que uma substância pode assumir e deixar de ter sem deixar de ser o que ela é. Os acidentes não são inventados; eles existem de fato, mas só podem ser conhecidos por abstração das substâncias a

Vladimir Zhoga/Shutterstock.com



Antigo vaso grego encontrado nas ruínas da ilha de Creta.

que se ligam. Ao contrário dos acidentes, uma substância tem também características que, se mudarem, a substância deixará de ser ela mesma.

### ! Atenção

O verbo grego que se traduz por abstrair designa o ato de extrair algo de algo, separar uma coisa da outra, apartar, privar, separar. Nesse caso, portanto, devemos entender o seguinte: os acidentes e as contingências existem sempre em uma substância em particular; mas podemos abstrai-los, ou seja, separá-los mentalmente de suas respectivas substâncias.

Como você deve ter percebido, matéria e forma não podem existir separadamente. Assim como não é possível conhecer uma matéria pura, sem que esteja determinada por alguma forma – não existe a madeira em si, sem que esteja conformada em uma mesa, um tronco ou uma tábua, por exemplo –, também não existe forma pura, que não esteja particularizada em algum corpo ao se unir à matéria que o limita. Podemos abstrair matéria e forma de sua apresentação concreta, e é importante fazê-lo para que possamos bem compreender a estrutura da realidade, mas é preciso reconhecer que elas só se apresentam unidas. Elas precisam uma da outra para constituírem um objeto concreto.

### ! Atenção

O termo **forma** pode criar uma confusão comum: achar que, quando Aristóteles fala da forma de algo, ele está se referindo meramente ao seu formato. Em alguns casos, forma e formato podem até coincidir (como no caso de uma mesa), mas nem sempre – a forma do ser humano, por exemplo, é sua alma. A forma é o que faz algo ser o que é, e está ligada com sua função:

A forma de uma coisa é sua definição ou essência – o que é ser um ser humano, por exemplo. Uma estátua pode ter o formato de um ser humano, mas não é um humano, porque não pode realizar as funções características dos humanos: pensar, perceber, se mover, desejar, comer, crescer etc.

AINSWORTH, Thomas. Form vs. Matter. In: ZALTA, Edward N. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/form-matter/>. Acesso em: 30 maio 2022. Tradução livre.

Para Aristóteles, não existiam entidades transcendentais aos objetos. A forma pode se repetir em vários objetos, mas não existe de forma independente e, por isso, pode ser chamada de **forma imanente**. Essa concepção ajuda a explicar, também, sua valorização da ciência baseada na observação e no experimento. Se o mundo natural guarda em si mesmo todos os elementos de que precisamos para compreendê-lo, o **conhecimento sensível** desse mundo passa a ter uma importância muito maior do que teria em um sistema platônico, no qual o verdadeiro conhecimento busca rapidamente superar os sentidos.

A distinção entre matéria e forma é combinada com uma segunda distinção para explicar o movimento e a mudança. A segunda distinção é entre **ato** e **potência**. De acordo com essa distinção, a mudança de alguma coisa não

é aleatória, e sim a atualização de alguma característica que já existia potencialmente. Assim, a água fervente que esfria não representa uma **mudança** sem nenhuma razão de ser: a água fervente, ao ser deixada longe do fogo, esfria porque atualizou uma característica potencial que já existia, ou seja, ser fria. Aquilo que um objeto tem em potência faz parte de sua natureza, mesmo que não esteja atualizado.

A distinção entre ato e potência se relaciona com a distinção entre matéria e forma. Quando um objeto muda, tornando atual ou atualizando uma característica potencial, a matéria se mantém a mesma, mas a forma se modifica. Assim, podemos dizer que a matéria é aquilo que permanece e que tem a potência de receber determinada forma, enquanto a forma é aquilo que faz com que essa característica potencial se torne atual.

Aristóteles adotou essa distinção e complementou-a com o conceito de potência: dizer que algo não é x não significa nem que esse algo não exista, nem que ele não possa ser x. Isso porque talvez o ser x esteja nele em potência, mas não em ato. Se pensarmos, por exemplo, na semente de uma maçã, está claro que essa semente não é uma macieira – mas ela pode ser, isto é, tem a potência de ser. Mas essa mesma semente não tem a menor chance de se tornar uma figueira. Assim, dizer que a semente não é uma macieira não significa que ela não exista, mas também não é meramente uma negação: ela pode vir acompanhada da ideia positiva de que faz parte da natureza da semente a potência de ser uma macieira. A mudança é simplesmente tornar atual aquilo que antes podia apenas ser.

Nesse ponto, relacionam-se também os conceitos de forma, potência e causa final, o que se torna bastante claro no caso da reprodução das espécies – plantas, animais ou seres humanos. Considere, por exemplo, um filhote de cachorro: seus pais são causa eficiente de sua geração, mas também transmitem a ele a forma perfeita de um cachorro adulto, que, enquanto é filhote, está nele apenas em potência, mas que serve como modelo para que o cachorro a atualize e seja capaz de exercer todas as suas funções características – a forma é assim, também, a causa final do filhote, que busca atualizar sua potência de ser cachorro.

## Uma ética das virtudes

Aristóteles desenvolveu de fato uma teoria ética mais detalhada e prática do que as considerações de seus antecessores. A primeira pergunta a ser feita é: por que pensar em ética é relevante? Pode parecer uma pergunta simples, mas a resposta nos ajuda a compreender os pressupostos da ética aristotélica, chamando atenção para dois atributos importantes do ser humano: nós fazemos questionamentos éticos porque somos **livres** e **racionais**. Criar uma teoria ética só faz sentido porque somos livres para aplicar as respostas que encontrarmos para nossas decisões e também porque somos capazes de alcançar tais respostas de forma embasada.

Agir de acordo com nossa capacidade racional é de suma importância para Aristóteles. Para ele, a questão ética fundamental é determinar o que é a boa vida, o melhor modo de viver para o ser humano. E, como veremos, sua resposta



ênfatisa o uso da razão. Qual é, então, o lugar da ética e o uso da razão aplicado a problemas humanos? Para Aristóteles, a ética difere radicalmente da ciência por não permitir um conhecimento exato e absoluto sobre seus objetos. Aristóteles não acredita na idealidade do Bem. Dada a considerável **diversidade das situações** em que os indivíduos se encontram e das ações que lhes são possíveis, não podemos esperar da ética o alcance de uma verdade científica que valha em todos os casos. Pode-se dizer, então, que, quando se trata de ciência, estamos em busca da sabedoria, mas, quando se trata de ética, o objetivo é a **prudência**, nome dado pelos gregos a uma espécie de sabedoria prática.

### Saiba mais

Um dos pontos mais controversos no pensamento de Aristóteles é sua concepção da escravidão: ele acreditava que a escravidão era natural e até mesmo benéfica. Para ele, algumas pessoas naturalmente têm uma capacidade racional limitada – não são completamente desprovidas de razão, mas não conseguem usá-la a ponto de dirigir bem as próprias vidas. A melhor coisa que esses “escravos naturais” podem fazer é se dedicar ao trabalho, fazendo uso de sua força física, e é ideal que encontrem um “mestre natural” para guiá-los, alguém que tenha a razão completamente desenvolvida. Essa relação seria então proveitosa para ambos, uma vez que o escravo poderia confiar no mestre para tomar as decisões que ele mesmo não conseguiria tomar de forma acertada, e o mestre poderia se abster do trabalho braçal para se dedicar a atividades mais sofisticadas, como a filosofia e a política.



Representação de balança em equilíbrio, símbolo da justiça.

Um dos aspectos de destaque da ética aristotélica, que servirá para nós de ponto de partida, é a preocupação com o que chamamos de **justiça distributiva**. Dado que em nossa sociedade existem diversos bens que muitos gostariam de ter, mas que são escassos, precisamos decidir como esses bens devem ser distribuídos: prêmios, heranças, cargos públicos, objetos de desejo, vagas disputadas, reconhecimento, poder. De acordo com a interpretação contemporânea de Michael Sandel, professor da Universidade de Harvard, a resposta de Aristóteles precisa ser encontrada em duas características que o filósofo reconhece na justiça: ela é teleológica e honorífica.

Dizer que a justiça é **teleológica** significa que se aplica também para a ética aquele pressuposto que já mencionamos ao tratar da física de Aristóteles: no mundo

aristotélico, tudo tem sua finalidade própria, seu *télos* – uma perfeição que busca realizar. Dizer que a justiça é **honorífica** significa que a decisão justa deve honrar pessoas que apresentem qualidades que consideramos importantes. Como a questão da justiça distributiva lida justamente com a disputa daquilo que muitos desejam, mas nem todos podem ter, o recebimento de um desses bens é uma forma de reconhecimento, um prêmio.

Um exemplo do próprio Aristóteles pode nos ajudar a entender melhor o raciocínio teleológico:

Imaginemos que estamos distribuindo flautas. Quem deve ficar com as melhores? A resposta de Aristóteles: os melhores flautistas.

SANDEL, Michael. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. Heloísa Matias e Alice Máximo (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 202.

Mas o que precisamos entender é o motivo para Aristóteles dar essa resposta. Um de nós poderia pensar, por exemplo, que os melhores flautistas merecem ficar com as flautas porque assim eles produzirão músicas bonitas e deixarão todos felizes. Esse raciocínio é típico de um outro tipo de ética, o utilitarismo, que surge apenas no século XVIII.

Para Aristóteles, a resposta é outra:

Ele acha que as melhores flautas devem ser dadas aos melhores flautistas porque é para isso que elas existem – ser bem tocadas. O objetivo das flautas é produzir excelente música. Aqueles capazes de melhor cumprir esse propósito devem receber os melhores instrumentos

SANDEL, Michael. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. Heloísa Matias e Alice Máximo (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 202.

O cumprimento do *télos* da flauta é importante por si só, e esse *télos* determina quais características devem ser honradas por aquele bem. Você pode ter outras características interessantes – ser bonito, ou ser um excelente pianista –, mas essas não são as qualidades relevantes para esse *télos*, e não serão honradas por esse bem.

No mundo teleológico de Aristóteles, tudo tem sua finalidade – inclusive o ser humano. Enquanto seres humanos, todos temos por natureza uma mesma finalidade. Aristóteles percebeu que não importa quão diferentes sejam as vidas e as aspirações de diferentes pessoas. Em última análise, sempre fazemos o que fazemos e queremos o que queremos porque achamos que isso nos levará à **felicidade** (*eudaimonia*) – essa é a finalidade última de toda ação humana. E, para Aristóteles, ser feliz é viver uma vida virtuosa. Precisamos, então, entender o que significa **virtude** (*areté*).

A virtude é um **meio-termo** entre dois vícios. Considere, por exemplo, a virtude da coragem. Normalmente, pensamos que seu oposto é a covardia, mas, se analisarmos a ideia que temos de alguém covarde, podemos perceber que seu oposto não é uma qualidade, e sim outro defeito. Se o covarde é aquele que tem medo de tudo, seu oposto seria alguém que não tem medo de nada. A decisão sobre quais medos são saudáveis e que devem ser considerados como alerta envolve saber qual é a medida entre a covardia e seu extremo oposto: a temeridade. Assim, se a covardia é o extremo da falta de enfrentamento, e a temeridade é o extremo do excesso do enfrentamento, a virtude da coragem é a medida correta do medo que deve ser ouvido, caso em que é necessário se proteger, e do medo que é possível enfrentar.

A ideia de **meio-termo** (ou **mediana**, ou **justo meio**, ou **justa medida**) é o centro da concepção aristotélica da virtude. Mas há outros dois pontos que precisamos considerar. Em primeiro lugar, já vimos que Aristóteles não acredita na existência de um bem único a respeito do qual seja possível um conhecimento absoluto. O **caráter prático** da ética significa que essa boa opção será diferente em cada situação. Considere, por exemplo, uma casa que está sendo roubada. Se você, um cidadão comum, percebe o que está acontecendo e corre para a casa sozinho e desarmado para enfrentar os ladrões, não está sendo corajoso, e sim temerário. Ao contrário, se um policial é chamado e tem apoio, treinamento e equipamento adequados, a mesma atitude no caso dele seria uma demonstração de coragem.

Por isso, o "homem virtuoso" tem que saber escolher o meio-termo, em cada situação, em cada momento de sua vida, considerando os vários fatores que estão em jogo. Não há uma fórmula única. Neste ponto, encontramos em pleno uso a grande capacidade humana: a **razão**. O indivíduo virtuoso é o que consegue usá-la de forma prática para avaliar cada situação e aprender como agir nela. Se a vida feliz é uma vida virtuosa, é também uma vida em que a razão está sendo bem utilizada em seu caráter prático.

O segundo ponto de atenção é o seguinte: Aristóteles define a virtude como uma "disposição de caráter". Isso significa que o indivíduo virtuoso é aquele que tem uma **tendência** a agir de forma virtuosa, ou seja, a encontrar o meio-termo e ser moderado em cada situação. Uma única ação boa não faz, portanto, uma pessoa virtuosa, assim como um erro ocasional não faz com que ela deixe de sê-lo. Além disso, Aristóteles defende que a virtude pode ser **ensinada**. Essa disposição de caráter que adquirimos nada mais é do que um **hábito**. É possível acostumar-se a escolher o meio-termo a ponto de identificá-lo facilmente nas próximas situações e tender a escolhê-lo, fugindo dos extremos.

A **educação** é a primeira das implicações políticas da ética de Aristóteles. Se a virtude pode ser ensinada, tornando-se um hábito, é preciso educar os cidadãos para que eles aprendam a identificar o meio-termo e a desenvolver a

tendência a optar por ele. Da mesma forma, uma educação falha leva à criação de hábitos viciosos, formando cidadãos que não têm moderação e tendem a recair em exageros em um extremo ou outro.

Hábitos são criados pela repetição, pela **prática**. No início de seu processo educativo, uma pessoa simplesmente repetirá os atos de **pessoas consideradas virtuosas**, já que ainda não tem a capacidade de identificar o meio-termo por si mesma. A resposta aristotélica de que o hábito é criado pela repetição a partir do exemplo traz, no entanto, um novo problema: e se eu seguir o **exemplo errado**? A resposta de Aristóteles nos leva novamente a uma consideração política: a sociedade elege seus exemplos e os oferece como modelo para aqueles que desejarem aprender a ser boas pessoas. Pelo **reconhecimento social**, algumas pessoas se destacam em relação a outras e são colocadas como exemplos a serem seguidos.

A aplicação das teorias éticas de Aristóteles ao escopo mais amplo da política é um passo essencial para entender seu pensamento. Aristóteles considera que o ser humano é um "animal político" – e essa afirmação não deve ser subestimada. Assim, podemos utilizar os conceitos da ética para descobrir o *télos* da própria **associação política**. A **principal função da política** é **estimular a virtude em seus cidadãos**, dando-lhes os **exemplos corretos** para imitar, criando neles **bons hábitos** e aproximando-os da **felicidade**. Como determinar, a partir dessa ideia, quem deve ocupar os **cargos públicos**? Para Aristóteles, a resposta segue o mesmo raciocínio que nos casos anteriores: aqueles que tiverem as virtudes necessárias para levar a sociedade a cumprir com sua finalidade. Aristóteles defende que os governantes devem ser aqueles que têm o que ele chama de **virtude cívica** e a preocupação com o bem comum. Por isso, ele acredita que não faz sentido definir a escolha dos governantes com base na riqueza ou na capacidade de agradar à maioria.

A política, portanto, para ser justa, deve ser teleológica – alcançando sua finalidade própria – e honorífica – reconhecendo aqueles que têm as virtudes próprias para alcançá-la. Na verdade, não é possível separar esses dois elementos.

## Revisando

- UEM-PR 2019** A relação entre arte e natureza é discutida pelos filósofos desde Platão e Aristóteles. Para Platão, o artista é capaz de produzir somente cópias das ideias verdadeiras; portanto não podemos confiar nos produtos da arte para conhecer o que são as coisas. Para Aristóteles, a arte é capaz de imitar a realidade de tal forma que representa as coisas, os sentimentos e os fatos tais como são verdadeiramente, e não como meras cópias de coisas reais. Sobre a relação entre arte e natureza, assinale o que for **correto**.
  - 01 Para Platão, a beleza está na relação harmônica entre as partes e o todo das coisas, e a beleza verdadeira, portanto, não é um aspecto sensível das coisas, porém é captada pelo intelecto.
  - 02 Segundo Aristóteles, a arte é uma espécie de ciência, porque podemos distinguir os diferentes tipos de imitação, seus efeitos e as regras de construção das obras de arte.
  - 04 Para ambos os pensadores, a arte somente é imitação da natureza quando representa seres e coisas que realmente existem; quando ela representa animais míticos como as sereias ou o minotauro, ela é imaginativa, e não imitativa.

08 Para Platão, embora a ideia do belo esteja ligada à ideia do Bem, que é a ideia suprema, os poetas não são bons educadores, pois em suas obras eles visam somente as coisas belas contingentes, e não o Bem em si.

16 Para Aristóteles, a arte imita as ações, e não somente aspectos sensíveis; por isso a música, por meio do ritmo e da melodia, e a tragédia, por meio das ações das personagens, são ambas imitações da natureza.

Soma:

2. **Uece 2019** Leia atentamente a seguinte passagem:

A experiência parece um pouco semelhante à ciência (epistémē) e à arte (tékhne). Com efeito, os homens adquirem ciência e arte por meio da experiência. A experiência, como diz Polo, produz a arte, enquanto a in experiência produz o puro acaso. A arte se produz quando, de muitas observações da experiência, forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhantes.

(Aristóteles, *Metafísica*, 981a5)

Com base no texto acima, considere as seguintes afirmações:

- I. Somente a ciência é conhecimento universal, cujos juízos gerais se aplicam a todos os casos semelhantes.
- II. A *tékhne* é uma forma de conhecimento universal, pois, com base nas experiências, se forma um juízo geral.
- III. Por ser semelhante à experiência, a *tékhne* não constitui um conhecimento universal.
- IV. A experiência é pressuposto dos conhecimentos universais (*tékhne* e *epistémē*), mas não é ainda um conhecimento universal.

É correto somente o que se afirma em

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) II e IV.

3. **UFU-MG** Sobre a teoria das quatro causas de Aristóteles é correto afirmar:

- I. É próprio da ciência investigá-las, pois são as causas do movimento e do repouso, ou seja, da passagem da potência ao ato.
  - II. A causa eficiente atua sobre a forma, visto ser a matéria o ato a que aspiram os seres.
  - III. A causa final é própria daquele ser que deve atualizar as potências contidas em sua matéria para alcançar a finalidade própria.
  - IV. A forma é o princípio de indeterminação dos seres. Assinale a única alternativa que apresenta as assertivas corretas.
- a) Apenas I e III.
  - b) I, III e IV.
  - c) Apenas II e III.
  - d) Apenas I e II.

4. **UFU-MG 2013** [...] após ter distinguido em quantos sentidos se diz cada um [destes objetos], deve-se mostrar, em relação ao primeiro, como em cada predicação [objeto] se diz em relação àquele.

Aristóteles, *Metafísica*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

De acordo com a ontologia aristotélica,

- a) a metafísica é “filosofia primeira” porque é ciência do particular, do que não é nem princípio, nem causa de nada.
- b) o primeiro entre os modos de ser, ontologicamente, é o “por acidente”, isto é, diz respeito ao que não é essencial.
- c) a substância é princípio e causa de todas as categorias, ou seja, do ser enquanto ser.
- d) a substância é princípio metafísico, tal como exposto por Platão em sua doutrina.

5. **UFU-MG** Em primeiro lugar, é claro que, com a expressão “ser segundo a potência e o ato”, indicam-se dois modos de ser muito diferentes e, em certo sentido, opostos. Aristóteles, de fato, chama o ser da potência até mesmo de não-ser, no sentido de que, com relação ao ser-em-ato, o ser-em-potência é não-ser-em-ato.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. II. Trad. de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994, p. 349.

A partir da leitura do trecho acima e em conformidade com a Teoria do Ato e Potência de Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) Para Aristóteles, ser-em-ato é o ser em sua capacidade de se transformar em algo diferente dele mesmo, como, por exemplo, o mármore (ser-em-ato) em relação à estátua (ser-em-potência).
- b) Segundo Aristóteles, a teoria do ato e potência explica o movimento percebido no mundo sensível. Tudo o que possui matéria possui potencialidade (capacidade de assumir ou receber uma forma diferente de si), que tende a se atualizar (assumindo ou recebendo aquela forma).
- c) Para Aristóteles, a bem da verdade, existe apenas o ser-em-ato. Isto ocorre porque o movimento verificado no mundo material é apenas ilusório, e o que existe é sempre imutável e imóvel.
- d) Segundo Aristóteles, o ato é próprio do mundo sensível (das coisas materiais) e a potência se encontra tão somente no mundo inteligível, apreendido apenas com o intelecto.

6. **Enem PPL 2012** Quanto à deliberação, deliberam as pessoas sobre tudo? São todas as coisas objetos de possíveis deliberações? Ou será a deliberação impossível no que tange a algumas coisas? Ninguém delibera sobre coisas eternas e imutáveis, tais como a ordem do universo; tampouco sobre coisas mutáveis, como os fenômenos dos solstícios e o nascer do sol, pois nenhuma delas pode ser produzida por nossa ação.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2007. (adaptado).

O conceito de deliberação tratado por Aristóteles é importante para entender a dimensão da responsabilidade humana. A partir do texto, considera-se que é possível ao homem deliberar sobre

- a) coisas imagináveis, já que ele não tem controle sobre os acontecimentos da natureza.
- b) ações humanas, ciente da influência e da determinação dos astros sobre as mesmas.
- c) fatos atingíveis pela ação humana, desde que estejam sob seu controle.
- d) fatos e ações mutáveis da natureza, já que ele é parte dela.
- e) coisas eternas, já que ele é por essência um ser religioso.

7. **UFPA** Tendemos a concordar que a distribuição isonômica do que cabe a cada um no estado de direito é o que permite, do ponto de vista formal e legal, dar estabilidade às várias modalidades de organizações instituídas no interior de uma sociedade. Isso leva Aristóteles a afirmar que a justiça é “uma virtude completa, porém não em absoluto e sim em relação ao nosso próximo”.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 332.

De acordo com essa caracterização, é correto dizer que a função própria e universal atribuída à justiça, no estado de direito, é

- a) conceber e aplicar, de forma incondicional, ideias racionais com poder normativo positivo e irrestrito.
- b) instituir um ideal de liberdade moral que não existiria se não fossem os mecanismos contidos nos sistemas jurídicos.
- c) determinar, para as relações sociais, critérios legais tão universais e independentes que possam valer por si mesmos.
- d) promover, por meio de leis gerais, a reciprocidade entre as necessidades do Estado e as de cada cidadão individualmente.
- e) estabelecer a regência na relação mútua entre os homens, na medida em que isso seja possível por meio de leis.

8. **UEM-PR 2019** Devemos considerar agora o que é a virtude. Visto que na alma se encontram três espécies de coisas – paixões, faculdades e disposições de caráter –, a virtude deve pertencer a uma destas.

(ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, p. 54, 1979).


A partir do fragmento acima e de conhecimentos sobre a ética aristotélica, assinale o que for **correto**.

- 01 Para Aristóteles, o homem virtuoso será o bom cidadão, ou seja, aquele que vive sob as normas da justiça.
- 02 A virtude, para Aristóteles, é a equidistância entre dois vícios, um por excesso, outro por falta.
- 04 Segundo Aristóteles, somos chamados bons e maus pelas nossas paixões, quando agimos, por exemplo, tomados pela ira.

08 A virtude é uma modalidade de escolha ou envolve algum tipo de escolha.

16 Segundo Aristóteles, somos virtuosos pelas nossas faculdades, entendidas como capacidades que temos de sentir emoções.

Soma:

 Texto para a questão 9.

... não é fácil determinar de que maneira, e com quem e por que motivos, e por quanto tempo devemos encolerizar-nos; às vezes nós mesmos louvamos as pessoas que cedem e as chamamos de amáveis, mas às vezes louvamos aquelas que se encolerizam e as chamamos de viris. Entretanto, as pessoas que se desviam um pouco da excelência não são censuradas, quer o façam no sentido do mais, quer o façam no sentido do menos; censuramos apenas as pessoas que se desviam consideravelmente, pois estas não passarão despercebidas. Mas não é fácil determinar racionalmente até onde e em que medida uma pessoa pode desviar-se antes de tornar-se censurável (de fato, nada que é percebido pelos sentidos é fácil de definir); tais coisas dependem de circunstâncias específicas, e a decisão depende da percepção. Isto é bastante para determinar que a situação intermediária deve ser louvada em todas as circunstâncias, mas que às vezes devemos inclinar-nos no sentido do excesso, e às vezes no sentido da falta, pois assim atingiremos mais facilmente o meio-termo e o que é certo.

Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Livro II. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 150 (Col. Os Pensadores).

9. **UFPR 2015** Uma vez que Aristóteles antes define as virtudes como disposições de caráter e, na passagem acima, acrescenta que as virtudes situam-se num “meio-termo”, de que modo devem ser definidos os vícios? Por quê?

10. **Enem PPL 2019** Vimos que o homem sem lei é injusto e o respeitador da lei é justo; evidentemente todos os atos legítimos são, em certo sentido, atos justos, porque os atos prescritos pela arte do legislador são legítimos e cada um deles é justo. Ora, nas disposições que tomam sobre todos os assuntos, as leis têm em mira a vantagem comum, quer de todos, quer dos melhores ou daqueles que detêm o poder ou algo desse gênero; de modo que, em certo sentido, chamamos justos aqueles atos que tendem a produzir e a preservar, para a sociedade política, a felicidade e os elementos que a compõem.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010 (adaptado).

De acordo com o texto de Aristóteles, o legislador deve agir conforme a

- a) moral e a vida privada.
- b) virtude e os interesses públicos.
- c) utilidade e os critérios pragmáticos.
- d) lógica e os princípios metafísicos.
- e) razão e as verdades transcendentais.

## Exercícios propostos

1. **UEPG-PR 2022** Sobre a teoria filosófica da liberdade exposta por Aristóteles, assinale o que for correto.
- 01 Livre é aquele que tem, em si mesmo, o princípio para agir ou não agir.
- 02 A liberdade é singularmente concebida como poder condicionado às determinações morais.
- 04 Livre é aquele que é a causa interna de sua ação.
- 08 O exercício da liberdade não está ligado à ação moral e nem à busca do equilíbrio (meio-termo).

Soma:

2. **Enem 2020** Vemos que toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda comunidade se forma com vistas a algum bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhe parece um bem; se todas as comunidades visam algum bem, é evidente que a mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1988

No fragmento, Aristóteles promove uma reflexão que associa dois elementos essenciais à discussão sobre a vida em comunidade, a saber:

- a) Ética e política, pois conduzem à eudaimonia.
- b) Retórica e linguagem, pois cuidam dos discursos na ágora.
- c) Metafísica e ontologia, pois tratam da filosofia primeira.
- d) Democracia e sociedade, pois se referem a relações sociais.
- e) Geração e corrupção, pois abarcam o campo da physis.
3. **UFU-MG 2019** O homem feliz deverá possuir o atributo em questão (isto é, constância na prática de atividades conforme a excelência) e será feliz por toda a sua vida, pois ele estará sempre, ou pelo menos frequentemente, engajado na prática ou na contemplação do que é conforme a excelência. Da mesma forma ele suportará as vicissitudes com maior galhardia e dignidade, sendo como é, "verdadeiramente bom e irrepreensivelmente tetragonal (honesto)".

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 132. (Adaptado)

Considerando-se o excerto, diz-se que, para Aristóteles, a felicidade é

- a) um presente distribuído aleatoriamente por Deus.
- b) fruto do exercício da razão e das virtudes morais.
- c) o resultado da acumulação de riquezas materiais.
- d) somente uma possibilidade teórica, jamais real.
4. **UEPG-PR 2019** Sobre a concepção política na Antiguidade grega, assinale o que for correto.
- 01 O filósofo grego Platão propõe um modelo aristocrático de poder (sofocracia).
- 02 Aristóteles recusou o autoritarismo e a utopia platônica.
- 04 Segundo Platão, o bom governante deve ser: corajoso, moderado, justo e sábio.

- 08 A política aristotélica aspira a uma cidade justa e feliz.

Soma:

5. **Uece 2019** Se na *Ética a Nicômaco* Aristóteles visa encaminhar o indivíduo à felicidade, na *Política* ele tem por finalidade alcançar o bem comum, o bem viver. Por isso, ele compreende que a origem da pólis está na necessidade natural do homem em buscar a felicidade. A comunidade natural mais incipiente é a família, na qual seus membros se unem para facilitar as atividades básicas de sobrevivência. E várias famílias se ligam para formar a aldeia. E as aldeias se juntam para instituir a pólis.

Sobre isso, é correto afirmar que

- a) o homem não é naturalmente um animal político, mas é, por natureza, um membro da família.
- b) a pólis não é uma noção artificial, mas natural, pois é o lugar do homem desenvolver as suas potencialidades em vista ao bem-viver.
- c) a felicidade do homem está nas condições que permitem sua sobrevivência no âmbito da família.
- d) a pólis se constitui independente das famílias e das aldeias, pois é a única comunidade natural a que o homem pertence.

6. **UEL-PR 2018** Leia o texto a seguir.

Alguns julgam que a grandeza de uma cidade depende do número dos seus habitantes, quando o que importa é prestar atenção à capacidade, mais do que ao número de habitantes, visto que uma cidade tem uma obra a realizar. [...] A cidade melhor é, necessariamente, aquela em que existe uma quantidade de população suficiente para viver bem numa comunidade política. [...] resulta evidente, pois, que o limite populacional perfeito é aquele que não excede a quantidade necessária de indivíduos para realizar uma vida autossuficiente comum a todos. Fica, assim, determinada a questão relativa à grandeza da cidade.

(ARISTÓTELES, *Política* 1326b6-25 Edição bilíngue. Tradução e notas de Antônio C. Amaral e Carlos C. Gomes. Lisboa: Vega, 1998. p. 495- 499.)

Com base no texto e considerando o papel da cidade-estado (pólis) no pensamento ético-político de Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) As dimensões da pólis determinam a qualidade de seu governo: quanto mais cidadãos, maior e melhor será a sua participação política.
- b) A pólis não é natural, por isso é importante organizá-la bem em tamanho e quantidade de cidadãos para que a sociedade seja autossuficiente.
- c) O ser humano, por ser autossuficiente, pode prescindir da pólis, pois o bem viver depende mais do indivíduo que da sociedade.
- d) A pólis realiza a própria obra quando possui um número suficiente de cidadãos que possibilite o bem viver.
- e) O ser humano, como animal político, tende a realizar-se na pólis, mesmo que esta possua quantidade excessiva de cidadãos.

## Texto complementar

### Ética das virtudes no contexto da pandemia

[...] a ética das virtudes descreve o que está acontecendo, e isso, por si só, já pode ajudar. No dilema que estamos considerando [por falta de equipamentos, profissionais da saúde precisam escolher quais pacientes infectados pelo coronavírus receberão tratamento], podemos formular o problema em termos de uma tensão entre diferentes disposições internas ou virtudes. A médica ou a enfermeira deseja ser compassiva e mostrar fidelidade ao paciente diante dela, mas a sabedoria prática diz a ela que deve seguir as orientações nacionais e o protocolo para decisões de tratamento. Isso é simplesmente reafirmar o dilema de uma forma diferente, exceto que a consideração das virtudes é psicologicamente mais sutil que a formulação anterior. Pois as virtudes não são, na realidade, exercidas uma de cada vez. Elas refletem o caráter moral, que é composto de numerosas disposições, não apenas compaixão e fidelidade *versus* sabedoria prática, mas também honestidade, justiça, firmeza, humildade, coragem, integridade e assim por diante. Enfrentamos esses dilemas como pessoas íntegras e, além disso, junto a outros e com a virtude da solidariedade. Haverá uma tensão que leva ao sofrimento moral, mas isso está no contexto de outras características morais internas que ajudarão. Pelo menos, as virtudes podem ajudar uma vez que sejam nomeadas e reconhecidas [...] É frequentemente dito que a ética das virtudes é sobre o que você se torna pelo que você faz. É sobre o modo como nós nos desenvolvemos e nos tornamos seres humanos melhores, mais plenos, até mesmo face a uma tragédia. Não evitamos a tragédia ou o sofrimento moral. Nós não podemos metaforicamente dar um tapinha nas nossas próprias costas por ter feito a coisa certa em nível populacional. A pessoa virtuosa se sentirá aflita (*distress*), mas entenderá isso como uma consequência natural das tarefas que ele ou ela é requisitado(a) a realizar.

Finalmente, a virtude da solidariedade também significa que nós estamos todos juntos nisso e nos lembra que as virtudes estão em evidência em tudo à nossa volta durante esta crise. Elas são vistas nas pequenas gentilezas oferecidas por uma vizinha, bem como no compartilhamento de dados de pesquisa de forma aberta e transparente entre instituições e nações. Nós não podemos e não devemos ignorar as virtudes. [...]

HUGHES, Julian C. O que as virtudes têm a oferecer em meio à COVID-19. *Estado da Arte*, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/virtudes-covid-19-julian-hughes/>. Acesso em: 30 maio 2022.



Pandemia: a virtude autêntica se adapta às situações concretas. Na fotografia, médicos utilizam equipamentos de proteção durante pandemia de covid-19.

## Resumindo

Sócrates → Platão → Aristóteles

Aristóteles × Platão: forma imanente × mundo transcendente

Mudança: teoria das causas  
ato e potência

Justiça: teleológica (qual é a finalidade?)  
honorífica (quem merece ser honrado?)

Ser humano: finalidade = felicidade = vida virtuosa = disposição para o meio-termo (nem excesso, nem falta)

Associação política → exemplos virtuosos → repetição → hábito

## Quer saber mais?



### Livros

**ADLER, Mortimer J. *Aristóteles para todos*. São Paulo: É Realizações, 2018.**

Introdução à obra de Aristóteles que contempla diversas áreas de seu pensamento, escrita de forma clara e instrutiva para o público não especializado.

**MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude*. Bauru: Edusc, 2004.**

Obra clássica de um dos maiores nomes da atualidade que restabelece a virtude como conceito central da ética, evidenciando a influência de Aristóteles no pensamento ético das últimas décadas.

**SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.**

Introdução clara e repleta de exemplos contemporâneos das principais teorias éticas e políticas da história da filosofia. Ao final, o autor apresenta sua própria teoria ética, inspirada na ética aristotélica.



Reprodução



Reprodução



Reprodução



### Filme

**Alexandre. Direção: Oliver Stone, 2004. Classificação indicativa: 14 anos.**

O filme conta a história de Alexandre, o Grande, imperador da Macedônia e pupilo de Aristóteles. O filósofo é retratado brevemente no filme.



Reprodução

## Exercícios complementares

**1. UEPG-PR 2018** Sobre a lógica aristotélica, assinale o que for correto.

- 01** A lógica é um instrumento para o exercício do pensamento e da linguagem.
- 02** Os sofistas e o filósofo grego Platão alcançaram a mesma amplitude, rigor e sistematização da lógica desenvolvida por Aristóteles.
- 04** A lógica aristotélica subdivide-se em: lógica formal e lógica crítica conceitual.
- 08** A lógica formal apresenta métodos que auxiliam no exercício de identificação dos argumentos válidos e na distinção dos inválidos.

Soma:

**2. UEM-PR 2022** Considere os textos a seguir:

#### Texto A:

É evidente, portanto, que a pólis por natureza é anterior a cada um dos cidadãos [...]. Há em todos os homens o impulso para tal comunidade. E o primeiro que a instituiu foi causa dos maiores bens. Com efeito, como o homem, depois de ter alcançado o pleno desenvolvimento, é o melhor dos animais, do mesmo modo, separado da lei e da justiça, será o pior.

(ARISTÓTELES, *Política*. In: MARÇAL, J. (Org.). *Antologia de textos filosóficos*, SEED-PR, 2009, p. 74, citação adaptada).

#### Texto B:

Para que as palavras "justo" e "injusto" possam ter lugar, é necessária alguma espécie de poder coercitivo, capaz de obrigar igualmente os homens ao cumprimento de seus pactos, mediante o terror de algum castigo que seja superior ao benefício que esperam retirar do rompimento do pacto, e capaz de confirmar a propriedade que os homens adquirem por contrato mútuo, como recompensa do direito universal a que renunciaram. E não pode haver tal poder sem antes erigir uma república.

(HOBBES, T. *O Leviatã*. In: MARÇAL, J. (Org.). *Antologia de textos filosóficos*, SEED-PR, 2009, p. 358, citação adaptada).

A partir dos textos A e B e das filosofias políticas de Aristóteles e Hobbes, assinale o que for correto.

- 01** Aristóteles e Hobbes concordam que a vida em uma comunidade política permite ao ser humano desfrutar de benefícios que de outro modo não lhe seriam possíveis.
- 02** Para Hobbes, todo direito e todo dever podem ser justificados a partir das diferenças entre os indivíduos no que concerne às suas capacidades e às suas deficiências naturais.
- 04** Para Hobbes, se o Estado deixar de exercer seu poder de coerção, os indivíduos recobrarão seu direito natural de obter qualquer coisa que desejem, ainda que por meios violentos.
- 08** Para Aristóteles, o bom funcionamento de cada comunidade que compõe a pólis, como as famílias e as vilas, contribui para o bom funcionamento da própria pólis.
- 16** Para Aristóteles, a pólis forma um todo orgânico que ultrapassa a somatória dos esforços individuais e das diversas comunidades de indivíduos encontradas na pólis.

Soma:

**3. UEL-PR 2018** Leia o texto a seguir.

Aristóteles afirma que os indivíduos são compostos de matéria (hyle) e forma (eidos). A matéria é o princípio de individuação e a forma a maneira como a matéria se constitui em si. Assim, todos os indivíduos de uma mesma espécie teriam a mesma forma, mas difeririam do ponto de vista da matéria, já que se trata de indivíduos diferentes, ao menos numericamente.

(Adaptado de: MARCONDES, D. *Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 21.)

Com base na diferenciação entre matéria e forma apresentada no texto, indique o significado dos conceitos de essência e de acidente na teoria do conhecimento de Aristóteles.

- 4. Unicamp-SP 2020** As reflexões de Aristóteles e Platão revelam uma descrença em relação ao regime democrático. O cidadão, diz Aristóteles, é quem toma parte na experiência de governar e de ser governado. Para o filósofo, o animal falante é um animal político. Mas o escravo, mesmo sendo falante, não é um animal político. Os artesãos, diz Platão, não podem participar das coisas comuns porque não têm tempo para se dedicar a outra atividade que não seja o seu trabalho. Assim, ter esta ou aquela “ocupação” define competências ou incompetências para a participação nas decisões sobre a vida comum.

(Adaptado de Flávia Maria Schlee Eyler, *História antiga*: Grécia e Roma. Petrópolis: Editora Vozes/Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014, p.15.)

A partir do texto e de seus conhecimentos sobre a Antiguidade Clássica, responda às questões.

- Segundo Aristóteles e Platão, como se define o “animal político” no contexto da cidadania ateniense?
- Identifique e explique uma crítica dos filósofos citados ao regime democrático.

- 5. UEL-PR 2022** Leia o texto a seguir.

De facto, o homem livre manda no escravo, da mesma forma que o marido na mulher, e o adulto na criança. Nesses casos, as partes da alma estão presentes em todos esses seres, mas dispostas de modo diferente. O escravo não tem faculdade deliberativa; a mulher tem-na, mas não tem faculdade de decisão; a criança tem capacidade de decisão, mas ainda não desenvolvida. Deveríamos necessariamente admitir, então, que o mesmo se passa com as virtudes morais. Todos devem participar delas, embora não da mesma forma mas na medida em que cada um cumpre a função que lhe é adequada.

ARISTÓTELES. *Política*. Edição bilíngue. Tradução e notas de António C. Amaral e Carlos C. Gomes. Lisboa: Vega, 1998, p.95.

Com base no texto e no modo como Aristóteles concebiam a participação de homens livres, mulheres, crianças e escravos nas deliberações da Pólis ateniense, assinale a alternativa correta.

- Mulheres e escravos possuem as mesmas partes da alma, sendo seres com virtudes intelectuais idênticas, motivo pelo qual desempenham funções similares no âmbito doméstico.

- Todo ser humano é um ser social, ou animal político, porque cada um cumpre a mesma função de participação na Pólis, cabendo adicionalmente às mulheres a participação nos banquetes.
- As funções dos homens livres, mulheres e escravos são determinadas pela alma, havendo igualdade em suas capacidades para cuidar da casa e da administração pública.
- As mulheres têm função de cuidadoras da casa e, embora tenham capacidade deliberativa, esta é destinada aos homens, o que impede sua participação política.
- As funções das mulheres são similares às dos homens livres, ainda que suas capacidades deliberativas sejam desiguais, elas possuíamos mesmos deveres e direitos na Pólis.

- 6. UPE/SSA 2017** Sobre o problema político e social, atente ao texto a seguir:

O homem verdadeiramente político também goza a reputação de haver estudado a virtude acima de todas as coisas, pois que ele deseja fazer com que os seus concidadãos sejam bons e obedientes às leis. Mas a virtude que devemos estudar é, fora de qualquer dúvida, a virtude humana; porque humano era o bem e humana a felicidade que buscávamos.

Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. São Paulo, 1973, p. 263.

Na citação acima, Aristóteles retrata que

- a virtude humana é a busca da felicidade e não diz respeito à dimensão política que é da esfera do social.
- o verdadeiro homem prudente no âmbito político busca e faz uso do equilíbrio da vida pessoal e social.
- os cidadãos são bons e obedientes às leis, isto é, declinam do valor da virtude humana.
- o homem verdadeiramente político deve buscar o bem e a felicidade na esfera individual.
- a virtude humana é um projeto individual e indiferente no âmbito da convivência político-social.

## BNCC em foco

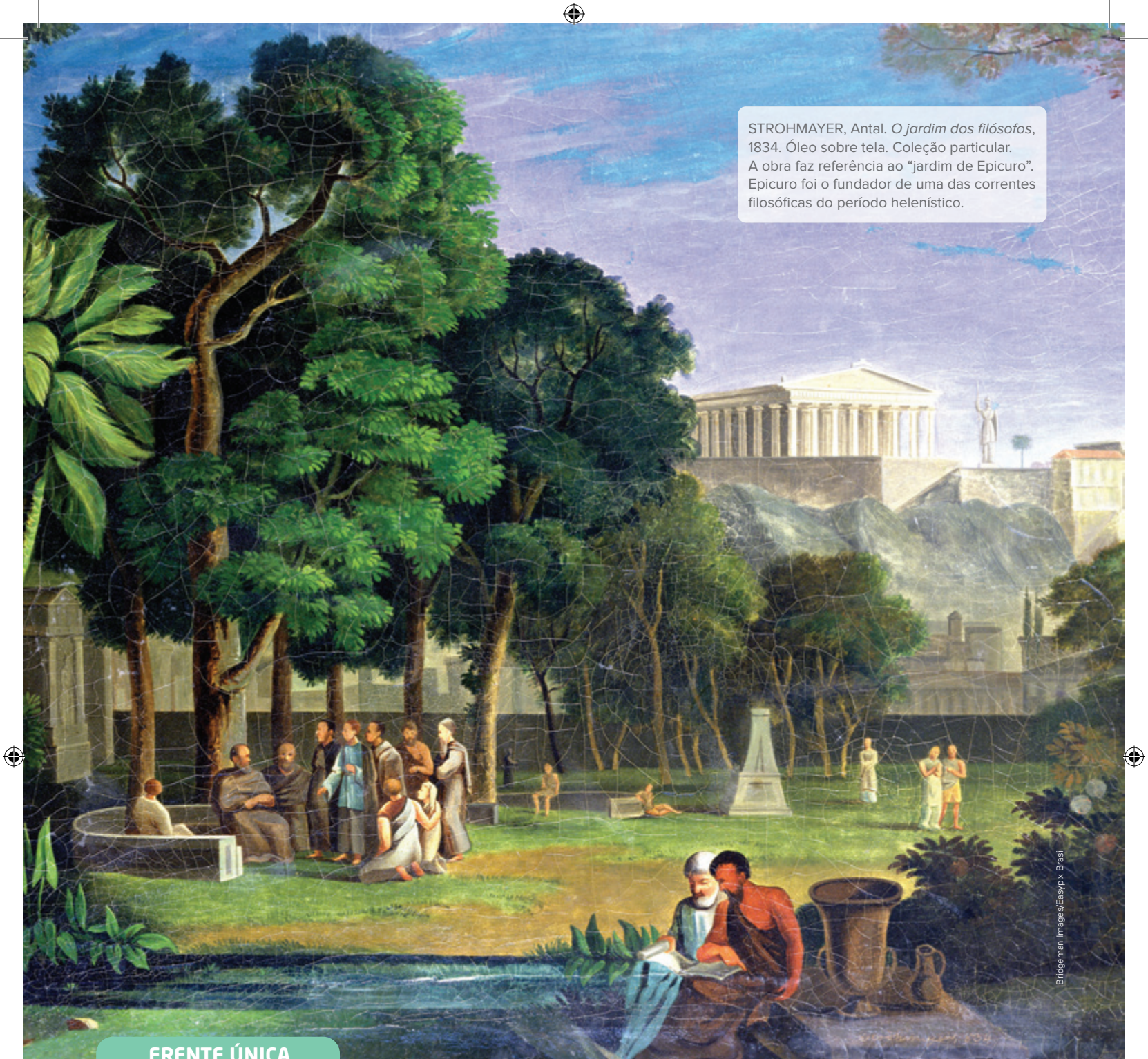
EM13CHS504

- “Ambientes como esse são laboratórios éticos”, afirma o filósofo e escritor brasileiro Luiz Felipe Pondé a respeito do coronavírus [...] Segundo ele, entender as escolas de ética e suas teorias ajudaria líderes e sociedade a tomarem decisões e se posicionarem da melhor forma diante da pandemia. “Ética não é autoajuda, não é motivacional e não é marketing, ela serve para pensar como fazer os seres humanos a agirem de forma menos narcisista, mais coletiva e menos violenta.

LIBERDADE vs. controle social durante o coronavírus: o papel da ética segundo Pondé. *Amcham Brasil*, 5 maio 2020. Disponível em: <https://www.amcham.com.br/noticias/gestao/liberdade-vs-controle-social-durante-o-coronavirus-o-papel-da-etica-segundo-ponde>. Acesso em: 30 maio 2022.

A partir das afirmações do filósofo brasileiro, o que a ética das virtudes de Aristóteles tem a contribuir para compreender a atitude das pessoas comuns para enfrentar a pandemia de coronavírus?





STROHMAYER, Antal. *O jardim dos filósofos*, 1834. Óleo sobre tela. Coleção particular. A obra faz referência ao “jardim de Epicuro”. Epicuro foi o fundador de uma das correntes filosóficas do período helenístico.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

6

## Filosofia Helenística

Neste capítulo, você vai conhecer o desenvolvimento da filosofia grega depois de Aristóteles, principalmente com o surgimento de três novas escolas filosóficas: o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo. No contexto de crise da cidade-Estado, a filosofia deixa de ser um fenômeno eminentemente grego. O pensamento desse período busca responder a uma pergunta: como alcançar a felicidade? Todas as escolas filosóficas desse período concordam que o elemento filosófico é essencial para uma vida mais sábia e feliz.

- O período helenístico.
- Epicurismo.
- Estoicismo.
- Ceticismo.

## O período helenístico

A morte de Aristóteles, o terceiro dos grandes filósofos de Atenas, ocorreu cerca de um ano depois da morte de seu ex-pupilo, o imperador Alexandre, o Grande. Alexandre foi um grande conquistador. Após sua morte, suas terras foram divididas entre seus principais generais e subdivididas em reinos. Alguns séculos depois, perto do início da Era Cristã, vários desses pequenos reinos foram conquistados pelo Império Romano. O período compreendido entre as mortes de Alexandre e Aristóteles e a conquista do Império Romano é conhecido como período helenístico.



Mosaico de Alexandre (detalhe). c. 120 a.C., *opus vermiculatum*. Museu Arqueológico Nacional, Nápoles, Itália. O detalhe do mosaico retrata Alexandre, o Grande, durante o ataque ao rei Dario, da Pérsia.

Essas movimentações políticas geraram duas grandes consequências culturais, que serão importantes para as escolas desse período. Em primeiro lugar, o período helenístico é, ao mesmo tempo, uma época de profunda influência dos gregos sobre outros povos, mas também um momento em que novas ideias e modos de vida alcançaram a Grécia. Em segundo lugar, esse período é marcado pela perda da confiança na cidade-Estado. Muitos não viam mais sentido na participação política.

O que vários dos filósofos desse período têm em comum é uma visão profundamente prática da filosofia, e vários de seus ensinamentos tinham como objetivo ajudar as pessoas a encontrar a felicidade. Para as diferentes correntes desse período, no entanto, o modo de alcançá-la varia bastante. A ênfase em aspectos práticos, em especial na busca da boa vida, faz com que a filosofia helenística exerça uma forte atração em leitores contemporâneos.

## Epicurismo

O fundador de uma das primeiras escolas rivais da Academia e do Liceu foi Epicuro de Samos. Em 306 a.C., Epicuro se estabeleceu em Atenas, comprou uma casa e nela criou uma escola conhecida como “Jardim”. Epicuro foi um professor convicto e um escritor produtivo, mas pouco de suas produções chegou até nós. A maior fonte do epicurismo de que ainda dispomos é o poema “Sobre a natureza das coisas”, escrito pelo romano Lucrecio no século I a.C., muito depois da morte de Epicuro.

A filosofia epicurista é ao mesmo tempo teórica e prática. Epicuro acreditava que o universo (*kosmos*) tenha se formado a partir da colisão de átomos. Se nossa alma é formada por uma colisão de átomos, da mesma forma ela cessa pela sua desintegração. Uma vez que isso acontece, não somos mais capazes de ter sensações. Para Epicuro, isso significava que não precisamos ter medo da morte: ela é o fim da nossa existência, corporal e anímica, e nada resta para sentir ou sofrer.



Epicuro.

Epicuro não nega a existência dos deuses, mas nega que eles tenham qualquer interesse pelos seres humanos. Para ele, não faria sentido imaginar deuses que queiram o respeito ou a gratidão dos seres humanos, pois eles vivem em felicidade imortal. Por sua vez, as crenças comuns – e equivocadas – sobre os deuses e sua relação com a humanidade criam medos e limitações prejudiciais.

Segundo Epicuro, felicidade é prazer. Isso se evidencia pelo fato de sempre buscarmos o prazer e nos afastarmos da dor. Uma vida mais feliz é aquela em que o prazer é aumentado, e o sofrimento, diminuído. Epicuro nos alerta, contudo, para não buscarmos qualquer prazer, pois os prazeres inferiores, por gerarem mais desejo, podem nos causar mais sofrimento. Ao contrário, devemos nos contentar com os prazeres simples da vida porque são preservados na memória mesmo após vivida a experiência. Epicuro incentiva que tenhamos boas lembranças em mente para nos distrair da dor em momentos difíceis.

Epicuro morreu aos 72 anos, em 270 a.C., após sofrer por muito tempo de uma dolorosa doença. No dia de sua morte, escreveu a um amigo, Idomeneu, contando suas aflições, mas reafirmando que encontrou consolo ao se lembrar das conversas dos dois. O pensamento de Epicuro foi bastante difundido em Roma, onde encontrou seu mais célebre continuador, Lucrecio, e segue atraindo aqueles que veem na filosofia da moderação uma resposta para as insatisfações da vida.



Prazeres simples.

### ! Atenção

Uma vez que, para ser feliz, era preciso focar nos prazeres simples, Epicuro aconselhava viver fora das agitações da cidade. Retirou-se, assim, do convívio das multidões e passou boa parte de sua vida em companhia de discípulos e colegas, que buscavam o mesmo ideal de vida, em Atenas, no Jardim de Epicuro (tal como ficou conhecido), onde vivia e ensinava.

## Estoicismo

A escola filosófica mais influente do período helenístico é chamada “estoicismo”, termo que se refere ao local onde seu fundador começou a ensinar os discípulos: a Stoa. Seu fundador foi Zenão de Cítio, mas os principais representantes do estoicismo são bastante posteriores. O estoicismo foi uma corrente muito popular no Império Romano, e dessa escola vieram dois de seus nomes mais conhecidos: Cícero e Sêneca. Além deles, tem grande fama Epicteto, um ex-escravo grego.



A Stoa, em Atenas.

Os estoicos dividiam o conhecimento em três campos: Lógica, Física e Ética. Na Lógica, fizeram contribuições originais em relação à Lógica aristotélica. Na Física, defenderam que tudo que existe é composto de matéria. Mas é por suas teorias éticas que o estoicismo é mais conhecido. Assim como os epicuristas, os estoicos acreditavam que o verdadeiro papel da filosofia era ensinar a viver uma boa vida.

A principal ideia do estoicismo é a afirmação radical de que a nossa felicidade independe de fatores externos a nós. Não importa quão negativo seja um acontecimento,

ou quanto ele aparentemente prejudique um indivíduo, não é o acontecimento que o deixa infeliz, mas como se reage a ele. Em um trecho famoso, Epicteto diz que o que nos incomoda não são as coisas, mas nossos juízos sobre elas.

Para os estoicos, é fundamental diferenciar aquilo que está sob nosso controle daquilo que não está. Não podemos controlar o que outros fazem ou o que é resultado do acaso, nem o que acontece com nossos corpos ou com nossos bens, nem o que outros pensam de nós. Mas podemos controlar nossas ações, nossos pensamentos e também nossas emoções.

Se nossas emoções podem ser controladas, e uma infinidade de acontecimentos possíveis não o podem, qual seria a chave da felicidade? Preocupar-nos apenas em reagir da melhor forma àquilo que acontece. Se colocarmos nossa energia e desejo em algo que não controlamos, estamos fadados à decepção e deixaremos que nossa vida seja levada sem nunca tomarmos a dianteira.

Duas dificuldades podem ser levantadas. Em primeiro lugar, se devo deixar de me preocupar com aquilo que não está no meu controle, devo parar de me alimentar e de satisfazer minhas necessidades em geral? Em linhas gerais, para os estoicos, a natureza pode ser entendida como um todo ordenado racionalmente por Deus. Resta aos seres humanos exercer sua liberdade entrando em harmonia com a natureza e aceitando aquilo que está determinado – e a busca pela autopreservação faz parte dessa harmonia.

Em segundo lugar, o modo de vida estoico resultaria em um estado de frieza? Para os estoicos, o estado de serenidade da alma (em grego, **ataraxia**) confundia-se mesmo com a negação das emoções (do grego, **apatheia**). Por outro lado, é possível que esse ideal de plena imperturbabilidade esteja muito distante de nós, e que sejamos muito facilmente levados pelo que nos acontece, de modo que seria interessante aprender com os estoicos ao menos a controlar um pouco melhor nossas emoções.

**Ataraxia:** termo usado pelas filosofias helenísticas para se referir ao ideal da imperturbabilidade ou da serenidade da alma, que poderíamos alcançar por meio do domínio das paixões, ou eventualmente pela extirpação delas.

**Apatheia:** (em português, apatia) significa propriamente insensibilidade, mas na filosofia helenística antiga se refere ao ideal moral dos estoicos, que pregavam a indiferença em relação a todas as emoções, alcançada por meio do exercício da virtude. Os estoicos viam na *apatheia* a própria felicidade.

magic pictures/Shutterstock.com



Controlando as emoções.

## Estabelecendo relações

O estoicismo é um sistema complexo que envolve diferentes áreas da filosofia, mas sua principal preocupação é prática – e ele certamente pode impactar a maneira como vivemos nossa vida. E impactou profundamente no caso do piloto americano James B. Stockdale, que, durante a Guerra do Vietnã, foi capturado, preso e torturado. Stockdale passou quatro anos em uma solitária – ajudado pela filosofia estoica que conhecia:

Ele conseguiu sobreviver aplicando o que se lembrava de ter aprendido do ensinamento de Epicteto em um curso que fez na faculdade. Enquanto descia de paraquedas sobre o território inimigo, decidiu manter-se impassível diante de tudo que o fizessem, não importando quão inóspito fosse o tratamento. Como não poderia mudar a situação, não deixaria que ela o afetasse. O estoicismo deu a ele a força para superar a dor e a solidão que teriam destruído a maioria das pessoas.

WARBURTON, Nigel. *Uma breve história da filosofia*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: L&PM, 2012. p. 33.

## Saiba mais

Enquanto sistemas éticos modernos oferecem critérios variados para julgarmos se uma ação em particular é boa ou ruim, os sistemas antigos tendiam a se preocupar em responder o que é uma boa vida, focando, por exemplo, no desenvolvimento do caráter do agente mais do que na avaliação de ações particulares. A ética estoica, no entanto, permite uma resposta bastante direta também para esse ponto, o que a aproxima das discussões modernas. Se o estoico defende que o agente deve se preocupar apenas com aquilo que ele é capaz de controlar, segue-se que suas ações devem ser julgadas pelo que ele pretendia com elas, não pelo resultado que, de fato, tiveram. Mais vale, então, a ação de uma pessoa que tentou diligentemente e falhou do que a daquela que obteve um bom resultado por pura sorte.

## Ceticismo

O fundador do ceticismo foi Pirro de Élis, que viveu entre os séculos IV e III a.C. Assim como Sócrates, ele não deixou escritos, e o que conhecemos do seu pensamento se deve a registros de seus discípulos. Um deles, Arcesilau, assumiu, por volta de 264 a.C., o controle da Academia fundada por Platão e a transformou em um centro de ceticismo que durou cerca de dois séculos. Um dos céticos mais famosos foi o grego Sexto Empírico, que viveu entre os séculos III e II a.C. Assim como o epicurismo e o estoicismo, o ceticismo foi também influente em Roma.

O ponto central do ceticismo nasce da distinção, já tradicional na filosofia grega, entre aparência e realidade. Os céticos apontam para o fato de que o que percebemos pelos sentidos não nos permite, muitas vezes, afirmar algo sobre a realidade que estaria por detrás dessa percepção. Dado que nossas escolhas dependem do que nos causa mais prazer, e o que causa mais prazer depende de como percebemos as coisas, segue-se então que pessoas diferentes percebem a mesma coisa de formas diferentes. Então, nenhuma dessas percepções representa a realidade daquele objeto.

Podemos concluir que, por mais que as coisas nos apareçam de determinada forma, não podemos saber se essa aparência corresponde à realidade. Tudo o que conhecemos são as aparências, portanto, a realidade não é acessível para nós. A atitude deve ser a **epoché**, importante conceito associado aos céticos, que significa “suspensão de juízo”, isto é, não afirmo nem que seja nem que não seja.

Outra forma de compreender a posição cética é dizer que sua filosofia está centrada no **problema do critério**: não é possível encontrar um critério para determinar o que é verdadeiro quando temos duas afirmações contraditórias. Se escolhermos um critério, teremos que nos perguntar qual é o critério para escolher esse critério; e, então, o problema passa a ser qual é o critério para escolher esse segundo critério. O que nos levaria a um regresso ao infinito.



Dúvida.

## Atenção

Há diferentes tipos de ceticismo, e alguns podem não ser tão extremados quanto o ceticismo pirrônico. Descartes, por exemplo, aplica o ceticismo como um método: é preciso duvidar de tudo, não porque nenhuma certeza é possível, mas porque só duvidando poderemos encontrar alguma verdade que se sustente frente ao questionamento. Sócrates também tem algo de cético, na medida em que acreditava que reconhecer a própria ignorância era uma forma de sabedoria. De certo modo, todo filósofo é um cético, mas não para abandonar a certeza, e sim para encontrá-la de modo mais seguro.

A pergunta que então se coloca é: como o cético vive? Ele pode suspender o juízo sobre a natureza da realidade, mas, de uma forma ou de outra, precisa fazer escolhas sobre como agir. Pirro era radical em suas concepções céticas. Ele levava o ceticismo tão a sério, que afirmava que nem sobre as coisas mais práticas é possível ter qualquer certeza. Pirro era conhecido por ser um homem impassível, que não se assustava ou se desesperava nem com o maior dos perigos.

Já Sexto Empírico entendia que as decisões cotidianas tinham que ser baseadas na única coisa que temos: as aparências. Sexto tomava suas decisões baseado no que parecia funcionar ou ser mais benéfico, mas se recusava a avaliar as coisas como sendo elas mesmas boas ou ruins. Isso traz de volta o relativismo que Sócrates e Platão tanto quiseram eliminar: podemos chamá-lo de um relativismo prático.

Para concluir, podemos dizer que há um elemento comum ao ceticismo e ao estoicismo: ambos propunham um ideal de tranquilidade inabalável, identificado com a felicidade. Para os estoicos, o fato de não podermos controlar os acontecimentos, mas apenas as nossas emoções, é o caminho para alcançarmos a felicidade. Para os céticos, esse caminho é determinado pelo fato de não sabermos nada, nem mesmo se aquilo que acontece é bom ou ruim. A vida pode tornar-se bem mais simples e feliz se reconhecermos os limites daquilo que podemos saber e aceitarmos o que acontecer.



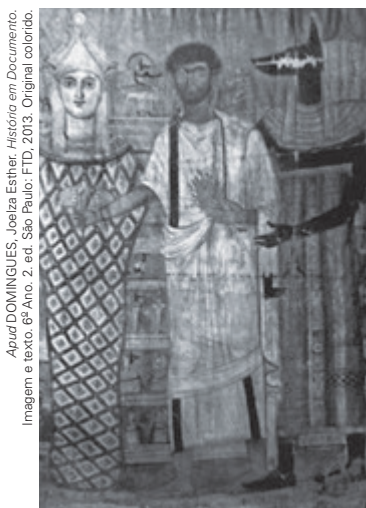
LeoPatrizi/Stockphoto.com

Tranquilidade.

## Revisando

- 1. UTFPR 2016** Para além das conquistas militares, um dos mais importantes feitos de Alexandre, o Grande, foi favorecer o surgimento de uma nova cultura, com forte influência grega. As cidades de Alexandria, no Egito, Pérgamo, na Antióquia, e a Ilha de Rodes, no Mar Egeu, constituíram-se em centros difusores de novos valores e de novos saberes, que se estenderam pelas artes, pelas ciências e por novas vertentes filosóficas. O nome dado a essa expressão cultural foi:
- a) modernista.
  - b) renascentista.
  - c) contemporânea.
  - d) realista.
  - e) helenística.

**2. Fatec-SP 2019**



Apud DOMINGUES, Joêiza Esther. *História em Documento. Imagem e texto*. 6ª Ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2013. Original colorido.

Tapeçaria funerária, linho, 1,75 m x 1,25 m. Sacara, Egito, séc. I a.C. Aegyptisches Museum, Berlim.

A figura mostra uma tapeçaria funerária produzida no Egito, durante o chamado Período Helenístico, retratando um homem vestido como grego, posicionado entre dois deuses egípcios, Osíris e Anúbis.

Assinale a alternativa que explica, corretamente, a fusão das culturas grega e egípcia representada na tapeçaria.

- a) As sucessivas incursões militares empreendidas pela rainha Cleópatra VI nos territórios gregos proporcionaram o contato dos egípcios com a arte e a filosofia helenística, cuja concepção estética influenciou a produção dos artesãos do Baixo Egito.
- b) Educado por Aristóteles, o faraó Menés, responsável pela unificação dos reinos do Baixo e do Alto Egito, tornou-se grande admirador da arte e da filosofia gregas, e foi o responsável pela difusão da cultura helenística em seu império.
- c) A política expansionista de Alexandre, o Grande, promoveu o contato dos gregos com outros povos da Europa, da Ásia e da África, e originou a cultura helenística, caracterizada pela miscigenação de diversos elementos culturais.
- d) Os egípcios tomaram contato com a cultura helenística por meio do comércio com os povos visigodo, ostrogodo, *viking* e alano que, partindo do norte da Europa, navegavam até o Nilo levando produtos de diferentes procedências.
- e) Resultado da união política da Grécia e do Egito, por meio do casamento de Alexandre, o Grande, com Cleópatra VI, a cultura helenística foi imposta, muitas vezes à força, a todos os súditos do novo império.

3. **UFG-GO 2014** Leia o texto a seguir.

Alexandre não tentou reorganizar a cidade, como pretendiam Platão e Aristóteles, mas inaugurou um novo modo de governar. Nesse sentido, a sua ação contrariou profundamente as orientações que recebera de Aristóteles.

MARTINS, O. S.; MELO, J. J. P. *A paideia helenística*. Apud ROSSI, A. L. D. O. C. (Org.). *Migrações e imigrações entre saberes, culturas e religiões no mundo antigo e medieval*. Assis: Unesp, 2009. p. 35.

O fragmento se refere ao governo do imperador Alexandre Magno no século IV a.C. A partir da análise do texto e considerando o contexto a que se refere, destaca-se, como uma das características do governo de Alexandre Magno, a

- a) ênfase na política de paz com os impérios orientais, por meio de alianças com os persas e os egípcios, colocando fim à expansão grega.
- b) afirmação da cultura grega como a forma de expressão aceita, estabelecendo o sofismo como base para o governo da pólis.
- c) adoção da religião politeísta e antropomórfica, composta de vários deuses que se assemelhavam aos homens, substituindo a adoração ao imperador.
- d) valorização da filosofia como fundamento da vida cívica, utilizando o estoicismo e o epicurismo para justificar a existência da pólis.
- e) retomada do despotismo em que a autoridade do governo era inquestionável, sepultando as conquistas de direitos que fundamentaram a democracia.

4. **Unicentro-PR** A alternativa que corresponde à periodização do tempo histórico da Filosofia antiga grega é a

- a) Grécia Arcaica (séculos VII e VI a.C.); Grécia Clássica (séculos V e IV a.C.); Grécia Helenística (séculos III a.C.-III d.C.).
- b) Grécia Arcaica (séculos VII e VI a.C.); Guerras Médicas (século IV a.C.).
- c) Grécia Helenística (séculos III a.C.-III d.C.) e Império Egípcio.
- d) Grécia Clássica (séculos V e IV a.C.); Roma Antiga (século I).
- e) Grécia Antiga; Mesopotâmia e Império Babilônico.

5. **UEM-PR 2013** Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera.

(Epicuro. *Carta sobre a felicidade [a Meneceu]*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 27. In: COTRIM, G. *Fundamentos da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 97.)

A partir do trecho citado, é **correto** afirmar que

- 01 morte, por ser um estado de ausência de sensação, não é nem boa, nem má.
- 02 a vida deve ser considerada em função da morte certa.
- 04 o tolo não espera a morte, mas vive apoiado nas suas sensações e nos seus prazeres.
- 08 a certeza da morte torna a vida terrível.
- 16 a espera da morte é um sofrimento tolo para aquele que a espera.

Soma:

6. **UFSJ-MG** Sobre a ética na Antiguidade, é **CORRETO** afirmar que

- a) o ideal ético perseguido pelo estoicismo era um estado de plena serenidade para lidar com os sobressaltos da existência.
- b) os sofistas afirmavam a normatização e verdades universalmente válidas.
- c) Platão, na direção socrática, defendeu a necessidade de purificação da alma para se alcançar a ideia de bem.
- d) Sócrates repercutiu a ideia de uma ética intimista voltada para o bem individual, que, ao ser exercida, se espargiria por todos os homens.

7. **UFSJ-MG** Sobre o ceticismo, é **CORRETO** afirmar que

- a) os céticos buscaram uma mediação entre “o ser” e o “poder-ser”.
- b) o ceticismo relativo tem no subjetivismo e no relativismo doutrinas manifestamente apoiadas em seu princípio maior: toda interatividade possível.
- c) Protágoras (séc. V a.C.), relativista, afirmou que “o Homem só entende a natureza porque o conhecimento emana dela e nela se instala”.
- d) Górgias (485-380 a.C.) e Pirro (365-275 a.C.) são apontados como possíveis fundadores do ceticismo absoluto.

8. **UEM-PR** O Período Helenístico inicia-se com a conquista macedônica das cidades-Estado gregas. As correntes filosóficas desse período surgem como tentativas de remediar os sofrimentos da condição humana individual: o epicurismo ensinando que o prazer é o sentido da vida; o estoicismo instruindo a suportar com a mesma firmeza de caráter os acontecimentos bons ou maus; o ceticismo de Pirro orientando a suspender os julgamentos sobre os fenômenos. Sobre essas correntes filosóficas, assinale o que for **correto**.

- 01 Os estoicos, acreditando na ideia de um cosmo harmonioso governado por uma razão universal, afirmaram que virtuoso e feliz é o homem que vive de acordo com a natureza e a razão.
- 02 Conforme a moral estoica, nossos juízos e paixões dependem de nós, e a importância das coisas provém da opinião que delas temos.
- 04 Para o epicurismo, a felicidade é o prazer, mas o verdadeiro prazer é aquele proporcionado pela ausência de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma.

08 Para Epicuro, não se deve temer a morte, porque nada é para nós enquanto vivemos e, quando ela nos sobrevém, somos nós que deixamos de ser.

16 O ceticismo de Pirro sustentou que, porque todas as opiniões são igualmente válidas e nossas sensações não são verdadeiras nem falsas, nada se deve afirmar com certeza absoluta, e da suspensão do juízo advém a paz e a tranquilidade da alma.

Soma:

9. **Unicentro-PR** Sobre o conceito de ética, analise as assertivas e assinale a alternativa que aponta a(s) correta(s)

I. Para Aristóteles, as ações humanas não são como as operações naturais. Na natureza cada ser segue necessariamente as exigências impostas por sua matéria e por sua forma, ou seja, o acidente é secundário. Em relação às ações humanas dá-se exatamente o contrário, nelas o acidente predomina, pois, embora o homem possua vontade e poder de escolher a ação que deseja realizar, ele também se engana e pode não alcançar aquilo que almejou.

II. A ética epicurista é basicamente um hedonismo. O motor e a meta da vida humana são identificados ao prazer. Prazer, mas prazer com medida e senso de limite. O hedonismo epicurista alia prazer e serenidade.

III. A primeira e mais importante ideia geral do estoicismo é a exaltação da natureza, daí o primeiro princípio da ética estoica: todos devem viver em

conformidade com a natureza. Nisto resume-se a virtude. Pautar a vida segundo as prescrições da natureza significa, para os estoicos, servir ao interesse geral da coletividade, antes que seu próprio.

IV. O pensamento ético-teológico de São Tomás de Aquino afasta-se inteiramente do aristotelismo. O primeiro e inabalável postulado do sistema tomista é o de que o homem não foi dotado pelo Criador da capacidade de separar a verdade do erro, por isso o juízo ético está absolutamente ligado aos sentimentos e emoções.

- a) Apenas I, III e IV estão corretas.
- b) Apenas I está correta.
- c) Apenas I e IV estão corretas.
- d) Apenas I, II e III estão corretas.
- e) Apenas IV está correta.

10. **Uece 2019** Com a morte de Alexandre, o Grande, iniciou-se a fase conhecida como Helenismo. Considerando os valores e ideais desse período, atente para os seguintes itens:

- I. favorecimento da unificação entre a cultura superior e a cultura popular;
- II. reforço dos elos entre o indivíduo e a comunidade, repudiando o individualismo;
- III. destaque para os ideais filosóficos do epicurismo e do estoicismo.

É correto somente o que consta em

- a) II e III.
- b) III.
- c) I e II.
- d) I.

## Exercícios propostos

1. **Unioeste-PR 2021** Sexto Empírico, em *Hipotiposes Pirrônicas*, escreve:

Se, portanto, as coisas que nos afetam por natureza afetam todos do mesmo modo, mas os assim chamados bens não nos afetam todos do mesmo modo, então nada é bom por natureza. Não é possível ser convencido por todas as opiniões apresentadas (...), por causa do conflito, nem por alguma delas. Pois aquele que diz que devemos achar convincente esta e não aquela, tem contra si opostos os argumentos daqueles que sustentam concepções diferentes e se torna parte da disputa. Assim, ele precisará, como os demais, antes ser julgado do que ser juiz dos outros. Uma vez, então, que não há critério ou prova, em razão da disputa indecível a respeito destes, ele terminará suspendendo o juízo e assim não será capaz de afirmar acerca do que é por natureza bom (...).

Hipotiposes Pirrônicas III, 192.

Com base no texto de Sexto Empírico, examine, agora, as afirmações a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

a) Sexto Empírico argumenta que somente mediante o critério racional podemos resolver com certeza as divergências filosóficas.

- b) Sexto nos diz que contra um mesmo argumento podemos opor, indefinidamente, outros argumentos contrários.
- c) Sexto afirma que, como desconhecemos o que é bom por natureza, não podemos suspender o juízo.
- d) Conforme Sexto, somente um juiz pode dizer o que é bom por natureza.
- e) Todas as alternativas estão corretas.

2. **Enem 2018**

A quem não basta pouco, nada basta.

EPICURO. Os pensadores

Remanescente do período helenístico, a máxima apresentada valoriza a seguinte virtude:

- a) Esperança, tida como confiança no porvir.
- b) Justiça, interpretada como retidão de caráter.
- c) Temperança, marcada pelo domínio da vontade.
- d) Coragem, definida como fortitude na dificuldade.
- e) Prudência, caracterizada pelo correto uso da razão.

3. **Uece 2020** A filosofia helenística é profundamente marcada por uma preocupação central com a ética, entendida, em um sentido prático, como o estabelecimento de regras do bem viver, da ‘arte de viver’. É ilustrativo disso o famoso *Manual de Epicteto*, filósofo estoico do período romano.

Considere as seguintes afirmações sobre a doutrina ética das principais correntes de pensamento helenísticas:

- I. Para se ter uma conduta ética que assegure a felicidade, o estoicismo propõe o agir de acordo com os princípios da natureza, em equilíbrio com o cosmo e em busca da tranquilidade – ataraxia.
- II. Agir eticamente, segundo o epicurismo, significa dar vazão aos desejos naturais de forma intensa e total. A vida ética requer o exercício pleno da paixão que não se opõe à razão, mas a complementa.
- III. A ética estoica influenciou fortemente a ética cristã em virtude de seu caráter determinista e por sua valorização do autocontrole e da submissão.

É correto o que se afirma em:

- a) I e III apenas.                      b) I, II e III.                      c) II e III apenas.                      d) I e II apenas.

## Texto complementar

### O estoicismo na vida cotidiana

O texto a seguir é a transcrição de uma conferência preparada para o Stoicon 2016, um encontro anual sobre estoicismo na vida cotidiana. John Sellars é pesquisador do King’s College e professor da Universidade de Londres. É um acadêmico renomado, estudioso de Filosofia Antiga e um dos fundadores do movimento “Estoicismo moderno”.

Muitas pessoas interessadas ou envolvidas no renascimento popular do estoicismo dirão que o estoicismo pode ajudar-nos a levar vidas melhores e mais felizes. À primeira vista, isso pode levar-nos a pensar que o atual interesse renovado no estoicismo é parte da “indústria da felicidade”. Para os insatisfeitos, desiludidos ou deprimidos que procuraram em vão por algo para animá-los, talvez o estoicismo seja a próxima coisa a tentar que poderia ajudar a superar sua melancolia e restabelecer sua alegria de viver. Se falamos sobre o estoicismo como uma forma de terapia ou como tendo elementos terapêuticos, isso pode certamente contribuir para essa impressão: o estoicismo oferece terapia, mas terapia para quê? Parece natural assumir que a resposta é terapia para a infelicidade. Então parece que o estoicismo tem a felicidade como sua principal preocupação. De fato, os estoicos antigos tinham como objetivo a *eudaimonia*, que é normalmente traduzida como “felicidade”.

O que eu quero fazer é desafiar ou pelo menos qualificar essa visão. O estoicismo não lhe fará feliz – pelo menos não no sentido em que o termo “felicidade” é frequentemente usado na cultura da autoajuda moderna. Não se trata de pensar de certa forma para se obter uma agradável sensação interior.

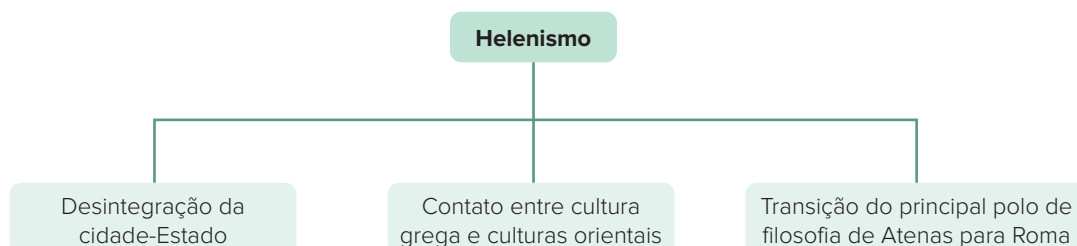
Deixe-me dizer desde já que não pretendo atacar ou rejeitar nada que ninguém tenha planejado dizer. O estoicismo é uma filosofia guiada pela ideia de que as pessoas querem viver bem, ter aquilo que o fundador Zenão chamou “um fluxo suave de vida”, e o estoicismo acredita que pode ajudar as pessoas a alcançarem esse objetivo. E o estoicismo é explicitamente terapêutico, tanto em sua primeira versão ateniense quanto depois, em sua versão romana. O ponto que quero ressaltar é que o estoicismo não é apenas uma terapia que visa a fazer as pessoas se sentirem melhor; ele é também e primeiramente uma filosofia. Como filosofia, ele está comprometido a tentar entender o mundo e faz uma série de afirmações sobre o mundo. Qualquer impacto positivo que ele possa ter na qualidade de vida de alguém dependerá dessas afirmações que ele faz sobre o mundo e sobre nosso lugar nele.

Para aprofundar essa ideia, nós poderíamos considerar uma imagem crítica comum do estoicismo: um estoico é alguém que é impotente no mundo real e então finge que sua felicidade é algo completamente interno que está dentro de seu controle. Sem dinheiro? Tudo bem, só dizer que o dinheiro é desnecessário para uma boa vida e o problema está resolvido. De acordo com uma longa linha de críticos modernos do estoicismo a partir de Hegel, o estoico é alguém que mente para si mesmo para se sentir feliz em circunstâncias que de outra forma seriam desagradáveis. É um exemplo do que Nietzsche chamou de uma “moralidade de escravo”, fundada em última análise na impotência e na incapacidade de encarar algumas duras verdades sobre a vida.

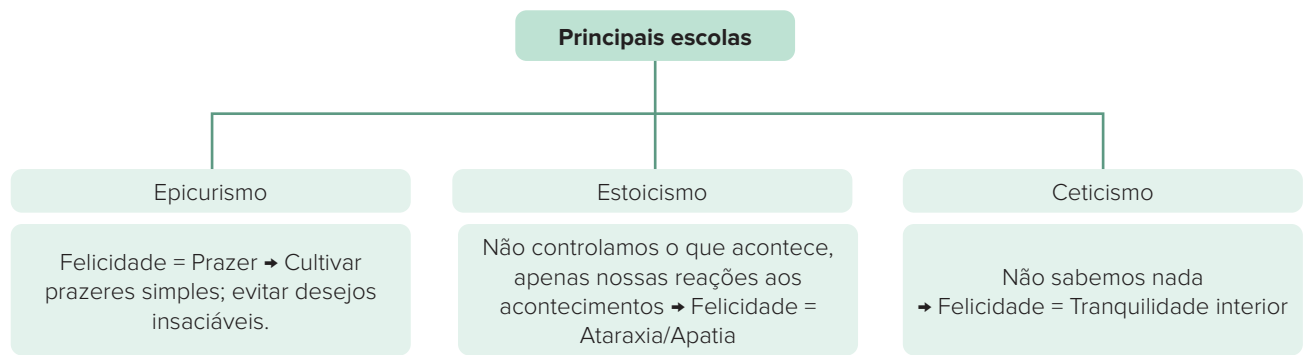
Eu acho que essa imagem do estoicismo é injusta, para dizer o mínimo. Mas não apenas eu acredito que seja injusta, eu acredito que seja o completo oposto do que nós realmente encontramos em autores estoicos como Epicteto e Marco Aurélio. Em vez de tentar mentir para si mesmos para não encarar a realidade, eu acho que um tema central na obra de ambos estoicos romanos é nos forçar a confrontar algumas verdades duras e frequentemente desconfortáveis sobre como o mundo funciona. [...]

SELLARS, John. Hard Truths and Happiness. *Modern Stoicism*, 3 dez. 2016. Tradução livre. Disponível em: <https://modernstoicism.com/hard-truths-and-happiness-by-john-sellars>. Acesso em: 31 maio. 2022.

## Resumindo







### Quer saber mais?



#### Livros

**EPICURO. Carta sobre a felicidade (a Meneceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.**

Carta de Epicuro a seu amigo Meneceu, em que dá orientações para a busca da felicidade, como a valorização dos prazeres simples e o controle do desejo.

**KLEIN, Daniel. Viagens com Epicuro: jornada a uma ilha grega em busca de uma vida plena. Tradução de Marcio de Paula S. Hack. São Paulo: L&PM, 2016.**

O autor partiu em viagem pela Grécia com o objetivo de descobrir como viver a boa vida. Aplica os ensinamentos de Epicuro às observações que faz da vida cotidiana em sua viagem.

**PEREIRA, Oswaldo Porchat. Rumo ao ceticismo. São Paulo: Editora Unesp, 2007.**

Coletânea de artigos de um dos maiores filósofos brasileiros, defensor do ceticismo pirrônico e de sua aplicação à vida cotidiana.

**SÊNECA. Da tranquilidade da alma. São Paulo: L&PM, 2014.**

Uma das diversas obras escritas por Sêneca para exortar o leitor a alcançar a felicidade tal como concebida pelo estoicismo.

**SMITH, Plínio Junqueira. Ceticismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.**

Introdução ao ceticismo, incluindo respostas ao desafio cético recebidas ao longo da história e a aplicação do ceticismo à vida cotidiana.

**USSHER, Patrick. O estoicismo hoje: sabedoria antiga para a vida moderna. Tradução de Tais Paulilo Blauth. Teaneck: Babelcube Inc, 2015.**

Há atualmente, nos Estados Unidos, um movimento de retomada do estoicismo e adaptação dele à vida moderna. Essa obra apresenta escritos de pessoas envolvidas no movimento com diferentes perspectivas de popularização dessa filosofia.



#### Vídeos

**Philosophy – Epicurus**

Canal *The School of Life*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Kg\\_47J6sy3A&ab\\_channel=TheSchoolofLife](https://www.youtube.com/watch?v=Kg_47J6sy3A&ab_channel=TheSchoolofLife). Acesso em: 3 jun. 2022. (Legendas em português.)

**Philosophy – The Stoics (Os estoicos).**

Introdução ao estoicismo que apresenta aplicação de sua doutrina a problemas contemporâneos. Canal *The School of Life*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yu7n0XzqtFA&ab\\_channel=TheSchoolofLife](https://www.youtube.com/watch?v=yu7n0XzqtFA&ab_channel=TheSchoolofLife). Acesso em: 3 jun. 2022. (Legendas em português.)

## Exercícios complementares

- Uece 2020** O trecho a seguir expõe parte do pensamento de Sêneca, o mais importante pensador estoico, no período romano do estoicismo:

O fato é o seguinte: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos; nem somos dela carentes, mas esbanjadores. Por que nos queixamos da Natureza? Ela mostrou-se benevolente: a vida, se souberes utilizá-la, é longa. Mas uma avareza insaciável apossa-se de um e de outro, uma laboriosa dedicação a atividades inúteis, um embriaga-se de vinho, outro entorpece-se na inatividade; alguns não definiram para onde dirigir sua vida, e o destino surpreende os esgotados e bocejantes, de tal forma que não duvido

ser verdadeiro o que disse, à maneira de oráculo, o maior dos poetas: "Pequena é a parte da vida que vivemos". Pois todo o restante não é vida, mas tempo.

Sêneca. *Sobre a brevidade da vida*. Coleção L&PM Pocket – Literatura clássica internacional. Cap 1-2. Versículo 2-4. Adaptado.

Considere as seguintes afirmações a respeito da doutrina estoica:

- Para o estoicismo, o homem é um microcosmo no macrocosmo; é parte do universo, do cosmo. Uma conduta ética deve estar de acordo com os princípios da natureza para, assim, atingir-se a felicidade.

- II. Para o estoicismo, a felicidade consiste no abandono de todo autocontrole e austeridade com a negação de qualquer determinação natural. O comportamento ético impõe conquista e não aceitação.
- III. A ética estoica carrega um forte determinismo e um certo fatalismo: por esta razão, teve imensa influência na ética cristã em sua aceitação dos acontecimentos.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, II e III.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I e II apenas.

- 2. Unicamp-SP 2017** Onde está aquela tua prudência? Onde está a sagacidade nas coisas que se devem discernir? Onde está a grandeza de alma? Já as pequenas coisas te afligem? (...) Nenhuma destas coisas é insólita, nenhuma inesperada. Ofender-te com estas coisas é tão ridículo quanto te queixares porque caíste em público ou porque te sujaste na lama. (...) O inverno faz vir o frio: é necessário gelar. O tempo traz de novo o calor: é necessário arder. A intempérie do céu provoca a saúde: é necessário adoecer. Uma fera em algum lugar se aproximará de nós, e um homem mais pernicioso que todas as feras. Algo a água, algo o fogo nos retirará. Esta condição das coisas não podemos mudar. Mas isto podemos: adotar um espírito elevado e digno do homem nobre para que corajosamente suportemos as coisas fortuitas e nos harmonizemos com a Natureza.

(Sêneca, Carta de Sêneca a Lucílio, CVII. *Prometeus*, Maceió, ano 1 – nº 1, p. 121, jan.-jun. 2008. Disponível em <https://www.academia.edu/4204064>. Acessado em 19/12/2016.)

A partir da leitura do texto escrito pelo filósofo Sêneca,

- a) identifique e explique um princípio do estoicismo latino;
- b) cite dois legados culturais do mundo romano, além da filosofia, para a tradição ocidental.

- 3. PUC-Campinas 2018** Leia o que diz Sêneca e considere as afirmações que seguem à sua frase.

O homem acredita mais com os olhos do que com os ouvidos. Por isso longo é o caminho através de regras e normas, curto e eficaz através do exemplo.

(Frase atribuída a Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), um dos mais célebres escritores e intelectuais do Império Romano)

- I. Conclui-se do texto de Sêneca que o modo como distintos órgãos do sentido recebem os estímulos sensoriais externos define a eficácia de cada um dos órgãos, uns são mais competentes, outros menos.
- II. O texto legitima a frase “Saibamos bem usufruir da experiência alheia e não levar em conta regras e normas”.
- III. A frase dialoga com os provérbios “O melhor mestre é Frei Exemplo” e “Ver para crer”; a formulação de Sêneca demonstra acolhimento integral do que se tem na primeira máxima; a segunda é tida pelo pensador como expressão de uma prática, que inspira sua reflexão.
- IV. Estrutura binária usual em provérbios – por exemplo, em “Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga” – ocorre no texto de Sêneca, mas o traço generalizante da máxima não se vê na frase do romano.

Está correto o que se afirma APENAS em

- a) I.
- b) III.
- c) I e II.
- d) IV.
- e) II, III e IV.

## BNCC em foco

EM13CHS501

1. A escola estoica teve profunda influência na civilização greco-romana e, por consequência, no pensamento ocidental como um todo – e foi mais além. Ela está presente no cristianismo, no budismo e no pensamento de diversos filósofos modernos, como o alemão Immanuel Kant, além de ter influenciado a técnica contemporânea de psicoterapia chamada Terapia Cognitivo-Comportamental. Hoje, adeptos ou curiosos podem “passar uma semana vivendo como estoicos”, participar de conferências, integrar grupos de estoicos no Facebook, ouvir *podcasts* de todos os cantos do mundo, comprar livros sobre o tema e aprender como as práticas e o pensamento estoico podem ser aplicados nos esportes, nos negócios e na política. Como diferenciar a prática da ética estoica na atualidade dos guias de autoajuda?

EM13CHS502 e EM13CHS504

2. O que o ceticismo pode ensinar neste atual momento de polarização política, com discussões acirradas, principalmente nas redes sociais?



A filosofia medieval foi desenvolvida a partir da integração do pensamento grego à fé na revelação divina.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

7

## Filosofia Medieval

Após a queda do Império Romano, a filosofia adquiriu novas características. Em um mundo política e socialmente fragmentado, a filosofia não seria realizada mais em cidades vigorosas como Atenas e Roma, mas em centros religiosos (mosteiros e catedrais) e, posteriormente, em universidades. Se é possível identificar um traço marcante em toda a filosofia medieval, é sua intenção constante de compatibilizar as realizações intelectuais da cultura greco-romana com as verdades reveladas da cultura judaico-cristã. Veremos como essas preocupações se moldam em dois grandes períodos da filosofia medieval, a Patrística e a Escolástica, e, especialmente, em seus dois principais representantes: Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino.

## A Patrística

A filosofia medieval está dividida em dois grandes períodos: a Patrística e a Escolástica. A Patrística é o período que compreende os primeiros séculos da Era Cristã e a chamada Alta Idade Média, sendo seu início contemporâneo ao final do período helenístico. Os filósofos da Patrística eram, em primeiro lugar, teólogos ou pensadores do cristianismo nascente. Para esses pensadores, era preciso não apenas garantir a própria existência, já que os cristãos foram alvo de perseguições diversas nos primeiros séculos, mas também marcar posição frente a tantas influências e definir quais seriam os fundamentos dessa fé.

O termo “Patrística” vem da referência aos chamados “padres da Igreja”, homens que, nos primeiros séculos do cristianismo, dedicaram-se a pensar sobre a fé cristã e defendê-la de diversas objeções. São, por isso, considerados “pais” (ou “padres”) da fé.

A Patrística foi uma tentativa de conciliação entre diferentes culturas. Com o paganismo, o conflito se manteve. Diversos textos desse período eram verdadeiras defesas do cristianismo contra as críticas dirigidas por pagãos. Com o judaísmo, houve um esforço no sentido de entender em que medida o cristianismo seria herdeiro do judaísmo. Por fim, com a cultura e a filosofia greco-romanas, os pensadores da Patrística pretendiam mostrar pontos de contato e conciliação entre essas tradições.

## Agostinho

O principal filósofo da Patrística foi Santo Agostinho de Hipona. Agostinho de Hipona nasceu em uma colônia romana no norte da África. Ele era um homem inteligente e ambicioso e tornou-se professor. Contudo, depois de permanecer dois anos em Milão, desistiu de sua carreira. O fim das ambições de Agostinho de Hipona foi o resultado de seu longo processo de conversão ao cristianismo.



Santo Ambrósio, de Francisco de Goya, c. 1796-1799, óleo sobre tela. Museu de Arte de Cleveland, Cleveland, Estados Unidos. Ambrósio, bispo de Milão, foi referência intelectual e espiritual de Agostinho.



Agostinho, bispo de Hipona.

Museu de Arte de Cleveland, Cleveland

A conversão de Agostinho não foi nada simples. Em sua obra *Confissões*, livro marcante na história da filosofia pelo tom pessoal e pela mistura de narrativa, oração e reflexão filosófica, Agostinho relata um período de muita hesitação, vinda do fato de considerar que se converter envolvia uma profunda mudança de vida. Contudo, foi justamente isso que ele fez. Agostinho foi batizado e, após a morte de sua mãe, retornou à África, onde se tornou padre e depois bispo da cidade de Hipona (atual cidade de Annaba, na Argélia).

Como bispo, Agostinho dedicou-se às atividades práticas da igreja, mas também a seus escritos. Neles não há uma linha divisória clara entre a Filosofia e a Teologia porque Agostinho, como é típico de sua época, não via tal divisão. Lembremo-nos, nesse ponto, da ideia Patrística de que não há uma relação antagônica, mas sim complementar entre a fé e a razão.

Os pensadores patrísticos entendiam que a revelação cristã seria a coroação dos sistemas desenvolvidos pelos filósofos gregos, dando a eles o complemento que lhes faltava e que pôde ser conhecido apenas após a encarnação de Cristo. Nesse sentido, Agostinho foi o responsável por efetuar pela primeira vez a reunião da tradição grega, por meio da filosofia de Platão, com o pensamento cristão.

O conhecimento que Agostinho tinha da filosofia de Platão era intermediado pelos chamados neoplatônicos, pensadores da Antiguidade tardia que desenvolveram seus próprios sistemas influenciados por Platão. A influência platônica sobre o pensamento de Agostinho é mais clara em dois pontos: a distinção entre o reino do sensível e o do inteligível e a teoria da iluminação.

Assim como Platão, Agostinho defendia a existência de ideias eternas e imutáveis e que a realidade física participa do mundo inteligível, ainda que seja uma cópia imperfeita dele. Por outro lado, as ideias, diferentemente do que

entendia Platão, existiriam na mente divina. Isso não impedia, contudo, nosso acesso ao mundo inteligível, ou seja, a verdade divina.

O segundo ponto de contato com Platão diz respeito à necessidade de uma teoria do conhecimento que explique como pode o homem, finito, falho e mortal, acessar essa Verdade eterna. Para Platão, a resposta estaria na teoria da reminiscência. Para Agostinho, na teoria da iluminação. A iluminação divina é necessária para alcançarmos o conhecimento verdadeiro. Assim, ainda que a fé e a razão sejam complementares, Agostinho considera a fé primordial para iluminar a razão.

Um dos problemas enfrentados pelo cristianismo desde sua origem é o chamado “problema do mal”. Anteriormente, Agostinho acreditava no maniqueísmo: o mundo era o palco de um eterno combate entre o bem e o mal. Ou seja: o mal era uma das duas forças atuantes no mundo. Contudo, essa perspectiva foi alterada depois de sua conversão ao cristianismo. Se o Deus cristão é concebido como onisciente, onipotente e sumamente bom, por que então o mal existe? Será que Deus permite ou quer o mal?

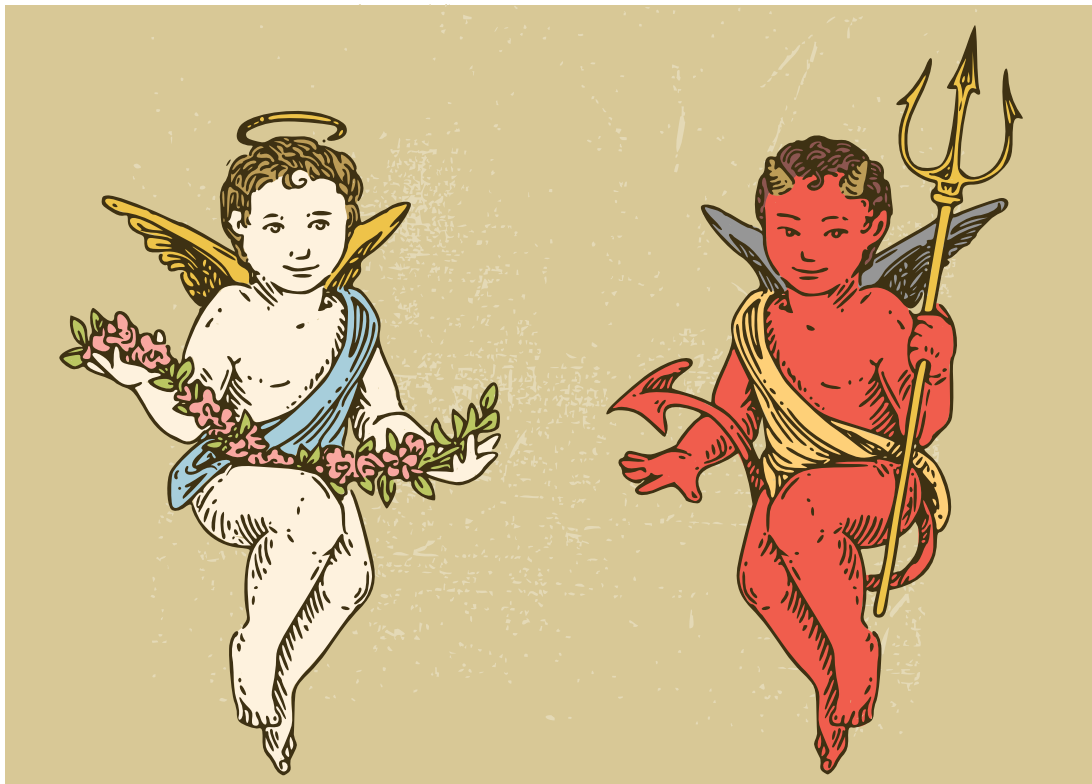
A resposta para essa pergunta precisa partir da distinção entre dois tipos de males: o mal moral, que decorre das escolhas humanas, e o mal não moral, que ocorre independentemente de qualquer escolha. Começemos pelo segundo tipo – que inclui, por exemplo, o sofrimento gerado por catástrofes naturais, acidentes e doenças. Agostinho adota dos neoplatônicos a associação entre realidade e bondade. O mal, portanto, não existe e não foi criado por Deus. O mal é, na verdade, fruto da nossa perspectiva limitada.

Já o mal moral ocorre porque as pessoas podem agir mal. Ou seja, as escolhas más são resultado de nosso livre-arbítrio. O livre-arbítrio é aquilo que permite que nossas ações tenham valor moral, que possamos utilizar nossa liberdade de forma racional e fazer o bem. Caso contrário, seríamos completamente controlados por Deus, e nosso agir bem não seria mais do que uma programação inescapável.

O tema do livre-arbítrio está associado ao debate sobre o papel da graça divina para o ser humano. Agostinho acreditava que o pecado original (o fato de Adão e Eva terem desrespeitado o mandamento divino de não comer o fruto da árvore proibida e terem sido expulsos do paraíso, no evento chamado “queda”) teria sido transmitido para toda a humanidade. Desse modo, temos uma inclinação para o pecado e precisamos, para agir bem, do socorro de Deus – de sua graça.

Agostinho está combatendo uma outra doutrina da época: o pelagianismo. De acordo com Pelágio, não havia nenhuma consequência do pecado original para a humanidade, assim como não havia necessidade da graça divina para a salvação. O posicionamento de Agostinho, que é complexo e evolui ao longo de sua vida, contraria esses dois pontos do pelagianismo, afirmando a necessidade da graça e também de nossa liberdade.

Agostinho diferenciava livre-arbítrio de liberdade. Livre-arbítrio é a capacidade de eleição entre duas ou mais possibilidades. Já a liberdade é a escolha do bem, também chamada de boa vontade. Segundo Agostinho, com o pecado original, a liberdade humana se enfraqueceu e se embaçou. Depois disso, seria necessária a graça divina para o ser humano querer o bem.



Representações comuns de bem e mal.

## A Escolástica

O período conhecido por Escolástica tem seu auge nos séculos XII e XIII e representa uma crescente sofisticação do debate teológico e um tratamento bastante detalhado de todo tipo de questões. Essas características fizeram com que a Escolástica, assim como a Idade Média em geral, tivesse má reputação desde os pensadores da Renascença até o século XIX, sendo acusada de se preocupar com discussões irrelevantes.

O termo “Escolástica” faz referência à “escola” – e esse é um elemento importante para entendermos o período. Em uma definição rasa, podemos dizer que a Escolástica era a filosofia elaborada nas escolas, cujo objetivo era didático. Daí outra crítica comum recebida pela Escolástica: a de que a produção intelectual dessa época era pouco original e expressava-se de forma seca – muitos dos escritores da época não estavam preocupados com originalidade ou persuasão, mas em manter e difundir uma tradição.

A Escolástica, contudo, não se esgota nessas críticas. O próprio surgimento da filosofia moderna, que compreendia a si mesma como um rompimento com toda a tradição medieval, na verdade foi profundamente influenciado pela Escolástica. Por exemplo, o pensamento de René Descartes, considerado o pai da filosofia moderna, não fazia referência ao pensamento escolástico, mas isso não quer dizer que o pensamento escolástico não fosse seu horizonte de debate.

A Escolástica atingiu seu auge nos séculos XII e XIII, quando foi principalmente representada por Tomás de Aquino. Duas circunstâncias levaram a esse desenvolvimento: a **redescoberta da filosofia aristotélica** e o **surgimento das universidades**.

Por volta do século XI, a maior parte da obra de Aristóteles, que ficara esquecida no Ocidente até então, foi recuperada a partir de traduções árabes. Já respeitado por sua lógica, Aristóteles chega agora de forma mais completa aos medievais e passa a ser a grande referência de filosofia grega. Contudo, Aristóteles era um pagão, e sua visão de mundo não contemplava um Deus cristão. Assim como

Platão foi cristianizado na Patrística, agora chegava a vez de Aristóteles passar pelo mesmo processo.

O segundo elemento de destaque nesse período foi o surgimento das universidades, que representam o resultado do desenvolvimento de diversos estabelecimentos de ensino. Ao longo da Idade Média, surgiram escolas associadas a centros religiosos: as primeiras são as escolas monásticas, associadas a mosteiros, e depois vieram as escolas associadas a catedrais. Estas últimas deram origem a muitas das primeiras universidades.

Os alunos começavam os estudos na universidade por volta dos 15 anos de idade. Os estudos se iniciavam pelas chamadas “Artes Liberais”, que incluíam o estudo do *Trivium* (as artes da linguagem: retórica, gramática e lógica) e do *Quadrivium* (as artes matemáticas: aritmética, geometria, música e astronomia). Após 6 anos, o aluno podia prosseguir os estudos para uma das três áreas de especialização: Medicina, Direito ou Teologia.



“Henricus de Alemannia com seus alunos”, de Laurentius de Voltolina.  
In: ALEMANNIA, Henricus de. *Liber ethicorum des Henricus de Alemannia*. [s.l.: s.n.], século XIV. A pintura retrata uma típica universidade europeia do século XIV.

Laurentius de Voltolina/Kupferstichkabinett Berlin/Wikimedia Commons



A abadia beneditina de Monte Cassino, onde Tomás de Aquino estudou antes de se deslocar para Paris.

beeandbae/Stockphoto.com

## Estabelecendo relações

Apesar de Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino terem sido os pensadores mais importantes e influentes do período medieval, certamente não foram os únicos. Trata-se, afinal, de um período de mil anos, no qual vemos o surgimento de mosteiros, escolas, bibliotecas e universidades, e de um período em que há muitas questões em jogo sobre a natureza e os limites do conhecimento e do próprio ser humano. Entre outros filósofos medievais de grande importância, podemos citar Boécio, Anselmo de Canterbury, Pedro Abelardo, Roger Bacon, Boaventura de Bagnoregio e Alberto Magno. Mas é importante saber que a filosofia medieval, mesmo na Europa, não se resume a filósofos cristãos. Alguns dos maiores nomes do período eram islâmicos – Avicena e Averróis, por exemplo – e judeus – como Maimônides. Os islâmicos citados foram, inclusive, responsáveis por terem preservado textos aristotélicos dados como perdidos pela cristandade e por terem feito extensos comentários aos filósofos gregos. Tais comentários influenciaram profundamente os estudos desses autores quando seus textos foram finalmente traduzidos para o latim. Aristóteles era tratado por Tomás como “o Filósofo”, enquanto Averróis era apenas “o comentador”. Os estudos atuais da filosofia medieval buscam reconhecer o papel de correntes menos conhecidas do período, entre elas as de filósofos não cristãos, e também fazer pontes com a filosofia contemporânea – é o que faz, por exemplo, Alain de Libera, um dos maiores estudiosos de filosofia medieval na atualidade. É possível também encontrar mulheres entre os filósofos da Idade Média. Podemos citar Hildegarda de Bingen, uma abadessa alemã que, além de fundar mosteiros e de desenvolver inúmeros talentos, escrevia sobre teologia, botânica e medicina; Heloísa de Argenteuil, estudiosa de grego, latim e hebraico, e ícone da literatura francesa medieval; e Christine de Pizan, que, após ficar viúva, se tornou a primeira mulher a estabelecer uma carreira como escritora para sustentar sua família, tendo escrito importantes tratados políticos, guias de moralidade e obras em defesa das mulheres.

## Tomás de Aquino

Tomás de Aquino nasceu em 1225 no sul da Itália, de uma família nobre, mas não especialmente importante. Contudo, quando adulto, decidiu ir para a Universidade de Paris, o grande centro intelectual em que estudavam e lecionavam muitos frades mendicantes, especialmente os dominicanos e os franciscanos. Em Paris, Tomás estabeleceu contato com a filosofia aristotélica por meio de Alberto Magno, um homem de grande inteligência e interesses diversos.

Nos últimos anos de sua vida, passou por várias experiências místicas, em que dizia sentir uma comunhão com Deus que o movia às lágrimas. Após uma dessas ocasiões, Tomás ficou bastante mudado e não escreveu mais. Ele morreu alguns meses depois, a caminho do Segundo Concílio de Lion (1274), para o qual havia sido convocado pelo Papa Gregório X.

O estilo de Tomás em seus escritos é estranho para leitores modernos, mas se adequava perfeitamente às práticas acadêmicas do século XIII. Como já mencionamos, uma das tarefas de um mestre era debater – ou, em termo mais preciso, disputar. As disputas eram debates organizados que se davam sob uma estrutura específica. Tomás adotou esse estilo em grande parte de seus escritos, inclusive em sua principal obra: a *Suma teológica*, escrita entre 1265 e 1273.



A Universidade de Sorbonne, em Paris, atualmente.



A fé de Tomás.

Dentre os escritos de Tomás, a *Suma* se destaca como o mais famoso e sofisticado. Seu nome, “suma”, indica que se trata de um resumo de Teologia. A *Suma* é composta por questões que, por sua vez, se dividem em artigos, desenvolvidos ao estilo das disputas acadêmicas: Tomás faz uma pergunta, apresenta uma resposta possível e os argumentos a seu favor, depois uma resposta contrária à primeira com argumentos a seu favor, para depois dar uma resposta definitiva e a explicação correspondente, muitas vezes refutando os argumentos que foram oferecidos pela posição que acabou sendo rejeitada.

Quando os escritos de Aristóteles foram recuperados, tornaram-se conhecidos também os comentários dos filósofos árabes que os tinham estudado por séculos. O mais conhecido entre esses comentadores foi Averróis. Ele foi jurista e médico e escreveu diversos livros, em que pretendia integrar a filosofia grega com as tradições islâmicas.

Averróis adotou, no entanto, uma postura bastante controversa a respeito da relação entre fé e razão: ele acreditava que cada uma representava um modo de conhecer diferente e que era possível que as duas indicassem verdades contraditórias. De forma geral, esse pensamento não era aceito nem entre os islâmicos nem entre os cristãos, mas a posição averroísta começou a ganhar adeptos na Universidade de Paris até ser oficialmente condenada em 1270.

Tomás era um crítico do averroísmo, mas suas próprias teses sobre as relações entre fé e razão também foram recebidas de forma problemática. Para ele, a razão não contradizia a fé, mas era autônoma em relação a ela. Isso não significa que, para Tomás, a razão chegará a conclusões que vão contradizer a fé: apenas que ela tem um funcionamento próprio, e pode trazer uma compreensão aprofundada daquilo que a fé aponta.

Para Tomás, existem três tipos de conhecimento. Em primeiro lugar, existem verdades que alcançamos pela razão e pela experiência sensível, sem que seja preciso auxílio divino. Em segundo lugar, há verdades que somos capazes de alcançar pela razão, mas que Deus também manifesta a nós pela sua revelação. Em terceiro lugar, há verdades que só conhecemos pela revelação divina.

Como podemos, então, conhecer verdades importantes do cristianismo apenas pela razão? Tomás acreditava que era possível provar a existência de Deus de modo exclusivamente racional. Ele desenvolve diferentes argumentos na *Suma teológica*, mas vamos nos preocupar em compreender somente um deles: o argumento da causa primeira. Ele é baseado em um argumento de Aristóteles – mais uma prova de como o intelecto puro pode alcançar verdades importantes.

#### ! Saiba mais

O argumento mais conhecido para provar a existência de Deus não é de Tomás, mas de Anselmo de Canterbury, que viveu no século XI a.C. Em linhas gerais, o argumento é como se segue: Deus é definido como o ser mais perfeito possível. Ou seja, se tentarmos imaginar algo mais perfeito que Deus, não conseguiríamos – pois se houvesse algo mais perfeito, esse algo seria Deus. Acontece que um Deus perfeito, mas apenas imaginado, é menos perfeito do que um Deus com as mesmas características e realmente existente. Ou seja, se Deus é o ser mais perfeito possível, ele deve existir, caso contrário não seria perfeito: faltaria-lhe a existência. Esse argumento ficou conhecido como “argumento ontológico” para a existência de Deus e é um exemplo de argumento *a priori* – ele não leva em consideração o que sabemos pela nossa experiência do mundo, mas se baseia exclusivamente em conceitos e em derivações lógicas. Diversas críticas foram levantadas contra esse argumento, mas sua influência foi grande, e alguns filósofos modernos desenvolveram suas próprias versões dele.

O argumento da causa primeira diz o seguinte: se olharmos para o mundo e nos perguntarmos por que as coisas que vemos existem, concluiremos que existem porque foram causadas por outras coisas. Acontece que essa causa eficiente também é causada por alguma coisa, e assim por diante. É preciso que exista uma primeira causa que não foi causada por nada, mas que causa toda a série. Essa causa, segundo Tomás, é Deus.



Estátua de Averróis em Córdoba, na Espanha.



## ! Atenção

O argumento da causa eficiente é só um dos cinco argumentos elaborados por Tomás para provar racionalmente a existência de Deus, que ficaram conhecidos como “As Cinco Vias” e que são provavelmente o trecho mais famoso da *Suma teológica*. Os outros quatro são: o argumento da mudança, o argumento da possibilidade e da necessidade, o argumento dos graus de bondade e o argumento da orientação da natureza (na seção “Texto complementar”, você encontra na íntegra a questão da *Suma* em que ele expõe esses argumentos). Não há necessidade de saber detalhadamente todos os argumentos, mas é importante saber que todos eles têm uma característica comum: são *a posteriori*. O termo *a posteriori* é importante no vocabulário técnico da filosofia e significa “com base na experiência sensível”, e é o antônimo de *a priori*, que significa “independentemente da experiência”. Os argumentos de Tomás são *a posteriori* porque se baseiam na observação do mundo para extrair conclusões sobre Deus. Ou seja, é a partir do fato da criação, que experimentamos pelos sentidos, que podemos conhecer o Criador. Outras provas da existência de Deus, como a de Anselmo, fazem o contrário: acreditam que é possível provar a existência de Deus *a priori*, ou seja, independentemente de nossa experiência de mundo – a partir da própria ideia ou conceito de Deus. Tomás acreditava que essas provas eram falhas, e sua opção por provas *a posteriori* sugere a influência de Aristóteles, que defendia que a observação do mundo natural é parte necessária do processo de conhecimento.

## Revisando

- UFU-MG** Na medida em que o Cristianismo se consolidava, a partir do século II, vários pensadores, convertidos à nova fé e, aproveitando-se de elementos da filosofia greco-romana que eles conheciam bem, começaram a elaborar textos sobre a fé e a revelação cristãs, tentando uma síntese com elementos da filosofia grega ou utilizando-se de técnicas e conceitos da filosofia grega para melhor expor as verdades reveladas do Cristianismo. Esses pensadores ficaram conhecidos como os Padres da Igreja, dos quais o mais importante a escrever na língua latina foi santo Agostinho.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de Filosofia: Ser, Saber e Fazer*. São Paulo: Saraiva, 1996, p. 128. (Adaptado)

Esse primeiro período da filosofia medieval, que durou do século II ao século X, ficou conhecido como

- Escolástica.
  - Neoplatonismo.
  - Antiguidade tardia.
  - Patrística.
- Uece 2019** O maniqueísmo é uma filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Manes ou Maniqueu, filósofo cristão do século III, que divide o mundo simplesmente entre Bom, ou Deus, e Mau, ou o Diabo. A matéria é intrinsecamente má e o espírito, intrinsecamente bom. Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser um adjetivo para toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do Bem e do Mal.

*Wikipédia*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Manique%C3%ADsmo>.

Contra o maniqueísmo, Agostinho de Hipona (Santo Agostinho) afirmava que

- Deus é o Bem absoluto, ao qual se contrapõe o Mal absoluto.
  - as criaturas só são más numa consideração parcial, mas são boas em si mesmas.
  - toda a criação era boa e tornou-se má, pois foi dominada pelo pecado após a Queda.
  - a totalidade da criação é boa em si mesma, mas singularmente há criaturas boas e más.
- UFU-MG** Leia o texto a seguir.

No que diz respeito a todas as coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, a qual soa de fora, mas a verdade que dentro de nós preside à própria mente, incitados talvez pela palavra a consultá-la.

*De Magistro*, Cap. XI, 38, In *Os Pensadores*, SANTO AGOSTINHO. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 319.

Marque a afirmativa **incorreta**.

- Segundo Agostinho, a verdade não se descobre pela consulta das palavras que vêm de fora. O processo da descoberta da verdade dá-se através da interioridade.
- Segundo Agostinho, a linguagem humana não tem um poder causal, mas apenas uma função instrumental de utilidade.
- Segundo Agostinho, a linguagem humana é a condição para conhecer a verdade que dentro de nós preside à própria mente.
- Segundo Agostinho, a verdade que dentro de nós preside à própria mente pressupõe a iluminação divina e não o recurso à memória.

4. **UFU-MG** Leia com atenção o texto abaixo em que o autor comenta e cita Santo Agostinho, e, em seguida, responda as questões apresentadas.

Deus cria as coisas a partir de modelos imutáveis e eternos, que são as ideias divinas. Essas ideias ou razões não existem em um mundo à parte, como afirmava Platão, mas na própria mente ou sabedoria divina, conforme o testemunho da Bíblia.

Que a mesma sabedoria divina, por quem foram criadas todas as coisas, conhecia aquelas primeiras, divinas, imutáveis e eternas razões de todas as coisas antes de serem criadas, a Sagrada Escritura dá este testemunho: No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas pelo Verbo e sem Ele nada foi feito. Quem seria tão néscio a ponto de afirmar que Deus criou as coisas sem conhecê-las? E se as conheceu, onde as conheceu senão em si mesmo, junto a quem estava o Verbo pelo qual tudo foi feito?

(Santo Agostinho, Sobre o Gênesis, V, 29).

COSTA, José Silveira da. A Filosofia Cristã. In: RESENDE, Antônio. *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/SEAF, 1986, p. 78, capítulo 4.

- Explique a relação, sugerida neste texto, entre a teoria das Ideias de Platão e o pensamento de Agostinho.
- Explique como Agostinho usa essa teoria para explicar o conhecimento humano, na sua conhecida Doutrina da Iluminação Divina.

5. **ESPM 2019** No século XIII surgiu a Escolástica, corrente filosófica que, a partir de então, dominou o pensamento medieval.

(Rubim Santos Leão de Aquino. *História das Sociedades: das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais*)

A Escolástica:

- teve em Santo Agostinho seu maior expoente e era teocêntrica;
- teve em Alberto Magno seu maior expoente e refutava o teocentrismo, pregando o antropocentrismo;
- teve em Tomás de Aquino seu principal expoente e foi uma tentativa de harmonizar a razão com a fé;
- considerava que a razão podia proporcionar uma visão completa e unificada da natureza ou da sociedade;
- pregava o recurso racional da força, sendo este mais importante do que o exercício da virtude ou da fé.

6. **UEM-PR 2017** Embora o cristianismo não seja uma filosofia, ele afeta de forma profunda o pensamento filosófico da época [Idade Média], uma vez que o filósofo cristão se depara com o problema da sua realidade finita e imperfeita diante da divindade infinita e perfeita.

ARANHA, M. L. de A. *Temas de filosofia*. 3. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005, p.110.

Sobre a patrística e a escolástica, assinale o que for **correto**.

- 01 A filosofia medieval assume a herança dos filósofos gregos, sobretudo Platão (na patrística) e Aristóteles (na escolástica), de forma submissa e dogmática.
- 02 Santo Agostinho (354-430) é o maior representante da filosofia patrística. A patrística preocupava-se em encontrar justificativas racionais para as verdades reveladas.
- 04 Segundo a filosofia patrística, a revelação divina ensina quem tem fé a utilizar corretamente o conhecimento sensível.
- 08 Tomás de Aquino (1225-1274) considera a filosofia como conhecimento racional e tem como um dos seus principais temas filosóficos a adequação entre as coisas e o entendimento.
- 16 O problema de maior relevância para a filosofia do século XIII é a querela dos universais, doutrina filosófica segundo a qual os realistas preponderam sobre os nominalistas.

Soma:

7. **Uece 2019** Portanto, deve-se dizer que como a lei escrita não dá força ao direito natural, assim também não pode diminuir-lhe nem suprimir-lhe a força; pois, a vontade humana não pode mudar a natureza. Portanto, se a lei escrita contém algo contra o direito natural, é injusta e não tem força para obrigar. Pois, só há lugar para o direito positivo, quando, segundo o direito natural, é indiferente que se proceda de uma maneira ou de outra, como já foi explicado acima. Por isso, tais textos não hão de chamar leis, mas corrupções da lei, como já se disse. E portanto, não se deve julgar de acordo com elas.

Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II, Questão 60, Art. 5.

Com base na passagem acima, é correto afirmar que

- a lei escrita só é legítima se for baseada no direito natural.
- o direito positivo não é a lei escrita, mas dos costumes.
- o direito natural só é legítimo se expresso na lei escrita.
- não há diferença entre direito natural e direito positivo.

8. **UFU-MG** O texto que segue refere-se às vias da prova da existência de Deus.

As cinco vias consistem em cinco grandes linhas de argumentação por meio das quais se pode provar a existência de Deus. Sua importância reside sobretudo em que supõe a possibilidade de se chegar no entendimento de Deus, ainda que de forma parcial e indireta, a partir da consideração do mundo natural, do cosmo, entendido como criação divina.

MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 67.

A partir do texto, marque a alternativa correta.

- a) As cinco vias são argumentos diretos e evidentes da existência de Deus.
- b) Tomás de Aquino formula as cinco vias da prova da existência de Deus, utilizando, sistematicamente, as passagens bíblicas para fundamentar seus argumentos.
- c) As cinco vias partem de afirmações gerais e racionais sobre a existência de Deus, para chegar a conclusões sobre as coisas sensíveis, particulares e verificáveis sobre o mundo natural.
- d) Tomás de Aquino formula as argumentações que provam a existência de Deus sob a influência do pensamento de Aristóteles, recorrendo não à Bíblia, mas, sobretudo, à Metafísica do filósofo grego.

**9. UFU-MG** Leia o trecho abaixo.

Respondo dizendo que a existência de Deus pode ser demonstrada por cinco vias.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Col. Os Pensadores.

Assinale a afirmativa correta.

- a) Todas as cinco vias seguem argumentos baseados em elementos anímicos, como em Santo Agostinho.
- b) Todas as cinco vias fundamentam-se nos dados revelados da Sagrada Escritura.
- c) Todas as cinco vias empregam argumentos baseados na tradição patrística.
- d) Todas as cinco vias partem de uma realidade sensível, como elemento empírico, e do princípio de causalidade, como elemento racional.

**10. UEM-PR 2013** Um texto de um filósofo anônimo da Idade Média apresenta de modo claro um problema central para a filosofia e a ciência do seu tempo. Ele afirma:

Boécio divide em três as partes da ciência especulativa: natural, matemática e teológica. Da mesma forma, o Filósofo [isto é, Aristóteles] divide-a em natural, matemática e metafísica. Assim, isto que Boécio chama teologia, o Filósofo chama metafísica. Elas são, portanto, idênticas. Mas a metafísica não é acerca de Cristo. Logo, a teologia também não o é.

(*Quaestio de divina scientia*. In: FIGUEIREDO, V. *Filósofos na sala de aula*. Vol. 3. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2008, p. 68).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01 A teologia apresenta-se na Idade Média como a ciência principal.
- 02 A teologia é objeto da filosofia de Aristóteles, apesar de ela não ter esse nome para ele.
- 04 A teologia é uma ciência que não diz respeito à investigação da natureza de Cristo.
- 08 A teologia é, para esses filósofos, tão científica quanto a matemática.
- 16 A teologia e a metafísica são conhecimentos adquiridos por meio da ciência especulativa.

Soma:

## Exercícios propostos

**1. UEPG-PR 2022** Sobre o pensamento filosófico desenvolvido no período da Idade Média, assinale o que for correto.

- 01 A Filosofia Medieval é uma teologia, portanto não resgatou nenhum aspecto da Filosofia Clássica (grega).
- 02 A Filosofia Medieval buscou unir a fé cristã e a Filosofia grega.
- 04 A Filosofia Medieval é dividida em duas grandes fases: Patrística e Escolástica.
- 08 São Tomás de Aquino é o principal representante da Filosofia Patrística.

Soma:

**2. Uece 2019** Em diálogo com Evódio, Santo Agostinho afirma: parecia a ti, como dizias, que o livre-arbítrio da vontade não devia nos ter sido dado, visto que as pessoas servem-se dele para pecar. Eu opunha à tua opinião que não podemos agir com retidão a não ser pelo livre-arbítrio da vontade. E afirmava que Deus no-lo deu, sobretudo em vista desse bem. Tu me respondeste que a vontade livre devia nos ter sido dada do mesmo modo como nos foi dada a justiça, da qual ninguém pode se servir a não ser com retidão.

AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*, Introdução, III, 18, 47.

Com base nessa passagem acerca do livre-arbítrio da vontade, em Agostinho, é correto afirmar que

- a) o livre-arbítrio é o que conduz o homem ao pecado e ao afastamento de Deus.
- b) o poder de decisão – arbítrio – da vontade humana é o que permite a ação moralmente reta.
- c) é da vontade de Deus que o homem não tenha capacidade de decidir pelo pecado, já que o Seu amor pelo homem é maior do que o pecado.
- d) a ação justa é aquela que foi praticada com o livre-arbítrio; injusta é aquela que não ocorreu por meio do livre-arbítrio.

3. **Uece 2020** Atente para a seguinte passagem, em que Santo Agostinho se questiona sobre a origem do mal: Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom, e é também a mesma bondade? Donde me veio, então, o querer, eu, o mal e não querer o bem? Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas, enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois, vem o mal?

AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De magistro*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção "Os Pensadores". Livro VII. Adaptado.

Sobre esse aspecto da filosofia do bispo de Hipona, considere as seguintes afirmações:

- I. Como os maniqueístas, de quem sofreu forte influência, Agostinho afirmava a existência do Bem e do Mal e que os homens não eram culpados de ações classificadas como más. O mal lhes era inato, portanto, não havia culpa, mas poderiam obter a salvação da alma por intermédio da graça divina.
- II. Para Agostinho, não se deveria atribuir a Deus a origem do Mal, visto que, como Sumo Bem, ele não o poderia criar. São os homens os responsáveis pela presença do Mal e cabe a estes fazerem uso de sua liberdade e escolherem entre a boa e a má ação.
- III. Dispondo do livre-arbítrio, o ser humano pode optar por bens inferiores. Mas o livre-arbítrio não pode ser visto como um mal em si, pois foi Deus quem o criou. Ter recebido de Deus uma vontade livre é para o ser humano um grande bem. O mal é o mau uso desse grande bem.

É correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I e II apenas.

4. **UEM-PR 2017** Tomás de Aquino foi um filósofo e teólogo do século XIII que se dedicou a escrever sobre questões de teologia cristã, de exegese bíblica, de metafísica, de ética e também de política. Tomás de Aquino afirma:

Duas coisas são necessárias para a vida de um homem. Uma principal, que é o agir de acordo com a virtude, uma vez que a virtude é aquilo pelo que se vive bem. A outra é secundária e como que instrumental, a saber, a existência suficiente daqueles bens necessários ao agir virtuoso. A unidade do ser humano é causada pela natureza, ao passo que a unidade da coletividade, que é denominada paz, deve ser produzida pela ação do governante.

(TOMÁS DE AQUINO. A realeza: dedicado ao rei de Chipre. In: MARÇAL, J. (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009, p. 690.)

Sobre a filosofia política de Tomás de Aquino, assinale o que for **correto**.

- 01 Segundo Tomás de Aquino, o rei deverá ser educado de acordo com a lei divina, de forma que busque garantir os meios pelos quais os súditos possam viver bem.
- 02 Porque o ser humano é racional, ao contrário dos demais animais, ele é capaz de viver isoladamente e não depende da coletividade para o viver bem e alcançar sua felicidade.
- 04 A melhor forma de governo é aquela em que a autoridade está nas mãos de uma única pessoa, que deve agir de modo que o bem comum seja alcançado por todos os cidadãos.
- 08 As regras para a cooperação entre os cidadãos são definidas por meio de eleições populares.
- 16 Para Tomás de Aquino, a violência é o maior perigo à paz social, porque afasta as pessoas e produz grupos que não são mais capazes de cooperar em favor do bem comum.

Soma:

5. **UFU-MG** Sobre Tomás de Aquino, considere o seguinte trecho, extraído de uma conhecida História da Filosofia.

O sistema tomista baseia-se na determinação rigorosa das relações entre a razão e a revelação. Ao homem, cujo fim último é Deus, o qual excede toda a compreensão da razão, não basta a investigação filosófica baseada na razão. Mesmo aquelas verdades que a razão pode alcançar sozinha, não é dado a todos alcançá-las, e não está livre de erros o caminho que a elas conduz. Foi, portanto, necessário que o homem fosse instruído convenientemente e com mais certeza pela revelação divina. Mas a revelação não anula nem torna inútil a razão: 'a graça não elimina a natureza, antes a aperfeiçoa'. A razão natural subordina-se à fé tal como no campo prático as inclinações naturais se subordinam à caridade.

ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Lisboa: Presença, 1978, p. 29-30, Vol. IV.

Com base no texto, é correto afirmar que Tomás de Aquino

- a) rejeitava as verdades da fé cristã que não pudessem ser explicadas plenamente pela razão humana.
- b) desprezava, por serem inúteis, as tentativas racionais em compreender as verdades da fé cristã.
- c) buscava conciliar as verdades da fé cristã com as exigências da razão humana.
- d) subordinava a fé à razão natural, só sendo digno de crença o que pudesse ser cientificamente comprovado.

**6. UEM-PR** As questões religiosas influenciaram diversos aspectos da sociedade europeia medieval. No universo político, por exemplo, perante um poder diluído em virtude da organização feudal da sociedade, a Igreja Católica representava uma instituição com poder unificador. Nos âmbitos cultural e artístico, a construção e a decoração de igrejas, as músicas e os ritos litúrgicos e a exegese dos textos sagrados contribuíram para o florescimento de uma arte sacra. Até mesmo no campo da Filosofia, as discussões eram pautadas por questões religiosas, pois a principal preocupação dos filósofos medievais era conciliar fé e razão. A respeito desses aspectos da sociedade medieval, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- 01** A Patrística foi a filosofia e a teologia desenvolvidas pelos padres da Igreja para encontrar justificativas racionais para as verdades reveladas.
- 02** A Escolástica dedicou-se, preponderantemente, a produzir teses e discussões inaugurais sobre filosofia, uma vez que, sob a supervisão da Igreja, os filósofos não tinham acesso a textos de autores clássicos.
- 04** O Barroco, estilo artístico que reflete o sentimento humano de conflito entre si e a divindade, apareceu no período medieval.
- 08** A seita dos Cátaros e a dos Albigenses foram consideradas heréticas porque defendiam doutrinas dualistas que conflitavam com a doutrina católica da ressurreição e o modo de vida levado pelos membros eclesiásticos.
- 16** Em *A Divina Comédia*, o poeta florentino Dante Alighieri resumiu a visão filosófica e o espírito religioso da sociedade medieval. Nessa obra, Alighieri descreve uma viagem imaginária e cheia de simbolismo, por meio do inferno, do purgatório e do paraíso.

Soma:

## Textos complementares

### A riqueza cultural da Idade Média

[...] Como afirma FRANCO JÚNIOR, devemos à Idade Média nosso patrimônio linguístico ocidental: “...Uma terça parte da população mundial, isto é, 2 bilhões de pessoas pensa e se exprime com instrumentos linguísticos forjados na Idade Média. De fato, ao lado do latim legado pela Antiguidade – e durante a Idade Média empregado nos ofícios religiosos, nas atividades intelectuais e na administração, mas língua morta no sentido de não ser mais língua materna de ninguém –, no século VIII nasceram os idiomas chamados de vulgares, falados cotidianamente por todos, mesmo pelos clérigos. Correndo o risco de simplificar em demasia um processo longo e complexo, podemos dizer que aqueles idiomas se formaram da interpenetração – em proporção diferente a cada caso – do celta, do latim e do germânico.”

FRANCO, Hilário Júnior. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 158.

A lista de elementos criados ou difundidos no período é longa [...] Podem-se acrescentar outros, tais como o julgamento por júri e o *habeas corpus*, os hospitais, a maior eficiência do sistema bancário, a notação musical, a música polifônica e os romances. O cumprimento com a mão direita estendida nada mais é do que o gesto da paz social da época feudal (significando que não estou armado), o individualismo próprio das sociedades atuais e as peregrinações a locais considerados santos são outras heranças que nos foram deixadas pelo medievo.

A burguesia nasceu como marginal, não no sentido de contra a lei, mas fora da estrutura social clássica medieval, formada pela nobreza e servos, desenvolvendo-se com o crescimento do comércio. Tomou-se o caminho da cidade e o tráfico comercial se organizou. Passou a ocupar papel de destaque no período moderno e na contemporaneidade é a força que comanda a estrutura social [...] O período de mil anos da Idade Média, do século V ao XV, foi um tempo de religiosidade muito forte e apesar de não termos vivido nesta época, não podemos negar nossas raízes cristãs que passaram a influenciar nosso modo de ser e de pensar. Nossa colonização portuguesa trouxe essas características, hábitos, tradições e instituições. A família patriarcal, a literatura de cordel nordestina, o calendário com a grande maioria de feriados oficiais de origem religiosa medieval, as irmandades, o culto aos santos, o sentimento messiânico como Canudos e as superstições são algumas características que nos remetem no tempo [...]

As festas juninas foram introduzidas na época colonial pelos portugueses no Brasil [...] Estas festas são hoje uma característica marcante na cultura popular brasileira. Isso se deu devido a influência do medievo na Península Ibérica, notoriamente em Portugal.

Apesar das rotulações que acabaram deixando o período conhecido como “Anos Escuros” ou “Idade das Trevas”, essa perspectiva não positiva nasceu com os intelectuais renascentistas, que negaram o mundo feudal devido ao pensamento racional em detrimento do religioso.

VAZ, Angela Omati Aguiar; PRATES, Eliane Guimarães de Campos. A Influência da Idade Média em nossos dias: Cultura, representações e festividades. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico*, Guarujá, 8. ed. p. 1-10, 2016. Disponível em: [http://faculdadedondomenico.edu.br/revista\\_don/artigos8edicao/11ed8.pdf](http://faculdadedondomenico.edu.br/revista_don/artigos8edicao/11ed8.pdf). Acesso em: 31 maio 2022.

## Resumindo

### 1 - Patrística:

- Filosofia produzida pelos primeiros padres cristãos
- Tradição greco-romana + Tradição judaico-cristã
- O que é a verdade? ↔ fé + razão
- Segundo os cristãos, a revelação é o que faltava para completar os sistemas dos filósofos gregos.

### 2 - Agostinho:

- "Platonismo cristão": sensível e inteligível são separados, mas conexos + teoria da iluminação
- Problema do mal → Como: Deus bom, onipotente e onisciente + existência do mal?
- Resposta maniqueísta: bem *versus* mal → Por que o bem não vence?
- Resposta de Agostinho: mal não moral → Não tem realidade, fruto da nossa visão parcial
- Mal moral → Fruto do mau uso de nosso livre-arbítrio, que é bom em si

### 3 - Escolástica:

- Filosofia e Teologia sistemáticas, rigorosas, precisas
- Recepção dos povos bárbaros – necessidade de escolas cristãs

- Progressiva autonomia e berço da filosofia moderna
- Recepção dos textos de Aristóteles
- Fundação das universidades

### 4 - Tomás de Aquino:

- Estudo formal → dominicanos → Universidade de Paris → Escola em Nápoles
- Questões disputadas → *Suma teológica*
- Experiência mística e recusa em escrever

### 5 - Fé e razão:

- Para Averróis, podiam ser contraditórias; para Tomás de Aquino, são independentes, mas não contraditórias → Três tipos de verdades:
  1. conhecidas pela razão
  2. conhecidas tanto pela fé quanto pela razão
  3. conhecidas apenas pela fé
- Existência de Deus faz parte do segundo tipo → Provas da existência de Deus → Argumento da causa primeira

## Quer saber mais?



### Livros

**BROWN, Peter. *Santo Agostinho: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2011.**

Uma das principais obras sobre Agostinho, que detalha sua vida e seu pensamento. A nova edição foi reescrita com base em cartas e sermões de Agostinho descobertos recentemente.

**CHESTERTON, G. K. *Santo Tomás de Aquino. Campinas: Ecclesiae, 2015.***

Chesterton é um escritor católico com um estilo bastante original, e a biografia escrita por ele sobre Santo Tomás, em que pretende reapresentar o maior pensador do século XIII, é mundialmente aclamada.

**GILSON, Étienne. *Deus e a Filosofia*. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.**

Nesse livro, o grande medievalista traça uma história das interpretações filosóficas sobre Deus, desde a Antiguidade até os dias de hoje.

**KENNY, Anthony. *Uma nova história da filosofia ocidental – vol. II: A filosofia medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.**

Volume dedicado à filosofia medieval de uma reconhecida obra de história da Filosofia, que se divide em uma exposição histórica e uma temática.

**LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2011.**

Um livro de História que mostra como a Europa, na modernidade, não começou do zero, mas se desenvolveu a partir do berço da Idade Média.

**SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2017.**

É a obra mais conhecida e pessoal de Agostinho, em que ele relata sua juventude e sua história até se tornar bispo de Hipona, por meio de uma conversa com Deus.

**STORCK, Alfredo. *Filosofia medieval*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.**

Livro introdutório sobre a filosofia medieval, indo desde suas origens romanas até o século XIII, incluindo um capítulo sobre a filosofia árabe.



### Filme

***Santo Agostinho: o declínio do Império Romano*. Direção: Christian Duguay, 2010. Classificação indicativa: livre.**

Agostinho, no final da vida, conta sua história para um capitão da guarda romana, enquanto sua cidade, Hipona, está sitiada pelos bárbaros.



### Vídeos

***Anselm & the Argument for God: Crash Course Philosophy #9 (Anselmo & o argumento a favor de Deus)*. Canal CrashCourse. Disponível em: <https://youtu.be/FmTsS5xFA6k>. Acesso em: 31 maio. 2022. Legendas em português.**

***Aquinas & the Cosmological Arguments: Crash Course Philosophy #10 (Aquino & os argumentos cosmológicos)*. Canal CrashCourse. Disponível em: <https://youtu.be/Tgiseh uGOyY>. Acesso em: 31 maio. 2022. Legendas em português.**

Esses dois vídeos apresentam, de forma didática e crítica, os argumentos mais famosos para provar a existência de Deus: o argumento ontológico de Santo Anselmo de Cantuária e os quatro argumentos de Santo Tomás de Aquino.

## Exercícios complementares

1. **UFU-MG 2019** Não foram poucos, porém, aqueles que dispensaram até mesmo essa comprovação racional da fé. Foi o caso de religiosos que desprezavam a filosofia grega. Mas houve também aqueles que defenderam o conhecimento da filosofia grega, percebendo a possibilidade de utilizá-la como instrumento a serviço do cristianismo. Conciliando com a fé cristã, esse estudo permitiria à Igreja enfrentar os descrentes e derrotar os hereges, empregando as armas da argumentação lógica.

COTRIM, Gilberto e FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2017, p. 241. (Adaptado)

- a) Disserte sobre os motivos que levaram à rejeição da filosofia grega por parte dos primeiros cristãos.  
b) Cite e explique, **pelo menos**, um conceito filosófico grego que foi apropriado e reelaborado por Santo Agostinho.

2. **Enem 2018** Desde que tenhamos compreendido o significado da palavra “Deus”, sabemos, de imediato, que Deus existe. Com efeito, essa palavra designa uma coisa de tal ordem que não podemos conceber nada que lhe seja maior. Ora, o que existe na realidade e no pensamento é maior do que o que existe apenas no pensamento. Donde se segue que o objeto designado pela palavra “Deus”, que existe no pensamento, desde que se entenda essa palavra, também existe na realidade. Por conseguinte, a existência de Deus é evidente.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

O texto apresenta uma elaboração teórica de Tomás de Aquino caracterizada por

- a) reiterar a ortodoxia religiosa contra os heréticos.  
b) sustentar racionalmente doutrina alicerçada na fé.  
c) explicar as virtudes teológicas pela demonstração.  
d) flexibilizar a interpretação oficial dos textos sagrados.  
e) justificar pragmaticamente crença livre de dogmas.

3. **UFU-MG 2021** No contexto das linhas metafísicas expostas, não será difícil captar o valor das cinco provas ou caminhos através dos quais Tomás alcança a única meta, Deus, no qual tudo se unifica e adquire luz e coerência. Para Tomás, Deus é o primeiro na ordem ontológica, mas não na ordem psicológica. Mesmo sendo o fundamento de tudo, Deus deve ser alcançado por caminhos a posteriori, isto é, partindo dos efeitos e do mundo.

REALE, G. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, volume I, 1990, p. 561.

- a) Quais são as cinco vias para provar a existência de Deus em Tomás de Aquino?  
b) Analise três dessas vias e demonstre por que essas provariam a existência de Deus, segundo Tomás de Aquino.

4. **UEM-PR** A Filosofia Medieval a partir do século IX é chamada *escolástica*. Ensinada nas escolas ou nas universidades próximas das catedrais, a filosofia escolástica tinha por problema fundamental levar o homem a compreender a verdade revelada pelo exercício da razão, todavia apoiado na *autoridade (Auctoritas)*, seja da Bíblia, seja de um padre da Igreja, seja de um sistema de filosofia pagã.

Sobre a escolástica, assinale o que for correto.

- 01 O pensamento platônico, ou mais exatamente o neoplatonismo de Plotino, porque mais facilmente conciliável com as doutrinas cristãs, foi a única filosofia pagã aceita durante toda a escolástica.  
02 A fermentação intelectual e o interesse pelo racional na escolástica evidenciam-se pela criação de universidades por toda a Europa; o método de exposição das ideias filosóficas nessas escolas era a disputa: uma tese era colocada e passava-se a refutá-la ou a defendê-la com argumentos retirados de alguma autoridade.  
04 Representante do pensamento político da escolástica, o cardeal Martin Heidegger trata, em sua obra *Ser e Tempo*, do problema da subordinação do poder temporal dos reis e dos nobres ao poder espiritual do Papa e da Igreja.  
08 Um tema recorrente na filosofia escolástica foi a demonstração racional da existência de Deus. Santo Anselmo (1034-1109) formula a prova tradicionalmente chamada *argumento ontológico*, no qual deduz a existência de Deus da própria ideia de perfeição de Deus.  
16 O apogeu da escolástica acontece no século XIII com Santo Tomás de Aquino (1225-1274), que, retomando o pensamento de Aristóteles, fez a síntese mais fecunda da filosofia com o cristianismo na Filosofia Medieval.

Soma:

5. **UEM-PR** Tomás de Aquino (1225-1274), no seu livro *A Realeza*, afirma:

Começemos apresentando o que se deve entender pela palavra rei. Com efeito, em todas as coisas que se ordenam a um fim que pode ser alcançado de diversos modos, faz-se necessário algum dirigente para que se possa alcançar o fim do modo mais direto. Por exemplo, um navio, que se move em diversas direções pelo impulso de ventos opostos, não chegará ao seu fim de destino se não for dirigido ao porto pela habilidade do comandante.

(AQUINO, T. de. *A realeza*: dedicado ao rei de Chipre. In: *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 667.)

Conforme esse trecho, é correto afirmar que

- 01 o rei, como um dirigente, não tem um poder opressor ou dominador sobre os súditos.
- 02 o rei é aquele que realiza as coisas sem intermediários.
- 04 o rei não é necessário em todas as decisões, mas somente naquelas que envolvem interesses coletivos.
- 08 as ações do rei não precisam levar em conta os desejos dos súditos, mas considerar aquilo que é melhor para o reino.
- 16 o rei ou o comandante tem a função de dirigir, orientar, o que não implica uma imposição de sua vontade aos súditos.

Soma:

6. **UFU-MG 2021** Santo Agostinho refletiu sobre as questões do ensino e do aprendizado, observando que os mestres têm grande importância no ensino porque, por meio de palavras, podem ensinar. No entanto, não bastam as palavras exteriores para o conhecimento verdadeiro, é preciso o auxílio do mestre interior, conforme afirma De Magistro:

No que diz respeito a todas as coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, a qual soa por fora, mas a verdade que dentro de nós preside a própria mente, incitados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado, ensina verdadeiramente, e este é Cristo, que habita, como foi dito, no homem interior, isto é, a virtude incomutável de Deus e a sempiterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela a cada um quanto é permitido pela sua própria boa ou má vontade.

SANTO AGOSTINHO. De Magistro. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987, Capítulo XI, p. 319.

De acordo com o trecho, deduz-se que o papel do ensinamento de mestres é

- a) demonstrar a verdade incontestável.
- b) enunciar somente o que é a verdade.
- c) estimular a busca da verdade interior.
- d) ensinar verdades para além de Cristo.

## BNCC em foco

EM13CHS103

1. Quando surgiram as primeiras universidades, a teologia começou a relacionar-se mais diretamente com outras formas da pesquisa e do saber científico. Santo Alberto Magno e S. Tomás, embora admitindo uma ligação orgânica entre a filosofia e a teologia, foram os primeiros a reconhecer à filosofia e às ciências a autonomia de que precisavam para se debruçar eficazmente sobre os respectivos campos de investigação. Todavia, a partir da baixa Idade Média, essa distinção legítima entre os dois conhecimentos transformou-se progressivamente em nefasta separação. Devido ao espírito excessivamente racionalista de alguns pensadores, radicalizaram-se as posições, chegando-se, de facto, a uma filosofia separada e absolutamente autónoma dos conteúdos da fé. Entre as várias consequências de tal separação, sobressai a difidência cada vez mais forte contra a própria razão. Alguns começaram a professar uma desconfiança geral, céptica ou agnóstica, quer para reservar mais espaço à fé, quer para desacreditar qualquer possível referência racional à mesma.

CARTA encíclica *Fides et Ratio* do sumo Pontífice João Paulo II aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão. *Vatican.va*, [s.d.]. Disponível em: [www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html). Acesso em: 31 maio. 2022.

Na escola de Alberto Magno, Tomás de Aquino desempenhou um trabalho de importância fundamental para a história da filosofia e da teologia, diria para a história da cultura: estudou profundamente Aristóteles e os seus intérpretes, encontrando novas traduções latinas dos textos originais em grego [...] Tomás de Aquino mostrou que entre fé cristã e razão subsiste uma harmonia natural. E foi esta a grande obra de Tomás, que naquele momento de desencontro entre duas culturas – naquele momento em que parecia que a fé devia render-se perante a razão – demonstrou que elas caminham a par e passo, que quanto parecia ser razão não compatível com a fé não era razão; e aquilo que parecia ser fé não era tal, enquanto se opunha à verdadeira racionalidade; deste modo, ele criou uma nova síntese, que veio a formar a cultura dos séculos seguintes.

BENTO XVI. S. Tomás de Aquino: homem de cultura para quem há “harmonia natural” entre fé e razão. *Secretaria Nacional da Pastoral da Cultura*, 27 jan. 2013. Disponível em: [http://www.snpccultura.org/sao\\_tomas\\_aquino.html](http://www.snpccultura.org/sao_tomas_aquino.html). Acesso em: 31 maio. 2022.

Os fragmentos de texto acima, escritos pelo papa João Paulo II e pelo seu sucessor Bento XVI, evidenciam a importância de São Tomás de Aquino para a Igreja católica, destacando o modo como conciliou fé e razão. Em sua opinião, como o pensamento de São Tomás de Aquino, filósofo medieval, pode ser considerado como raiz da modernidade?





Igilia Proynova/Shutterstock.com

Detalhe da obra *Davi*, de Michelangelo, um dos símbolos do Renascimento: movimento que enxergou a si mesmo como um resgate da cultura clássica antiga.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

8

# Filosofia do Renascimento

O mundo medieval e o mundo moderno são profundamente diferentes. Neste capítulo, veremos como foi possível passar de um a outro por meio de grandes transformações. Esse período ficou conhecido como Renascimento. Estudaremos como os humanistas propuseram uma educação baseada nos clássicos para formar um ser humano capaz de alcançar a plenitude de suas capacidades e de dar vazão a uma curiosidade insaciável. Analisaremos como a forma de pensar a política foi modificada e como uma concepção prática e audaciosa do que o ser humano pode alcançar gerou uma nova relação com a natureza e resultou em um método de conhecimento que alcançou sucesso sem precedentes.

## Humanismo

A transição da Idade Média para a Idade Moderna foi um processo lento e gradual. Os elementos intelectuais dessa transição constituíram um movimento que ficou conhecido como **Renascimento** – o retorno aos ideais greco-romanos. A Itália foi o berço do Renascimento, região em que conviveram alguns dos primeiros nomes associados ao movimento, como os poetas Petrarca e Boccaccio, e também para onde convergiram, mais tarde, os mestres que incorporaram às artes plásticas os ideais desse período: Michelangelo, Donatello, Leonardo, Botticelli, Rafael, Tiziano, entre muitos outros.

Se quisermos compreender qualquer empreendimento relacionado ao Renascimento, precisamos considerá-lo no contexto intelectual fervilhante da época e do ideal do **homem renascentista**: alguém que confia em suas capacidades e trabalha para desenvolver todos os seus talentos. O ideal do homem renascentista substituiu, assim, o ideal do homem medieval. O homem medieval devia se encaixar em um lugar determinado e de acordo com o plano divino. Como tinha um papel a cumprir na Terra, o homem medieval dedicava sua vida a esse plano – fosse um nobre ou um servo.



Estátua de Leonardo da Vinci.

Do ponto de vista intelectual, a principal influência sobre o Renascimento coube ao **humanismo**, movimento que propunha a valorização das capacidades humanas e que se apoiou na redescoberta do pensamento da Antiguidade Greco-Romana. Os pensadores medievais já estudavam os filósofos gregos, mas, ao contrário dos humanistas, sempre subordinavam o conteúdo de suas filosofias à doutrina cristã. Também deve ser destacado que os renascentistas tinham muito mais obras da Antiguidade à disposição.

A retomada e a valorização das obras clássicas trouxeram para a Renascença um forte ideal de **aperfeiçoamento** humano em relação à Idade Média, o que explica o fato de esse movimento ter sido chamado “humanismo”. O aperfeiçoamento humanista compreendia o homem renascentista como um homem de ação, que não apenas entendia o mundo, mas também o transformava.

Cinco princípios básicos caracterizam o humanismo: classicismo, realismo, atitude crítica, individualismo e a ideia de virtude ativa.

O humanismo pregava o estudo dos **clássicos** como forma de conhecer e desenvolver as capacidades humanas. O contato com os clássicos era importante porque eles tratavam de problemas e interesses experimentados por toda a humanidade.

Os humanistas valorizavam uma versão não idealizada da **realidade**. Tratava-se de entender como os seres humanos de fato se comportam em vez de promover ideais inalcançáveis de virtude. Valorizavam as experiências reais e o cotidiano das pessoas comuns.

O humanismo desenvolveu uma **atitude crítica** e questionadora. Essa atitude se apoiava na profunda confiança nas capacidades humanas de investigar e compreender o mundo.

A crença nas capacidades humanas e a exaltação da experiência comum dão ao humanismo um caráter **individualista**. O indivíduo tem em si toda a potência necessária para alcançar o que quiser, e o humanismo começa a valorizar aquilo que é único e próprio de cada um.

Por último, a visão de mundo humanista buscava desenvolver no ser humano uma **virtude ativa**. O homem virtuoso procurava conhecer o que é a honra, a justiça, a coragem, a força, a generosidade, a sabedoria, e deveria agir para que elas se incorporassem à realidade.

Erasmus de Roterdã (1466-1536) foi um dos responsáveis por levar o humanismo para o norte da Europa. Entrou em contato com diversos pensadores da época e recebeu uma educação monástica, chegando a ser ordenado padre. Contudo, seu crescente reconhecimento como intelectual lhe permitiu viver afastado da vida monástica – ainda que tenha sempre permanecido católico e fiel ao papa.



Estátua de Erasmo de Roterdã.

Erasmus era um verdadeiro humanista: ele acreditava em uma **educação** baseada no estudo dos clássicos. Encontrou uma forma eficaz e memorável de expor suas críticas às tradições e superstições do espírito medieval: por meio de uma sátira, cujo personagem principal é a própria loucura. Nessa obra, *Elogio da loucura* (1511), vemos a loucura partir de um elogio de si mesma para depois analisar abusos e atitudes corruptas da Igreja e para criticar a vaidade dos intelectuais e os privilégios da nobreza.

Em seus estudos das Sagradas Escrituras, Erasmo pretendia libertá-las das interpretações estabelecidas pela escolástica, buscando retomar a tradição **patrística**. Em 1516, decidiu publicar uma nova tradução latina do Novo Testamento. A tradução latina de Erasmo foi simbolicamente importante, mas acabou não sendo muito utilizada – ironicamente, o original grego foi publicado junto da tradução de Erasmo, e acabou tendo maior influência, uma vez que foi nela que se baseou Lutero para traduzir a Bíblia para o alemão.

Foi justamente com Lutero que Erasmo travou alguns de seus mais importantes debates. Erasmo era um **crítico** incisivo de práticas do clero da época, mas Lutero foi mais longe do que Erasmo, chegando a romper com Roma e dando início à Reforma Protestante. Erasmo adotou uma postura **pacificadora** com Lutero, mas sem sucesso. Ao mesmo tempo, tentou advogar em favor de Lutero junto a Roma, pedindo por mudanças pontuais que permitissem a reconciliação com os protestantes.



Selo holandês de 1969 para comemorar os 500 anos do nascimento de Erasmo.

Em 1524, Erasmo publica a obra *Sobre o livre-arbítrio*, em que critica a posição de Lutero, que afirmava que tudo deveria ser atribuído a Deus e nada ao homem. Erasmo buscava reafirmar a realidade do **livre-arbítrio**. Lutero, contudo, permaneceu irredutível e foi contundente em sua resposta.

Erasmo conquistou **inimigos em ambos os lados**: era considerado protestante demais pelos católicos e católico demais pelos protestantes. Essas críticas têm a ver com uma forma de argumentar e discutir que estava ganhando força na época. As discussões passaram a ser inflamadas e frequentemente forradas de insultos, ainda que apresentados de forma elegante. A **atitude conciliadora, tolerante e equilibrada** de Erasmo não era popular em um mundo polarizado.

Estudos mais recentes veem em Erasmo uma figura importante para compreender dois traços essenciais da Europa moderna. Por um lado, a busca por um cristianismo purificado. Por outro lado, a defesa da liberdade e da tolerância.

Outra figura de destaque para o humanismo foi um grande amigo de Erasmo, o inglês Thomas More (1478-1535). More considerou entrar para um mosteiro franciscano, mas acabou por decidir pela vida pública e pelo casamento. A **vida familiar** era importante para ele, e, por suas cartas, sabemos que ele demonstrava grande afeição pelos filhos. More adotou em sua família uma prática extremamente inovadora para a época: educou sua esposa e filhas no classicismo humanista, incluindo música, literatura e línguas.



Thomas More e sua família, de Rowland Lockey, 1592. Óleo sobre tela, 249 cm x 343 cm. Nostell Priory, Wakefield.

More tornou-se secretário e conselheiro do rei Henrique VIII e eventualmente chanceler do reino. Nessa função, More promoveu a perseguição de protestantes. Fato é que o **catolicismo fervoroso** de More provou ser um problema quando o rei se declarou chefe da Igreja da Inglaterra – o que More não aceitou. A situação ficou ainda mais complicada quando More se recusou a reconhecer a nulidade do casamento de Henrique com Catarina de Aragão e a comparecer à coroação de Ana Bolena, a nova esposa de Henrique. More acabou por ser acusado de **traição**, levado à Torre de Londres e, enfim, decapitado.

A obra mais famosa de Thomas More é *Utopia* (1516), que descreve a estrutura de uma sociedade idealizada na ilha imaginária de mesmo nome. O termo “utopia” é uma criação de More a partir do grego e tem dois sentidos possíveis: enquanto *topos* significa “lugar”, o prefixo “u” pode vir de “ou”, que indica negação, ou de “eu”, que significa “bom”. Assim, “utopia” pode se referir tanto a “bom lugar” quanto a “não lugar” – ou, mais provavelmente, a ambos.

A *Utopia* de More se tornou icônica entre os humanistas da época, porque está baseada na ideia de uma sociedade inteiramente ordenada de forma **racional**. A *Utopia* não é apenas uma idealização, mas também uma poderosa crítica ao que acontecia na realidade. A obra retrata uma ilha, que seu interlocutor teria conhecido em viagens para a América e que é explorada no segundo livro com descrições sobre a vida cotidiana e os costumes.

Um dos pontos mais importantes do primeiro livro é quando se critica que o roubo seja punido com a morte. Além de desproporcional, é ineficaz – o que realmente deveria ser feito para acabar com o roubo é acabar com a pobreza e a fome que o motivam.

Snowshill/iStockphoto.com



Thomas More em vitral.

O modelo econômico de *Utopia* estabelece funções específicas para cada família em cada cidade, de modo que seria produzido o suficiente para que todos possam viver de forma simples e satisfatória. As leis são simples e todos as compreendem, eliminando a necessidade de advogados, e a guerra é adotada apenas como último recurso. Do ponto de vista religioso, há uma tolerância significativa, ainda que com limites.

A *Utopia* de More é frequentemente comparada à *República* de Platão (370 a.C). É preciso ter em mente sua intenção de promover uma crítica da sociedade europeia do século XVI, mais do que ser, de fato, um projeto político. Algumas de suas características causam estranhamento, assim como o questionamento sobre o espaço para a liberdade individual em um mundo tão racionalmente controlado.

## Maquiavel e uma nova reflexão sobre a política

As considerações políticas constituíam uma parte relativamente menor na obra dos pensadores medievais. Apenas no período renascentista, a política voltou a ser o principal tema de reflexão. Thomas More, por

exemplo, é um autor cuja obra-prima esteve centrada em considerações políticas – mas Maquiavel se tornou uma figura muito mais emblemática na história da filosofia e alcançou tal posto especificamente por suas reflexões políticas.



SerNovik/iStockphoto.com

Florença, cidade de Maquiavel, polo artístico e intelectual de sua época.

Nicolau Maquiavel (1469-1527) nasceu em Florença e recebeu a educação humanista que já era difundida na cidade. Quando Maquiavel nasceu, Florença estava sob controle da família Médici. Os Médici ficaram conhecidos por patrocinarem as artes e a cultura. Em 1494, os Médici foram derrubados do poder, e a República Florentina (que não tinha sido destruída em nome, mas de fato) voltou a efetivamente existir.

Na nova república, Maquiavel alcançou um posto público de destaque. Mas, em 1512, a república foi derrubada por uma coalizão entre o papa Júlio II e o exército espanhol, restituindo o governo dos Médici. Maquiavel foi considerado suspeito de conspirar contra os Médici e, após ser preso e torturado, foi exilado na propriedade de seu pai nos arredores de Florença. Posteriormente, Maquiavel foi empregado pelos Médici, porém, em 1527, os Médici foram novamente depostos e a república retornou – mas o fato de ter sido associado à família fez com que o governo republicano desconfiasse de Maquiavel. Logo em seguida, ele ficou doente e morreu.



decerbinof/iStockphoto.com

Edição de 1769 da obra *O príncipe*.

Na época de Maquiavel, o território italiano era totalmente fragmentado em unidades políticas menores, como ducados e principados – uma herança do período medieval. Assim, uma família tomava o poder em determinada região e passava a vida preocupando-se com alianças, traições e possíveis invasões. O perigo estava sempre ao lado de casa, e Maquiavel compreendeu profundamente os prejuízos que isso trazia.

A obra mais conhecida de Maquiavel é *O príncipe*, escrita em 1513, mas publicada apenas após a morte do autor. A obra foi concebida como um manual para governar e tem, por isso, um **caráter prático**. A inovação de Maquiavel em relação a outras obras do gênero foi romper com a expectativa de que um governante deve ser virtuoso para governar bem. Ao contrário, sustentava que seus comportamentos e atitudes deviam ser eficientes para alcançar o fim mais importante de um governo: manter a unidade e a paz no Estado.

Segundo Maquiavel, há dois fatores que influenciam a obtenção e a manutenção do poder: a fortuna e a *virtù*. **Fortuna** é o termo usado por Maquiavel para se referir a todos os fatores e possibilidades que estão fora do nosso controle, ou seja, é o que acontece conosco de bom ou de ruim independentemente de nossas escolhas. A fortuna às vezes nos atrapalha – e também pode atrapalhar o governante em sua tentativa de manter o poder –, mas pode igualmente ajudar.

### Estabelecendo relações

O termo “fortuna” se relaciona com um símbolo vindo da Antiguidade que é difundido até os dias de hoje: a roda da fortuna. Trata-se de uma imagem que representa o quanto o destino – ou a sorte – é imprevisível e incontrolável. A roda representa a ideia de que, pelos caprichos do destino, alguns estão em um ponto alto, outros em um ponto baixo – e isso é, muitas vezes, fruto do acaso. Mas a roda da fortuna não é estável: estar em uma posição de conforto, poder ou riqueza não significa que essa posição vai se manter – é perfeitamente possível que a roda gire e as circunstâncias mudem de uma hora para outra. A imagem da roda da fortuna remonta aos babilônios, foi associada ao zodíaco e também é uma das cartas do tarô. Ela era bastante popular nos escritos medievais, como os do filósofo Boécio, foi mencionada por Shakespeare e dá o nome ao primeiro movimento da “Carmina Burana”, célebre composição de Carl Orff. Mais recentemente, a roda da fortuna já se tornou um programa de auditório americano e foi citada em uma música da banda Pearl Jam.



Carta de tarô “Roda da Fortuna”. Símbolo daquilo que, a princípio, estaria fora de nosso controle.

Há um segundo fator, no entanto, a ser considerado: a *virtù*. A *virtù* pode ser entendida como o conjunto de qualidades que tornam um governante apto a liderar, conquistar e manter o poder. Se, por um lado, a fortuna está fora de nosso controle, o governante de *virtù* é aquele capaz de lidar com ela da melhor forma possível. Não se trata de controlá-la plenamente – porque isso é impossível –, mas de diminuir os efeitos da fortuna quando ela é prejudicial, e também de potencializá-los quando ela é benéfica.

Maquiavel deve ser reconhecido por ter dado um papel significativo às decisões e atitudes humanas na vida de cada um em uma época em que muitos ainda acreditavam que o homem tinha pouco ou nenhum controle sobre seu destino. Mas o que mais chocou os leitores de Maquiavel foi até onde ele acreditava que o governante deveria estar disposto a chegar para alcançar seu objetivo de manter o poder. Para Maquiavel, não há limite.

### Atenção

Cuidado com os termos “fortuna” e *virtù*, que fazem parte do vocabulário técnico de Maquiavel e não significam o que pode parecer à primeira vista. “Fortuna” não significa riqueza, mas sim “acaso” ou “destino”. Há quem o traduza como sorte, mas é preciso tomar cuidado para não supor uma conotação positiva – pode ser tanto sorte quanto azar. Da mesma forma, *virtù* não significa virtude, e sim valor, firmeza ou iniciativa e diz respeito à capacidade daquele que tem inclinações políticas de obter e manter o poder, agindo de acordo com o que a situação exige. Não há uma equivalência entre essa *virtù* do governante e as virtudes tradicionais, como a coragem ou a sabedoria.



Maquiavel conversando com César Borgia em uma cena imaginada. O filósofo considerava Borgia um exemplo de *virtù* política.

Maquiavel não está preocupado em definir a melhor forma de agir para qualquer pessoa, mas somente para o governante, que deve fazer o que for preciso para manter a estabilidade de seu governo. Dessa ideia surgiu o enunciado que, apesar de não ter sido escrito por Maquiavel, resume sua filosofia: **os fins justificam os meios**. Trata-se de afirmar que as atitudes de um governante devem ser julgadas por um critério diferente das ações de outras pessoas: de acordo com sua eficácia, para alcançar a estabilidade do poder.

Os súditos podem não aceitar as atitudes imorais do governante. A solução para esse problema é que o príncipe continue agindo da forma que precisa agir e manipule cuidadosamente a própria imagem para que as pessoas vejam nele o que querem. Em outras palavras, **tão importante quanto parecer bom é saber agir de acordo com o que a situação exige**. A impressão das pessoas sobre o governante também é central para outra reflexão famosa de Maquiavel: **é melhor ser temido do que ser amado**. Nada impede que temor e amor estejam presentes ao mesmo tempo, mas se for necessário optar por um deles, o temor é mais eficaz.

As qualidades necessárias para o governante se assemelham, assim, às de alguns animais: Maquiavel faz uma comparação célebre, dizendo que o príncipe deve ser forte como o leão, mas também astuto como uma raposa. Isso significa que nem sempre a força bruta é a melhor saída. Portanto, **ter virtú é agir de acordo com o que a situação exige**.



Laurenço de Médici, para quem Maquiavel dedica a obra *O príncipe*.

Dentre as críticas recebidas por ele, duas se destacam: a que se refere à sua imoralidade e a que se refere à sua antropologia. Por aceitar (e recomendar) o assassinato, a mentira e a traição, Maquiavel sempre foi acusado de justificar a **imoralidade**, ou de, no mínimo, ser amoral, isto é, defender que não há espaço para considerações morais no contexto da política. Seu nome deu origem a uma expressão que descreve alguém que está disposto a todo tipo de artimanhas para se dar bem: **maquiavélico**.

Na verdade, a compreensão de Maquiavel a respeito das relações entre moral e política não é tão simples. Não há uma defesa da imoralidade nem de que não se deve fazer julgamentos morais na política. De acordo com o historiador das ideias Isaiah Berlin, Maquiavel estaria, na verdade, sendo precursor da ideia de que há uma moralidade própria do príncipe, diferente e incompatível com a moral das pessoas comuns.

Em algum âmbito, no entanto, a acusação de imoralidade faz sentido: as atitudes que Maquiavel aconselha ao príncipe eram completamente contrárias à moral de sua época e são chocantes até hoje. Ele não tem nenhuma consideração pelo que hoje chamamos de direitos

humanos. Além disso, a história nos ensina o perigo de dizer que há regras próprias para o comportamento de um governante e que suas preocupações morais não devem ser as mesmas das pessoas comuns.

Outra crítica comum se dirige a um dos fundamentos do pensamento de Maquiavel: sua concepção sobre o ser humano, o que chamamos de **antropologia filosófica**. O que sua experiência e seus estudos lhe permitiram concluir é que a humanidade está sempre rodeada de mentira, ganância e covardia. Os próprios objetivos do príncipe são egoístas: ele quer a estabilidade porque é bom para si. O trunfo de Maquiavel é mostrar que os interesses do governante e os de seus súditos podem se alinhar: a estabilidade é boa para todos, uma vez que traz poder para um e a possibilidade de viver em paz e progresso para os outros.

## Revolução Científica

A Revolução Científica modificou a visão de mundo tradicional. Junto com ela, mudou a compreensão do lugar do homem no mundo e da maneira como este deve se dirigir à natureza para entendê-la. O modelo tradicional sustentava que a Terra estava localizada no centro do Universo e que era cercada por camadas concêntricas de esferas celestes. Havia, contudo, dificuldades de explicar alguns fenômenos. Por isso, houve astrônomos que tornaram esse modelo mais complexo.

O modelo de esferas alcançou o auge com Ptolomeu, astrônomo egípcio do século II a.C., e é, frequentemente, chamado de ptolomaico, aristotélico-ptolomaico ou, também, de geocêntrico, por identificar a Terra como centro do Universo. Ele também propõe a ideia de que apenas o mundo abaixo da Lua está sujeito às constantes transformações que experimentamos, enquanto, da Lua para cima, o Universo é perfeito e não passa por mudanças.

Contra esse modelo, o desafio mais pungente veio do pensamento de Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo e matemático polonês. Embora encontremos elementos da nova ciência no período escolástico, a obra de Copérnico é considerada o marco do modelo **heliocêntrico**, que coloca o Sol no lugar anteriormente ocupado pela Terra.



Imagem de Nicolau Copérnico em cédula polonesa de mil zloty.

O modelo aristotélico-ptolomaico possuía algumas características que justificavam sua aceitação no final da Idade Média. Em primeiro lugar, ele estava de acordo com a atitude natural diante da experiência sensível, pois temos a sensação de que é o Sol que se move. Em segundo lugar, as sofisticadas matemáticas que esse modelo recebeu fizeram com que sua capacidade de explicar eventos astronômicos fosse surpreendente. Apesar disso, havia dificuldades que o sistema aristotélico-ptolomaico não superava.

Copérnico ousou considerar a possibilidade de um modelo completamente diferente. Ele não foi o primeiro, e sua inspiração pode ter saído de outros astrônomos, antigos ou medievais, que imaginavam explicações diversas para o movimento dos astros. Copérnico se interessou por descobrir se essas suposições levariam a um modelo mais preciso, ousando, por fim, imaginar que a Terra se movia. O resultado foi um modelo muito mais eficaz para explicar o que parecia estranho no sistema aristotélico-ptolomaico.

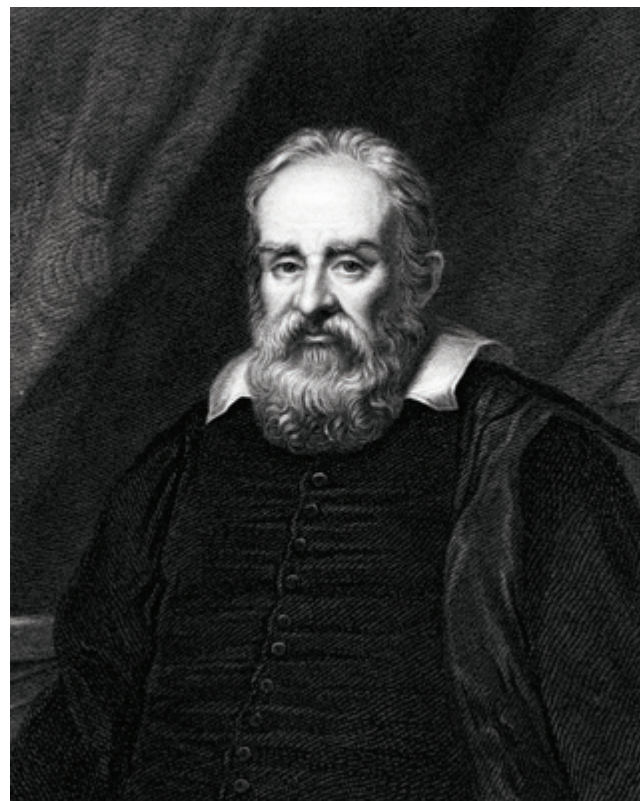
De acordo com Copérnico, o movimento reversivo, de ida e volta dos planetas, é aparente, e não real. Essa conclusão foi um feito considerável, e Copérnico tinha o conhecimento matemático necessário para dar sentido e força ao seu modelo. Seu grande trunfo era a capacidade de apresentar um modelo mais harmônico, em que o movimento dos planetas em torno do Sol parecia muito mais ordenado do que antes.



Monumento a Nicolau Copérnico, na cidade de Torún, na Polônia. Seu modelo era inovador, mas mantinha ainda a ideia de órbitas circulares.

A publicação de sua obra *Sobre as revoluções das esferas celestes* teve complicações. Ela ficou a cargo do teólogo luterano Andreas Osiander, que, para evitar problemas, adicionou sua própria introdução à obra, sugerindo que o modelo copernicano não era realmente verdadeiro. Essa introdução, sem dúvida, tirava a força das afirmações de Copérnico e era intelectualmente desonesta, mas talvez ela tenha sido responsável pelo sucesso do sistema copernicano e por sua difusão na Europa.

Galileu Galilei (1564-1642) nasceu na cidade de Pisa, não muito longe de Florença. Na Universidade de Pisa estudou medicina, mas logo reconheceu sua paixão por física e matemática. Galileu tinha reputação de ser inteligente e controverso. Em vez de estudar as teorias estabelecidas, ele tinha interesse em medir e experimentar tudo por conta própria. Não se importava com o que parecia razoável ou com o que encaixava nas teorias aceitas.



Galileu Galilei (1564-1642).

A **valorização do experimento e da observação** levou Galileu a defender ideias que frequentemente conflitavam com a visão de mundo estabelecida em sua época. Para ele, contudo, ciência e religião não se contradizem. Por fim, o interesse de Galileu pela Astronomia foi auxiliado por um instrumento que nem Copérnico nem Kepler conheciam: o telescópio. Ao apontá-lo para o céu, encontrou uma grande quantidade de evidências de que o modelo aristotélico-cristão tradicional do Universo estava errado.

As descobertas de Galileu eram incompatíveis com a ideia aristotélica de que havia um contraste entre o mundo sublunar – imperfeito e mutável – e o mundo lunar – perfeito e imutável. Elas também **corroboravam o heliocentrismo**, e essa já era uma teoria perigosa de se defender. A Igreja aceitava a teoria de Copérnico apenas como modelo útil para fazer cálculos. Na época, um defensor de uma versão do sistema copernicano, chamado Giordano Bruno, já havia sido morto na fogueira.

Galileu, no entanto, não era um cientista de guardar as descobertas para si. O papa eleito em 1623, Urbano VIII, sugeriu-lhe que escrevesse uma obra, apresentando o sistema copernicano como uma alternativa cosmológica possível, com argumentos favoráveis e contrários, e comparando-o com outros sistemas. Assim, Galileu publicou, em 1632, uma de suas principais obras: *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo*. Galileu, contudo, deixou sua opção pelo heliocentrismo completamente clara.

Em 1633, Galileu foi levado a julgamento por descumprir a proibição de ensinar o sistema copernicano. Ele acabou confessando que seu livro era um erro, e sua defesa do sistema copernicano, exagerada. Uma lenda diz que, ao sair do julgamento, Galileu teria dito “*Eppur si muove*” (“e, no entanto, ela [a Terra] se move”).



Julgamento de Galileu.

A pena recebida por Galileu foi relativamente branda, mas suas ideias permaneceram. Sua maior contribuição para a história da ciência é, sem dúvida, a maneira pioneira como uniu a cuidadosa observação da natureza, incluindo o desenho de experimentos para testar hipóteses específicas, com uma compreensão matemática do mundo, que já havia sido apontada por Copérnico e Kepler.

Ao afirmar que o Universo é um livro aberto, Galileu ressalta que esse está pronto para ser conhecido, bastando, para isso, utilizar o conhecimento experimental, que se constrói com base no que apreendemos pelos sentidos. Ao afirmar que esse livro está escrito em caracteres matemáticos, Galileu afirma a necessidade de usar a matemática para interpretar e encontrar padrões naquilo mostrado na experiência, possibilitando a construção de grandes sistemas científicos.



Para Galileu, toda a natureza pode ser lida se compreendermos a linguagem matemática. Na imagem, a sequência de Fibonacci, uma sucessão de números nos quais cada termo subsequente corresponde à soma dos dois anteriores.

### Saiba mais

Apesar de não ter participado das inovadoras pesquisas no campo da Astronomia, mais um nome deve ser mencionado por sua relação com a Revolução Científica: o filósofo inglês Francis Bacon. Sua principal contribuição não foi uma descoberta específica, mas sua preocupação em estabelecer um método científico, baseado na experimentação e na observação. Ao contrário da ciência medieval, que era fortemente baseada na dedução – ou seja, no processo de extrair conclusões a partir de verdades gerais, operando em um registro fortemente teórico –, Bacon propunha um método baseado na indução – processo de alcançar conclusões gerais com base na observação reiterada e prática de casos particulares. Bacon enfatizava reiteradamente a finalidade prática da ciência, o que o afastava da tradição grega, que via valor especial no conhecimento puramente contemplativo. Em uma célebre frase, Bacon afirmou: “saber é poder”, apontando para a ideia, bastante difundida em nossos dias, de que a ciência nos permite usar a natureza em nosso favor.

## Revisando

**1. PUC-RS 2017** As teorias políticas e religiosas, bem como a nova mentalidade da Europa Moderna, podem ser melhor compreendidas através da leitura de algumas obras clássicas escritas entre os séculos XIV e XVII. Considerando essa premissa, relacione as obras e seus autores (coluna 1) à respectiva resenha (coluna 2).

- |  |   |
|--|---|
| 1. <i>O Príncipe</i> , de Nicolau Maquiavel,                       | ■ aborda o abalo causado pela Peste Negra no comportamento e nos valores sociais embasados na moral medieval, bem como o advento do humanismo na Itália da passagem da Idade Média para a Idade Moderna.  |
| 2. <i>Decameron</i> , de Giovanni Boccaccio,                       | ■ defende uma política desligada da moral religiosa, apresentando orientações sobre como se conduzir nos negócios políticos internos e externos, com o objetivo de conquistar o poder e nele se manter.   |
| 3. <i>A vida de Gargântua e Pantagruel</i> , de François Rabelais, | ■ faz uma crítica à filosofia escolástica medieval, à autoridade dos frades, ao Papado, aos reis, aos magistrados e à justiça através de uma sátira no estilo grotesco, que dialoga com a cultura popular e carnavalesca da virada da Idade Média para a Moderna. |
| 4. <i>95 Teses</i> , de Martinho Lutero,                           | ■ é um texto que critica as práticas abusivas de alguns clérigos que realizavam a venda de indulgências e os desvios morais de certos membros do clero da Igreja Católica.  |
| 5. <i>O Elogio da Loucura</i> , de Erasmo de Roterdã,              | ■ é um livro inspirado em obras clássicas e no exercício da retórica que, com um texto satírico e sombrio, critica práticas corruptas da Igreja Romana.   |



O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 1 – 3 – 5 – 4 – 2  
b) 1 – 2 – 3 – 5 – 4  
c) 2 – 1 – 3 – 4 – 5  
d) 2 – 4 – 1 – 3 – 5  
e) 5 – 1 – 2 – 3 – 4

2. **UFSC** Assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S) nas suas referências ao Renascimento:

- 01 O significado do termo Renascimento está associado à ideia de um novo nascimento da cultura europeia, nas suas variadas manifestações, especialmente nas artes.  
02 Os pensadores renascentistas limitaram-se a imitar os modelos das civilizações grega e romana.  
04 Entre os renascentistas mais conhecidos nas artes plásticas destacaram-se Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci e Rafael.  
08 Entre os escritos renascentistas destacaram-se “O Elogio da Loucura” (Erasmus de Rotterdam), “O Príncipe” (Niccolau Maquiavel) e “A Utopia” (Thomas Morus).  
16 Fenômeno marcante da cultura renascentista foi seu caráter universalista. O deísmo, porém, foi um dos ideais almejados, pois dava acesso à sabedoria e à santidade.  
32 O renascimento religioso, identificado na Europa por vários historiadores, foi associado à Reforma Protestante e à Contrarreforma Católica.

Soma:

3. **UFF-RJ** O período do Renascimento foi muito fértil em reflexões políticas. Em contraste com o pragmatismo de Maquiavel, alguns pensadores, inconformados com os males de seu tempo, escreveram sobre sociedades imaginárias. As obras desses pensadores expunham análises realistas que denunciavam as imperfeições das sociedades, e continham propostas de sociedades ideais, baseadas na Razão e capazes de promover a paz, o conhecimento, a justiça e a igualdade em benefício de todos os seres humanos.

A obra mais representativa dessas novas propostas é

- a) *O Discurso do Método*, de René Descartes (1637).  
b) *Leviatã*, de Tomas Hobbes (1651).  
c) *Sobre o Direito de Guerra e de Paz*, de Hugo Grócio (1625).  
d) *Diálogo sobre os Dois Grandes Sistemas do Mundo*, de Galileu Galilei (1632).  
e) *Utopia*, de Thomas More (1516).

4. **Uece 2019** Quando um cidadão, não por suas crueldades ou outra qualquer intolerável violência, e sim pelo favor dos concidadãos, se torna príncipe de sua pátria – o que se pode chamar principado civil (e para chegar a isto não é necessário grandes méritos nem muita sorte, mas antes uma astúcia feliz) –, digo que se chega a esse principado ou pelo favor do povo ou pelo favor dos poderosos. É que em todas as cidades se encontram estas duas tendências diversas e isto nasce do fato de que o povo não deseja ser governado nem oprimido pelos grandes, e estes desejam governar e oprimir o povo.

MAQUIAVEL. *O Príncipe*. Coleção “Os Pensadores” – adaptado.

Considerando a questão da política em Maquiavel, analise as seguintes afirmações:

- I. Maquiavel rompe com a tradição política ao não admitir qualquer fundamento anterior e exterior à política.  
II. Maquiavel considera a cidade uma comunidade homogênea nascida da ordem natural ou da razão humana.  
III. Maquiavel considera que a política nasce das lutas sociais e é obra da própria sociedade para dar a si mesma unidade e identidade.

É correto o que se afirma em

- a) I e II apenas.  
b) I e III apenas.  
c) II e III apenas.  
d) I, II e III.

5. **Enem 2019** Para Maquiavel, quando um homem decide dizer a verdade pondo em risco a própria integridade física, tal resolução diz respeito apenas a sua pessoa. Mas se esse mesmo homem é um chefe de Estado, os critérios pessoais não são mais adequados para decidir sobre ações cujas consequências se tornam tão amplas, já que o prejuízo não será apenas individual, mas coletivo. Nesse caso, conforme as circunstâncias e os fins a serem atingidos, pode-se decidir que o melhor para o bem comum seja mentir.

ARANHA, M. L. *Maquiavel: a lógica da força*. São Paulo: Moderna, 2006 (adaptado).

O texto aponta uma inovação na teoria política na época moderna expressa na distinção entre

- a) idealidade e efetividade da moral.  
b) nulidade e preservabilidade da liberdade.  
c) ilegalidade e legitimidade do governante.  
d) verificabilidade e possibilidade da verdade.  
e) objetividade e subjetividade do conhecimento.

6. **Unesp 2017** A revolução científica não consiste somente em teorias novas e diferentes sobre o universo astronômico, sobre o corpo humano ou sobre a composição da Terra. A revolução científica é uma revolução da ideia de saber e de ciência. Trata-se de um processo complexo que encontra seu resultado mais claro na autonomia da ciência em relação às proposições de fé e às concepções filosóficas. A ciência é ciência experimental (baseada em experiências concretas). É a ideia de ciência metodologicamente regulada e publicamente controlável que exige as novas instituições científicas, como as academias e os laboratórios. E é com base no método experimental que se funda a autonomia da ciência, que encontra as suas verdades independentemente da filosofia e da fé.

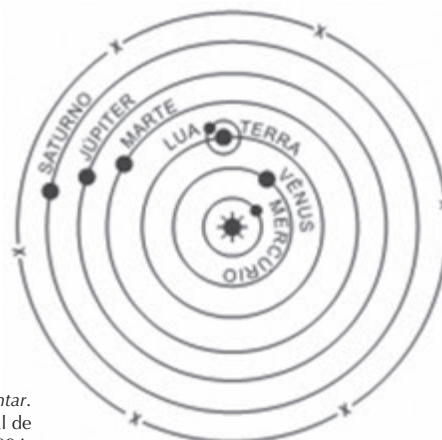
(Giovanni Reale e Dario Antiseri. *História da filosofia*, vol. 2, 1990. Adaptado.)

A relação da revolução científica com os dogmas religiosos foi de concordância ou de ruptura? Explique qual foi o papel do método experimental para a autonomia da ciência em relação à fé religiosa.

7. **IFSul-RS 2016** Observe a representação abaixo:

A imagem faz referência ao esquema ilustrativo do Modelo Heliocêntrico, proposto por

- a) René Descartes.
- b) Santo Agostinho.
- c) Cláudio Ptolomeu.
- d) Nicolau Copérnico.



ROSA, R. *Astronomia elementar*.  
Uberlândia: Ed. Da Universidade Federal de  
Uberlândia, 1994.

8. **FGV-SP 2017** Johannes Kepler (1571-1630) foi um cientista dedicado ao estudo do sistema solar. Uma das suas leis enuncia que as órbitas dos planetas, em torno do Sol, são elípticas, com o Sol situado em um dos focos dessas elipses. Uma das consequências dessa lei resulta na variação
- a) do módulo da aceleração da gravidade na superfície dos planetas.
  - b) da quantidade de matéria gasosa presente na atmosfera dos planetas.
  - c) da duração do dia e da noite em cada planeta.
  - d) da duração do ano de cada planeta.
  - e) da velocidade orbital de cada planeta em torno do Sol.

9. **Enem PPL 2019** A ciência ativa rompe com a separação antiga entre a ciência (episteme), o saber teórico, e a técnica (techne), o saber aplicado, integrando ciência e técnica. Do ponto de vista da ideia de ciência, a valorização da observação e do método experimental opõe a ciência ativa à ciência contemplativa dos antigos; assim também, a utilização da matemática como linguagem da física, proposta por Galileu sob inspiração platônica e pitagórica, e contrária à concepção aristotélica.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (adaptado).

Nesse contexto, a ciência encontra seu novo fundamento na

- a) utilização da prova para confirmação empírica.
  - b) apropriação do senso comum como inspiração.
  - c) reintrodução dos princípios da metafísica clássica.
  - d) construção do método em separado dos fenômenos.
  - e) consolidação da independência entre conhecimento e prática.
10. **UEPG-PR 2015** Sobre o Sistema Solar e às teorias a ele relacionadas, assinale o que for correto.
- 01 A teoria de um sistema solar geocêntrico foi proposta pelo astrônomo grego Ptolomeu e, mais tarde, contestada por Nicolau Copérnico.
  - 02 A teoria heliocêntrica foi defendida por Galileu, que aceitou as ideias propostas por Nicolau Copérnico.
  - 04 Os planetas internos são gasosos e os externos são os planetas terrestres.
  - 08 Os maiores planetas do Sistema Solar estão mais próximos do Sol enquanto os menores, por sofrerem menor atração gravitacional, estão mais afastados.

Soma:

## Exercícios propostos

1. **ESPM 2019** No século XV, o florescimento do Humanismo já atingiu níveis maduros de expressão e de difusão na Europa Ocidental, sobretudo na península italiana, que é sem dúvida o berço de um despertar cultural extraordinário de natureza poliédrica e pluridisciplinar.

(Umberto Eco. Idade Média: Explorações, Comércio e Utopias)

Quanto ao Humanismo é correto assinalar:

- a) era a filosofia aplicada à teologia e questionou problemas doutrinários que a Igreja Católica ainda não tinha discutido;
- b) recomendava o exame crítico das autoridades escolásticas, a observação da natureza, a experiência e a experimentação como caminhos para o conhecimento;
- c) era um movimento cultural caracterizado por um interesse apaixonado pela Antiguidade Clássica greco-latina;
- d) era um movimento religioso, formado por leigos, que pregava os ensinamentos evangélicos, o convívio em família e o estilo austero de vida;
- e) era uma concepção de mundo que afirmava que as formas de saber e de verdade estavam expostas no Novo Testamento, nas escrituras sagradas e nos ensinamentos dos teóricos da Igreja.

2. **Uece 2017** Leia atentamente o trecho a seguir:

Antes de chegar à ilha, o rei Utopos tinha conhecimento de que seus habitantes lutavam continuamente entre si por questões religiosas. De fato, concluiu que seria fácil conquistar a ilha porque as diferentes seitas estavam demasiadamente ocupadas, lutando umas contra outras, para se oporem às suas forças. Portanto, tão logo conquistou a vitória, decretou que cada um era livre para professar a religião de sua própria escolha, podendo fazer proselitismo por sua fé, desde que fosse de forma racional, discreta e moderada, sem agredir outras crenças.

MORE, Thomas. *Utopia*. trad. Anah de Melo Franco. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004, p. 115.

Publicado em 1516, o clássico *Utopia*, do inglês Thomas More ou Thomas Morus, reflete a visão do autor sobre várias questões de sua época. Quanto às questões religiosas, tratadas no excerto acima, o livro é bastante significativo de sua época, porque

- a) na Europa, apenas uma Igreja existiu no século XVI, a Igreja Católica Romana, portanto essa postura hipotética seria ideal apenas para lugares com várias correntes religiosas.
- b) na Inglaterra, a criação de uma igreja nacional – o anglicanismo – provocou profundos choques e perseguições aos cristãos católicos e calvinistas pela nova igreja fundada pelo rei Henrique VIII.
- c) estabeleceu um modelo de comportamento que foi plenamente aceito na Europa quando surgiram

as igrejas protestantes, o que impediu, posteriormente, os conflitos entre as crenças cristãs.

- d) definiu uma forma de interação entre diferentes religiões, apaziguando os conflitos entre cristãos, judeus e muçulmanos no oriente médio até os dias atuais.

3. **Unesp 2021** Analise os desenhos.



(www.leonardodavinci.net)

Neste trabalho de Leonardo da Vinci, transparece a sua dedicação alicerçada no racionalismo, no experimentalismo científico e no antropocentrismo, características do movimento \_\_\_\_\_, que, mais de três séculos depois, também influenciaram os ideais evolucionistas de Charles Darwin. A análise desta brilhante investigação científica evidencia a relação evolutiva entre órgãos \_\_\_\_\_ e de \_\_\_\_\_ origem embrionária.

As lacunas do texto são preenchidas, respectivamente, por:

- a) iluminista – análogos – diferente.
- b) iluminista – homólogos – mesma.
- c) renascentista – homólogos – mesma.
- d) renascentista – análogos – mesma.
- e) iluminista – homólogos – diferente.

4. **UEPG/PSS-PR 2021** Acerca das concepções históricas de Ciência, assinale o que for correto.

- 01 Francis Bacon é considerado um dos fundadores do método indutivo de investigação científica.
- 02 A nova postura de investigação científica, assumida por Galileu, baseava-se na metodologia da: observação, experimentação e na valorização da matemática.
- 04 As concepções empirista e racionalista estão fundamentadas no mesmo formato (método) de investigação científica.
- 08 O desenvolvimento da ciência natural e da criação de novos métodos científicos na Idade Moderna, são vivificados pela valorização e confiança na razão humana.

Soma:

5. **ESPM 2017** Cícero e os humanistas afirmavam que “nada é mais eficaz para defender e manter o poder do que ser amado e nada é mais danoso do que ser temido”. Um importante pensador moderno contrapôs: “Seria desejável ser uma coisa e outra (amado e temido), mas, como é quase impossível obter ambas as coisas ao mesmo tempo, é muito mais seguro ser temido que amado, quando se deve escolher uma dessas condições.”

Eugenio Garin. Dal Rinascimento all Illuminismo.

O importante pensador moderno mencionado no enunciado é:

- a) Thomas Hobbes;
  - b) Nicolau Maquiavel;
  - c) Jean Bodin;
  - d) Jacques Bossuet;
  - e) John Locke.
6. **UFU-MG 2015** A respeito da fortuna, Maquiavel escreveu:

[...] penso poder ser verdade que a fortuna seja árbitra de metade de nossas ações, mas que, ainda assim, ela nos deixe governar quase a outra metade.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção “Os Pensadores”. p. 103.

Com base na citação, responda:

- a) O que é a fortuna para Maquiavel?
  - b) Como deve agir o príncipe em relação à fortuna?
7. **Unesp 2022** Admite-se de maneira geral que o século XVII sofreu, e realizou, uma radicalíssima revolução de que a ciência moderna é, ao mesmo tempo, a raiz e o fruto. Alguns historiadores viram seu aspecto mais específico na secularização da consciência. O homem perdeu seu lugar no mundo; perdeu o próprio mundo em que vivia e sobre o qual pensava, e teve de transformar e substituir não só seus conceitos e atributos fundamentais, mas até mesmo o quadro de referência de seu pensamento.

(Alexandre Koyré. Do mundo fechado ao universo infinito, 2006. Adaptado.)

No texto, Alexandre Koyré ressalta uma mudança radical no processo do conhecimento que ocorreu no século XVII, que consiste na

- a) retomada do ideal da filosofia patrística.
  - b) influência do paradigma de base transcendental.
  - c) revalorização do potencial da razão humana.
  - d) ênfase do papel da crença popular.
  - e) legitimação da autoridade da verdade pré-estabelecida.
8. **UEM-PR 2017** Durante a baixa Idade Média ocorreram várias transformações que impactaram a sociedade feudal. Sobre este período, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.
- 01 Ocorreu um gradativo aumento demográfico que exigiu a expansão das áreas cultivadas, a

ampliação da produção e o desenvolvimento mais intenso do comércio.

- 02 Houve a expansão germânica para o leste, conhecida como *Drangnach Osten*, em que os cavaleiros alemães, sob o pretexto da propagação do cristianismo, marcharam para o Oriente, subjulgando a região dos países bálticos.
- 04 Os navegadores portugueses e holandeses realizaram seguidas expedições ao Brasil para a busca de ouro e de pau-brasil.
- 08 A revolução científica, liderada por Kepler, Copérnico e Newton fortaleceu o poder dos senhores feudais e da Igreja Católica.
- 16 A força animal passou a ser explorada com mais eficácia por nobres e servos com a difusão do uso da charrua, das ferraduras e de acessórios como o peitoral para cavalos e a canga para os bois.

Soma:

9. **UFJF-MG 2015** Muitas teorias sobre o Sistema Solar se sucederam, até que, no século XVI, o polonês Nicolau Copérnico apresentou uma versão revolucionária. Para Copérnico, o Sol, e não a Terra, era o centro do sistema. Atualmente, o modelo aceito para o Sistema Solar é, basicamente, o de Copérnico, feitas as correções propostas pelo alemão Johannes Kepler e por cientistas subsequentes.

Sobre Gravitação e as Leis de Kepler, considere as afirmativas, a seguir, **verdadeiras (V)** ou **falsas (F)**.

- I. Adotando-se o Sol como referencial, todos os planetas movem-se descrevendo órbitas elípticas, tendo o Sol como um dos focos da elipse.
- II. O vetor posição do centro de massa de um planeta do Sistema Solar, em relação ao centro de massa do Sol, varre áreas iguais em intervalos de tempo iguais, não importando a posição do planeta em sua órbita.
- III. O vetor posição do centro de massa de um planeta do Sistema Solar, em relação ao centro de massa do Sol, varre áreas proporcionais em intervalos de tempo iguais, não importando a posição do planeta em sua órbita.
- IV. Para qualquer planeta do Sistema Solar, o quociente do cubo do raio médio da órbita pelo quadrado do período de revolução em torno do Sol é constante.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Todas as afirmativas são verdadeiras.
- b) Apenas as afirmativas I, II e III são verdadeiras.
- c) Apenas as afirmativas I, II e IV são verdadeiras.
- d) Apenas as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.
- e) Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.

## Texto complementar

### Maquiavel democrático?

Maquiavel argumenta que líderes políticos têm que usar tanto força quanto fraude a fim de alcançar e manter o poder. Mas ele avisa que eles devem sempre se esforçar para parecerem cheios de misericórdia, fé, honestidade, humildade e religião – especialmente religião –, mesmo que eles não possam sê-lo de fato. (Então, qualquer um acusado de ser um “príncipe maquiavélico” não teve sucesso em realmente sê-lo). Por que todo mundo não apenas credita, mas elogia um chefe de Estado quando ele afirma estar promovendo guerra, cumprindo rigorosamente a lei ou aumentando impostos em nome da fé verdadeira ou da humanidade? Se um líder político faz o que é necessário para “ganhar e manter um Estado”, Maquiavel assegura seus leitores, “os meios sempre serão considerados honrados, e serão elogiados por todos”.

Frequentemente, os leitores interpretam isso simplesmente como os fins justificam os meios. No entanto, Maquiavel se refere a um fim em particular: estabelecer e manter a lei e a ordem, o que está no interesse das pessoas tanto quanto está no do governante. É difícil, se não impossível, para observadores descobrir quais os verdadeiros motivos de uma pessoa. De fato, líderes políticos agem a fim de obter e manter o poder para si próprios. Mas se um líder age para manter um Estado que protege as vidas e a propriedade de seus súditos ou concidadãos de agressões externas ou de crimes domésticos, eles acreditarão quando ele declarar que agiu para o bem comum. Em outras palavras, as pessoas julgam o caráter e as palavras de um líder pelas consequências de seus feitos. Essa é a “verdade eficaz” que Maquiavel busca em *O príncipe*.

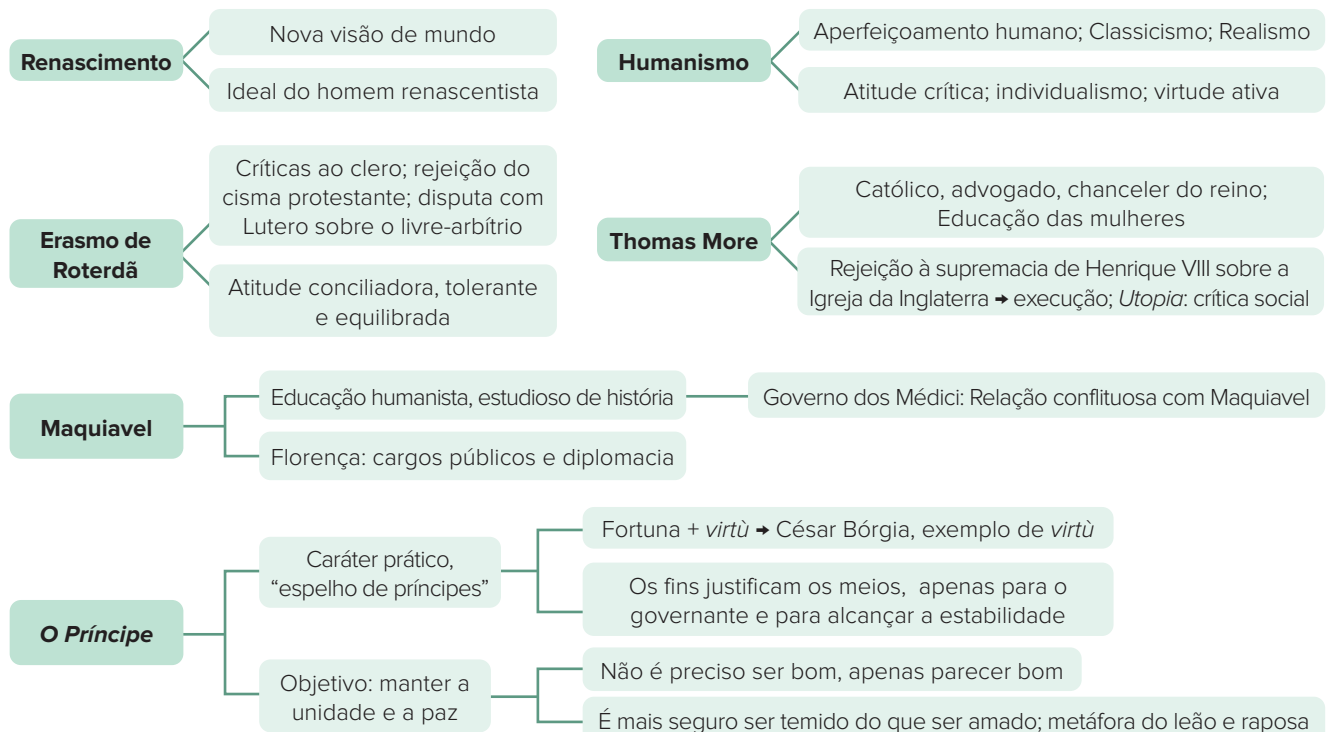
A redefinição de Maquiavel das verdadeiras “virtudes” de um governante obviamente desmascara tanto a “virtude” quanto o “governo”. Ao invés de um esforço nobre empreendido por um senso de dever a fim de atingir um bem comum, o governo efetivo será realizado e conduzido apenas com base em um cálculo hábil dos melhores meios que um homem ambicioso pode usar para satisfazer seu desejo de comandar sem se tornar odiado e então possivelmente derrubado. No entanto, Maquiavel também mostra que há – ou, pelo menos que pode haver – uma certa conjunção do desejo do príncipe de comandar e do desejo do povo de estar seguro, ainda que esses desejos continuem essencialmente opostos, mas é preciso grande habilidade para conceber os meios pelos quais ambos podem ser satisfeitos até certo ponto.

[...] O principal critério pelo qual os governos devem ser julgados como bons ou ruins não é o caráter moral ou a inteligência da pessoa ou pessoas que governam. É, pelo contrário, o bem comum que resulta de um governo que garante as vidas, famílias, liberdade e propriedade de seus cidadãos. Maquiavel defende assim um propósito completamente democrático para o governo. Mas ele não acredita que processos ou meios democráticos são sempre os melhores meios ou até meios adequados de alcançar este fim. Líderes que entendem que o melhor jeito de cumprir seu próprio desejo de governar é satisfazer os desejos de seu povo por segurança, prosperidade e progresso também são necessários.

Dado que toda ação política efetiva exige organização e, portanto, liderança, Maquiavel dirige todos os seus escritos políticos a indivíduos em posições de poder ou com ambição para alcançá-las. Mas ao estimulá-los a instituir e manter um “bom governo” assegurando as vidas, famílias e propriedades de seus súditos ou concidadãos, ele não apela para seu sentido de justiça, misericórdia ou espírito público. Ao contrário, ele apela para sua ambição – o desejo humano por *status* e riqueza. O descrédito de Maquiavel de noções tradicionais de virtude e vício foi, portanto, uma parte necessária de sua controvérsia mais ampla de que governos não devem servir os interesses de uns poucos melhores, mas que deve servir os desejos mais modestos de muitos. Ele não espera que pessoas comuns entendam as complexidades da estratégia militar ou do desenho institucional – ou seja, os meios pelos quais seus desejos básicos podem ser satisfeitos. Ele tem certeza, no entanto, de que eles são os melhores juízes dos resultados ou efeitos.

ZUCKERT, Catherine; DRESSER, Sam (ed.). *The People's Prince*. Aeon, 19 nov. 2018. Disponível em: <https://aeon.co/essays/the-prince-of-the-people-machiavelli-was-no-machiavellian>. Acesso em: 2 jun. 2022. Tradução livre.

## Resumindo



## Revolução Científica

- **Modelo tradicional do Universo:** sistema ptolomaico; Terra no centro; esferas cristalinas nas quais os astros estão fixos.
- **Copérnico:** supõe que a Terra se move; resolve problemas do sistema ptolomaico; propõe um mundo mais harmônico, mas ainda usa matemática demasiado complexa; sua proposta é vista como ficção útil, mas é difundida pela Europa.
- **Galileu:** valoriza o experimento e a observação direta; contraria teorias estabelecidas; é pioneiro no método científico moderno, unindo os elementos empíricos (observação) e racionais (matemática); usa o telescópio, já inventado, para observar o céu; faz descobertas que contrastam com o modelo ptolomaico e corroboram o copernicano.
- **Igreja proíbe o ensino do sistema copernicano:** Galileu quer divulgar ideias, entre elas o heliocentrismo, mas sofre julgamento, faz retratação e cumpre prisão domiciliar.

### Quer saber mais?



#### Livros

**NAESS, Atle. *Galileu Galilei: um revolucionário em seu tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.**

O livro, elogiado por ser historicamente preciso e de leitura fluida, conta a interessante história de vida de Galileu e suas interações com diversos personagens importantes da época.

**REPCHECK, Jack. *O segredo de Copérnico: como a revolução científica*. Rio de Janeiro: Record, 2011.**

Biografia do principal proponente do heliocentrismo na modernidade, retrata bem o contexto da época e conta as dificuldades de Copérnico em desenvolver sua teoria.



#### Vídeo

***Wolf Hall*. Direção: Peter Kosminsky, 2015. Classificação indicativa: 14 anos.**

Essa minissérie da BBC apresenta a ascensão de Thomas Cromwell a secretário de Henrique VIII, mas retrata também a decadência e morte de Thomas More. Foi aclamada pela crítica por sua representação das maquinações políticas na Corte inglesa e pela fidelidade histórica.

## Exercícios complementares

1. **PUC-Campinas 2018** O que singulariza o pessimismo de Machado de Assis é a sua posição antagônica em relação ao evolucionismo oitocentista, ao culto do progresso e da ciência. Frente às ingenuidades do cientificismo, o sarcasmo de Brás Cubas reabre a interrogação metafísica, a perplexidade radical ante a variedade do ser humano. Um artista como Machado levou mais a sério do que os arautos do evolucionismo cientificista o golpe que Darwin tinha desfechado contra as ilusões antropocêntricas da humanidade.

(MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 171-172)

A *interrogação metafísica* fez parte das preocupações de diversos pensadores e artistas durante o Renascimento. Nesse período, observa-se a contestação de ideias como

- a) o antropocentrismo, que concebia o homem como o centro do universo, uma vez que os renascentistas passam a valorizar a ciência e a natureza como os temas e eixos centrais do conhecimento humano.
  - b) a beleza clássica, que postulava serem os padrões estéticos do classicismo aqueles a serem seguidos nas artes plásticas, uma vez que os renascentistas passam a defender uma arte livre de regras e modelos.
  - c) o universalismo, que afirmava a existência de leis universais que atuavam sobre a existência humana, uma vez que os renascentistas eram avessos a dogmas e a admissões de regras dessa amplitude.
  - d) o dogma eclesiástico, que determinava algumas verdades absolutas que não poderiam ser contestadas, uma vez que os renascentistas defendiam o racionalismo como meio de se produzir e aperfeiçoar o conhecimento.
  - e) a escolástica, corrente do pensamento católico cultivada nas universidades, uma vez que os renascentistas questionavam a validade da fé, a existência de Deus e defendiam que a ciência era a única fonte de conhecimento real.
2. **UEM-PR 2019** Entre o final da Idade Média e o início da Idade Moderna ocorreu na Europa o movimento cultural denominado “Renascimento”. Sobre esse movimento, assinale o que for **correto**.
- 01 Em razão das grandes navegações, Portugal conheceu um grande crescimento da burguesia no século XV e, por conseguinte, teve participação importante no Renascimento, especialmente com as pinturas de Joaquim de Prés e de Doménikos Theotokópoulos, conhecido como “O Grego”.
  - 02 Pensadores humanistas como Erasmo de Roterdã manifestaram seu descontentamento com a Igreja Cristã, propondo uma reforma interna, isto é, sem romper com a instituição.
  - 04 O Renascimento questionou o monopólio da explicação do mundo natural por parte da Igreja. Aos poucos, o método experimental foi se tornando o principal meio de se alcançar o conhecimento científico.



- 08 Na pintura, o Renascimento é caracterizado pelo abandono de temas religiosos, como santos, anjos e profetas; a partir de então, as imagens do cotidiano e da natureza passaram a predominar.
- 16 Um dos elementos centrais do Renascimento foi o humanismo, isto é, o antropocentrismo, a valorização da vida terrena e da natureza.

Soma:

3. **UFPR** Em 1516 foi publicado o livro “Utopia”, do humanista inglês Thomas More. A respeito das ideias humanistas, é correto afirmar:

- 01 More defendia a sociedade aristocrática inglesa; seu livro foi um elogio às elites e ao estilo de vida dos nobres, sendo a ilha Utopia uma representação da Inglaterra.
- 02 Os humanistas ingleses e dos Países Baixos escreveram críticas impiedosas à sociedade e aos vícios humanos, aos homens da Igreja e aos maus governantes, como se pode ler, por exemplo, no livro “O Elogio da Loucura”, de Erasmo.
- 04 Uma das principais características do pensamento humanista é a crença na ligação entre conhecimento e governo justo. Isso explica a divulgação de obras de aconselhamento dos príncipes e de obras voltadas para a crítica social.
- 08 Um elemento importante na formulação do pensamento humanista foi a defesa do bem público.
- 16 Para os humanistas cristãos, a república perfeita era a república cristã fundada nas virtudes do povo e do príncipe.

Soma:

4. **Unicamp-SP** O livro “Utopia”, escrito pelo humanista Thomas More, em 1516, divide-se em duas partes. Na primeira, More descreveu a situação de seu país, dizendo:

[...] os inumeráveis rebanhos que cobrem hoje toda a Inglaterra são de tal sorte vorazes e ferozes que devoram mesmo os homens e despovoam os campos, as casas, as aldeias. Onde se recolhe a lã mais fina e mais preciosa, acorrem, em disputa de terreno, os nobres, os ricos e até santos abades. Eles subtraem vastos terrenos da agricultura e os convertem em pastagens, enquanto honestos cultivadores são expulsos de suas casas.

(Adaptado de Thomas More, *Utopia*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 7 e 29-30).

Na segunda parte do livro, More concebeu uma ilha imaginária chamada Utopia.

- a) Explique o que foi o processo de cercamentos ocorrido na Inglaterra a partir do século XVI.
- b) Qual o significado de utopia para Thomas More?
5. **UFU-MG 2017** A respeito da filosofia política de Maquiavel, leia a citação a seguir.

Maquiavel certamente se dirige a um príncipe, mas trata-se de um *príncipe novo*, não um desses miseráveis tiranetes que, para usar astúcias e violências, contudo só sabem rastejar ao rés de uma História privada de sentido, mas a um homem de *virtù*, sem tradição dinástica, sem raiz no mundo da feudalidade, ocupado apenas com a conquista do poder e a quem é importante dar a convicção de que terá o povo ao seu lado.

LEFORT, C. A primeira figura da filosofia da práxis. In: QUIRINO, C. G.; SOUZA, M. T. S. de (Orgs). *O pensamento político clássico: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau*. São Paulo: T. A. Queirós, 1980, p. 9/10 – grifos do autor.

Responda:

- a) O que é *Virtù* na obra *O Príncipe*, de Maquiavel?
- b) Com base na mesma obra, e na citação, descreva como deve ser a relação do novo príncipe com o povo.

6. **Unesp 2013**

#### Texto 1

Para santo Tomás de Aquino, o poder político, por ser uma instituição divina, além dos fins temporais que justificam a ação política, visa outros fins superiores, de natureza espiritual. O Estado deve dar condições para a realização eterna e sobrenatural do homem. Ao discutir a relação Estado-Igreja, admite a supremacia desta sobre aquele. Considera a Monarquia a melhor forma de governo, por ser o governo de um só, escolhido pela sua virtude, desde que seja bloqueado o caminho da tirania.

#### Texto 2

Maquiavel rejeita a política normativa dos gregos, a qual, ao explicar “como o homem deve agir”, cria sistemas utópicos. A nova política, ao contrário, deve procurar a verdade efetiva, ou seja, “como o homem age de fato”. O método de Maquiavel estipula a observação dos fatos, o que denota uma tendência comum aos pensadores do Renascimento, preocupados em superar, através da experiência, os esquemas meramente dedutivos da Idade Média. Seus estudos levam à constatação de que os homens sempre agiram pelas formas da corrupção e da violência.

(Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins. *Filosofando*, 1986. Adaptado.)

Explique as diferentes concepções de política expressadas nos dois textos.

7. **UEPG-PR 2021** Acerca das concepções históricas de Ciência, assinale o que for correto.

- 01 Francis Bacon é considerado um dos fundadores do método indutivo de investigação científica.
- 02 A nova postura de investigação científica, assumida por Galileu, baseava-se na metodologia da: observação, experimentação e na valorização da matemática.
- 04 As concepções empirista e racionalista estão fundamentadas no mesmo formato (método) de investigação científica.
- 08 O desenvolvimento da ciência natural e da criação de novos métodos científicos na Idade Moderna, são vivificados pela valorização e confiança na razão humana.

Soma:

8. **Udesc** Analise as proposições a seguir sobre as principais características dos modelos de sistemas astronômicos.

- I. Sistema dos gregos: a Terra, os planetas, o Sol e as estrelas estavam incrustados em esferas que giravam em torno da Lua.
- II. Ptolomeu supunha que a Terra encontrava-se no centro do Universo; e os planetas moviam-se em círculos, cujos centros giravam em torno da Terra.
- III. Copérnico defendia a ideia de que o Sol estava em repouso no centro do sistema e que os planetas (inclusive a Terra) giravam em torno dele em órbitas circulares.
- IV. Kepler defendia a ideia de que os planetas giravam em torno do Sol, descrevendo trajetórias elípticas, e o Sol estava situado em um dos focos dessas elipses.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.
- b) Somente a afirmativa II é verdadeira.
- c) Somente as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.

9. **Unicamp-SP 2015** A primeira lei de Kepler demonstrou que os planetas se movem em órbitas elípticas e não circulares. A segunda lei mostrou que os planetas não se movem a uma velocidade constante.

PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 289. (Adaptado)

É correto afirmar que as leis de Kepler

- a) confirmaram as teorias definidas por Copérnico e são exemplos do modelo científico que passou a vigorar a partir da Alta Idade Média.
- b) confirmaram as teorias defendidas por Ptolomeu e permitiram a produção das cartas náuticas usadas no período do descobrimento da América.
- c) são a base do modelo planetário geocêntrico e se tornaram as premissas científicas que vigoram até hoje.
- d) forneceram subsídios para demonstrar o modelo planetário heliocêntrico e criticar as posições defendidas pela Igreja naquela época.

## BNCC em foco

EM13CHS504 e EM13CHS603

1. Para Platão, o saber do político estava inteiramente subordinado à filosofia, pois que finalmente cabia a ela definir quais são os fins últimos da cidade e seus meios de realização. Por isso, nessa visão, a atividade de governar dependia do conhecimento da verdade. A propósito das distintas virtudes em oposição na cidade (moderação e coragem), Platão manifesta sua convicção de que para a cidade realizar seus objetivos, a ação de governar deveria estar amparada por um conhecimento que, ao mesmo tempo, enfatizasse a natureza essencialmente una da cidade e restituísse o sentido da totalidade, ou seja, uma visão idealista. Para Maquiavel, ao contrário, não há saber político que capacite o ator político a responder a todas as circunstâncias e a atingir sempre o sucesso. O risco de ser vítima da fortuna, de ser incapaz de apreender a mudança dos tempos e com eles se modificar, faz com que seja necessária a *virtú*. O infortúnio está no coração da experiência política, revelando que a contingência é seu aspecto central. Por isso, para Maquiavel, é preferível agir com audácia do que com moderação e, deste modo, desvinculando moral, ética e religião da política, em nome das razões do Estado.

Considerando essas duas formas de entender o que é política, explicita em que medida a concepção de Maquiavel explicaria a ação dos governantes no Brasil contemporâneo.



A epistemologia, ou teoria do conhecimento, foi um dos principais ramos desenvolvidos pela Filosofia Moderna: diferentes teses procuraram explicar como e o que podemos conhecer.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

9

## Filosofia Moderna: teorias do conhecimento

O período renascentista levou à Europa ares de mudança, questionando tradições e mentalidades medievais, com uma grande confiança nas capacidades humanas, transformação que se completa com a Filosofia Moderna. Veremos que ela nasce focada em compreender a possibilidade do conhecimento – quais são suas fontes, justificativas e limites. Com as considerações epistemológicas, surgem sistemas de mundo completamente diversos dos desenvolvidos até então.

- Racionalismo.
- Empirismo.
- Criticismo.

## Racionalismo

**Racionalismo** é o nome dado à teoria, com respostas para problemas epistemológicos, atribuída a filósofos modernos, os racionalistas, que normalmente acreditavam que só a razão é fonte do conhecimento verdadeiro. Além disso, podemos dizer que a **descrença nos sentidos** como fonte de conhecimento verdadeiro, a **confiança na razão**, a valorização do **método matemático** e a defesa da existência de **ideias inatas** são traços comuns dos filósofos racionalistas.

Para René Descartes (1596-1650), essa caracterização da razão significa aceitar teses específicas. Em primeiro lugar, é preciso notar que o primeiro passo da dúvida cartesiana é eliminar todo o conhecimento sensível como fonte indubitável de verdade, por meio do argumento do erro dos sentidos. Ao colocar a **desconfiança nos sentidos** como o primeiro passo de sua dúvida metódica, Descartes mostra seu caráter racionalista, defendendo que a experiência sensível não é um fundamento sólido para o conhecimento.

Em segundo lugar, o racionalismo cartesiano se caracteriza pela **confiança no método matemático**, que guiou todo seu projeto filosófico-científico. A Matemática é, por excelência, uma área do saber que não depende do conhecimento sensível e, ao colocá-la como paradigma de toda ciência, Descartes valoriza esse tipo de racionalidade como fonte de verdade.

Em terceiro lugar, ao tratar dos tipos de ideias que temos, Descartes reconhece as ideias adquiridas, as ideias criadas por nós mesmos a partir de outras e as ideias **inatas**. O principal exemplo delas é a ideia de Deus. A existência da ideia de Deus em nós é, para ele, fundamento para afirmar a existência de Deus fora de nossas mentes. Trata-se, então, de uma ideia inata, uma ideia que temos desde sempre, com a qual já nascemos. Vejamos em detalhes a trajetória filosófica de Descartes.



Retrato de René Descartes, c. 1649, de Frans Hals.

René Descartes é, certamente, o mais conhecido entre todos os filósofos racionalistas. Reconhecido como o “pai da Filosofia Moderna”, é autor de um dos textos mais lidos da história, o *Meditações metafísicas*. De uma família de proprietários de terras, militares, comerciantes e funcionários públicos, Descartes nasceu em 1596, na cidade de La Haye em Touraine. Foi educado na escola jesuíta de La Flèche, dos 11 aos 18 anos. A educação em La Flèche está longe de ser um mero interesse biográfico e deixou nele três efeitos marcantes e decisivos.

O primeiro deles foi sua instrução amplamente baseada na **filosofia escolástica**, que reverenciava a filosofia aristotélica compreendida à luz de intérpretes cristãos. O segundo foi a excelente **educação matemática** que Descartes recebeu e que representou para ele um modelo de clareza e rigor científico. O terceiro foi o contato do filósofo com a **Astronomia**, que o capacitou a ver de perto as grandes mudanças operadas nessa área, bem como no estudo da Óptica.

Depois de concluir sua formação na escola de La Flèche, Descartes estudou Direito na Universidade de Poitiers, concluindo o curso em 1616. Em seguida, Descartes passou por um período de viagens, expedições militares e estudos. Com renovado interesse por Matemática, Descartes fez avanços importantes no sentido de resolver problemas algébricos com instrumentos geométricos. Assim, ele fundou as bases da **Geometria Analítica**. Em 1619, durante um inverno rigoroso, próximo de Munique, a falta de atividades o deixou sozinho com seus pensamentos. Lá se formou nele a convicção de aplicar a clareza, encontrada em sua nova “ciência das proporções”, a outras áreas do conhecimento. A filosofia, considerada por ele a base de todas as ciências, seria a primeira área à qual se voltaria.

Nos nove anos seguintes, Descartes se dedicaria a vários interesses, incluindo a redação de um livro, que não concluiu e que só seria publicado após sua morte. Tratava-se das *Regras para a direção do espírito*, em que o autor propunha o novo método. O conteúdo do livro foi resumido e, em 1637, publicado no *Discurso do método*, obra em que Descartes explica seu percurso filosófico, seu projeto e suas motivações. Nesse livro, Descartes resume as bases de seu novo método em quatro regras:

- **Regra da evidência:** aceitar como verdadeiro apenas aquilo que não pode ser duvidado.
- **Regra da análise:** dividir os problemas nas menores partes possíveis para facilitar sua resolução.
- **Regra da síntese:** construir seu raciocínio do simples ao complexo.
- **Regra da enumeração:** enumerar e revisar completamente as conclusões de seu trabalho.

Ao longo da vida, Descartes publicou diversas obras sobre Física, Matemática e Filosofia, nas quais aplicou as regras de seu método. Para os estudantes de filosofia, no entanto, a obra cartesiana mais importante é *Meditações metafísicas*, em que todas as suas regras estão presentes, mas a primeira assume um papel especial.

*Meditações metafísicas* não foi escrita como um tratado ou um sistema de teoremas e deduções, mas segue o estilo de uma **reflexão pessoal**, na qual o autor expõe, etapa por etapa, a construção de suas teses. Ao mesmo tempo, convida o leitor a acompanhá-lo para que este possa, por si só, chegar às mesmas conclusões. As meditações foram redigidas em um estilo literário conhecido como meditativo – origem do título da obra.

Ao todo, Descartes escreveu seis meditações. Na primeira delas, somos tomados por questões que, reformuladas de forma bastante simples, provavelmente já nos fizemos: “Será que meu conhecimento está certo?”, “Aquilo que para mim parece óbvio é, de fato, correto?” ou, ainda, “Posso, mesmo, explicar por que acredito em certas coisas que outros me ensinaram?”. Essas são questões clássicas da **epistemologia**, ou **teoria do conhecimento**, uma área da filosofia que procura entender quais são as bases, possibilidades e os limites do conhecimento.

Descartes começa constatando um problema: ele percebe que sempre acreditou em coisas que depois descobriu serem falsas. Decidiu, então, deixar de lado tudo o que sabia para, depois, construir o conhecimento do zero. Mas como ter certeza de que as bases escolhidas desta vez seriam boas? Descartes precisava de um critério para saber quais conhecimentos ele poderia adotar para começar o novo sistema: só aceitaria como verdade aquilo de que não conseguisse duvidar. Trata-se da primeira regra enunciada no livro *Discurso do método*, a **regra da evidência**. Vejamos como Descartes a desenvolve na prática.

Inicialmente, Descartes analisa os conhecimentos que adquirimos por meio dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e, neles, encontra diversas situações de engano, quando algo apresentado pelos sentidos se revela falso. Não é que tudo o que é mostrado pelos sentidos seja necessariamente falso, mas, se é possível duvidar de algo, então isso não serve como fundamento. Desse modo, o primeiro motivo de dúvida é chamado de **argumento do erro dos sentidos**.

Contudo, mesmo que os sentidos nos enganem a respeito de sensações específicas, existe um nível mais básico de percepção. Você sabe que está lendo este livro, mas não poderia estar sonhando? Esse é o chamado **argumento do sonho**. Descartes rejeita quaisquer conhecimentos que se mostrariam falsos caso descobrisse estar sonhando, em vez de estar acordado.

O próximo passo é ainda mais radical: mesmo que estejamos enganados a respeito dos sentidos ou pensando estar acordados quando estamos dormindo, há certas coisas que conhecemos e das quais não conseguimos fugir. Trata-se não de conhecimentos específicos, mas de saberes bastante gerais: trata-se da Matemática.

#### Saiba mais

Descartes é mais conhecido por seu trabalho em metafísica e epistemologia do que por suas teorias éticas. Embora estudiosos defendam que o filósofo tinha a ética em alta conta, dando-lhe um papel importante em seu sistema, o fato é que a maioria das obras cartesianas pouco falam sobre o assunto. Suas contribuições principais nessa área estão registradas em cartas ou em *As paixões da alma*, um livro de maturidade, porém, sua reflexão ética mais famosa é chamada de “moral provisória”, desenvolvida no *Discurso do método*.

A moral provisória é um recurso usado por Descartes para lidar com o fato de que, ao rejeitar tudo em que já acreditou para buscar verdades firmes, o filósofo se vê sem certezas morais, ou seja, sem princípios sobre o certo e o errado, capazes de guiá-lo no cotidiano. Como é impossível parar de agir e tomar decisões, Descartes elenca algumas regras que pretende adotar provisoriamente até chegar a verdades mais firmes que possam lhe dar uma ética definitiva. As regras são:

1. continuar a respeitar as leis e os costumes de seu país e praticar a religião que lhe foi ensinada;
2. ser firme e decidido em suas ações, como se tivesse plena certeza delas;
3. tentar controlar a si mesmo, e não o que vem de fora;
4. continuar a se ocupar do cultivo da razão e da busca do conhecimento verdadeiro.



Como moral provisória, Descartes adota o princípio do estudo e busca da verdade como uma de suas regras.

Os conhecimentos matemáticos não dependem dos sentidos e não mudam mesmo quando estamos sonhando. Terá o filósofo encontrado na Matemática sua verdade indubitável? Não. Descartes leva a dúvida ainda mais longe e imagina que Deus, seu criador, colocou em sua cabeça percepções erradas, inclusive sobre a Matemática. Mas, se Deus é bom, por que ele faria isso?

Descartes imagina, então, que não é Deus que o engana, mas sim uma divindade do mal, que ele chama de “gênio maligno”. A função dessa figura imaginária é a mesma do Deus enganador, mas, por não estar comprometida com as concepções tradicionais de Deus, permite radicalizar ainda mais a dúvida. Com o **argumento do Deus enganador**, ou do **gênio maligno**, Descartes coloca em dúvida até mesmo a ciência, que era considerada exemplo de clareza e de rigor em sua época. Agora que vimos a dúvida cartesiana em ação, é importante prestar atenção a algumas de suas características.



Descartes concebe a hipótese de um gênio maligno todo-poderoso que poderia estar nos enganando. Como ter alguma certeza diante dessa possibilidade?

Podemos dizer que a dúvida é **radical**, pois Descartes leva a sério sua proposta de duvidar de tudo, a tal ponto que nem os conhecimentos mais óbvios ficam imunes. Por isso, a dúvida cartesiana também é chamada de **hiperbólica**.

É possível afirmar também que a dúvida é **metódica**, pois é aplicada de maneira regrada, passo a passo, conforme o pensador vai procurando verdades aparentemente mais e mais certas.

Por outro lado, isso não quer dizer que a dúvida impede que possa existir uma certeza. A dúvida é utilizada como um instrumento, um método, para chegar aonde realmente se quer: **encontrar uma verdade indubitável**.

A proposta de Descartes não é destruir toda a possibilidade de conhecimento pelo uso radical da dúvida. Trata-se de encontrar algum conhecimento que se mostre imune a ela e que possa servir de ponto de apoio para reconstruir outras certezas, agora bem fundamentadas.

Será que Descartes encontra uma verdade indubitável? Na segunda meditação, o filósofo encontra uma certeza que não está sujeita ao erro dos sentidos, nem ao sonho, nem ao Deus enganador, nem ao gênio maligno: **é impossível duvidar do fato de que estou duvidando**, ou seja, de que estou pensando. E, se eu penso, eu sou uma coisa que pensa – eu existo. Diante disso, podemos compreender a frase mais famosa do pensamento cartesiano: “penso, logo existo” ou, em latim, “*cogito ergo sum*”.

A primeira certeza, o *cogito*, pode não parecer grande coisa, mas Descartes fará uso dela exatamente como a alavanca de Arquimedes: extrairá outras certezas que poderão fazer parte de seu sistema de conhecimento, de forma justificada. Nas outras quatro meditações, Descartes constrói as outras certezas que constituirão sua filosofia.

Após estabelecer sua primeira certeza, Descartes põe-se a analisar os nossos pensamentos, que, para ele, podem ser, inclusive, vontades, emoções e sensações. Entre os pensamentos, o filósofo distingue as ideias, definidas como “imagens das coisas”. Até esse ponto, ainda é possível que todas as ideias sejam falsas, ou seja, não correspondam a nada na realidade.

Mas Descartes encontra uma ideia que lhe parece ter sido criada por algo externo, a ideia de **Deus**. O filósofo considera que uma criatura limitada, como um ser humano, não poderia elaborar, por si mesmo, uma ideia de perfeição tão superior ao que ele próprio é. Conseqüentemente, se a ideia de perfeição existe, a respectiva causa dessa ideia também deve existir. O fato de haver uma ideia de Deus é uma prova de que Ele existe.

### ! Atenção

Descartes chama a atenção para o seguinte: o menor não pode criar o maior.

Eu, como ser limitado, não sou capaz de criar uma ideia que seja maior do que eu mesmo: a ideia de Deus.

Portanto, essa ideia deve ter uma origem que não seja eu. Uma origem que seja, no mínimo, do “mesmo tamanho” da própria ideia de Deus.

Portanto, a ideia de Deus só pode ter origem em um ser do tamanho de Deus.



Deus como a ideia da maior perfeição que existe.

Se Deus existe e é bom, Ele não deixaria que fôssemos enganados por um gênio maligno, nem gostaria que todas as impressões que temos sobre o mundo fossem falsas. Descartes defende, então, que **todas as ideias que nos parecem claras e distintas são verdadeiras**, de forma que podemos estar seguros de outras verdades, como que temos um corpo e que existe um mundo fora de nós. É a certeza sobre a existência de Deus que abre caminho para que outras verdades sejam aceitas.

Outro ponto central do pensamento de Descartes é o chamado **dualismo cartesiano**. Descartes reduzia toda a realidade a duas substâncias, ou dois tipos de coisas: a matéria e o pensamento. Descartes definiu a matéria como **res extensa** (substância extensa), de modo que sua física pôde tratar dos corpos como reduzidos à sua extensão.

A outra substância que compõe a realidade é a chamada **res cogitans** (substância pensante). É nos seres humanos que essa substância aparece – trata-se da alma.

No ser humano, *res cogitans* e *res extensa* coexistem. Somos um composto de alma e de corpo. A grande dificuldade de Descartes será explicar como duas substâncias diferentes podem se comunicar e afetar uma à outra. Sua resposta sobre a relação entre alma e corpo (também chamada de “problema do comércio psicofísico”) é explicá-la usando um ponto específico no cérebro, a glândula pineal, que permitiria a interação entre as duas substâncias.

Nicolas Malebranche, c. século XVIII. Biblioteca Central da Universidade Católica de Leuven, Leuven, Bélgica.



Retrato de Nicolas Malebranche (1638-1715).

Outro filósofo racionalista foi Nicolas Malebranche, nascido no ano da publicação do *Discurso do método* (1637). Malebranche adotou o dualismo cartesiano, entendendo-o mais radicalmente que o próprio Descartes: se alma e corpo são substâncias distintas, **não pode haver nenhuma comunicação** entre elas. Para o filósofo, a coincidência entre o querer mover o braço (vontade) e o movimento do braço é garantida por **Deus**, causa de tudo e que desejou que as duas ações ocorressem simultaneamente.

Da mesma forma, a influência de um corpo sobre outro não pode ser explicada em termos de causa e efeito, mas apenas pela coincidência divina: Deus quis que as coisas acontecessem assim, que um movimento se seguisse ao outro, mas um não é causa do outro. Mas um corpo pode afetar uma alma? Malebranche nega mais essa possibilidade: também Deus é a causa de todas as ideias que me parecem vir do mundo exterior, como a dor que sinto ao espetar meu dedo com uma agulha.

O pensamento de Malebranche é de um racionalismo convicto: não só ele acredita que há ideias em nós que não são causadas pelo mundo externo, mas também acredita que nenhuma das nossas ideias é causada pelo mundo externo. Os sentidos são, então, completamente impotentes para produzir conhecimento.



Retrato de Baruch Espinosa (1632-1677), c. 1665, óleo sobre tela. Coleção de pintura da Biblioteca Herzog August, Wolfenbüttel, Alemanha.

Um terceiro racionalista importante foi Baruch Espinosa, filósofo holandês nascido em uma família de judeus portugueses que havia imigrado para Amsterdã. Por algum tempo, assumiu os negócios da família quando seu pai morreu, mas logo se interessou pela filosofia e pela teologia. Estudando latim, teve contato com o pensamento de Descartes. Para obter renda para seu sustento, polia lentes e fabricava óculos e instrumentos ópticos em geral.

Entre as características que apontamos em Descartes para reconhecê-lo como racionalista, a que salta aos olhos no caso de Espinosa é a **confiança no método matemático**. Espinosa reescreveu uma das obras tardias de Descartes, os *Princípios de filosofia*, em forma demonstrativa, ou seja, como se fosse um tratado de geometria, que parte de definições e axiomas para deduzir teoremas.

Ao contrário de Descartes, contudo, Espinosa defendia a existência de uma **única substância**, sendo corpo e alma apenas duas manifestações diferentes da mesma substância (doutrina conhecida como **monismo**). Sua argumentação é baseada em um **panteísmo**: se Deus é infinito, ele não tem limites. Se existisse algo que não fosse Deus, esse algo representaria um limite para Deus. Portanto, tudo é Deus. É importante notar, no entanto, que o Deus concebido por Espinosa é extremamente diferente do Deus da tradição judaico-cristã.

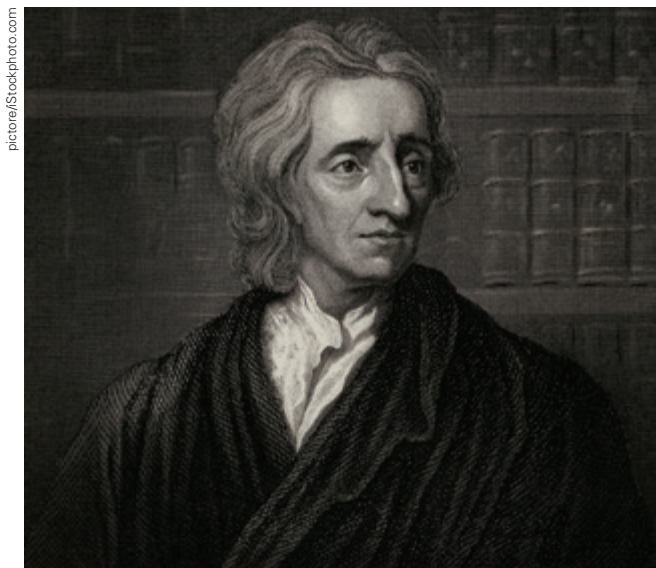
**Monismo:** a crença em uma substância única, em oposição ao dualismo de Descartes.

O monismo de Espinosa tem diversas consequências interessantes. A principal delas é percebida no campo da ética: se alma e corpo são a mesma substância, da mesma forma que a matéria está determinada pelas leis da física, os nossos pensamentos também são determinados por uma cadeia de causas e efeitos da qual não temos consciência. Pensamos ser livres, pensamos estar escolhendo, mas nos iludimos. Espinosa é, assim, um defensor do **determinismo ético**, alguém para quem o livre-arbítrio é apenas uma ilusão.

Biblioteca Herzog August, Wolfenbüttel, Alemanha

## Empirismo

Outra corrente epistemológica importante da Filosofia Moderna, comumente tratada como oposta ao racionalismo, é o empirismo. Desenvolvida principalmente por pensadores britânicos, essa corrente se caracterizou, de modo geral, por defender que os sentidos são a fonte última de todo conhecimento humano e por rejeitar a existência de ideias inatas. Vejamos três pensadores empiristas.



John Locke (1632-1704).

O empirista inglês John Locke (1632-1704) é tido como uma peça-chave da transformação essencial em direção à Filosofia Moderna, pois, ao contrário de Descartes, abandonou a metafísica como centro de discussão filosófica em favor da epistemologia. De acordo com Locke, não podemos assumir que somos capazes de conhecer tudo sem antes refletirmos sobre nossa própria capacidade de conhecer.

O *Ensaio sobre o entendimento humano*, publicado em 1695, se inicia com a **refutação da existência de ideias inatas** – um ponto central do debate com o racionalismo. Para sustentar sua posição, Locke aponta que não existem princípios, teóricos ou práticos, com os quais todos os seres humanos concordem.

Para Locke, não há ideias inatas. As ideias que temos em nossas mentes vêm da experiência, quer seja do mundo externo, quer seja dos nossos processos internos. Em outras palavras, podemos experimentar o mundo pelos cinco sentidos e, conseqüentemente, obter **as ideias da sensação**. Por outro lado, podemos perceber como a própria mente funciona e, como resultado, obter **as ideias da reflexão**.

Sem essas ideias, a mente humana seria como um papel em branco: uma *tabula rasa*. Em última análise, em um indivíduo adulto, tudo o que se encontra na mente é fruto da experiência. As ideias simples, também definidas como não compostas, uniformes ou imediatas, são as menores partes formadoras da percepção. Da combinação de **ideias simples**, formam-se as **ideias complexas**.



*Tabula rasa* é uma expressão latina que poderia ser traduzida como “folha de papel em branco”.

Locke distingue, de um lado, as qualidades primárias e secundárias e, de outro, as coisas percebidas. As **qualidades primárias** são perceptíveis a mais de um sentido e são inseparáveis dos objetos. As qualidades **secundárias** são perceptíveis a apenas um sentido e não estão nas próprias coisas, mas na maneira como elas aparecem para nós.

Conhecendo a teoria das ideias simples e complexas, bem como a teoria das qualidades, podemos explicar, agora, como Locke concebe **substância**. Entendendo-a como ideia complexa, Locke procura desmembrá-la em ideias simples, mas encontra apenas as qualidades. Concebemos a ideia de substância com base nas propriedades que nela percebemos, identificando-a com um conjunto particular de características, sem nunca experimentarmos a substância ela mesma.

O caráter subjetivo das qualidades secundárias e a impossibilidade de experiência das substâncias não impediram que Locke fosse criticado por seu **realismo** ingênuo, pois não hesita em afirmar que:

- existe um mundo externo;
- os objetos desse mundo são causa de nossas representações;
- nossas representações, ao menos no caso das qualidades primárias, se assemelham aos objetos reais.

Ora, se não posso ver a árvore ela mesma, mas apenas a minha representação da árvore, com o que vou comparar minha representação para saber se ela corresponde à árvore real? Se não temos acesso a nada além de nossas representações, como posso saber se existe algo além delas, e ainda mais, se esse algo se assemelha a elas? Essa crítica será a origem do empirismo de Georgio Berkeley – um empirismo que pode ser considerado mais difícil de aceitar, mas também mais consistente com seus próprios pressupostos.



Dean George Berkeley (1685-1753), bispo de Cloyne.

O irlandês George Berkeley criou uma das mais interessantes versões do empirismo moderno. Nascido em família nobre, Berkeley foi educado no Trinity College Dublin, onde depois foi professor. Suas duas grandes obras de epistemologia foram completadas antes dos seus 30 anos de idade: *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* e *Três diálogos entre Hylas e Philonous*.

Berkeley conheceu o trabalho de Locke, mas foi um de seus maiores críticos. Dois dos principais pontos de contenda são a objetividade das qualidades primárias e a teoria da substância. Berkeley não acreditou que a distinção entre qualidades primárias e secundárias fosse tão clara quanto Locke gostaria. Para Berkeley, as qualidades primárias são tão **subjetivas** quanto as secundárias.



Para Berkeley, o conjunto de qualidades nos faz distinguir as diferentes substâncias.

Cada conjunto específico de qualidades nos faz reconhecer que elas pertencem a uma substância e não a outra, permitindo-nos, então, distinguir uma árvore e um livro. No entanto, a substância em si permanece inacessível para nós. Então, como conhecer a substância? Não conhecemos.

Para Berkeley, a ideia de substância é uma **invenção**, sem nenhum correspondente empírico (isto é, na experiência).

O que existe, então, no mundo de Berkeley? A experiência nos dá certeza da existência de apenas duas coisas: as ideias, impressões obtidas pelos sentidos, e a nossa própria mente, que obtém essas ideias. Não há qualidades objetivas que causem ideias semelhantes a elas; não há substratos aos quais as qualidades se liguem; não há mundo externo que seja o objeto de nossas observações e ao qual nossas ideias devam corresponder. Existem apenas a percepção e aquele que percebe.

Berkeley rejeita o “realismo ingênuo” de Locke, que supunha a existência de um mundo externo correspondente às nossas ideias. Ele nega qualquer possibilidade de acesso direto ao mundo em favor de uma teoria que pode ser descrita como **idealista** ou **imaterialista**.

**Idealista:** na filosofia, qualidade de quem pensa que apenas ideias existem.

**Imaterialista:** quem nega que existam coisas materiais ou objetos físicos.

Berkeley pode soar muito diferente ou, no mínimo, muito afastado do senso comum, das nossas impressões irrefletidas sobre a realidade. Mas, segundo ele, sua filosofia estava, na verdade, salvando o senso comum e nos afastando do ceticismo. Ele entende que, pensando assim, está reafirmando o **valor da experiência cotidiana** em detrimento das elucubrações filosóficas.

Então, Berkeley julga estar fazendo uma defesa adequada da primazia dos sentidos sobre qualquer forma de postulado filosófico que não esteja apoiado na experiência. Com essa teoria, Berkeley pode valorizar adequadamente a experiência sensível, dizendo que aquilo a que temos acesso direto pelos sentidos é **a realidade toda**, e não uma imagem.

Duas perguntas são frequentes quando se aceita o idealismo de Berkeley. Em primeiro lugar, como é possível **errar**? Se a realidade se resume às ideias, não podemos dizer se estamos errados quando nossa percepção contradiz a realidade. No entanto, nós nos enganamos frequentemente. A solução de Berkeley está em um critério interno às nossas próprias ideias: as ideias corretas contradizem a ideia errada.

Uma segunda dificuldade, mais difícil de resolver, diz respeito à **estabilidade** das nossas percepções. Por exemplo, enquanto vemos uma cadeira na nossa frente, ela existe; mas o que acontece quando fechamos os olhos? Sabemos que a cadeira continua sendo cadeira. Então, o que torna possível que a cadeira permaneça no mesmo lugar e da mesma forma mesmo quando eu não a percebo?

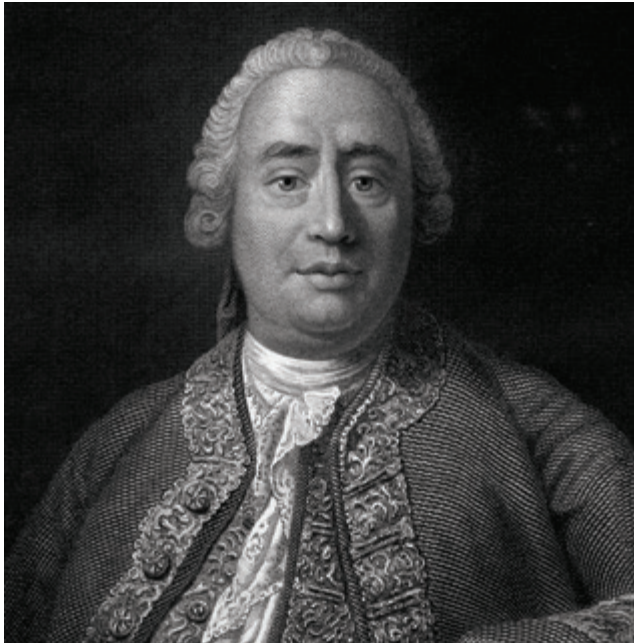
Para Berkeley, chega-se às respostas por meio de eliminação. O mundo material não existe. Tudo que existe são ideias e espíritos.

Essas ideias são inertes, ou seja, a vontade de ver alguma coisa não faz com que essa percepção se produza. Logo, deve existir algum espírito que, assim como nós, tem poderes causais, mas no qual esses poderes não são limitados.

É sua constante ação de perceber que mantém a regularidade que percebemos no mundo. A esse espírito, Berkeley chama **Deus**.

Desse modo, as coisas, mesmo que reduzidas a ideias, têm uma **existência independente** de nós. Para Berkeley, ser é ser percebido, e a estabilidade da realidade se explica pela contínua percepção realizada por Deus – que faz com que as coisas “sejam” ainda quando não estão sendo percebidas por nós.

duncan1890/iStockphoto.com



David Hume (1711-1776).

O terceiro marco na história do empirismo moderno foram as ideias do filósofo escocês David Hume, que descobriu cedo o amor pela literatura e pela filosofia. Aos 23 anos, decidiu mudar-se para o interior da França. Publicou *Tratado sobre a natureza humana*, mas se lamentou quando a obra não alcançou grande audiência. Convencido de que o fracasso de sua obra se devia à forma, e não ao conteúdo, ele se pôs a escrever as mesmas ideias com mais clareza e, então, alcançou a fama esperada.

Hume é um empirista e desenvolve uma teoria das ideias similar à de Locke, mas usa uma nomenclatura um pouco diferente. O que Locke chamava de ideias, ele chama de **percepções**, que são todos os conteúdos de nossa mente quando estamos acordados e atentos. Ele distingue as percepções em dois tipos. O primeiro são as **impressões**, nossas percepções sensíveis. Porém, podemos nos lembrar dessas sensações, refletir sobre elas ou utilizá-las para produzir percepções mais complexas pela imaginação. Nesse caso, elas são **ideias**.

As impressões são mais claras, mas não são suficientes para construir conhecimento. Por isso, as ideias são essenciais: por intermédio delas, refletimos sobre nossa experiência, nos lembramos, imaginamos e fazemos associações. Devido à centralidade do papel das ideias para o conhecimento, Hume se dedica a explicar como conectamos as ideias umas às outras, ou seja, a encontrar os princípios de **associação** das ideias. São eles:

- **semelhança**;
- **contiguidade**, ou proximidade;
- relação de **causa e efeito**.

A reflexão sobre a ideia de causalidade se apoia na distinção entre os dois tipos de conhecimento: as relações de ideias e as questões de fato. **Relações de ideias** são as afirmações cuja verdade sabemos simplesmente por pensarmos nos termos envolvidos, o que inclui proposições matemáticas. Contrariar uma relação de ideias significa cair em uma contradição, como dizer que um triângulo não tem três lados. Por sua vez, as **questões de fato** são conhecimentos que envolvem a experiência do mundo por meio dos sentidos e a possibilidade de afirmar o que acontece nesse mundo, com base nas impressões.

Quando alegamos uma falsidade sobre uma questão de fato, estamos simplesmente dizendo algo que não condiz com a realidade, mas que é perfeitamente possível. Por exemplo, que o céu é rosa. Essa afirmação é falsa, mas não há nada na própria ideia de céu que implique, necessariamente, que ele tem de ser azul (ao contrário da relação entre a ideia de triângulo e a ideia de ter três lados). Para comprovar que a afirmação é falsa, não adianta ficar pensando: é preciso abrir a janela e olhar para o céu.

Vimos que, para Hume, todo conhecimento disponível para o ser humano é uma relação entre ideias ou uma questão de fato, distinção conhecida como **“bifurcação de Hume”**. Se pretendemos usar a causalidade para expandir nosso entendimento do mundo, então nada mais justo do que perguntar qual tipo de conhecimento está em jogo: quando afirmamos que um evento é causa de outro, estamos afirmando uma relação de ideias ou uma questão de fato?



Mariahva Merko/iStockphoto.com

A causalidade é uma relação entre ideias ou uma questão de fato?

Trata-se de uma questão de fato. A afirmação de uma relação causal entre dois eventos se apoia na experiência, não em meras deduções lógicas. Poderíamos alegar que não é possível concluir nada se experimentássemos os eventos apenas uma vez, mas que é possível após uma infinidade de experiências parecidas. Veríamos que não é mera coincidência temporal: um evento, tal como A, sempre é seguido por outro, tal como B, então há uma conexão entre A e B, que é a relação causal.

O problema é que, ao extrair essa conclusão, estaríamos indo além do que a experiência mostra. Não temos



a experiência da causalidade, mas apenas a experiência de um evento que sucede outro. Ainda que experimentemos isso um grande número de vezes, como afirmaremos, da próxima vez que presenciarmos o evento A, que ele será seguido por B, com certeza?

### Saiba mais

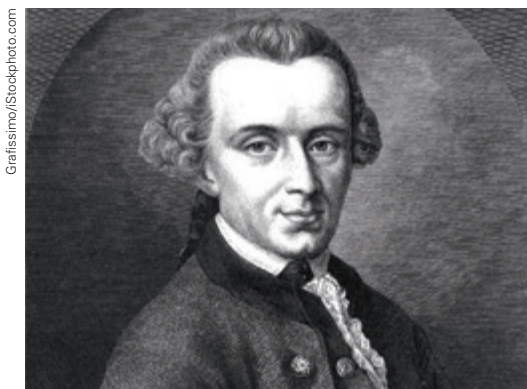
O tipo de raciocínio que se apoia em uma quantidade finita de experiências para afirmar que o que foi experimentado se mantém na totalidade (infinita) dos casos possíveis é chamado de indução. Hume foi o primeiro a apontar a falta de fundamento para raciocínios desse tipo.

Em que se baseia, então, a nossa crença de que isso vai acontecer? O fato de nós termos experimentado coisas caindo quando as soltamos, várias vezes, cria em nós a expectativa de que assim será da próxima vez. Não há fundamento racional para isso, há apenas um padrão psicológico – um **hábito**. Isso não significa que devemos abandonar nossa crença na causalidade, mas também não temos justificativa racional para a relação de causa e efeito entre dois eventos quaisquer.

## Criticismo

Immanuel Kant (1724-1804) nasceu em Königsberg, na Prússia. Passou sua vida toda nesse local, sem nunca ter saído dos limites da Prússia Oriental. Filho de um pai artesão, de religiosidade reformada, estudou na Universidade de Königsberg, onde se tornou professor de Lógica e Metafísica e deu aula durante toda sua vida. É um dos pensadores modernos de maior influência mesmo na atualidade, sobretudo no campo da epistemologia e da ética.

A filosofia de Kant pode ser dividida em duas fases: a pré-crítica, que tem relação com o racionalismo dogmático, inspirado, por exemplo, no filósofo alemão Leibniz, e a crítica, que, segundo o próprio filósofo, inicia-se após ele ter feito a leitura das obras filosóficas de Hume. Nessa segunda fase, Kant não somente conceitua a razão, mas também informa o que ela pode conhecer e o que ela não pode conhecer. Assim, segundo o filósofo, é preciso adquirir uma postura crítica com relação ao nosso próprio pensamento.



Kant: a Filosofia Moderna atinge maturidade com suas obras.

Em sua filosofia pré-crítica, Kant adotava a posição de que a razão pode nos dar conhecimento seguro da realidade como ela é em si mesma. Quando toma contato com

a crítica da causalidade feita por Hume, Kant passa a ser mais cauteloso, adotando uma atitude crítica para não cair no dogmatismo da razão, ou seja, na ideia de que esta pode explicar tudo sem limites. Apesar de estar profundamente influenciado pela postura cética de Hume, Kant limita a sua filosofia ao empirismo, mas se posiciona para **superar a dicotomia entre o empirismo e o racionalismo**.

### Estabelecendo relações



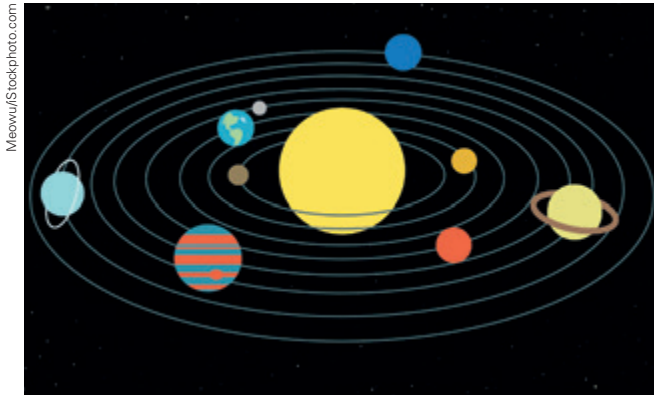
Leibniz, racionalista análogo a Descartes, cuja filosofia é criticada por Kant.

Para, **Gottfried Leibniz** (1646-1716), filósofo alemão que investigou a relação entre Deus e o mundo, se a essência divina é perfeita e boa, então estamos vivendo no melhor dos mundos possíveis. Além disso, para ele, a razão humana pode compreender o princípio matemático das coisas e dos conhecimentos específicos, mas não consegue alcançar a suas causas últimas ou a vontade de Deus. Leibniz, assim como Descartes, tem uma visão racionalista do mundo e, em sua concepção, Universo e Deus são dotados de perfeita racionalidade. Apesar de declarar que a razão humana não compreende a essência divina, Leibniz não deixa de afirmar algo sobre a natureza de Deus. Esse tipo de racionalismo será criticado por Kant, uma vez que não realiza uma avaliação crítica da razão antes de utilizá-la para conhecer a realidade. Se a razão não alcança as causas últimas ou a vontade divina, como pode, então, afirmar o que quer que seja a respeito de Deus?

Kant nos diz que devemos esclarecer quais são as fontes do saber humano, adquirindo, por meio de uma reflexão crítica, o conhecimento do alcance possível e útil do saber. Veremos que Kant faz isso por meio de uma verdadeira revolução: uma mudança de eixo no centro de investigação, que será chamada por ele de revolução copernicana da filosofia.

A expressão “revolução copernicana” surge no contexto do confronto entre o racionalismo e o empirismo e aparece como possível resposta aos problemas nascidos dessa disputa. Tal expressão é a solução filosófica proposta por Kant e recebe esse nome por apresentar semelhanças com o que Copérnico fizera na área da Astronomia, quando substituiu o geocentrismo pelo heliocentrismo, alterando o lugar do centro do Universo.

A revolução copernicana operada por Kant consiste no fato de que, em vez de colocar no centro das investigações a realidade objetiva ou os objetos do conhecimento, dizendo que podem ser conhecidos tais como são em si mesmos, é preciso colocar no centro a própria razão, fazendo a realidade orbitar em torno dela. Não é o objeto que determina como o sujeito vai conhecê-lo, mas é o sujeito que determina o objeto ao conhecê-lo.



Assim como o Sol está no centro do Sistema Solar, é a razão que está no centro quando se trata de conhecer a realidade, de acordo com Kant.

No seu livro *Crítica da razão pura* (1781), Kant nos explica sua ideia de **filosofia transcendental**, que, segundo ele, não é a análise dos objetos do conhecimento, mas a análise do nosso modo de conhecimento dos objetos. Ou seja, a filosofia transcendental é a teoria do conhecimento de Kant, que **analisa as possibilidades do conhecimento** por meio da determinação do modo pelo qual a razão funciona.

Após essa análise, Kant diz que a razão possui os seguintes tipos de juízos:

- **Juízos analíticos:** os juízos analíticos são *a priori* (anteriores e independentes da experiência), são universais e necessários (sempre, e necessariamente, um quadrado terá lados iguais), mas não são cognitivos, isto é, não acrescentam conhecimento.
- **Juízos sintéticos:** há dois tipos de juízos sintéticos. Em primeiro lugar, há os juízos sintéticos *a posteriori*, que são **contingentes** (um café pode estar frio ou quente) e ampliam o conhecimento.

**Contingente:** que pode ou não acontecer.

Aqui podemos ver o problema das limitações do racionalismo e do empirismo. O racionalismo foca apenas nas ideias inatas (“juízos analíticos”, na terminologia usada por Kant), enquanto o empirismo foca apenas na experiência pura (“juízos sintéticos *a posteriori*”). Será preciso, então, uma junção entre os dois juízos. Kant chamará essa junção de **juízo sintético *a priori***. E aqui temos o segundo tipo de juízo sintético:

- **Juízos sintéticos *a priori*:** são universais e necessários e são as condições pelas quais a experiência acontecerá. Como são sintéticos, aumentam o conhecimento.



*Campo de trigo verde*, de Vincent van Gogh, 1890. O juízo sintético *a priori* contém as condições necessárias para o conhecimento da realidade: é necessário, universal e adiciona novas informações.

Se o racionalismo focava nas faculdades da mente e o empirismo focava somente na experiência, Kant vai dizer que o **conhecimento** propriamente dito é o resultado de ambos os aspectos. Assim, o conhecimento se processa por meio de duas **faculdades** de nossa mente: a **sensibilidade** e o **entendimento**.

A análise de Kant sobre a sensibilidade indica que é preciso que exista algo *a priori* dentro da mente que dê condição para que a experiência sensível faça sentido: são as **intuições do espaço** e do **tempo**. Os dados vindos das sensações são puro caos, mas são organizados primeiramente no espaço e no tempo. Nossa sensibilidade, portanto, não é passiva. O conhecimento **tem início** na experiência, mas **não tem origem na experiência**, uma vez que as intuições já existem em nossa mente *a priori*.

Já na análise do entendimento, Kant observa que há o que chama de **categorias lógicas**. Essas categorias também não dependem da experiência. Portanto, são *a priori*. Se a sensibilidade é responsável por organizar a experiência, o entendimento, com suas categorias lógicas, é responsável por aprender e pensar as coisas. Essas categorias são conceitos fundamentais que estruturam o pensamento. Observe-as na tabela a seguir.

1. Quantidade		2. Qualidade	
Juízos	Categorias	Juízos	Categorias
Universais	Unidade	Afirmativos	Realidade
Particulares	Pluralidade	Negativos	Negação
Singulares	Totalidade	Infinitos	Limitação
3. Relação		4. Modalidade	
Juízos	Categorias	Juízos	Categorias
Categóricos	Substância	Problemáticos	Possibilidade
Hipotéticos	Causalidade	Assertóricos	Existência
Disjuntivos	Comunidade	Apodíticos	Necessidade

Mapa de possibilidades de pensar.

O conhecimento, portanto, é a síntese entre a sensibilidade e o entendimento. A **sensibilidade** nos dá os dados da experiência, a **imaginação** os completa e os unifica e o **entendimento** dá a eles unidade conceitual, o que nos permite pensá-los.

Web Gallery of Art. GOGH, Vincent van. *Campo de trigo verde*. 1890. Saint-Rémy. Óleo sobre tela, 73 cm x 83 cm. Coleção particular.



BrilliantEye/Stockphoto.com

As várias experiências sensíveis são organizadas pela mente: eis o conhecimento, segundo Kant.

Diante da maneira como se produz o conhecimento, Kant distingue duas modalidades de realidade. A realidade que se oferece a nós pela experiência e a que não se oferece. A primeira foi chamada por ele de **fenômeno**, isto é, aquilo que se apresenta ao sujeito do conhecimento na experiência. Como vimos, essa experiência é organizada pelo sujeito com as intuições de espaço e tempo e com as categorias do entendimento. A segunda realidade foi chamada por ele de **númeno**, isto é, aquilo que não é dado nem à sensibilidade nem ao entendimento.

A razão só pode conhecer os objetos do conhecimento: aqueles conteúdos empíricos formatados pela sensibilidade e pelo entendimento. Tanto as intuições (tempo e espaço) como as categorias não estão nas coisas, mas estão em nós e são sempre razão subjetiva. Não podemos pretender conhecer a realidade tal como ela seria em si mesma, nem podemos pretender que exista uma razão objetiva governando as próprias coisas.

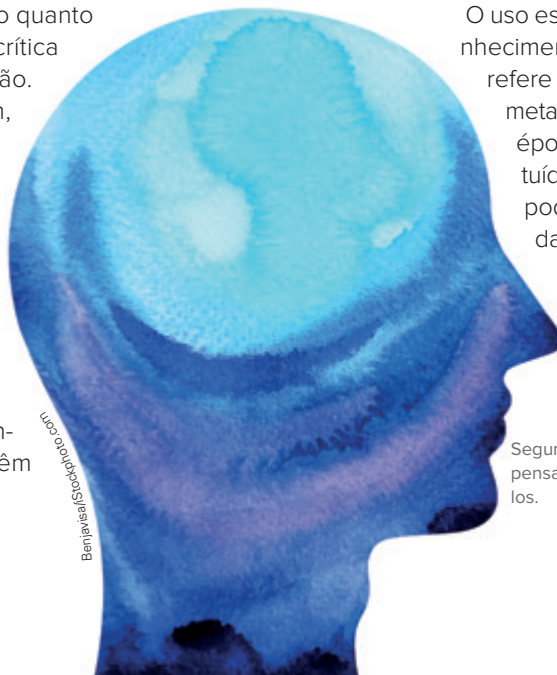
Kant chama de **filosofia crítica** seu projeto de responder tanto ao dogmatismo quanto ao ceticismo por meio da análise crítica sobre o conceito e o limite da razão. Sua **filosofia crítica** mostra, assim, que a oposição entre dogmatismo e ceticismo ocorre por erro de definições. O **dogmatismo** é a filosofia que faz juízos, sem exame e sem crítica, sobre a realidade. Já o **ceticismo** serve frequentemente para designar a filosofia de Hume e, especialmente, a doutrina segundo a qual todos os nossos raciocínios referentes às causas e aos efeitos não têm outra origem senão no hábito.

A oposição ocorre, portanto, porque o dogmatismo afirma ser a realidade totalmente passível de conhecimento, enquanto o ceticismo de Hume julga que não podemos ter conhecimento necessário e universal da realidade, mas apenas um conhecimento provável baseado no hábito. Já a filosofia crítica, ou **criticismo**, consiste nesta atitude: em vez de considerar diretamente os objetos conhecidos, coloca-se primeiramente a questão de saber como conhecemos o que podemos conhecer, independentemente da resposta que possamos obter.

Por fim, vamos à metafísica. Os objetos estudados pela metafísica podem até ser pensados, mas não possuem base na sensibilidade, isto é, não estão postos para que as intuições de espaço e tempo possam organizá-los. Como o conhecimento se dá na junção dos elementos da sensibilidade e do entendimento, fica faltando justamente a primeira base no caso dos objetos da metafísica. A atitude de pensar a metafísica sem ter base na sensibilidade é chamada por Kant de uso **especulativo da razão**.

O uso especulativo da razão não produz conhecimento propriamente dito, pois não se refere a objetos da experiência. Assim, a metafísica, como era conhecida até a sua época (conhecimento das ideias destituídas de seus aspectos sensíveis), não pode ser realizada. O principal objeto da metafísica, Deus, por exemplo, não se oferece às intuições de espaço-tempo e, portanto, não é passível de ser parte do processo de conhecimento propriamente dito.

Segundo Kant, objetos da metafísica podem até ser pensados, mas não podemos realmente conhecê-los.



BrilliantEye/Stockphoto.com

FRENTE ÚNICA

1. Unesp 2022

Texto 1

É com Descartes que a oposição homem-natureza se tornará mais completa, constituindo-se no centro do pensamento moderno e contemporâneo. O homem, instrumentalizado pelo método científico, pode penetrar os mistérios da natureza e, assim, tornar-se “senhor e possuidor da natureza”.

(Carlos W. P. Gonçalves. Os (des)caminhos do meio ambiente, 1989. Adaptado.)

Texto 2

Quando a gente quis criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil, foi preciso justificar para a Unesco [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura] por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração. Para essa instituição, é como se bastasse manter apenas alguns lugares como amostra grátis da Terra.

(Ailton Krenak. Ideias para adiar o fim do mundo, 2019.)

Ailton Krenak constata os princípios da filosofia cartesiana ao reconhecer que

- a) a natureza operacionalizada serve aos humanos de forma harmônica e reforça a relevância de todos os seres vivos.
- b) o método cartesiano tem sido utilizado na natureza a partir de medidas ecológicas estabelecidas pela Unesco.
- c) os órgãos oficiais vêm se esforçando pelo equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação da natureza.
- d) as instituições que representam a humanidade negligenciam a integral manutenção do meio ambiente.
- e) a dúvida cartesiana não permite afirmações sobre o desenvolvimento sustentável, por estas serem inconclusivas.

2. UFSC 2019 No que se refere à obra *Meditações Metafísicas* de Descartes, é correto afirmar que:

- 01 os sentidos corpóreos são enganadores e, portanto, não são confiáveis para a obtenção de conhecimento.
- 02 só é possível distinguir o sono da vigília com o auxílio do gênio maligno.
- 04 não é possível adquirir conhecimento, portanto só nos resta aceitar o ceticismo.
- 08 Deus não existe, de modo que a melhor posição em filosofia é o ateísmo.
- 16 a dúvida metódica não se deve aplicar às verdades matemáticas.
- 32 a expressão “eu sou, eu existo” é a primeira certeza da filosofia cartesiana.
- 64 Deus existe, e tal verdade pode ser provada pela ideia que temos de Deus como um ser perfeito e pela constatação de que sua inexistência implicaria uma imperfeição.

Soma:

3. UEPG-PR 2019 Sobre o método cartesiano, assinale o que for correto.

- 01 René Descartes buscou encontrar um método que o levasse à verdade indubitável.
- 02 O método cartesiano está fundamentado na razão.
- 04 O método seguro baseia-se em quatro regras de raciocínio: da evidência, da análise, da ordem e da enumeração.
- 08 A frase “*cogito ergo sum*” está se referindo à autoevidência como exercício do sujeito pensante.

Soma:

4. UEM-PR 2019 Muitas vezes lamentamos as nossas ações e que, frequentemente, quando somos dominados por afecções contrárias, vemos o melhor e fazemos o pior, nada os impediria de crer que todas as nossas ações são livres. [...] Um homem embriagado julga também que é por uma livre decisão da alma que conta aquilo que, mais tarde, em estado de sobriedade, preferiria ter calado.

(ESPINOSA, B. *Ética III*. Trad. Joaquim de Carvalho et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 179.)

Acerca da compreensão da liberdade para Espinosa, assinale o que for **correto**.

- 01 Espinosa se contrapõe à ideia de um ato completamente gratuito.
- 02 Ser livre para Espinosa é ser causa adequada de seus atos.
- 04 O espinosismo, assim como o historicismo, oferece-nos um meio de converter a liberdade em necessidade inelutável.
- 08 O livre-arbítrio para Espinosa é o poder que temos de escolher.
- 16 É livre o homem que atua pela única necessidade de sua natureza.

Soma:

5. Uece 2019 Johannes Hessen afirma, sobre o empirismo e o racionalismo na modernidade, que: quem enxerga no pensamento humano, na razão, o único fundamento do conhecimento, está convencido da independência e especificidade psicológica do processo de pensamento. Por outro lado, quem fundamenta todo conhecimento na experiência negará independência, mesmo sob o aspecto psicológico, ao pensamento.

HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 48.

Relacione empirismo e racionalismo à descrição apresentada por Hessen e assinale a afirmação verdadeira.

- a) Racionalista é quem entende que o conhecimento depende psicologicamente de fatos extramentais.
- b) Empiristas fundamentam todo seu conhecimento na capacidade da razão humana.
- c) Empirista baseia o conhecimento na experiência e o racionalista entende que a razão é o fundamento do conhecimento.
- d) Racionalista baseia o conhecimento na experiência e o empirista entende que a razão é o fundamento do conhecimento.

6. **UEG-GO 2019** John Locke afirmou que a mente é como uma folha em branco na qual a cultura escreve seu texto e Descartes demonstrava desconfiança em relação aos sentidos como fonte de conhecimento. A respeito desses dois filósofos, verifica-se o seguinte:
- Locke é um representante do racionalismo e Descartes é um representante do empirismo.
  - Locke é um representante do empirismo e Descartes é um representante do racionalismo.
  - Descartes e Locke possuíam a mesma concepção, pois ambos eram críticos do iluminismo.
  - Descartes é um representante do teologismo e Locke é um representante do culturalismo.
  - Descartes é um representante do materialismo e Locke é um representante do idealismo.

7. **UFSJ-MG** Leia o seguinte diálogo:

Filonous: “Só falo a respeito das coisas sensíveis. E sobre estas, pergunto: ‘por existência real das coisas sensíveis, entendeis uma existência exterior à mente, e distinta de serem percebidas?’.

Hilas: Entendo uma existência real absoluta: distinta, pois, de serem percebidas, e até sem casta de relação alguma com isso de serem percebidas”.

Considerando o diálogo acima, para Berkeley,

- as coisas sensíveis têm existência nas mentes.
- as coisas sensíveis têm existência exterior à mente.
- há coisas percebidas e o próprio dessas coisas é percebidas.
- as mentes existem em si mesmas e as coisas sensíveis existem nas mentes.
- as coisas sensíveis são “ideias” ou imagens.

Estão **CORRETAS** as afirmações:

- a) I, III, IV, V                      b) I, II, III, IV                      c) II, III, IV, V                      d) I, II, IV, V

8. **Enem PPL 2018** Quando analisamos nossos pensamentos ou ideias, por mais complexos e sublimes que sejam, sempre descobrimos que se resolvem em ideias simples que são cópias de uma sensação ou sentimento anterior. Mesmo as ideias que, à primeira vista, parecem mais afastadas dessa origem mostram, a um exame mais atento, ser derivadas dela.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Depreende-se deste excerto da obra de Hume que o conhecimento tem a sua gênese na

- a) convicção inata.                      c) elaboração do intelecto.                      e) realidade transcendental.  
b) dimensão apriorística.                      d) percepção dos sentidos.

9. **UFSC 2020** Em relação ao prefácio e à introdução à segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, escrita por Immanuel Kant, é correto afirmar que, para Kant:

- 01 ao longo da história, a metafísica alcançou o caminho seguro da ciência.  
02 ao longo da história, a metafísica foi dogmática, portanto não foi capaz de produzir conhecimento.  
04 os juízos *a priori* dependem fundamentalmente da experiência para serem elaborados.  
08 os juízos analíticos são aqueles nos quais os atributos do predicado já estão contidos no sujeito.  
16 a matemática e a física atingiram, ao longo de sua história, o caminho seguro da ciência.  
32 os juízos sintéticos *a priori* são aqueles que possuem uma ligação universal e necessária entre sujeito e predicado.  
64 os juízos sintéticos *a priori* não são possíveis no campo da investigação metafísica.

Soma:

10. **UEM-PR 2019** Em todos os juízos em que for pensada a relação de um sujeito com o predicado (se considero apenas os juízos afirmativos, pois a aplicação aos negativos torna-se depois fácil), essa relação é possível de dois modos. Ou o predicado B pertence ao sujeito A, como algo que está contido (ocultamente) nesse conceito A; ou B encontra-se totalmente fora do conceito A, ainda que esteja em conexão com ele. No primeiro caso denomino o juízo de analítico, no outro de sintético.

(KANT, I. *Crítica da razão pura*. In: MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.119).

Com base nas ideias de Kant sobre juízos analíticos e sintéticos, assinale o que for **correto**.

- 01 Juízos analíticos, tais como “o triângulo tem três lados”, expressam a identidade entre sujeito e predicado.  
02 Os princípios de nossas ações morais devem ser fundados em juízos sintéticos *a priori* teóricos, isto é, de validade universal e necessária.  
04 De acordo com a definição de Kant, as proposições “todos os corpos ocupam lugar no espaço” e “todos os corpos são pesados” são juízos analíticos.  
08 As proposições das ciências da natureza obtidas por meio da experiência, à medida que expressam conhecimentos verdadeiros sobre o mundo, podem ser juízos analíticos ou sintéticos.  
16 A função do juízo analítico é elucidar aquilo que já está contido no conceito de algo, e nada acrescenta a esse conceito.

Soma:

## Exercícios propostos

1. **Enem 2019** Dizem que Humboldt, naturalista do século XIX, maravilhado pela geografia, flora e fauna da região sul-americana, via seus habitantes como se fossem mendigos sentados sobre um saco de ouro, referindo-se a suas incomensuráveis riquezas naturais não exploradas. De alguma maneira, o cientista ratificou nosso papel de exportadores de natureza no que seria o mundo depois da colonização ibérica: enxergou-nos como territórios condenados a aproveitar os recursos naturais existentes.

ACOSTA, A. *Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante, 2016 (adaptado).

A relação entre ser humano e natureza ressaltada no texto reflete a permanência da seguinte corrente filosófica:

- a) Relativismo cognitivo.
- b) Materialismo dialético.
- c) Racionalismo cartesiano.
- d) Pluralismo epistemológico.
- e) Existencialismo fenomenológico.

2. **UEL-PR 2019** Leia o texto a seguir.

E se escrevo em francês, que é a língua de meu país, e não em latim, que é a de meus preceptores, é porque espero que aqueles que se servem apenas de sua razão natural inteiramente pura julgarão melhor minhas opiniões do que aqueles que não acreditam senão nos livros dos antigos. E quanto aos que unem o bom senso ao estudo, os únicos que desejo para meus juízes, não serão de modo algum, tenho certeza, tão parciais a favor do latim que recusem ouvir minhas razões, porque as explico em língua vulgar. DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção "Os pensadores". p.79.

Com base nos conhecimentos sobre Descartes e o surgimento da filosofia moderna, assinale a alternativa correta.

- a) A língua vulgar, o francês, expressa de modo mais adequado o espírito da modernidade por estar livre dos preconceitos da língua dos doutos, o latim.
- b) Redigir o *Discurso do Método* em francês teve propósito similar à tradução da bíblia para o alemão feita por Lutero: facilitar o acesso à sacralidade do texto em língua vulgar.
- c) O desencantamento do mundo, resultante da radical crítica cartesiana à tradição, teve como consequência o abandono da referência à divindade.
- d) As ideias expressas por Descartes em seu *Discurso do Método* refletem a postura tipicamente moderna de ruptura total com o passado.
- e) A razão natural inteiramente pura é um atributo inerente à natureza humana, independentemente da tradição ou da cultura à qual o humano se vincula.

3. **UEL-PR 2018** Leia o texto a seguir.

Vimos, assim, que a Alma pode sofrer grandes transformações e passar ora a uma maior perfeição, ora a uma menor, paixões estas que nos explicam as afecções de alegria e de tristeza. Assim, por alegria, entenderei, no que vai seguir-se, a paixão pela qual a Alma passa a uma

perfeição maior; por tristeza, ao contrário, a paixão pela qual a Alma passa a uma perfeição menor.

(ESPINOSA, B. *Ética*. Trad. Antonio Simões. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. p. 279).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o problema da paixão e da afecção em Espinosa, assinale a alternativa correta.

- a) A tristeza é uma ação da alma, consistente na afecção causada por uma paixão, por meio da qual a alma visa à própria destruição.
  - b) As transformações da alma, seja o aumento ou a diminuição de intensidade, fazem coexistir paixões contrárias.
  - c) O aumento de perfeição, característico de afecção da alegria, vincula-se ao esforço da alma em perceber-se com mais clareza e distinção.
  - d) Tristeza e alegria são denominadas paixões porque resultam da ação de distintas dimensões da alma, responsáveis pela produção dessas afecções.
  - e) Se uma coisa aumenta a potência de agir do corpo, a ideia dessa mesma coisa diminuirá a potência de pensar da nossa alma.
4. **Unesp 2022** Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia, sem dúvida, se é que eu me persuadi ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há pois dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, penso, logo sou, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que a enuncio [...].

(René Descartes. *Meditações*, 1973.)

Segundo o texto, um dos pontos iniciais do método de Descartes que o levou ao cogito ("penso, logo sou") foi

- a) a análise das partes.
  - b) a síntese das partes analisadas.
  - c) o prevailecimento da alma sobre o raciocínio.
  - d) o reconhecimento de um Deus enganador.
  - e) a arte da persuasão grega.
5. **Uece 2020** Observe as seguintes citações, que refletem posições divergentes, colocadas por empiristas e racionalistas, sobre o método que deveria ser usado para o estabelecimento do correto processo de conhecimento da realidade:

Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são como originais, sob cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos.

DESCARTES, R. *Carta a Elizabeth*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. Os Pensadores.

De onde a mente apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo numa palavra, da experiência. Todo o conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento.

LOCKE, J. Ensaio acerca do entendimento humano. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. Os pensadores.

Considerando o que propunham o empirismo e o racionalismo, atente para o que se afirma a seguir e assinale com V o que for verdadeiro e com F o que for falso.

- O racionalismo é a forma de compreensão do conhecimento que prioriza a razão e recorre à indução como método de análise.
- O empirismo, ao contrário do racionalismo, parte da experiência para a construção de afirmações gerais a respeito da realidade.
- Para o racionalismo, sobretudo o cartesiano, a verdade deveria ser buscada fora dos sentidos, visto que eles são enganosos e podem nos equivocar em qualquer experiência de percepção.
- O empirismo, vertente de compreensão da qual Locke fazia parte, aproxima-se do modelo científico cartesiano, ao negar a existência de ideias inatas.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) V, F, V, F.
- b) V, V, F, V.
- c) F, F, F, V.
- d) F, V, V, F.

6. **UEM-PR 2018** Devemos recorrer a dois princípios bastante manifestos na natureza humana. O primeiro é a simpatia, ou seja, a comunicação de sentimentos e paixões [...]. Tão estreita e íntima é a correspondência entre as almas dos seres humanos que, assim que uma pessoa se aproxima de mim, ela me transmite todas as suas opiniões, influenciando meu julgamento em maior ou menor grau. Embora, muitas vezes, minha simpatia por ela não chegue ao ponto de me fazer mudar inteiramente meus sentimentos e modos de pensar, raramente [a simpatia] é tão fraca que não perturbe o tranquilo curso do meu pensamento, dando autoridade à opinião que me é recomendada por seu assentimento. O segundo princípio para o qual chamarei a atenção é o da comparação, ou seja, a variação de nossos juízos acerca dos objetos segundo a proporção entre estes e aqueles com os quais comparamos. [...]. Nenhuma comparação é mais óbvia que a comparação conosco; por isso, ela tem lugar em todas as ocasiões e influencia a maioria de nossas paixões. Esse tipo de comparação é diretamente contrário à simpatia em seu modo de operar.

(HUME, D. Tratado da natureza humana. In: SAVIAN FILHO, J. *Filosofia e filosofias: existência e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 272).

A partir do texto, assinale o que for **correto**.

- 01 Entende-se que a simpatia consiste na experiência na qual uma pessoa é influenciada por outra.
- 02 Para Hume, não é a razão que leva os seres humanos a agir, e sim as emoções.
- 04 Hume desenvolveu um sistema filosófico moral fundamentado na razão e nos limites dela.
- 08 É próprio da comparação o fechamento em si, pois aquele que compara não está sujeito à influência.
- 16 Simpatia e comparação não interferem diretamente em nosso comportamento moral.

Soma:

7. **UFSC 2022** No prefácio à segunda edição e na introdução da obra *Crítica da razão pura*, Kant afirma que:
- 01 a Metafísica tradicional, ao longo da história, atingiu o caminho seguro da ciência, assim como a Matemática.
  - 02 conhecimentos *a priori* dependem da experiência para existirem.
  - 04 para Kant, o procedimento adotado na Metafísica sempre constituía, sem dúvida alguma, um mero tatear e, o que é pior, sob simples conceitos.
  - 08 Kant afirma que seu objetivo é tentar mudar o procedimento tradicional da Metafísica e promover, assim, uma completa revolução nela.
  - 16 conhecimentos empíricos possuem as suas fontes *a posteriori*, ou seja, na experiência.
  - 32 no fim da introdução, Kant afirma que a Metafísica é mais confiável que ciências como a Matemática e a Física, pois a Metafísica é a ciência do “ser enquanto ser”.

Soma:

8. **UFSJ-MG** Sobre a questão do conhecimento na filosofia kantiana, é **CORRETO** afirmar que
- a) o ato de conhecer se distingue em duas formas básicas: conhecimento empírico e conhecimento puro.
  - b) para conhecer, é preciso se lançar ao exercício do pensar conceitos concretos.
  - c) as formas distintas de conhecimento, descritas na obra *Crítica da razão pura*, são denominadas, respectivamente, juízo universal e juízo necessário e suficiente.
  - d) o registro mais contundente acerca do conhecimento se faz a partir da distinção de dois juízos, a saber: juízo analítico e juízo sintético ou juízo de elucidação.

## Texto complementar

### Damáσιο, Neurociência e Neurofilosofia

O neurocientista português António Damásio [...] contribuiu de maneira decisiva para as pesquisas interdisciplinares em ciências cognitivas, neurofilosofia, neurobiologia da mente e do comportamento, sobretudo nas áreas da emoção, tomada de decisão, memória, comunicação, criatividade e consciência. Com efeito, a publicação do livro mais conhecido de Damásio, *O erro de Descartes* (1994), iniciou uma verdadeira guinada neurocientífica não apenas em neurologia, psiquiatria e psicologia cognitiva, mas também em filosofia da mente e da linguagem, linguística, ciência da computação e antropologia, ao empreender uma crítica radical ao dualismo cartesiano, em suas dicotomias contrapondo alma e corpo, mente e cérebro, razão e emoção [...]

De acordo com Damásio, “a compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo... Não só a mente tem de passar de um *cogitum* não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social”. (Damásio, 2005, p. 282) [...]

Ainda de acordo com os experimentos de Damásio, a escolha de uma decisão qualquer ou de um curso de ação referente a um problema pessoal em que o sujeito está devidamente inserido em seu meio social (complexo, mutável e incerto), requer dois elementos: 1) amplo conhecimento de generalidades; 2) estratégias de raciocínio que operem sobre este conhecimento. Assim, não podemos reduzir os processos decisórios a uma suposta racionalidade pura, sem levar em conta as emoções, os sentimentos e o contexto sociocultural.

OLIVEIRA, Nythamar de. Damásio, Neurociência e Neurofilosofia. *Fronteiras do pensamento*, 29 jun. 2013. Disponível em: [www.fronteiras.com/artigos/damasio-neurociencia-e-neurofilosofia](http://www.fronteiras.com/artigos/damasio-neurociencia-e-neurofilosofia). Acesso em: 3 jun. 2022.

## Resumindo

### 1 - Racionalismo

- Descrença nos sentidos como fonte de conhecimento verdadeiro; confiança na razão; valorização do método matemático; existência de ideias inatas.

### 2 - René Descartes

- Reconstrução do conhecimento; dúvida metódica → verdade indubitável: “Penso, logo existo”; existência do sujeito pensante → existência de Deus → existência do corpo e do mundo externo; dualismo: substância extensa + substância pensante → problema da comunicação corpo-alma.

### 3 - Nicolas Malebranche

- Adota o dualismo; não há comunicação corpo-alma; não há causalidade, mas coincidência pela vontade divina.

### 4 - Baruch Espinosa

- Recusa o dualismo, adota o monismo, isto é, única substância determinada por cadeias de causa e efeito; determinismo ético.

### 5 - John Locke

- Crítica às ideias inatas → *tabula rasa*.
- Ideias: sensação (mundo externo) e reflexão (entendimento); simples e complexas.
- Qualidades: primárias (objetivas) e secundárias (subjetivas) → levam-nos a conceber substâncias que não experimentamos.
- Crítica: realismo ingênuo – se não experimentamos o mundo a não ser por representações, como sabemos se as representações correspondem ao mundo?

### 6 - George Berkeley

- Crítica a Locke: qualidades primárias também são subjetivas.
- Não há substância, não há referente externo das nossas representações → Ser é ser percebido → Idealismo/Imaterialismo.

- Defesa da experiência cotidiana: experimentamos a totalidade da realidade.
- Dificuldades: possibilidade do erro → critério interno; estabilidade das percepções → garantida pela constante percepção na mente de Deus.

### 7 - David Hume

- Percepções: impressões (imediatas) e ideias (reflexão, memória, imaginação etc.).
- Ultrapassamos as impressões por meio de raciocínios de causa e efeito.
- Bifurcação de Hume: Relações de ideias (verdade se estabelece pelo pensamento) × Questões de fato (verdade se estabelece pela experiência).
- Causalidade é hábito.

### 8 - Immanuel Kant

- Revolução copernicana: refere-se à mudança de foco na teoria do conhecimento, que sai do objeto e concentra-se no sujeito.
- Sensibilidade contém *a priori* as intuições de espaço e tempo.
- Entendimento contém *a priori* as 12 categorias lógicas.
- Realidade: conhecemos da realidade o que colocamos nela.
- Númeno: a realidade em si mesma.
- Fenômeno: a realidade tal como se apresenta é formatada pela mente.
- Filosofia crítica: a análise das condições da razão para delimitar seu modo de proceder e, principalmente, sua possibilidade de conhecimento.
- A metafísica não é passível de conhecimento, uma vez que seus objetos não se apresentam à experiência.



## Quer saber mais?



### Livro

**DELEUZE, Gilles. *A Filosofia Crítica de Kant*. São Paulo: Edições 70, 2009.**

Obra introdutória à epistemologia de Kant.



### Filme

***Descartes/Cartesius*. Direção: Roberto Rossellini, 1974. Classificação indicativa: livre.**

Filme narra fatos da vida de Descartes e de sua filosofia.

## Exercícios complementares

### 1. UFU-MG 2018

Na obra *Discurso do método*, o filósofo francês René Descartes descreve as quatro regras que, segundo ele, podem levar ao conhecimento de todas as coisas de que o espírito é capaz de conhecer.

Quanto a uma dessas regras, ele diz que se trata de “dividir cada dificuldade que examinasse em tantas partes quantas possíveis e necessárias para melhor resolvê-las”.

Descartes. *Discurso do método*, I-II, citado por: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. Tradução de Marcus Penchel.

Essa regra, transcrita acima, é denominada

- a) regra da análise.      b) regra da síntese.      c) regra da evidência.      d) regra da verificação.

2. **UFPR 2022** Ampliando suas investigações para além de suas capacidades, e deixando seus pensamentos vagarem em profundezas, a tal ponto de lhes faltar apoio seguro para o pé, não é de admirar que os homens levantem questões e multipliquem disputas acerca de assuntos insolúveis, servindo apenas para prolongar e aumentar suas dúvidas, e para confirmá-los ao fim num perfeito ceticismo.

(LOCKE. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Trad. Anoar Aiex. Coleção Os Pensadores, vol. XVIII. São Paulo: Victor Civita, 1973, introdução, p. 147.)

Considerando a passagem acima e a obra de que foi extraída, segundo Locke, os homens tornam-se céticos porque:

- a) são capazes de obter apenas um conhecimento provável acerca das coisas.  
b) não limitam suas investigações ao que é possível conhecer.  
c) dependem da experiência sensível para conhecer, sendo essa experiência enganosa.  
d) não são capazes de encontrar um apoio seguro para os seus pensamentos.  
e) encontram prazer na mera disputa.

3. **Enem 2017** Os filósofos concebem as emoções que se combatem entre si, em nós, como vícios em que os homens caem por erro próprio; é por isso que se habituaram a ridicularizá-los, deplorá-los, reprová-los ou, quando querem parecer mais morais, detestá-los. Concebem os homens, efetivamente, não tais como são, mas como eles próprios gostariam que fossem.

ESPINOSA, B. *Tratado político*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

No trecho, Espinosa critica a herança filosófica no que diz respeito à idealização de uma

- a) estrutura da interpretação fenomenológica.      d) manifestação do caráter religioso.  
b) natureza do comportamento humano.      e) reprodução do saber tradicional.  
c) dicotomia do conhecimento prático.

4. **Unesp 2016** Suponhamos, pois, que a mente é um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem nenhuma ideia; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra: da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento.

John Locke. *Ensaio acerca do entendimento humano* [publicado originalmente em 1690], 1999. Adaptado.

Qual é a interpretação de Locke sobre as ideias inatas? Explique quais foram as implicações do pensamento desse filósofo no que se refere à metafísica.

5. **UFSJ-MG** John Locke é apontado como pioneiro do materialismo moderno. Sobre o “materialismo moderno”, é **CORRETO** afirmar que:

- a) “Deriva as ‘ideias’ de que se constitui o conhecimento diretamente das sensações que se marcaram na mente [...] não cabendo assim ao pensamento nada mais, [...] que combinar, comparar e analisar essas mesmas ideias”.  
b) “Todo o princípio do conhecimento material é sensorial, transponível, relativo e infinito”.  
c) “O valor da experiência sensível, como fator primário da elaboração cognitiva, está na possibilidade de conhecer a essência da natureza”.  
d) “O conhecimento deve ser introjetado a partir da experiência extrassensorial, peculiar a todo ser pensante”.

6. **Unesp 2018** Se um estranho chegasse de súbito a este mundo, eu poderia exemplificar seus males mostrando-lhe um hospital cheio de doentes, uma prisão apinhada de malfeitores e endividados, um campo de batalha salpicado de carcaças, uma frota naufragando no oceano, uma nação desfalecendo sob a tirania, fome ou pestilência. Se eu lhe mostrasse uma casa ou um palácio onde não houvesse um único aposento confortável ou aprazível, onde a organização do edifício fosse causa de ruído, confusão, fadiga, obscuridade, e calor e frio extremados, ele com certeza culparia o projeto do edifício. Ao constatar quaisquer inconveniências ou defeitos na construção, ele invariavelmente culparia o arquiteto, sem entrar em maiores considerações.

(David Hume. *Diálogos sobre a religião natural*, 1992. Adaptado.)

- Explicitite o tema filosófico abordado no texto e sua relação com a criação do mundo.
- Explique como os argumentos do filósofo evidenciam um ponto de vista empirista (fundamentado na experiência) e cético (baseado na dúvida), em contraste com uma concepção metafísica sobre o tema.

7. **UFPR 2018** Se não houvesse uniformidade nas ações humanas, e se todo experimento realizado nesse campo fornecesse resultados irregulares e anômalos, seria impossível coletar quaisquer observações gerais acerca da humanidade, e nenhuma experiência, por mais acuradamente digerida pela reflexão, poderia servir a qualquer propósito.

(Hume, D. *Uma Investigação sobre o Entendimento Humano*, Seção 8, In: *Antologia de textos filosóficos*, SEED, 2009, p. 381.)

Com base na passagem acima e no conjunto do texto, responda: de acordo com Hume, as ações humanas são necessárias? Justifique sua resposta.

8. **UFU-MG 2013** Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com o que desejamos, a saber, a possibilidade de um conhecimento *a priori* desses objetos, que estabeleça algo sobre eles antes de nos serem dados.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Prefácio da Segunda Edição, B XVI-XVII, p. 20.

Com base no texto acima e em seus conhecimentos sobre a filosofia de Kant, responda

- O que é a *Revolução Copernicana* operada pelo filósofo?
- A que se refere o conhecimento *a priori*, segundo Kant?

9. **Unesp 2022**

#### Texto 1

A crítica não se opõe ao procedimento dogmático da razão no seu conhecimento puro [...], mas sim ao dogmatismo [...], apoiado em princípios, como os que a razão desde há muito aplica, sem se informar como e com que direito os alcançou. O dogmatismo é, pois, o procedimento dogmático da razão sem uma crítica prévia da sua própria capacidade.

(Immanuel Kant. *Crítica da razão pura*, 2018.)

#### Texto 2

Os questionamentos céticos de Hume abalaram profundamente Kant, que visava empreender uma defesa do racionalismo contra o empirismo cético e acabou por elaborar uma filosofia que caracterizou como racionalismo crítico, pretendendo precisamente superar a dicotomia entre racionalismo e empirismo.

(Danilo Marcondes. *Iniciação à história da filosofia*, 2010. Adaptado.)

Os textos explicitam a noção de “crítica”, que corresponde, na filosofia kantiana,

- à defesa da dúvida metódica.
- à impossibilidade do conhecimento científico.
- ao exame dos limites da compreensão.
- à recusa de elementos transcendentais.
- ao estabelecimento das bases da experimentação.

## BNCC em foco

EM13CHS102

- Quais são as consequências e os limites dos postulados apresentados por Descartes? E suas contribuições para pensar o debate atual sobre Ciência e Filosofia? Filosofia e Ciência ainda possuem alguma relação ou são áreas distintas, cujos saberes possuem ordem de relevância diferentes?



Ética na política, difícil equilíbrio: guiar-se pelas boas intenções ou pelos bons resultados.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

10

## Filosofia Moderna: Ética e Filosofia Política

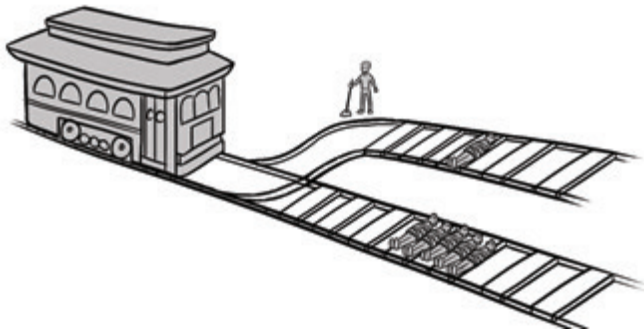
Neste capítulo, veremos como a Filosofia Política contribuiu com reflexões sobre a liberdade, a justiça, os direitos e as leis. Interessa a razão de ser e a legitimidade dos governos, direitos e garantias que devem ser protegidos, além de avaliar os deveres dos cidadãos em relação ao Estado.

Com os utilitaristas e com Kant veremos quais as relações existentes entre sociedade, Estado e moral, além de estudar como a liberdade e a autonomia dos indivíduos impõem limites e possibilidades para uma sociedade justa. Com os contratualistas, veremos a justificação do Estado e a legitimidade das ações do governo.

## Utilitarismo

O utilitarismo é uma teoria moral abrangente e seus princípios são aplicados à estrutura básica da sociedade e à conduta pessoal dos indivíduos. Os principais representantes dessa teoria moral são Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Para Bentham, as ações são boas na medida em que promovem felicidade e más quando produzem sofrimento. Stuart Mill, por outro lado, focou seus esforços não apenas na quantidade, mas na qualidade do prazer.

O utilitarismo afirma que o ato (ação) ou procedimento (regra) moralmente correto é aquele capaz de maximizar a felicidade (ou bem-estar) para os membros da sociedade. Esse princípio da utilidade foi apoiado por uns e rejeitado por outros, revelando que a questão do bem-estar ou da felicidade, por ser um conceito extremamente abrangente, carrega interpretações distintas.



Dilema do trem, A *alavanca*, desenvolvido em 1967 pela filósofa moral britânica Philippa Foot.

Para compreendermos como o utilitarismo explica o que é certo e errado, como devemos agir, vamos considerar um caso de dilema moral. Imagine que você vê um trem desgovernado movendo-se em direção a cinco pessoas amarradas nos trilhos. Caso nada seja feito, elas morrerão. Mas você pode impedir isso acionando uma alavanca que mudaria a rota do trem. Ao puxar a alavanca, o trem segue por um trilho lateral e as cinco pessoas serão salvas. No entanto, nesse trilho lateral há uma pessoa presa que acabará morrendo.

Qual a decisão correta? Não fazer nada e deixar morrer as cinco pessoas ou agir e deixar morrer apenas uma? Independentemente do que considere correto, nesse momento vamos deixar nossas crenças pessoais de lado e analisar essa questão do ponto de vista do utilitarismo. Para o utilitarismo, fazer o certo é fazer aquilo que irá trazer maior felicidade ou bem-estar. Essa regra básica é o princípio de utilidade.

Se na situação hipotética anterior sua ação foi a de mover a alavanca, você agiu bem, dado que sua ação promoveu felicidade ao maior número de pessoas. Ou seja: o utilitarismo é considerado uma teoria consequencialista. No entanto, cabe a pergunta: todas as nossas ações devem ser julgadas por suas consequências? Antes de prosseguir, vamos entender o consequencialismo.

Em filosofia, existem teorias **deontológicas**, cujo fator decisivo é a intenção da ação, e teorias **consequencialistas**, cuja moralidade envolve a preocupação com a consequência da ação. Por esse motivo, sob a perspectiva consequencialista, temos mais questões envolvidas para julgar se as ações praticadas foram corretas ou incorretas, dado que ela envolve o questionamento sobre quem pratica a ação e para quem ou para quantos ela traz benefícios ou sofrimento.

Para os que defendem o utilitarismo, há duas posturas em relação ao consequencialismo. Os **utilitaristas de regras** afirmam que nem sempre devemos julgar as ações apenas por suas consequências em situações particulares, mas devemos estabelecer um conjunto de regras morais a serem seguidas de acordo com o que promoverá a maior felicidade do maior número de pessoas no longo prazo. Já os **utilitaristas de atos** julgam cada ato pelas suas consequências, ou seja, adotam integralmente a perspectiva consequencialista.

### ! Atenção

O termo **consequencialismo** aparece pela primeira vez no século XX, com a obra *Filosofia da moral moderna* (1958), na qual a filósofa analítica inglesa Elizabeth Anscombe (1919-2001) defendeu a tese de que um agente é responsável tanto pelas consequências intencionais de um ato como pelas não intencionais, quando previstas e não evitadas. Portanto, independentemente das intenções, são as consequências, de fato, que deveriam ser levadas em consideração quando se faz juízos sobre o que é correto ou incorreto. Isso fez com que o "utilitarismo", em todas as suas variações, mais precisamente o de Bentham e Mill, fosse tomado como referência para todas as teorias que buscavam sua justificação nas consequências das ações, em contraponto àquelas que buscavam sua justificação em máximas absolutas (deontológicas). No entanto, conforme veremos, o utilitarismo nem sempre possui uma ética puramente consequencialista.

Há filósofos que sustentam a **doutrina do duplo efeito**, que afirma que é moralmente aceitável fazer algo que cause um dano sério para promover algum bem maior se o dano em questão não for uma consequência intencional da ação, mas sim um efeito colateral. O fato de que o dano causado é previsível não importa, mas sim se o agente pretende ou não causá-lo.

Vejamos, agora, como se estruturam os pensamentos de Jeremy Bentham e John Stuart Mill.



National Portrait Gallery, Londres

Jeremy Bentham, de Henry William Pickersgill, 1829. Óleo sobre tela.

Jeremy Bentham foi um filósofo e jurista inglês. Exerceu a advocacia, mas logo passou a se dedicar à filosofia. Inconformado com o sistema jurídico de seu país, dedicou-se a um estudo intenso sobre questões relativas à reforma do sistema de jurisprudência, tanto do Direito Civil como do Penal. Quando esteve na Rússia, iniciou o estudo de uma reforma do sistema penitenciário. Planejou um edifício destinado a ser uma prisão modelo. Defendeu seu projeto durante 25 anos, sem nenhum resultado concreto.

Ao retornar para a Inglaterra, Bentham publicou em 1789 seu trabalho teórico mais importante: *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação* – obra por meio da qual apresenta sua doutrina filosófica denominada utilitarismo. O nome provém da ideia de que a moral teria sido estabelecida com base na verificação, experiência, repetição e utilidade das ações. A intenção era que sua doutrina servisse de base para o Direito Penal.



Estrutura do panóptico para presídios, idealizado por Bentham: torre central permite a vigilância constante dos prisioneiros dispostos em celas, em uma estrutura circular.

O ponto de partida do utilitarismo de Bentham encontra-se na sua crítica à teoria do Direito Natural e no questionamento da própria utilidade dos conceitos e das normas jurídicas, a fim de observar a aplicação prática para o ser humano. Para Bentham, a coisa certa a fazer é maximizar a utilidade, e como utilidade ele define qualquer coisa que produza prazer ou felicidade e que evite dor ou sofrimento. Ele chega a esse princípio por meio da seguinte linha de raciocínio: somos todos governados pelos sentimentos de dor e prazer.

A utilidade não é um princípio apenas para o cidadão comum, mas também para os legisladores. As leis, portanto, devem ser feitas para maximizar a felicidade da comunidade em geral. A comunidade é um corpo fictício e corresponde à soma de indivíduos que a abrange. Ao somarmos todos os benefícios e subtrairmos todos os custos, saberemos qual o caminho feliz é a comunidade. Assim, Bentham conclui que

todo argumento moral deve, implicitamente, inspirar-se na ideia de maximizar a felicidade.

A quantidade de pessoas beneficiadas pelas ações é um objetivo muito importante no utilitarismo de Bentham. Para ele, o princípio da felicidade era uma ciência da moral que poderia servir de base para reformas políticas. Contudo, a ideia de maximizar o bem-estar pode, segundo alguns críticos, fazer com que os seres humanos sejam instrumentalizados, ameaçando a própria dignidade da pessoa humana.

Para muitos, **o utilitarismo não respeita os direitos individuais**. Ao considerar apenas a soma de satisfações, o modelo é cruel com o indivíduo isolado. Os indivíduos têm importância apenas se as preferências de cada um forem consideradas em conjunto. Porém, para os utilitaristas, os números devem ser levados em consideração. A moralidade deve considerar os custos e os benefícios finais de uma ação.

O utilitarismo é uma ciência de moralidade baseada na quantificação. As preferências de todos os envolvidos têm o mesmo peso (valor). Ao tornar equivalentes diferentes valores e interesses, o utilitarismo possibilita a realização de uma análise de custos e benefícios, ou seja, uma avaliação que sustenta, por exemplo, que algumas mortes por conta do cigarro podem ser compensadas pelos impostos pagos ao governo pelas companhias de tabaco.

Para Bentham, os cidadãos devem obedecer às leis do Estado porque essa conduta contribui para a satisfação geral. Nesse sentido, o objetivo central do direito não é o ideal de justiça, mas sim o ideal da segurança, condição social na qual o futuro não é incerto. Dessa forma, a sociedade seria capaz de se organizar e fazer planos, tendo presente o horizonte da segurança, fator que lhe permitiria fazer o cálculo utilitarista de sua medida de felicidade e, com base nele, tomar decisões.

Conforme dito, a aplicação do princípio da utilidade não se mostrou, na prática, ser tão simples, sendo criticado especialmente por:

- não atribuir o devido valor à dignidade humana e aos direitos individuais;
- reduzir tudo o que tem importância moral a uma única escala de prazer e dor.

Para resolver tais impasses, John Stuart Mill reformulará o princípio da utilidade, tornando o utilitarismo uma doutrina mais humana e menos calculista, conforme veremos a seguir.

John Stuart Mill foi filósofo e economista inglês, conhecido pelos trabalhos em filosofia, política, ética, economia política e lógica e, especialmente, por ser um liberal, defensor do utilitarismo. Chegou a ser membro do Parlamento Britânico, eleito em 1865. Sua adesão ao utilitarismo teve influência de seu pai, um seguidor de Bentham e que o incentivou desde cedo a estudar: aprendeu o alfabeto grego aos três anos e aos oito já havia lido obras gregas, como as fábulas de Esopo, toda a obra de Heródoto e seis diálogos de Platão, além de muitos livros sobre a história da Inglaterra.



John Stuart Mill, de George Frederic Watts, 1873. Óleo sobre tela. Stuart Mill é considerado uma das figuras mais importantes na história do liberalismo e na concepção de liberdade e dos direitos individuais.

As duas principais obras de John Stuart Mill são *A liberdade* (1859) e *Utilitarismo* (1861). Mill era defensor da liberdade individual: as pessoas devem ser livres para fazer o que quiserem, contanto que não façam mal aos outros. Os únicos atos pelos quais uma pessoa deve explicações à sociedade são aqueles que atingem os demais, cabendo ao governo interferir somente na liberdade dos indivíduos quanto à prevenção de danos a terceiros.

Stuart Mill argumenta que a liberdade e a espontaneidade humanas são fundamentais para o bem-estar do indivíduo, ideia central para defender o **princípio da individualidade**: um meio muito eficaz para reparar as inconsistências do princípio clássico da utilidade. Nesse sentido, ele não admite que a utilidade esteja reduzida à maximização do prazer e da dor. Para ele, é importante o **desenvolvimento de si**, mostrando que a concepção de felicidade e bem-estar pode englobar outras questões e, ainda assim, ser fiel ao utilitarismo.

Para Mill, embora a **virtude** seja desejável por sua associação com prazer e ausência de dor, o que é relevante é que a virtude é promotora em si do prazer. Nesse sentido, não há contradição entre o princípio da utilidade e o princípio da liberdade. Para Mill, a individualidade conta mais pelo que ela significa do que pelo prazer que ela proporciona, o que provoca um afastamento em relação a Bentham.

**Virtude:** qualidade daquilo que é considerado correto e desejável, seja do ponto de vista moral, religioso ou do comportamento social. Considera-se que alguém com virtudes é digno, ou seja, está em conformidade com o bem, com a moral ou com a conduta esperada.

Em sua obra *Utilitarismo*, Mill mostra a distinção entre os prazeres mais elevados e os menos elevados.

Assim como Bentham, ele tinha uma perspectiva **hedonista** de felicidade, ou seja, ela consiste no prazer e na ausência de dor. O prazer, por sua vez, pode ser mais ou menos intenso e mais ou menos duradouro. A novidade do pensamento de Mill está em dizer que há prazeres superiores e inferiores, o que significa que alguns prazeres são melhores do que outros.

**Hedonismo:** refere-se àquele que considera o prazer um bem supremo. Há no utilitarismo um aspecto hedonista, pelo modo como define felicidade. O hedonismo tem raízes antigas na filosofia, desde Epicuro. Os hedonistas associam a felicidade ao prazer, que, para eles, é o único referencial de bem.

### ! Atenção

Não confunda hedonismo no sentido atribuído pelo senso comum com o sentido assumido pela filosofia. No senso comum, o hedonismo é um estilo de vida que busca o prazer a qualquer custo, o que leva a exageros e riscos. Na filosofia, que é o sentido do texto, o hedonismo é uma linha ética que privilegia o prazer (ou a felicidade), da qual o utilitarismo e o epicurismo fazem parte.

Para Bentham, a intensidade e a duração do prazer e da dor eram o único critério para avaliar a qualidade de uma experiência. Assim, todos os valores podem ser mensurados e comparados em uma mesma escala, conforme vimos anteriormente. Para Mill, existem valores superiores (por exemplo, prazeres intelectuais) e valores inferiores (como fazer sexo e comer). Essa distinção deve ser levada em consideração, pois mostra que a felicidade não é a mera satisfação de necessidades.

Uma pessoa cujos prazeres são limitados aos apetites físicos pode estar mais satisfeita do que uma pessoa que valoriza prazeres elevados, mas jamais será uma pessoa feliz. Inversamente, uma pessoa capaz de apreciar prazeres de qualidades superiores não estará necessariamente satisfeita, mas sem dúvida será mais feliz.

## Ética deontológica

Vejam, agora, a reflexão moral desenvolvida por Immanuel Kant, conhecida como **ética deontológica**. O principal objetivo desse filósofo é formular o princípio que sustenta todo e qualquer juízo moral. Para tanto, Kant toma como ponto de partida a suposição de que a moralidade é uma condição para a busca da felicidade, e não o contrário. A moralidade não está baseada na avaliação dos efeitos de uma ação moral, e sim em suas intenções. Por esses motivos, Kant foi um crítico do utilitarismo.



Museu da Cidade de Königsberg, Alemanha

Immanuel Kant, de Gottlieb Doebler, 1791. Óleo sobre tela.

A moralidade não pode ser baseada em considerações empíricas: nos interesses, nas vontades, nos desejos e nas preferências, que são, por si mesmos, circunstanciais e variáveis. O fato de uma maioria concordar com uma determinada lei, por exemplo, não faz dela uma lei justa. Para Kant, a base de um princípio moral deve ser a sua universalidade, assim como vemos no caso dos direitos humanos.

É verdade que, de acordo com Kant, Bentham tinha razão apenas quando afirmou que gostamos de prazer e evitamos a dor, mas considerava equivocado concluir que prazer e dor são nossos mestres soberanos. A razão pode ser soberana e, quando comanda nossa vontade, não nos orientamos apenas pelo desejo de prazer ou de recusa à dor. Nossa razão nos leva a ser livres e nos transforma em criaturas para além dos apetites.

A liberdade é um componente fundamental da moralidade kantiana. Para Kant, a liberdade em nada tem a ver com a busca da satisfação dos desejos, pois agindo assim somos escravos de nossos apetites. A liberdade de agir tem a ver com autonomia, quando imponho leis a mim mesmo. Dessa forma, o sujeito livre é aquele que é capaz de agir independentemente das causas exteriores, ou seja, quando sua razão é autônoma.

Agir livre e com autonomia não é escolher as melhores formas para atingir determinado fim, e sim escolher o fim em si mesmo. Para Kant, respeitar a dignidade humana exige tratar as pessoas como fins em si mesmas. Desse modo, a moral utilitarista é amoral, pois está baseada em um critério que toma as pessoas como instrumentos ou meios para atingir o bem-estar geral.

Na moral kantiana, o valor de uma ação moral não consiste em suas consequências, e sim em sua intenção. Essa intenção deve ser revestida de boa vontade, pois ela demonstra a pureza da intenção. Desse modo, ainda que não consiga realizar suas intenções, a ação moral continuará sendo reconhecida por seu valor. O critério de moralidade está, portanto, na sua forma (intenção), e não em seu conteúdo (os fins alcançados ou as consequências atingidas).

A moralidade não se baseia na experiência, pois os atos morais dependem da intenção do agente, orientada pela boa vontade em função do dever. A razão ordena a agir de acordo com a lei moral, independentemente dos dados da experiência. O princípio supremo que orienta nossas obrigações é o seguinte:

Age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei universal.

O objetivo da obra *Os fundamentos da metafísica dos costumes* foi de encontrar esse princípio, mas, para chegar a ele, Kant buscou relacionar os três conceitos que já vimos antes: moralidade, liberdade e razão, os quais ele foi explicando por meio de **antagonismos** ou dualismos. Eis os principais contrastes:

**Antagonismo:** refere-se à oposição de ideias ou pontos de vista, por vezes incompatíveis, e à manifestação de princípios que são contrários, levando ao dualismo. Diz-se que algo é dual quando é possível coexistirem duas coisas que se opõem (antagônicas).

Premissas para formulação do princípio supremo de moralidade		
<b>Contraste 1: Moralidade</b>	Dever × Inclinação	Só o dever (intenção) tem valor moral
<b>Contraste 2: Liberdade</b>	Autonomia × Heteronomia	Só a (autônoma) vontade tem valor moral
<b>Contraste 3: Razão</b>	Imperativos categóricos × Imperativos hipotéticos	Só os imperativos categóricos têm valor moral
<b>Contraste 4: Pontos de vista</b>	Domínio inteligível × Domínio sensível	Só no domínio inteligível há moralidade

Adaptado de: SANDEL, Michael. *O que é fazer a coisa certa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 149.

Os dois primeiros contrastes já foram verificados. Vejamos o terceiro. A razão, para Kant, pode agir para além da busca da satisfação de desejos por meio da razão prática pura. Para ele, é essa razão que tem a ver com a moralidade, pois cria suas leis *a priori*, a despeito dos objetivos empíricos. Como a razão pode fazer isso? Aqui está o terceiro contraste: a razão pode comandar a vontade com dois tipos diferentes de imperativos: o **imperativo hipotético**, sempre condicional, e o **imperativo categórico**, sempre incondicional.

De acordo com o imperativo categórico, os indivíduos devem agir em conformidade com aquilo que gostariam de ver como lei universal. O que tem de positivo na ação empreendida por meio de um imperativo categórico é a intenção, quaisquer que sejam as consequências. Fica agora evidente a relação entre aqueles três contrastes paralelos: moralidade, liberdade e razão. Para ser livre no sentido de ser autônomo, é preciso que eu aja a partir de um imperativo categórico, garantindo a moralidade da minha ação racional.

O imperativo categórico aparece na forma de uma lei prática (obrigação) que detém o comando absoluto, sem quaisquer outros motivos, como nossas inclinações. Por isso, a necessidade de uma moral, sob a forma constrangedora de um dever. Para obedecer às leis morais sem sofrer influência do mundo sensível, o ser humano deve se reconhecer como membro do mundo inteligível, adotando o ponto de vista da razão (contraste 4). São duas as perspectivas de agir, tendo elas leis diferentes para comandar nossos atos.

Enquanto ser natural, pertencço ao mundo sensível e as leis que determinam minhas ações são as leis da natureza e as regularidades de causa e efeito. No mundo inteligível ou moral, independo das leis da natureza e, sendo autônomo, sou capaz de agir de acordo com leis que decreto para mim mesmo.

Se todos agem do mesmo modo, os demais princípios derivados não entram em contradição. Mas, se uma máxima contiver uma mentira, ela é moralmente errada por suas intenções, uma vez que supõe a satisfação de desejos pessoais. O teste da universalização serve para realizarmos um questionamento moral, ou seja, para verificar se o que estamos a ponto de fazer coloca nossos interesses e nossas circunstâncias especiais acima das de qualquer outra pessoa.

Outra versão da máxima seria: “Age de tal modo que uses a humanidade tanto na tua pessoa quanto na pessoa de qualquer outro sempre como fim, e nunca como meio”. Essa segunda formulação dá mais clareza à força moral do imperativo: a humanidade tem valor absoluto com um fim em si mesmo, diferença fundamental entre pessoas e coisas. Pessoas são seres racionais. Não têm apenas valor relativo, mas muito mais: valor absoluto, valor intrínseco, ou seja, dignidade.

Finalmente, a versão da máxima “Age de tal modo que tua vontade possa encarar-se a si mesmo como um legislador universal” mostra que esse imperativo categórico diz respeito à relação entre moralidade e liberdade. Dever e autonomia caminham juntos quando o ser humano é, ao mesmo tempo, autor e ator obediente à lei. A lei moral não depende dos indivíduos, mas depende da capacidade de nos enxergar como humanidade.

A moralidade kantiana é independente da perspectiva subjetiva em que se dá todo o conhecimento humano, ou seja, a moralidade, embora possa ser pensada, não é um fenômeno, mas um **númeno**, isto é, um objeto em si mesmo e, portanto, incognoscível. Por esse motivo, apesar de todo o seu poder de conhecimento e discernimento, a ciência não pode se ocupar de questões morais, pois investiga o campo do sensível, do fenômeno, e a moralidade não é elaborada com base em dados empíricos.

**Númeno:** na filosofia de Kant, corresponde à “coisa em si” ou ao real tal como existe em si mesmo.

Em relação à justiça, Kant não escreveu um trabalho importante sobre teoria política, mas a concepção de moralidade e liberdade que emerge de seus escritos sobre ética apresenta importantes implicações a respeito do tema. Ao repudiar o utilitarismo, pode-se dizer que uma teoria de justiça derivada de seu pensamento fundamenta-se em um contrato social.

Os filósofos contratualistas argumentam que o governo legítimo se fundamenta em um contrato social entre homens e mulheres que, em uma determinada ocasião, decidem entre si quais princípios deverão governar a vida coletiva. Estudaremos três contratualistas: Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau.

## Contratualismo

Thomas Hobbes (1588-1679) foi filósofo, matemático e fez incursões na física. Apesar da origem humilde, teve rica formação acadêmica, com sólidos conhecimentos em latim e grego. Na construção da sua ideia de natureza humana, Hobbes inspirou-se nas noções de corpo e movimento, presentes na física de Galileu e Descartes. A partir

daí, construiu uma teoria da percepção, das paixões e dos costumes que foi a base para sua teoria política, em que distingue a passagem dos homens de um estado de natureza para um estado político. Sua principal obra é *Leviatã ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil*, de 1651.



Thomas Hobbes, de John Michael Wright, 1866. Óleo sobre tela.

National Portrait Gallery, Londres

### Saiba mais



A destruição de Leviatã, de Gustave Doré, 1865. Gravura.

The Dore Bible/Coleção Particular

A primeira definição de Leviatã aparece no Antigo Testamento e corresponde a um monstro sob a forma de crocodilo. Já sua primeira imagem aparece no *Livro de Jó*, capítulo 41, como o maior e mais poderoso dos monstros aquáticos. Sua descrição é breve e foi considerada pela Igreja Católica, na Idade Média, como o demônio do quinto pecado capital, a Inveja.

Para Hobbes, a guerra de todos contra todos somente poderia acabar com um governo central na forma de monstro que concentraria todo o poder em torno de si, ordenando todas as decisões da sociedade.



Hobbes é considerado o pai do conceito de Estado moderno norteado por três ideias principais: a **soberania** do Estado; a função reguladora da vida econômica pelo Estado e o poder representativo da vontade geral dos cidadãos.

**Soberania:** conceito que expressa a superioridade de alguém ou de uma instituição derivada de autoridade, domínio e poder.

Hobbes tem uma visão negativa do homem. No estado de natureza, o homem é o lobo do homem: violento e egoísta, encontra-se em uma condição de **guerra de todos contra todos**. A ideia de guerra advém das paixões humanas, de como agimos para satisfazer nossos interesses e objetivos. Embora as paixões sejam diferentes, todos os homens apresentam igualmente disposição de lutar para realizá-las.

Hobbes se opunha à visão de Aristóteles, para quem “os homens são, por natureza, animais políticos”. De acordo com Hobbes, a política é um contrato voluntário que atribui estabilidade e realidade jurídica às instituições criadas. Tal visão foi muito criticada à época, pois sustentava que a política não é da ordem natural, mas voluntariamente instituída pelos homens. Somente com a figura do Estado é possível sair desse estado de natureza, no qual reinam apenas os interesses particulares.

Por meio do contrato, os homens se comprometem reciprocamente a submeter suas vontades à vontade de um único homem ou de uma assembleia de homens, que passa a ter poder para decidir acerca de todos os assuntos concernentes à paz. Por meio dele, os homens obedecem ao Estado na forma de um dever, o que ficou conhecido como **contratualismo**. Na modernidade, esse conceito resurgiu junto ao conceito de **jusnaturalismo**.

**Jusnaturalismo:** corresponde à ideia de direito natural, ou seja, todos os princípios, normas e direitos que se têm como ideia universal e imutável de justiça, independentemente da vontade humana.

O medo da guerra constante obriga os homens a saírem do estado de natureza e a fundar um estado social que, invariavelmente, precisa instituir um detentor único do poder. Por meio do contrato, nasce o Estado, que detém o monopólio da força e, por outro lado, os súditos, indivíduos que a esse poder se sujeitam, reconhecendo sua autoridade política.

O soberano herda os direitos de todos porque esse é o desejo de todos. Sendo o medo maior que a vaidade, homens concordam em transferir seus poderes a um soberano. O contrato social instituindo o Estado era condição para a paz, mas por si só não evitava as guerras civis, por isso a necessidade de submissão da própria vontade à de um único homem ou à de uma instituição.

Hobbes não fez apenas uma interpretação filosófica dos problemas concretos que vivia, mas produziu uma teoria política e jurídica que ressaltava que o absolutismo, necessário e justificável, não derivava de um direito divino, mas sim do pacto social, e que a existência do Direito, ou seja, das leis civis, estava diretamente vinculada à existência do Estado.

Do ponto de vista da forma jurídica da soberania, qualquer uso que o Estado faça de seu poder é legítimo, pois foi previamente autorizado pelo acordo entre os homens. Mas do ponto de vista do exercício de sua soberania, em função da finalidade para a qual foi instituído, o governo só pode justificar suas ações na medida em que elas contribuam para fomentar a paz e a obediência civil.



Retrato de John Locke, de Godfrey Kneller, 1697. Óleo sobre tela.

Vejam agora outro contratualista. John Locke (1632-1704) é conhecido como o pai do liberalismo político, sendo um precursor da democracia liberal ao atribuir importância à liberdade e à tolerância religiosa e ao denunciar os abusos do absolutismo. Foi no contexto da **Revolução Gloriosa Inglesa**, quando Locke esteve exilado na Holanda, entre 1682 e 1688, que ele desenvolveu suas reflexões sobre a natureza do poder. Mas somente em 1689, com Guilherme de Orange no trono, publicou *Dois tratados sobre o governo civil* e *Carta sobre a tolerância*.

Para Locke, os homens exercem uma liberdade fundamental e igualdade entre todos durante o estado de natureza. Não há insegurança e violência, apenas paz e harmonia. O homem era naturalmente livre e proprietário de sua pessoa e de seu trabalho. Cada um, ao trabalhar sobre a matéria bruta, tornou-a sua propriedade privada, estabelecendo sobre ela direito próprio e excluindo todos os demais homens de usufruí-lo. Para Locke, o trabalho era o fundamento da propriedade. Com o surgimento do dinheiro, tornou-se possível a concentração de riqueza e a distribuição desigual dos bens entre os homens.

Apesar das relações pacíficas entre os homens em estado de natureza, Locke admite que pode haver inconvenientes, como a violação da propriedade (vida, liberdade e bens). Dado que cada um é um juiz da aplicação da lei natural e, ao mesmo tempo, parte interessada, então a desordem pode surgir. Por isso a necessidade de se criar a instituição do Estado por meio do contrato social. Os homens entram em sociedade por precisarem de um juiz imparcial para decidir sobre os conflitos e de um poder para executar uma decisão tomada. É justamente o poder legislativo que distingue a sociedade civil do estado de natureza.

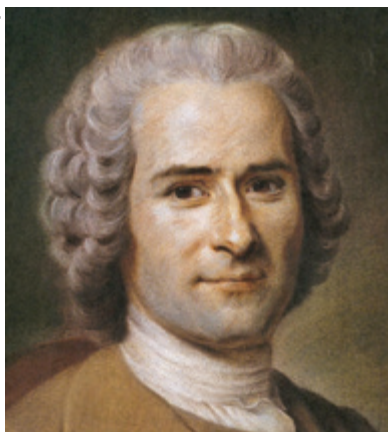
Museu Hermitage, São Petersburgo

Na teoria de Locke, o contrato supõe um consentimento que pode ser de dois tipos: expresso ou tácito. A teoria do consentimento explica a fundação pacífica dos governos, mas também considera os casos em que governos se sustentam com base na violência ou na conquista. Na concepção de Locke, qualquer que fosse a forma de governo, este não poderia ter outra finalidade que não a de conservar os direitos naturais. Após definida a forma de governo, caberia à maioria escolher o Poder Legislativo, conferindo-lhe superioridade aos demais poderes. Locke denomina o Poder Legislativo de poder supremo.

Não há garantias, contudo, de que o governo exerça corretamente o poder. A violação deliberada e sistemática dos direitos naturais (vida, liberdade e propriedades) e o uso contínuo da força colocam o governo em estado de guerra contra a sociedade e os governantes em rebelião contra os governados, conferindo ao povo o legítimo direito a resistência à opressão e à tirania. Locke reconhece que, nessa situação, o direito do povo a resistir é legítimo.

O terceiro contratualista de relevância na filosofia é Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos principais pensadores do Iluminismo. Filho de relojoeiro, Rousseau nasceu em Genebra e teve uma vida humilde; mais tarde, mudou-se para Paris. De modo inovador, defendeu ideias polêmicas. Ao expor suas ideias políticas, o pensador começou a ser perseguido na França. Por outro lado, essas mesmas ideias foram incorporadas ao pensamento iluminista da época, tornando-se orientadoras para as revoluções que estavam por vir.

Museu de Arte e História de Genebra, Suíça



Retrato de Jean-Jacques Rousseau, de Maurice Quentin de Latour, 1753. Pastel sobre papel.

Vamos nos concentrar, principalmente, em duas obras de Rousseau: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1754) e *Do contrato social* (1762). Nesta última, Rousseau apresenta a seguinte ideia: “o homem nasce livre e, por toda parte, encontra-se acorrentado. Aquele que mais acredita ser o senhor dos outros não deixa de ser mais escravo do que eles”.

De acordo com Rousseau, o ser humano, em estado de natureza, isto é, antes da instituição da sociedade, seria o “**bom selvagem**”. Um ser sem tendência ao mal e propenso ao coletivismo e à harmonia com seu meio. No entanto, a instituição da **propriedade privada** seria a semente de todos os males sociais, pois iniciou a origem da desigualdade

entre os homens. Com a demarcação de território, surgiu a necessidade de um sistema de leis para proteger a propriedade. Isso distanciou o indivíduo de suas virtudes naturais.



nikolay 00/Shutterstock.com

O homem nasce livre, mas vive prisioneiro de suas próprias criações em sociedade.

A passagem do estado de natureza para o estado de sociedade por meio do contrato social representou uma traição entre os seres humanos, pois não foi benéfica para melhorar a vida dos menos favorecidos. Segundo Rousseau, era necessário, então, firmar **um novo pacto**, por meio do qual os homens, depois de terem perdido sua liberdade natural, ganhassem, em troca, a liberdade civil. Um pacto em que ninguém deve sair prejudicado.

O ato fundador do povo, o pacto social, é uma convenção decorrente de uma decisão livre e racional, reveladora de uma vontade comum. A vontade geral é a vontade de cada um dos membros participantes do contrato enquanto interesse comum. Seu objeto é o todo, e não um indivíduo ou grupo, por isso é imune ao despotismo ou à tirania.

Na visão de Rousseau, a instituição parlamentar era um engodo e afastava ainda mais o povo do exercício da soberania. Para ele, a partir do momento que os representantes são eleitos, o povo deixa de ser livre, já que aqueles podem decidir em causa própria. Desse modo, Rousseau conclui que o bom governo, para expressar essa vontade soberana, é a democracia direta.

#### Saiba mais

As reflexões de Rousseau na obra *Do contrato social* permitem ao leitor uma alfabetização na terminologia política. Do ponto de vista da teoria política, a palavra “comunidade” pode estar se referindo à cidade, à república ou ao corpo político. Há ainda uma designação afetiva, que é o termo “pátria”. Do ponto de vista dos que participam dessa comunidade, esta pode ser chamada de “Estado”, “soberano” ou “potência”. “Estado” quando é passivo, “soberano” quando é ativo e “potência” quando comparada a seus semelhantes. Finalmente, quando consideramos comunidade, do ponto de vista dos associados, dizemos: “povo”, “cidadãos” ou “súditos”.

Em suma, para Rousseau, uma república é o corpo político no qual o soberano é o povo. Mas o que é o povo? Na visão do autor, é o conjunto de cidadãos designados enquanto formam uma comunidade. Na acepção rigorosa do termo, cidadão é aquele que produz a vontade coletiva, mediante sua atuação na produção das leis. Da formação dessa vontade coletiva devem participar, com voz e voto, todos os associados.

Em sua concepção de contrato social, o governo não se confunde com o soberano, ou seja, com o Estado. Os governantes serão instituídos por determinação do soberano, ou seja, por um ato de livre escolha dos cidadãos reunidos.

Castelo de Malmaison, França



Uma noite no salão da Madame Geoffrin, de Anicet-Charles Lemonnier, 1812. Óleo sobre tela.

Durante o século XVIII, assim como Rousseau, diversos pensadores iluministas questionaram o poder dos reis e da Igreja católica e fizeram propostas para uma nova organização social. Esses pensadores influenciaram revoluções e também moldaram a economia e a política dos séculos seguintes.

O Iluminismo foi a corrente ideológica predominante entre as elites europeias do século XVIII. Seus pensadores viam no pensamento racional o caminho para todo o progresso humano, começando pelo recente progresso científico feito do século anterior, realizado por pensadores como Newton e Descartes. Por meio da razão, uma sociedade poderia ser justa e dar as mesmas condições de vida a todos os seus membros.

A circulação dessas ideias influenciou importantes movimentos de revolta contra a monarquia: a Guerra de Independência das Treze Colônias, que tornou os Estados Unidos um país independente em 1776, a Revolução Francesa, a partir de 1789; e a Conjuração Mineira, em 1792, e a Conjuração Baiana (1798-1799), no Brasil, que, ao contrário dos outros dois movimentos, fracassou.

## Revisando

**1. UEM-PR 2018** O assunto deste ensaio não é assim a chamada Liberdade da Vontade, tão desgraçadamente oposta à doutrina erroneamente intitulada Necessidade Filosófica, mas a Liberdade Civil ou Social: a natureza e os limites do poder que pode ser legitimamente exercido pela sociedade sobre o indivíduo. Uma questão raramente colocada, e mesmo dificilmente discutida, em termos gerais, mas que influencia profundamente as controvérsias práticas contemporâneas pela sua presença latente e que provavelmente logo se fará reconhecida como a questão vital do futuro. Ela está tão longe de ser nova que, num certo sentido, dividiu a humanidade desde as eras mais remotas; mas no estágio de progresso no qual as parcelas mais civilizadas da espécie agora entraram, ela se apresenta sob novas condições e exige um tratamento diferente e mais fundamental.

(MILL, J. S. "Sobre a liberdade". In: WEFFORT, F. *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática, p. 200).

A partir do texto acima e de seus conhecimentos acerca do liberalismo, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- 01** A liberdade civil ou social, para John Stuart Mill, não pode se opor à liberdade da vontade dos indivíduos.
- 02** A liberdade dos indivíduos, para John Stuart Mill, é algo que possibilitará ao homem alcançar a felicidade em sociedade.
- 04** Democracia e liberdades cívicas não ocupam um lugar de destaque no liberalismo de John Stuart Mill.
- 08** Transformações políticas e econômicas da Inglaterra no tempo de John Stuart Mill são fundamentais para o desenvolvimento de suas posições políticas e filosóficas.
- 16** O indivíduo existe para o grupo social, de modo que suas ações devem espelhar o grupo do qual participa.

Soma:

**2. Enem 2013** O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser, de celas. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor. A moral reformada; a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó górdio da Lei sobre os Pobres não cortado, mas desfeito – tudo por uma simples ideia de arquitetura!

BENTHAM, J. *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Essa é a proposta de um sistema conhecido como panóptico, um modelo que mostra o poder da disciplina nas sociedades contemporâneas, exercido preferencialmente por mecanismos

- a)** religiosos, que se constituem como um olho divino controlador que tudo vê.
- b)** ideológicos, que estabelecem limites pela alienação, impedindo a visão da dominação sofrida.
- c)** repressivos, que perpetuam as relações de dominação entre os homens por meio da tortura física.
- d)** sutis, que adestram os corpos no espaço-tempo por meio do olhar como instrumento de controle.
- e)** consensuais, que pactuam acordos com base na compreensão dos benefícios gerais de se ter as próprias ações controladas.

**3. UFSC 2019** Sobre a relação do ser humano com o meio ambiente e a ética kantiana, é correto afirmar que:

- 01** a economia de mercado vem, nas últimas décadas, afastando a humanidade de um colapso ambiental global porque propõe o pensamento político, econômico e, sobretudo, social voltado ao respeito à natureza.

- 02** sendo Kant um defensor da lei moral, ele não concordaria com a ação de empresas que poluem o meio ambiente visando ao lucro desordenado.
- 04** a ética kantiana é utilitarista, deste modo Kant não apoiaria os princípios da agricultura sustentável, pois a maximização dos lucros deve ser o maior bem.
- 08** para Kant, devemos pensar e agir de tal modo que todas as nossas ações se transformem em lei universal; assim, o uso indiscriminado de agrotóxicos pelas indústrias alimentícias não está de acordo com o imperativo categórico de Kant.
- 16** uma característica marcante do capitalismo é o seu desenvolvimento por igual no tempo e no espaço, fato que possibilitou a defesa intransigente do meio ambiente ao longo da sua história.
- 32** na ética kantiana, a mentira só é admitida em situações muito específicas; desse modo, se as empresas mentem quanto aos danos que causam ao meio ambiente para gerar emprego e movimentar a economia, essas mentiras devem ser aceitas porque auxiliam as pessoas a ter emprego e renda.
- 64** após a Segunda Guerra Mundial, a questão ambiental emergiu como importante movimento social que se refletiu em mudanças na visão do mundo, pois percebeu-se que os recursos naturais são finitos e que seu uso incorreto pode representar o seu fim, surgindo, dessa forma, a consciência ambiental.

Soma:

**4. UEPG-PR 2021** Sobre o olhar kantiano acerca da ação moral, assinale o que for correto.

- 01** A ação moral deve ser praticada baseada no imperativo hipotético.
- 02** A ação moral deve basear-se em princípios que consideram a humanidade sempre como um meio.
- 04** A responsabilidade de uma ação moral só faz sentido se a racionalidade e a livre escolha forem assumidas.
- 08** A ação moral deve ser praticada pelo dever e não pelo interesse.

Soma:

**5. UEM-PR 2018** Considere os trechos selecionados abaixo.

**Texto 1**

Todavia, mais do que para qualquer outro animal, é natural para o ser humano ser um animal social e político, ou seja, viver junto a muitos, como o demonstra a necessidade natural. Com efeito, no caso dos demais animais, a natureza preparou-lhes a comida; como vestimenta, proveu-os de pelos; [...]. Mas a natureza não dotou o ser humano dessas coisas. Ao invés disso, foi-lhe dada a razão que o habilita a preparar tudo isso com suas mãos. Porém, como um único ser humano não é suficiente para fazer todas essas coisas, então um ser humano sozinho não pode levar, de maneira suficiente, sua vida. Logo, é natural ao ser humano que ele viva em sociedade junto a muitos.

TOMÁS DE AQUINO. A realeza: dedicado ao rei de Chipre. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: Seed, 2009, p. 667.

**Texto 2**

[...] durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra, e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. Pois a guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida.

HOBBS, T. *Leviatã*, São Paulo: Abril, 1988, p. 54.

A partir dos textos acima e de teses do pensamento político de Tomás de Aquino e de Thomas Hobbes, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01** A cidade, para Tomás de Aquino, é forma superior de organização natural e visa ao bem viver do homem.
- 02** Hobbes não considera que haja uma disposição natural à socialização dos homens, sendo necessária a intervenção artificial para congregá-los em sociedade.
- 04** Para Tomás de Aquino, não é possível pensar a noção de autoridade como meio de alcançar o bem comum para todos aqueles que vivem em sociedade.
- 08** Para Hobbes, a autoridade coercitiva do Estado é o único meio de assegurar a boa convivência em sociedade.
- 16** O pensamento político de Tomás de Aquino tem origem comunitária, e o de Hobbes, origem individualista.

Soma:

- 6. UFU-MG 2017** Em uma situação hipotética da saída dos homens do estado de natureza, o pacto social, firmado por um grupo de indivíduos, implica a renúncia ao direito individual absoluto, o qual será transferido para um soberano encarregado de promover a paz, e que merecerá desse grupo a obediência total – salvo na situação em que esse soberano se tornar impotente para a manutenção da paz e da prosperidade. Essas afirmações estão contidas no pensamento político de um filósofo contratualista moderno. Assinale a alternativa que nomeia o filósofo em questão.
- a) Jean-Jacques Rousseau.
- b) Jean Bodin.
- c) John Locke.
- d) Thomas Hobbes.

- 7. Unesp 2015** Numa decisão para lá de polêmica, o juiz federal Eugênio Rosa de Araújo, da 17ª Vara Federal do Rio, indeferiu pedido do Ministério Público para que fossem retirados da rede vídeos tidos como ofensivos à umbanda e ao candomblé. No despacho, o magistrado afirmou que esses sistemas de crenças “não contêm os traços necessários de uma religião” por não terem um texto-base, uma estrutura hierárquica nem “um Deus a ser venerado”. Para mim, esse é um belo caso de conclusão certa pelas razões erradas. Creio que o juiz agiu bem ao não censurar os filmes, mas meteu os pés pelas

mãos ao justificar a decisão. Ao contrário do Ministério Público, não penso que religiões devam ser imunes à crítica. Se algum evangélico julga que o candomblé está associado ao diabo, deve ter a liberdade de dizê-lo. Como não podemos nem sequer estabelecer se Deus e o demônio existem, o mais lógico é que preva- leça a liberdade de dizer qualquer coisa.

(SCHWARTSMAN, Hélio. "O candomblé e o tinho".  
Folha de S.Paulo, 20.05.2014. Adaptado.)

O núcleo filosófico da argumentação do autor do texto é de natureza

- a) liberal.
- b) marxista.
- c) totalitária.
- d) teológica.
- e) anarquista.

8. **UEM-PR 2017** A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhe faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até aí levando em consideração apenas sua pessoa, vê-se forçado a agir baseando-se em outros princípios e a consultar a razão antes de ouvir suas inclinações. Embora nesse estado se prive de muitas vantagens que frui na natureza, ganha outras de igual monta: suas faculdades se exercem e se desenvolvem, suas ideias se alargam, seus sentimentos se enobrecem, toda a sua alma se eleva a tal ponto, que, se os abusos dessa nova condição não o degradassem frequentemente a uma condição inferior àquela donde saiu, deveria sem cessar bendizer o instante feliz que dela o arrancou para sempre e fez, de um animal estúpido e limitado, um ser inteligente e um homem.

(ROUSSEAU, J.-J. *Do contrato social*.  
São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 36.)

A partir do excerto acima, assinale o que for **correto**.

- 01 A moral e a razão são produtos da vida social do homem, no sentido de seu completo desenvolvimento.
- 02 O estado de natureza representa a condição do homem natural em sua essência espiritual e biológica de simples indivíduo.
- 04 O uso das faculdades racionais representa um benefício para o homem, desde que utilizadas de forma correta.
- 08 O pacto social significa o retorno ao momento originário em que o homem apresentava suas capacidades instintivas, pulsionais e naturais.

- 16 Os sentimentos nobres representam o desenvolvimento espiritual do homem em sociedade, ou seja, levam em conta as regras e os padrões sociais do comportamento.

Soma:

9. **PUC-PR 2017** Na abertura do "Discurso sobre a Origem e os fundamentos da Desigualdade entre os Homens", Rousseau, dirigindo-se aos soberanos, senhores de Genebra, diz considerar-se um felizardo. Por quê?

Assinale a alternativa **correta**.

- a) Por haver nascido entre vós e poder meditar sobre a igualdade que a natureza instalou entre os homens e sobre a desigualdade de que eles instituíram.
- b) Por haver nascido na floresta e haver vivido como um animal selvagem.
- c) Por perceber que na República de Genebra reinava uma igualdade natural e política entre os homens.
- d) Por crer que Deus é o autor da desigualdade entre os homens.
- e) Por acreditar que só os animais irracionais conseguem viver plenamente a igualdade entre eles.

10. **UFU-MG 2018** Com relação à noção de estado de natureza, que é o estado em que os seres humanos se achavam antes da formação da sociedade, podem-se identificar, na filosofia política moderna, três tendências:

- 1. Os seres humanos são naturalmente egoístas e, no estado de natureza, se achavam numa guerra de todos contra todos daí que, por medo uns dos outros, aceitam renunciar à liberdade e constituir um Soberano, o Estado, que garanta a paz.
- 2. Não é por medo uns dos outros, e sim para garantir o direito à propriedade e à segurança que os seres humanos consentem em criar uma autoridade que possa tornar isso possível.
- 3. No estado de natureza, os seres humanos eram felizes e foi o advento da propriedade privada e da sociedade civil que tornou alguns escravos de outros.

Podem-se atribuir essas três concepções, respectivamente, a

- a) Hobbes, Rousseau e Maquiavel.
- b) Hobbes, Locke e Rousseau.
- c) Maquiavel, Hobbes e Locke.
- d) Rousseau, Maquiavel e Locke.

## Exercícios propostos

1. **UEM-PR 2019** A respeito do utilitarismo ético proveniente dos filósofos Jeremy Bentham e John Stuart Mill, assinale o que for **correto**.
- 01 O utilitarismo surgiu na Inglaterra no século XIX, onde florescia o capitalismo industrial.
  - 02 O utilitarismo é uma versão moderna dos pensamentos cirenaico e epicurista.
  - 04 A finalidade da ação humana é produzir a felicidade pelo prazer e pela ausência de dor.
  - 08 A felicidade em si mesma não é nada; o que conta é o conjunto dos prazeres ou a ausência de dor.
  - 16 O utilitarismo ético é uma das formas das teorias deontológicas.

Soma:

## 2. Enem 2019

### Texto I

Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre crescentes: o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim.

KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, s/d (adaptado).

### Texto II

Duas coisas admiro: a dura lei cobrindo-me e o estrelado céu dentro de mim.

FONTELA, O. Kant (relido). In: *Poesia completa*. São Paulo: Hedra, 2015.

A releitura realizada pela poeta inverte as seguintes ideias centrais do pensamento kantiano:

- Possibilidade da liberdade e obrigação da ação.
  - A prioridade do juízo e importância da natureza.
  - Necessidade da boa vontade e crítica da metafísica.
  - Prescindibilidade do empírico e autoridade da razão.
  - Interioridade da norma e fenomenalidade do mundo.
3. **UFPR 2019** É tão cômodo ser menor. Posuo um livro que faz as vezes de meu entendimento; um guru espiritual, que faz as vezes de minha consciência; um médico, que decide por mim a dieta etc.; assim não preciso eu mesmo despender nenhum esforço. Não preciso necessariamente pensar, se posso apenas pagar; outros se incumbirão por mim dessa aborrecida ocupação.

(KANT, I. Resposta à questão: O que é esclarecimento? Trad. Vinicius de Figueiredo. In: MARÇAL, J.; CABARRAPO, M.; FANTIN, M.E. (Orgs.). *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 407.)

Na passagem citada acima, Kant apresenta alguns exemplos para sua tese de que o homem, mesmo já sendo adulto, prefere muitas vezes permanecer na menoridade. Considerando essa tese, discorra sobre a diferença entre “menoridade” e “esclarecimento”, em Kant, e explique em que sentido o homem pode ser considerado culpado por não atingir o esclarecimento.

4. **UEM-PR 2019** O filósofo inglês Thomas Hobbes elaborou sua filosofia política com a intenção de mostrar como a constituição do Estado pelos indivíduos estabelecerá a paz e cessará o que ele chamou de o “estado de guerra de todos contra todos”. Ele afirmou que:

A única maneira de instituir um tal poder comum, capaz de os defender das invasões dos estrangeiros e dos danos uns dos outros, garantindo-lhes uma segurança suficiente para que, mediante o seu próprio labor e graças aos frutos da terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda sua força e poder a um homem, ou a uma assembleia de homens, que possa reduzir todas as suas vontades por pluralidade de votos, a uma só vontade.

(HOBBS, T. *Leviatã*, XVII, *apud* FIGUEIREDO, V. B. (org.) *Seis filósofos na sala de aula*, v. 2. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007, p. 57).

Sobre a filosofia política de Hobbes, assinale o que for correto.

- 01 A noção de “estado de guerra de todos contra todos” proposta por Hobbes concorda com a definição de Aristóteles de que o homem é um “animal político”.
- 02 O Estado concebido por Hobbes é representativo, isto é, cada cidadão se reconhece como autor dos atos que o governante pratica em nome de todos os governados.
- 04 O soberano não pode estar sujeito às leis civis, pois, se estivesse, seria necessário um juiz, acima do soberano, que pudesse julgá-lo.
- 08 As vontades de todos os cidadãos devem ser reduzidas à vontade única do soberano. Hobbes não admite a divisão entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, como ocorre nos Estados democráticos modernos.
- 16 Para Hobbes, a justiça consiste no cumprimento do pacto estabelecido pela comunidade, e não há nada que seja naturalmente justo ou injusto.

Soma:

5. **Uece 2019** Leia atentamente o seguinte excerto:

A liberdade do homem em sociedade consiste em não estar submetido a nenhum outro poder legislativo senão àquele estabelecido no corpo político mediante consentimento, nem sob o domínio de qualquer vontade ou sob a restrição de qualquer lei afora as que promulgar o poder legislativo, segundo o encargo a este confiado.

LOCKE, John. *Dois tratados sobre o governo*. Martins Fontes, 1998, p. 401-402. Adaptado.

Considerando a definição de liberdade do homem em sociedade, de John Locke, atente para as seguintes afirmações:

- A concepção de liberdade do homem em sociedade de Locke elimina totalmente o direito de cada um de agir conforme a sua vontade.
- A concepção de liberdade do homem em sociedade de Locke consiste em viver sob a restrição das leis promulgadas pelo poder legislativo.

III. A concepção de liberdade do homem em sociedade de Locke consiste em viver segundo uma regra permanente e comum que todos devem obedecer.

É correto o que se afirma em

- a) I e II apenas.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II e III.

**6. UEL-PR 2019** Leia o texto a seguir.

Por conseguinte, todo homem, ao consentir com outros em formar um único corpo político sob um governo único, assume a obrigação, perante todos os membros dessa sociedade, de submeter-se à determinação da maioria e acatar a decisão desta. Do contrário, esse pacto original, pelo qual ele, juntamente com outros, se incorpora a uma sociedade, não teria nenhum significado e não seria pacto algum, caso ele fosse deixado livre e sob nenhum outro vínculo além dos que tinha antes no estado de natureza.

LOCKE, J. *Dois tratados sobre o governo*. Trad. Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 470.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de John Locke, assinale a alternativa correta.

- a) O ser humano deve superar o estado de natureza fundando a sociedade civil e o Estado, cedendo seus direitos em prol da paz social.
- b) Os indivíduos, no estado de natureza, são juízes de si mesmos, fundam o Estado para garantir segurança e direitos individuais por meio das leis.
- c) O poder do Estado deve ser absoluto para a garantia dos direitos naturais da humanidade, como a vida, a liberdade e a propriedade.
- d) O pacto ou contrato social é o garantidor das liberdades e direitos, sendo o poder legislativo o menos importante, já que é possível sua revogação por aqueles que participam do poder executivo.
- e) O ser humano se realiza como um ser possuidor de bens, sendo sua posse o que garante tolerância religiosa, livre-iniciativa econômica e liberdade individual.

**7. UEL-PR 2019** Leia o texto a seguir.

Por que só o homem é suscetível de tornar-se imbecil? [...] O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Lourdes Santos Machado, 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. pp. 243; 259.

Com base nos conhecimentos sobre sociedade civil, propriedade e natureza humana no pensamento de Rousseau, assinale a alternativa correta.

- a) A instauração da propriedade decorre de um ato legítimo da sociedade civil, na medida em que busca atender às necessidades do homem em estado de natureza.
  - b) A instauração da propriedade e da sociedade civil cria uma ruptura radical do homem consigo mesmo e de distanciamento da natureza.
  - c) A fundação da sociedade civil é legitimada pela racionalidade e pela universalidade do ato de instauração da propriedade privada.
  - d) O sentimento mais primitivo do homem, que o leva a instituir a propriedade, é o reconhecimento da necessidade da propriedade para garantir a subsistência.
  - e) A sociedade civil e a propriedade são expressões da perfectibilidade humana, ou seja, da sua capacidade de aperfeiçoamento.
- 8. Unesp 2022** É como se cada homem dissesse a cada homem: autorizo e transfiro o meu direito de me governar a mim mesmo a este homem, ou a esta assembleia de homens, com a condição de transferires para ele o teu direito, autorizando de uma maneira semelhante todas as suas ações. Feito isso, à multidão assim unida numa só pessoa se chama Estado.

(Thomas Hobbes. *Leviatã*, 2003. Adaptado.)

No texto, o autor expressa sua teoria sobre a origem do Estado. Nessa teoria, o Estado tem sua origem na

- a) atribuição de um poder absoluto ao soberano.
- b) criação de leis aplicáveis ao povo e ao governante.
- c) instituição de um governo pelos mais sábios.
- d) manipulação do povo pelos chefes de Estado.
- e) gestão do coletivo no estado de natureza.

9. **Uece 2019** Três pensadores modernos marcaram a reflexão sobre a questão política: Hobbes, Locke e Rousseau. Um ponto comum perpassa o pensamento desses três filósofos a respeito da política: a origem do Estado está no contrato social. Partem do princípio de que o Estado foi constituído a partir de um contrato firmado, entendendo o contrato como um acordo. Portanto, o Estado deve ser gerado a partir do consenso entre as pessoas em torno de alguns elementos essenciais para garantir a existência social. Todavia, há nuances entre eles.

Considerando o enunciado acima, atente para o que se diz a seguir e assinale com V o que for verdadeiro e com F o que for falso.

- Em comum, esses pensadores buscavam justificar reformas do Estado para limitar o poder despótico dos monarcas absolutos.
- Para Hobbes, o contrato social é a renúncia dos direitos individuais ao soberano em nome da paz civil.
- Para Locke, o contrato social é a renúncia parcial dos direitos naturais em favor da liberdade e da propriedade.
- Para Rousseau, contrato social é a transferência dos direitos individuais para a vontade geral em favor da liberdade e da igualdade civis.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) F, V, F, V.
- b) V, F, V, F.
- c) V, F, F, F.
- d) F, V, V, V.

## Texto complementar

### Princípio da maior felicidade

O credo que aceita a utilidade ou o princípio da maior felicidade como fundação da moral sustenta que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas conforme tendam a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade se entende prazer e a ausência de dor, por infelicidade, dor e a privação do prazer. Para dar uma clara ideia do padrão moral estabelecido pela teoria, é preciso dizer muito mais; trata-se de saber, em particular, o que está incluído nas ideias de dor e prazer e em que medida esse debate é uma questão aberta. Mas essas explicações suplementares não afetam a teoria de vida sobre a qual se funda a teoria da moralidade, a saber, que o prazer e a imunidade à dor são as únicas coisas desejáveis como fins, e que todas as coisas desejáveis (as quais são tão numerosas no esquema utilitarista como em qualquer outro) são desejáveis quer pelo prazer inerente a elas mesmas, quer como meios para alcançar o prazer e evitar a dor.

MILL, John Stuart. *Utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 187.

## Resumindo

### 1 – Bentham e Mill

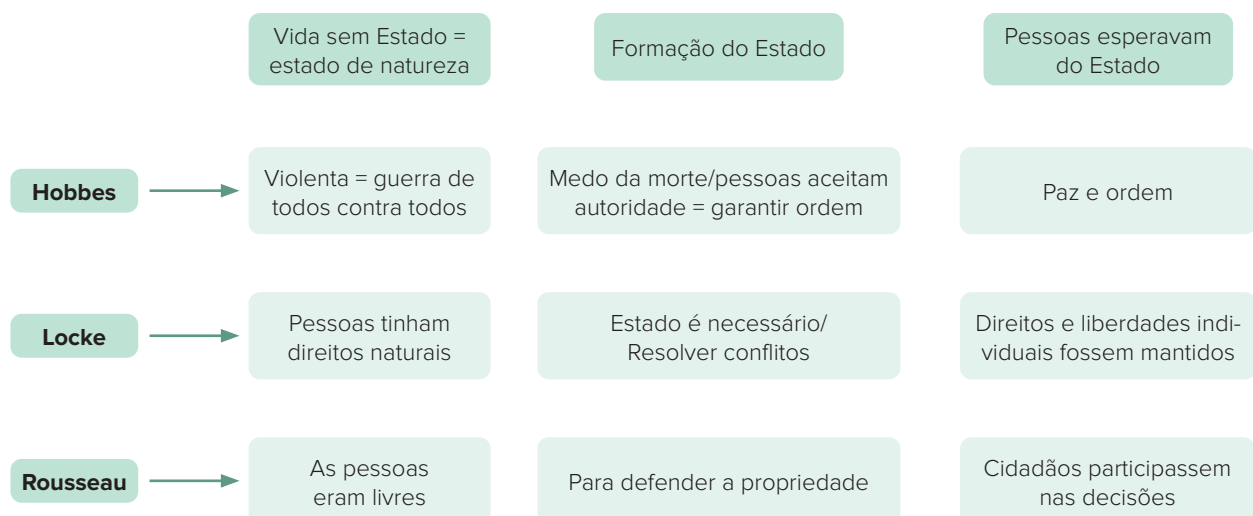
- Princípio da utilidade: o ato (ações) ou procedimento (regras) moralmente correto é aquele capaz de maximizar a felicidade (ou bem-estar) para os membros da sociedade.
- Consequencialista: moralidade envolve a preocupação com o resultado, com os efeitos, com a consequência da ação.
- “Utilitaristas de regras” (necessidade de seguir um conjunto de regras morais que promoverão a maior felicidade do maior número no longo prazo) e “utilitaristas de atos” (julga-se cada ato pelas suas consequências por meio da contabilidade de custos e benefícios).
- É moralmente aceitável fazer algo que cause um dano sério para promover um bem maior se o dano em questão for um efeito colateral.
- O mais elevado objetivo da moral é maximizar a felicidade.
- Jeremy Bentham define utilidade como qualquer coisa que produz prazer e que evite dor ou sofrimento; é um princípio que serve para o cidadão comum e também para os legisladores; as leis devem maximizar a felicidade da comunidade em geral.
- O princípio da felicidade corresponde a uma ciência da moral que pode servir de base para reformas políticas.
- Para Bentham, a moralidade deve considerar os custos e os benefícios finais. As preferências de todos têm o mesmo peso (valor).
- Bentham defendia que os cidadãos deveriam obedecer às leis que regem o Estado, sendo que tal conduta contribuiria para a satisfação geral.
- A crítica à maximização do bem-estar envolve a instrumentalização dos seres humanos, ameaçando a própria dignidade da pessoa humana, bem como o fato de não respeitar os direitos individuais.
- Stuart Mill era defensor da liberdade individual, por isso o governo só deveria interferir na liberdade dos indivíduos para prevenir danos a terceiros. A prática contínua do respeito à liberdade individual leva a uma maior felicidade, mas isso só pode ser apreciado com o tempo.



- Mill afirma a centralidade do princípio da individualidade como um meio eficaz para reparar as inconsistências do princípio clássico da utilidade, sendo importante o desenvolvimento de si.
- Pelo princípio da individualidade, apela-se para ideais morais que estão além dos utilitários, pois são ideais de caráter do desenvolvimento humano e, nesse sentido, vemos um afastamento de Mill em relação a Bentham.
- Mill e Bentham tinham uma perspectiva hedonista de felicidade, a novidade de Mill estava em dizer que há prazeres superiores e inferiores, o que significa que há prazeres intrinsecamente melhores do que outros.
- Mill afirmava ser possível avaliar a qualidade e a intensidade de nossos desejos e crê ser isso possível sem se basear em qualquer outra ideia moral que não na própria utilidade.
- Na visão de Mill, não se deve confundir felicidade com contentamento: a felicidade inclui um senso de dignidade, não é mera satisfação de necessidades. Os desejos não seriam mais a única base para julgar o que é nobre ou vulgar.
- Mill salva o utilitarismo da acusação de que ele reduz tudo a um cálculo primitivo de prazer e dor, mas só consegue fazê-lo invocando o ideal moral da dignidade e da personalidade humana, independente da própria utilidade.

## 2 – Kant

- O objetivo de Kant era formular e fundamentar o princípio que subordina todo juízo moral.
- A moralidade é uma condição para a busca da felicidade, e não o contrário, por isso Kant é um crítico do utilitarismo.
- A ética de Kant é deontológica porque a moralidade consiste em agir por dever e, por conseguinte, o que vale são as intenções das ações, e não seus efeitos.
- Os princípios morais se originam na boa vontade que é pura, isto é, no próprio sujeito da ação que, sabendo o que é moralmente correto ou incorreto, pode fundamentar seus costumes e suas ações.
- A razão cumpre papel fundamental na passagem de uma moralidade para um caminho ético, pois é ela que estabelece a forma como devemos nos guiar, e não seus conteúdos.
- A ética em Kant é: procedimental, universal, *a priori* e vazia de conteúdos empíricos.
- Para compreender a lei moral, somente entendendo a relação entre nossa capacidade de raciocínio e nossa capacidade de liberdade.
- Somos merecedores de respeito não porque somos donos de nós mesmos, mas porque, enquanto seres humanos, temos capacidade de agir racionalmente e de fazer nossas escolhas com autonomia.
- O sujeito livre é aquele que é capaz de agir com autonomia (*auto* = próprio, *nomos* = normas), isto é, movido pelos desejos guiados por determinações exteriores e, portanto, onde não há responsabilidade pelas ações.
- O valor moral de uma ação consiste na intenção com a qual a ação é realizada. O que importa é o motivo, que deve ser revestido de boa vontade, demonstrando a pureza da intenção.
- A razão pode comandar a vontade com dois tipos diferentes de imperativos, isto é, por meio de obrigações diferentes: o imperativo hipotético e o imperativo categórico.
- O imperativo hipotético será sempre condicional e, por meio dele, usamos nossa razão instrumental.
- O imperativo categórico será sempre incondicional e, por meio de ações de natureza boa e que possam ser universais, posso sintonizar minha vontade com a razão.
- O imperativo categórico parte da ideia de que os indivíduos devem agir em conformidade com aquilo que poderia virar lei universal, ou seja, não deveriam fazer aos outros aquilo que não gostariam que os outros fizessem; tem conceito de lei.
- Agir livremente e agir moralmente são, de fato, para Kant, a mesma coisa.



## Quer saber mais?



### Filmes

**Doze homens e uma sentença.** Direção: Sidney Lumet, 1957. Classificação indicativa: livre.

Filme clássico para estudo da argumentação racional como estratégia para fundamentar a condenação ou a absolvição de alguém acusado de um crime. Especificamente, você verá como o personagem Davis, o único dos jurados que devem decidir o destino do acusado, pondera o sistema jurídico para guiar a sua decisão. Ele utiliza o princípio da utilidade para auxiliar na construção de seu argumento, evidenciando que julgar envolve convicções morais, filosóficas e emocionais.

**Morte ao rei.** Direção: Mike Barker, 2003. Classificação indicativa: livre.

Este filme retrata a parte final da Guerra Civil (1642-1648), que culminou com a vitória da burguesia puritana e com a condenação à morte do Rei Carlos.

**Obrigado por fumar.** Direção: Jason Reitman, 2006. Classificação indicativa: 12 anos.

O filme incentiva a reflexão a respeito do dilema envolvido na promoção dos benefícios do tabagismo, em prol da liberdade individual dos fumantes em correr os próprios riscos.

**O gosto dos outros.** Direção: Agnès Jaoui, 2000. Classificação indicativa: 12 anos.

O "gosto" ocupa o centro da história, referindo-se tanto à fruição estética da arte como à maneira peculiar de cada ser humano saborear a própria vida. Essa comédia de costumes é uma boa oportunidade para você refletir sobre certos chavões do comportamento humano e sua correção política.

## Exercícios complementares

1. **Unesp 2020** Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral, e recebemos, enquanto corpo, cada membro como parte indivisível do todo. [...] um corpo moral e coletivo, composto de tantos membros quantos são os votos da assembleia [...]. Essa pessoa pública, que se forma, desse modo, pela união de todas as outras, tomava antigamente o nome de *cidade* e, hoje, o de *república* ou de *corpo político*, o qual é chamado por seus membros de Estado [...].

(Jean-Jacques Rousseau. *Os pensadores*, 1983.)

O texto, produzido no âmbito do Iluminismo francês, apresenta a doutrina política do

- a) coletivismo, manifesto na rejeição da propriedade privada e na defesa dos programas socialistas de estatização.
- b) humanismo, presente no projeto liberal de valorizar o indivíduo e sua realização no trabalho.
- c) socialismo, presente na crítica ao absolutismo monárquico e na defesa da completa igualdade socioeconômica.
- d) corporativismo, presente na proposta fascista de unir o povo em torno da identidade e da vontade nacional.
- e) contratualismo, manifesto na reação ao Antigo Regime e na defesa dos direitos de cidadania.

2. **UFMG** Leia este trecho:

Promovem-se com urgência pesquisas para encontrar técnicas de aumentar a capacidade de mensuração dos valores sociais. Empregaríamos melhor um pouco desse esforço se tentássemos aprender – ou reaprender, talvez – a pensar com inteligência sobre a incomensurabilidade dos valores que não são mensuráveis.

WILLIAMS, Bernard. *Moral: uma introdução à ética*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 150.

Com base na leitura desse trecho e considerando outros elementos presentes no texto, explique o tipo de distorção que pode resultar do pressuposto utilitarista de que todo valor pode, em última instância, ser medido e comparado, a fim de entrar em um cálculo de consequências a ser realizado pelo agente – individual ou coletivo –, no momento da ação.

3. **UFPR 2019** O cidadão não pode recusar-se a arcar com os impostos que lhe são cobrados; uma censura impertinente de tais taxas, na ocasião em que deve pagá-las, pode até mesmo ser punida como um escândalo [...]. Apesar disso, o mesmo indivíduo não age contra o dever de um cidadão, quando, na condição de instruído, exprime publicamente seus pensamentos contra a impropriedade ou mesmo injustiça de tais imposições.

(KANT, I. Resposta à questão: O que é esclarecimento? Trad. Vinicius de Figueiredo. In: MARÇAL, J.; CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (Orgs.). *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 410.)

Como fica claro na passagem acima, para Kant os homens não poderiam agir segundo o próprio entendimento quando se trata de cumprir as leis. Construa uma argumentação mostrando em que sentido essa afirmação não constitui uma contradição em relação à defesa que o filósofo faz, no conjunto do texto, de um uso autônomo do entendimento.

#### 4. Unesp 2018

##### Texto 1

Todo ser humano tem um direito legítimo ao respeito de seus semelhantes e está, por sua vez, obrigado a respeitar todos os demais. A humanidade em si mesma é uma dignidade, pois um ser humano não pode ser usado meramente como um meio (instrumento) por qualquer ser humano.

(Immanuel Kant. *A metafísica dos costumes*, 2010. Adaptado.)

##### Texto 2

Ao se assenhorar de um Estado, aquele que o conquista deve definir as más ações a executar e fazê-lo de uma só vez, a fim de não ter de as renovar a cada dia. Deve-se fazer as injúrias todas de um só golpe. Quanto aos benefícios, devem ser concedidos aos poucos, de sorte que sejam mais bem saboreados.

(Nicolau Maquiavel. *O príncipe*, 2000. Adaptado.)

- a) Considerando o texto 1, explique por que a ética de Kant apresenta um alcance universalista. Justifique sua compatibilidade com o Iluminismo filosófico.
- b) Considerando o texto 2, explique a posição assumida por Maquiavel em relação à manipulação política. Justifique a incompatibilidade entre a ética de Kant e os procedimentos recomendados por Maquiavel para a manutenção do poder político.

#### 5. UEL-PR 2019 Leia o texto a seguir.

Por causa da desconfiança de uns em relação aos outros nenhuma maneira de se garantir é tão razoável como a antecipação, isto é, pela força ou pela astúcia subjugar todos os homens que puder, durante o tempo necessário para chegar ao momento em que não veja nenhum outro poder suficientemente grande para o ameaçar. E isto não é mais do que a sua própria conservação exige.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. capítulo XIII: Da condição natural da humanidade relativamente à sua felicidade e miséria. p. 107-108.

Com base na interpretação do texto de Thomas Hobbes, explique a fundamentação que ele, em sua obra *Leviatã*, confere à instituição contratual do Estado como poder coercitivo e soberano.

#### 6. UEPG-PR 2021 Sobre o pensamento político de Thomas Hobbes, assinale o que for correto.

- 01 A frase hobbesiana: “O homem é o lobo do homem” contraria a visão aristotélica de que “o homem é um animal político”.
- 02 Hobbes defendia o firmamento de um contrato social que submetesse todos os direitos naturais dos indivíduos a um único poder soberano (o Estado).
- 04 O estado de natureza do homem é uma condição de guerra.
- 08 A solução para o fim da brutalidade primitiva é a criação artificial da sociedade política (administrada pelo Estado).

Soma:

#### 7. UEL-PR 2015 Leia os fragmentos a seguir.

A monarquia absoluta é incompatível com a sociedade civil, não podendo ser uma forma de governo civil, porque o objetivo da sociedade civil consiste em evitar e remediar os inconvenientes do estado de natureza que resultam necessariamente de poder cada homem ser juiz em seu próprio caso, estabelecendo-se uma autoridade conhecida para a qual todos os membros dessa sociedade podem apelar por qualquer dano que lhe causem ou controvérsia que possa surgir, e à qual todos os membros dessa sociedade terão que obedecer.

[...]

Quem julgará se o príncipe ou o legislativo agem contrariamente ao encargo recebido? A isto respondo: O povo será o juiz; porque quem poderá julgar se o depositário ou o deputado age bem e de acordo com o encargo a ele confiado senão aquele que o nomeia, devendo, por tê-lo nomeado, ter ainda o poder para afastá-lo quando não agir conforme seu dever?

Adaptado de: LOCKE, J. *Segundo Tratado sobre o Governo (ou Ensaio sobre o Governo Civil)*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 250 e p. 312.

Com base nos fragmentos e nos conhecimentos sobre a filosofia política de John Locke, descreva o modelo de governo civil proposto pelo filósofo.

**8. UFU-MG 2019** Se separar-se, pois, do pacto social aquilo que não pertence à sua essência, ver-se-á que ele se reduz aos seguintes termos: ‘Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral, e recebemos, enquanto corpo, cada membro como parte indivisível do todo.[...] essa pessoa pública, que se forma desse modo, pela união de todas as outras, tomava antigamente o nome de cidade e, hoje, o de república ou de corpo político o qual é chamado por seus membros de Estado quando passivo, soberano, quando ativo, e potência, quando comparado aos seus semelhantes. Quanto aos associados, recebem eles, coletivamente, o nome de povo e se chama, em particular, cidadãos enquanto partícipes da autoridade soberana e súditos enquanto submetidos à autoridade do Estado. Estes termos, no entanto, confundem-se frequentemente e são usados, indistintamente; basta saber distingui-los quando são empregados com inteira precisão.’

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. Coleção "Os Pensadores". Tradução: Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 39. (Adaptado)

- a) Explique por que a expressão “Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral” não conduz a um regime autoritário.
- b) Disserte, a partir do excerto acima, sobre a diferença entre cidadãos e súditos na teoria do Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau.

**9. Enem 2015** A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um homem e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Para Hobbes, antes da constituição da sociedade civil, quando dois homens desejavam o mesmo objeto, eles

- a) entravam em conflito.
- b) recorriam aos clérigos.
- c) consultavam os anciãos.
- d) apelavam aos governantes.
- e) exerciam a solidariedade.

## BNCC em foco

EM13CHS504

1. O “Bebê Theresa” nasceu na Flórida em 1992 com anencefalia, uma doença de origem genética em que faltam partes importantes do cérebro (córtex e cerebelo), assim como o topo do crânio, mas apesar disso tais crianças contam com o tronco cerebral e por isso ainda podem respirar e ter batimentos cardíacos. Nos Estados Unidos, casos como o de Theresa, quando detectados na gestação levam à autorização do aborto. No entanto, seus pais sabendo que o seu bebê morreria cedo e nunca poderia ser consciente, resolveram seguir com a gestação com a condição de que seus órgãos fossem doados para transplante imediato após seu nascimento, assim beneficiariam outras crianças. Mas há uma lei na Flórida que proíbe a remoção de órgãos até a morte do doador. Assim, quando Theresa nasceu esperaram oito dias até sua morte para realizar a retirada dos órgãos. Mas foi tarde demais, pois eles já haviam se deteriorado. O caso colocou uma questão ética: Deveria ela ter sido morta, de tal forma que seus órgãos poderiam ter sido usados para salvar outras crianças?

Adaptado de RACHELS, James; RACHELS, Stuart. *Os elementos da filosofia moral*. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

Como podemos interpretar o caso do Bebê Theresa à luz do utilitarismo? O que pode ser dito para justificar o pedido dos pais?

EM13CHS50, EM13CHS306, EM13CHS304 e EM13CHS302

2. Há quem defenda que o alimento transgênico, por não possibilitar a certeza científica sobre os seus efeitos, deveria ser proibido. No entanto, o Estado editou lei autorizadora para construção, cultivo, produção, manipulação, transporte, transferência, importação, exportação, armazenamento, pesquisa, comercialização e consumo do organismo geneticamente modificado (alimento transgênico). A Lei nº 8.974, de 5 de janeiro de 1995, revogada pela Lei nº 11.105, de 24 de março de 2005, estabelece, dentre outros temas, as “técnicas de engenharia genética e liberação no meio ambiente de organismos geneticamente modificados”. Esta lei é conhecida comumente como Lei de Biossegurança. Explique de que modo a permissão para esse tipo de agricultura foi sustentada por princípios utilitaristas.

Crianças trabalhando em uma tecelagem de algodão em Macon, Geórgia, EUA, em 1909.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

11

## Filosofia Contemporânea: século XIX

A valorização da razão e da liberdade, de acordo com as concepções iluministas, acabou por produzir reflexões, por vezes antagônicas, que tentaram compreender a relação entre indivíduo e sociedade. Nesse quadro, o século XIX foi marcado pelo surgimento do anti-iluminismo, pautado na constatação da impossibilidade de manutenção de uma sociedade estável com ideias iluministas. Neste capítulo, estudaremos os filósofos Hegel, Marx, Schopenhauer, Nietzsche e Kierkegaard, os quais contribuíram com reflexões distintas em torno do tema da liberdade. Das divergências entre suas posturas estão em jogo o processo de emancipação social e o estabelecimento das bases da moderna sociedade industrial, cujos ideais burgueses impuseram tanto a necessidade de unidade do Estado quanto os seus valores como universais.

## Hegel e o idealismo

O idealismo é uma doutrina de pensamento que desenvolve uma forma de conhecer a realidade. O conhecimento da realidade, de acordo com o idealismo, sempre ocorre a partir das ideias e nas ideias. De certa forma, o idealismo existe desde a época de Platão, quando esse filósofo afirma que o mundo sensível é cópia imperfeita do “mundo das ideias”. No entanto, o idealismo como doutrina que afirma que o ponto de partida do conhecimento está localizado no sujeito é uma concepção moderna.

Immanuel Kant (1724-1804) promoveu grandes mudanças na filosofia ao fazer dialogar a posição dos racionalistas com a dos empiristas. De acordo com Kant, os empiristas estavam corretos sobre o fato de que os dados sensoriais ou **empíricos** eram imprescindíveis para se conhecer as coisas. Mas o filósofo concorda com os racionalistas quando afirmam ser necessário sistematizar e organizar esses dados por meio de estruturas conceituais **inatas**, presentes em nossa mente.

Kant buscou apresentar como o ser humano conhece os fenômenos. Afirmou que todos nós trazemos para a experiência concreta do mundo as formas e os conceitos que estão em nossa mente *a priori*. Desse modo, concluiu que o mundo e a mente deveriam ser entendidos segundo as formas da sensibilidade (tempo e espaço) e as categorias do entendimento (causalidade, por exemplo), abrindo caminho para o que ficou conhecido como **idealismo alemão**. O idealismo alemão prolongou-se até a metade do século XIX, encontrando seu apogeu com Fichte (1762-1814), a sua maturidade em Schelling (1775-1854) e a sua consumação em Hegel (1770-1831).

### Estabelecendo relações

A figura a seguir é uma pintura que instiga o espectador a refletir sobre o que é a realidade a partir de um conflito: por um lado, a imagem é a ideia de um objeto que acreditamos conhecer; de outro, a frase “Isto não é um cachimbo” nega sua existência. Que relação podemos estabelecer entre a proposta desse artista e as primeiras afirmações sobre o idealismo alemão? Uma maneira de interpretar seria a seguinte: cabe considerar que não se trata de um cachimbo, mas de sua representação, isto é, de sua ideia. O que é mais real? O cachimbo mesmo ou sua ideia? Mas, por outro lado, como conhecer o cachimbo sem passar por sua ideia? Eis as questões que envolvem a doutrina do idealismo.



MAGRITTE, René. *A traição das imagens*, 1929. Óleo sobre tela.

As reflexões do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) representam as contribuições mais relevantes para o desenvolvimento do idealismo alemão e, ao mesmo tempo, o auge do racionalismo. Suas obras são complexas, difíceis de compreender, muito embora alguns de seus conceitos tenham se popularizado e é muito provável que você já tenha ouvido falar deles, a exemplo da **dialética**.

Hegel investiga a questão do ser com foco na formação da consciência. Por exemplo, em sua obra *Fenomenologia do espírito*, o objetivo é descrever como a consciência observa os fenômenos e qual seu percurso até atingir a maturidade, chamada por Hegel de razão. O termo **espírito**, empregado pelo autor, nada tem a ver com o mundo fantasmagórico, mas sim com as faculdades intelectuais, isto é, com a consciência. No entanto, o espírito nessa obra aparece significando múltiplas coisas, mostrando que o próprio autor o entendeu como um termo complexo e variável.



Retrato do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, pintura de Jakob Schlesinger, 1831.

O espírito é o resultado de um **processo** de formação da consciência que vai se expressando no mundo e determinando o dizer, o conhecer, o pensar e o refletir. Para Hegel, não há como entender a razão (momento importante de formação da consciência) fora da história, pois é ela que revela as formas por meio das quais os seres humanos fizeram uso de suas faculdades mentais para modificar o modo de apreender e conhecer a realidade.

Para compreender de que modo ocorre o percurso da consciência, é necessário assumir que existem estágios: **consciência sensível** (conhecimento em si); **autoconsciência** (conhecimento de si) e **consciência em si para si**. Este último momento corresponde à aplicação de leis universais ao entendimento e quando há a mediação da subjetividade. Chegamos às leis abstratas que são infinitas, fluidas e móveis. Para esse nível de consciência, a verdade é a infinidade de seu próprio poder de negação, quando podemos negar e destruir nossas antigas certezas e construir outras baseadas na reflexão.

Essas etapas da consciência podem ocorrer tanto na vida de um indivíduo como também na vida das

civilizações durante a história. Ao demonstrar o desenvolvimento da consciência do ser humano ao longo da história, Hegel revelou que a busca pelo conhecimento verdadeiro é a história da formação da consciência para realizar esse objetivo. Como ocorre exatamente essa formação? É o que Hegel chama de dialética.

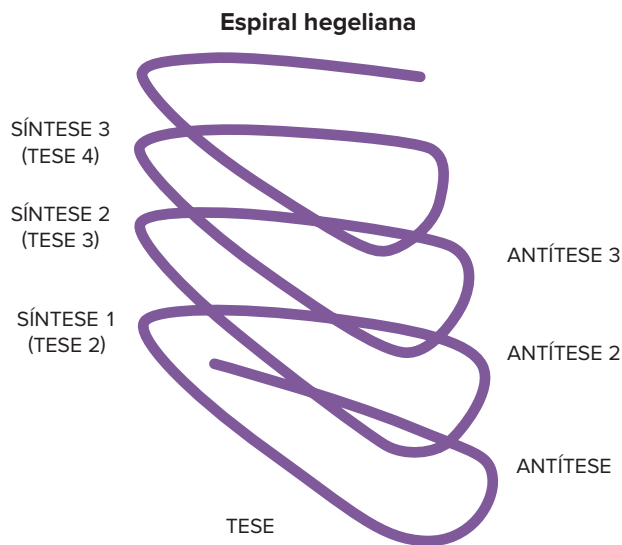
A dialética é a lei que explica a movimento da consciência em busca do conhecimento. Esse movimento se dá basicamente por um jogo de oposições nos diferentes estágios da consciência. Entender o movimento das ideias e, portanto, o percurso da consciência para compreender a realidade, por meio da dialética, revelou-se simultaneamente um método e um sistema filosófico. Em Hegel, não é possível separar o método de análise do objeto analisado (que é a realidade), uma vez que **a realidade em si mesma é dialética**, isto é, em constante movimento de oposições.

Assim, para que a consciência possa compreender, por exemplo, uma planta em sua totalidade é necessário ver o seu desenvolvimento, de modo que o “ser” planta somente existe para além de cada fenômeno.

As etapas do movimento dialético são, portanto, três:

1. A afirmação das coisas ou das ideias (TESE).
2. A negação das coisas ou das ideias (ANTÍTESE).
3. A totalidade que engloba o embate entre o que se afirma e o que lhe nega, permitindo que apareça o vir a ser (SÍNTESE).

A melhor imagem para traduzir o movimento dialético é a espiral. A espiral é, ao mesmo tempo, circular, mas não se fecha, pois cada momento final, que seria a síntese, torna-se sempre a tese de um movimento posterior de caráter mais avançado.



Esquema da espiral hegeliana mostrando os três momentos essenciais pelos quais as ideias e as existências movimentam-se.

A filosofia de Hegel revela que as experiências da cultura se desenvolveram sob as regras do pensar-se a si mesma e de se justificar pela razão. A partir da dialética, as experiências se desdobram em uma lógica que conduz ao momento fundador da ciência, isto é, ao momento em que o saber absoluto permite adequar a certeza do sujeito com a verdade do objeto.

A concepção de história em Hegel é muito particular: só existe como **processo de realização das determinações do espírito no tempo**. Os homens são, assim, filhos do seu tempo, dado que o saber só pode enxergar aquilo que já se efetuou. Os acontecimentos históricos são manifestações de um princípio interno em processo de desenvolvimento. Esse princípio é nada mais que a ideia de liberdade em busca de sua realização no tempo. **Os diversos estágios da história universal, e os diversos acontecimentos singulares e finitos que ocorrem no interior desses estágios, são etapas onde essa ideia torna-se real e concreta.**

Hegel demonstra assim o percurso da consciência em direção à razão, mediante fases observáveis na história. Na etapa oriental, apenas um homem é livre; existe unidade do espírito e da natureza. A segunda fase dessa evolução é etapa ainda imperfeita e imparcial, em que apenas alguns são livres, e corresponde à história ocidental, inaugurada por gregos e romanos. É a fase da reflexão em que natureza e espírito se separam. A terceira fase é aquela inaugurada pelo cristianismo e a idade moderna, em que há conciliação do espírito objetivo com o subjetivo e quando nasce a subjetividade.

A história prossegue, e o plano divino se materializa, finalmente, no Estado democrático burguês. Por Estado, Hegel entende não uma simples figura jurídica, mas o povo como o todo orgânico tal como um indivíduo espiritual. Nessa fase, os homens descobrem que todos devem viver de acordo com o conceito do espírito, isto é, como homens livres e racionais.

Assim, as diferentes fases e sucessões da história marcam as diferentes fases de desenvolvimento e realização da natureza espiritual do ser humano. **O fim último da história universal acontece quando cada indivíduo subjetivo alcança sua liberdade.** Cabe à filosofia exprimir o processo pelo qual a liberdade chega à consciência de si enquanto seu próprio fundamento. Cabe ao filósofo demonstrar a necessidade dessa realização do espírito no tempo.

#### **Saiba mais**

Hegel, certa vez, comparou a filosofia com a coruja da deusa Minerva, que carrega toda a sabedoria do mundo, mas só voa ao anoitecer, quando não há mais luz para aproveitar. O que Hegel quis dizer é que qualquer período histórico só pode ser compreendido quando está no fim, e que a filosofia (que só pode existir *a posteriori*) sempre chega tarde para explicá-lo. Para ele, o voo da coruja era um voo tardio.



Representação de Minerva, deusa da sabedoria, com sua coruja.

## ! Atenção

**Idealismo imaterialista:** de uma perspectiva empirista, Berkeley afirma que a realidade é aquilo que dela se percebe e conclui que os objetos materiais reduzem-se a ideias na mente de Deus e dos seres humanos.

**Idealismo transcendental (formal ou crítico):** desenvolvido por Kant, a partir da reflexão de que os fenômenos da realidade objetiva, por serem incapazes de se mostrar aos homens como são, não aparecem como coisas em si, mas como representações subjetivas construídas pelas faculdades humanas de cognição.

**Idealismo absoluto:** desenvolvido por Hegel e caracterizado pela suposição de que a única realidade plena e concreta é de natureza espiritual (quer dizer, oriunda da consciência), sendo a compreensão materialista dos objetos um estágio pouco evoluído e superável no desenvolvimento cognitivo da subjetividade humana.

## Marx e o materialismo

Hegel influenciou muitos pensadores dos séculos XIX e XX. Karl Marx (1818-1883) foi um deles. Contudo, a influência hegeliana sobre Marx não ocorreu sem críticas. Quando Marx escreve sua *Crítica à filosofia hegeliana do direito*, afirma que Hegel haveria compreendido bem a realidade econômica e social das sociedades, mas se equivocou em afirmar que para superá-la deveria adotar a via de um Estado absoluto. Segundo Marx, os indivíduos devem fazer o Estado e não o inverso.



Estátuas de Karl Marx e Friedrich Engels, em Bishkek, no Quirguistão.

Marx usa como referência a dialética de Hegel, mas a inverte, concebendo **o trabalho material como constituinte fundamental da história**. Assim, propõe que o exercício da reflexão deveria partir do concreto, mais especificamente do trabalho, para chegar ao abstrato e, novamente, retornar para o concreto. Marx analisou as contradições da realidade com base nas condições materiais, dando um caráter prático à dialética.

A ruptura de Marx com o idealismo alemão é radical e profunda. Entretanto, o pensador não instaura uma nova corrente filosófica a partir da oposição idealismo *versus* materialismo, mas rompe com a própria filosofia ao denunciar que todos os representantes do idealismo alemão

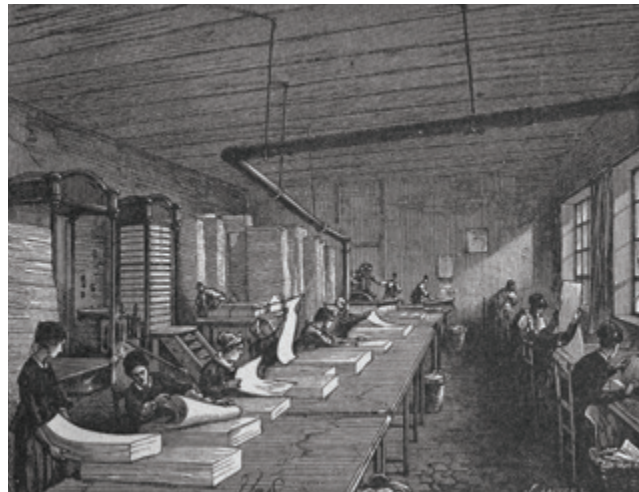
clássico ainda se colocavam do ponto de vista das classes dominantes e exploradoras. Já Marx propõe colocar-se do ponto de vista das classes subalternas. Com a colaboração de Friedrich Engels (1820-1895), fundam uma **ciência materialista da história**.

A dialética é apresentada da seguinte forma: as ideias (pensamento) e a realidade (matéria) são simultâneas, porém a realidade se contradiz com as ideias, de modo que o mundo só pode ser compreendido como um todo quando reflete suas contradições. A partir da dialética materialista, Marx e Engels concluíram que as condições materiais criam contradições que, por sua vez, formam as classes sociais. No capitalismo, as classes se antagonizam, evidenciando a dinâmica (movimento) da história que ficou conhecida como materialismo histórico.

Um conceito importante no marxismo é o de alienação. A alienação relaciona-se diretamente com a categoria **trabalho**. Nessa visão, a transferência de valor para a mercadoria e o empobrecimento do operário como trabalhador são os pilares da crítica: o capitalismo produz mercadorias e trabalhadores que também são mercadorias, tendo como resultado o mecanismo da **alienação**. Uma vez que o trabalho é um objeto alheio ao produtor, o homem transforma-se em objeto de seu objeto, **apagando a possibilidade de que se reconheça como sujeito** da produção.

No desenvolvimento das formas de produção material surgem formas específicas de estruturação social, valores e modos de compreender a realidade, sendo o trabalho o motor das condições de vida e da consciência humana. Para os autores, é a compreensão do processo de trabalho que permite entender a origem da separação entre teoria e prática, bem como das formas que permitem sua reconexão.

Nesse sentido, a ideologia surge como uma **falsa consciência**, que impede que os trabalhadores possam reconhecer as proposições da sociedade burguesa. Essas proposições têm como finalidade fazer com que os interesses da classe dominante sejam confundidos com o interesse coletivo, construindo assim uma hegemonia burguesa.



Para Marx, o capitalismo produz mercadorias e trabalhadores que também são mercadorias.

O materialismo histórico é, portanto, uma abordagem metodológica para o estudo da sociedade, da economia e



da História que procura as causas de desenvolvimentos e mudanças na sociedade humana a partir dos meios pelos quais os seres humanos produzem coletivamente soluções para enfrentar as necessidades da vida. Desse modo, a luta de classes sociais, as estruturas políticas e as formas de pensar de uma dada sociedade seriam fundamentadas na atividade econômica.

As condições materiais em que os homens vivem, em diferentes épocas, estão relacionadas aos modos de produção que, por sua vez, são historicamente determinados e refletem as relações dos homens entre si. Marx observou que, nas diferentes fases de desenvolvimento da humanidade, houve o emprego de diferentes formas de produção, portanto, de modos de vida: nos modos de produção (escravista, feudal e capitalista), o que salta aos olhos é **a produção de uma relação de exploração que tem como consequência a desigualdade entre os homens**. Essas formas de exploração, produtoras de desigualdades, provocam a revolta dos oprimidos e originam, no capitalismo, o que Marx denomina de luta de classes.

Assim, os modos de produção não se detêm estacionados, mas se desenvolvem e se transformam, provocando também mudanças sociais, políticas e no campo das ideias. A história do desenvolvimento social é também a história do desenvolvimento da produção, a história do desenvolvimento dos modos de produção, a história do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção entre os homens. Segundo Marx, por meio do estudo do processo histórico, seria possível prever a ruína do capitalismo, que, nascido das contradições do sistema feudal, resultou no aparecimento da burguesia como nova classe dirigente, e esta, por sua vez, criou sua oposição: o operariado.

Diferentemente do idealismo, Marx concebeu a realidade como algo passível de alteração e, portanto, **as reflexões filosóficas que empreendeu deveriam servir para alterar a realidade e não somente compreendê-la**. Para Marx, a chamada “luta de classes” sempre existiu ao longo da história, sendo que o único modo de encerrar essa luta seria provocando uma transformação radical, isto é, produzir uma nova sociedade sem propriedade privada e, conseqüentemente, sem relações díspares nas relações produtivas. Essa visão considerada **teleológica** admitia que, ao se chegar ao comunismo, chegava-se também ao fim de um processo dialético (de contradições) quando então, na realidade, o homem teria alcançado seu grau máximo de liberdade.

**Teleológico:** pensamento preocupado em verificar a finalidade ou os objetivos para os quais a realidade se dirige. Por exemplo, para Marx, o final da história era algo previamente conhecido e ocorreria com a chegada do comunismo.

## Schopenhauer e o pessimismo

Arthur Schopenhauer (1788-1860) pertence, até certo ponto, à tradição do idealismo alemão, sendo herdeiro da metafísica crítica de Kant. No entanto, em suas ideias nota-se a influência do Romantismo e do pensamento filosófico-religioso indiano. Se, por um lado, ele aceita a crítica

racional das superstições, por outro, denuncia a fé irrestri-ta na razão. Para ele, a razão (intelecto) é mero acidente, sendo **a essência do mundo e do ser humano algo que resulta da vontade (escolha) irracional**.

Schopenhauer afirmou, em *O mundo como vontade e representação*, que aquilo que podemos de fato conhecer advém de nossa percepção. O mundo, a realidade, a coisa em si mesma nos são inacessíveis, restando apenas a mediação realizada pela mente que nos fornece uma **representação** do que existe. A subjetividade torna-se, portanto, a chave para o entendimento, transformando dados externos em representações.



Jacob Seib/Wikimedia Commons

Arthur Schopenhauer, fotografia de Jacob Seib, 1852.

O entendimento, contudo, não é razão. A razão permite representações que não são intuitivas, mas as que fazem o homem ter noção de tempo e memória e, assim, poder recordar. Sua principal função é a formação de conceitos, os quais filtram as representações intuitivas e exterminam o colorido original da experiência. Os conceitos são representações de outras representações, ou seja, não equivalem à tradução direta de um objeto captado pela sensação.

Quando submergimos em nosso mundo interior, no entanto, encontramos-nos envoltos em afetos e sentimentos e fica difícil separar sujeito e objeto. Nesse caso, chega-se a algo mais profundo que a razão e que não pode ser tomado como mera representação: esta é a **vontade**. A vontade é essa essência vital e independente da razão. A imagem que Schopenhauer utiliza para explicar a vontade é “a do cego robusto que carrega um aleijado que enxerga”, sendo o cego a vontade e o aleijado a nossa consciência. Mas o que isso significa?

**A representação é racional, mas a vontade, não. Esta última é causa em si mesma, é puro desejo de satisfação.** Nos animais, a vontade representa o instinto, mas no ser humano é o que rege o querer viver, possuir, afirmar-se, dominar. O homem vive, assim, o paradoxo de poder compreender o mundo racionalmente, mas de não poder valer-se dessa mesma razão quando o que está em jogo são os seus desejos.



O aleijado (razão) e o cego robusto (vontade): metáfora de Schopenhauer.

Schopenhauer via nesse paradoxo vantagens e desvantagens: por um lado, a razão possibilita a linguagem e com ela a comunicação, a ciência, a poesia. Por outro lado, a razão leva ao sofrimento, pois dá ao homem a consciência de sua finitude, propagando dogmas e superstições. A vontade, como coisa em si, permanece estrangeira ao domínio da razão. É, portanto, absolutamente sem fundamento. Sentimento não conceituável, é um mistério que desvenda outros mistérios.

Na obra *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer valeu-se de elementos presentes no taoísmo e no budismo. Um deles é a noção de **carma**, presente no budismo, definindo a vida como uma jornada de dor pela renúncia dos desejos incessantes, bem como a noção de **nirvana**, que corresponde ao estado supremo de repouso alcançado pelo desapareço de viver. Schopenhauer acreditava, contudo, que o sofrimento poderia ser superado pela arte. Por meio da experiência estética, o homem poderia anular-se como vontade, esquecendo-se de si mesmo e do seu sofrimento.

Por outro lado, Schopenhauer afirmava que o amor era a meta da vida enquanto fonte autêntica de bondade humana. Falar sobre o amor representou uma possibilidade de preencher uma lacuna que, segundo o autor, havia sido deixada pela filosofia. Para isso, ele teceu muitas páginas que trataram da natureza do sentimento amoroso, analisando sua presença nas obras da humanidade com base em conceitos de representação e vontade.

Analisou a paixão que recorrentemente aparece nas mais variadas obras a partir daquilo em que se baseia o sentimento: o impulso sexual. Esse seria o impulso mais

vigoroso da natureza humana e é o que faz com que tanto na literatura quanto na vida real as pessoas sacrifiquem a saúde, a riqueza, a dignidade e a felicidade em nome da paixão. Para ele, esse sofrimento só poderia ser consequência de uma causa maior: a vontade de se reproduzir.

Na arte, o prazer é negação do desejo, levando o indivíduo a uma espécie de ilusão. Se o amor é uma estratégia da vontade para iludir o indivíduo, paradoxalmente é uma ilusão verdadeira, pois nada é mais autêntico e concreto que o impulso sexual. Schopenhauer evidencia como a vontade, sendo irracional, nos empurra para as pessoas com as quais, às vezes, nos sentimos contrariados, mas irresistivelmente movidos e atraídos. Segundo ele, é o instinto que se orienta para o que é melhor para a espécie, não para o indivíduo.

Contudo, há outra forma de amor, que acontece de um modo completamente diferente. É um sentimento que, como na arte, nega a vontade em vez de afirmá-la. Esse amor de caráter elevado foi praticado pelos santos e por Cristo: é a compaixão. A compaixão para Schopenhauer é o amor autêntico, pois é superior e evita o sofrimento. Significa exercer a empatia, colocar-se no lugar do outro. Somente na compaixão podemos doar aquilo que nos é o mais importante: nosso eu. Aqui surge o filósofo do amor universal. Sua ética é, portanto, uma ética da compaixão, do abandono, do egoísmo e da negação da vontade.



A estátua do Tian Tan Buda, China. O budismo exerceu profunda influência na filosofia de Schopenhauer.

## Kierkegaard e o existencialismo

Considerado o primeiro representante da filosofia existencialista, Søren Kierkegaard (1813-1855) desenvolveu uma filosofia preocupada em investigar a existência, a realidade, o singular, o indivíduo e, sobretudo, a própria vida, sendo o seu principal foco mostrar que a **liberdade de escolha** e o propósito de cada um não se efetuam sem **angústia** ou **desespero**. O que faz o indivíduo não depende do que ele compreende, mas do que ele quer e do que escolhe. Nesse sentido, também Kierkegaard é um **crítico da razão**, dado que ela não é o que orienta o agir do indivíduo.

A escrita adotada por Kierkegaard também chama atenção por não assumir tom acadêmico. Observa-se, ao longo de suas obras – que versam sobre política, moral, amor, religião – estilos variados: textos mais literários, artigos e discursos, muitas vezes assinados sob pseudônimos.

O fato de ter escrito em dinamarquês limitou por um tempo a propagação de suas obras que, finalmente, foram traduzidas para o francês na metade do século XX e assim apropriadas por aqueles que mais tarde viriam a desenvolver o existencialismo que conheceremos nas figuras de Jean-Paul Sartre, Albert Camus e Simone de Beauvoir.



Sylvest-Jensen (1910-1959)

Esboço inacabado de Søren Kierkegaard, desenho de Niels Christian Kierkegaard, c. 1840.

A noção de escolha constitui uma das ideias fundamentais da filosofia de Kierkegaard. Ela seria o próprio núcleo da existência humana. Aqui reside seu existencialismo, uma vez que **a verdade do mundo se acha no que serve para cada um individualmente**. Mas a escolha está intimamente associada à angústia. Na obra *O conceito de angústia* (1844), o filósofo define esse afeto como um medo fora de foco, disperso, isto é, como vertigem. Usa a metáfora de um homem que, na beira de um penhasco, sente medo. A primeira sensação é a do medo de que pode cair, a segunda é a de que pode decidir cair, isto é, lançar-se ao vazio.

**A angústia representa o medo de não saber o que fazer diante da liberdade de escolha**, causando sentimentos de solidão ou o desejo exagerado por ter controle sobre a vida e nem sempre ter sucesso. Ter liberdade não garante felicidade. Mas o homem quer ser livre e ser feliz ao mesmo tempo, sendo a liberdade uma condição e a felicidade uma obrigação. Não podendo resolver a equação, torna-se insuportável viver e, assim, surge outro sentimento: a frustração. Como ter certeza de que as escolhas expressam autenticidade ou são apenas os papéis sociais que a sociedade espera que sejam cumpridos?



Pawel\_Czajka/Stockphoto.com

O casamento é uma escolha ou uma convenção social?

Tudo se intensifica quando estamos diante de escolhas morais, ou seja, aquelas que envolvem a noção de bem e de mal. Qualquer que seja nossa decisão diante de uma escolha, ela não é tomada sem antes envolver o sentimento de angústia. Para Kierkegaard, questionar-se é compreender que a angústia não é um sentimento de todo negativo, pois por meio dela nos tornamos autoconscientes. Refletimos se tomamos a via do pecado (da transgressão moral) ou se optamos pelo caminho da realização de nossa identidade: ser e fazer o que quisermos.

Se a angústia é inevitável, seria possível aprendermos com ela? Kierkegaard mostrou o que acontece quando enfrentamos repetidas vezes a mesma situação: desenvolvemos a autenticidade, a autoconsciência e, finalmente, a autonomia. Mas para compreender a repetição era preciso entender primeiro a noção de instante. Para o autor, há dois tipos de instante: o que se relaciona ao aqui e agora, ocasião para encontrar a autenticidade, e aquele em que a verdade surge com o tempo, sem depender do próprio sujeito e de suas ações, mas de algo além que permite sua autocompreensão.

A repetição consiste no aprofundamento desse segundo instante, que aponta para um futuro. Não se trata, pois, de uma recordação, de um vetor para o passado, mas equivale ao processo de retomada da autenticidade: possibilidade de que cada um possa tornar-se aquilo que é. Possui um sentido religioso, relacionado ao conceito de redenção.

Segundo Kierkegaard, a experiência da condição humana está dividida em três etapas ou estágios: estético, ético e religioso. Seu interesse era compreender como operam as escolhas na vida de qualquer indivíduo. O autor argumenta que todo ser humano, sendo ser em construção, pode percorrer tais etapas para finalmente tornar-se quem é. Todos os estágios espelham facetas da existência humana e, de certa forma, se completam, ainda que não seja certo afirmar que todos os indivíduos vivenciem todas as etapas.

O estágio estético está ligado ao divertimento e ao prazer. Despreocupado e guiado pela fantasia que predomina sobre a razão, o indivíduo abraça o mundo exterior, o efêmero e o passageiro. O estágio ético está ligado à luta e ao conflito. O indivíduo vive uma etapa em que o dever e as responsabilidades são o que o movem. Por fim, o estágio religioso está ligado ao sofrimento e à fé. O indivíduo a percebe como necessária, mas isso implica obrigações de outra natureza, que entram em conflito com as obrigações das leis presentes no estágio ético.

Nessa etapa, o indivíduo deve abandonar-se a Deus, por meio de renúncia, a qual implica sofrimento. Considera-se assim que Deus não existe, Ele é. Se a realidade contém Deus, não é possível demonstrá-lo, uma vez que não se trata de algo natural. A fé representa o grau mais alto de subjetividade e é realizada pelo sentimento, mas também pelo entendimento. A escolha pela fé conta com a paixão pelo infinito, e não pelo conteúdo da verdade alcançada pela objetividade. Assim, tem-se que a adesão à fé é pessoal e representa uma escolha sem garantias na razão, ainda que sua aceitação não seja irracional.

Na obra *Temor e tremor* (1843), Kierkegaard nos dá o exemplo bíblico de Abraão para refletir sobre a questão da escolha pela fé. Nessa passagem, Deus manda Abraão matar seu filho Isaac, mas Abraão entra em conflito. Quando o indivíduo sente a insuficiência da moralidade, ele perde segurança e estabilidade. Então, aceita a fé.

Galleria degli Uffizi, Florença



Caravaggio. *O sacrifício de Isaac*, 1590-1610. Óleo sobre tela. Abraão é descrito como o “cavaleiro da fé” por Kierkegaard.

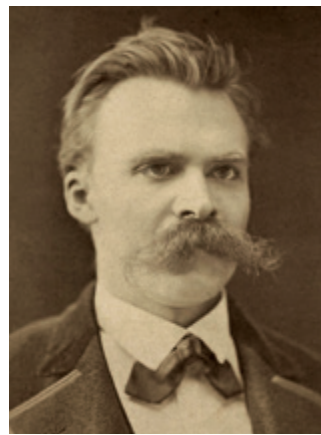
Kierkegaard então chama atenção para o dilema de Abraão: fazer o que Deus exige ou poupar seu filho Isaac? Se Abraão não mata o filho, ele é ético, mas não obedece a Deus e perde a fé. Se mata o filho, peca diante de Deus. Nesse contexto, Kierkegaard mobiliza o conceito de **absurdo** e reflete sobre o paradoxo que a fé impõe.

Abraão, sem saída, deve **saltar para a fé**, aceitando o absurdo da exigência divina e concordando com uma suspensão do ético em favor do religioso. **Em situações críticas, a escolha que o indivíduo se sente obrigado a fazer independe de quaisquer critérios racionais**, isto é, as regras gerais e universais não podem ajudá-lo. O filósofo reforça que essa escolha não ocorre de modo gradual, mas abrupta e radicalmente. Quem opta pela fé torna-se exceção, pois se desprende da vida social e firma um pacto com Deus. Essa opção representa solidão, pois o indivíduo que assim decide viver sabe que será incompreendido e viverá apartado. Por isso, se a escolha pela fé for motivada pela tentativa de escapar da angústia, essa será uma escolha infeliz.

O filósofo dinamarquês tocou em um tema que faz sentido ainda em nossos dias: nossas experiências de subjetividade têm sido, em grande parte, negativas quando se opta pela perda de si mesmo. Ao não enfrentar a angústia, abandonamos o mundo interior e nos perdemos na alienação. Hedonismo, excesso de controle e fanatismo religioso e/ou político são experiências comuns em nossa época.

## Nietzsche e a filosofia da suspeita

Friedrich Nietzsche (1844-1900) nasceu na Alemanha e talvez seja, entre os filósofos apresentados neste capítulo, o mais conhecido entre o público em geral. O interesse por Nietzsche está muito associado à sua postura em relação à realidade, mas também ao seu modo de fazer filosofia. Nietzsche afirmava que aquilo que não pertence à vida torna-se uma ameaça. As criações que inventamos (Estado, religião, verdade, progresso, ciência, revolução, para citar alguns exemplos) devem ser destruídas para que possamos compreender o mundo tal como o vivemos.



Friedrich Hartmann/Wikimedia Commons

Friedrich Nietzsche, fotografia de Friedrich Hartmann, c. 1875.

Nietzsche busca desmascarar o otimismo pela razão, afirmando que o ser humano racional confunde a luta contra as mazelas do mundo com a tentativa de domesticá-lo. Afinal, a razão abomina tudo o que traz erro e imperfeição, ou seja, a “experimentação”. Para tanto, Nietzsche critica a influência de Sócrates na cultura ocidental, que ressalta as qualidades do deus Apolo (deus da forma, da clareza, da individualidade) afastando-as de Dionísio (o deus selvagem, do êxtase, das alegrias festivas, dos impulsos).



Carlos Ruas@umsabadoqualquer

As tirinhas estabelecem diálogos entre Nietzsche, o homem e Deus. Note a crítica de Nietzsche ao idealismo, revelando a Deus sua imagem (negada) no espelho e, portanto, a sua inexistência.

O traço **niilista** – que alguns atribuem à Nietzsche e que outros afirmam ser sua crítica – associa-se à **recusa das crenças e convicções impostas pela modernidade ocidental com base na denúncia lançada aos valores morais, éticos, estéticos, científicos e políticos**. É importante, no entanto, tomar cuidado com o conceito de niilismo, pois há mais de um sentido para essa palavra na filosofia de Nietzsche. Ele é crítico do niilismo e, ao mesmo tempo, adepto dele. Haveria, ainda, outros dois tipos de niilismo.

#### Saiba mais

**Niilismo (em geral):** em que são negados os valores da vida em nome de ilusões idealistas, como o “mundo das ideias”, ou “paraíso cristão”, entre outras formulações. É o niilismo que Nietzsche criticava em Sócrates, Platão, no cristianismo e em outros, por exemplo.

**Niilismo (passivo ou incompleto):** em que os valores vigentes são destruídos, porém não dão lugar a novos. Tem-se como exemplo o movimento anarquista.

**Niilismo (ativo ou completo):** compreende a ideia de que, no momento em que o homem nega os valores de Deus, deve aprender a ver-se como criador de valores, e no momento em que entende que não há nada de eterno após a vida, deve aprender a ver a vida como um eterno retorno, sem o qual o niilismo seria sempre um ciclo incompleto. Nietzsche aposta no niilismo ativo.

Em *Assim falou Zaratustra* (1883-1885), Nietzsche desenvolve os conceitos mais relevantes que explicam sua postura diante dos temas sobre os quais queria refletir, sendo também porta de acesso à sua maneira de escrever. Os conceitos de **eterno retorno** e de **além-do-homem** são relevantes porque trazem a temporalidade da vida como algo essencial em seu pensamento, caracterizando Nietzsche como um **filósofo da existência humana**. A passagem do tempo é a principal forma pela qual podemos nos dar conta da existência, o que nos leva a pensar sobre sua permanência e inconsistência.

Contudo, o que fica para trás no tempo é o que permite comprovar a nossa impotência como seres humanos, sendo este o drama fundamental. O tempo em relação à vida humana revela simultaneamente sua consistência e sua vulnerabilidade.

Passado é o Presente que **não é** mais.

Presente é aquilo que **deixa de ser** no momento em que é.

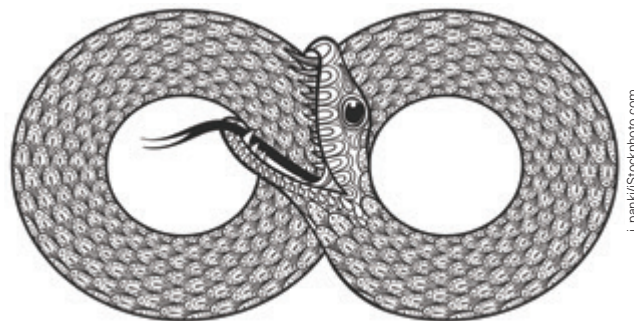
Futuro é o Presente que **ainda não é**.

Nietzsche vai propor o resgate da impotência, analisando as várias tentativas humanas de superá-la, não para lamentar, mas para poder manter uma relação mais sincera com o tempo. Em primeiro lugar, é preciso amar, querer o que já foi e que não se pode modificar. Em segundo lugar, é preciso viver cada instante como se aquele instante pudesse se repetir eternamente. Ou seja: aceitar o presente (*amor fati* ou amor ao destino) da forma como ele é.

Liberando o horizonte de futuro e redimindo-se da sua impotência, é possível pensar que a repetição da vida não

é, necessariamente, uma maldição, mas justamente a condição para que se possa ter uma vida plena.

Por meio do personagem Zaratustra, que teria a missão de colocar para a humanidade novos valores (após a morte de Deus), a ideia de um portal do instante surge para mostrar que viver eternamente no presente é o que possibilitará a inteireza e a beleza de uma vida, que para o filósofo deveria ser como a de uma obra de arte. No entanto, viver a vida como obra de arte é algo sobre-humano.



Ouroboros: representação do eterno por meio do ciclo que se reinicia.

O tema do bem e do mal que acompanha Nietzsche nas reflexões de obras posteriores aparece pela primeira vez em *Assim falou Zaratustra*. Inspirando-se em uma lenda persa dos séculos XII a VI a.C., Nietzsche elabora a figura do profeta Zoroastro, considerado um dos primeiros inventores da moral metafísica que afirma que o bem e o mal eram forças que lutavam entre si.

O objetivo principal dessa obra centra-se na ideia de **recusar os ideais do homem moderno** por meio da **quebra dos valores morais** sustentados hipocritamente pelas instituições educativas, políticas e culturais. Nietzsche afirma que é preciso **destruir os ídolos existentes e criar novos valores**. Esse é um ponto importante que o afasta de ser um pensador niilista passivo, pois não apenas recusa os valores existentes, mas tem a pretensão de oferecer uma saída. E a saída está na figura do *Übermensch*, que pode ser traduzida como **além-do-homem** ou **super-homem**, isto é, a criação de um **homem com novos valores**.

O ponto de partida para se chegar a ser esse super-homem é a destruição do cristianismo, pois foi isso que deu início às formas de pensamento igualitarista, considerada por Nietzsche um “amolecimento dos sentimentos”. Para o filósofo, sentimentos como a compaixão, perpetuados pelo cristianismo ao longo dos séculos, propagaram o medo diante da vida, a espera pela punição dos opressores e a recompensa após a morte.

A dimensão fundamental do além-do-homem consiste no que ele pode fazer para poder suportar viver em um mundo em que não pode mudar o passado (os valores que já estão constituídos). Somente o homem que vive intensamente seu presente e que o aceita pode, como a serpente mitológica, autodestruir-se, questionando as imposições e criando valores novos.

Por meio do conceito de vontade de poder, Nietzsche constrói uma interpretação global contra o dogmatismo que caracterizou as múltiplas esferas da cultura: a ciência, a arte, a ética, a religião, a política, a economia e a educação.

O filósofo denuncia a tradição que acreditou encontrar a verdade na natureza ou na história, afirmando que essa verdade não passava de uma ilusão. Era necessário combater a crença de que a verdade pode orientar nossos valores e legitimar nossas ações, ou seja, de que a verdade nos guiaria, pelo conhecimento, ao bem em si. Para Nietzsche, aqui reside a condenação da sensibilidade que desvaloriza o que é subjetivo e propõe sua **crítica à vontade de verdade**.

Segundo Nietzsche, era necessário abandonar a pergunta sobre a verdade, pois ela traz consigo a ideia de valor. A busca pela evidência da verdade torna-se um problema filosófico, afinal qual é a vontade que institui a verdade como valor absoluto? Quem quer a verdade? Quem prefere a verdade à ilusão? Desse modo, Nietzsche mostra que querer a verdade a todo preço é somente uma fachada.

O que deveria ser feito, segundo o autor, é **perceber a natureza prescritiva que existe na moral** (as obrigações) e, embora a história e as culturas apresentem diferentes tipos de moral, o traço essencial de todas elas é a **coerção**, isto é, a **exigência de obediência**. Nietzsche chega a empreender uma História da Moral Cristã, denunciando o caráter prescritivo contido em seus valores e sistemas de avaliação. Perceber isso, segundo o filósofo, é a chave para poder se libertar desses valores e tecer a crítica que denuncia a **relação entre o projeto político da modernidade e a moral cristã**.

Na obra *Para uma genealogia da moral* (1887), Nietzsche desenvolve hipóteses sobre a origem dos principais valores morais vigentes no mundo ocidental. Para Nietzsche, não há nada que seja bom ou mau em si mesmo, o que mostra que os valores morais não podem partir de uma essência. Para algo ser bom ou mau deve haver um motivo, uma razão de ser. Em seus textos, Nietzsche apresenta, por meio de exemplos, como a moral foi construída, tanto pelo utilitarismo de classe social quanto pelo cristianismo.

Quanto ao utilitarismo, Nietzsche diz: afirmaram que algo é bom porque é útil, mas se esqueceram de mostrar a origem da utilidade, isto é, “para quem” é útil? Por outro lado, é com o cristianismo que a **moral dos escravos** triunfa sobre todos os outros ideais. **Essa moral carrega consigo a marca do ressentimento, da reação**. O homem do ressentimento não cria valores por meio da ação, pois ela é essencialmente reação. Ele primeiro é ferido, agido, movido, perturbado e depois age.

Nietzsche se pergunta: quem é bom segundo sua perspectiva? E a resposta vem: ele mesmo, claro. É dessa maneira que a palavra “bom” também se associa com fraco, humilde, inofensivo, manso. Portanto, nessa visão, o bem torna-se aquilo que se faz pela preservação, paz, união, igualdade e compaixão. E Nietzsche ironiza: que mais quer o ressentido do que alguém que entenda seu sofrimento, que sinta pena de suas dores?

## Revisando

- 1. Unioeste-PR 2017** Em sua crítica a Tales de Mileto, o pensador alemão Hegel afirmou que a proposição pela qual o primeiro filósofo ficou conhecido – cuja formulação seria aproximadamente ‘a água é o princípio essencial de todos os seres’ – é filosófica porque enunciaria a concepção de que tudo é um. Assim, a infinda multiplicidade dos seres remeteria a uma unidade essencial. Para Hegel, porém, esse princípio essencial deve ser absolutamente diferente dos seres que ele gera, sustenta e comanda. Com base no que foi dito, é **CORRETO** afirmar:
  - a) Hegel concorda com a tese de Tales de que a água é o princípio essencial dos múltiplos seres.
  - b) Hegel afirma que a multiplicidade não pode ser submetida a um princípio essencial.
  - c) o primeiro filósofo afirma que o princípio essencial é universalmente diferente dos seres gerados.
  - d) Hegel supõe que a filosofia diz a unidade dos seres, mas que a essência não é um ser entre outros.
  - e) Tales se baseou na necessidade da água para os seres vivos, para fundar a filosofia da natureza.
- 2. UEM-PR 2017** O que é racional, é efetivo; e o que é efetivo, é racional. Nesta convicção está toda consciência desprevenida, bem como a filosofia, e é daqui que esta parte para a consideração tanto do universo espiritual quanto do natural.[...] O que importa, então, é reconhecer na aparência do temporal e do transitório a substância que é imanente, e o eterno que é presente. Com efeito, o racional, que é sinônimo da ideia, quando ele entra em sua efetividade simultaneamente na existência externa, emerge uma riqueza infinita de formas, fenômenos e configurações, e reveste o seu núcleo com uma casca multicolor, na qual a consciência inicialmente se instala, e que só o conceito transpassa, para encontrar o pulso interno e sentir igualmente o seu batimento nas configurações externas.

(HEGEL, G. F. Excertos e parágrafos traduzidos. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: Seed, 2009, p. 313 e 314.)

A partir do texto de Hegel, assinale o que for **correto**.

- 01** A filosofia não pode se ater às manifestações externas, às aparências dos fenômenos e suas diversas configurações.
- 02** A imanência é uma qualidade sensível da substância, um dado exterior às coisas.
- 04** O racional torna-se ideia quando a consciência ultrapassa os fenômenos e os leva ao plano dos conceitos.
- 08** O processo do conhecimento parte do plano sensível, dos fenômenos, e atinge o plano do conceito, quando se torna efetivamente racional.
- 16** A filosofia busca reconhecer o que permanece na substância apesar dos diversos aspectos transitórios e variáveis presentes, como a cor, a extensão, a quantidade e outros.

Soma:

3. **Unesp 2017** A genuína e própria filosofia começa no Ocidente. Só no Ocidente se ergue a liberdade da autoconsciência. No esplendor do Oriente desaparece o indivíduo; só no Ocidente a luz se torna a lâmpada do pensamento que se ilumina a si própria, criando por si o seu mundo. Que um povo se reconheça livre, eis o que constitui o seu ser, o princípio de toda a sua vida moral e civil. Temos a noção do nosso ser essencial no sentido de que a liberdade pessoal é a sua condição fundamental, e de que nós, por conseguinte, não podemos ser escravos. O estar às ordens de outro não constitui o nosso ser essencial, mas sim o não ser escravo. Assim, no Ocidente, estamos no terreno da verdadeira e própria filosofia.

(Hegel. *Estética*, 2000. Adaptado.)

De acordo com o texto de Hegel, a filosofia

- a) visa ao estabelecimento de consciências servis e representações homogêneas.
  - b) é compatível com regimes políticos baseados na censura e na opressão.
  - c) valoriza as paixões e os sentimentos em detrimento da racionalidade.
  - d) é inseparável da realização e expansão de potenciais de razão e de liberdade.
  - e) fundamenta-se na inexistência de padrões universais de julgamento.
4. **UFMS 2020** Karl Marx foi um filósofo alemão que se destacou ao desenvolver um método de análise que ficou conhecido como materialismo histórico. Para Marx, a dimensão econômica era a base da sociedade. Para explicá-la, Marx analisou a sociedade do ponto de vista produtivo, os chamados “modos de produção”. A respeito do modo de produção escravista, segundo as ideias de Marx, assinale a alternativa correta.
- a) era caracterizado por religião primitiva; organização comunitária; propriedade coletiva, sem classes sociais; as forças produtivas baseadas no cultivo da terra, caça e colheita.
  - b) era caracterizado por uma religião de Estado; impérios centralizados; senhores escravos; e cultivo da terra com base na escravidão.
  - c) era caracterizado por uma religião primitiva; impérios centralizados; senhores X escravos; e cultivo da terra com base na escravidão.
  - d) era caracterizado por uma religião de Estado; impérios centralizados; estados X escravos; propriedade estatal; e escravidão.
  - e) era caracterizado pela religião católica; poder descentralizado; senhores X servos; cultivo da terra; e arrendamento.
5. **UEM-PR 2019** A Filosofia ocupa um papel crítico no pensamento do jovem Marx. Trata-se da crítica ao estado não democrático e da crítica à religião, como se observa na Introdução de sua obra de 1844, *Sobre a crítica da filosofia de Hegel*. A respeito do pensamento político de Marx, assinale o que for **correto**.
- 01 Marx se insurge contra a monarquia prussiana e trabalha para a constituição de um Estado de Direito na Prússia.
  - 02 Marx rompe com os hegelianos de esquerda ao defender uma democracia radical.
  - 04 Ao colocar a Filosofia a serviço da História sua tarefa principal é desmascarar a autoalienação humana.
  - 08 A crítica de Marx à religião não sofreu influência dos estudos de Feuerbach sobre o cristianismo.
  - 16 A religião é o ópio do povo em uma sociedade opressora e desprovida de cidadania.

Soma:

6. **UEG-GO 2019** O termo alienação é polêmico e possui diversas interpretações filosóficas e científicas. O filósofo Hegel foi um dos primeiros a oferecer relevância para esse termo. A concepção mais conhecida de alienação, no entanto, é a de Karl Marx, que desenvolveu uma discussão aprofundada sobre o trabalho alienado, que, segundo ele, é
- a) um processo mental no qual o trabalhador se vê alienado e fora da realidade, ficando completamente alheio ao mundo, tal como diziam os alienistas do século XIX.
  - b) um termo filosófico abstrato e ideológico, que deveria ser substituído pelo conceito de exploração, que revelava a verdadeira relação entre capitalistas e trabalhadores.
  - c) um conceito universal existente em todas as sociedades humanas, pois o ser humano precisa efetivar o trabalho para sobreviver e, assim, é constrangido a fazer o que não gosta.
  - d) uma relação social na qual o não trabalhador controla a atividade do trabalhador e, por conseguinte, o resultado do trabalho, explicando assim a origem da propriedade.
  - e) uma ideia ultrapassada produzida por filósofos materialistas que queriam transferir a alienação da consciência, tal como colocava Hegel, para o trabalho humano.
7. **Unesp 2017** Nossa felicidade depende daquilo que somos, de nossa individualidade; enquanto, na maior parte das vezes, levamos em conta apenas a nossa sorte, apenas aquilo que temos ou representamos. Pois, o que alguém é para si mesmo, o que o acompanha na solidão e ninguém lhe pode dar ou retirar, é manifestamente mais essencial para ele do que tudo quanto puder possuir ou ser aos olhos dos outros. Um homem espiritualmente rico, na mais absoluta solidão, consegue se divertir primorosamente com seus próprios pensamentos e fantasias, enquanto

um obtuso, por mais que mude continuamente de sociedades, espetáculos, passeios e festas, não consegue afugentar o tédio que o martiriza.

(Schopenhauer. *Aforismos sobre a sabedoria de vida*, 2015. Adaptado.)

Com base no texto, é correto afirmar que a ética de Schopenhauer

- a) corrobora os padrões hegemônicos de comportamento da sociedade de consumo atual.
- b) valoriza o aprimoramento formativo do espírito como campo mais relevante da vida humana.
- c) valoriza preferencialmente a simplicidade e a humildade, em vez do cultivo de qualidades intelectuais.
- d) prioriza a condição social e a riqueza material como as determinações mais relevantes da vida humana.
- e) realiza um elogio à fé religiosa e à espiritualidade em detrimento da atração pelos bens materiais.

8. **UEM-PR 2017** Søren Kierkegaard (1813-1885), pensador dinamarquês, é um dos precursores do existencialismo contemporâneo. [...] Para Kierkegaard, a existência é permeada de contradições que a razão é incapaz de solucionar. Critica o sistema hegeliano por explicar o dinamismo da dialética por meio do conceito. Ao contrário, deveria fazê-lo pela paixão, sem a qual o espírito não receberia o impulso para o salto qualitativo, entendido como decisão, ou seja, como ato de liberdade. Por isso é importante na filosofia de Kierkegaard a reflexão sobre a angústia que precede o ato livre.

(ARANHA, M. L. de A. *Filosofar com textos: temas e história da filosofia*. São Paulo: Moderna, 2012, p. 461 e 462.)

A partir do excerto acima, assinale o que for **correto**.

- 01 A compreensão filosófica sobre o sentido da vida não pode ser apenas racional, mas também existencial.
- 02 O pensamento de Kierkegaard sobre a liberdade é determinista, pois nossas decisões são inconscientes.
- 04 Entre os sentimentos humanos destaca-se a angústia, pois ela possui uma dimensão prática e, ao mesmo tempo, filosófica.

08 As paixões representam as ilusões dos sentidos, razão pela qual Kierkegaard critica o sistema de Hegel.

16 As determinações da existência, longe de serem claras, são enigmáticas e acarretam incertezas.

Soma:

9. **UEPG-PR 2019** Conforme o viés filosófico, assinale o que for correto em relação ao conceito de moral.

01 Conforme Nietzsche, a moral antinatural é aquela que “castra” o homem e o obriga a negar os valores vitais.

02 Nietzsche concorda com a universalidade da moral, proposta por Kant.

04 Kant acreditava que era possível desenvolver um sistema moral consistente e particular, utilizando apenas as experiências sensíveis.

08 Na teoria moral kantiana, o conceito de “dever” pode também ser compreendido como a necessidade de uma ação por respeito à lei moral.

Soma:

10. **Enem PPL 2019** Eis o ensinamento de minha doutrina: “Viva de forma a ter de desejar reviver – é o dever –, pois, em todo caso, você reviverá! Aquele que ama antes de tudo se submeter, obedecer e seguir, que obedeça! Mas que saiba para o que dirige sua preferência, e não recue diante de nenhum meio! É a eternidade que está em jogo!

NIETZSCHE apud FERRY, L. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010 (adaptado).

O trecho contém uma formulação da doutrina nietzscheana do eterno retorno, que apresenta critérios radicais de avaliação da

- a) qualidade de nossa existência pessoal e coletiva.
- b) conveniência do cuidado da saúde física e espiritual.
- c) legitimidade da doutrina pagã da transmigração da alma.
- d) veracidade do postulado cosmológico da perenidade do mundo.
- e) validade de padrões habituais de ação humana ao longo da história.

## Exercícios propostos

1. **Uece 2020** A passagem que se apresenta a seguir expressa uma das mais importantes e conhecidas afirmações do filósofo Karl Marx, pensador alemão do século XIX: “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência”.

Marx, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: M. Fontes, 1977.

Considerando o trecho acima, e o pensamento de Karl Marx, atente para o que se diz a seguir e assinale com **V** o que for verdadeiro e com **F** o que for falso.

- O trecho expressa um dos aspectos centrais da crítica de Marx ao idealismo: no lugar das ideias, são os fatos, são as condições materiais que governam o processo social e o pensar.
- Trata-se de uma afirmação peremptória a respeito da imensa capacidade da consciência humana em criar, de maneira plena, novas realidades sociais concretas.
- Reflete uma visão materialista dialética e histórica sobre o modo de pensar a realidade que entende o pensamento como um reflexo desta própria realidade e não como seu produtor.
- Na perspectiva do pensamento de Marx, ser e consciência formam uma unidade dialética na qual ora a consciência gera a realidade do ser ora este ser real produz a consciência.



A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) F, V, F, V.
- b) V, F, V, F.
- c) F, V, V, F.
- d) V, F, F, V.

2. **UFU-MG** O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si [...].

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1988.

Com base em seus conhecimentos e na leitura do texto acima, assinale a alternativa correta segundo a filosofia de Hegel.

- a) a essência do real é a contradição sem interrupção ou o choque permanente dos contrários.
- b) as contradições são momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários.
- c) o universo social é o dos conflitos e das guerras sem fim, não havendo, por isso, a possibilidade de uma vida ética.
- d) Hegel combateu a concepção cristã da história ao destituí-la de qualquer finalidade benevolente.

3. **UFGD-MS 2022** No curta-metragem *Meu Amigo Nietzsche*, dirigido por Fáuston da Silva, o estudante Lucas, personagem principal da trama, experimenta o dilema de não ter um bom desempenho em leitura. De acordo com sua professora, caso não se esforce o suficiente, poderá “repetir o ano”. Sua trajetória de “fracasso” é interrompida após encontrar por acaso em um lixão um dos livros do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche, *Assim falou Zaratustra* (1883). Do mesmo modo que o personagem central da obra nietzscheana, Lucas vive a desconfiança daqueles que estão em seu entorno.

Levando em consideração o curta, bem como os pressupostos da filosofia de Nietzsche e o título do livro, assinale a alternativa que expressa o sentido da principal descoberta de Lucas.

- a) O reconhecimento do valor da leitura.
  - b) O questionamento dos valores socialmente instituídos.
  - c) A escola e os problemas de ensino-aprendizagem.
  - d) A importância dos valores familiares.
  - e) A relevância de ser reconhecido por seus professores e colegas de escola.
4. **UFU-MG 2018** Segundo Karl Marx (1818-1883), não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência.

*Contribuição à crítica da economia política*.  
São Paulo: M. Fontes, 1977. p. 23.

Essa citação sintetiza o pensamento filosófico, político, histórico e econômico desse pensador, que se convencionou chamar de

- a) liberalismo de esquerda.
- b) idealismo dialético.
- c) atomismo econômico.
- d) materialismo histórico.

5. **UEM-PR 2019** O filósofo alemão Nietzsche realizou em sua obra uma crítica das posições metafísicas dos filósofos anteriores. Ele afirma:

Contra-ponhamos a isso, afinal, de que modo diferente nós (– digo nós por cortesia...) captamos no olho o problema do erro e da aparência. Outrora se tomava a alteração, a mudança, o vir-a-ser em geral como prova de aparência, como signo de que tem de haver algo que nos induz em erro. Hoje, inversamente, na exata medida em que o preconceito da razão nos coage a pôr unidade, identidade, duração, substância, causa, coisidade, ser, vemo-nos, de certo modo, enredados no erro, necessitados ao erro; tão seguros estamos, com fundamento em um cômputo rigoroso dentro de nós, de que aqui está o erro.

(NIETZSCHE, F. O crepúsculo dos ídolos. In: FIGUEIREDO, V. (org.) *Seis filósofos na sala de aula*, v. 2. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007, p. 175).

Acerca das teses de Nietzsche sobre o ser, a aparência, a verdade e o erro, assinale o que for **correto**.

- 01 Nietzsche propõe que é ilusório conceber a verdade como algo único e permanente.
- 02 A arte é um processo de falsificação pelo qual construímos um mundo verdadeiro.
- 04 O homem está “enredado no erro” porque precisa contar com a previsibilidade e a racionalidade para sobreviver.
- 08 A crítica de Nietzsche se dirige à maneira como a filosofia moderna se desviou das teses dos pensadores pré-socráticos Parmênides e Heráclito.
- 16 Segundo Nietzsche, a ciência moderna investiga as transformações dos fenômenos naturais, por isso compreende que o mundo é fundamentalmente um processo de vir-a-ser.

Soma:

6. **Uece 2019** Não existe contraposição maior à exegese e justificação puramente estética do mundo [...] do que a doutrina cristã, a qual é e quer ser somente moral, e com seus padrões absolutos, já com sua veracidade de Deus, por exemplo, desterra a arte, toda arte, ao reino da mentira – isto é, nega-a, reprova-a, condena-a.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*. – “Tentativa de autocrítica”. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19.

Nessa passagem, Nietzsche

- a) apoia a valorização moral da obra de arte, negando que seja possível obras de arte divergentes da moral cristã.
- b) defende uma arte verdadeira, contra a arte cristã, que adere à mentira, pois não passa de uma moral.
- c) concebe que os padrões absolutos do cristianismo são supraestéticos, suprassensíveis, e por isso valorizam a arte.
- d) critica a concepção moral da existência em defesa do caráter sensível, estético do mundo, tal como se configura na arte.

## Texto complementar

### O que significa dizer que "Deus está morto" na filosofia de Nietzsche?

O significado da afirmação da morte de Deus tem um alcance bem mais amplo do que o de exprimir uma forma de ateísmo comum, como Martin Heidegger demonstrou muito bem no magistral ensaio *A sentença de Nietzsche "Deus está morto"*.

[...] Heidegger escreve: "Essa passagem evidencia que a afirmação de Nietzsche acerca da morte de Deus refere-se ao Deus cristão. Mas também é certo, e deve ser levado em conta desde então, que as expressões 'Deus' e 'Deus cristão' são empregadas, no pensamento de Nietzsche, para indicar o mundo suprassensível em geral. 'Deus' é o termo para designar o mundo das ideias e dos ideais. Desde Platão – ou melhor, desde o último período da filosofia grega e da interpretação cristã da filosofia platônica –, esse mundo do suprassensível tem o mesmo valor que o mundo verdadeiro, o autenticamente real. Em oposição a ele, o mundo sensível é simplesmente o mundo terreno, o mundo mutável, aparente e irreal. O mundo terreno é o vale de lágrimas, em contraposição à eterna felicidade supraterrena. Se, como ainda faz Kant, entendemos o mundo sensível como mundo físico no sentido mais amplo, o mundo suprassensível passará a ser o mundo metafísico. Assim, a expressão 'Deus está morto' significa que o mundo ultrassensível não tem força real, não envolve nenhum tipo de vida. A metafísica, ou seja – para Nietzsche – a filosofia ocidental entendida como platonismo, está no fim. Nietzsche considera sua filosofia como a contracorrente da metafísica, isto é, para ele, do platonismo.

REALE, Giovanni. *A sabedoria dos antigos*. São Paulo: Loyola. [s.d]. p. 23-24.

## Resumindo

1. *A Fenomenologia do espírito* – obra principal de Hegel – foi concebida pelo autor com o objetivo de descrever o caminho percorrido pela consciência em busca da verdade ao longo da história.
2. Hegel mostrou como o desenvolvimento da consciência do indivíduo ao longo da história construiu o discurso científico (discurso da razão), procurando entender como aconteceu o processo de "formação" do sujeito para a ciência.
3. Para Hegel, a dialética representa o esforço intelectual para fazer coincidir a consciência com o princípio da vida e para acompanhá-lo na infinita diversidade das suas especificações.
4. Para Hegel, a história do mundo é provida de racionalidade; é manifestação do espírito absoluto como contingência ou, melhor dizendo, é uma idealização em seu grau mais avançado, resultado da razão em sua liberdade e, portanto, portadora da totalidade.
5. Marx vale-se do método dialético de Hegel, mas o inverte: assumindo que o exercício da reflexão deve partir do concreto para chegar ao abstrato. As contradições da realidade foram analisadas com base nas condições materiais, dando um caráter empírico (prático) à dialética.
6. Para o marxismo, o trabalho é o que produz historicamente a realidade do homem, ainda que os homens "não tenham consciência" disso, ou seja, os homens estão em uma relação de alienação com o mundo.
7. A partir da dialética materialista (invertida), Marx e Engels concluíram que as condições materiais criam contradições que, por sua vez, criam as classes sociais que, no capitalismo, antagonizam entre si, evidenciando a dinâmica (movimento) da história da humanidade; desse modo, os autores conceberam o que ficou conhecido como materialismo histórico.
8. Para Schopenhauer, a subjetividade compreende a representação (efetuada pela razão) e a vontade (causa em si, desejo, instinto).
9. O amor (pela via da compaixão) e as artes são momentos de supressão da vontade na filosofia de Schopenhauer.
10. A ética schopenhaueriana só se dá pela via da compaixão, quando se abandona o eu mais profundo.
11. Para Kierkegaard, a liberdade de escolha e o propósito de cada um não se efetuam sem angústia.
12. Angústia (ou ansiedade) é o medo fora de foco, disperso, vertigem diante do vazio (da liberdade de escolher); está associada ao medo das decisões morais.
13. Há três estágios da condição humana: estético, ético e religioso.
14. Nietzsche recusa as crenças e convicções impostas pela modernidade ocidental, pois elas estão fundadas em valores morais, éticos, estéticos, científicos e políticos de base cristã.
15. Os conceitos de eterno retorno e de além-do-homem são relevantes porque trazem a temporalidade da vida como algo essencial no pensamento de Nietzsche, caracterizando-o como um filósofo da existência humana.
16. Nietzsche mostrou a impotência da vontade humana para modificar o passado, restando-lhe viver intensamente o presente, aceitando-o e amando-o.

## Quer saber mais?



### Livro

**KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1988.**

Essa obra analisa os diferentes sentidos da dialética durante a história da filosofia.



### Filme

**Match point. Direção: Woody Allen, 2005. Classificação indicativa: 14 anos.**

Um drama sobre casamento por conveniência, traição e crime, esse filme permite uma reflexão a partir da crítica à moral de Nietzsche.

## Exercícios complementares

### 1. UEL-PR 2022

Leia o texto a seguir

Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à inteligência lógica mas à certeza imediata da intuição [*Anschauung*] de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 27.

A compreensão do processo de criação a partir da analogia com a procriação, da valorização da intuição e da crítica ao conceito renovou profundamente a estética filosófica.

A respeito da teoria nietzschiana da criação, manifesta na sua interpretação do apolíneo e do dionisíaco, assinale a alternativa correta.

- O dionisíaco, elogiado por Nietzsche como símbolo de um acordo superior entre o humano e a natureza, tem como marca característica a dissolução do humano.
- O apolíneo representa o âmbito da dissolução das formas, da embriaguez; enquanto o dionisíaco diz respeito ao âmbito figurativo do sonho.
- O procedimento dialético socrático, discutido por Nietzsche, mantém a tensão característica da tragédia, sendo a lógica uma criação resultante do equilíbrio entre a forma e o informe.
- A cultura da ópera representa o renascimento da tragédia, pois reconstitui os vínculos entre arte, religião e sociedade a partir da oposição entre o apolíneo e o dionisíaco.
- A relação entre apolíneo e dionisíaco permite pensar a criação a partir de elementos negligenciados pela filosofia, como o corpo, as pulsões e o feminino.

### 2. UEG-GO

Para Hegel, a razão é a relação interna e necessária entre as leis do pensamento e as leis do real. Assim, ela é a unidade entre a razão subjetiva e a razão objetiva. Hegel denominou essa unidade de espírito absoluto. Dessa forma, um evento real pode expressar e ser resultado das ideias que o precedem. Um exemplo da objetivação dessas ideias é o seguinte evento:

- a subida de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, representando os ideais sionistas germânicos.
- a queda de Dom Pedro I do trono brasileiro, representando a crise do sistema colonial português.
- a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder, representando o ideal iluminista de igualdade social.
- a coroação de Dom Pedro II no trono brasileiro, representando a vitória dos ideais puritanos de moral.

### 3. UEM-PR 2017

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e oficial, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das suas classes em luta. [...] Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classes. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.

(MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto comunista. In: ARANHA, M. L. de A. *Filosofar com textos: temas e história da filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2012, p. 449.)

A partir do texto citado, assinale o que for **correto**.

- 01 A teoria marxiana tem como um de seus fundamentos de análise o antagonismo dos interesses entre o proletariado e a burguesia.
- 02 O trecho citado evidencia o núcleo da teoria da história marxiana fundada na luta de classes.
- 04 Este texto apresenta um erro de interpretação, visto que afirma que sempre existiu, em todos os períodos históricos, burguesia e proletariado.

- 08 O trecho apresenta uma contradição, pois, se de fato houve guerras ininterruptas entre as classes, a sociedade deveria ter sido exterminada por essas guerras.
- 16 O texto ressalta um dado central para a análise da sociedade: a presença de oposições que envolvem as relações entre classes sociais.

Soma:

4. **UEM-PR 2021** O filósofo escocês Alasdair MacIntyre é um proponente do comunitarismo, uma forma de pensamento segundo a qual a preocupação com o bem comum deve dirigir o debate entre as diferentes visões de indivíduos e grupos sociais e produzir práticas refletidas comuns, por meio das quais as desigualdades e as injustiças da sociedade podem ser resolvidas. MacIntyre afirma que teorias tradicionais dominantes (como o liberalismo e o socialismo) trazem o risco de impor formas de pensamento únicas para a sociedade, tanto porque se baseiam em liberdades individuais e no poder econômico dos indivíduos (seja na organização da sociedade, seja em seus meios de produção) quanto porque se baseiam em um Estado central. Acerca das teorias do comunitarismo, do liberalismo e do socialismo, assinale o que for correto.
- 01 A teoria do liberalismo clássico compreende o direito à propriedade como um direito fundamental e inalienável do indivíduo.
- 02 Para o liberalismo, as transformações sociais são causadas por revoluções em que a maioria das pessoas abandona seus interesses pessoais e se organiza coletivamente para combater regimes políticos opressores.
- 04 O filósofo Karl Marx afirma que a história das sociedades é formada pela história da luta de classes econômicas.
- 08 MacIntyre propõe que a sociedade deve se organizar a partir de uma síntese dialética do liberalismo e do socialismo.
- 16 O comunitarismo é uma versão contemporânea das teorias anarquistas do séc. XIX.

Soma:

5. **Unesp 2017** Quase sem exceção, os filósofos colocaram a essência da mente no pensamento e na consciência; o homem era o animal consciente, o “animal racional”. Porém, segundo Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, sob o intelecto consciente está a “vontade inconsciente”, uma força vital persistente, uma vontade de desejo imperioso. Às vezes, pode parecer que o intelecto dirija a vontade, mas só como um guia conduz o seu mestre. Nós não queremos uma coisa porque encontramos motivos para ela, encontramos motivos para ela porque a queremos; chegamos até a elaborar filosofias e teologias para disfarçar nossos desejos.

(Will Durant. *A história da filosofia*, 1996. Adaptado.)

Explique a importância da concepção do homem como “animal racional” para a filosofia. Como o conceito de “vontade inconsciente”, proposto por Schopenhauer, compromete a confiança filosófica na razão?

6. **Unioeste-PR 2018** Considere os seguintes excertos:
- Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico e o fora através do poder demoníaco que falava pela boca de Eurípedes. Também Eurípedes foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado Sócrates.

Nietzsche, F. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

O Nascimento da tragédia tem dois objetivos principais: a crítica da racionalidade conceitual instaurada na filosofia por Sócrates e Platão; a apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas dionisíaca e apolínea, como alternativa à racionalidade.

Machado, R. “Arte e filosofia no Zarathustra de Nietzsche” In: Novaes, A. (org.) *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Os trechos acima aludem diretamente à crítica nietzschiana referente à atitude estética que

- a) subordina a beleza à racionalidade.
- b) cultua os antigos em detrimento do contemporâneo.
- c) privilegia o cômico ao trágico.
- d) concebe o gosto como processo social.
- e) glorifica o gênio em detrimento da composição calculada.

## BNCC em foco

EM13CHS102

1. Na recente campanha presidencial brasileira, os principais candidatos declararam abertamente seu “cristianismo”, ou foram “forçados” a admitir que tiveram uma formação cristã... Em nossa “individualizada sociedade de consumidores”, para usar uma expressão de Zygmunt Bauman, é muito penoso assumir radicalmente a responsabilidade pelos próprios valores e modos de existência.

JUNGES, Márcia. O niilismo como doença da vontade humana. *IHU Online*, 20 dez. 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3702-clademir-araldi-1>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Qual é a atualidade do diagnóstico nietzschiano sobre o niilismo? Como o seu pensamento nos ajuda a compreender o relativismo de valores que vivenciamos?

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

12

## Filosofia Contemporânea: tendência analítica

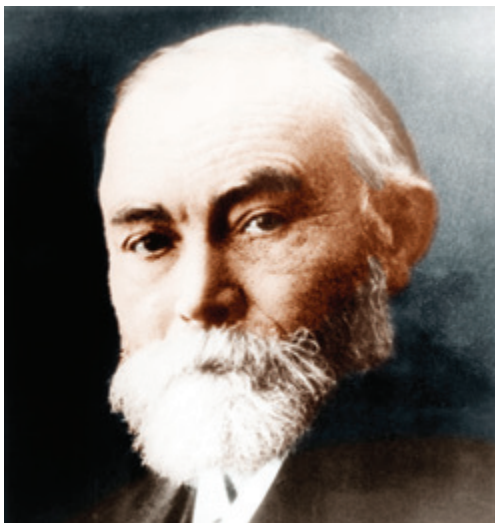
A entrada no século XX é marcada pela dedicação da atividade filosófica à análise crítica da linguagem. A filosofia analítica investigou o que há de verdadeiro entre as coisas do mundo e seus significados. Essa tradição desenvolveu-se da lógica matemática de Gottlob Frege, tendo em Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein seus principais expoentes. Suas contribuições desembocaram na filosofia da ciência, cujos trabalhos de Karl Popper e Thomas Kuhn foram essenciais para aprofundar as relações entre a lógica da ciência, o método científico e o diálogo entre a metafísica e a ciência.

A análise da linguagem, o método científico e o diálogo entre a metafísica e a ciência são os pilares da Filosofia Contemporânea.

## Gottlob Frege e a lógica matemática

Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925) foi um matemático, lógico e filósofo alemão, considerado criador da lógica matemática moderna. Sua concepção de lógica e de linguagem contribuiu para o desenvolvimento da filosofia analítica. Influenciou Bertrand Russell (1872-1970), Ludwig Wittgenstein (1889-1951), Alan Turing (1912-1954), o pai da computação, e John Searle (1932-) e sua filosofia da mente. Além disso, suas contribuições pavimentaram o caminho para o surgimento da **semiótica** como área própria do conhecimento.

**Semiótica:** área do conhecimento dedicada aos sistemas sógnicos, às linguagens e aos fenômenos produtores de significados. Considerada como a ciência dos signos e das linguagens, com estudos no campo da comunicação e representada por várias correntes e pensadores, incluindo filósofos, a exemplo do norte-americano Charles Sanders Pierce (1839-1914).



alg-images/Albunny/Fotorena

Gottlob Frege (1848-1925) foi o fundador da moderna lógica matemática e precursor da filosofia analítica.

As três principais teses de Frege são:

1. separação do que é lógico do que é psicológico, do objetivo e do subjetivo;
2. construção de uma linguagem lógica que expresse a estrutura do pensamento;
3. distinção entre sentido e referência na constituição do significado linguístico.

Frege mostrou a diferença entre um objeto de conhecimento e a forma de seu reconhecimento. Dito de outro modo, evidenciou a diferença entre afirmar algo, que é subjetivo, e o conteúdo afirmado, que é objetivo. Essa distinção é o cerne de sua investigação lógica. A partir daí, buscou eliminar a influência que as palavras da linguagem cotidiana exerciam sobre a filosofia, apresentando uma linguagem formal, isto é, puramente lógica, para filosofar.

A sua obra *Begriffsschrift* (1879), traduzida para o português como *Conceitografia, uma linguagem formular do pensamento puro modelada sobre a da aritmética*, apresenta seu sistema lógico-matemático no sentido moderno.

Esse livro contém uma demonstração do pensamento matemático por meio das notações. Por meio de representação simbólica, Frege apresenta as estruturas dos enunciados lógicos de base matemática e suas relações.

Frege renovou o pensamento lógico a partir de um exame crítico acerca dos números. Não necessitamos apelar à intuição e à percepção sensorial para dizer algo sobre os números, mas precisamos apelar para uma lógica com leis próprias e que não são meramente descritivas, mas prescritivas. Isso quer dizer que os números são os elementos objetivos que estabelecem o modo de organizar o pensamento, impondo regras para iniciar qualquer tipo de dedução.

Os números são propriedades de conceitos mais gerais, os quais permitem gerar outros conceitos. Por isso, as proposições acerca dos números (isto é, os teoremas da aritmética) podem ser derivadas a partir de regras de transformação da lógica. Assim, Frege percebe que a Matemática poderia servir de base para a Filosofia em seu intuito de conhecer e de afirmar verdades sobre o mundo. Seu objetivo era mostrar como construir provas de verificação, ou seja, a demonstração de qualquer tipo de enunciado.



Thinnapat/Stockphoto.com

A linguagem matemática e a notação científica: solução para representar números muito grandes.

Diferentemente da lógica tradicional, Frege parte da noção de juízo. Distingue nitidamente o que é juízo (fazer uma afirmação) do que é o objeto sobre o qual se exerce o ato de julgar. Essa distinção é importante, pois é a partir dela que o autor irá apresentar a noção de valor de verdade de uma sentença, a qual difere da verdade dos objetos. Para entender a proposta de Frege, retomemos um exemplo de silogismo.

**Premissa menor: S é M**

ou

**Todo homem é mortal.**

**Premissa maior: Todo M é P**

ou

**Sócrates é homem.**

**Conclusão: S é P**

ou

**Sócrates é mortal.**

De acordo com Frege, o modo de argumentar do silogismo pode ser válido, mas a consequência (conclusão) tirada da relação entre as premissas é difícil de ser demonstrada. Frege entende que as sentenças produzidas em um discurso possuem conteúdos relacionados a dois

tipos de objetos: objeto verdadeiro e objeto falso. Objeto é qualquer coisa que possa ser designada por um nome próprio e que possa exercer o papel de argumento ou valor de uma função. Função e objeto são os dois aspectos fundamentais da realidade.

A referência de um conceito corresponde àquilo que ele denota ou designa, enquanto o sentido é o modo de apresentação do objeto denotado ou designado. O sentido dá o valor cognitivo do conceito, ou seja, relaciona-se também ao conhecimento que tanto aquele que profere a sentença quanto aquele que a ouve ou lê têm a respeito do conceito e que se relaciona à sua percepção, memória, juízo ou raciocínio.

Em relação ao sentido, encontramos três noções.

1. Sentido tem valor informativo.

2. Sentido singulariza a referência, ou seja, a torna única.

3. Sentido promove a denotação em contextos de compreensão complicados, ou seja, esclarece.

As referências e os sentidos de uma sentença designam seu valor de verdade, isto é, por meio de sua análise posso dizer se são sentenças verdadeiras ou falsas. As sentenças sem sentido não podem ser verdadeiras nem falsas, **apenas sentenças com sentido e com referência podem ter valor de verdade**. Como, então, identifico uma sentença com valor de verdade?

1. Sentença tem valor de verdade se é bem construída sintaticamente.

2. Sentença tem valor de verdade se tem sentido.

3. Sentença tem valor de verdade se expressa uma proposição.

Em primeiro lugar, os termos essenciais da sentença (sujeito, verbo, predicado) devem cumprir as regras sintáticas e apresentar algum sentido. Em segundo lugar, uma sentença deve ter a forma da proposição para que possa ter valor de verdade. As proposições são sentenças declarativas afirmativas. Estão excluídas, portanto, as interrogativas e as exclamativas.

Antanaini/Stockphoto.com



“Abelhas são insetos.” Uma proposição é aquela que pode ser julgada em termos de verdadeiro ou falso.

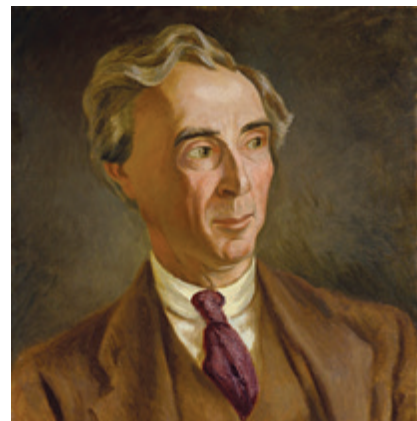
Uma sentença é apenas um sentido diferente dado ao verdadeiro e ao falso. Consequentemente, do mesmo modo que ocorre com os nomes, alterar o sentido de uma sentença não altera o valor de verdade global do enunciado, desde que a referência seja a mesma. Se a referência de uma sentença é justamente seu valor de verdade, ela só pode ser substituída por outra de mesmo referente, isto é, de mesmo valor de verdade.

As mais importantes teses de Frege sobre as relações entre sentido e referência são:

1. o sentido da expressão é o que determina seu referente;
2. duas expressões de mesmo sentido designam o mesmo referente;
3. duas expressões correferentes (de mesma referência) podem não expressar o mesmo sentido;
4. a dicotomia sentido/referência se aplica não só aos termos singulares (ou nomes próprios), mas também aos termos gerais.

## Russell e a teoria do conhecimento

Bertrand Russell (1872-1970) foi um matemático, filósofo, lógico inglês e um dos primeiros pensadores que contribuiu para a filosofia de tradição analítica. Foi considerado uma autoridade moral por sua influência na crítica a Hitler, ao stalinismo, às armas nucleares, à guerra no Vietnã, à segregação racial e como defensor dos direitos das mulheres. Em 1950, recebeu o prêmio Nobel, em reconhecimento aos trabalhos nos quais defende os ideais humanitários e a liberdade de pensamento.



Roger Fry/National Portrait Gallery, Londres

FRY, Roger. Retrato de Bertrand Russell. Óleo sobre tela, 1923.

A postura de Russell era a de que não cabia à filosofia oferecer respostas seguras, sendo o seu papel desbravar o caminho para a ciência. A tarefa do filósofo era a de levantar problemas, mais que resolvê-los. Para isso, era importante esclarecer os conceitos, as proposições e as demonstrações científicas, submetendo-as a uma penetrante análise lógica.

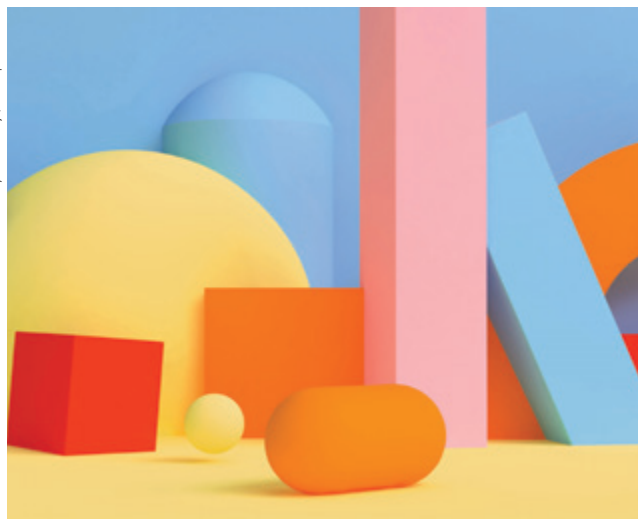
Russell foi um pensador da epistemologia. No entanto, menos interessado em discutir a respeito de como o homem conhece, dedicou-se a como o homem diz que conhece. Para ele, havia muita confusão nos enunciados filosóficos devido ao mau uso da linguagem comum – questão já levantada por Frege. Era necessário empreender uma investigação

sobre o significado e a verdade desses enunciados, com o objetivo de clarificá-los e, assim, encontrar uma linguagem logicamente perfeita, capaz de dizer algo sobre o mundo. Afinal, para Russell:

1. existe uma relação lógica indissociável entre a linguagem e o mundo;
2. a lógica da linguagem descreve o funcionamento verdadeiro do mundo;
3. a linguagem é o instrumento de conhecimento, sendo necessário entender suas possibilidades e seus limites.

Seguindo os passos de Frege, Russell elaborou uma teoria lógica da linguagem que tinha as seguintes premissas: 1) a linguagem é constituída por proposições (afirmam uma condição de verdade); 2) os elementos que constituem as proposições são símbolos que significam os constituintes dos fatos da realidade e que permitem às proposições serem verdadeiras ou falsas; 3) é preciso ter conhecimento direto dos elementos dos fatos para captar seu significado.

A teoria lógica da linguagem de Russell ficou conhecida como atomismo lógico. De acordo com o atomismo lógico, o mundo consta de fatos atômicos ou simples que são os referentes dos enunciados simples ou atômicos. A linguagem é uma espécie de pintura do mundo, como um mapa que representa um terreno ou uma área. Cada nome corresponde a um referente, uma entidade concreta chamada de dado sensorial, e cada predicado corresponde a uma propriedade real, absoluta ou relativa.



Atomismo lógico: a linguagem deve expressar os fatos lógicos do mundo.

Em sua lógica atomista, destacam-se alguns aspectos essenciais:

1. Cada proposição simples (proposição atômica) corresponde a um fato simples, um fato atômico. Ex.: O livro é azul.
2. As proposições simples podem se articular formando proposições complexas ou moleculares. Ex.: O livro é azul e pertence a Sócrates.
3. Em proposições complexas do tipo causais, nem sempre há certeza de que uma proposição seja de fato a causa de outra. Ex.: A casa pegou fogo **porque** alguém dormiu com o cigarro aceso.

Para Russell, os fatos atômicos (simples) são os que consistem uma entidade (ou um ser) que possui uma qualidade simples, por exemplo, “livro azul”. A cor é um *dado sensível* e, por isso, não pode ser mais decomposta. Fatos mais complexos são os que consistem em relações e, por isso, passíveis de serem decompostos. Por exemplo: **Isto está junto daquilo**. Nessa sentença, temos palavras que não têm objetos equivalentes na realidade (como “isto” e “aquilo”) para representar.

Nas proposições não existem apenas “nomes” – símbolos de objetos particulares –, mas “verbos” ou “conectivos” que expressam relações entre objetos. Não se pode, portanto, mostrar por meio de objetos na realidade relações assimétricas encontradas na linguagem como “ou” ou “não” ou ainda o que ele chamou de “nomes próprios” (isto, aquilo etc.), pois essas palavras dependem das descrições de acordo com as percepções individuais.

A discussão sobre nomes próprios em Russell é muito relevante para a reflexão sobre nomear o que não é objeto de conhecimento direto. Quando digo “Sócrates é um filósofo grego” ou “Lisboa é a capital de Portugal”, percebo que as palavras “Sócrates” e “Lisboa” não são nomes próprios do ponto de vista lógico. São apenas descrições encobertas e abreviadas. “Sócrates”, por exemplo, seria uma abreviação para qualquer descrição que possamos dar ao seu objeto correspondente na realidade (“filósofo grego que foi condenado a beber cicuta” ou “mestre de Platão”).

O nome próprio, portanto, em sentido lógico corresponderia a palavras como “isto”, “isso” ou “aquilo”, na medida em que elas são usadas como nomes de particulares, ou seja, o demonstrativo nada nos diz a respeito do objeto (não o qualifica, não o predica), mas se limita a assinalar, provando serem verdadeiros para indicar coisas particulares.



O nome próprio é importante para indicar coisas particulares.

Russell nunca duvidou de que o ponto de partida do conhecimento fosse a experiência individual, o domínio privado dos dados imediatos, mas também não afirmou que o conhecimento se reduzisse apenas a isso. A esfera da experiência corresponde apenas ao **conhecimento direto**, de cujos objetos somos conscientes sem mediação de nenhum processo de inferência. Já o **conhecimento indireto** corresponde ao conhecimento de verdades. Podemos simplificar essas ideias do seguinte modo:

Tipos de conhecimento	Exemplos	Como conheço
<b>Direto ou por familiaridade</b> (conhecimento de coisas)	Conhecemos a cidade de Salvador	Pelos dados sensíveis, pelo pensamento individual, pela memória
<b>Indireto ou por descrição</b> (conhecimento de verdades)	Sabemos que a Terra é redonda (geoide)	Por inferência



O conhecimento direto pressupõe a observação a partir dos sentidos. No entanto, podemos saber que a cidade de Salvador existe sem ter estado lá, mas porque outra pessoa nos contou ou porque encontramos informação a respeito em um livro. Esse conhecimento chega até nós, por terceiros, de modo indireto sendo, portanto, um conhecimento por descrição.

### Estabelecendo relações



Johann Gregor Mendel.

Que relações podemos estabelecer entre a descoberta da chamada hereditariedade pelo monge e botânico austríaco Johann Gregor Mendel (1822-1884) e os conhecimentos por familiaridade e por descrição propostos por Russell?

Em 1865, Mendel demonstrou como as características das ervilhas (tamanho, aparência etc.) eram transmitidas para as novas plantas que nasciam quando ele fazia o cruzamento das espécies. Essa herança que passa de geração para geração é chamada de hereditariedade. Apenas pela observação direta de um fenômeno, Mendel criou as regras básicas da genética. Mesmo sem ver o material genético e sem examinar os cromossomos que contêm o DNA das ervilhas, ele inferiu que existia algo no interior das células das plantas que era responsável pela transmissão de suas características.

Existe uma construção lógica do mundo que Russell defende em sua **Teoria dos Tipos** (Teoria das Classes) explicada na obra *Principia mathematica*. Tal teoria permite resolver vários problemas que Russell enfrentou quando queria falar por meio das descrições. O objetivo de Russell consistia em mostrar que o conhecimento se dá a partir de classes de hierarquias, de coisas mais simples até chegar a outras mais complexas.

O conhecimento por descrição, portanto, não é algo simples, por isso Russell desenvolveu a **Teoria das Descrições** para saber como determinar a verdade nesses casos. Russell afirmava que os enunciados só serão genuinamente predicativos (isto é, enunciados que qualificam) se sua forma gramatical coincidir com sua lógica. É importante distinguir três tipos de descrições: a) **descrições que não denotam nada**; b) **descrições que denotam um objeto definido**; e c) **descrições que denotam ambiguidade**.

O valor de Russell como filósofo tem origem no seu desenvolvimento da Lógica e da Matemática, resultando em uma minuciosa análise da linguagem com a criação

da teoria do atomismo lógico, um tipo particular de epistemologia. A partir de teses sobre a lógica da linguagem, Russell afirmou que o conhecimento envolve a relação direta do sujeito cognoscente com algum objeto (a relação de conhecer diretamente ou de apresentar um objeto a um sujeito cognoscente), mesmo que esse conhecimento seja por descrição de outro objeto.

## Wittgenstein e a filosofia da linguagem

Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi um dos principais autores da virada linguística na filosofia do século XX. Seu pensamento contribuiu nos campos da lógica, filosofia da matemática, filosofia da linguagem e filosofia da mente. Muitos estudiosos da obra de Wittgenstein dividem sua produção filosófica em dois períodos ou fases.

A primeira fase corresponde ao *Tractatus logico-philosophicus* (1921), em que Wittgenstein procura esclarecer as condições lógicas que o pensamento e a linguagem devem atender para poder representar o mundo. A segunda fase corresponde, especialmente, à obra *Investigações filosóficas* (1953), publicada apenas postumamente, na qual o autor sustenta que a **linguagem** é resultado da **interação social** historicamente determinada.



Ludwig Johann Wittgenstein.

O *Tractatus logico-philosophicus* é uma das principais obras dos primórdios da filosofia analítica. Nota-se nesta obra o interesse de Wittgenstein por lógica e a influência de preocupações éticas e religiosas que o autor desenvolveu quando esteve na guerra. Em termos gerais, consiste em uma explicação de como a linguagem consegue representar o mundo e das relações entre linguagem, mundo e pensamento. Mais especificamente, investiga a natureza de uma proposição, se é capaz de representar um estado de coisas e se é verdadeira ou falsa.

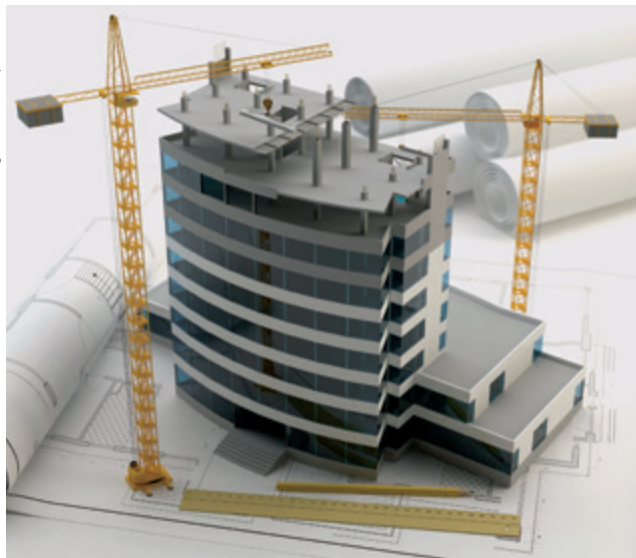
Todo o trabalho desenvolvido neste livro mostrava que os problemas filosóficos provêm de uma má compreensão da lógica de nossa linguagem, ou seja, são “falsos problemas” e que, portanto, não podem ser resolvidos. Para ele, o vício que está na base dos problemas filosóficos **é querer dizer o que não é possível ser dito**, pois as questões que levantam os filósofos e as respostas que procuram dar excedem o limite do que pode ter “sentido”.

Em resumo, dizer coisas que pareçam sensatas muitas vezes são dizeres vazios.

Para Wittgenstein, a **linguagem representa a estrutura do mundo porque existe correspondência entre o mundo, o pensamento e a linguagem**. O que determina a verdade ou falsidade de uma proposição é se a conexão entre as palavras na proposição é igual à conexão entre os objetos no mundo, isto é, se há uma identidade entre a estrutura das coisas e a estrutura do pensamento, ou seja, se ambos partilham da mesma forma lógica.

Segundo esse autor, o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. As coisas correspondem aos objetos, e os fatos, aos estados de coisas. Sendo assim, os objetos são condição de existência para os fatos e, de certo modo, são a substância do mundo. Enquanto os objetos são simples, os fatos são os objetos existindo, são ligação entre as coisas. Fatos não determinam o que pode ser dito, apenas o que pode ser descrito. Somente a lógica pode determinar o que pode ser dito, pois ela define o campo do significativo independentemente de quais sejam os fatos.

Aquela maquete daquele prédio é apenas uma maquete possível? Existiriam outras? Para Wittgenstein, **os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo**, por isso o mundo estaria reduzido a um eu, ou seja, só posso dizer o que meu mundo e minha linguagem permitem que eu diga. Ao espelhar o mundo, a maquete é o meio pelo qual o sujeito tem acesso ao pensamento. Decidir, portanto, qual modelo figurativo representa melhor os fatos existentes depende de saber quais fatos realmente ocorrem no mundo. Mas isso, de acordo com Wittgenstein, é tarefa do cientista, não do filósofo.



Maquete de edifício: a relação entre a maquete e o prédio é um exemplo da relação entre a linguagem e o mundo.

Assim, caberia à filosofia a tarefa de esclarecer a lógica do pensamento, e não tentar dizer o que é o mundo. Proposições filosóficas não são possíveis. As proposições são tarefa da ciência. A forma lógica, preocupação do filósofo, não se explica, mas se mostra, e segundo Wittgenstein “o que pode ser mostrado não pode ser dito”. Em vez de especular sobre a totalidade do mundo e da linguagem, a

filosofia deveria ocupar-se de uma função mais modesta: a de **esclarecer a linguagem**.

Wittgenstein usa a analogia da escada que deve ser jogada fora após se subir por ela. A filosofia seria essa escada, que ele usou para descrever a estrutura lógica do mundo e da linguagem. Para muitos críticos de Wittgenstein, ele mesmo se encarregou de jogar fora a escada que utilizou, pois, desde a publicação do *Tractatus* (1921), o autor modificou radicalmente a orientação de sua filosofia: abandonou a perspectiva logicista, em vez de investigar a essência da linguagem, passou a dedicar-se ao estudo de seu funcionamento, ou seja, a atividade do filósofo não seria a busca por uma adequação lógica, e sim por uma atitude prática.



A metáfora da escada: após percorrer os degraus, a escada deve ser descartada. Só podemos descrever a linguagem, e não usá-la para além de seus limites.

O “segundo Wittgenstein” afirmava que a linguagem funciona em seus usos. Por isso, não era importante indagar sobre os significados das palavras, mas sobre as suas múltiplas e variadas funções práticas. Para ele, a linguagem seria **“jogos de linguagem”**, em que se observa não haver uma função única para expressar a linguagem, o que não permitiria unificá-la em uma única estrutura lógica e formal, ou seja, uma proposição não traz em si o todo da linguagem.

Diferentes formas de vida apresentam diferentes usos da linguagem. Isso implica uma mudança na perspectiva filosófica de Wittgenstein. A **pragmática** passa a ser anterior à **semântica**, ou seja, o uso da linguagem em contextos determinados está acima de seu significado, pois este depende do uso que se faz das palavras em contextos práticos.

**Pragmática:** ramo da linguística que estuda o uso concreto da linguagem pelos falantes da língua nos seus diversos contextos; estuda a relação entre o significado das palavras, os interlocutores e o contexto.

**Semântica:** ramo da linguística que investiga o componente de sentido das palavras e da interpretação das sentenças e dos enunciados.

Só podemos avaliar se o emprego de uma determinada palavra é correto ou não dentro do contexto de uma **comunidade linguística** que dela faz uso, pois é justamente o

acordo da comunidade que torna a comunicação possível. Isso quer dizer que para se analisar a linguagem deve-se compreender a liberdade humana, os hábitos arraigados aos modos de vida e a intersubjetividade. Nesse sentido, **não há uma regra única, mas um aprendizado dos significados que se dão em contexto.**

É pela analogia entre a noção de linguagem e a noção de jogo que Wittgenstein chega ao **conceito de jogos de linguagem.** Não há uma essência dos jogos: cada um possui seus elementos (cartas, dados, pinos, bolas etc.) e suas regras. Assim, como na linguagem, o que existe é uma “certa familiaridade (ou semelhança de família)”.

Quando levamos nossos discursos para outro cenário – social, técnico, cultural, filosófico ou religioso – dizemos que há ruídos de comunicação e, por vezes, somos incompreendidos ou não conseguimos compreender o que dizem os outros. O conceito de jogos de linguagem serve para ilustrar essas situações. Os jogos de linguagem funcionam apenas quando inseridos em determinada interpretação social da realidade, ou seja, não se referem ao “todo da realidade em si”.



Independente de quem vença, é preciso firmar um acordo para jogar xadrez.

Para qualquer jogo, precisamos estar de acordo com suas regras. Se uma das partes desconhece as regras, precisa querer aprendê-las ou, se discorda de como são, precisa ser convencida a aceitá-las. Caso contrário, não há como jogar. Isso é muito frequente quando ensinamos crianças a jogar algo que é difícil para elas. Muitas vezes, aceitamos as suas regras ou inventamos novas para que possam se inserir na brincadeira. Às vezes, conta mais que elas tenham a experiência de vivenciar a atividade ou até mesmo o prazer de vencer o jogo do que, de fato, jogá-lo.

No entanto, nos jogos de linguagem não podemos mudar as regras se queremos permanecer no jogo. Por isso, a filosofia, assim como qualquer discurso com pretensão de verdade – a ciência, por exemplo –, **está aprisionada em seu próprio jogo de linguagem.** Não consegue e nem pode ir além das próprias regras. Todas as crenças são jogos de linguagem que fazem sentido apenas dentro de suas regras. No caso da ciência, por mais que os cientistas se refiram a fatos concretos e mensuráveis, eles devem utilizar a linguagem estabelecida pela comunidade científica. Não se pode escrever uma tese de Física como se fosse poesia.

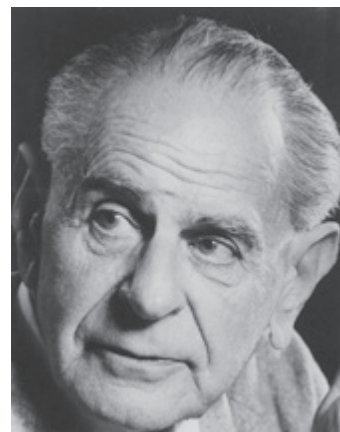
### Saiba mais

Johan Huizinga (1872-1945), historiador e linguista holandês, escreveu *Homo ludens* (1938), um importante livro no qual discute que o “jogar” é um elemento nuclear de formação da cultura humana. O autor observa como os elementos lúdicos estão presentes na política, na guerra, no amor, na poesia e em tantos campos da atividade humana. Esse livro, inclusive, tornou-se parte da bibliografia obrigatória nos estudos sobre *games* da atualidade.

## Karl Popper e o critério de falseabilidade

Karl Popper (1902-1994) nasceu em Viena e foi educado em um ambiente progressista, que despertou nele a apreciação pelo conhecimento, pelos estudos e pela cultura. Vivendo a crise após a Primeira Guerra, que resultou no fim do império dos Habsburgo, Popper presenciou o caos social e econômico instaurado em seu país e viu a sociedade vienense alterar-se radicalmente. De início, ele acreditou que o comunismo era um meio de acabar com os conflitos e a pobreza. Porém, abandonou essa ideia por considerar que havia ali um caráter dogmático do credo e arrogância intelectual.

Em 1922, matriculou-se na universidade e iniciou um curso de formação de professores. Em sua tese de doutorado, defendida em 1928, Popper discutiu o problema dos limites entre a Psicologia, a Lógica e a Epistemologia, buscando critérios de demarcação entre a Epistemologia e a Psicologia. Os anos 1930 marcaram sua vida. Ao fugir do nazismo, emigrou inicialmente para a Nova Zelândia e depois para a Inglaterra, lugar onde se estabeleceu e lecionou. Retirou-se da vida acadêmica em 1969, apesar de ter permanecido ativo intelectualmente até sua morte, em 1994.



LSE Library, Londres

Karl Popper e os limites da filosofia da ciência: quão perto podemos chegar de uma verdade sobre o mundo?

Sua atitude crítica, sobretudo em relação à obra de Wittgenstein, determinou a sua oposição ao influente Círculo de Viena. Popper rejeitou o credo dos positivistas lógicos porque esses consideravam a metafísica, a estética, a ética e outros ramos da filosofia como vazios de sentido e redundantes. Na opinião de Popper, pelo contrário, as mais inovadoras descobertas científicas foram feitas a partir de declarações metafísicas. Sua crítica ao positivismo

lógico o levou à elaboração do critério de demarcação do conhecimento científico baseado na **falseabilidade**. Vejamos como isso se deu.

Em suas investigações, Karl Popper declara que o **processo indutivo** (em que os cientistas se deslocam de fatos particulares para teorias gerais) deveria ser invertido, isto é, as descobertas científicas primeiramente apresentam suas teorias, que então passam a ser **confirmadas** ou **falsificadas** por fatos. Nesse sentido, a verdade de qualquer teoria em particular, por mais convincente que pareça, não é irrefutável, e a indução como método científico não pode confundir-se com a própria lógica científica.

Os testes servem para mostrar a falseabilidade das teorias (daí o termo “falsificacionismo”), ou seja, procedimentos para verificar experimentalmente se as **conjecturas** – palpites ou intuições – são consistentes. Isso quer dizer que o papel do cientista consiste em buscar a falseabilidade das teorias. A ciência deve se preocupar com as possíveis maneiras de refutar as teorias pela experiência.

**Conjectura:** é um juízo ou opinião com fundamentação incerta baseado em uma presunção, uma intuição ou um palpite; uma hipótese.

Dessa maneira, o critério de demarcação de uma teoria científica – o que pode tornar uma teoria científica – é a sua falseabilidade, ou seja, o fato de poder ser refutada pela experiência. O progresso da ciência seria o resultado de uma constante substituição de teorias antigas por novas. Portanto, somente a falseabilidade de uma teoria pode ser provada (testada), e nunca a sua veracidade absoluta, dado que a verdade absoluta não existe em nenhuma área do conhecimento.

Um dos aspectos mais relevantes da ciência, segundo Popper, seria o que ele denominou de “sede de progresso”. O progresso constante, no sentido de um contínuo aperfeiçoamento teórico, seria um aspecto essencial do duplo caráter racional e empírico da ciência. Esse progresso contínuo ocorre devido a modificações nas teorias, realização de testes empíricos e escolhas racionais das teorias, considerando que essas não são eternas. Popper enquadrava-se, assim, no chamado **realismo**.

**Realismo:** corresponde ao posicionamento filosófico que é contrário ao idealismo, isto é, à doutrina de que os objetos físicos e os eventos do mundo exterior são de alguma forma construções do espírito humano. Para os realistas, há independência da realidade em relação aos nossos esquemas conceituais, crenças e pontos de vista. Isso quer dizer que a verdade é uma questão de correspondência entre as nossas crenças e a realidade.

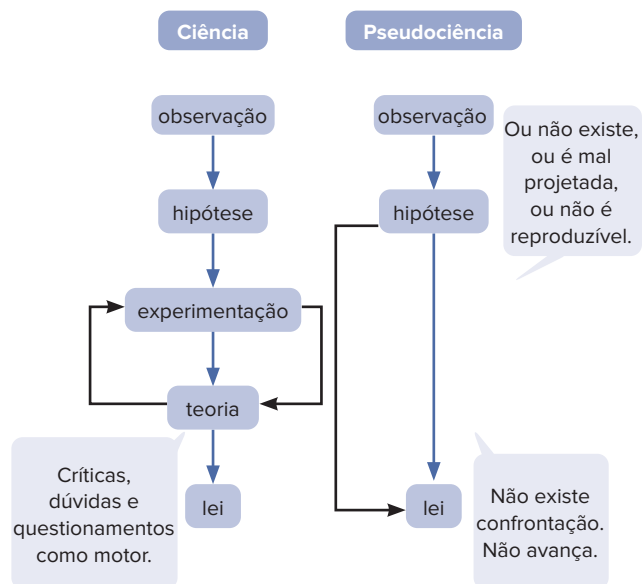
Qualquer afirmação científica jamais poderá ser considerada uma verdade absoluta ou definitiva. Uma teoria científica, no máximo, pode ser considerada válida até quando provada falsa por outras observações, testes e teorias, mais abrangentes ou exatos que a original. Segundo Popper, **o que não se pode refutar não pode ser**

**considerado científico**. Para Popper, uma boa teoria deve descrever uma vasta série de fenômenos com base em postulados simples e capaz de fazer previsões claras que possam ser testadas. O método científico proposto por Popper é o **método hipotético-dedutivo**, que se desenvolve por meio de quatro etapas:

- **primeira etapa:** apresentação de um “problema”;
- **segunda etapa:** construção de hipóteses;
- **terceira etapa:** experimentação e crítica das hipóteses;
- **quarta etapa:** apresentação de Leis Científicas (Teoria).

De acordo com Popper, quando uma teoria resiste, ela passa a ser uma **teoria corroborada** (ou comprovada), mas **jamais uma teoria verdadeira em termos absolutos**. O que podemos dizer da lei geral é que ela tem um caráter probabilístico, aproximativo e provisório. A verdade de qualquer teoria científica, por mais convincente que pareça, é sempre hipotética. A ciência nada mais é do que uma sequência de conjecturas. Mas, se as teorias científicas são sempre conjecturais, o que tornaria a ciência melhor do que qualquer forma de superstição, sem fundamento racional? O “problema da demarcação”, isto é, a diferença entre a ciência e outras formas de crença, reside, para Popper, no fato de que a ciência, ao contrário da superstição, pelo menos é falsificável, mesmo que não possa ser provada em termos absolutos. Já as teorias não científicas geralmente são baseadas em argumentos muito vagos e imprecisos, o que torna difícil dizer que estão erradas.

Pensar cientificamente, então, significava colocar as crenças sistematicamente à prova a fim de verificar se essas se sustentam ou não. Desse modo, não basta chamar uma disciplina de ciência, pois a verdadeira ciência é aquela que se submete aos devidos procedimentos racionais de teste. Desse modo, Popper questiona-se sobre a própria filosofia e demais campos do conhecimento que se pretendem científicos e capazes de apresentar teorias, dado que a questão que ele se coloca é se suas hipóteses são passíveis de serem empiricamente testadas.



Etapas do método hipotético-dedutivo à luz da ciência e da pseudociência.

Muitos são os impasses para se demarcar o campo científico, como a própria variedade dos objetos entre as diferentes ciências. Testar hipóteses, dentro da Química, criando os devidos experimentos de verificação é muito diferente que desenvolver uma hipótese sobre um animal extinto na Paleontologia, dado ser impossível testá-la. Em outros casos, não existem ou não foram desenvolvidos os experimentos necessários para se realizar os testes, como é o caso para comprovação de teorias sobre a formação da Lua, por exemplo, sendo necessário esperar por oportunidades.

## Thomas Kuhn e o paradigma científico



Davi, trip/Wikimedia Commons

Thomas Kuhn.

Thomas Kuhn (1922-1996) foi um físico e, ao lado de Karl Popper, foi um dos mais importantes pensadores da filosofia da ciência. Estudou e lecionou na Universidade de Harvard. Sua obra *A estrutura das revoluções científicas* (1962) representou uma virada na reflexão acerca da ciência, pois Kuhn considerou igualmente relevantes tanto os aspectos lógicos e empíricos quanto os aspectos históricos e sociológicos da atividade científica. Ao investigar o contexto da descoberta científica, defendeu que isso acontecia menos por razões ligadas ao método científico e mais pelo chamado **contexto de produção da ciência**.

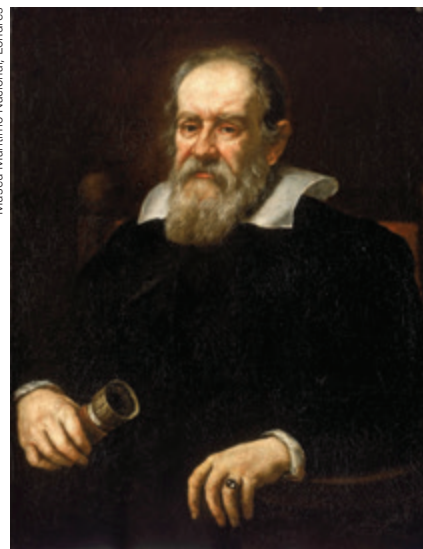
Para usar uma metáfora do próprio autor, a ciência é uma atividade que consiste em resolver problemas que se assemelham à montagem de um quebra-cabeça. Como no jogo, as peças que se encaixam já estão determinadas, ou seja, pertencem a um modelo que delimita a figura específica a ser formada. Assim, Kuhn imaginou que os problemas científicos são delimitados pelo que chama de **paradigma**, ou seja, pelo modelo que define a unidade metodológica (isto é, a peça) de um determinado campo científico. É ele que estabelece o padrão de racionalidade aceito em uma comunidade científica sendo, portanto, o princípio fundante de uma ciência para a qual são treinados os cientistas. Vejamos como isso ocorre.

Entre a redação e a publicação de *A estrutura das revoluções científicas* (1962) passaram-se 15 anos.

Seu projeto era ambicioso, pois começava na história da ciência para chegar à epistemologia, passando por generalizações sobre as condições psicossociais que tornam possível fazer ciência. O foco de Kuhn era mostrar que a comunidade que congrega os cientistas tem muito mais peso para dar unidade às atividades de seus praticantes do que a existência de um método científico.

Geralmente, o que fazem as correntes epistemológicas clássicas é descrever os procedimentos-modelos utilizados pelos pesquisadores ou então prescrever novos modelos pretensamente superiores para normalizar o que é próprio da racionalidade científica. Kuhn não tinha interesse nisso, não queria oferecer nenhum manual sobre como é o jeito certo de fazer ciência. Buscou, por outro lado, explicar como e por que ocorrem as grandes transformações no conhecimento científico, mostrando o que acontece nos períodos em que não desponta nenhuma grande invenção ou descoberta.

Fica claro que para o autor há dois momentos bem contrastantes no desenvolvimento do progresso científico: um **revolucionário** ou extraordinário e outro menos efusivo, mais **rotineiro e normal**. Considerados os dois momentos, Kuhn procurou descobrir o que motivava reviravoltas nas pesquisas científicas, de modo a transformar os modelos explicativos já conhecidos e testados. Seu interesse era descobrir quais os fatores externos e as razões internas que faziam com que tanto as técnicas de investigação quanto as teorias fossem substituídas.



Museu Marítimo Nacional, Londres

Retrato de Galileu Galilei, pintura de Justus Sustermans, c. 1640. Em sua investigação, Thomas Kuhn voltou sua atenção para uma perspectiva histórica da ciência. Momentos fundamentais, como as pesquisas de Galileu Galilei, foram tematizados por Kuhn.

Para Kuhn, tanto a perspectiva verificacionista quanto a falsificacionista representam formas idealizadas de reconstrução da racionalidade científica que são incapazes de compreender como a ciência evolui. Tais perspectivas não consideram os fatores externos à “razão científica” que influenciam a evolução da ciência. Os fatores externos podem ser a competição entre os cientistas, suas habilidades, suas expectativas profissionais, seus fracassos pessoais etc.

Uma disciplina se torna ciência porque funcionalmente ingressou em um estágio no qual os problemas são enfrentados com base em **padrões de abordagem (paradigma)**.

A guerra entre diferentes escolas em disputa, típica da pré-ciência, é superada. Então, nasce a ciência propriamente dita (ciência normal), cuja “evolução” tenderá a obedecer ao seguinte esquema:

- **Pré-Ciência (estágio pré-paradigmático ou imaturo):** momento de ampla divergência entre os pesquisadores.
- **Ciência Normal (estágio desenvolvido, estável ou maduro):** consenso entre os pesquisadores e reconhecimento de um modelo (paradigma) científico.
- **Crise (estágio de instabilidade):** o consenso a respeito do paradigma se desfaz, mas, mesmo durante a crise, o paradigma até então adotado não é abandonado até que surja um novo.
- **Revolução Científica (estágio imprevisível, descontínuo):** formação de um novo consenso a respeito de um novo paradigma.

O paradigma tem força suficiente para definir que problemas são legítimos e que soluções são adequadas, criando uma territorialidade interpretativa com fronteiras definidas, não permitindo a seus praticantes ir além delas. Desse modo, a pesquisa sobre um determinado objeto torna-se convergente e unificada.

Assim, fica claro que o método é específico aos problemas acolhidos por cada ciência e que não há, portanto, um método científico universal – como o de conjecturas e refutações proposto por Popper – a ser empregado na escolha e equacionamento dos contextos problemáticos. Não é o método, pela força de seus procedimentos de avaliação, que cria o paradigma, e sim o paradigma que especifica as técnicas de investigação a serem empregadas.

A comunidade científica escolhe seus paradigmas por critérios institucionais de uso da linguagem científica e por meio de uma análise da proficiência explicativa. Os cientistas praticantes de uma ciência normal não buscam por novidades, mas simplesmente têm interesse em adequar fatos novos a teorias. Ao contrário do que pensava Popper, os cientistas usam hipóteses para tentar manter o paradigma. Vivendo em um paradigma, o cientista pouco se empenha para inventar novas teorias ou descobrir novos fatos, chegando até a se mostrar intolerante para com eventuais propostas alternativas.



Ciência normal, ciência acrítica: estar sob o domínio de um paradigma significa ver o mundo e seus problemas com seus óculos. É difícil criticar um paradigma uma vez que não faz sentido criticar as lentes que são – bem ou mal – o que possibilita algum tipo de visão.

Atividades de resolução de quebra-cabeças, lapidação de resultados, aprimoramento de técnicas de acomodação de dificuldades, com pesquisas regidas por um paradigma que prevê os padrões de investigação para o trabalho considerado legítimo, correspondem à ciência normal. Sendo assim, a **ciência normal** constitui um tipo de empreendimento de pesquisa altamente cumulativo voltado para o aprofundamento e detalhamento do que estipula o paradigma como seu itinerário de investigação.

Somente com a crise dos paradigmas existe a possibilidade de se progredir no conhecimento científico, sendo este um momento raro no desenvolvimento de uma ciência. Diferentemente do que acreditava Popper – que o progresso científico se dava constantemente com o falseamento das hipóteses enquanto atitude sistemática do cientista –, Kuhn via o progresso como algo episódico, não acreditava que existissem as experiências de falsificação, propostas por Popper, justificando seu posicionamento contra ele da seguinte forma:

- nenhuma teoria resolve todos os quebra-cabeças com os quais se defronta em dado momento;
- se todo e qualquer fracasso na tentativa de ajustar teoria e dados fosse motivo suficiente para a rejeição dos sistemas interpretativos, todas as teorias seriam sempre e prematuramente rejeitadas;
- é justamente pela inexistência de total acordo entre teorias e dados que surgem sofisticadas tentativas para solucionar os muitos dos quebra-cabeças da ciência normal. O recurso à filosofia, isto é, a uma discussão sobre regras da própria ciência, é sintoma claro de que se consumou a transição da ciência normal para a extraordinária. Para explicar a natureza das revoluções científicas, Kuhn recorreu às analogias: tanto no desenvolvimento político quanto no científico, o sentimento de funcionamento defeituoso que pode levar à crise é pré-requisito para a revolução.

As contribuições de Kuhn também foram fundamentais para a reflexão a respeito da legitimidade das ciências humanas. Kuhn verifica que a filosofia da ciência deixou de desfrutar o privilégio de ser a única disciplina capaz de fornecer uma imagem acerca da atividade científica, uma vez que à história da ciência também foi atribuído um *status* epistemológico, porém com viés social. De todas as afirmações de Kuhn, a mais relevante e polêmica para as ciências humanas foi sua defesa de que a ciência, em períodos de transição, lança mão de pseudoargumentações, que estão longe de ser um discurso racional.

Kuhn admite que não existe nenhum impedimento que barre a possibilidade de alguma disciplina ou arte das ciências humanas se constituir como ciência normal. Sendo assim, o que as ciências humanas enfrentam já foi encarado por outras jovens ciências em outros tempos, e ao que assistimos foi uma história bem-sucedida de constituição de sólidos ramos do saber científico, cuja validade parece, até agora, incontestável.

## Revisando

1. **UFSJ-MG 2013** O Círculo de Viena foi um importante marco para a filosofia e, exemplarmente, propôs que,
- antes de ser classificado de percepção extrema ou subjetividade, todo e qualquer dado deve ser sistematicamente analisado.
  - em qualquer evento, existe algo de subjetivo e isso é disfarçado pelas extraordinárias extensões no mundo metafísico.
  - para ser aceita como verdadeira, uma teoria científica deveria passar pelo crivo da verificação empírica.
  - no limite do que o sujeito pode perceber e do que é exatamente o objeto há um abismo de possibilidades e é nisso que consiste a importância da metafísica.

2. **UEM-PR 2013** A lógica formal aristotélica estuda a relação entre as premissas e a conclusão de inferências válidas e inválidas (segundo a forma), a partir de proposições falsas e verdadeiras (segundo o conteúdo). Chamamos de falácias ou sofismas as formas incorretas de inferência. Levando em conta a forma da inferência, assinale o que for **correto**.

- 01 A inferência “Fulano será um bom prefeito porque é um bom empresário.” é uma falácia.
- 02 A inferência “Todos os homens são mortais. Sócrates é homem, logo Sócrates é mortal.” é válida.
- 04 A inferência “Ou fulano dorme, ou trabalha. Fulano dorme, logo não trabalha.” é uma falácia.
- 08 A inferência “Nenhum gato é pardo. Algum gato é branco, logo todos os gatos são brancos.” é uma falácia.
- 16 A inferência “Todos que estudam grego aprendem a língua grega. Estudo grego, logo aprendo a língua grega.” é válida.

Soma:

3. **UFMG 2013** No texto “Verdade e falsidade”, capítulo 12 de *Problemas da filosofia*, de Bertrand Russell, o autor afirma que “muitos filósofos têm sido levados a tentar encontrar uma definição de verdade que não consista em uma relação com algo completamente exterior à crença” – isto é, os filósofos têm procurado uma alternativa à teoria clássica da verdade como correspondência com a realidade. Russell prossegue: “A mais importante tentativa para uma definição desta espécie é a teoria segundo a qual verdade consiste na *coerência*.”

Considerando o texto de Russell, e também outros conhecimentos sobre o assunto:

- APRESENTE a ideia central da noção de verdade como coerência.
  - EXPLIQUE pelo menos um dos argumentos apresentados por Russell contra a noção de verdade como coerência.
4. **Enade** O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra

significa como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. A linguagem corrente é parte do organismo humano, e não menos complicada que ele. É humanamente impossível extrair dela, de modo imediato, a lógica da linguagem. A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. [...] A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contrassensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contrassenso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993.

Com base no texto acima, é correto afirmar que

- a filosofia, no *Tractatus*, é entendida como um domínio privilegiado da análise lógica do pensamento humano.
  - Wittgenstein dá um valor especial à análise, entendendo-a como um modo correto de revelar a estrutura da lógica da linguagem.
  - a análise filosófica da linguagem coincide com a forma lógica da linguagem.
  - as proposições filosóficas são falsas e sem sentido.
  - a linguagem expressa claramente o pensamento.
5. **UFSJ-MG** Assinale a alternativa que apresente um argumento indutivo.
- Os filhos de Seu João e Dona Maria são engenheiros. Antonio é filho de Seu João e Dona Maria, logo Antonio é engenheiro.
  - Seu João e Dona Maria têm três filhos: Antonio, Pedro e Vera. Antonio é engenheiro arquiteto, Pedro, engenheiro mecânico e Vera, engenheira ecológica. Seu João e Dona Maria estão muito felizes porque todos os seus filhos são engenheiros.
  - Todos os estudantes de Filosofia gostam de lógica. Pedro é estudante de Filosofia, logo Pedro gosta de lógica.
  - Faz um mês que os trabalhadores da prefeitura estão consertando o asfalto da rua onde eu moro.
6. **UEPG-PR 2019** Sobre a concepção científica contemporânea dos filósofos Karl Popper e Thomas Kuhn, assinale o que for correto.
- 01 Karl Popper criticou o critério da verificabilidade apreciado pelos filósofos do Círculo de Viena.
  - 02 Karl Popper propôs o princípio da falseabilidade como tentativa de provar a falsidade de uma teoria.
  - 04 Thomas Kuhn desenvolveu a ideia de paradigma para a ciência.
  - 08 De acordo com Thomas Kuhn, a transição entre as teorias científicas acontece por meio de revoluções.

Soma:

**7. UEL-PR 2019** Leia o texto a seguir.

Ficamos, em geral, tão impressionados com os resultados da ciência que conferimos uma credibilidade espantosa a qualquer tese que tenha êxito em se apresentar como resultado de uma pesquisa científica. Como ilustração, podemos citar a credibilidade conferida pela população instruída em geral a afirmações a respeito da origem do universo, apesar da escassez de evidências. Tendo em vista o sucesso e o status da ciência, não é de surpreender que os filósofos da ciência tenham se preocupado em tentar compreender o que torna a ciência bem-sucedida. Dentre eles, para determinar o status científico de uma teoria, Popper julgou ter encontrado a resposta: o critério de falseabilidade.

Adaptado de: NEWTON-SMITH, W. H. Popper, ciência e racionalidade. In: O'HEAR, Anthony (org.). *Karl Popper: Filosofia e Problemas*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 21-22.

O texto apresenta a mentalidade científicista e o relaciona ao problema da demarcação entre ciência e não ciência, destacando o critério desenvolvido por Karl Popper: o da falseabilidade. Com efeito, a crítica ao científicismo coloca em questão uma determinada concepção de ciência difundida pelo positivismo. Neste sentido, explique o significado do critério de falseabilidade na crítica popperiana ao científicismo.

**8. UEM-PR 2017** Segundo Karl Popper (1902-1994), todas as teorias científicas falham em apreender completamente o real. No entanto, se uma teoria científica não pode assegurar sua verdade de forma definitiva, podemos escolher qual é a teoria que julgamos explicar melhor os fenômenos da natureza. Nisto reside o progresso científico. Com base na filosofia da ciência de Karl Popper, assinale o que for **correto**.

- 01** O progresso da ciência resulta da possibilidade de se perceberem os limites de uma teoria que se mostra mais falsa do que outra.
- 02** Uma teoria científica não propõe verdades absolutas, mas hipóteses.
- 04** Toda e qualquer teoria científica pode ser falseada a partir de novos experimentos e descobertas.
- 08** As teorias científicas são subjetivas, razão pela qual não há uma teoria mais verdadeira do que outra.
- 16** A filosofia da ciência de Karl Popper é responsável pelo anarquismo científico.

Soma:

**9. UEM-PR 2019** O filósofo Thomas Kuhn, em sua obra *Estrutura das revoluções científicas*, entende que o progresso da ciência acontece por meio da substituição dos paradigmas nos quais se baseiam os conhecimentos e as hipóteses científicas de uma época por novos paradigmas. Os paradigmas são questionados porque já não podem mais resolver os problemas científicos acumulados, e o surgimento de hipóteses que exigem princípios diferentes e contraditórios para a explicação dos fenômenos revela uma crise que poderá dar lugar à construção de um novo modelo consensual para as ciências. Acerca das teorias sobre as revoluções científicas, assinale o que for correto.

- 01** Atualmente, os métodos das ciências humanas entendem que as realidades sociais seguem uma

progressão constante, de forma que encontramos na história leis e padrões semelhantes àqueles das ciências naturais.

- 02** Segundo Kuhn, a ciência não possui pontos de vista neutros, pois os cientistas sempre levam em conta o seu contexto histórico.
- 04** Karl Popper propôs que a verdade das proposições científicas pode ser verificada por meio do método lógico dedutivo.
- 08** O método da falseabilidade proposto por Karl Popper permitiu que as proposições das ciências humanas fossem avaliadas de acordo com critérios objetivos.
- 16** Segundo Popper, uma proposição do tipo “choverá ou não choverá aqui amanhã” não é um enunciado científico, pois não pode ser refutada pela experiência.

Soma:

**10. UEM-PR 2017** Entramos no século XX a cavalo. Sairamos dele a bordo de naves espaciais. Ingressamos neste século morrendo de febre tifoide e varíola, e nos despediremos dele tendo vencido essas doenças. Na virada do século XIX, transplantes de órgãos eram inconcebíveis, enquanto na virada deste século muitos terão sobrevivido porque o coração ou outro órgão vital de uma outra pessoa os sustenta. Em 1900, a expectativa de vida humana era de 47 anos. Hoje é de 75. Adentramos este século comunicando-nos a curta distância com o recém-inventado rádio. Hoje enviamos sinais e imagens coloridas através de bilhões de quilômetros no espaço.

(BRODY, D. E.; BRODY, A. R. As sete maiores descobertas científicas da história *apud* ARRUDA, M. L. de; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4.ª ed. rev. São Paulo: Moderna, 2009, p. 384.)

Sobre a noção de progresso científico, assinale o que for **correto**.

- 01** Para Thomas Kuhn (1922–1996) não é possível falar em evolução linear do científico, pois, ao longo da história da ciência, com o acúmulo de anomalias dentro de um paradigma (modelo) científico, este é abandonado por um novo paradigma quando sucedem as revoluções científicas, que não são nem cumulativas nem graduais.
- 02** A ciência evolui de forma contínua e linear, progredindo incessantemente. Prova disso é o grande progresso técnico-científico experimentado na atualidade. A noção de revolução não se aplica ao conhecimento científico.
- 04** Não cabe impor à ciência qualquer avaliação de progresso, pois, como nas artes e nos juízos de gosto, cada período constrói o conhecimento à sua maneira, a partir de seus próprios critérios.
- 08** A ciência evolui, segundo Karl R. Popper (1902-1994), quando o cientista admite conjecturas que pode refutar empiricamente; a demonstração de que tais conjecturas sejam falsas é ponto de partida para a formulação de novas teorias.
- 16** Autores como Henri Poincaré (1854-1912) defendem que as teorias não são nem verdadeiras nem falsas, mas úteis, afirmando que a crença na infalibilidade da ciência é uma ilusão.

Soma:



## Exercícios propostos

1. **UEG-GO** O filósofo judeu Ludwig Wittgenstein (1889-1951) afirmava que “tudo que podia ser pensado podia ser dito”. Para ele, “nada pode ser dito sobre algo, como Deus, que não podia ser pensado direito” e “sobre o que não se pode falar, deve-se ficar calado”. Com base nessas teses fundamentais do pensamento de Wittgenstein, pode-se interpretar sua filosofia como
- A busca pela clareza na filosofia, evitando-se temas metafísicos.
  - O fundamento da censura no mundo moderno, uma vez que inibe o livre-pensamento.
  - Uma tentativa de combater o nazismo e suas ideias absurdas, indizíveis.
  - Uma tentativa de transformar o debate filosófico num debate retórico.
2. **Enade 2014** Quando os filósofos usam uma palavra – saber, ser, objeto, eu, proposição, nome – e procuram apreender a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que existe? – Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. §116. Tradução de José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 55 (adaptado).

Das ideias apresentadas no texto acima infere-se que, para Wittgenstein, a função dos filósofos é fazer uma análise da linguagem,

- reconduzindo as palavras ao seu emprego metafísico, perdido no uso cotidiano.
  - buscando a essência das palavras, para fazer uma crítica da linguagem cotidiana.
  - intuindo as essências das palavras da linguagem cotidiana e estabelecendo o significado ideal delas.
  - rejeitando a ideia de uma essência universal das palavras, para focar no seu uso particular em situações reais de fala.
  - identificando, introspectivamente, o que o falante tem “em mente” quando utiliza uma palavra em situações particulares.
3. **Unesp 2015**

### Texto 1

Karl Popper se diferenciou ao introduzir na ciência a ideia de “falibilismo”. Ele disse o seguinte: “O que prova que uma teoria é científica é o fato de ela ser falível e aceitar ser refutada”. Para ele, nenhuma teoria científica pode ser provada para sempre ou resistir para sempre à falseabilidade. Ele desenvolveu um tipo de teoria de seleção das teorias científicas, digamos, análoga à teoria darwiniana da seleção: existem teorias que subsistem, mas, posteriormente, são substituídas por outras que resistem melhor à falseabilidade.

(MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*, 1996. Adaptado.)

### Texto 2

O paralelismo entre macrocosmos e microcosmos, a simpatia cósmica e a concepção do universo como um ser vivo são os princípios fundamentais do pensamento hermético, relançado por Marcílio Ficino com a tradução do *Corpus Hermeticum*. Com base no pensamento hermético, não há qualquer dúvida sobre a influência dos acontecimentos celestes sobre os eventos humanos e terrestres. Desse modo, a *magia* é a ciência da intervenção sobre as coisas, os homens e os acontecimentos, a fim de dominar, dirigir e transformar a realidade segundo a nossa vontade.

(REALE, Giovanni. *História da filosofia*, vol. 2, 1990.)

Baseando-se no conceito filosófico de empirismo, descreva o significado do emprego da palavra “ciência” nos dois textos. Explique também o diferente emprego do termo “ciência” em cada um dos textos.

4. **UEM-PR 2013** Para o filósofo Karl Popper (1902-1994),

“Um cientista, seja teórico ou experimental, formula enunciados ou sistemas de enunciados e verifica-os um a um. No campo das ciências empíricas, para particularizar, ele formula hipótese ou sistemas de teorias e submete-os a teste, confrontando-os com a experiência, através de recursos de observação e experimentação. A tarefa da lógica da pesquisa científica, ou da lógica do conhecimento, é, segundo penso, proporcionar uma análise lógica desse procedimento, ou seja, analisar o método das ciências empíricas.”

(POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1972, p. 27).

A partir do trecho citado, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01 Observação e experimentação são procedimentos científicos teóricos.
- 02 O cientista experimental deve comprovar suas teorias confrontando-as com a experiência.
- 04 As hipóteses teóricas devem ser submetidas a teste para serem corroboradas.
- 08 A comprovação científica de uma hipótese não se faz tão somente pela análise lógica dos procedimentos.
- 16 A lógica do conhecimento dedica-se à análise dos sistemas de enunciados científicos.

Soma:

5. **UEPG-PR 2021** Acerca da ciência normal e da ciência revolucionária, assinale o que for correto.

- 01 De acordo com o pensamento kuhniano, o momento de crise na ciência pode dirigir-se a uma Revolução Científica.
- 02 Uma elucidação para definir a ciência revolucionária pode ser exemplificada pela Revolução Copernicana.
- 04 De acordo com Thomas Kuhn, a ciência normal pode ser definida pelo período da história em que o paradigma está em crise, o que indica que a ciência é infalível.
- 08 Para Kuhn, a ciência se desenvolve nos momentos de ciência revolucionária.

Soma:

6. **UEL-PR 2020** Esta é uma concepção de ciência que considera a abordagem crítica sua característica mais importante. Para avaliar uma teoria o cientista deve indagar se pode ser criticada – se se expõe a críticas de todos os tipos e, em caso afirmativo, se resiste a essas críticas.

POPPER, Karl. *Conjecturas e refutações*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: UnB, 1982. p. 284.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a filosofia de Popper, assinale a alternativa correta.

- a) A concepção de ciência da qual fala Popper é aquela que possui o princípio de verificabilidade, com proposições rigorosas que procuram corrigir as teorias científicas.
- b) A ciência busca alcançar o conhecimento de tipo essencial, pois ele garante a verdade de uma teoria científica, permitindo o desenvolvimento em direção à verdade objetiva visada pela ciência.
- c) Uma teoria científica é verdadeira se suas proposições são empiricamente falsificáveis via testes, permitindo que sejam autocorrigidas e desenvolvidas na direção de uma verdade objetiva.
- d) Os testes empíricos nas ciências humanas, tais como psicologia e sociologia, visam confirmar seu valor de cientificidade, pois suas teorias são falsificáveis.
- e) A concepção de ciência que Popper sustenta é a passivista ou receptacular, na qual as teorias científicas são elaboradas por meio dos sentidos e o erro surge ao interferirmos nos dados obtidos da experiência.

## Texto complementar

### Transição entre paradigmas

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações. Durante o período de transição haverá grande coincidência (embora nunca completa) entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e os que podem ser resolvidos pelo novo. Haverá igualmente uma diferença decisiva no tocante aos modos de solucionar os problemas. Completada a transição, os cientistas terão modificado a sua concepção da área de estudos, de seus métodos e de seus objetivos. Um historiador perspicaz, observando um caso clássico de reorientação da ciência por mudança de paradigma, descreveu-o recentemente como “tomar o reverso da medalha”, processo que envolve “manipular o mesmo conjunto de dados que anteriormente, mas estabelecendo entre eles um novo sistema de relações, organizado a partir de um quadro de referência diferente”. Outros que atentaram para esse aspecto do avanço científico enfatizaram sua semelhança com uma mudança na forma (Gestalt) visual [...]. Os cientistas não veem uma coisa como se fosse outra diferente – eles simplesmente a veem [...] a mudança de forma perceptiva é um protótipo elementar útil para o exame do que ocorre durante a mudança total de paradigma.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 116-117.

## Resumindo

**1 – Gottlob Frege:** lógica matemática.

- Conceitografia: analisa problemas filosóficos.

**2 – Bertrand Russell:** teoria da lógica da realidade.

- Fixa o papel da filosofia e da ciência.

**3 – Ludwig Wittgenstein** (dois momentos: *Tractatus logico-philosophicus* e *Investigações filosóficas*):

- A função da filosofia é esclarecer pensamento e linguagem.
- O significado de uma linguagem é dado em seu uso, conforme o jogo de linguagem em questão.

**4 – Filosofia da Ciência Contemporânea:** duas tendências – Karl Popper (racionalismo crítico) e Thomas Kuhn (perspectiva histórica).

**5 – Karl Popper:** critica tanto a busca do conhecimento a partir da simples observação de fatos quanto a indução.

- Modelo hipotético-dedutivo: o cientista formula uma hipótese geral da qual se deduzem consequências que permitem a possibilidade de uma experiência.
- Critério da falseabilidade: a ideia de que é possível refutar uma teoria, o que permite o estabelecimento de um conhecimento e a possibilidade de seu desenvolvimento.

**6 – Thomas Kuhn:**

- Contexto de descoberta: os aspectos psicológicos, sociológicos e históricos são relevantes para a fundamentação e a evolução da ciência.
- Paradigma: delimita os problemas a serem resolvidos em determinado campo científico.
- Crise: ruptura e substituição de paradigmas.

## Quer saber mais?



### Filmes

**Wittgenstein.** Direção: Derek Jarman, 1993. Classificação indicativa: 16 anos.

Ficção inspirada na biografia do filósofo, com ênfase nas chaves ideológicas de seu pensamento, recuperando com ironia o percurso de sua vida.

**Perdido em Marte.** Direção: Ridley Scott, 2015. Classificação indicativa: 12 anos.

Após acidente em uma estação espacial em Marte, um astronauta é dado como morto e passa quatro anos tentando sobreviver sozinho no planeta com base em seu pensamento racional-científico e sem poder comunicar-se com a Terra.

## Exercícios complementares

- UFPA** Considerando que a linguagem verbal é um dos principais elementos constitutivos do mundo cultural porque nos permite transcender a experiência vivida, é correto afirmar:
  - O signo verbal tem a capacidade de apresentar para a consciência o respectivo objeto que se encontra ausente.
  - O nome não tem relação alguma com seu referente.
  - A relação entre significante e significado do signo verbal é aleatória e transcendental.
  - A cultura é um processo transcendental da constituição do imaginário popular.
  - O signo verbal é extraído da realidade por meio de um processo de abstração.

- UEL-PR** Leia o texto a seguir.

[...] não exigirei que um sistema científico seja suscetível de ser dado como válido, de uma vez por todas, em sentido positivo; exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recurso a provas empíricas em sentido negativo [...].

(POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. Trad. L. Hegenberg e O. S. da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 42.)

Assinale a alternativa que corresponde ao critério de avaliação das teorias científicas empregado por Popper.

- Falseabilidade.
  - Organicidade.
  - Confiabilidade.
  - Dialeiticidade.
  - Diferenciabilidade.
- Unioeste-PR** Um cientista, seja teórico, seja experimental, propõe enunciados, ou sistemas de enunciados, e testa-os passo a passo. No campo das ciências empíricas, mais particularmente, constrói hipóteses ou sistemas de teorias e testa-as com a experiência por meio da observação e do experimento. Sugiro que é tarefa da lógica da investigação científica ou lógica do conhecimento apresentar uma análise desse procedimento; isto é, analisar o método das ciências empíricas [...]. A etapa inicial, o ato de conceber ou inventar uma teoria, não me parece exigir uma análise nem ser suscetível dela. A questão de saber como acontece que uma nova ideia ocorre a um homem – seja essa ideia um tema musical, seja um conflito dramático, seja uma teoria científica – pode ser de grande interesse para a psicologia empírica; mas ela é irrelevante para a análise lógica do conhecimento científico.

(Popper)

Considerando o texto acima, é incorreto afirmar, sobre a filosofia da ciência de Karl Popper, que
    - o que importa para decidir se uma atividade é ou não científica é o que o cientista faz com suas teorias e não como ele as cria.
    - faz parte da atividade científica testar seus enunciados, e é sobre o modo de fazer esse teste que incide a análise lógica popperiana.
    - o teste dos enunciados de uma teoria científica deve ser realizado por meio da experiência, ou seja, por meio da observação e da experimentação.
    - o modo pelo qual um cientista concebe uma teoria é de interesse da psicologia empírica e não da filosofia da ciência.
    - não se pode aplicar uma análise lógica em nenhuma das etapas da atividade científica, pois o método das ciências empíricas não se diferencia da atividade artística.

- UEL-PR** A ciência é uma das poucas atividades humanas – talvez a única – em que os erros são criticados sistematicamente (e com frequência corrigidos). Por isso podemos dizer que, no campo da ciência, aprendemos muitas vezes com os nossos erros; por isso podemos falar em clareza e sensatez sobre o progresso científico. Na maior parte dos outros campos de atividade do homem ocorrem mudanças, mas raramente há progresso – a não ser dentro de uma perspectiva muito estreita dos nossos objetivos neste mundo. Quase todos os ganhos são neutralizados por alguma perda – e quase nunca sabemos como avaliar as mudanças.

(POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 1982. p. 242.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a concepção de progresso da ciência em Karl R. Popper, é correto afirmar.

- a) É necessário que todas as consequências de uma teoria científica sejam verificadas a fim de se atingir a verdade em si.
- b) A descoberta da lei do progresso da ciência permite impulsionar progressiva e linearmente a ciência na direção da verdade.
- c) Os cientistas estruturam as informações disponíveis em um dado momento histórico, incorporando saberes anteriores, tendo como base o método paratático.
- d) O progresso da ciência ocorre quando são suprimidas definitivamente as ideias metafísicas, pois historicamente é nula a sua contribuição para as descobertas científicas.
- e) A eliminação dos erros das teorias anteriores e a substituição destas por outras mais verossímeis e, portanto, mais próximas da verdade permitem o progresso da ciência.

5. **UEM-PR 2022** Os fatos ou objetos científicos não são dados empíricos espontâneos de nossa experiência cotidiana, mas são construídos pelo trabalho da investigação científica. Esta é um conjunto de atividades intelectuais, experimentais e técnicas, realizadas com base em métodos que permitem e garantem que a principal marca da ciência seja o rigor.

(CHAUI, M. *Iniciação à filosofia: ensino médio*, volume único. São Paulo: Ática, 2010, p. 299).

Sobre o conhecimento científico, assinale o que for correto.

- 01 O método científico está fundamentado na subjetividade do cientista, cujas inclinações pessoais são determinantes para a edificação teórica.
- 02 O rigor científico é proveniente da demonstração de resultados obtidos a partir de relações verificáveis e constantes nos fenômenos.
- 04 O conhecimento científico é uma soma de afirmações baseada em hábitos e em tradições do senso comum.
- 08 O conhecimento científico elabora progressivamente instrumentos técnicos para análise e investigação dos fenômenos.
- 16 A construção do método científico é determinada pela mitologia da natureza, segundo a qual os fenômenos devem ser compreendidos pela imaginação humana.

Soma:

6. **Unesp 2022** Ao cunhar a frase “natureza atormentada”, no início do século XVII, numa referência ao objeto do conhecimento científico, Francis Bacon não imaginou que esse ideal iria, no século XXI, atormentar filósofos e cientistas. O “tormento” do mundo natural, para ele, significava conhecê-lo, não pelo saber desinteressado, mas para dominar, transformar e, então, utilizar esse universo da maneira mais eficiente. O berço da ciência moderna trazia a estrutura para que o ideal de controle da natureza pudesse ser realizado. A partir de então, essa relação entre ciência e técnica foi naturalmente se estreitando.

(Carlos Haag. “Natureza atormentada”. <https://revistapesquisa.fapesp.br>, agosto de 2005. Adaptado.)

De acordo com o tema abordado pelo excerto, o “tormento” gerado em filósofos e cientistas contemporâneos se dá devido à problematização da

- a) eficácia de teorias.
- b) natureza do conhecimento.
- c) noção de progresso.
- d) confiança nos resultados.
- e) verificação dos experimentos.

## BNCC em foco

EM13CHS102 e EM13CHS104

1. No livro *Gamificação – Abordagens críticas*, os autores Kopec e Pacewicz trazem várias discussões sobre a gamificação nos aspectos neurocientífico, biopolítico, sociológico, filosófico etc. Em um de seus capítulos, eles defendem [...] que a gamificação condiciona o comportamento das pessoas, tornando-as mais fáceis de serem supervisionadas e evitando conflitos.

GAMIFICAÇÃO: diferentes perspectivas sobre essa popular e poderosa ferramenta. *Ciência Nerd*, 16 fev. 2017. Disponível em: [www.blogs.unicamp.br/ciencianerd/2017/02/16/gamificacao-parte-1/](http://www.blogs.unicamp.br/ciencianerd/2017/02/16/gamificacao-parte-1/). Acesso em: 27 jul. 2022.

De que modo a teoria da linguagem de Wittgenstein poderia nos ajudar a compreender a gamificação no mundo contemporâneo?



Granger, NYC. / Alamy / Fotostena

Maio de 1968: protestos estudantis e de operários evoluíram para a maior greve de trabalhadores na França.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

13

## Filosofia Contemporânea: tradição continental

No século XX, a filosofia foi influenciada pelos problemas que as sociedades contemporâneas vivenciavam, entre eles as guerras mundiais, as atrocidades e a violência decorrentes dos regimes totalitários. Foram colocados em dúvida modelos racionais de progresso e o sistema capitalista, bem como as heranças do Iluminismo. O avanço técnico-científico não havia sido capaz de superar a exploração do trabalho e os princípios da igualdade e da liberdade não evitaram a sobrevivência de regimes políticos antidemocráticos. As questões éticas tornaram-se o centro da reflexão.

Neste capítulo, vamos explorar como a Filosofia Continental, representada sobretudo pelos alemães e ingleses, lidou com esse contexto, baseando-se em uma visão comprometida com a experiência humana.

## O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt

Teoria Crítica e Escola de Frankfurt muitas vezes são tomadas como sinônimos, mas é necessário apontar suas diferenças. Considera-se Escola de Frankfurt uma vertente de pesquisa social e da filosofia surgida na Alemanha, na primeira metade do século XX, cujos pesquisadores eram filiados ao Instituto de Pesquisa Social, localizado em Frankfurt. A expressão “Escola de Frankfurt” referia-se à localização do instituto, mas os próprios frankfurtianos criaram outra expressão para designar sua tradição de pensamento: Teoria Crítica.



Theodor Adorno desenvolveu a teoria crítica com Max Horkheimer.

Essa teoria, orientada pelo pensamento marxista, propõe superar o ideal de imparcialidade da ciência na construção de “verdades”. Afinal, toda ciência é limitada pelo contexto em que está inserida e, portanto, possui uma visão parcial da realidade. Desse modo, somente uma investigação sobre as condições sociopolíticas e econômicas da elaboração e da aplicação do conhecimento científico poderia resultar em uma verdadeira mudança da realidade.

Para criticar o pensamento científico, o conceito de ilustração foi reutilizado pelos teóricos críticos. Embora tivesse prometido libertar o homem do pensamento místico e mágico, o pensamento científico acabou por ocultar as contradições da ideologia burguesa. Para os filósofos da Teoria Crítica, o Iluminismo sofreu um efeito dialético, transformando-se em uma prisão ideológica.

### ! Atenção

“Efeito dialético”, isto é, tornou-se seu contrário. Assim, o Iluminismo, que prometia libertar, acabou por aprisionar os indivíduos. Essa prisão é realizada, segundo Adorno e Horkheimer, por meio da indústria cultural.

Os princípios fundamentais da Teoria Crítica podem ser resumidos da seguinte forma:

1. A teoria deve ter orientação para a emancipação.
2. A teoria não pode se limitar a descrever o mundo social, mas perceber a diferença entre o real e o possível.

Em face das turbulências políticas do momento, os filósofos da Escola de Frankfurt investigaram as razões pelas quais os indivíduos aceitaram a violência provocada pelos regimes autoritários e por que aderiram à sociedade de consumo e se

recusaram a fazer, eles mesmos, uma revolução social transformadora. Reduzido à categoria de empregado e consumidor, o indivíduo e a própria humanidade subordinaram-se às condições que representam os interesses da ideologia dominante.

No período em que viveram nos Estados Unidos, esses pensadores abandonaram, aos poucos e parcialmente, o materialismo dialético de Marx, cujas análises econômicas eram muito valorizadas, e adotaram uma postura intelectual mais interdisciplinar, incorporando ferramentas de outras áreas, como a Psicanálise, a Sociologia e a Arte, a fim de explorar novos objetos de interesse: compreender os fenômenos da mídia na formação da cultura e suas influências no modo de vida contemporâneo.



A Teoria Crítica procura fazer uma análise cujo objetivo é superar uma visão alienada da realidade.

A expressão **indústria cultural** foi definida e utilizada, pela primeira vez, por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento* (1947). Para os autores, falar simplesmente em “cultura de massa”, termo que já circulava na época, era empobrecedor, porque, segundo os autores, havia um equívoco: as massas não produziam cultura alguma, elas eram em si o produto da indústria cultural.

Para Adorno, a indústria cultural levou os indivíduos a negar seu papel transformador na história, de modo que os ideais de igualdade, liberdade e racionalidade ficaram esquecidos e deram brecha para o surgimento de comportamentos padronizados. Nessa visão, a cultura de massas representa apenas os interesses dos proprietários dos veículos de comunicação, ou seja, da ideologia dominante. As massas, por sua vez, não produzem mais sua própria cultura, tornando-se simples consumidoras.

A indústria cultural determina os padrões de gosto, desejos e anseios das pessoas, cumprindo sua estratégia de controle social, valendo-se dos meios de comunicação. Os receptores das mensagens, por sua vez, tornam-se vítimas dessa indústria. Assim, a produção de bens culturais apenas aparentemente satisfaz as necessidades geradas pelo mercado, mas mantém o sentimento constante de carência por novos produtos. Desse modo, a indústria cultural serve ao capitalismo como uma forma de mascarar a realidade.

Bob Wolfenson/AlmapBDO



A publicidade induz ao consumo de mercadorias com a promessa de mudar o comportamento: perfume transforma menina ingênua em *femme fatale*. No texto da propaganda, pode-se ler: “Era uma vez uma garota branca como a neve. Que causava muita inveja. Não por ter conhecido os sete anões. Mas vários morenos de 1,80 m.”

A cultura de massas é narcisista, pois vende a seus consumidores a satisfação manipulada de se sentirem representados nas telas do cinema e da televisão, nas músicas e nos mais variados espetáculos. Portanto, a própria construção da identidade e da personalidade do indivíduo é transformada em mercadoria. Ao mesmo tempo, a função dessa cultura é, pura e simplesmente, espalhar, romper o cotidiano do trabalho.

Os consumidores constroem a própria identidade por meio dos produtos fabricados pela indústria cultural: pelas séries, pelos espetáculos que frequentam e pelos produtos derivados desse consumo (camisetas, revistas, pôsteres etc.). Não importa a qualidade estética dos produtos, mas o que eles proporcionam em termos de identidade de grupo.

Se as mercadorias pretendem alcançar o patamar da arte, por outro lado, desde o início da modernidade, a arte foi mercadoria. Porém, não era uma arte reprodutível pelas técnicas de seu tempo: um quadro de Monet ou Picasso poderia ser vendido a bom preço nos salões de Paris, mas apenas um único comprador poderia obtê-lo. Com o avanço das técnicas de reprodução, ao contrário, houve a perda do que foi chamado de “aura” da obra de arte. Tornando-se tecnicamente reprodutível, a arte perdeu seu caráter único e, ao mesmo tempo, desapareceu a possibilidade do autêntico, do raro.

A partir da reprodutibilidade serial e em massa da obra de arte, foi possível atingir uma parcela maior da população, integrando a arte à sociedade. Segundo o pensador alemão Walter Benjamin, o comportamento do espectador mudou diante da arte, sobretudo porque ela é usufruída coletivamente. As massas se tornam ativas, participam da arte e de seu funcionamento. De acordo com o autor, o

fenômeno das massas e a grande quantidade de obras de arte em circulação permitiriam à arte se libertar do poder fascista e da alienação das massas.



Drop of Light/Shutterstock.com

Público dá as costas para a experiência de visualizar a obra de arte (o “testemunho” de Benjamin), única, rara e autêntica, para reproduzir mais uma vez uma imagem que já está reproduzida *ad infinitum* na internet.

Se nos deslocarmos para a expectativa de que a razão emancipa o ser humano e o conduz ao progresso, veremos que a Teoria Crítica mostrou que a razão levou o homem a dominar não apenas a técnica, mas o próprio homem. O projeto emancipador da razão não se concretizou. Trata-se daquilo que ficou conhecido como **razão instrumental**: uma racionalidade que pondera, calcula e ajusta os melhores meios para fins dados exteriormente ao agente. Essa racionalidade molda a economia e o sistema político, mas também os próprios indivíduos. O progresso técnico não correspondeu ao progresso humano.

## Existencialismo

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) acentuou a falta de confiança do homem ocidental em si mesmo. O contexto de crise e a desesperança trouxeram para a filosofia discussões sociais, éticas e existenciais com o intuito de encontrar saídas. A filosofia existencialista apontou para a necessidade de se compreender a significação de nossa própria existência: uma questão subjetiva e relacionada à capacidade de decisão e controle sobre a própria vida.



TAV4/Shutterstock.com

O edifício conhecido como “cúpula da bomba atômica”, em Hiroshima, a 160 metros do ponto da explosão da bomba, em 1945.

FRENTE ÚNICA

## Saiba mais



Granger/Shutterstock

Cena do filme *Hiroshima mon amour*, de Alain Resnais (1959). Hiroshima é pretexto para explorar a questão da dúvida humana.

A *nouvelle vague* (Nova Onda) foi um movimento cinematográfico surgido na França, em 1958, como reação ao cinema de estúdio hollywoodiano. Os roteiros livres e as tramas rompiam com a narrativa linear tradicional, trazendo temas mais centrados na vida cotidiana e nos tabus representados por personagens geralmente marginalizados (criminosos, adúlteros, rebeldes, mas também as crianças). A opção por personagens marginalizados não tinha como objetivo apenas denunciar, mas também motivar a reflexão sobre a existência sendo construída, o que colocava em evidência o tema da liberdade de escolha.

O existencialismo foi uma filosofia centrada no homem em si mesmo. Apesar das diferenças entre propostas da corrente existencialista, o aspecto comum reside na reflexão sobre a existência concreta no mundo. Ao considerar o homem como protagonista da realidade em que vive, admite-se que somente ele pode construir os sentidos da sua vida: escolher é sempre ato obrigatório para se viver, até mesmo quando se opta pela inércia ou resignação.

Os questionamentos existencialistas extrapolaram o universo restrito dos filósofos e alcançaram o homem comum. Em parte, o próprio termo existencialismo foi apropriado pela mídia para exaltar algumas práticas comuns desses intelectuais: frequentar cafés para escrever e debater sobre filosofia, engajamento em causas sociais e políticas, interesse na arte engajada, por exemplo. Para os conservadores, o termo tornava-se agressivo pelo tom de revolta; por outro lado, para alguns comunistas, o existencialismo era sinônimo de superficialidade e falta de engajamento.

Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980) foi o principal expoente do existencialismo. Foi um intelectual engajado que utilizava sua autoridade para agir no seu tempo. Sartre influenciou toda uma geração de jovens que, inconformada com o contexto político, se identificava com a melancolia, a rebeldia e com suas palavras de ordem, proferidas em palestras que aconteciam nas ruas, nos cafés e que apareciam também nos artigos de jornais e revistas em que colaborou. Escreveu obras literárias que expressavam sua postura e que até hoje são consumidas e cultuadas.

O pensamento de Sartre constrói-se no diálogo com autores e temas da filosofia da subjetividade e também da Psicologia. Seu contato com a **fenomenologia** teve grande importância para o existencialismo, sendo o seu conceito-chave a **intencionalidade da consciência**, retirado do filósofo Edmund Husserl (1859-1938), que proporcionou a Sartre as bases para elaborar sua concepção sobre o Eu e a liberdade. Sartre ainda tentou aproximar o existencialismo do marxismo, mas realizou também uma abordagem existencial do problema da alienação, o que o levou a tecer críticas ao marxismo.



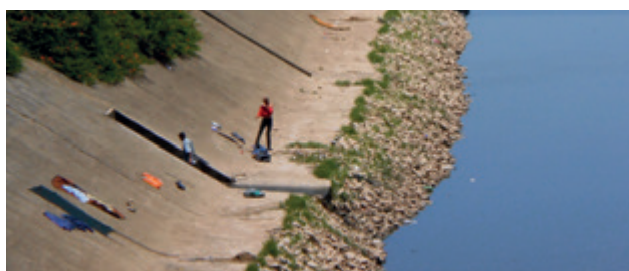
A.F. ARCHIVE / Alamy / Fotorena

Jean-Paul Sartre (1905-1980) em 1952. Ele foi o principal expoente do existencialismo.

**Fenomenologia:** filosofia que afirma que o que podemos saber do mundo resume-se aos fenômenos da consciência, isto é, aos objetos ideais que existem na mente, dados absolutos apreendidos por meio do que os pensadores dessa filosofia chamam de intuição pura.

De acordo com Sartre, ser e existir são coisas diferentes. Por isso, sendo a consciência intencional, **a existência precede a essência**, pois o homem primeiro existe para depois se definir (adquirir essência), enquanto todas as outras coisas são o que são, sem se definir, sem ter uma “essência”. A consciência constitui-se na mesma medida que escapa de si mesma para encontrar, no mundo, seus objetos. Portanto, o Eu surge tardiamente em relação ao mundo concreto e não se reduz a uma consciência particular.

Sendo nosso **pensar e agir atos voluntários**, podemos afirmar que somos livres. Não existe nada que obrigue o ser humano a agir desse ou daquele modo, a não ser ele mesmo. O ser humano fundamenta-se na sua liberdade e percebe que está se inventando a todo tempo, dado que **são suas escolhas que constroem a sua essência**. Assim, o futuro é essencial para se compreender a liberdade do homem: o futuro será sempre o seu possível.



Caio do Valle Souza/LEIMAD/ Departamento de História/USP

Morador de rua lava roupa no rio Tietê. Águas sujas hoje, projeções do passado de “progresso” para São Paulo.



O existencialismo de Sartre caracteriza-se por ser uma **doutrina de ação**, sendo o **compromisso** fator indispensável para a existência humana: sem compromisso, não há projeto e sem projeto o homem torna-se incapaz de dar sentido à sua vida. Se a intencionalidade é a característica fundamental da consciência, ser livre é, portanto, **engajar-se**, comprometer-se e, enfim, **responsabilizar-se**.

O homem não tem desculpas para arcar com sua existência, porque, desde o momento em que nasce, carrega sozinho o peso do mundo, sem que nada ou alguém possa torná-lo leve. Ao escolher, o homem opta pelo que considera ideal para toda a humanidade. A sua liberdade o une à sociedade, tornando-o responsável, porque escolhe o tipo de homem que deseja ser e, também, como os demais devem ser.

Em face da responsabilidade que carrega diante de si e da humanidade, a liberdade traz ao sujeito a **angústia existencial**, a qual emerge no momento da decisão, da liberdade. A angústia aparece porque não somos capazes de alterar as condições de existência que se apresentam, tendo de escolher, por vezes, entre o ruim e o pior e arcar com as consequências. Devemos optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha.

Por vezes, na tentativa de livrar-se da angústia, o homem refugia-se na **má-fé**, ou seja, no ato de mentir para si mesmo, fingindo que não é livre. Para Sartre, isso é fuga. Nesse caso, a má-fé constitui-se no projeto de fugir de um dilema não resolvido, tentando **transferir as responsabilidades** que concernem unicamente ao indivíduo para fatores sociais, metafísicos, históricos ou até inconscientes.

Vejamos agora outra existencialista. Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986), mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma teórica social francesa, escritora, filósofa e ativista política, sobretudo em questões ligadas ao feminismo. Tradicionalmente, na história da filosofia, raramente menciona-se o pensamento de uma mulher. Isso porque, como diz a autora, sua posição sempre esteve subordinada à dos homens, impedida de participar socialmente, de modo igualitário, da construção do pensamento reflexivo universal.

A preocupação sobre a **construção social da mulher** é o principal tema da filosofia de Beauvoir, mas ela também teceu reflexões sobre a morte e o envelhecimento. Beauvoir elevou a mulher a uma categoria conceitual que permitiu pensar a noção de essência, evidenciando o papel da liberdade como caminho para a aceitação ou para a resistência.

Em *O segundo sexo*, considerado o primeiro manifesto feminino que propõe reformular as relações entre homens e mulheres, Beauvoir expressa a frase que tornou seu pensamento um clássico feminista: *ninguém nasce mulher: torna-se mulher*. A importância dessa afirmação está intimamente ligada àquela que caracteriza a filosofia existencialista: a existência precede a essência, de modo que, para a filósofa, ser mulher não corresponde a um destino predeterminado nem a uma verdade que está para além das escolhas do próprio ser.



Simone de Beauvoir, uma das maiores teóricas do movimento feminista moderno.

O caso das mulheres, para a filósofa, era exemplar para mostrar de que modo a sociedade exerce a castração da liberdade ao impor um suposto destino que, ora biológico, psíquico ou econômico, determina o papel que a fêmea humana assume na sociedade. Para ela, o feminino era uma elaboração conceitual, realizada historicamente e que colocou a mulher sempre em um segundo lugar em relação ao homem.

A autora percebia o quanto era necessário revelar as estruturas que impunham à mulher a ideia de um destino, o qual a impedia de definir-se, isto é, de existir por si mesma. O casamento foi duramente criticado por Beauvoir como uma das instituições que reduzem a mulher à condição de mãe, esposa e dona de casa, abandonando sua liberdade. Inclusive, em sua vida pessoal, a filósofa não teve filhos e, apesar de ser a companheira leal de Sartre até sua morte, nunca se casou com ele.

Beauvoir chama atenção para a insistência do discurso biológico em querer provar uma suposta natureza feminina relacionando-a a fatos como fragilidade e passividade. Quanto ao ponto de vista psicanalítico, o que mais chamou atenção da filósofa foram as teorias, inclusive as de Freud, que propagaram insistentemente a ideia de que há naturalmente um complexo de inferioridade da mulher em relação ao homem. Por fim, em relação ao materialismo histórico, Beauvoir critica o modo como o papel da mulher foi pensado tomando apenas o ponto de vista econômico.



Desafios da reflexão sobre a condição de mulher e dona de casa.

### ! Atenção

Não confunda **sexo** (condição biológica), **orientação sexual** (por quem uma pessoa sente-se atraída sexualmente) e **gênero** (o papel social exercido), pois não são sinônimos. Cada um desses conceitos deve ser compreendido em sua singularidade na formação de cada ser humano.

Para responder à questão sobre como a hierarquia dos sexos se estabeleceu, Beauvoir buscou entender como foram construídos os privilégios dos homens em relação às mulheres; para isso, realizou um trabalho de pesquisa extenso que percorre desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, até os tempos atuais. Diferentes temas mostram como as relações sociais são construídas a partir de uma perspectiva androcêntrica.

É no segundo volume da obra *O segundo sexo* que aparecem as etapas de constituição da mulher: da infância à vida adulta, a mulher em existência vai se construindo. Beauvoir demonstra como se aprende a ser mulher, a se sentir mulher e quais são os universos que a ajudam a se constituir. É a descrição e uma perspectiva de libertação dessa condição.

A relação entre a liberdade cívica e a independência econômica também foi tema de Beauvoir. A conquista de liberdade cívica não interferirá positivamente na existência da mulher sem autonomia econômica, isto é, o direito de votar não representa a liberdade financeira. Beauvoir aproximou-se de suas possíveis leitoras incitando-as a agir. O principal conselho era que as mulheres não evitassem trabalhar, pois, para a filósofa, somente o trabalho seria capaz de diminuir as fronteiras entre homens e mulheres.



"A mulher do futuro fará da Lua um lugar limpo para se viver." Anúncio machista de detergente (1968).

Há ainda, nessa obra, um apelo a que as mulheres deixem de se preocupar com a ditadura da moda e da beleza, ao que a autora denominou de **sonhos narcisistas**, voltados para o orgulho do homem, que tornam a mulher bela para o outro. Aquela que abandona a preocupação com as aparências liberta-se do culto da própria imagem e, assim, tem outras conquistas: cultivar-se intelectualmente, estudar, interessar-se por seu próprio futuro e, ainda que em face das dificuldades, encontrar um trabalho que possa colocá-la em uma existência pública e não meramente privada.

*O segundo sexo* é, sem dúvidas, uma das principais obras de referência nos estudos sobre a mulher e relações de gênero. Aborda questões polêmicas ainda hoje, a exemplo da desconstrução da necessidade do casamento e do "mito da maternidade" como destino feminino. Simone de Beauvoir declarou-se feminista apenas na década de 1970, afirmando que, para ela, o feminismo representava reclamar uma igualdade radical entre o homem e a mulher.

Por fim, vejamos um último existencialista. Nascido na Argélia, Albert Camus (1913-1960) foi um filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista, ensaísta e jogador de futebol (tendo atuado até os 17 anos no clube Racing, de Argel). De família pobre, encontrou resistência e dificuldades para estudar, o que não o impediu de graduar-se em Filosofia, chegar até o doutorado e receber o Prêmio Nobel em 1957. Seus primeiros ensaios, dedicados a denunciar o modo como os franceses tratavam os árabes na Argélia, geraram polêmica. O filósofo mudou-se para Paris pouco antes da invasão alemã, em 1940.



Albert Camus, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista, ensaísta e jogador de futebol.

A vida pessoal de Camus e o contexto histórico em que viveu são pano de fundo para suas reflexões e temas de interesse. Protestou contra as desigualdades sociais, o autoritarismo e a violência. Temas recorrentes em suas obras são as guerras, a morte e a pequenez diante do mundo. Embora tenha sido colega de Sartre, as críticas que Camus dirigiu contra o marxismo o afastaram do existencialismo. Por outro lado, seu testemunho influenciou muitos artistas que, inspirados pelos mesmos temas, desenvolveram o que é considerado a estética do absurdo.

Na obra *O mito de Sísifo*, podemos ter mais clareza da postura filosófica do autor. Para Camus, o absurdo é definido enquanto necessidade do ser humano de atribuir significado ao mundo, mas reconhecendo que vive em um mundo sem sentido. Assim, o autor percebe que o suicídio pode aparecer como uma das opções para a falta de sentido da vida. Segundo Camus, há três tipos de opções para aquele que se encontra diante de uma situação de absurdo: **suicídio físico, suicídio filosófico e aceitação**.

O **suicídio físico** corresponde a uma fuga, pois, ao exterminar a vida individual, não se resolve o problema universal da existência. O **suicídio filosófico** corresponde ao apego a crenças religiosas ou espirituais, quando o sujeito deixa de viver a própria vida ao apostar que o significado da existência está no que vem depois dela. A terceira opção é, portanto, a **aceitação** da condição do absurdo, encarando-o e não fugindo ou esquivando-se dele. Para exemplificar essa opção, ele usa o mito grego de Sísifo.

Sísifo era um humano, mas filho de deuses. Por suas mentiras e por enganar os deuses, ele recebeu uma punição: rolar diariamente uma pedra de mármore montanha acima até o topo. Toda vez que chegasse ao topo, Sísifo saberia que a pedra rolaria novamente até o chão. E, ainda que fatigado, deveria diariamente repetir tudo de novo e, assim, para o resto de sua vida. O motivo dessa punição era envergonhá-lo por se achar esperto e hábil a ponto de traír os deuses.



Sísifo, de Ticiano, 1549. Óleo sobre tela.

Camus se pergunta por que a condenação de Sísifo nos parece tão trágica e responde dizendo que o motivo advém da consciência do absurdo de viver prestando um trabalho sem propósito algum até a morte. Camus chama atenção para o fato de Sísifo somente adquirir consciência do absurdo no momento em que está na base da montanha, não no momento em que cumpre sua pena. A partir daí, tece paralelos entre a situação do personagem mítico e da condição humana.

Em nossas rotinas diárias, desde que nos levantamos, nos alimentamos, saímos para trabalhar ou estudar, não temos tempo para refletir se o que fazemos, com mais ou menos empenho, tem um sentido colocado por nós mesmos ou se simplesmente acreditamos ser o que devemos fazer. Talvez no fim de semana, quando estamos mais livres de algumas tarefas, seja o momento em que “descemos da montanha” e nos perguntemos o porquê.

Segundo Camus, na descida da montanha, qualquer um de nós pode ser levado a esse questionamento existencial sobre o desesperador sentido de continuar a empurrar nossas pedras. Seria o suicídio a saída? Para Camus, a saída está em perceber que, sendo capazes de ter consciência para questionar, somos também capazes de resistir, e isso é o que nos salva do suicídio.

Do absurdo, Camus extraiu três consequências. A primeira é a revolta, que é resistência e enfrentamento do absurdo e, a partir dela, a segunda, que se define como a liberdade para agir. E, finalmente, a terceira consequência, a paixão. Encontrando minha paixão, sendo consciente do absurdo, posso transformar em regra para viver o que era antes uma espera passiva pela morte.

## Críticos da modernidade

Dois filósofos de difícil classificação podem ser agrupados aqui menos por seus pressupostos teóricos e metodológicos e mais pela orientação de sua proposta de trabalho. Michel Foucault (1926-1984) e Zygmunt Bauman (1925-2017) são dois pensadores que podem ser reconhecidos por suas análises críticas a respeito da modernidade.

Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor. Sua vasta obra contribuiu para uma história crítica da modernidade e do mundo contemporâneo. Sua trajetória acadêmica de militância política teve influência em vários campos do conhecimento: Filosofia, História, Sociologia, Antropologia, Artes e Política.

As investigações de Michel Foucault foram orientadas para a constituição do sujeito moderno, ou seja, como nos tornamos aquilo que somos. Essas investigações podem ser divididas em três momentos distintos, mas não excluídos. Em primeiro lugar, a **fase arqueológica**, cujo objeto de análise é a constituição do sujeito como objeto do saber. Em segundo lugar, a **fase genealógica**, marcada pela investigação da constituição do sujeito como objeto do poder e da relação entre poder e saber. Por fim, a **fase arqueogenealógica**, cujo objeto investigado é a constituição do sujeito como objeto da ética.

Em sua fase genealógica, o exercício do poder é o principal objeto de investigação. Michel Foucault investiga a passagem de uma sociedade baseada no poder do soberano para uma sociedade baseada no poder disciplinar. Na sociedade baseada no poder do soberano, que inclui o período monárquico absolutista europeu, o rei tinha total controle sobre a legislação e os crimes eram considerados uma afronta pessoal. As execuções eram teatrais e a punição devia acontecer em público para instruir o povo.

Coleção particular



O castigo de Jeanne de La Motte, de Hippolyte de la Charlerie, século XIX. Acusada de roubar um colar, Jeanne foi acorrentada com as costas nuas e açoitada com um chicote cujas cerdas estavam recheadas de pregos. Esse suplício foi descrito pelo romancista Alexandre Dumas como “o caso do colar de diamantes”.

O suplício, como foi chamada a punição durante a sociedade do poder do soberano, foi desaparecendo gradualmente, cedendo lugar para a guilhotina. A guilhotina evitava a tortura e tornava a pena de morte igual para todo e qualquer condenado, independentemente de sua condição social. Contudo, mesmo a guilhotina, depois do suplício, foi abandonada. Assim, considerou-se que a forma de punição mais racional era a restrição da liberdade, ou seja, o encarceramento nas prisões.

Eliminar o criminoso da sociedade já não era mais suficiente, sendo então necessária a readequação a ela por meio da correção. Assim, a punição passou a integrar um sistema de poder social mais amplo, ao qual Foucault deu o nome de **sistema disciplinar**. Nesse sistema, há uma série de mecanismos que visam adequar os indivíduos às normas, sendo a vigilância uma delas. O modelo dessa vigilância veio do projeto arquitetônico do **panóptico**, um tipo de penitenciária ideal.

A estrutura arquitetônica do panóptico caracterizava-se por um edifício circular, no qual estariam dispostas as celas dos prisioneiros e, no centro, uma torre de vigilância onde um único guarda poderia ter a visão panorâmica de todas as celas. Cada uma das celas teria uma abertura para a entrada de luz, cuja difusão se daria de tal modo que o prisioneiro não conseguiria enxergar o vigilante presente no centro da torre.



Vista interna do Presídio Modelo, prisão construída entre 1926 e 1931 em Cuba. Tornou-se famosa e temida por ser a única na América Latina a usar o sistema panóptico de vigilância. Hoje o Presídio Modelo é um museu aberto ao público e visitado por turistas.

A disciplina é, portanto, uma maneira de exercer o poder sobre os indivíduos. A nova sociedade (burguesa e industrial) exige isso. Vigiar é mais produtivo que punir. Com o fim da ordem absolutista, nasceram novos inimigos: as pessoas não produtivas, que se atrasam, que são indolentes, que organizam greves e questionam os meios de produzir riquezas. Todos que ameacem o capital ou a propriedade patronal devem ser vigiados e punidos. Isso não dizia respeito só aos criminosos, mas também aos trabalhadores.

Os mecanismos de poder da sociedade disciplinar visam produzir corpos dóceis, ou seja, indivíduos de comportamentos padronizados: úteis economicamente e dóceis politicamente. Isso funciona em diferentes instituições. O sinal de entrar nas celas é o mesmo do fim de expediente e de permissão para voltar para casa. O encarcerado e o trabalhador se confundem, os dois estão presos e não sabem como escapar. O poder cria sujeitos que se curvam ao modo de vida capitalista e à sua maneira de existir.

Foucault vê o poder disciplinar como prática que se distribui por toda a estrutura social. Todas as instituições (escola, prisão, fábrica etc.) produziram um perfil de ser humano que pode ser inserido de modo mais conveniente na sociedade capitalista. Com essas análises, Foucault realizou um deslocamento importante em relação à ciência política: retirou do Estado o papel de detentor exclusivo do poder, abrindo caminhos para enxergar sua **capilaridade** presente nos pequenos poderes, locais, periféricos, enfim, nos poderes que se articulam e são indispensáveis para a manutenção do Estado, ou seja, os micropoderes.

**Capilaridade:** aquilo que tem a espessura de um fio de cabelo. Em sentido figurado e como conceito da Física, compreende a propriedade que tem os fluidos de subir ou descer em tubos extremamente finos como “fios de cabelo”. Aqui se refere à propriedade desses poderes quase imperceptíveis de se infiltrarem na esfera social.

Tais poderes não correspondem a leis ou à coerção explícita, mas determinam as normas que regem nosso comportamento, realizando nossa adaptação ou exclusão. Assim, Foucault conclui que destruir o Estado é insuficiente para fazer desaparecer ou transformar a rede de poderes que se articula na sociedade, mas, no âmbito dos micropoderes, há espaço para a resistência, ou seja, para se rebelar contra as normas.



Michel Foucault, filósofo francês cuja principal contribuição foi explorar as relações de poder subjacentes às nossas instituições modernas.



Chão de fábrica de indústria brasileira. Apesar dos anos que separam as análises de Foucault desse retrato da atualidade, ainda persiste o pensamento que propõe o aumento da produtividade por meio da gestão por indicadores e de uma visão detalhada do que acontece no dia a dia da empresa.

Ao investigar as origens dos poderes e concluir que estão disseminados pela sociedade, Foucault também afirma que existem diferentes regimes históricos de produção da verdade e sustenta que a determinação do que vem a ser “a verdade” de um determinado período não vem de um único lugar, mas de uma **episteme**, por meio da qual os discursos se manifestam.

**Episteme:** termo empregado para explicar as condições de produção e aceitação de uma verdade. É um paradigma geral que estrutura, em uma determinada época, os múltiplos saberes científicos, compartilhados pela razão, a despeito das especificidades e dos objetos.

#### Saiba mais

Ler Foucault e perceber o desenvolvimento de sua filosofia causa muitas vezes confusão no leitor. Afinal, a qual corrente de pensamento ele se filia? Com quem está dialogando? A quem tece críticas? Muitas vezes, como o seu trabalho transita por diferentes campos do conhecimento, fica difícil enxergar os limites e os avanços que realizou.

No percurso realizado por Foucault para descrever a genealogia do poder, ele investigou a formação da subjetividade do homem moderno, analisando a relação entre os dispositivos de poder e o corpo humano. O corpo sempre

apareceu em suas obras, mas aqui assume a forma de um biopoder que não representa uma ideologia, mas tem concretude a partir dos **dispositivos da sexualidade**, isto é, do conjunto de discursos, técnicas e tratados que produzem determinadas práticas relativas à vida, à morte e ao sexo.

Foucault mostra como o sexo é inserido em um sistema que visa garantir sua utilidade ou seu bom funcionamento. Sexo torna-se, assim, uma questão de Estado: é preciso governar o que se entende por “população”; controlando, por exemplo, as taxas de natalidade e fecundidade, na medida em elas se ligam às práticas sexuais dos indivíduos. Foucault migra do interesse pelo poder para a **noção de governamentalidade**, ou seja, as táticas de governo para controlar nossas vidas, o que constitui uma questão ética.

#### Estabelecendo relações



Quanto vale o armazenamento de células-tronco em um laboratório?

A comercialização das células-tronco encontradas no sangue do cordão umbilical constituiria uma nova faceta da biopolítica: partes do corpo que poderão ser utilizadas no futuro para salvar vidas são fonte de capital. A vida é, então, comercializada, administrada e governada por uma variedade de empresas de medicina regenerativa. Podemos dizer que estamos diante de novos problemas relativos ao cuidado com o corpo e com a saúde que exigem revisão dos juízos éticos. Por um lado, os indivíduos sentem-se obrigados a ter novas responsabilidades para cuidar de sua saúde; por outro, sentem-se impotentes sobre como orientar suas ações. Mas quem pode, afinal, pagar pelo risco? A quem cabe responsabilizar-se?

Foucault propõe que a emancipação do sujeito do sistema disciplinar é a base para uma nova ética, concebida na noção de cuidado de si. Essa ética compreende a vida como obra de arte, ao que Foucault atribui o conceito de “estética da existência”. A afirmação desse caminho ético rumo a uma estética é realizada na liberdade de dizer a verdade a si próprio, de desprender-se de si mesmo, estilizar a vida, em um processo de constituição moral, promovendo o surgimento de focos de resistência aos mecanismos de poder, dominação e controle.

Foucault percebe diferenças entre a construção da subjetividade do homem moderno e do homem da Antiguidade Clássica. As práticas do cuidado de si encontradas na Antiguidade constituem um labor contínuo, uma atenção diária, recheada de exercícios e atividades orientados à transformação individual, mas também ao modo de se relacionar com o mundo e com os outros. Desde os gregos, tipos particulares de técnicas de si permitiam aos indivíduos

efetuar um determinado tipo de operação sobre seus corpos, pensamentos e condutas, cujo objetivo era produzir neles mesmos uma transformação.

Por outro lado, para Foucault, o problema do sujeito moderno é que sua ética está fundada em nome de uma moral que precisa ser defendida por meio do controle do corpo. Isso se vê, por exemplo, no discurso médico em relação à nossa sexualidade: o que podemos ou não fazer, o que é certo ou errado. Por isso, o sujeito moderno, em sua relação consigo mesmo, adquire uma conduta que substitui a **subjetivação** (aquilo que o individualiza) pela **sujeição** (aquilo que o torna subordinado, obediente).

No mundo atual, a ideia da sujeição nos é imposta por meio de um olhar vigilante que nos exige cumprir com o que se espera de nós. Diferentemente, o sujeito grego trazia um olhar de subjetivação, isto é, o cidadão tinha de ser um indivíduo equilibrado no domínio de suas paixões e ético, o que significa ter como meta a “arte de viver”, governando sua vida em direção à ascese, ou seja, distanciando-se do mundo para conhecer-se. Dos ensinamentos gregos, Foucault busca resgatar a “coragem de si mesmo”, isto é, a *parrésia*, definida como a ousadia de ser franco.



Zygmunt Bauman no Salão Internacional do Livro de Turim, em 2017.

Zygmunt Bauman também é um crítico da modernidade. Considerado um autor pessimista em relação à chamada pós-modernidade, termo do qual ele se afastou com o tempo, é um crítico do capitalismo e das relações sociais por ele produzidas. Investigou o processo formativo da modernidade e observou que o intento de uniformizar as maneiras de se pensar e agir sobre o mundo, por meio da ciência, não garantiu a solidez das verdades construídas. A racionalidade moderna não conseguiu eliminar a ambivalência, dado que esta persiste como um estado existencial do homem.

Bauman chama atenção para a criação de uma demanda existencial cara para o indivíduo que, incapaz de lidar com a lógica de progresso cumulativo e linear, viu-se a si mesmo eliminado. São exemplos os totalitarismos, os genocídios e as ditaduras: tudo em nome da força normalizadora e de ordenamento do mundo. A história mostrou que, a despeito da racionalidade, o mundo seguia repleto de incertezas e de ambivalências, causando desconforto, dada a impossibilidade de regrá-lo ao bel-prazer.

Apesar de colocar o sujeito na posição de não saber tudo e trazer insegurança existencial, a ambivalência funcionaria como propulsora de uma nova forma de relação social com o mundo. Por meio dela, vivenciamos novas sensações em relação à ordem e, assim, somos capazes de superar posições passivas em relação à vida, às situações de aceitação mecânica das normas, das contingências e do raciocínio binário (bem e mal, certo e errado etc.).



Vício em tecnologia torna-se uma preocupação na atualidade: redução da percepção, da produtividade e do bem-estar.

A mundialização do capital e da crise nas relações de sociabilidade e no espaço público estão expressas na obra *O mal-estar na pós-modernidade* (1997), em que, nos anos 1990, Bauman ainda utilizava o termo que depois foi substituído por **modernidade líquida**. Para Bauman, a pós-modernidade caracteriza-se pela **desregulamentação da vida**: ela privilegia a liberdade individual, mas os homens e as mulheres pós-modernas trocaram parte de sua segurança por mais felicidade, e o mal-estar provém de uma liberdade que busca incessantemente o prazer dada a pouca segurança individual.

Enquanto na modernidade reinava a ordem e a ideia de recomeço, dada a construção de uma nova sociedade, tendo no Estado sua maior aposta, na pós-modernidade a indiferença do Estado enquanto promotor da ordem é visível e os seres humanos tornam-se aventureiros em busca de experiências e sensações, especialmente as de consumo. Mas o consumo não é para todos e a produção da vida material foge das mãos dos menos favorecidos. O desemprego e a desigualdade de renda impedem a fixação da maioria em padrões de consumo identificadores de um *status* de liberdade.

A construção da identidade do indivíduo na pós-modernidade é problemática, pois não há vínculos, apenas incertezas. Nesse mundo maleável, tudo pode ser feito, mas nada pode ser permanente; os laços são dissimulados, as identidades se tornam máscaras e se perde a história de vida. A identidade é um processo inconcluso que gera o estranho. Já a cidade pós-moderna divide-se: há moradores de bairros bem arborizados que trabalham em escritórios fortificados e policiados, enquanto há zonas habitadas por pessoas incapazes de escolher com quem elas se encontram e por quanto tempo.



Reflexo do Morro (e da favela) da Providência em prédio moderno e espelhado no centro do Rio de Janeiro, 2018.

O consumo torna-se, assim, a medida de uma vida bem-sucedida, feliz e decente, regida por uma ética sem normas, a não ser “saber aproveitar bem as cartas de que se dispõe”, afinal não há nada mais a fazer. Com isso, a sociedade e a vida humana caracterizam-se pela rapidez, pelo temporário e pela incapacidade de manter a forma. O excesso de mobilidade, de informações e de ofertas levam o indivíduo à banalização das experiências, o que se reflete na insatisfação constante com a vida e com o próprio corpo, na fragilidade e fugacidade das relações amorosas e em situações de permanente insegurança.

Trata-se de pós-modernidade? Para Bauman, o problema do conceito de pós-modernidade é que a palavra “pós” supõe um “depois”, como se o momento que o precedeu houvesse chegado ao fim. Para Bauman, esse momento não sucedeu. Toda sociedade, quando nasce, tem por finalidade “derreter” as estruturas da anterior, trazendo novas. Nessa nossa modernidade imediata não há novas estruturas; o sólido se derreteu, mas permaneceu em estado líquido.



AZEVEDO, Néle. *Monumento mínimo*, Berlim, Alemanha, setembro de 2009. Obra da brasileira Néle Azevedo exposta em Berlim. Miniesculturinhas de gelo de homens e mulheres sentados em escadarias de locais famosos e que derretem em 30 minutos. A obra faz parte de uma intervenção urbana iniciada em 2001, propondo a análise do papel dos monumentos nas cidades através da inversão: no lugar de um herói, um anônimo; no lugar da pedra, algo efêmero como o gelo; tudo em escala oposta à monumental.

Com a crise da democracia representativa e a incapacidade do mercado em lidar com a desigualdade, novas transformações ocorrem, mas o novo período é tão somente uma nova etapa da modernidade. Seguimos capitalistas, vivendo em cidades, dominados pelo trabalho, pela fé, com medo etc., mas há maior dificuldade de manter a forma de nossas identidades, de nossas relações

e das instituições sociais que acreditávamos dar-nos estabilidade (família, Estado, Igreja, por exemplo).

Sabemos que os bens necessários a uma vida feliz não podem ser comprados. Não se compra o amor, a amizade, os prazeres da vida doméstica, o companheirismo, a autoestima gerada pela realização de um bom trabalho e o respeito mútuo. No entanto, os mercados vendem a felicidade na forma de bens que podem substituir aqueles intangíveis e inegociáveis. Assim, o consumo se tornou um elemento central na formação da identidade. Muito além da satisfação de necessidades, consumir passou a ter um peso primordial na construção das personalidades.

Os vínculos humanos rompem-se a qualquer momento, causando isolamento social e fazendo com que as pessoas escolham rotinas solitárias. A solidariedade é enfraquecida e estimula-se a insensibilidade em relação ao sofrimento do outro. A tecnologia promove a facilidade de comunicação, mas torna as relações pessoais mais flexíveis, gerando níveis maiores de insegurança; ao mesmo tempo que buscam afeto, as pessoas têm medo de desenvolver relacionamentos mais profundos. Bauman acredita que os laços de uma sociedade agora se dão em rede, não mais em comunidade.



Avenida Paulista aos domingos vira calçada democrática para o lazer e o consumo: um dos principais centros financeiros da capital ganha ares de parque no asfalto.

Na modernidade líquida, a liberdade assume uma forma compulsiva e obrigatória. Aos indivíduos é dada a tarefa de autoconstrução de suas vidas, dado que somente eles são responsáveis pelo que venham a se tornar, sem qualquer garantia social contra os infortúnios que, por vezes, podem acontecer. Não há tampouco parâmetros, condições ou códigos que regulem a construção de si mesmo. A volatilidade identitária, a fluidez dos relacionamentos e a dificuldade de vislumbrar um futuro seguro e estável (seja no trabalho, seja em outros aspectos da vida) tornam a liberdade “líquida”, na verdade, uma sutil prisão.

Há uma natureza ilusória da liberdade. E talvez haja uma possibilidade longínqua e cruel de transformação dos indivíduos comuns em indivíduos da elite extraterritorial. Para Bauman, chegar à emancipação por meio da liberdade, nesse contexto, somente aconteceria se houvesse um resgate do espaço público como espaço de ação coletiva. De fato, para ele, a verdadeira libertação do ser humano não ocorrerá com o desengajamento político e a liberdade de consumo, mas com ampliação da esfera pública e maior participação no poder público.

## Revisando

1. **UFPA** Originalmente concebida e acionada para emancipar os homens, a moderna ciência está hoje a serviço do capital, contribuindo para a manutenção das relações de classe. A ciência e a técnica nas mãos dos poderosos [...] controlam a vida dos homens, subjuga-os ao interesse do capital. A produção de bens segue uma lógica técnica, e não a lógica das necessidades reais dos homens.

FREITAG, B. *A teoria Crítica ontem e hoje*, São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 94.

A autora nos apresenta a visão da Escola de Frankfurt acerca do papel desempenhado pela ciência e pela tecnologia na moderna economia capitalista. Sobre este papel, considere as afirmativas abaixo:

- I. A ciência e a técnica, além de serem forças produtivas, funcionam como ideologias para legitimar o sistema capitalista.
- II. Nas mãos do poder econômico e político, a tecnologia e a ciência são empregadas para impedir que as pessoas tomem consciência de suas condições de desigualdade.
- III. A dimensão emancipadora e crítica da racionalidade moderna foi valorizada na economia capitalista, pois muitas das reivindicações dos trabalhadores foram atendidas a partir do advento da tecnologia.
- IV. Na economia capitalista, produz-se com eficácia o que dá lucro e não aquilo que os homens necessitam e gostariam de ter ou usar.

Estão corretas as afirmativas:

- |              |                  |
|--------------|------------------|
| a) I e III.  | d) I, II e IV.   |
| b) II e III. | e) II, III e IV. |
| c) III e IV. |                  |

2. **UEM-PR** A Escola de Frankfurt tem sua origem no Instituto de Pesquisa Social, fundado em 1923. Entre os pensadores expoentes da Escola de Frankfurt, destaca-se Walter Benjamin, que se dedicou particularmente à reflexão sobre a estética. Sobre a Escola de Frankfurt e Walter Benjamin, assinale o que for **correto**.

- 01 Walter Benjamin não se interessava pela teoria crítica, pois concebia a obra de arte e o belo artístico como manifestações do espírito absoluto e, por isso, não poderiam ser objeto de crítica.
- 02 O substantivo “estética” foi introduzido por Walter Benjamin para defender a tese de que as obras de arte são representações confusas, incapazes de serem conceituadas e analisadas.
- 04 Walter Benjamin retoma, no livro *A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica*, o pensamento do filósofo Paul Valéry, que considerava o homem moderno um ser fragmentado que não consegue viver plenamente todas as suas dimensões.
- 08 Os integrantes da Escola de Frankfurt, com exceção de Walter Benjamin, não se preocuparam com a questão cultural da produção artística, por acreditarem que a obra de arte não é o objeto da filosofia.
- 16 Os teóricos da Escola de Frankfurt, identificando o irracional e as formas de totalitarismo presentes na história, criticaram a razão instrumental.

Soma:

3. **UFU-MG 2019** Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens.

SARTRE, Jean-Paul. “O existencialismo é um humanismo”. Trad. Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, 1970.  
Apud ARANHA, M. L. de Arruda e MARTINS, M. H. Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2016, p. 193. (Fragmento)

Considerando-se o excerto acima e seus conhecimentos sobre a teoria de Sartre, disserte sobre

- a) o conceito de existência.
- b) o conceito de responsabilidade.

4. **UEPG-PR 2019** Sobre o existencialismo sartreano, assinale o que for correto.

- 01 Sartre declara que “o homem está condenado a ser livre”.
- 02 O ser humano possui a capacidade de formar a si mesmo, pois existe um Deus que concede ao homem o livre-arbítrio.
- 04 O ser humano desde o início de sua existência já possui um propósito específico do motivo de sua existência, por isso a liberdade não existe.
- 08 Primeiro o homem existe e, ao se descobrir, conseqüentemente surge no mundo e depois se define.

Soma:



5. **UEM-PR 2019** O existencialismo de Sartre declara que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, e que este ser é o homem; em outros termos, a realidade humana. Acerca do existencialismo de Sartre, assinale o que for **correto**.

- 01 O pensamento de Sartre privilegiou a existência em lugar de se ater à importância da essência.  
02 “A existência precede a essência” significa que o homem primeiramente existe, descobre isso e surge no mundo.  
04 O existencialismo sartreano aproxima-se do existencialismo católico ao propor a valorização do homem.  
08 O existencialismo sartreano sofreu influências do pensamento marxista e da Psicanálise.  
16 O homem, para Sartre, possui um destino que deve ser cumprido.

Soma:

6. **Enem Libras 2017** Galileu, que detinha uma verdade científica importante, abjurou-a com a maior facilidade, quando ela lhe pôs a vida em perigo. Em um certo sentido, ele fez bem. Essa verdade valia-lhe a fogueira. Se for a Terra ou o Sol que gira em torno um do outro é algo profundamente irrelevante. Resumindo as coisas, é um problema fútil. Em compensação, vejo que muitas pessoas morrem por achar que a vida não vale a pena ser vivida. Vejo outras que se fazem matar pelas ideias ou ilusões que lhes proporcionam uma razão de viver (o que se chama de razão de viver é, ao mesmo tempo, uma excelente razão de morrer). Julgo, portanto, que o sentido da vida é a questão mais decisiva de todas. E como responder a isso?

CAMUS, A. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Rio de Janeiro: Record, 2004 (adaptado).

O texto apresenta uma questão fundamental, na perspectiva da filosofia contemporânea, que consiste na reflexão sobre os vínculos entre a realidade concreta e a

- a) condição da existência no mundo. d) transitoriedade das paixões humanas.  
b) abrangência dos valores religiosos. e) insuficiência do conhecimento empírico.  
c) percepção da experiência no tempo.

7. **Enem PPL 2019** Tomemos o exemplo de Sócrates: é precisamente ele quem interpela as pessoas na rua, os jovens no ginásio, perguntando: “Tu te ocupas de ti?” O deus o encarregou disso, é sua missão, e ele não a abandonará, mesmo no momento em que for ameaçado de morte. Ele é certamente o homem que cuida do cuidado dos outros: esta é a posição particular do filósofo.

(Michel Foucault)

O fragmento evoca o seguinte princípio moral da filosofia socrática, presente em sua ação dialógica:


- a) Examinar a própria vida. d) Debater visando a aporia.  
b) Ironizar o seu oponente. e) Desprezar a virtude alheia.  
c) Sofismar com a verdade.

8. **Enem 2019** Penso que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, que podemos encontrar no meio cultural.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

O texto aponta que a subjetivação se efetiva numa dimensão

- a) legal, pautada em preceitos jurídicos.  
b) racional, baseada em pressupostos lógicos.  
c) contingencial, processada em interações sociais.  
d) transcendental, efetivada em princípios religiosos.  
e) essencial, fundamentada em parâmetros substancialistas.

 Texto para a questão 9.

Um leitor de *La Repubblica* perguntou o que podemos fazer para escapar da situação alarmante em que nos encontramos depois da crise do crédito e como evitar suas consequências possivelmente catastróficas.

Essas são perguntas que nos fazemos todos os dias; afinal, não foi só o sistema bancário e a bolsa de valores que sofreram duros e sucessivos golpes – nossa confiança nas estratégias de vida, nos modos de agir, nos padrões de sucesso e no ideal de felicidade que, dia após dia, nos últimos anos, nos disseram que valia a pena seguir também foi abalada e perdeu parte considerável de sua autoridade e poder de atração. Nossos ídolos, versões líquido-modernas do bezerro de ouro bíblico, derreteram ao mesmo tempo que a confiança na economia!

Pensando em retrospecto, os anos anteriores à crise do crédito parecem ter sido tempos tranquilos e alegres do tipo “aproveite agora, pague depois”; uma época em que nós agíamos com a certeza de que haveria riqueza suficiente e até maior no dia seguinte, anulando qualquer preocupação com o crescimento das dívidas de hoje, desde que fizéssemos o que se exigia para aderir aos “caras mais inteligentes da turma” e seguir seu exemplo. Naqueles dias que ficaram para trás,

o exercício de subir montanhas cada vez mais altas e ter acesso a paisagens cada vez mais arrebatadoras, eclipsar as grandiosas montanhas de ontem com o perfil das colinas de hoje e aplinar as colinas de ontem na gentil ondulação das planícies de hoje parecia durar para sempre.

Uma possível reação à crise econômica atual é o que Mark Furlong denominou de “militarização do eu”. É o que vão fazer, sem dúvida, os produtores e comerciantes interessados em capitalizar a catástrofe transformando-a em lucro acionário, como de hábito. A indústria farmacêutica já está em plena atividade, tentando invadir, conquistar e colonizar a nova “terra virgem” da depressão pós-crise a fim de vender sua “nova geração” de *smart drugs*, começando por semear, cultivar e fazer crescer as novas ilusões que tendem a propulsionar a demanda. Já estamos ouvindo falar de drogas fantásticas que prometem “melhorar tudo”, memória, humor, potência sexual e a energia de quem as ingere com regularidade, proporcionando assim total controle sobre a construção do próprio ego e sua preponderância sobre o ego de outros.

Contudo há outra possibilidade. Existe a opção de tentar chegar às raízes do problema atual e (como sugeriu Furlong) “fazer o contrário do que estamos acostumados: inverter o padrão e organizar nosso pensamento não mais a partir daquele em que o ‘indivíduo’ está no centro, mas segundo uma ordem alternativa centrada em práticas éticas e estéticas que privilegiem a relação e o contexto”.


Trata-se, sem dúvida, de uma possibilidade remota (inverossímil ou pretenciosa, diriam alguns), que exige um período prolongado, tortuoso e muitas vezes doloroso de autocrítica e reajuste. Nascemos e crescemos numa sociedade completamente “individualizada”, na qual a autonomia, a autossuficiência e o egocentrismo do indivíduo eram axiomas que não exigiam provas (nem as admitiam), e que dava pouco espaço, se é que dava, à discussão. Só que mudar nossa visão de mundo e assumir uma compreensão adequada do lugar e do papel que temos na sociedade não é fácil nem se faz de um dia para o outro. No entanto, essa mudança parece ser imperativa, na verdade, inevitável.

BAUMAN, Zygmunt. Como escapar da crise? In: *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 161-165. Tradução de: *44 Letters from the Liquid Modern World*. Adaptado.

**9. Uefs-BA** A interpretação dos aspectos temáticos do texto de Zygmunt Bauman está correta em

- a) A crise financeira que se estabeleceu na contemporaneidade é o resultado de uma depressão social causado por referenciais de uma cultura individualista e hedonista.
- b) Os problemas que consomem o homem contemporâneo surgiram como consequência de um passado voltado para a desconfiança no próprio homem e a sua incapacidade de cooperação mútua.
- c) As incertezas relacionadas com a economia atual vêm atreladas ao desmoronamento de valores que alimentam um modo de viver e ver o mundo pautado na conquista da felicidade a qualquer custo, no presente.

- d) A solução mais adequada e eficaz para os problemas que são vivenciados pelos indivíduos atualmente é a cura da depressão pós-crise, por meio de medicamentos de última geração que garantem a qualidade de vida das pessoas.
- e) A ideologia pregada pela sociedade líquido-moderna é incompatível com a proposta de intervenção do enunciador, o que torna impossível a resolução da crise econômica e existencial por meio de atitudes de autocrítica e reajuste da maneira de pensar e agir.

 Texto para a questão 10.

### Governados pelo medo

A sensação de insegurança rege mercados e relações sociais. E ninguém parece ter controle sobre os perigos invisíveis que nos ameaçam

por FLAVIA TAVARES

“Que computador foi danificado pelo sinistro ‘bug do milênio’? Quantas pessoas você conhece que foram vítimas dos ácaros de tapete? Quantos amigos seus morreram da doença da vaca louca? Quantos conhecidos ficaram doentes ou inválidos por causa de alimentos geneticamente modificados?” Esta sequência de perguntas está no (...) livro do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, *Medo Líquido* (...). A elas, ele não dá uma resposta, cumprindo apenas seu papel de provocador. Mas nem precisaria. Esse questionamento faz parte do que ele chama de “a era dos temores”.

Foi esse temor, inclusive, o motor do abalo que atingiu as bolsas de valores do mundo inteiro esta semana. O medo de uma crise econômica se transformou na crise em si. E, enquanto o governo dos Estados Unidos não deu sinais de que tinha condições de amenizar o estrago, baixando os juros e lançando pacotes, o pânico se manteve. Para Bauman, este é um dos sinais de que estamos subjugados pelo medo: todas as situações que nos ameaçam parecem orientadas por poderes que nos fogem ao controle. (...)

Grande amarrador de ideias que vagam no ar, ele desenvolveu o conceito de uma sociedade “líquida”, partindo do princípio de que as certezas e a previsibilidade do futuro estão diluídas e, **porque** políticos e empresas tendem a lucrar com isso, não há perspectiva de que esse clima de insegurança seja sanado. “Pelo contrário, os governos e os mercados têm interesse em manter esses medos intactos e, se possível, aumentá-los.” (...)

(O Estado de S. Paulo, 27/01/2008)

**10. Inspers-SP** As perguntas iniciais do fragmento são um recurso argumentativo para mostrar que

- a) a sociedade moderna está conseguindo aumentar a sensação de segurança da população.
- b) os meios de comunicação fizeram com que a população percebesse como o mundo atual é perigoso.
- c) existe um clima de insegurança cada vez mais generalizado, embora muitos temores sejam infundados.
- d) os mercados financeiros lucram com esses temores, enquanto governos perdem dinheiro com isso.
- e) não existem respostas prontas para esses questionamentos, que tendem a acabar no mundo contemporâneo.

## Exercícios propostos

1. **UEL-PR 2021** A ideia de que a razão, a mais alta faculdade intelectual do homem, interessa-se apenas pelos instrumentos, ou melhor, é ela mesma apenas um instrumento, é formulada de modo mais claro e aceita mais amplamente hoje do que no passado. [...] O indivíduo outrora concebeu a razão exclusivamente como um instrumento do eu. Agora, ele experiencia o inverso dessa autodeificação. A máquina ejetou o piloto; ela corre cegamente pelo espaço. No momento da consumação, a razão tornou-se irracional e estultificada.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Trad. Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora da UNESP, 2015. p. 118; 143

A respeito do problema da racionalidade instrumental em Horkheimer, assinale a alternativa correta.

- a) A exploração da natureza é um resultado secundário da vigência da racionalidade instrumental, na medida em que, anteriormente à modernidade, a razão era compreendida em sintonia com a natureza.
- b) A razão instrumental é uma forma da razão que se instituiu por meio do reconhecimento da singularidade da natureza e da sociedade e do desenvolvimento de uma metodologia que integra tais especificidades à pesquisa.
- c) A substituição da autoridade da filosofia pela autoridade da ciência no século XX resultou da incorporação da filosofia aos procedimentos experimentais da ciência, o que tornou a atividade científica mais rigorosa.
- d) A concepção de ciência que sustenta a racionalidade instrumental recusa duas ideias fundamentais: a ideia de que a ciência consiste em enunciados sobre fatos e a ideia de que o mundo seja um mundo de fatos e coisas.
- e) A vinculação entre razão e instrumento revela a tendência, não apenas individual, mas estruturada socialmente, de submeter a natureza à exploração, culminando na sujeição do humano à razão instrumental.

2. **UEL-PR 2019** Leia o texto a seguir.

O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. [...] O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. [...]

Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar.

ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*. Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.17; 21; 34.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a crítica à racionalidade instrumental e a relação entre mito e esclarecimento em Adorno e Horkheimer, assinale a alternativa correta.

- a) O mito revela uma constituição irracional, na medida em que lhe é impossível apresentar uma explicação convincente sobre o seu modo próprio de ser.
- b) A regressão do esclarecimento à mitologia revela um processo estratégico da razão, com o objetivo de ampliar e intensificar seus poderes explicativos.
- c) A explicação da natureza, instaurada pela racionalidade instrumental, pressupõe uma compreensão holística, em que as partes são incorporadas, na sua especificidade, ao todo.
- d) O esclarecimento implica a libertação humana da submissão à natureza, atestada pelo poder racional de diagnosticar, prever e corrigir as limitações naturais.
- e) O esclarecimento se caracteriza por uma explicação baseada no cálculo, do que resulta uma compreensão da natureza como algo a ser conhecido e dominado.

3. **UPE 2018** Sobre a dimensão do homem na perspectiva existencialista, considere o texto a seguir:

"El hombre está condenado a ser libre"



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=a+dimensão+humana+no+existencialism>

O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber.

(SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 12).

O enfoque existencialista questiona o modo de ser do homem. Entende esse modo de ser como o modo de ser-no-mundo. Na perspectiva existencialista, sobre o homem, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) É um projeto de ser.
- b) É um seguidor das escolhas dos outros.
- c) Na sua própria essencialidade e no trajeto de sua liberdade, não tem escolha.
- d) Tem uma natureza concebida por Deus em sua essência.
- e) É irresponsável por si próprio ao conceber seus atos.

4. **UFU-MG 2018** Considere o seguinte trecho, extraído da obra *A náusea*, do escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre (1889-1980).

O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar presente; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos deduzi-los. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte, a gratuidade perfeita.

SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. Tradução de Rita Braga, citado por: MARCONDES, Danilo Marcondes. **Textos Básicos de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

Nesse trecho, vemos uma exemplificação ou uma referência ao existencialismo sartriano que se apresenta como

- a) recusa da noção de que tudo é contingente.
  - b) fundamentado no conceito de angústia, que deriva da consciência de que tudo é contingente.
  - c) denúncia da noção de má-fé, que nos leva a admitir a existência de um ser necessário para aplacar o sentimento de angústia.
  - d) crítica à metafísica essencialista.
5. **UEPG-PR 2022** Sobre o aspecto ético do conceito de liberdade presente na teoria de Jean Paul Sartre, assinale o que for correto.
- 01 A liberdade é o fundamento de toda a essência humana.
  - 02 Podemos concluir que o homem condenado à liberdade vive em comunidade.
  - 04 A liberdade é inconsequente, pois a ética é uma ética do sujeito.
  - 08 Liberdade é uma condição da responsabilidade.

Soma:

6. **Uece 2019** Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.

AGAMBEN, G. *O que é um dispositivo? outra travessia*, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005.

Considerando o excerto acima, analise as seguintes proposições:

- I. As prisões e os manicômios se enquadram nesse conceito na medida em que se voltam para a correção e normalização de condutas consideradas desviantes.
- II. As escolas, as igrejas e as fábricas podem ser pensadas como dispositivos na medida em que se voltam para os corpos e os comportamentos no sentido do disciplinamento.
- III. Os computadores, os telefones celulares, as câmeras de segurança se destacam como dispositivos, pois controlam tecnicamente os gestos e as condutas humanas.

É correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
  - b) I e II apenas.
  - c) II e III apenas.
  - d) I e III apenas.
7. **UFPR 2019** Não se trata de fazer aqui a história das diversas instituições disciplinares, no que podem ter cada uma de singular. Mas de localizar apenas numa série de exemplos algumas das técnicas essenciais que, de uma a outra, se generalizaram mais facilmente. Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova 'microfísica' do poder.

(FOUCAULT, Michel. *Os corpos dóceis*. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Trad. Lúcia M. P. Vassallo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 128.)

Com base no excerto acima e também no conjunto do texto estudado, como podemos definir a ideia de "microfísica do poder"? Cite três exemplos de instituições disciplinares nas quais é possível identificar esse modo de exercício de poder.

8. **PUC-GO** Simone de Beauvoir é autora de *O Segundo Sexo*, um clássico sobre o lugar da mulher no mundo, publicado em 1949. A filósofa francesa é reconhecida como uma das importantes autoras da teoria social do feminismo. É dela uma das citações mais mencionadas sobre a questão da mulher:

Poucas tarefas são mais parecidas com a tortura de Sísifo do que o trabalho doméstico, com sua repetição sem fim: a limpeza se torna sujeira, a sujeira é limpeza, uma e outra vez, dia após dia. A dona de casa se desgasta com o passar do tempo: ela não faz nada, apenas perpetua o presente. Comendo, dormindo, limpando..., os anos já não se levantam para o céu, eles se espalham adiante, cinzas e idênticos. A batalha contra a poeira e a sujeira nunca é vencida.

(BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad.: Sérgio Millet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, p. 199-200. Adaptado.)

Considerada a descrição de Simone de Beauvoir sobre a mulher, analise as assertivas a seguir e marque a única alternativa que está de acordo com a perspectiva dessa filósofa:

- A felicidade foi uma das maiores preocupações de Simone de Beauvoir, abordada em seu livro, *O Segundo Sexo*. Nele, a felicidade só é alcançada quando a mulher realiza o papel de senhora da casa.
- Um aspecto relevante no livro, *O Segundo Sexo*, é a ideia de que o papel que a mulher assume na sociedade está diretamente ligado ao destino biológico, ou seja, o que define o feminino depende unicamente do sexo, fator biológico da constituição físico-química do corpo humano.
- Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo*, defende a distinção entre sexo e gênero. Ou seja, o primeiro é um fator biológico, ligado à constituição físico-química do corpo humano; o segundo é construído pela sociedade, ou seja, ser homem ou ser mulher não é um dado natural, mas algo performático e social.
- A mulher é um tema recorrente no livro *O Segundo Sexo*. Nele Beauvoir trata o aspecto biológico, no qual aborda a fragilidade das mulheres. Ela entende que o trabalho doméstico, como limpar poeira e piso ou mesmo cozinhar, é trabalho leve e, portanto, pode se repetir cotidianamente

**9. Uema** O sociólogo Zygmunt Bauman, em seu livro *Globalização: as consequências humanas*, afirma que a "globalização" tem sido apresentada como o destino irremediável do mundo, mas que, no fenômeno da globalização, há mais coisas do que pode o olho apreender, pois o fenômeno da globalização tanto divide como une.

Fonte: BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (adaptado)

Essa crítica do autor é, também, expressa em outras linguagens como na charge abaixo.



Fonte: Disponível em: <<http://joselimaia.blogspot.com.br/p/geografia-2-ano.html>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

Com base na charge e nas ideias de Zygmunt Bauman, pode-se afirmar que o fenômeno da globalização

- a) seleciona povos, países e setores que serão inseridos no processo, determinando a forma da inserção.
- b) uniformiza todos os países e atinge a todos da mesma maneira, sem distinção de etnia, credo e ideologia.
- c) distribui igualmente entre povos e países os produtos advindos do desenvolvimento econômico e tecnológico.
- d) transforma as nações em uma só, criando uma verdadeira "aldeia global", na qual todos os povos são iguais.
- e) padroniza o mundo social, cultural, política e economicamente, reduzindo as desigualdades entre as nações.

## Texto complementar

### Sartre e Camus: o debate que alcança o século XXI

[...]

Outro importante fator na ruptura Sartre-Camus foi o posicionamento intelectual em relação à prática ou não da violência política.

Sartre trata a violência como uma prova do tornar-se real, especialmente para as vítimas da opressão, quando os demais caminhos estiverem bloqueados. "Jamais fomos mais livres que sob a ocupação alemã. Havíamos perdido todos os nossos direitos, nos insultavam a cada dia... As circunstâncias muitas vezes atrozes de nosso combate nos impeliam a enfim viver sem imagem, sem véu, esta situação dilacerada, insustentável e que se chama condição humana."

Camus, enquanto viveu, opôs-se tenazmente à violência do explorado num processo de libertação. Em oposição ao revolucionário, opunha o homem revoltado.

"O homem revoltado" é um libelo contra a violência política. O homem revoltado é o homem que se revolta independentemente da autoridade, mas sem desejar a vitória querida pelo revolucionário. A contestação é o contraponto do poder. O propósito original da revolta é a afirmação da vida, autoafirmação da solidariedade. O impulso emancipatório das revoluções se converte em assassinato organizado e racional. "A rebelião nega a si própria ao se tornar revolução. O revolucionário é a um só tempo um revoltado ou deixa de ser revolucionário, mas sim, um burocrata ou policial que se volta contra a revolta. Se ele mantém-se revoltado, insurge-se contra a revolução, logo, todo revolucionário está destinado a tornar-se um opressor ou um herege, policial ou louco!"

Já para Sartre o existencialismo, como humanismo militante, preconizava que "não há como transformar um mundo violento e opressivo sem se tornar violento e opressor." Para ele, a liberdade individual está intimamente ligada à liberdade coletiva e a violência aparece por si mesma como um valor. A eficácia da práxis defronta-se com a inutilidade da moral. A violência é tão legítima quanto necessária e inevitável [...]

Para Camus a vida deve ser vivida no mundo presente e sensível. Era intransigente na defesa da livre expressão e dos direitos civis: a ética deveria estar sempre no cerne da política e em qualquer movimento por justiça social. "Toda liberdade humana é em sua essência relativa, pois a liberdade de qualquer pessoa limita a dos outros e a dos governantes." Contra a filosofia da revolução de que poderia se reordenar tudo, uma filosofia dos limites, da ignorância calculada e do risco.

RUSSO JUNIOR, Carlos. Sartre e Camus: o debate que alcança o século XXI. *Espaço Literário Marcel Proust*, 4 jan. 2020. Disponível em: <https://jornalgnn.com.br/artigos/sartre-e-camus-o-debate-que-alcanca-o-seculo-xxi-por-carlos-russo-jr/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

## Resumindo

### 1 - Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt

- Teoria crítica: novo método de conhecimento, fruto de reflexões interdisciplinares, tendo por base aplicar o materialismo histórico de Marx para tecer diagnósticos sobre o presente.
- Indústria cultural: transformação da cultura em mercadoria.
- Reprodutibilidade técnica: o avanço das técnicas de reprodução tem como efeito a perda da aura da obra de arte.
- Projeto emancipador da razão: a racionalidade técnica passa a ser a racionalidade do próprio domínio dos homens sobre os homens.

### 2 - Existencialismo

- A liberdade individual e a responsabilidade pelo livre arbítrio ocupam o centro da reflexão dos filósofos existencialistas.
- Questiona o cotidiano, a existência de acordo com as relações que estabelecemos com outros e as relações que fazemos com e a partir do que vivenciamos.
- Considera que escolher traz inquietações; a angústia surge porque o homem sabe que escolher significa renunciar.
- Sartre: a existência precede a essência.
- Beauvoir: a construção social da mulher é o principal tema de sua filosofia.
- Camus: reconhecimento do absurdo e o valor da vida como a única questão realmente filosófica.

### 3 - Críticos da modernidade

- Michel Foucault: fase arqueológica, fase genealógica, fase arqueogenealógica.
- Passagem da sociedade de poder soberano para a sociedade de poder disciplinar.
- Dispositivos disciplinares para a constituição de corpos produtivos e obedientes.
- Zygmunt Bauman: da pós-modernidade à modernidade líquida.
- Identidade baseada no consumo de mercadorias.
- Liquidez dos vínculos humanos.

#### Quer saber mais?



##### Livros

**PENHA, João da. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2001.**

Obra faz introdução à filosofia existencialista.

**WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.**

A obra permite uma visão geral da Escola de Frankfurt.



##### Filme

***Zelig*. Direção: Woody Allen, 1983. Classificação indicativa: livre.**

Filme mostra personagem que não possui personalidade própria, brincando com a crise da identidade pós-moderna.

## Exercícios complementares

1. **UEPG-PR 2019** Sobre arte e indústria cultural, assinale o que for correto.

- 01 A teoria estética de Adorno enfatiza críticas às formas de dominação geradas pelo sistema capitalista.
- 02 Segundo o filósofo alemão Theodor Adorno, os produtos e entretenimentos padronizados da indústria cultural resultam na semiformação cultural.
- 04 Conforme Adorno, a semiformação cultural em relação à arte segue uma característica unidimensional, limitada e circunscrita, já que isso é fato que contribui para a minimização de valores éticos e universais.
- 08 Os filósofos Adorno e Horkheimer defendem a ideia de que a indústria cultural auxilia significativamente de forma positiva na formação cultural e ajuda no desenvolvimento da autonomia dos indivíduos.

Soma:

2. **Unesp 2017** Concentração e controle, em nossa cultura, escondem-se em sua própria manifestação. Se não fossem camuflados, provocariam resistências. Por isso, precisa ser mantida a ilusão e, em certa medida, até a realidade de uma realização individual. Por pseudoindividualização entendemos o envolvimento da cultura de massas com uma aparência de livre-escolha. A padronização musical mantém os indivíduos enquadrados, por assim dizer, escutando por eles. A pseudoindividualização, por sua vez, os mantém enquadrados, fazendo-os esquecer que o que eles escutam já é sempre escutado por eles, “pré-digerido”.

(Theodor Adorno. “Sobre música popular”. In: Gabriel Cohn (org.). Theodor Adorno, 1986. Adaptado.)

Em termos filosóficos, a pseudoindivuação é um conceito

- a) identificado com a autonomia do sujeito na relação com a indústria cultural.
- b) que identifica o caráter aristocrático da cultura musical na sociedade de massas.
- c) que expressa o controle disfarçado dos consumidores no campo da cultura.
- d) aplicável somente a indivíduos governados por regimes políticos totalitários.
- e) relacionado à autonomia estética dos produtores musicais na relação com o mercado.

3. **UEM-PR 2017** Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser.

SARTRE, J-P. O existencialismo é um humanismo. In: ARANHA, M. L. de A. *Filosofar com textos: temas e história da filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2012, p. 478.

A partir do texto citado, assinale o que for **correto**.

- 01 A responsabilidade existencial do ser humano é prioritária em relação à sua própria essência.
- 02 A responsabilidade é uma preocupação restrita ao próprio sujeito que reflete sobre esse fato.
- 04 O existencialismo deve pôr no centro das suas preocupações a responsabilidade que o homem tem com os atos relativos à sua existência.
- 08 Os atos desejados pelos homens refletem os seus juízos sobre como ele deve ser.
- 16 O existencialismo é, fundamentalmente, egoísta e centrado nas preocupações do indivíduo.

Soma:

4. **UEM-PR 2017** A fenomenologia e o existencialismo são correntes filosóficas que têm início no século XX e se caracterizam pela crítica às concepções essencialistas acerca da natureza humana. Esta crítica é resumida na afirmação do filósofo francês Jean-Paul Sartre:

[...] há pelo menos um ser em quem a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana.

(SARTRE, J-P. O existencialismo é um humanismo. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009, p. 619.)

Sobre a fenomenologia e o existencialismo, assinale o que for **correto**.

- 01 Para Sartre, a angústia é o sentimento que emerge quando nos arrependemos de nossas escolhas.
- 02 De acordo com Sartre, as nossas ações não são determinadas por valores morais necessários, mas são apelos para que nossos atos valham universalmente.
- 04 O existencialismo reconhece que estamos submetidos a condições que não escolhemos, como a época e o local de nascimento, porém afirma que somos absolutamente livres para interpretar e agir sobre nossa situação.
- 08 Para Sartre, quando se atribui uma escolha moral a uma regra ou razão que dizemos não controlar, age-se de má-fé, porque se dissimula o fato de que somos absolutamente livres para escolher.
- 16 Sartre e Heidegger concordam que o ponto de partida da fenomenologia deve ser a autoconsciência alcançada por meio da reflexão, tal como expressa na noção do *cogito* cartesiano.

Soma:

5. **UEL-PR 2022** Leia o texto a seguir.

Houve sempre, entre os homens, um esforço pouco nobre para desacreditar as Sereias, acusando-as simplesmente de mentirosas quando cantavam, enganadoras quando suspiravam, fictícias quando eram tocadas; [...] Ulisses as venceu, mas de que maneira? Ulisses, a teimosia e a prudência de Ulisses, a perfídia que lhe permitiu gozar do espetáculo das Sereias sem correr risco e sem aceitar as consequências, aquele gozo covarde, medíocre, tranquilo e comedido, [...] aquela covardia feliz e segura [...]. Vencidas as Sereias, pelo poder da técnica, que pretenderá jogar sem perigo com as potências irrealis (inspiradas), Ulisses não saiu porém ileso.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 05-06.

Com base no texto de Blanchot e na obra *A Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, que apresentam interpretações do encontro entre Ulisses e as Sereias, e tendo por referência os conhecimentos sobre os conceitos de esclarecimento, razão instrumental e a relação humano-natureza, considere as afirmativas a seguir.

- I. O controle dos efeitos encantatórios do canto das Sereias resulta de uma ação instrumental sobre a natureza.
- II. A astúcia é o recurso utilizado por Ulisses para sair vencedor das aventuras, por meio do qual ele se perde para se conservar.
- III. O episódio das Sereias mostra a separação originária entre o mito, marcado pela irracionalidade, e o trabalho racional.
- IV. Ulisses e as Sereias são evocados como símbolos das relações simétricas de poder entre homens e mulheres.

- Assinale a alternativa correta.
- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
  - b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
  - c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
  - d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
  - e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

6. **UEM-PR 2019** A partir da publicação de *A história da loucura*, Foucault mostrou que o capitalismo exige mecanismos disciplinares para que seja mantida a ordem no âmbito do governo: trata-se de normalizar os indivíduos para que sejam aptos ao trabalho. Com base no pensamento de Foucault, assinale o que for **correto**.

- 01 Na história do Ocidente a partir do mundo moderno viu-se a progressiva medicalização da loucura e da existência humana.
- 02 A temática da medicalização constitui um poder que funciona de modo eficaz.
- 04 O marxismo fornece a Foucault referenciais e conceitos teóricos consistentes sobre o mundo do capitalismo.
- 08 As relações de poder na sociedade ocidental são complexas por conter um elemento extrajurídico que pesa sobre os indivíduos.
- 16 A loucura como doença mental é algo relativamente novo no Ocidente.

Soma:

7. **UFPR 2019** [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita.

(FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Trad. Lígia M. P. Vassalo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 127.)

Com base na passagem acima e tendo em vista a totalidade do texto do qual ela foi extraída, como podemos definir o conceito de Foucault de "corpos dóceis" e qual o papel da "disciplina" na produção desses corpos?

8. **UFPR 2020** Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia. [...] Na segunda metade do século XVIII, o soldado tornou-se algo que se fabrica;

de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos.

(FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 162.)

Levando em conta essa passagem e a obra em que está inserida, é correto afirmar que, para Michel Foucault, instituições como escolas, quartéis, hospitais e prisões são exemplos de espaços em que, a partir do século XVIII, os indivíduos:

- a) são educados de modo a se tornarem autônomos.
- b) aprendem a conviver uns com os outros.
- c) encontram as condições de segurança e bem-estar.
- d) se tornam mais vigorosos e valentes.
- e) se fazem objeto do poder disciplinar.

9. **Cefet-MG 2014** Nos Estados Unidos, o endividamento médio das famílias cresceu algo em torno de 22% nos últimos oito anos – tempos de uma prosperidade que parecia não ter precedente. A soma total das aquisições com cartões de crédito não ressarcidas cresceu 15%. E a dívida, talvez ainda mais perigosa, dos estudantes universitários, futura elite política, econômica e espiritual da nação, dobrou de tamanho.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida a crédito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

O texto apresenta uma realidade vivenciada pelas sociedades ocidentais na atual etapa do capitalismo globalizado. Nesse contexto, a probabilidade de ocorrência de crises socioeconômicas tem-se ampliado devido a(o)

- a) restrição dos empréstimos à população de maior poder aquisitivo que amplia as desigualdades sociais.
- b) esgotamento do modelo consumista que inviabiliza o aumento da produção nos países desenvolvidos.
- c) esvaziamento do papel normatizador do Estado que desloca sua atuação para o setor produtivo.
- d) enfraquecimento das agências bancárias que financiam as políticas públicas nos países centrais.
- e) utilização do capital especulativo que fragiliza a economia interna de regiões em desenvolvimento.

## BNCC em foco

EM13CHS103 e EM13CHS303

1. Analise a mensagem desta publicidade e atualize o conceito de indústria cultural na contemporaneidade.



Havaianas Brasil / AlmapBBDO



FRETE ÚNICA

CAPÍTULO

14

## Filosofia Contemporânea: Ética e Filosofia Política

Hoje a filosofia está nos meios de comunicação de massa, nas redes sociais, nos livros, nas aulas e nas palestras. Isso a torna mais próxima de nós e mostra que não só os estudiosos, mas também as pessoas comuns se interessam por ela. O contato com a filosofia nos ajuda a argumentar em defesa de nossas escolhas e a buscar consensos entre pontos de vista distintos, ensinando o respeito pelas convicções alheias. O mundo mudou, e a filosofia encontrou novos assuntos: a genética, a tecnologia digital e a ecologia – temas que nos fazem refletir sobre as questões do sentido da existência e da finitude da natureza e do ser humano. A filosofia mudou porque há novos desafios no nosso tempo, mas sua tarefa fundamental permanece a mesma: compreender o mundo em que estamos para nele viver e reinventar o pensamento.

Número de pessoas em situação de rua cresce em várias cidades brasileiras. Caxias do Sul, RS, 2018.

## Teorias da justiça

Vamos acompanhar duas das principais teorias da justiça no mundo contemporâneo. Primeiro, a teoria da justiça elaborada pelo filósofo estadunidense John Rawls (1921-2002). Segundo, a teoria da justiça elaborada pelo filósofo, também estadunidense, Robert Nozick (1938-2002).

As reflexões de John Rawls sobre justiça social, desigualdades sociais e ações afirmativas voltadas para a ampliação dos direitos sociais contribuíram para a filosofia política contemporânea. Rawls concilia os dois princípios da Revolução Francesa: a liberdade e a igualdade. Em sua filosofia, o conceito de justiça é a justificação para uma filosofia prática, assim como o conceito de verdade é condição para a teoria do conhecimento.

Centrado no **igualitarismo** e na solução para os problemas relativos à desigualdade social, um dos objetivos principais da teoria da justiça de Rawls é fundamentar, filosoficamente, uma concepção que seja adequada a uma democracia constitucional. Rawls buscou princípios que fundamentassem um padrão moral para avaliar conflitos entre as principais instituições da sociedade e os indivíduos. O objetivo é alcançar a justiça distributiva e a tolerância. Para se alcançar os princípios da justiça, são necessárias duas condições: a **posição original** e o **equilíbrio reflexivo**.

**Igualitarismo:** em filosofia política, é uma doutrina que defende a igualdade de direitos e oportunidades para todos os seres humanos, tanto no âmbito político quanto no econômico e social.

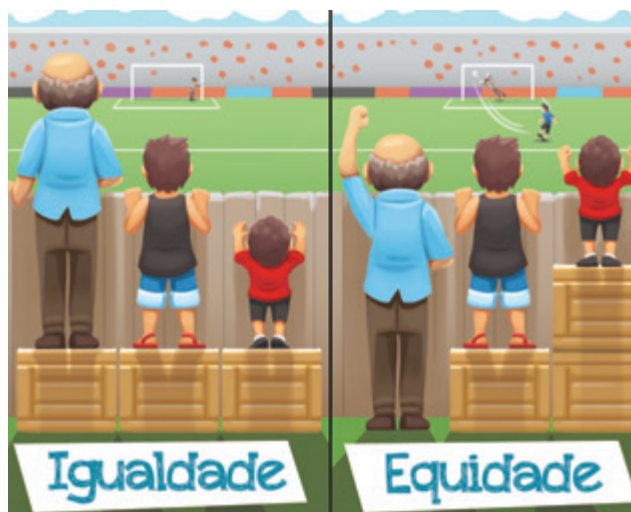


Algumas habitações de interesse social (em primeiro plano) e uma favela (em segundo plano). No Brasil, o direito à moradia faz parte dos direitos sociais garantidos pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 6º.

O conceito de **posição original** é uma situação hipotética na qual os indivíduos racionais participantes, por meio de um contrato social, escolheriam os princípios de justiça a serem adotados para governar a estrutura básica de uma sociedade bem-ordenada. Isso só acontece em um contexto de pessoas livres e iguais que escolhem racionalmente os princípios que regularão a estrutura básica da sociedade visando a um sistema equitativo de cooperação social para vantagem mútua.

Para evitar que as pessoas com mais chances de barganha imponham os seus princípios como os mais adequados, Rawls propõe que possamos imaginar um **véu de ignorância** sobre nós que nos impeça de saber a qual categoria pertencemos na sociedade e quais são nossas vantagens e desvantagens. Sem essas informações, poderíamos fazer uma escolha a partir de uma **posição original de equidade**. Como esse conceito é idealizado, a função de um **equilíbrio reflexivo** é calibrar a cultura política, o *éthos* (comportamento) social e o *modus vivendi* (práticas) de uma sociedade concreta.

Os princípios de justiça devem mostrar razoabilidade na comparação com nossos juízos em outras generalidades. O objetivo é aproximar os princípios de justiça de nosso senso moral cotidiano. O bem de um indivíduo deve ser escolhido levando em conta o interesse das partes envolvidas, otimizando possibilidades de concretização das escolhas de cada um, noção essa que desemboca na ideia de deliberação pública, o que levaria à concepção de uma **democracia deliberativa**. Daí nascem os dois princípios apresentados pelo filósofo: princípio do **igual direito às liberdades básicas** e princípio da **igualdade equitativa**.



Representação dos conceitos de igualdade e equidade: direito de todos e justiça para todos.

O princípio da igualdade equitativa deve satisfazer duas condições: primeiro, deve haver igualdade equitativa de oportunidades; segundo, deve haver igualdade equitativa da diferença. A primeira condição declara que as oportunidades devem ser iguais a todos, ainda que a desigualdade social seja mantida. A segunda condição sustenta que as diferenças entre as pessoas não devem ser eliminadas e não estão diretamente relacionadas com a desigualdade social.

De acordo com os princípios de justiça de Rawls, a igualdade de oportunidades é necessária para promover a justiça social, mas não é suficiente. Por esse motivo, é preciso levar em consideração a segunda condição do princípio de igualdade equitativa: a diferença. O princípio da diferença visa corrigir a meritocracia, impedindo que as diferenças de talento ou de condições não determinem a desigualdade social. A política de cotas nas universidades públicas está de acordo com o princípio da diferença.

## Quadro das teorias de justiça distributivas



Rawls argumenta que as três teorias que analisou baseiam a distribuição de justiça em fatores arbitrários do ponto de vista moral: nascimento, posicionamento social e econômico e aptidões e habilidades naturais. Somente o princípio da diferença evita que a distribuição de riqueza e renda esteja fundamentada nessas contingências.

Para Rawls, o mérito moral não pode ser fundamento de justiça, pois:

1. o talento nunca é um mérito completamente do indivíduo;
2. as qualidades que uma sociedade valoriza em determinado momento são moralmente arbitrárias.

Em uma sociedade meritocrática, existe a crença de que o sucesso é reflexo do merecimento, quando, de fato, não o é. Rawls afirma que deveríamos deixar de expressar complacência diante das desigualdades e começar a reagir. Para ele, aceitá-las seria um equívoco. O fato de indivíduos de famílias abastadas terem uma série de vantagens sem nenhum mérito para usufruí-las constituiria uma injustiça social.

© Toby Morris for Radio New Zealand 2015



Tira que representa a "cegueira" quanto à desigualdade de oportunidades.

Já Robert Nozick defende uma teoria política libertária, também denominada de **libertarianismo**. A obra de Nozick demonstra os perigos que existem na forma de cooperação e na busca pela igualdade presentes nos argumentos de Rawls. Além disso, oferece uma fundamentação alternativa à concepção de uma política distributiva ao colocar sob suspeita a legitimidade da coerção governamental, analisando quais as finalidades e funções do Estado.

A **liberdade dos direitos** é a questão fundamental na concepção de justiça de Nozick, assim como a ideia de livre mercado, na qual é justa a desigualdade econômica desde que não resulte do uso da força ou da fraude. Por outro lado, essa ideia entende que o Estado moderno é infrator, considerando que muitas de suas ações não são legítimas e violam as liberdades individuais, somando-se, assim, ao coro dos chamados libertários. Os libertários rejeitam três tipos de diretrizes e leis impostas pelo Estado: o **paternalismo**, as **legislações sobre a moral** e a **redistribuição de renda ou riqueza**.



Solenidade de formatura de agentes da polícia de Nova York, realizada no Madison Square Garden. O Estado mínimo proposto por Robert Nozick prevê garantir somente a segurança dos cidadãos.

O libertarianismo é uma ideologia que existe tanto na direita quanto na esquerda. O libertarianismo de Nozick, ideologicamente de direita, defende que o Estado tenha sua função restrita à garantia da proteção do cidadão contra a violência (segurança pública), o roubo (proteção da propriedade privada) e a fraude (cumprimento dos contratos para a manutenção da paz). Qualquer função além dessas estaria além dos objetivos do Estado. Trata-se da defesa do Estado mínimo. Nessa perspectiva, a justiça distributiva deve atender somente a duas condições: justiça quanto à aquisição de posses e à transferência de posses.

Com base na noção de Estado mínimo, Nozick faz a crítica à obrigação imposta ao cidadão de abrir mão de seus interesses individuais em prol da coletividade. Trata-se de uma violação. Haveria três tipos de violação: taxação sobre a renda dos mais favorecidos, colaboração do mais favorecido para o mais necessitado e imposição da vontade da maioria. Assim, pode-se perceber que a justiça distributiva e a justiça libertariana partem de pontos de vista inconciliáveis quanto à concepção dos limites entre o individual e o coletivo.



Estado mínimo: proteção contra roubo, fraude e força. A charge é uma crítica a características desse aparato.

## Questões políticas e éticas contemporâneas

Agora, vamos apresentar as teses de três autores a respeito das questões políticas e éticas no mundo contemporâneo. Para as questões especificamente políticas, vamos acompanhar as ideias de Jürgen Habermas (1929-). Já para as questões eminentemente éticas, veremos as teses de Hans Jonas (1903-1993) e Peter Singer (1946-).

Jürgen Habermas é um filósofo alemão que se dedica à filosofia política e à filosofia da linguagem, em diálogo com as ciências sociais, as ciências da comunicação e o direito. Formado na tradição da teoria crítica, frequentou o Instituto de Pesquisa Social, entre 1956 e 1959. Porém, diferentemente do que pensavam boa parte dos frankfurtianos, Habermas apresenta uma versão menos pessimista em relação aos males provocados pela ciência e pela razão instrumental às sociedades no século XX.



cpa/picture-alliance/AlbumFotoarena

Jürgen Habermas, filósofo alemão, considerado um dos mais importantes intelectuais contemporâneos.

No final dos anos 1970 e início dos 1980, a principal preocupação do teórico a respeito da ideia de um **consenso discursivo** resulta na elaboração de uma teoria sobre a reflexividade da ação social, apresentada na obra *Teoria da ação comunicativa* (1986). Aqui, vamos compreender essa obra, buscando elucidar o conceito de **racionalidade comunicativa**.

De acordo com Habermas, a sociedade está dividida em duas esferas: o **sistema social** e o **mundo da vida**.

Em cada uma delas existem duas formas de agir: o **agir instrumental** e o **agir comunicativo**. O agir instrumental está vinculado ao sistema, isto é, ao Estado com seu aparato e sua organização econômica. Já o agir comunicativo depende da construção de um consenso e corresponde ao conjunto de valores que cada um de nós, individual ou comunitariamente, vive de maneira imediata, espontânea e natural.

Na modernidade, contudo, o sistema se apropriou do olhar colonizador, ou seja, as ações estratégicas individuais voltadas para a aquisição de resultados dominaram as ações de afetividade, da família, da comunidade e das tradições, submetendo o mundo da vida ao sistema, isto é, a um agir instrumental. Com a instrumentalização do mundo da vida, o desenvolvimento técnico passou a atuar em todas as esferas: jurídica, econômica, social e política.

O mundo da vida resiste aos avanços dos subsistemas. Nesse sentido, Habermas pensa sobre a capacidade de ação dos seres humanos para a comunicação em prol da solução de conflitos. A premissa básica do que Habermas chama de **teoria do agir comunicativo** é a de que as pessoas são seres capazes de ação e, para tanto, utilizam a linguagem para se comunicar com seus pares, tendo como objetivo final o entendimento. A linguagem, portanto, é **ato de entendimento e consenso humano** sobre questões pertinentes (ética, política, direito, moral, estética e poder).

A proposta de Habermas consiste em reconciliar as duas razões (instrumental e comunicativa) por meio do exercício solidário do poder em que é preciso mobilizar as lutas por definições de integridade e autonomia de estilos de vida. Desse modo, uma nova moralidade pode surgir para combater as patologias causadas pela colonização do mundo da vida pela razão instrumental.

A partir da teoria do agir comunicativo, Habermas constrói uma reflexão sobre a política contemporânea, evidenciando a necessidade de um processo de **deliberação coletiva** que conte com a participação racional de todos os indivíduos, possivelmente interessados ou afetados pelas decisões, não somente no processo eleitoral, mas também no domínio da esfera pública. Sugere um modelo ideal de democracia deliberativa, por meio do qual há interação pela linguagem, sendo relevante o consenso de forma não coercitiva.



© Joaquim S. Lavado Teijón (QUINÓ), TODA MAFALDA/Fotoarena

Tira sobre a falta de consenso, fator que pode motivar atitudes violentas entre as partes, as quais, sem entrar em acordo, levam a sociedade à estagnação.

Na esfera pública democrática, discute-se e delibera-se sobre questões políticas e adota-se estratégias para tornar a autoridade política sensível às suas deliberações. Estabelece-se uma dinâmica no interior da política que não é movida nem por interesses particularistas, nem pela tentativa de concentrar poder para dominar outros indivíduos. Pelo contrário, o uso público da razão estabelece uma relação entre participação e argumentação pública.

### Estabelecendo relações

O Conselho Municipal de Saúde de São Paulo (CMS) é um órgão deliberativo para a formulação e a execução da política municipal de saúde. O funcionamento do CMS prevê reuniões plenárias mensais e extraordinárias, comissão executiva e comissões permanentes e temáticas. Sua composição é sempre paritária: o número de representantes do segmento de usuários é igual à soma dos segmentos de profissionais e trabalhadores de saúde, gestores e prestadores de serviços de saúde.

O entendimento, contudo, só se torna possível se as pessoas estão abertas para ouvir e entender o outro em um contexto em que a discussão e o debate possam ocorrer com base na argumentação racional. É necessário estabelecer regras e modos de conduta para o entendimento, já que é difícil manter a conduta íntegra em detrimento dos interesses pessoais.

O consenso válido para todos os participantes do discurso deve ser fundado na ação e na razão comunicativa. Por isso, Habermas buscou na filosofia da linguagem, de cunho analítico, os pressupostos de validade do ato de fala e assim definiu as pretensões ou os fundamentos de uma teoria da ação comunicativa fundada na racionalidade.

Requisitos de validez do ato de fala	Possibilidades de questionamento	Exemplos
1. Inteligibilidade	O que é dito todos podem compreender?	Os <b>termos</b> estão claros?
2. Veracidade	O conteúdo do que está sendo dito é verdadeiro?	Estamos <b>passando por problemas financeiros</b> e temos que demitir.
3. Sinceridade	Falante deve proferir sentenças sinceras.	Estamos <b>preocupados com a situação</b> de vocês.
4. Retidão normativa	O que está sendo dito é legítimo? É moralmente válido a partir de normas existentes?	Faremos as demissões da <b>maneira mais justa e dentro da lei</b> .

Adaptado de VIZEU, Fabio. Uma aproximação entre liderança transformacional e teoria da ação comunicativa. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 12, n. 1, jan./fev. 2011, p. 66. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ram/v12n1/a03v12n1](http://www.scielo.br/pdf/ram/v12n1/a03v12n1). Acesso em: 3 jun. 2022.

Vejamos, agora, as investigações éticas de Hans Jonas. Filósofo alemão de origem judaica, Hans Jonas elaborou uma **teoria ética** com ênfase no **risco do avanço tecnológico** para o futuro da humanidade e desenvolveu o **imperativo da responsabilidade**, no qual destaca-se a ideia de que o ser humano caminha para sua autodestruição caso não assuma um novo paradigma de princípios, direitos e deveres. Por isso, Jonas declara que, mesmo quando temos o poder tecnológico e a arrogância política para fazê-lo, não devemos arriscar nossa vida futura, pois não nos cabe estabelecer o fim da vida humana e planetária.

Uma nova ética é condicionada pelo medo da desfiguração do ser humano, ou seja, seu aniquilamento. Não se trata apenas de sobrevivência física, mas da própria integridade de sua essência. A ética precisa preservar a sobrevivência e a integridade humana, tornando-se, assim, uma ética de respeito. Sua novidade é a inclusão da ideia de futuro e da ideia da abrangência planetária. Apesar da defesa de sua liberdade, o indivíduo deve conservar o mundo e sua essência inalterados contra os abusos de seu próprio poder.

Jonas fez um percurso reflexivo demonstrando o poder da consciência do ser humano na transformação da natureza, desde a Antiguidade até a chegada da Modernidade. Nessa passagem, destacou a importância da construção das cidades, que, para o ser humano da Antiguidade, eram destinadas a permanecer cercadas, e não a se expandir, o que dava a ideia de equilíbrio entre a vida humana e a natureza.



Vista de Atenas com a Acrópole ao fundo. Contraste entre a cidade grega antiga e a contemporânea.

Sven Hansche/Shutterstock.com

Na Antiguidade – e mesmo nas concepções éticas desenvolvidas até o século XIX –, o modo como o ser humano se relacionava com o extra-humano era eticamente neutro, com exceção da medicina. Não se colocava, em absoluto, a questão de um dano duradouro que afetasse a integridade das coisas ou a sua ordem natural. O uso da técnica era determinado pela necessidade, e não como um progresso que se autojustificasse. A ética não era objeto da técnica, mas era antropocêntrica. Bem e mal, portanto, referiam-se ao imediato e não requeriam planejamento em longo prazo.

A primeira grande alteração nas concepções éticas ocorreu com a percepção da vulnerabilidade da natureza diante da intervenção técnica do ser humano. Esse choque levou ao surgimento do conceito e da ciência do meio ambiente (Ecologia). A natureza da ação humana modificou-se e um novo objeto surgiu: a **biosfera inteira** do planeta passou a ser de nossa responsabilidade, dado que nosso poder também atua sobre ela.

Com o novo modo de agir do ser humano, é preciso avaliar se o que permanece é o interesse de manter apenas a vida humana – interesse utilitarista – ou todas as vidas, incluindo a natureza em si. Há, portanto, **novos fatores** a serem considerados na equação moral. A natureza extra-humana, uma vez que está sob nosso poder, impõe-nos como exigência moral não somente um dever em nossa própria causa, mas em causa própria do outro e por seu próprio direito. Segundo Jonas, nenhuma ética anterior, além da religião, preparou-nos para ter esse papel.

### Saiba mais

Jonas retoma o conceito de imperativo **categórico de Kant** para expor a sua limitação nos tempos atuais. Quando Kant afirma “age de tal maneira para que a máxima de tua ação torne-se universal”, para Jonas não existe a suposição de que a humanidade possa cessar de existir. O que eu e o outro “podemos querer” expressa que o bem depende da compatibilidade ou incompatibilidade, não de uma aprovação ou desaprovação moral. Nesse sentido, o que se garante é o bem entre aqueles que pertencem à mesma geração, e não se o que é certo para uns e outros compromete o bem das gerações futuras. Vejamos os novos imperativos.

#### Imperativos de Jonas

Aja de tal maneira que a máxima de sua ação permita a perpetuação dos seres humanos no planeta.

Não coloque em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra.

Inclua na tua escolha presente a futura integridade do ser humano como um dos objetivos do teu querer.

Um dos maiores dilemas quando se quer pensar no princípio da responsabilidade no campo da ética é o momento em que consideramos o poder do ser humano não somente sobre a natureza, e sim sobre si mesmo. Qual deve ser o limite para o prolongamento da vida humana? Social e individualmente, o que implicam as modificações genéticas que se tornaram cada vez mais viáveis? Modificar o ser humano é desejável ou é opcional?

Para Jonas, as novas utopias relacionadas às possibilidades do progresso técnico promovem um excesso de responsabilidade. A ética da responsabilidade de longo alcance exige uma humildade diferente daquela do passado, em decorrência da excessiva grandeza de nosso **poder de fazer** em relação ao nosso **poder de prever** e de nosso **poder de julgar**.

O desconhecimento desse poder faz com que a melhor alternativa seja, à falta de sabedoria, a contenção da responsabilidade. O futuro dos que ainda não estão representados – isto é, dos não nascidos – seria de nossa responsabilidade, porém nós não estaremos vivos para responder por suas reivindicações quando assim se fizer necessário. Jonas conclui afirmando a existência de um grande problema: o vácuo ético. Afinal, quem irá se responsabilizar? Vejamos os pontos avaliados por Hans Jonas.

- **Ambivalência dos efeitos da técnica moderna:** toda capacidade humana é boa em si, tornando-se má dependendo de seu mau uso.
- **Inevitabilidade da aplicação:** de modo geral, possuir uma técnica não significa necessariamente usá-la, mas essa relação não se aplica às técnicas modernas.
- **Dimensões globais do tempo e do espaço:** as dimensões do uso da técnica moderna têm consequências que estão para além dos seres humanos.
- **Rompimento com o antropocentrismo:** há uma ampliação do campo ético para a vida extra-humana.

A técnica, sendo uma obra friamente pragmática da astúcia humana, dá ao ser humano um papel que apenas a religião lhe havia atribuído: o de guardião da criação. O ser humano passa a ser responsável pelo futuro da vida na terra e ele mesmo está indefeso nesse futuro, resultado do mau uso de seu próprio poder. A responsabilidade humana passa a ser cósmica. O futuro da humanidade dependerá daquilo que a humanidade fizer dela no presente.



Desenvolvido no Brasil, o fila brasileiro é uma raça cuja população caiu para menos da metade nos últimos 30 anos. Qual é a responsabilidade do ser humano no processo de renovação das espécies animais?

Vejamos, agora, o filósofo australiano Peter Singer. Seu interesse é buscar os fundamentos de nossas escolhas éticas do ponto de vista prático, investigando temas controversos, como os direitos dos animais, o aborto, o infanticídio, a pobreza mundial, o problema dos refugiados, o meio ambiente e a eutanásia. Ele formula uma ética prática a partir da **renovação da perspectiva utilitarista**.

Singer defende que todos os seres que são capazes de sofrer devem ter seus interesses considerados de forma

igualitária, concluindo não haver prioridade entre os seres humanos ou os animais. Um exemplo de seu posicionamento é a crítica que faz ao uso de animais em criadouros destinados ao abate para alimentação humana que, segundo ele, é injustificável, já que tal ação cria um sofrimento desnecessário. Também condena a **vivissecação**, apesar de considerar que algumas experiências trazem mais benefícios que o mal causado aos animais, a exemplo dos avanços em tratamentos médicos.

**Vivissecação:** refere-se a qualquer operação feita em animal vivo com o objetivo de realizar estudo ou experimentação.

A proposta de Singer é discutir filosoficamente a finalidade do juízo ético para a tomada de decisões práticas. Seria necessário retomar uma velha abordagem da ética, de regras simples e de fácil aplicação: a **perspectiva consequencialista**. Para essa perspectiva, as consequências das nossas opções constituem o único padrão fundamental da ética.

De acordo com a perspectiva consequencialista, para emitir um juízo moral é necessário considerar algumas premissas. Em primeiro lugar, todo aquele que pensa que o que faz é para o bem, vive sob um padrão ético. Em segundo lugar, o comportamento ético aceitável é aquele que, de algum modo, é universal. Por fim, a terceira premissa consiste em adotar uma posição utilitarista para emitir um juízo ético. Desse modo, meus próprios juízos não podem contar mais do que os interesses alheios. Quando ocorrer um impasse, escolho aquilo que tiver as melhores consequências para todos.

Para Singer, uma das maiores mudanças na atitude das sociedades contemporâneas refere-se à não aceitação das desigualdades, sejam elas raciais, sexuais, de capacidades físicas e mentais, econômicas, entre outras. Por isso, refletir sobre as obrigações dos ricos para com os pobres é fundamental para a própria sobrevivência da humanidade. O filósofo propôs que as pessoas com bom nível econômico pudessem redirecionar, voluntariamente, seus recursos para ações que beneficiassem indivíduos ou grupos necessitados.



Ena Woo/Shutterstock.com



Monkey Business Images/Shutterstock.com

Como pensar moralmente a desigualdade? Na primeira imagem, uma pessoa pede ajuda aos passantes. Na segunda, um grupo de jovens caminham com sacolas de compras.

Singer tem posicionamentos que foram muito criticados quando refletiu sobre a responsabilidade que envolve tratar sobre as vidas humanas. No caso da eutanásia e do suicídio assistido, a questão central diz respeito a se as pessoas têm o poder de decidir ou não sobre o destino de suas próprias vidas. Em relação aos pacientes em estado vegetativo permanente, por exemplo, Singer os qualifica como estando vivos biologicamente, mas não biograficamente. Sobre a questão dos embriões e fetos humanos, a questão principal estaria no fato de o embrião ter ou não consciência de si.

Outra reflexão desenvolvida por Singer sugere substituir a ideia de que devemos tratar todas as vidas humanas como sendo sempre mais preciosas do que qualquer vida não humana pela ideia da não discriminação com base na espécie. Apesar de reconhecer diferenças entre humanos e animais, o filósofo sustenta que os humanos não têm o direito de desconsiderar os interesses dos animais. Aplicando suas reflexões, vários países adotaram diretivas no sentido de estabelecer melhores condições de bem-estar para os animais envolvidos na produção de alimentos e na exposição em espetáculos e zoológicos.

## Estudos de gênero

Judith Butler (1956-) é uma filósofa estadunidense de origem judaica e uma das principais pensadoras sobre o **feminismo** e a **teoria queer**, com contribuições para a Filosofia Política, a Ética e os estudos culturais. O trabalho de Butler parte do esgotamento da categoria mulher para a bandeira feminista, já que é impossível falar de uma mulher universal. Dada a diversidade da categoria mulher, Butler propõe interrogar a constituição do sujeito com base no conceito de identidade de gênero.

**Queer:** de origem inglesa, significa estranho, ridículo, excêntrico, raro ou extraordinário, designando uma forma pejorativa de insultar os homossexuais. Na teoria *queer*, o uso desse termo teve a intenção de positivar a palavra, dando um novo sentido a ela, como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.



Africa Studio/Shutterstock.com

A primeira adoção legal de uma criança por um casal homossexual ocorreu em 1986, na Califórnia (EUA). Após 30 anos, ainda coexistem diferentes legislações sobre o tema, a depender dos países e estados. A homoparentalidade, situação em que um adulto homossexual pretende ser pai ou mãe de uma criança, é um dos temas debatidos por Butler. Na fotografia, dois pais passeiam com o filho.

As ideias de Butler sobre o feminismo estão relacionadas a sua preocupação com os rumos da democracia na atualidade. Estava claro para Butler a importância que teve a emancipação feminina, em meados do século XX,

para o debate público, pois trouxe questões que antes estavam restritas ao domínio doméstico. A imposição do que chama de **falocentrismo** tornou-se explícita. No entanto, Butler afirma que reduzir o feminismo e sua atuação política à questão exclusiva da mulher era limitador, uma vez que era a própria “noção de feminino” que já não parecia mais estável.

**Falocentrismo:** termo que faz alusão ao falo (órgão genital masculino), significando que tudo o que acontece socialmente gira em torno do homem.

A máxima de Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa francesa e considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, que explicava a construção social da mulher, merecia ser revista sob uma nova chave, a partir da problemática de gênero. Ao ampliar o objeto do verbo “tornar” para além da mulher, seu valor atinge possibilidades de libertação não apenas do mundo masculino, mas do mundo heterossexual, que imprime uma heteronormatividade impondo a correspondência biológica-cultural entre sexo e gênero.

Condicionar a construção social de homens e mulheres pela heteronormatividade, ou seja, aceitar a norma social que impõe uma feminilidade e uma masculinidade à qual devemos nos sujeitar e adequar, portanto, é o real problema para Butler. Segundo Butler, em nossa sociedade estaríamos diante de uma ordem compulsória que exige a coerência total entre um sexo (homem ou mulher), um gênero (masculino ou feminino) e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais.

Butler elabora o conceito de performatividade para descrever o modo por meio do qual certo tipo de comportamento é repetido reiteradamente até cristalizar e virar substância, isto é, até ter a aparência falsa de que esteve o tempo todo lá. O controle social do corpo, realizado desde a infância na família, na escola e no consultório médico, por exemplo, enquadra o sujeito de tal forma que para ele ou ela parece não haver escapatória senão aderir a certos **marcadores de comportamento**.

Na visão de Butler, transexuais e travestis exercem papel importante na sociedade por subverter uma ordem estabelecida ao reivindicarem direitos igualitários e equitativos, revelando em sua ousadia (que não exclui sofrimento e marginalização) uma performatividade que quer desconstruir essa suposta coerência compulsória. A sua subversão é **paródica**, pois desperta a consciência para a artificialidade original da performatividade de gênero.

**Paródico:** que tem aspectos ou incorpora a paródia, cujo significado é a releitura cômica de alguma composição literária, que frequentemente utiliza ironia e deboche. Aqui é metáfora para dizer que, na visão de Butler, travestis e transexuais realizam um deboche do que seria considerado o padrão de gênero.

Para Butler, os gêneros distintos ao esperado fazem parte daquilo que humaniza os indivíduos na cultura contemporânea, dado que geralmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero: o gênero não é um dado de realidade, é uma construção. Nesse sentido, o corpo *queer* é simultaneamente uma forma de denúncia à heteronormatividade, criada por interesses de controle e poder alheios às múltiplas formas de expressar desejo, sexualidade e gênero, e uma forma de aliança entre pessoas em vidas precárias.

A teoria da performatividade de gênero contribuiu para uma reflexão sobre democracia e liberdade, chamando nossa atenção para dois fatos importantes: a desconstrução da ideia de uma identidade de gênero fixa e a explicitação das experiências de sofrimento ou de violência resultantes da não adequação às expectativas que a sociedade atribui ao gênero. Diante desse quadro, Butler afirma a necessidade de uma rede de proteção pessoal e social e, por outro lado, de alianças para se viver bem em sociedade, uma vez que somos vulneráveis por natureza.

Para além das normas de gênero, é preciso olhar para a questão da precariedade articulada com a desigualdade econômica e a privação política que hierarquiza corpos, criando grupos de pessoas merecedoras de direitos e outras designadas como dispensáveis e indignas. Assim, as temáticas de gênero e das minorias sexuais vão dando lugar ao questionamento sobre as condições de vida das populações que vivem em situação de precariedade, aproximando o tema de gênero a outras temáticas. Para Butler, qualquer pressuposição de igualdade que não leve em conta a diferença contém uma visão de exclusão.



A Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo acontece desde 1997, na avenida Paulista, em São Paulo, sendo um evento que celebra vários movimentos de resistência ligados às questões de gênero e de sexualidade. Atualmente, ao incorporar-se à lógica mercadológica, é o evento que mais atrai turistas à cidade. Em 2019, movimentou R\$ 403 milhões na economia e reuniu 3 milhões de pessoas.

## Inteligência artificial

A convivência e a interação entre seres humanos e robôs é um dos principais temas da ficção científica desde o século XX, seja na literatura, seja no cinema, tendo a inteligência artificial (IA) e suas consequências para a humanidade como foco. Muitos filmes representam o temor de uma



possível revolta das máquinas contra os seres humanos: em algum momento de um futuro próximo, as máquinas possuiriam várias características que até então eram tidas, por muitos, como exclusivas dos seres humanos.

Em 1950, Alan Turing (1912-1954), considerado um dos pais do computador moderno, publicou um artigo em que questionava se as máquinas poderiam pensar. Para responder tal pergunta, propôs um teste que comprovaria sua tese. Já para John Searle (1932-), crítico desse modelo de inteligência artificial, quando um computador realiza uma tarefa que também pode ser feita por um humano, o faz de maneira totalmente diferente, pois não possui consciência nem compreensão acerca do que está executando.

Fine Art Images/Album/Fotorena



Turing foi o principal responsável por quebrar o código dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nunca deixou registros das anotações de seus trabalhos, mas, em 2015, um caderno seu foi encontrado e leilado por US\$ 1 milhão.

O britânico Alan Turing foi um matemático, lógico, criptanalista e cientista da computação. De acordo com Turing, as máquinas são capazes de fazer tudo o que as pessoas fazem. Devido à escassez de documentos que atestem seus estudos em Filosofia, ele não foi um filósofo muito estudado, ainda que suas contribuições tenham sido muito importantes para a área da Lógica e, depois, para a chamada Filosofia da Mente. Turing foi preso por ser homossexual, mas foi dispensado de cumprir pena sob a condição de que se submetesse a um tratamento hormonal. Ele morreu vítima de envenenamento, permanecendo incerto se foi um caso de assassinato ou suicídio.

Aos 24 anos, Turing projetou uma máquina que, de acordo com um sistema formal, podia realizar operações computacionais. A máquina teórica que levou seu nome (máquina de Turing) indicava a possibilidade de construir poderosos sistemas, sendo utilizada até hoje por pesquisadores de sistemas com inteligência artificial. O teste proposto por Turing para decidir se uma máquina é inteligente ou não, também conhecido como jogo da imitação, recebeu depois a nomenclatura que difundiu o pensamento desse autor: o teste de Turing.

Um homem (A), uma mulher (B) e um interrogador ou interrogadora (C) participam do jogo da imitação. O interrogador está separado dos outros dois jogadores. Cada pessoa tem um objetivo diferente no jogo: C faz perguntas aos outros dois participantes, e seu objetivo é identificar corretamente quem é o homem e quem é a mulher. O objetivo de A, por sua vez, é induzir C ao erro; e, por fim, a meta de B é dar respostas que auxiliem C na correta identificação.

O participante A poderia fornecer respostas “típicas femininas”, como dizer que tem cabelo comprido e usa vestido. Por sua vez, B poderia dizer para C não acreditar em A. Caso B tenha sucesso, C acabará o jogo com o seguinte veredito: A é homem e B é mulher, situação em que B também atinge seu objetivo. Por outro lado, A sairá vitorioso se C disser que A é mulher e B é homem. Após propor o jogo da imitação, Turing pergunta “o que acontecerá quando uma máquina ocupar o lugar de A nesse jogo?”, ou seja, o que ocorrerá se um computador tentar se passar por um ser humano?

### ! Atenção

Existem diferenças entre inteligência artificial fraca e inteligência artificial forte. A IA fraca parte da tese de que os computadores podem nos ajudar na compreensão do ser humano, como no que diz respeito à cognição humana, mas se trata apenas de simulação, e não de realização propriamente dita. Já para a IA forte, simular uma mente é o mesmo que ter uma mente, portanto qualquer máquina que passe no teste de Turing teria uma mente semelhante à nossa.

Agora, vejamos o posicionamento do estadunidense John Searle, filósofo analítico, escritor e professor da Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos. Começou sua carreira na Filosofia com estudos no campo da linguagem e, mais recentemente, realizou estudos na busca de uma explicação para uma estrutura racional como base para a existência do livre-arbítrio na Filosofia da Mente e na Filosofia Social. A Filosofia da Mente é uma área de investigação da Filosofia que trata, dentre outros temas, da natureza da mente, da relação entre a mente e o corpo e da possibilidade da consciência.

Searle afirma que um dos impedimentos para formular questões corretas que poderiam nos direcionar às respostas para o problema da consciência é a abordagem que vê o cérebro como uma máquina e a mente como um programa de computador (*software*). Dessa forma, Searle nega a teoria da inteligência artificial forte, no que diz respeito à afirmação de que qualquer sistema é capaz de implementar um programa adequado e suficientemente complexo que produziria consciência.

O famoso experimento de pensamento do quarto chinês constitui uma crítica à inteligência artificial forte. Conclui-se que manipular símbolos não é o mesmo que compreender símbolos, isto é, a manipulação de uma sintaxe é condição necessária, mas não suficiente para a existência de uma semântica. Apesar de um computador poder imitar o nosso comportamento, ele não funciona como a nossa mente – aliás, ele nem possui uma mente –, já que apenas manipula formalmente os símbolos sem ter qualquer conhecimento sobre seu significado.

A definição mais precisa de consciência, segundo Searle, é a de que ela consiste em todos os estados emocionais e de percepção, existindo durante todos os nossos momentos de vigília. Assim, a filosofia deve abandonar a ideia de considerar a consciência a partir do dualismo mente-corpo. A consciência é real e irreduzível, por isso não podemos nos livrar dela; nunca podemos duvidar de nossa própria consciência.

Por outro lado, os estados de consciência são **qualitativos**, isto é, não é o mesmo estar consciente ouvindo uma música ou estar consciente fazendo contas para o imposto de renda ou, ainda, estar se divertindo na presença de amigos. Para cada situação, enfrentamos uma qualidade de consciência distinta. Tais estados da consciência são subjetivos, no sentido de que só existem quando experienciados.

Finalmente, a consciência influencia nosso comportamento. Os estados mentais não são idênticos aos nossos comportamentos. É possível simular um comportamento e pensar ou sentir outra coisa. Por exemplo, quando sentimos dor, mas estamos diante de uma situação em que é importante parecer estar bem, somos totalmente conscientes de nossa dor, mas podemos perfeitamente forjar outro comportamento.

Todos esses exemplos sobre o que entende Searle por consciência são também refutações de por que seria impossível uma máquina adquirir consciência.

## Revisando

- 1. Enem PPL 2018** O justo e o bem são complementares no sentido de que uma concepção política deve apoiar-se em diferentes ideias do bem. Na teoria da justiça como equidade, essa condição se expressa pela prioridade do justo. Sob sua forma geral, esta quer dizer que as ideias aceitáveis do bem devem respeitar os limites da concepção política de justiça e nela desempenhar um certo papel.

RAWLS, J. *Justiça e democracia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (adaptado).

Segundo Rawls, a concepção de justiça legisla sobre ideias do bem, de forma que

- as ações individuais são definidas como efeitos determinados por fatores naturais ou constrangimentos sociais.
- o estudo da origem e da história dos valores morais concluem a inexistência de noções absolutas de bem e mal.
- o próprio estatuto do homem como centro do mundo é abalado, marcando o relativismo da época contemporânea.
- as intenções e bens particulares que cada indivíduo almeja alcançar são regulados na sociedade por princípios equilibrados.
- o homem é compreendido como determinado e livre ao mesmo tempo, já que a liberdade limita-se a um conjunto de condições objetivas.

- 2. Uema 2015** De acordo com a historiadora Maria Lúcia de Arruda Aranha, a Revolução Francesa derrubou o antigo regime, ou seja, o absolutismo real fundamentado no direito divino dos reis, derivado da concepção teocrática do poder. O término do antigo regime se consuma quando a teoria política consagra a propriedade privada como direito natural dos indivíduos.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

Esse princípio político que substitui a antiga teoria do direito divino do rei intitula-se

- Contratualismo.
- Totalitarismo.
- Absolutismo.
- Liberalismo.
- Marxismo.

- 3. Enem** Na regulação de matérias culturalmente delicadas, como, por exemplo, a linguagem oficial, os currículos da educação pública, o *status* das Igrejas e das comunidades religiosas, as normas do direito penal (por exemplo, quanto ao aborto), mas também em assuntos menos chamativos, como, por exemplo, a posição da família e dos consórcios semelhantes ao matrimônio, a aceitação de normas de segurança ou a delimitação das esferas pública e privada – em tudo isso reflete-se amiúde apenas o autoentendimento ético-político de uma cultura majoritária, dominante por motivos históricos. Por causa de tais regras, implicitamente repressivas, mesmo dentro de uma comunidade republicana que garanta formalmente a igualdade de direitos para todos, pode eclodir um conflito cultural movido pelas minorias desprezadas contra a cultura da maioria.

HABERMAS, J. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. São Paulo: Loyola, 2002.

A reivindicação dos direitos culturais das minorias, como exposto por Habermas, encontra amparo nas democracias contemporâneas, na medida em que se alcança

- a secessão, pela qual a minoria discriminada obteria a igualdade de direitos na condição da sua concentração espacial, num tipo de independência nacional.
- a reunificação da sociedade que se encontra fragmentada em grupos de diferentes comunidades étnicas, confissões religiosas e formas de vida, em torno da coesão de uma cultura política nacional.
- a coexistência das diferenças, considerando a possibilidade de os discursos de autoentendimento se submeterem ao debate público, cientes de que estarão vinculados à coerção do melhor argumento.
- a autonomia dos indivíduos que, ao chegarem à vida adulta, tenham condições de se libertar das tradições de suas origens em nome da harmonia da política nacional.
- o desaparecimento de quaisquer limitações, tais como linguagem política ou distintas convenções de comportamento, para compor a arena política a ser compartilhada.



#### Texto para a questão 4.

Doping pode ser compreendido como a utilização de substâncias ou método que possa melhorar o desempenho esportivo e atente contra a ética esportiva em determinado tempo e lugar, com ou sem prejuízo à saúde do esportista. Em uma época em que as ciências do esporte aportam cada vez mais decisivamente elementos para a melhoria do desempenho esportivo dos praticantes de esporte de alto rendimento, em particular, e de atividades físicas, em geral, ganham em importância discussões acerca da utilização de metodologias biomoleculares e substâncias em suas mais amplas aplicações. Quer do ponto de vista sanitário ou ético, o doping genético tem suscitado debates tão intensos quanto questionáveis do ponto de vista científico. A questão que se coloca consiste em indagar se o recurso obtido com tecnologias biomoleculares se choca com a ideia de espírito esportivo, essência do Olimpismo, pautado pela busca do equilíbrio entre corpo, mente e espírito.

(Adaptado de: RAMIREZ, A; RIBEIRO, Á. *Doping genético e esporte.*)

4. **UEL-PR** Com base no texto, na teoria de Habermas e considerando as implicações éticas envolvidas nas disputas entre atletas, assinale a alternativa correta.
- A utilização de terapias genéticas em atletas, por se assemelhar a uma dotação genética, não intencional, similar à da natureza, pode dispensar pressupostos éticos.
  - Por desconsiderar a utilização de drogas químicas, o uso do *doping* genético é eticamente aceitável no esporte, já que implica o aprimoramento genético da espécie.
  - O fato de um atleta ter sido submetido à terapia genética rompe com as condições de simetria entre os competidores, pressuposto ético básico das atividades esportivas.
  - A ideia de igualdade entre os atletas nas competições representa uma ficção, já que a vitória é a demonstração da real desigualdade entre eles, fator que legitimaria, do ponto de vista ético, o *doping* genético.
  - A igualdade dada pela indisponibilidade da natureza é fator ético que proíbe novas possibilidades genéticas, inviabilizando o grau de aperfeiçoamento moral que o ser humano poderia alcançar.
5. **Enem 2016** Fundamos, como afirmam alguns cientistas, o antropoceno: uma nova era geológica com altíssimo poder de destruição, fruto dos últimos séculos que significaram um transtorno perverso do equilíbrio do sistema-Terra. Como enfrentar esta nova situação nunca ocorrida antes de forma globalizada e profunda? Temos pessoalmente trabalhado os paradigmas da sustentabilidade e do cuidado como relação amigável e cooperativa para com a natureza. Queremos, agora, agregar a ética da responsabilidade.

BOFF, L. *Responsabilidade coletiva*. Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com>. Acesso em: 14 maio 2013.

A ética da responsabilidade protagonizada pelo filósofo alemão Hans Jonas e reivindicada no texto é expressa pela máxima:

- “A tua ação possa valer como norma para todos os homens.”
  - “A norma aceita por todos advenha da ação comunicativa e do discurso.”
  - “A tua ação possa produzir a máxima felicidade para a maioria das pessoas.”
  - “O teu agir almeje alcançar determinados fins que possam justificar os meios.”
  - “O efeito de tuas ações não destrua a possibilidade futura da vida das novas gerações.”
6. **UEM-PR 2019** Em 2015 foi elaborado, após um longo período de negociação multilateral, o chamado Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas, primeiro tratado universal de combate ao aquecimento global. Acerca desse acordo e de questões de ética ambiental a ele relacionadas, assinale o que for **correto**.
- 01 O objetivo a longo prazo do Acordo de Paris é limitar o aumento da temperatura ao teto máximo de 2 °C em relação aos níveis da era pré-industrial.
  - 02 O desmatamento da Amazônia é o principal responsável pela elevação dos gases do efeito estufa no Brasil nos últimos dois anos.
  - 04 A precificação do carbono é um instrumento econômico cuja função é cobrar um valor de atividades poluidoras do ar, como a indústria e o agronegócio.
  - 08 Preocupar-se com o clima é, conforme a “ecologia profunda”, preservar a natureza das transformações tecnológicas.
  - 16 O Brasil cooperou com a diminuição das emissões de gases do efeito estufa nos últimos dois anos ao diminuir seus índices de desmatamento.

Soma:



#### Texto para a questão 7.

**Veja** — Existem valores éticos inatos ou todos resultam da vivência e do aprendizado?

**Peter Singer** — Certos aspectos morais são inatos, como o respeito e o compromisso com a família, com os filhos e com os pais, assim como o senso de justiça e a reciprocidade. São valores universais, presentes em todas as sociedades. Já foi provado que eles existem também entre macacos, gorilas e chimpanzés. Mas alguns valores morais podem sofrer transformações de acordo com os traços culturais e com a realidade de cada sociedade.



**Veja** — O que pode causar o enfraquecimento dos valores éticos numa sociedade?

**Peter Singer** — A ética é um exercício diário, precisa ser praticada no cotidiano. Só assim ela pode se afirmar em sua plenitude numa sociedade. Se uma pessoa não respeita o próximo, não cumpre as leis da convivência, não paga seus impostos ou não obedece às leis de trânsito, ela não é ética. Num primeiro momento, pequenas infrações isoladas parecem não ter importância. Mas, ao longo do tempo, a moral da comunidade é afetada em todas as suas esferas. Chamo a isso de círculo ético. Uma ação interfere na outra, e os valores morais perdem força, vão se diluindo. Para uma sociedade ser justa, o círculo ético é essencial.

CARELLI, Gabriela. A ética do dia. Entrevista com Peter Singer. *Veja*. São Paulo, fev. 2007, p. 11-12. [Adaptado].

**7. UEG-GO** A ideia central da primeira resposta do entrevistado é

- a) a modificação dos valores morais.
- b) a oposição entre os valores morais inatos e adquiridos.
- c) o enfraquecimento dos valores morais.
- d) a integração entre os valores morais inatos e adquiridos.

**8. Enade** A floresta virgem é o produto de muitos milhões de anos que passaram desde a origem do nosso planeta. Se for abatida, pode crescer uma nova floresta, mas a continuidade é interrompida. A ruptura nos ciclos de vida natural de plantas e animais significa que a floresta nunca será aquilo que seria se as árvores não tivessem sido cortadas. A partir do momento em que a floresta é abatida ou inundada, a ligação com o passado perde-se para sempre. Trata-se de um custo que será suportado por todas as gerações que nos sucederem no planeta. É por isso que os ambientalistas têm razão quando se referem ao meio natural como um “legado mundial”.

Mas, e as futuras gerações? Estarão elas preocupadas com essas questões amanhã? As crianças e os jovens, como indivíduos principais das futuras gerações, têm sido, cada vez mais, estimulados a apreciar ambientes fechados, onde podem relacionar-se com jogos de computadores, celulares e outros equipamentos interativos virtuais, desviando sua atenção de questões ambientais e do impacto disso em vidas no futuro, apesar dos esforços em contrário realizados por alguns setores. Observe-se que, se perguntarmos a uma criança ou a um jovem se eles desejam ficar dentro dos seus quartos, com computadores e jogos eletrônicos, ou passear em uma praça, não é improvável que escolham a primeira opção. Essas posições de jovens e crianças preocupam tanto quanto o descaso com o desmatamento de florestas hoje e seus efeitos amanhã.

SINGER, P. *Ética Prática*. 2 ed. Lisboa: Gradiva, 2002, p. 292 (adaptado).

É um título adequado ao texto apresentado acima:

- a) Computador: o legado mundial para as gerações futuras
- b) Uso de tecnologias pelos jovens: indiferença quanto à preservação das florestas
- c) Preferências atuais de lazer de jovens e crianças: preocupação dos ambientalistas
- d) Engajamento de crianças e jovens na preservação do legado natural: uma necessidade imediata
- e) Redução de investimentos no setor de comércio eletrônico: proteção das gerações futuras

**9. UFPR 2017** Leia o texto a seguir, retirado do pensamento de Judith Butler:

A heteronormatividade é a regulação da prática heterossexual, imposta como norma não apenas cultural, mas também biológica, se constituindo como uma ordem compulsória do sexo/gênero/desejo. A homossexualidade é vista, desta maneira, como fuga à norma e, conseqüentemente, como um desvio que precisa ser novamente reintegrado à norma. A homofobia não se justifica porque, afinal, se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo, desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número dois.

(BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.)

Escreva um texto caracterizando heteronormatividade e suas conseqüências e explique por que, para Butler, a homofobia não se justifica.

**10. FGV-SP 2016** O filme “O jogo da imitação” (2014) apresentou para o grande público a vida do matemático inglês Alan Turing, cujo trabalho, em missão confidencial junto ao comando de guerra britânico, foi fundamental para a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial. Turing, usando um equipamento precursor do computador,

- a) coordenou o Projeto Manhattan, que deu origem à primeira bomba atômica.
- b) localizou a base de Penemonde, onde os alemães desenvolviam projetos de foguetes intercontinentais.
- c) decifrou o código Enigma, sistema criptográfico usado pelas forças alemãs.
- d) identificou o Bunker, base estratégica das forças armadas da Alemanha.
- e) criou o sistema de radiotelemetria, com o objetivo de detectar a aproximação de navios alemães.

## Exercícios propostos

- 1. UEPG-PR 2018** Concebido por Adam Smith no século XVIII, o liberalismo é uma doutrina política e econômica que possui características e princípios bastante peculiares. A respeito deste tema, assinale o que for correto.
- 01** A doutrina liberal defende a livre organização dos trabalhadores em associações, sindicatos e partidos que representem os seus interesses. Para o liberalismo, é a organização dos trabalhadores que gerará salários justos e direitos sociais garantidos.
- 02** No liberalismo há o incentivo ao mérito, ou seja, todo indivíduo terá garantida igualdade de oportunidades e depende apenas do seu esforço pessoal para alcançar seus objetivos e propósitos.
- 04** Ideologicamente vinculado à perspectiva capitalista, o liberalismo constrói sua base argumentativa na defesa do aumento da produção e na ideia de bem-estar material do indivíduo.
- 08** No bojo do pensamento liberal, destaca-se o princípio de que, se em uma sociedade as leis fossem cumpridas por todos, não haveria necessidade de que o Estado cobrasse impostos e investisse, por exemplo, na formação de quadros militares.
- 16** Enquanto doutrina, o liberalismo defende o Estado mínimo, ou seja, um Estado que pouco interfira na economia, mas, ao mesmo tempo, garanta a propriedade privada, os direitos individuais, a liberdade religiosa e a segurança.

Soma:

- 2. Enem PPL 2021** Para Rawls, a estrutura básica mais justa de uma sociedade é aquela que alguém escolheria se não soubesse qual viria a ser seu papel particular no sistema de cooperação daquela sociedade.

LOVETT, F. *Uma teoria da justiça*, de John Rawls. Porto Alegre: Penso, 2013.

- a) reino de Deus.  
b) mundo da utopia.  
c) véu da ignorância.  
d) estado de natureza.  
e) cálculo da felicidade.
- 3. UFPR 2015** A liberdade religiosa tem como contrapartida, de fato, uma pacificação do pluralismo das visões de mundo cujos custos se mostraram desiguais. Até aqui, o Estado liberal só exige dos que são crentes entre seus cidadãos que dividam a sua identidade, por assim dizer, em seus aspectos públicos e privados. São eles que têm de traduzir as suas convicções religiosas para uma linguagem secular antes de tentar, com seus argumentos, obter o consentimento das maiorias. É assim que, quando querem reclamar o estatuto de portador de direitos fundamentais para os óvulos fecundados fora do corpo materno, os católicos e protestantes procuram hoje (talvez prematuramente) traduzir a imagem e semelhança a Deus da criatura humana para

a linguagem secular do direito constitucional. Mas a procura por argumentos voltados à aceitação universal só não levará a religião a ser injustamente excluída da esfera pública, e a sociedade secular só será privada de importantes recursos para a criação de sentido, caso o lado secular se mantenha sensível para a força de articulação das linguagens religiosas. Os limites entre os argumentos seculares e religiosos são inevitavelmente fluidos. Logo, o estabelecimento da fronteira controversa deve ser compreendido como uma tarefa cooperativa em que se exija dos dois lados aceitar também a perspectiva do outro. [...] O senso comum democraticamente esclarecido não é algo singular, mas algo que descreve a constituição mental de uma esfera pública *com muitas vozes*.

HABERMAS, Jürgen. *Fé e saber*. Editora São Paulo: Unesp, 2013, p. 15-16.

Uma vez que “os limites entre os argumentos seculares e religiosos são inevitavelmente fluidos”, qual é, segundo Habermas, a exigência básica para que ocorra um trabalho cooperativo entre as tradições religiosas e a tradição secular do Estado liberal? Por quê?

- 4. UEM-PR 2022** Na contemporaneidade, a bioética especial aparece como reflexão sobre os limites da ciência a partir de questões ligadas à clonagem, à transgenia, a células-tronco, à inseminação artificial, à manipulação genética, ao aborto, à eutanásia, à experimentação clínica etc. Sobre a bioética, assinale o que for correto.
- 01** A fim de testar novas tecnologias ou novos medicamentos, a utilização de cobaias humanas de forma indiscriminada se justifica pela possibilidade de benefícios à humanidade.
- 02** A bioética pertence ao campo da axiologia, isto é, à ciência dos valores.
- 04** A bioética, embora reivindique autonomia, é um ramo da ética que investiga as práticas médicas e científicas do homem em relação a si próprio e à natureza.
- 08** O juramento hipocrático descreve preocupações éticas que estabelecem critérios para as ações médicas.
- 16** Doação de órgãos e de sangue fere os princípios da ética, pois o corpo é inviolável e constitui-se em propriedade privada.

Soma:

- 5. Unesp 2019** Nosso conhecimento científico “está começando a nos capacitar a interferir diretamente nas bases biológicas ou psicológicas da motivação humana, por meio de drogas ou por seleção ou engenharia genética, ou usando dispositivos externos que interferem no cérebro ou nos processos de aprendizagem”, escreveram recentemente os filósofos Julian Savulescu e Ingmar Persson. [...] James Hughes, especialista em

bioética [...], defendeu o aprimoramento moral, afirmando que ele deve ser voluntário e não coercitivo. “Com a ajuda da ciência, poderemos descobrir nossos caminhos para a felicidade e virtude proporcionadas pela tecnologia”.

(Hillary Rosner. “Seria bom viver para sempre?” [www.sciam.com.br](http://www.sciam.com.br), outubro de 2016.)

As possibilidades tecnológicas descritas no texto permitem afirmar que

- a) o aprimoramento visado pelos pesquisadores desvaloriza o progresso técnico no campo neurocientífico.
- b) tais interferências técnicas somente seriam possibilitadas sob um regime político totalitário.
- c) ideais espiritualistas de meditação permitem concentração intensa da mente.
- d) o caráter voluntário dos experimentos elimina a existência de controvérsias de natureza ética.
- e) os recursos científicos estão direcionados ao aperfeiçoamento técnico da espécie humana.

6. **UFU-MG 2013** Existem controvérsias, na literatura científica, acerca das categorias conceituais Gênero e Sexo. A historiadora Joan Scott define, em meados da década de 1970, o gênero como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. No final da década seguinte, a filósofa Judith Butler observa que “talvez o próprio sexo seja tão culturalmente construído quanto o gênero”, daí não considerar o sexo como um elemento natural e inerte à espera de significado e não distinguir o sexo do gênero.

Este debate repercute nas diversas concepções e práticas relacionadas às identidades de gênero e às orientações sexuais. Com base nisso,

- a) analise o que há de consensual nesse debate.
- b) ressalte a divergência central existente entre as duas posições teóricas apresentadas acima.
- c) discorra sobre três exemplos que ilustrem as diversas orientações sexuais presentes em nossa sociedade contemporânea.

## Texto complementar

### Ratzinger e Habermas: um diálogo entre dois antípodas

Ratzinger e Habermas protagonizaram um debate que aconteceu em dezenove de janeiro de dois mil e quatro em Munique. O tema do debate, como será explicitado, tem a ver com a questão dos fundamentos normativos do Estado liberal. Para ser promotor da dignidade humana, o Estado depende de pressupostos normativos pré-políticos para fundamentá-lo? Ou o Estado liberal é capaz de se fundamentar a partir de si mesmo? De que modo o Estado democrático de direito é capaz de garantir vínculos de solidariedade entre os cidadãos, em contextos marcados pelo pluralismo?

Como bem nos recorda Schuller, “o encontro entre um dos filósofos mais importantes da atualidade e o então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, despertou vivo interesse no mundo todo”. É importante sublinhar que se trata, como o próprio Schuller indica, de um diálogo entre “dois antípodas intelectuais”. Estamos, pois, diante de um encontro entre duas personalidades altamente respeitadas mundialmente que, no entanto, situam-se em lugares diametralmente opostos. Este encontro, portanto, viabilizou o debate entre posições distintas e, também por este motivo, tornou-se muito fecundo. Sem dúvida, ainda hoje nos faz pensar.

[...] para Ratzinger a compreensão da racionalidade se apoia numa perspectiva metafísica. Para Habermas, por sua vez, é preciso, a partir de um método reconstrutivo, mostrar que a racionalidade pode ser pensada numa perspectiva pós-metafísica. Além disso, se para Habermas a experiência de fé está ligada à dimensão ética e, portanto, precisa ser traduzida no espaço público para que possa ser capaz de exprimir adequadamente sua pretensão de universalidade, para Ratzinger a experiência de fé já é dotada intrinsecamente de racionalidade que nos abre à universalidade do bem. [...]

Ao partir de uma tradição metafísica, Ratzinger parece defender a não separação entre ser e pensar. Embora a razão humana seja antes de tudo uma razão discursiva, a linguagem não se constitui como horizonte último de sentido. A representação aponta na direção de uma realidade que se constitui como o fundamento da própria representação. Isso acontece porque o ser não pode ser completamente determinado pela razão humana, mas é ele que é condição de possibilidade da própria razão.

Ao contrário, Habermas parece se apoiar em uma tradição que assume a representação como fim do conhecimento. A linguagem é afirmada como dimensão intransponível de todo pensar, agir e falar com sentido. Não há lugar aqui para a intuição intelectual. A razão é, necessariamente, procedimental. Trata-se de um procedimento que se apoia em pretensões de validade que podem ser aceitas ou recusadas pelo interlocutor.

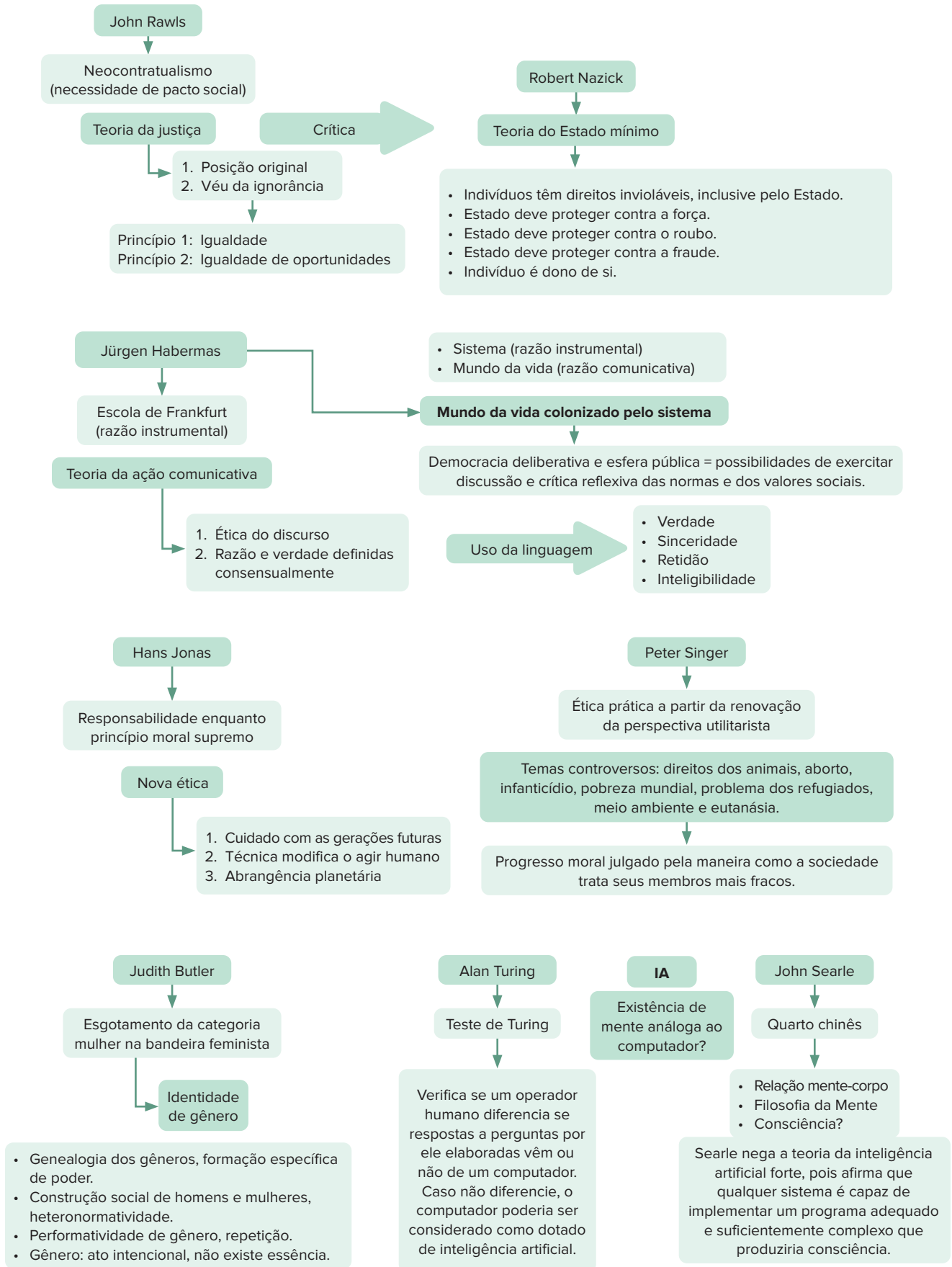
Ao assumirem pressupostos distintos, Habermas e Ratzinger oferecem [...] respostas também distintas para a questão a respeito dos fundamentos do Estado liberal. Para Habermas, o próprio processo democrático é capaz de garantir a coordenação das interações entre os membros do grupo social. Os vínculos de solidariedade devem ser constituídos a partir do próprio procedimento da razão. Não é necessário recorrer a nenhum pressuposto pré-político para garantir o vínculo social. Neste caso, a religião possui um papel importante à medida que é capaz de oferecer conteúdo à razão procedimental.

Ao contrário de Habermas, Ratzinger defende que, para ser promotor da dignidade humana, o Estado depende de pressupostos pré-políticos. Ao adotar uma perspectiva teleológica, ele afirma ser fundamental compreendermos o que é o “bem”. Os vínculos de solidariedade existentes no Estado liberal devem, de acordo com ele, ser fundamentados a partir desta noção pré-política. Além disso, o ser humano possui uma natureza própria, dotada de valor intrínseco. Em consequência, o Estado justo será aquele que criar as condições necessárias para que o ser humano possa alcançar o seu próprio fim, ou seja, para que ele possa se constituir humanamente. À medida que a fé cristã se constitui como busca pela verdade, ela não se opõe à razão. Será, então, a partir de uma íntima correlação entre fé e razão que se tornará possível a coordenação das interações em vistas da realização do bem comum, no interior do Estado liberal.

Ora, ao encontrarem-se em Munique, Habermas e Ratzinger tornam explícitas as suas posições antagônicas. Embora seja possível perceber que ambos possuem o objetivo comum de pensar as questões da integração social e do respeito pela dignidade humana, é imperioso concordar com Schuller que se trata efetivamente de um diálogo entre dois antípodas intelectuais.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. Ratzinger e Habermas: um diálogo entre dois antípodas. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 51, n. 3, p. 519-537, set./dez. 2019. Disponível em: [www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4254/4393](http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4254/4393). Acesso em: 3 jun. 2022.

## Resumindo



## Quer saber mais?



### Site

**NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. *Humanos (DUDH)*.** Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/english>. Acesso em: 3 jun. 2022.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) é um documento-marco na história dos direitos humanos. Elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo, a Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948, por meio da Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral, como uma norma comum a ser alcançada por todos os povos e nações. É possível ler o documento na íntegra no *site* do Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos.



### Filmes

***Mar adentro*. Direção: Alejandro Amenábar, 2004. Classificação indicativa: 12 anos.**

O filme fala sobre a luta pelo direito do suicídio assistido, trazendo uma boa reflexão a partir da filosofia libertária de Nozick.

***Gattaca*. Direção: Andrew Niccol, 1997. Classificação indicativa: 14 anos.**

Nessa ficção há uma civilização em que se pode optar pelo nascimento de seres frutos de manipulação genética e, portanto, com níveis de desempenho superiores àqueles nascidos de modo natural. A genética determina posições sociais e laborais das pessoas constantemente inspecionadas por meio de exames que controlam os lugares ocupados segundo as hierarquias determinadas. Mas, nesse contexto, existe quem tente burlar as leis, superando a determinação imposta pela técnica.

***A.I. – inteligência artificial*. Direção: Steven Spielberg, 2001. Classificação indicativa: livre.**

O filme é instigante para pensar as questões relativas às críticas de John Searle à inteligência artificial.

***Ex\_machina: instinto artificial*. Direção: Alex Garland, 2014. Classificação indicativa: 14 anos.**

O filme pode ser muito útil para uma discussão sobre o teste de Turing, mencionado na trama.

## Exercícios complementares

1. **Unesp 2021** É relativamente consensual que uma era biotecnológica se aproxima. Em um futuro cenário de desenvolvimento biotecnológico, que será instaurado com o progresso tecnológico no século XXI, alterar-se-á um dos mais tradicionais dilemas da moralidade. Em vez de enfrentarmos a questão de que atitudes e deveres morais temos para com os seres compreendidos atualmente como animais não humanos (por exemplo, gato, cachorro, cavalo etc.), a questão será que obrigações teremos com outro tipo de não humano, isto é, os chamados pós-humanos. A pós-humanidade seria alcançada por meio da aplicação de técnicas de manipulação, instrumentalização e artificialização da vida, do patrimônio biológico do humano. O humano, por iniciativa própria e com vistas ao melhoramento da sua natureza, deixaria de ser humano.

(Murilo Mariano Vilaça e Maria Clara Marques Dias. “Transumanismo e o futuro (pós-)humano”. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, 2014. Adaptado.)

Ao tratar de aspectos da bioética, o texto propõe uma reflexão sobre

- a) os conflitos atuais entre os humanos e os seres pós-humanos.
- b) a procedência de recursos empregados nas pesquisas tecnológicas.
- c) os limites técnicos das pesquisas em biotecnologia.
- d) a amoralidade do esforço de imaginar e prever o futuro humano.
- e) a necessidade futura de redefinição do conceito de humanidade.

2. **UEL-PR** Leia o texto a seguir.

Habermas distingue entre racionalidade instrumental e racionalidade comunicativa. A racionalidade comunicativa ocorre quando os seres humanos recorrem à linguagem com o intuito de alcançar o entendimento não coagido sobre algo, por exemplo, decidir sobre a maneira correta de agir (ação moral). A racionalidade instrumental, por sua vez, ocorre quando os seres humanos utilizam as coisas do mundo, ou até mesmo outras pessoas, como meio para se alcançar um fim (raciocínio meio e fim).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a teoria da ação comunicativa de Habermas, é correto afirmar:

- a) Contar uma mentira para outra pessoa buscando obter algo que desejamos e que sabemos que não receberíamos se disséssemos a verdade é um exemplo de racionalidade comunicativa.
- b) Realizar um debate entre os alunos de turma da faculdade buscando decidir democraticamente a melhor maneira de arrecadar fundos para o baile de formatura é um exemplo de racionalidade instrumental.
- c) Um adolescente que diz para seu pai que vai dormir na casa de um amigo, mas, na verdade, vai para uma festa com amigos, é um exemplo de racionalidade comunicativa.



- d) Alguém que decide economizar dinheiro durante vários anos a fim de fazer uma viagem para os Estados Unidos da América é um exemplo de racionalidade instrumental.
- e) Um grupo de amigos que se reúne para decidir democraticamente o que irão fazer com o dinheiro que ganharam em um bolão da Mega Sena é um exemplo de racionalidade instrumental.

**3. UEM-PR** Jürgen Habermas (1929) é um dos principais representantes da chamada segunda geração da Escola de Frankfurt”. Este filósofo elaborou “uma teoria social baseada no conceito de *racionalidade comunicativa*, que se contrapõe à razão instrumental.

(ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4ª. ed. revista. São Paulo: Ed. Moderna, 2009. p. 200).

Segundo o pensamento de Jürgen Habermas, assinale o que for **correto**.

- 01** Jürgen Habermas critica a filosofia de René Descartes, por considerá-la uma filosofia metafísica fundada em uma reflexão solitária, centrada no sujeito.
- 02** O positivismo é, para Jürgen Habermas, a teoria e o método mais seguro para alcançar um conhecimento preciso da realidade social.
- 04** O uso da razão instrumental é, para Jürgen Habermas, válido, quando se trata de agir sobre objetos ou sobre natureza, a fim de suprir as necessidades do homem.
- 08** A razão discursiva, que fundamenta a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas, tem como princípio que a verdade só pode ser alcançada na relação intersubjetiva entre indivíduos que se dispõem a chegar a um consenso.
- 16** Para Jürgen Habermas, o princípio da *situação ideal de fala*, mesmo sendo contrafactual, é necessário para evitar que relações de poder possam desviar a linguagem de seu objetivo, isto é, alcançar o entendimento.

Soma:

**4. UFSJ-MG 2013** O filósofo contemporâneo Peter Singer argumenta que cada indivíduo no mundo tem responsabilidade ética diante do sofrimento pela fome dos demais indivíduos. A omissão e a falta de ações efetivas na distribuição das riquezas por parte dos governos, das empresas, dos indivíduos fazem que aqueles que vivem nos países mais pobres sofram com a miséria, a doença, a morte. Para ele, permitir que alguém morra não é intrinsecamente diferente de matar alguém. As diferenças entre essas atitudes são meramente externas e não nos eximem da responsabilidade ética diante do sofrimento dos demais indivíduos.

Acerca dos conceitos de justiça distributiva e da responsabilidade social no pensamento contemporâneo, assinale o que for **correto**.

- 01** Segundo a visão liberal clássica, a preocupação com as consequências éticas das atividades econômicas seria um obstáculo à eficiência dos negócios. A economia não poderia, portanto, ser gerida com base em virtudes morais.
- 02** De acordo com Peter Singer, o mundo é capaz de produzir alimento suficiente para todos os seus habitantes, porém populações sofrem de fome e de desnutrição devido à má distribuição dos recursos.
- 04** As posturas éticas adotadas pelas empresas em suas atividades econômicas são baseadas nas decisões morais livres de seus dirigentes.
- 08** O indivíduo tem a responsabilidade ética de calcular as consequências de suas ações e de suas omissões antes de tomar quaisquer decisões.
- 16** Uma das diferenças externas entre “matar” e “deixar morrer” é o fato de que é mais difícil obedecer ao princípio ético de que sempre devemos salvar todas as vidas possíveis do que obedecer ao princípio de que nunca devemos matar pessoas.

Soma:

**5. PUC-PR 2018** Leia o fragmento a seguir:

O imperativo categórico de Kant dizia: “Aja de modo que tu também possas querer que tua máxima se torne lei geral”. Aqui, o “que tu possas” invocado é aquele da razão e de sua concordância consigo mesma: a partir da suposição da existência de uma sociedade de atores humanos (seres racionais em ação), a ação deve existir de modo que possa ser concebida, sem contradição, como exercício geral da comunidade. Chame-se atenção aqui para o fato de que a reflexão básica da moral não é propriamente moral, mas lógica: o “poder” ou “não poder” querer expressa autocompatibilidade ou incompatibilidade, e não aprovação moral ou desaprovação. Mas não existe nenhuma contradição em si na ideia de que a humanidade cesse de existir, e dessa forma também nenhuma contradição em si na ideia de que a felicidade das gerações presentes e seguintes possa ser paga com a infelicidade ou mesmo com a não existência de gerações pósteras – tampouco, afinal, com a ideia contrária, de que a existência e a felicidade das gerações futuras seja paga com a infelicidade e mesmo com a eliminação parcial da presente. O sacrifício do futuro em prol do presente não é logicamente mais refutável do que o sacrifício do presente a favor do futuro.

(JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 47).

Considerando esta passagem, é **CORRETO** afirmar que Hans Jonas:

- a) preserva o imperativo categórico de Kant, pois a ética deve tratar exclusivamente de seres humanos.
- b) preserva o imperativo categórico de Kant, uma vez que o imperativo da responsabilidade é voltado apenas para o momento.
- c) modifica o imperativo categórico de Kant porque, segundo Kant, a ética trata exclusivamente da civilização tecnológica.
- d) modifica o imperativo categórico de Kant, considerando que podemos arriscar a nossa própria vida para proteger a humanidade futura.
- e) preserva o imperativo categórico de Kant, pois o imperativo da responsabilidade assume a característica de universalidade de forma hipotética, não prática.

**6. UEM-PR** A bioética situa-se no campo da axiologia. É um ramo da ética como disciplina que trata da investigação e problematização específica das práticas médicas, das ciências biológicas e das relações humanas com o meio ambiente. Com base na afirmação acima, assinale o que for correto.

- 01** Hipócrates, ao declarar, no seu juramento, que jamais daria a um paciente um remédio mortal e às mulheres uma substância abortiva, age em consonância com a axiologia da bioética.
- 02** Emmanuel Levinas considera que a bioética deve preocupar-se com uma análise estrutural da sociedade como produção da vida e das condições de saúde, mas também dos processos de exclusão social.
- 04** Não é atribuição da bioética discutir os princípios morais que orientam a pesquisa científica, pois isso significa colocar obstáculos ao progresso da ciência.
- 08** A bioética está comprometida com a política, pois o cientista tem uma responsabilidade da qual não pode abdicar.
- 16** Os resultados das descobertas científicas estiveram sempre a serviço da humanidade, portanto uma reflexão sobre o sentido moral da prática científica é desnecessária.

Soma:

## BNCC em foco

### EM13CHS503

- 1.** Estudamos nesse capítulo que a filosofia política de Habermas trabalha com o conceito de diálogo comunicativo, que procura romper com uma razão instrumentalizada, de acordo com a qual os fins justificam os meios, por uma de caráter dialógico, o que permitiria a resolução de conflitos de forma pacífica, bem como o avanço de uma agenda democrática. Cabe lembrar que, para a razão instrumental, a única preocupação é a eficiência. Já para a razão comunicativa ou dialógica, é preciso considerar a intelegibilidade, o consenso e o compromisso de todos. Nesse contexto, qual é o alcance das teorias de Habermas para o reconhecimento e a proteção dos grupos minoritários?

Discorra a partir de exemplos.

### EM13CHS504

- 2.** Quando tratamos de um regime político constitucional democrático, devemos considerar princípios éticos tais como liberdade, igualdade e acesso equitativo aos meios de inserção e ascensão social. A filosofia política de John Rawls, por exemplo, procura resolver essa problemática, por meio do uso dos conceitos de pacto social, véu de ignorância, bem como os princípios de liberdade e igualdade de oportunidades que, de alguma forma, devem estar equilibrados. É preciso lembrar, portanto, que, de acordo com esse filósofo, uma constituição justa é aquela concebida por um sujeito que, sem saber qual posição social irá ocupar, procura pensar em leis que sejam justas para todos. Tendo tais conceitos em mente, como o Estado democrático pode diminuir a discriminação contra grupos minoritários sem ferir o princípio da maioria?

Discorra a partir de exemplos.

FRENTE ÚNICA

Capítulo 1 - Introdução à Filosofia

Revisando

1. Soma:  $04 + 08 = 12$
2. D
3. A
4. Soma:  $01 + 02 + 04 = 07$
5. B
6. Soma:  $02 + 04 + 16 = 22$
7. A
8. Soma:  $02 + 04 + 08 = 14$
9. B
10. Soma:  $01 + 08 = 09$

Exercícios propostos

1. D
2. E
3. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$

Exercícios complementares

1. Duas passagens explicitam o caráter grego e a novidade do surgimento da filosofia: “criação própria do gênio dos gregos” e “o que eles [gregos] criaram, instituindo a filosofia, constitui novidade que, em certo sentido, é absoluta”. No entanto, “superioridade dos gregos em relação aos outros povos” e “não é em qualquer cultura que a ciência é possível” são passagens que defendem uma hierarquia entre as culturas, colocando a cultura grega, assimilada pela cultura europeia, como superior às demais culturas. O predomínio em uma cultura de crenças e dogmas irracionais e obscuros pode impedir ou prejudicar o desenvolvimento do conhecimento científico.
2. B
3. Soma:  $04 + 16 = 20$

BNCC em foco

1. Resposta aberta. O medo da morte expõe a fragilidade de sociedades onde há ausência de Estado organizado, levando à reflexão sobre o papel político do medo em situações de anomia. A escassez de recursos para cuidados com a saúde levanta discussão sobre quais são os critérios éticos para salvar vidas. O controle da pandemia em sociedades democráticas por meio da vigilância leva à reflexão sobre como interpretamos as liberdades fundamentais (usar ou não máscara, tomar ou não vacina etc.). Há também a reflexão sobre o papel da ciência nas decisões políticas.
2. O fato explicitou um posicionamento reacionário em nossa sociedade por meio de um discurso aparentemente mais progressista em relação aos direitos humanos, através da insígnia “Todas as vidas importam”. De fato, o mais relevante foi ocultar sua verdadeira intenção: dificultar a visibilidade do racismo estrutural, diluir as desigualdades e negar as diferenças em um contexto que poderia promover uma reflexão sobre o assunto.

Capítulo 2 - O nascimento da Filosofia

Revisando

1. A
2. Soma:  $02 + 04 + 08 = 14$
3. A
4. E
5. Soma:  $02 + 08 = 10$
6. A
7. A
8. B
9. A
10. Soma:  $04 + 08 + 16 = 28$

Exercícios propostos

1. A
2. C
3. Soma:  $01 + 04 + 08 = 12$
4. Soma:  $01 + 02 + 04 = 07$
5. A
6. A

Exercícios complementares

1. E
2. A passagem do mito à filosofia foi marcada pelo abandono das narrativas de geração dos deuses e pela elaboração de explicações racionais que investigavam a causalidade do mundo. A valorização das explicações racionais esteve fortemente associada a uma nova forma de estruturação política: a pólis grega. O surgimento da filosofia foi possível graças a essa comunidade política, fundamentada no debate racional e de exposição de argumentos entre os cidadãos. O mistério e o misticismo, acessíveis somente a alguns iniciados nos ritos e mitos religiosos, eram substituídos pela razão e pelo pensamento filosófico.
3. B
4. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
5. Soma:  $02 + 08 + 16 = 26$
6. A

BNCC em foco

1. A biologia molecular e genética tem sido um vasto campo para a pesquisa científica. A descoberta da estrutura de DNA e do código genético como uma espécie de tradutor da vida, presente em todos os seres, pode ser lida à luz dessa analogia com os primeiros pré-socráticos. Pensar a vida a partir do que ela significa no âmbito puramente científico, e não do ponto de vista mítico ou religioso, pode ocorrer mesmo sob pontos de vista opostos. O DNA, descritor do código genético e, portanto, estrutura universal, também apresenta a possibilidade de ser alterado, seja de modo natural, ou seja, ou pela intervenção humana, o que permite novas possibilidades “de” vida ou “para” a vida, colocando-nos diante de dilemas éticos e morais relacionados ao limite do poder da ciência.

## Capítulo 3 - Sócrates

### Revisando

1. B
2. A
3. C
4. Soma:  $02 + 04 + 16 = 22$
5. A
6. E
7. A
8. C
9. C
10. D

### Exercícios propostos

1. C
2. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
3. C
4. A
5. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
6. Soma:  $02 + 04 + 16 = 22$

### Exercícios complementares

1. B
2. C
3. A tarefa de Sócrates é conduzir cada cidadão a cuidar de si mesmo, a investigar as virtudes. Em sua defesa, em nenhum momento Sócrates dá sinais de abandonar essa tarefa. Pelo contrário: a reafirma, a ponto de dizer que morreria várias vezes se fosse necessário. No entanto, chama a atenção de que o que ele faz não seria nocivo, embora seus acusadores pensassem o contrário.
4. Sócrates divide seus acusadores em duas categorias: os acusadores antigos e os acusadores recentes. Sócrates considera os acusadores antigos os mais temíveis, porque vinham fazendo acusações havia muito tempo, convencendo os jovens de suas opiniões. Depois de tanto tempo, Sócrates não podia mais se defender dos acusadores antigos, mas tinha que lidar com os jovens que, tornados adultos, estavam convictos de que a acusação contra Sócrates era válida.
5. C
6. C

### BNCC em foco

1. A crítica de Sócrates concentra-se em que não se pode adquirir ou transmitir conhecimento, pois o saber válido e possível é somente o saber sobre si mesmo.
2. Questionar-se o tempo todo, assumindo que nada se sabe e buscando encontrar os valores das ações e intenções morais a partir de si mesmo. Os questionamentos provêm do diálogo com outros que nos ajudam a esclarecer o que queremos conhecer sobre nós mesmos.

## Capítulo 4 - Platão

### Revisando

1. B
2. D
3. D
4. D
5. B
6. Soma:  $01 + 08 + 16 = 25$
7. C
8. C
9. B
10. C

### Exercícios propostos

1. B
2. A imitação, própria da arte, é uma imitação dos acontecimentos humanos ou naturais. Esses acontecimentos já são uma imitação das ideias, do verdadeiro. A arte, portanto, é uma imitação da imitação, encontrando-se, assim, a três graus de afastamento da verdade.
3. Soma:  $04 + 16 = 20$
4. Soma:  $01 + 04 + 16 + 64 = 85$
5. Soma:  $01 + 04 + 08 + 32 = 45$
6. B

### Exercícios complementares

1. B
2. E
3. B
4. B
5. Soma:  $02 + 04 = 06$
6. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$

### BNCC em foco

1. Na contemporaneidade, estamos presos às mídias, que são nossa única fonte de informação, muitas vezes equivocadas, rasas ou confusas. Tais informações, em excesso, nos cegam e nos deixam mais preguiçosos para buscar o conhecimento verdadeiro e despertar nosso interesse para o que realmente é relevante para a vida em sociedade: a política. A democracia contemporânea, como forma de governo de seres humanos livres, que elegem seus representantes, está cada vez mais comprometida com a participação ou a representatividade do povo, que, muitas vezes, não compreende nem se identifica com projetos políticos, devido à extrema fragmentação partidária, o que também pode impedir um bom governo.

## Capítulo 5 - Aristóteles

### Revisando

1. Soma:  $01 + 08 + 16 = 25$
2. A
3. B
4. C
5. B
6. C
7. E
8. Soma:  $01 + 02 + 08 = 11$
9. As virtudes e os vícios são disposições de caráter. Enquanto as virtudes são disposições racionais, os vícios são disposições irracionais. Não existe uma correspondência direta entre um vício e uma virtude, mas a virtude encontra-se no meio-termo entre dois vícios.
10. B

### Exercícios propostos

1. Soma:  $01 + 04 = 05$
2. A
3. Soma:  $01 + 04 + 08 + 16 = 29$
4. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
5. D
6. D

### Exercícios complementares

1. Soma:  $01 + 08 = 09$
2.  $01 + 04 + 08 + 16 = 29$
3. A matéria é o princípio de individuação e, portanto, da particularidade. Por outro lado, a forma é princípio de universalidade, visto que define da mesma maneira diferentes matérias. Vejamos um exemplo. Uma camiseta feita de algodão e uma camiseta feita de poliéster são duas substâncias que possuem a mesma forma (camiseta), mas com matérias diferentes (algodão e poliéster). Uma calça feita de algodão tem a mesma matéria que a camiseta de algodão, mas isso não a torna uma camiseta,
4. a) O animal político é todo animal falante dispensado de trabalhar para poder se dedicar às atividades políticas. Apesar de serem animais falantes, o artesão e o escravo não eram animais políticos porque precisavam se dedicar ao trabalho, impedindo-os de usufruir de tempo livre para se dedicar às atividades políticas.  
b) Em Platão, a democracia era criticada porque permitia que homens inferiores ou incapazes pudessem governar. Em Aristóteles, a crítica era dirigida à possibilidade de a democracia se tornar uma demagogia, ou seja, uma cidade ser governada pelas massas.
5. D
6. B

### BNCC em foco

1. As reações das pessoas diante da pandemia de covid-19 permitem pensar sobre qual ética orienta suas atitudes. A ética das virtudes, orientada pelo meio-termo ou a justa medida, aparece como possibilidade de enfrentamento ao problema, questionando o que fazemos a partir das noções de liberdade e do uso da razão. Decidir nos proteger em casa por medo ao desconhecido – mas também por seguir os protocolos de isolamento social e assim proteger aos demais – acaba por estimular a virtude em seus cidadãos, dando-lhes os exemplos corretos para imitar, criando neles bons hábitos e aproximando-os da felicidade.

## Capítulo 6 - Filosofia Helenística

### Revisando

1. E
2. C
3. E
4. A
5. Soma:  $01 + 16 = 17$
6. A
7. D
8. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 + 16 = 31$
9. D
10. B

### Exercícios propostos

1. B
2. C
3. A

### Exercícios complementares

1. B
2. a) Em primeiro lugar, a passagem convida a uma harmonização com a "Natureza". De acordo com o estoicismo, uma razão universal ou cósmica ordena a natureza. Em segundo lugar, a passagem "adotar um espírito elevado e digno do homem nobre" indica a relação que o indivíduo deve estabelecer com as contingências da vida: trata-se de estar de acordo com a razão universal.  
b) A instituição republicana, a língua latina, o direito romano.
3. B

### BNCC em foco

1. O estoicismo afirma que, sem poder ter controle dos acontecimentos, o único controle é o de nossas emoções diante do julgamento que temos das coisas do mundo. Para isso, é necessário praticar a nossa responsabilidade por nós mesmos e pelos outros. A autoajuda é uma prática que se afasta dessa filosofia, na medida em que torna o indivíduo dependente da opinião de um terceiro, que lhe impõe regras de como ser bem-sucedido.

2. A suspensão dos juízos sobre o que é bom ou ruim deve nos ensinar a ser tolerantes e a praticar a generosidade para compreender as diferenças entre opiniões e ideais políticos. O ceticismo nos ajuda a enfrentar o dogmatismo e a arrogância diante dos limites do que podemos conhecer.

## Capítulo 7 - Filosofia Medieval

### Revisando

1. D
2. B
3. C
4. a) O pensamento de Agostinho foi influenciado pela teoria das ideias de Platão. A teoria das ideias foi preservada, mas, na filosofia agostiniana, as ideias não somente já eram conhecidas por Deus, como também já existiam em Deus.  
b) Em seu interior, o homem reconhece a existência divina. Não se trata de uma reminiscência, mas de uma iluminação divina. É por meio dessa iluminação que o conhecimento humano pode conhecer as verdades divinas.
5. C
6. Soma:  $02 + 04 + 08 = 14$
7. A
8. D
9. D
10. Soma:  $02 + 04 + 08 + 16 = 30$

### Exercícios propostos

1. Soma:  $02 + 04 = 06$
2. B
3. C
4. Soma:  $01 + 04 + 16 = 21$
5. C
6. Soma:  $01 + 08 + 16 = 25$

### Exercícios complementares

1. a) Alguns dos primeiros cristãos decidiram rejeitar qualquer influência da filosofia grega sobre a doutrina cristã. Essa rejeição não foi dirigida especificamente à filosofia grega, e sim a toda e qualquer tentativa de explicar racionalmente as verdades reveladas pela fé cristã. A justificativa para essa rejeição estava assentada em uma desconfiança na capacidade do conhecimento humano em explicar as verdades da fé.  
b) A filosofia agostiniana foi profundamente influenciada pela filosofia platônica. A teoria das ideias e a teoria da reminiscência de Platão, por exemplo, foram reapropriadas por Agostinho. As ideias existiam, mas já eram conhecidas desde sempre por Deus. Assim como na teoria da reminiscência, a verdade não era alcançada por meio dos sentidos. Contudo, era necessária a iluminação divina para que a mente humana pudesse alcançar a verdade.

2. B
3. a) Via do Movimento; via da causa eficiente; via do contingente e do necessário; via dos graus e perfeição; e via do governo das coisas.  
b) As cinco vias, de forma resumida, são:

Via do movimento: todas as coisas se movem. E todo movimento tem uma causa. Buscando a origem do movimento original, chega-se à necessidade da existência de Deus.

Via da causa eficiente: cada ente vem à existência por meio de uma causa eficiente. O filhote tem como causa eficiente o cão e a cadela, por exemplo. Seguindo essa via até o fim, é impossível que a ordem das causas eficientes seja infinita. Deve haver, portanto, uma primeira causa eficiente, que é Deus.

Via dos graus de perfeição: notamos que os entes possuem graus de perfeição: alguns são bons, outros nem tanto. Só é possível, no entanto, perceber a existência dos graus, porque comparamos com o grau máximo de perfeição. Esse grau máximo de perfeição é Deus.

Via do contingente e do necessário. Todos os seres que percebemos existem de forma contingente, ou seja, existem, mas não precisariam existir. Como de fato esses seres existem é preciso que haja um ser que sempre foi necessário. O ser necessário é Deus.

Via do governo das coisas: Notamos que todos os seres possuem uma finalidade. A finalidade última de todas as coisas, por extensão, é buscar a perfeição. Essa perfeição é Deus.

4. Soma:  $02 + 08 + 16 = 26$
5. Soma:  $01 + 04 + 08 + 16 = 29$
6. C

### BNCC em foco

1. Mesmo sem abandonar a fé e a crença na existência de Deus, Tomás de Aquino admite a importância do pensamento racional como válido para demonstrar a existência divina. Desse modo, ao tomar as concepções de Aristóteles, para quem o mundo sensível e a observação da natureza eram importantes, Tomás constrói seu pensamento a partir de argumentos causais, portanto oferecendo explicações *a posteriori* e rompendo com a tradição medieval pautada na "dedução". Tal pensamento abre caminho para o avanço filosófico sobre o método científico, chave do pensamento moderno e que ficará mais evidente com Descartes.

## Capítulo 8 - Filosofia do Renascimento

### Revisando

1. C
2. Soma:  $01 + 04 + 08 + 32 = 45$
3. E
4. B
5. A

6. A revolução científica estabeleceu uma ruptura com os dogmas religiosos. Essa ruptura não ocorreu somente por conta de novas teorias a respeito do Universo – a fé religiosa muitas vezes debatia diferentes teorias a respeito de um mesmo tema. A ruptura se tornou radical por conta do novo modo de se investigar, de produzir saber. O método experimental, por esse motivo, trouxe autonomia à ciência em relação aos dogmas da fé religiosa, baseados na ideia de revelação divina.

7. D

8. E

9. A

10. Soma:  $01 + 02 = 03$

### Exercícios propostos

1. C

2. B

3. C

4. Soma:  $01 + 02 + 08 = 11$

5. B

6. a) Para Maquiavel, fortuna é sorte, não enquanto o acaso que resultou em consequências positivas, e sim enquanto acaso. Desse modo, a fortuna, ou acaso, pode ser boa ou ruim. Trata-se de todos aqueles eventos ou circunstâncias que não estão sob o controle do príncipe.

b) Apesar de não manter nenhum controle sobre ela, o príncipe pode fazer com que a fortuna lhe resulte em algum benefício ou, pelo menos, impeça um prejuízo. Para isso, o príncipe deve lançar mão de suas habilidades políticas, ou seja, daquilo que foi nomeado como *virtù*.

7. C

8. Soma:  $01 + 02 + 16 = 19$

9. C

### Exercícios complementares

1. D

2. Soma:  $02 + 04 + 16 = 22$

3. Soma:  $02 + 04 + 08 + 16 = 30$

4. a) Os cercamentos foram o processo de apropriação das terras cultivadas pelos camponeses e de sua utilização para a criação de rebanhos ovinos. Com essa transformação, as terras não eram utilizadas para a agricultura, e sim para fornecer matéria-prima (lã) para a produção de manufatura têxtil.

b) Na obra de Thomas More, utopia é um termo ambíguo. Por um lado, é o nome de uma república idealizada. Por outro lado, por sua etimologia (“não lugar”), significa um lugar ou uma sociedade que não existe.

5. a) A *virtù* é a habilidade ou a competência política do príncipe para governar. Essa habilidade assume especial relevância quando as circunstâncias fogem de seu controle e se tornam adversas.

b) O novo príncipe deve ser amado e temido por seu povo. Na impossibilidade de conservar esses dois afetos, é preferível que o príncipe seja temido. O objetivo dessa relação não é a promoção de uma política voltada para o bem-estar dos súditos, e sim de um interesse em conservar o poder conquistado ou adquirido.

6. A concepção política de Tomás de Aquino (Texto 1) sustenta que os fins do poder político são temporais e espirituais. Por esse motivo, a Igreja católica pode intervir no Estado, e é exigido que o governante seja reconhecido por sua virtude moral. Por outro lado, a concepção política de Maquiavel (Texto 2), ao contrário da anterior, não está preocupada com os fins espirituais do poder político, ou seja, com aquilo que os homens devem ser. Maquiavel investiga os homens como eles são. Por esse motivo, interessam a ele os fins temporais do poder político e, mais ainda, como conservar o poder político por ele mesmo, sem depender de qualquer intervenção externa, como a Igreja católica.

7. Soma:  $01 + 02 + 08 = 11$

8. C

9. D

### BNCC em foco

1. No Brasil, a descrença na política e nos seus governantes deve-se, em parte, à falta de responsabilidade ética de lideranças políticas, e na desconfiança em relação às instituições que deveriam exercer a vigilância crítica sobre determinadas condutas morais (por exemplo, em relação à corrupção), ou seja, há prevalência de interesses pessoais sobre os coletivos. Isso poderia ser explicado com o argumento de que a maneira de fazer política possui semelhanças com o que escreveu Maquiavel, principalmente no que diz respeito ao ingresso e à permanência no poder; no entanto, na contemporaneidade não se pode justificar as ações dos governantes em nome da astúcia, dado que essas ações não são tomadas “em razões do Estado”.

## Capítulo 9 - Filosofia Moderna: teorias do conhecimento

### Revisando

1. C

2. Soma:  $01 + 32 + 64 = 97$

3. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$

4. Soma:  $01 + 02 + 04 + 16 = 23$

5. C

6. B

7. A

8. D

9. Soma:  $02 + 08 + 16 + 32 = 58$

10. Soma:  $01 + 16 = 17$

### Exercícios propostos

1. C

2. E

3. C

4. D

5. D

6.  $01 + 02 + 08 = 11$

7. Soma:  $04 + 08 + 16 = 28$

8. A

## Exercícios complementares

1. A
2. B
3. B
4. Com a famosa proposição “a mente é um papel em branco”, o filósofo inglês John Locke negou de uma vez por todas a noção de ideias inatas. Não haveria, portanto, nenhuma ideia inata na mente humana, ou seja, nenhuma ideia que não tivesse se originado, direta ou indiretamente, da experiência. Uma segunda consequência dessa negação diz respeito à metafísica: se todo conhecimento está baseado na experiência e nenhuma ideia é inata ao ser humano, então a metafísica perde sua validade ou tem sua validade questionada. A própria noção de Deus, nesse sentido, torna-se adquirida, apreendida pela experiência, e não uma ideia inata na mente humana.
5. A
6. a) Trata-se da investigação filosófica a respeito da natureza do mal. David Hume menciona uma série de exemplos de maldades. Um estranho atribuiria a autoria dessas maldades ao próprio ser humano, e não a uma entidade sobrenatural ou transcendente. O autor dos males do mundo seria o próprio ser humano, e não o criador do mundo.  
b) Para investigar a natureza do mal, Hume enumera uma série de exemplos (ponto de vista empirista) que seria avaliada por um estranho, e não por alguém já educado na metafísica (ponto de vista cético). A função do estranho no raciocínio de David Hume é possibilitar um ponto de vista não viciado, ou seja, não carregado de toda a tradição metafísica. Ao contrário, muito provavelmente um metafísico tradicional não mencionaria exemplos empíricos nem duvidaria que a natureza do mal deve ser explicada do ponto de vista da metafísica.
7. Sim, as ações humanas são necessárias, de acordo com Hume. A necessidade deve ser aqui entendida no contexto empregado do texto: enquanto uniformidade, regularidade (em oposição a irregularidade) e habitual (em oposição a anômalo). Somente por conta desses traços fundamentais é que se torna possível produzir algum conhecimento sobre as ações humanas. Deve ficar claro que o conhecimento não está voltado para o particular, para o singular, e sim para o geral, para o universal (“seria impossível coletar quaisquer observações gerais”).
8. a) A Revolução Copernicana é uma analogia entre a revolução operada por Copérnico na Astronomia e a revolução operada por Kant no conhecimento. Assim como Copérnico deslocou o centro do Universo da Terra para o Sol, Kant deslocou o centro da investigação sobre o conhecimento do objeto para o sujeito. Antes de investigar os objetos, Kant declara que o mais importante é investigar o sujeito que investiga os objetos.  
b) De acordo com Kant, o conhecimento *a priori* é obtido sem o recurso da experiência. Esse conhecimento revela justamente as condições que tornam possível o próprio conhecimento dos objetos empíricos, ou seja, o conhecimento *a posteriori*, obtido com o concurso da experiência.
9. C

## BNCC em foco

1. Descartes instaura o método racional e objetivo a partir da sistematização do conhecimento, tomando por base a abstração da Matemática. Isso teve como consequência a distinção entre filosofia e ciência, que terminou por relegar à filosofia o papel de descrever e analisar o pensamento científico ou de libertar a filosofia para a subjetividade. Na contemporaneidade, esse debate revive por meio do conflito dos distintos papéis ocupados pela filosofia e pela ciência na educação e na formação dos cidadãos. Atualmente, há uma priorização da ciência como um saber mais necessário para enfrentar os problemas sociais do que a filosofia, considerada erroneamente como mais abstrata e sem fins práticos.

## Capítulo 10 - Filosofia Moderna: Ética e Filosofia Política

### Revisando

1. Soma:  $01 + 02 + 08 = 11$
2. D
3. Soma:  $02 + 08 + 64 = 74$
4. Soma:  $04 + 08 = 12$
5. Soma:  $01 + 02 + 08 + 16 = 27$
6. D
7. A
8. Soma:  $01 + 02 + 04 + 16 = 23$
9. A
10. B

### Exercícios propostos

1. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
2. E
3. Na filosofia kantiana, a menoridade não é definida de acordo com a idade cronológica, mas de acordo com o uso da razão. Desincumbir-se de utilizar a própria razão para se apoiar no uso da razão realizado por outro é permanecer na menoridade. O oposto da menoridade é fazer uso da própria razão, seja em relação ao conhecimento, à moral ou à estética. Por esse motivo, a saída da menoridade é a entrada no esclarecimento. Contudo, nem todos realizam essa passagem, preferindo se manter na menoridade.
4. Soma:  $04 + 08 = 12$
5. C
6. B
7. B
8. A
9. D



## Exercícios complementares

1. E
2. De acordo com o princípio utilitarista, todo valor pode ser medido e comparado. Ou seja: haveria um equivalente geral entre as diferentes espécies de valor. O equivalente geral é a forma assumida pelo dinheiro nas trocas capitalistas. A instituição de um equivalente geral pressupõe não somente a quantificação e mensuração dos produtos (no caso das trocas capitalistas) ou dos valores (no caso do princípio utilitarista), mas também pressupõe a anulação das qualidades e das singularidades de cada valor.
3. Para esclarecer essa aparente contradição, deve ser estabelecida a distinção entre dever ou cumprimento do dever e uso público da razão. A liberdade do cidadão deve ser exercida nas condições impostas pelo Estado. Dessa maneira, o cidadão está coagido a pagar seus impostos. Por outro lado, no intuito de promover a resolução de questões pertinentes à vida em sociedade, o cidadão pode livremente emitir um juízo racional, ainda que esse juízo contrarie as determinações do Estado. O cidadão é coagido a cumprir com suas obrigações, mas é livre para usar publicamente a razão.
4. a) A ética kantiana é universalista porque não estabelece distinções entre os diferentes indivíduos. A dignidade é essencial ao ser humano. Portanto, a reciprocidade entre respeitar e ser respeitado indica para esse universalismo próprio do Iluminismo, baseado na condição universal da humanidade.  
b) De acordo com Maquiavel, o príncipe deve manipular politicamente seus súditos para permanecer no poder. Essa manipulação indica haver uma profunda distinção entre o príncipe e seus súditos, pois os súditos são considerados instrumentos ou objetos de manipulação do príncipe, o que contraria radicalmente a ética kantiana.
5. A função do Estado, ou do soberano, é garantir a paz entre os súditos. No estado de natureza, os indivíduos encontram-se em estado de “guerra de todos contra todos”. A instituição do pacto social tem por objetivo instaurar a paz. Para realizar esse objetivo, ao Estado é assegurado um poder absoluto, única maneira de impedir que outra vontade, superior à sua, reconduza os súditos ao estado de guerra de todos contra todos. Os futuros súditos, portanto, devem abrir mão de seus poderes em benefício do Estado, o qual, em contrapartida, deve garantir a paz e a segurança entre eles.
6. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
7. Na filosofia política de John Locke, o objetivo do pacto social, ou seja, a passagem do estado de natureza para o estado de sociedade, é garantir os direitos naturais que já existiam no estado de natureza. O pacto social foi necessário porque esses direitos se viam constantemente ameaçados. Não se trata, portanto, de eliminá-los, e sim de garanti-los. Por esse motivo, o pacto social é o resultado do livre consentimento entre os homens, assim como o governante deve servir a esses homens. Com base nesse pressuposto, caso o governante não atenda às expectativas de seus súditos, os súditos podem destroná-lo, desfazendo o pacto social ou, caso o queiram, refazê-lo em novas bases.
8. a) O pacto social implica a entrega do poder de cada indivíduo à vontade geral. Inicialmente, o pacto social assume uma aparência autoritária, pois os indivíduos ficam obrigados a se submeter à vontade geral, perdendo a liberdade

de que gozavam antes. Contudo, todos os indivíduos devem entregar seu poder à vontade geral, ou seja, nenhuma vontade particular se sobressai às demais, pois todas estão, igualmente, submetidas à vontade geral.

- b) Os cidadãos e os súditos são dois lados da mesma moeda. Os cidadãos são os associados do pacto social, enquanto participam ativamente da soberania e da vontade geral. Por outro lado, os súditos são esses mesmos cidadãos, mas submetidos às decisões da vontade geral. Ou seja: quando participa ativamente, cidadão; quando se submete às decisões, súdito.

9. A

## BNCC em foco

1. A intenção de levar adiante a gravidez do bebê anencéfalo, para depois provocar sua morte com a finalidade de doar seus órgãos e beneficiar crianças que precisam de transplante, se justifica, do ponto de vista das intenções dos pais, pelo princípio utilitarista de maximizar a felicidade, beneficiando o maior número de pessoas. Cabe considerar, no entanto, que a lógica ética utilitarista não é a única possível para se avaliar o caso.
2. Considerando uma ética utilitarista, o melhoramento genético pode ser questionável se causar mais danos que benefícios. Uma vez que não se podia prever cientificamente os prejuízos do consumo desses produtos, contou-se que os benefícios seriam da ordem da segurança alimentar e da ordem econômica.

## Capítulo 11 - Filosofia Contemporânea: século XIX

### Revisando

1. D
2. Soma:  $01 + 04 + 08 + 16 = 29$
3. D
4. Soma:  $04 + 08 = 12$
5. Soma:  $01 + 02 + 04 + 16 = 23$
6. D
7. B
8. Soma:  $01 + 04 + 16 = 21$
9. Soma:  $01 + 08 = 09$
10. A

### Exercícios propostos

1. B
2. B
3. B
4. D
5. Soma:  $01 + 04 = 05$
6. D

## Exercícios complementares

1. E
2. C
3. Soma:  $01 + 02 + 16 = 19$
4. Soma:  $01 + 04 = 05$
5. A definição do homem como animal racional situava a razão no centro da experiência humana. Isso significa dizer que a razão é aquilo que há de mais humano em um ser humano. No entanto, a noção de vontade inconsciente subverte aquela definição. Se existe uma vontade inconsciente, então nem tudo que fazemos ou pensamos é dirigido pela razão. Podemos, ainda, extrapolar esse pensamento, dizendo que a razão chega mesmo a justificar racionalmente aquilo que não tem nenhum fundamento racional. Com essa concepção, a razão deixa de ser aquilo que há de mais humano em um ser humano. Algo que não é controlado e dominado pela razão acaba assumindo papel fundamental na experiência humana.
6. A

## BNCC em foco

1. O niilismo contemporâneo se expressa no individualismo e no egocentrismo que, quanto mais acentuados, mais expressam a fragmentação e o relativismo dos valores. A perda dos referenciais (comunidade, tradição, religião, cultura) gerou um “desespero silencioso”, que ao se agravar pode se expressar com violência. No campo político, o niilismo expressa-se pela falta do desejo por um modo de vida e por valores novos.

## Capítulo 12 - Filosofia Contemporânea: tendência analítica

### Revisando

1. C
2. Soma:  $01 + 02 + 08 + 16 = 27$
3. a) A verdade como coerência implica que uma proposição é verdadeira somente se é coerente com um conjunto determinado de proposições. Dessa maneira, não se busca uma correspondência entre a proposição e a realidade, e sim a coerência entre a proposição e outras proposições.  
a) A verdade como coerência possibilita o surgimento de diferentes conjuntos de proposições coerentes com determinada proposição, mas não coerentes entre si. Dessa maneira, qual desses conjuntos seria escolhido como o verdadeiro?
4. B
5. B
6. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$

7. Karl Popper desenvolveu o critério de falseabilidade para estabelecer a demarcação entre ciência e não ciência. Uma teoria é científica somente se puder ser falseabilizada. O critério de falseabilidade substituiu o critério de verificabilidade desenvolvido pela mentalidade positivista do Círculo de Viena. De acordo com esse critério, uma teoria é científica se suas proposições fundamentais puderem ser verificadas empiricamente.
8. Soma:  $01 + 02 + 04 = 07$
9. Soma:  $02 + 16 = 18$
10. Soma:  $01 + 08 + 16 = 25$

## Exercícios propostos

1. A
2. D
3. No primeiro texto, a ciência ou teoria científica é definida de acordo com sua capacidade de ser refutada ou falível. A demarcação entre teoria científica e teoria não científica, portanto, está baseada no critério de falseabilidade. Uma teoria é científica não porque é verdadeira, e sim porque pode ser refutada. A refutação da teoria científica ocorre, assim, quando não pode mais ser sustentada diante dos novos fatos empíricos.  
No segundo texto, a ciência é definida de acordo com sua capacidade de intervir, dominar ou transformar a realidade. A demarcação entre teoria científica e teoria não científica não é relevante, pois a importância é deslocada para a eficácia da magia ou ciência, ou seja, para a sua capacidade de intervir na realidade. Assim, a ciência ou magia pode ser mais ou menos eficaz. Não existiria, portanto, uma refutação de uma ciência, e sim uma disputa entre diferentes “ciências” ou “magia”. Sendo assim, os fatos empíricos não servem para refutar uma ciência.

4. Soma:  $02 + 04 + 08 + 16 = 30$
5. Soma:  $01 + 02 + 08 = 11$
6. C

## Exercícios complementares

1. A
2. A
3. E
4. E
5. Soma:  $02 + 08 = 10$
6. C

## BNCC em foco

1. A teoria da linguagem do primeiro Wittgenstein permite descrever o modo como a gamificação esclarece o pensamento humano ao incorporá-la em nossas ações cotidianas, porém não caberia qualificá-la de boa ou ruim. O segundo Wittgenstein, da teoria dos jogos de linguagem, diria que a gamificação expressa uma tentativa de comunicação, ou seja, o uso dessa linguagem e sua função prática está acima de seu significado.

## Capítulo 13 - Filosofia Contemporânea: tradição continental analítica

### Revisando

1. D
2. Soma:  $04 + 16 = 20$
3. a) A existência é um conceito fundamental no existencialismo sartreano. No existencialismo, a existência precede a essência, ou seja, não existe uma natureza humana previamente dada à existência de qualquer ser humano. Dito de outro modo: a essência humana é o resultado de uma existência. Portanto, a essência de um indivíduo é concebida somente depois de finda sua existência.  
b) A responsabilidade, no existencialismo, está intimamente associada à existência. Como não existe uma essência previamente dada ao ser humano, a sua escolha é livre, a existência é liberdade. Por esse motivo, o ser humano é responsável por toda e qualquer escolha que venha a tomar durante sua existência. Essa responsabilidade não se resume somente ao indivíduo, mas abrange todos os indivíduos, toda a humanidade. Escolher para si mesmo é escolher para toda a humanidade.
4. Soma:  $01 + 08 = 09$
5. Soma:  $01 + 08 = 09$
6. A
7. A
8. C
9. C
10. C

### Exercícios propostos

1. E
2. E
3. A
4. D
5. Soma:  $01 + 02 + 08 = 11$
6. A
7. A microfísica do poder deve ser entendida em uma oposição a uma “macrofísica” do poder. Enquanto a “macrofísica” investiga as grandes batalhas, as guerras civis, as revoluções, os rituais políticos de coroação, a microfísica investiga as técnicas disciplinares dirigidas não para grandes personagens, e sim para a grande massa de anônimos. Essas técnicas não chamam a atenção, pois ocorrem nos pequenos detalhes, nos pequenos gestos. Três exemplos de instituições disciplinares são a escola, a prisão e o manicômio.
8. C
9. A

### Exercícios complementares

1. Soma:  $01 + 02 + 04 = 07$
2. C
3. Soma:  $01 + 04 + 08 = 13$
4. Soma:  $02 + 04 + 08 = 14$
5. A
6. Soma:  $01 + 02 + 08 + 16 = 27$
7. A disciplina é o dispositivo responsável pela produção de corpos dóceis. Os dispositivos disciplinares podem ser identificados em instituições como a escola, o manicômio e a prisão. Já os corpos dóceis são aqueles em que ocorre a maximização de sua capacidade produtiva e utilidade, mas também a minimização da capacidade política. A docilização, portanto, pressupõe corpos obedientes, mas altamente produtivos.
8. E
9. E

### BNCC em foco

1. A sandália, que atingiu o mercado internacional, busca por meio da diferenciação cultural marcar seu posicionamento de marca. A estratégia, de apelo cultural, atualiza o conceito de que a indústria de calçados e, particularmente, a indústria da moda, ao transformar a cultura em mercadoria, torna-se mais relevante que os avanços científicos.

## Capítulo 14 - Filosofia Contemporânea: Ética e Filosofia Política

### Revisando

1. D
2. D
3. C
4. C
5. E
6. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
7. A
8. D
9. A heteronormatividade é uma norma social que visa excluir ou marginalizar práticas e orientações sexuais que não estejam organizadas entre duas pessoas de sexos diferentes – ou seja, entre homem e mulher. Os efeitos da heteronormatividade são a perseguição a formas de união entre pessoas de mesmo sexo (homem e homem ou mulher e mulher) ou a desconsideração desses relacionamentos amorosos. A perseguição a essas formas de união também é chamada de homofobia. De acordo com Butler, a homofobia não se justifica, pois pressupõe que existam dois, e somente dois, sexos

(masculino e feminino) e que esses sexos são determinados biologicamente. Contudo, se considerarmos que a anatomia corporal não define o gênero de cada indivíduo e que, por esse motivo, pode haver muito mais gêneros do que somente dois, então um casal que não seja constituído por um homem e uma mulher não é, necessariamente, um casal homoafetivo – dois indivíduos com a mesma anatomia corporal não são, necessariamente, dois homens ou duas mulheres.

10. C

### Exercícios propostos

1. Soma:  $02 + 04 + 16 = 22$

2. C

3. De acordo com esse fragmento da obra de Habermas, o trabalho cooperativo entre a tradição secular e as tradições religiosas depende de uma dupla exigência. De um lado, as tradições religiosas devem ser capazes de traduzir suas convicções religiosas em uma linguagem secular. Se o espaço público é secular, então o passaporte de ingresso é a linguagem secular. De outro lado, a tradição secular deve ser capaz de ouvir as demandas religiosas e de possibilitar que suas convicções possam circular no debate que ocorre no espaço público.

4. Soma:  $02 + 04 + 08 = 14$

5. E

6. a) Nesse debate, é consensual que a categoria gênero é uma categoria social e, portanto, culturalmente construída.
- b) Nesse debate, é divergente a posição a respeito do sexo. Para Joan Scott, o sexo é biologicamente determinado, ou seja, uma categoria natural. Para Judith Butler, o sexo, assim como o gênero, é uma categoria social.
- c) A heterossexualidade nomeia a atração sexual por uma pessoa de sexo diferente. A homossexualidade nomeia a atração sexual por uma pessoa do mesmo sexo. A bissexualidade nomeia a atração sexual por pessoas de ambos os sexos.

### Exercícios complementares

1. E

2. D

3. Soma:  $01 + 04 + 08 + 16 = 29$

4. Soma:  $01 + 02 + 04 = 07$

5. D

6. Soma:  $01 + 02 + 08 = 11$

### BNCC em foco

1. A reivindicação dos direitos culturais das minorias encontra amparo nas democracias contemporâneas, à medida que se alcança a coexistência das diferenças, considerando a possibilidade de os discursos de autoentendimento se submeterem ao debate público, cientes de que estarão vinculados à coerção do melhor argumento.
2. Para diminuir a discriminação contra grupos minoritários podem ser criadas políticas públicas que assegurem a justiça social e promovam a inclusão desses grupos, concedendo-lhes mais espaço para o diálogo e a participação.